



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Edmilson José de Sá



João Pessoa

2013

**ATLAS LINGUÍSTICO DE PERNAMBUCO
(ALiPE)**

S111a Sá, Edmilson José de.
Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE) / Edmilson
José de Sá.-- João Pessoa, 2013.
417f. : il.
Orientadora: Maria do Socorro Silva de Aragão
Tese (Doutorado) – UFPB/CCHLA
1. Linguística - atlas. 2. Dialetologia. 3. Geolinguística.
4. Atlas Linguístico - Pernambuco.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

Edmilson José de Sá

ATLAS LINGUÍSTICO DE PERNAMBUCO (ALiPE)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Cultura

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria do Socorro Silva de Aragão

João Pessoa

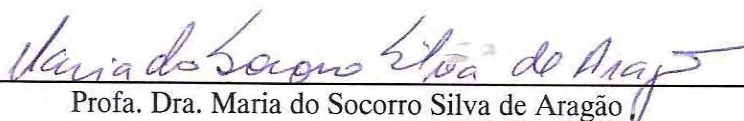
2013

Edmilson José de Sá

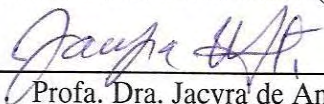
ATLAS LINGUÍSTICO DE PERNAMBUCO (ALiPE)

Tese aprovada em 04/12/2013

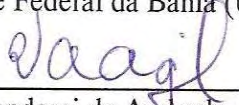
BANCA EXAMINADORA



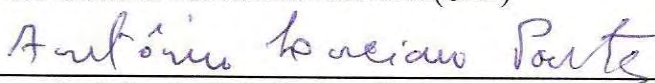
Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Orientadora



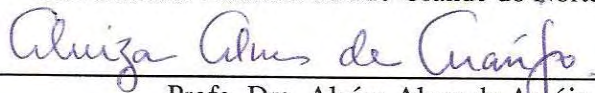
Profa. Dra. Jacyrá de Andrade Mota
Universidade Federal da Bahia (UFBA)



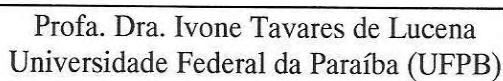
Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina (UEL)



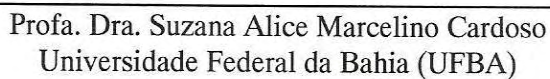
Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)



Profa. Dra. Aluíza Alves de Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Profa. Dra. Ivone Tavares de Lucena
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

MAIS DO QUE GRATIDÃO!

Até chegar à conclusão desta tese, muitos momentos conspícuos se passaram e jamais se apagarão da memória: a incessante busca por referências; as cansativas viagens aos pontos de inquérito, em alguns casos, com pouco ou nenhum proveito; e a realização da pesquisa. Nada disso, porém, seria possível sem a ajuda de pessoas bastante importantes para mim. Por isso, meus sinceros agradecimentos:

À minha “lampeira” orientadora, *Socorro Aragão*, que, no auge de seus setenta anos, me deu o prazer de compartilhar de sua longa experiência e me fez querer aprender cada vez mais sobre as coisas da minha terra.

Às professoras *Suzana Cardoso & Jacyra Mota* (UFBA), *Bernadete Abaurre* (UNICAMP) e *Vanderci Aguilera* (UEL), pelo apoio cognitivo e bibliográfico, dentro do que há de mais importante na área que escolhi investigar. Aproveito a oportunidade para agradecer aos professores *Sanimar Busse* (UNIOESTE), *Jamylle Monteiro* (UFC), *Valter Romano* (UEL) e *Silvana Ribeiro* (UFBA), por compartilharem comigo suas pesquisas dialetais, e aos professores *Ivo Castro* (Universidade de Lisboa), *Célia Lopes* (UFRJ), *Marlos Pessoa & Nelly Carvalho* (UFPE) e *Odete Menon* (UFPR) por gentilmente esclarecerem as minhas dúvidas sobre alguns posicionamentos teóricos. Igualmente agradeço aos professores *Luciano Pontes* (UERN) e *Josete Marinho* (UFPB), pela valiosas contribuições no exame de qualificação.

Às professoras do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, *Angélica Oliveira* e *Fátima Batista*, que, juntas a *Socorro*, souberam trazer, em suas aulas, uma riqueza de informações teórico-metodológicas com valor incalculável.

A *Rosilene Marafon*, por me atender sempre sorridente desde o processo de seleção até agora.

A *Maria de Lourdes Campos*, ex-diretora do Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA), por compartilhar de minha alegria e por confiar sempre em mim. Amplio o agradecimento aos colegas professores *Eduardo Lefosse*, *Joseildo Cavalcanti* e *Maria Lúcia Vieira*, por me auxiliarem na correção do capítulo sobre a Geografia e a História do Estado e a *Alecleide de Souza Barbosa*, pela ajuda na base cartográfica.

Às Secretarias de Ação Social de *Afrânio*, *Petrolina*, *Ouricuri*, *Santa Maria da Boa Vista*, *Taquaritinga do Norte* e às equipes administrativo-pedagógicas e docentes das Escolas Suzel Galiza e São José (*Limoeiro*), Dom Mário (*Garanhuns*), Rocha Leão e Santa Luíza (*Palmares*), Dom Malan e do Centro de Educação de Jovens e Adultos (*Salgueiro*), Prefeito Barrinho (*Santa Maria da Boa Vista*), Francisca Moura Pereira da Silva (*Taquaritinga do Norte*), do Colégio Cônego João Rodrigues (*São Bento do Una*), do Centro de Educação Municipal Prof^a Fortunata Ferraz da Rosa (*Floresta*), do Centro de Educação de Jovens e Adultos Poeta Joaquim Cardoso (*Recife*), que não mediram esforços para conseguirem o informante apropriado, cedendo, muitas vezes, o local para o inquérito. Junto a essas instituições, também se enquadram o Fórum Cornélio de Barros Muniz e Sá, a Secretaria de Educação (*Salgueiro*) e a Fundação Joaquim Nabuco (*Recife*), cujos funcionários também se empenharam na busca pelo informante e cederam seu espaço para os inquéritos.

Às inquiridoras auxiliares *Alciene França*, *Angélica França*, *Elisângela Silva*, *Julyana Carla Barbosa*, *Maria Júlia Melo*, minhas ex e eternas alunas do curso de Letras do CESA, pelo auxílio na busca por informantes e na condução das atividades de pesquisa.

Ao meu grande amigo e ex-aluno *Fernando Amaral*, que soube fazer do pouco que lhe ensinei um ideal de vida. Nem tenho palavras para expressar minha gratidão, pela companhia nos congressos, pela busca de informantes, pela ajuda na pesquisa, pelas suas orações, pelos conselhos nas horas de mais angústia, enfim... por me apoiar sempre.

À *Editora Saraiva*, por gentilmente ter cedido exemplares sobre a Geografia e História de Pernambuco, o que enriqueceu sobremaneira a fundamentação teórica sobre o Estado.

Às pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização da minha pesquisa, buscando informantes dentre os parentes e conhecidos, acompanhando-me, acolhendo-me em suas casas. Sem elas eu não teria o resultado esperado.

REVERENTIA ET GRATITUDINE

À minha esposa *Stella Sá* e a meus filhos *Eidson Jacques* e *Stephanie Ayliane*, pela compreensão diante de minha ausência, mas, ao me apoiarem nos momentos de angústia, ficaram ainda mais próximos de mim.

À família que Deus me concedeu, torcedores permanentes pela minha vitória. São meus espelhos de vida: Meus pais *José Gomes* e *Maria da Paz*.

A meu irmão *Edilson Sá*, meus cunhados e minhas sobrinhas, presenças sempre constantes em todos os momentos de minha vida. Bom ter vocês compartilhando dos momentos mais importantes.

À minha ‘sogrã’ *Sevi Almeida*, por me desejar sempre o melhor.

A pessoas muito próximas de mim, *Cida Rodrigues*, *Rosa Brito*, *Amanda Nunes* e *Fabiano Neto*, amigos de todas as horas.

À professora *Nelly Carvalho*, por ter acreditado que meu trabalho tornaria seu sonho realidade: Eis o *Atlas Linguístico de Pernambuco*!

IN MEMORIAM

A duas pessoas muito especiais, *Antônio Genuíno* e *Conceição Freire*, os avós que Deus me permitiu conhecer e conviver por tão pouco tempo, mas que deixaram lembranças sempre presentes em minha memória.

Durante os quatro anos de Doutorado, dois colegas de trabalho partiram deste mundo. O caríssimo Prof. *Jonas Costa*, que acompanhou minha vida acadêmica desde o Ensino Médio como meu professor até os últimos anos, como meu Diretor Administrativo. Agradeço-lhe por acreditar em meu potencial, confiando-me tantas incumbências durante sua gestão, alegrando-se diante do sucesso e buscando alternativas diante das dificuldades. Quisera ter tido tempo de agradecer pelas grandes oportunidades que me deu! E o Prof. *Edmilson Leandro*, meu xará, sempre tão alegre, construía perífrases curiosas para que não nos confundissem – o de sal e o de açúcar. Difícil esquecer de suas palavras e de sua gentileza a quem se dirigia!

Ao grande guerreiro *Matheus Campos*, por lutar pela vida até o último minuto. Foram, sem dúvida, quatorze anos com persistência e o carinho de todos que o cercavam.

A *Mário Marroquim*, grande pernambucano que, há muito tempo, já se preocupava com a linguagem de sua terra.

HOMENAGEM ESPECIAL

Era o ano de 2004. Sem nenhum conhecimento teórico, ousei construir o projeto de um atlas linguístico, apenas embelezado por ser uma novidade em Pernambuco. Inconscientemente, acabei seguindo o conselho de Antenor Nascentes de que a realização de um trabalho com tamanha seriedade e desconhecendo os pressupostos teóricos necessários não seria apropriado. Optei, então, por fazer a investigação de um fenômeno em apenas uma localidade e, assim, concluí o curso de Mestrado. Nas páginas do trabalho que fiz, porém, algumas nuances da Geolinguística pareciam prenunciar o que ocorreria com certa brevidade.

No ano de 2008, acreditei que seria a hora de prosseguir com os estudos. Depois de muito pensar, surgiu o primeiro contato. Diante de uma resposta positiva, conheci pessoalmente a professora MARIA DO SOCORRO SILVA DE ARAGÃO e, como ela já sabia o que eu queria, começou a compartilhar comigo seus conhecimentos em Dialetologia na leitura do projeto. Porém, uma surpresa ocorreu. Ela não ofereceu vagas para 2009.

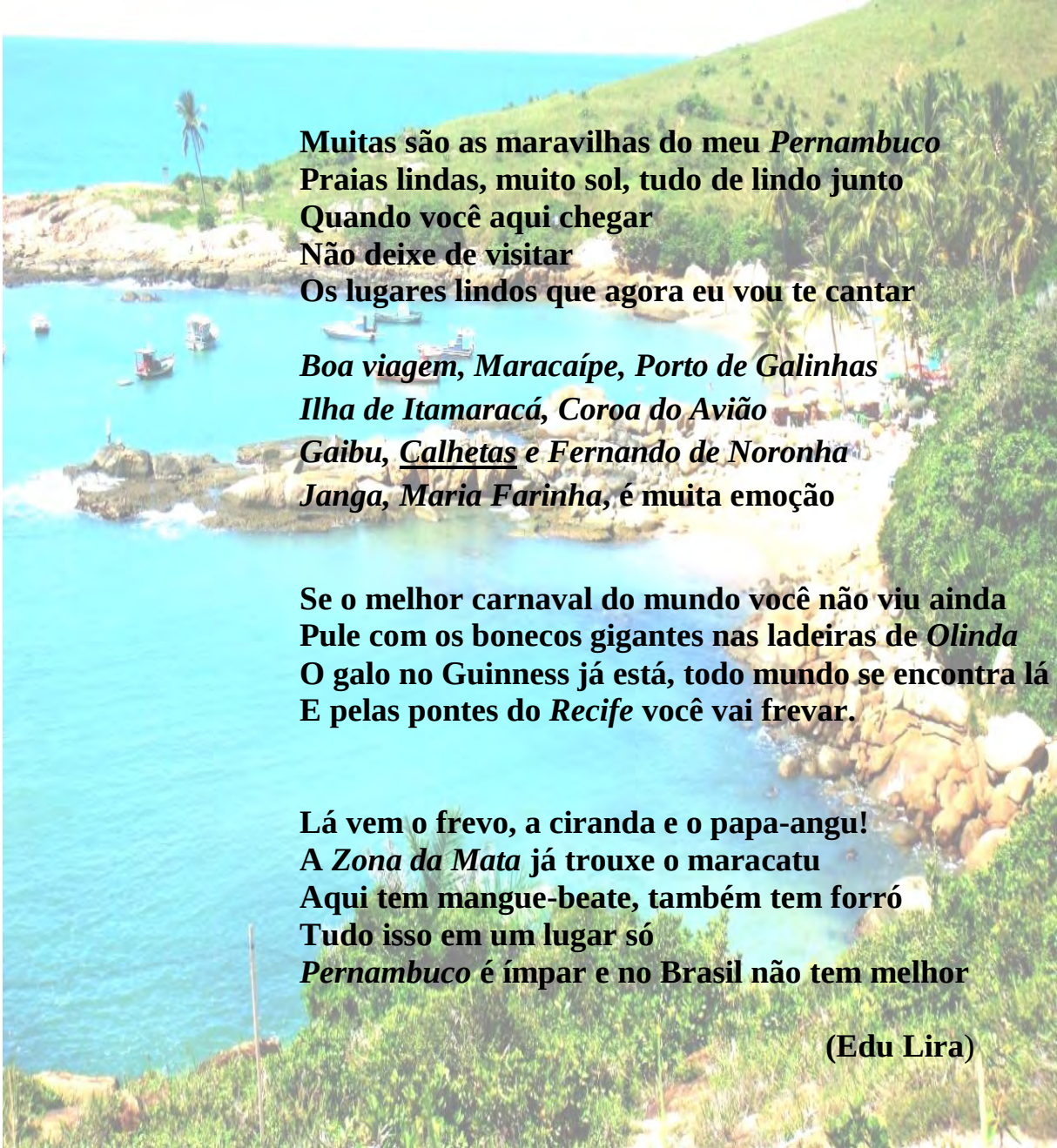
Entristeci-me e até pensei em desistir, pois acreditei que poderia ser um aviso para não me atrever a construir um trabalho de tamanha seriedade. Tomei, então, emprestado a assertiva de uma colega de profissão: ‘O meu tempo não é o tempo de Deus’. Comecei, então, a ler mais, inseri-me na pesquisa geolinguística e organizei o projeto para um atlas linguístico mesorregional. Porém, não era o que Pernambuco esperava. Atrevi-me ainda mais. Reformulei o projeto e resolvi transformá-lo num projeto de nível estadual. No final de 2009, surgiram duas vagas para o Doutorado. Resolvi arriscar e... deu certo!

Numa combinação inimaginável, o meu maior presente de quarenta anos surgiu exatamente nos setenta anos de Socorro Aragão: tê-la como orientadora. Mesmo tendo passado por grandes provações em sua vida pessoal, Socorro acreditou no potencial de um desconhecido ao inserir seu nome como orientadora de minha Tese de Doutorado.

Por tudo isso, *professora Socorro Aragão*, usando as palavras do Padre Fábio de Melo eu gostaria de lhe agradecer “pelas inúmeras vezes que me enxergou melhor do que eu sou. Pela sua capacidade de me olhar devagar, já que, nessa vida, muita gente já me olhou depressa demais”.

Muito obrigado!

Por fim, minha adoração a *Deus* e minha devoção a *Nossa Senhora de Fátima* e a *São Cristóvão*, que me abençoaram nas incansáveis viagens pelas madrugadas semanais a João Pessoa e aos pontos de inquérito. Graças a eles estou aqui!



Muitas são as maravilhas do meu *Pernambuco*
Praias lindas, muito sol, tudo de lindo junto
Quando você aqui chegar
Não deixe de visitar
Os lugares lindos que agora eu vou te cantar

Boa viagem, Maracaípe, Porto de Galinhas
Ilha de Itamaracá, Coroa do Avião
Gaibu, Calhetas e Fernando de Noronha
Janga, Maria Farinha, é muita emoção

Se o melhor carnaval do mundo você não viu ainda
Pule com os bonecos gigantes nas ladeiras de *Olinda*
O galo no Guinness já está, todo mundo se encontra lá
E pelas pontes do *Recife* você vai frevar.

Lá vem o frevo, a ciranda e o papa-angu!
A *Zona da Mata* já trouxe o maracatu
Aqui tem mangue-beate, também tem forró
Tudo isso em um lugar só
Pernambuco é ímpar e no Brasil não tem melhor

(Edu Lira)

SÁ, Edmilson José de. Atlas Linguístico de Pernambuco. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2013.

RESUMO

O Nordeste é a região brasileira com maior número de estados e foi o berço da colonização portuguesa no Brasil. Nesse meio, encontra-se Pernambuco, que teve participação ativa em diversos episódios na história do país. Além disso, o referido estado possui uma cultura popular considerável, a começar pelo seu modo de falar visivelmente imitado. Por isso, faz-se necessário armazenar essa cultura linguística por meio uma metodologia apropriada à coleta de dados que abrangem o espaço geográfico de quase 100.000 km². Assim, esta tese busca documentar esse falar característico com a criação do Atlas Linguístico de Pernambuco, a fim de manter viva a memória linguística do Estado e oferecer subsídios para minimizar a escassez de trabalhos geolinguísticos sobre o falar pernambucano. Ousando caracterizar esse atlas estadual como pertencente à quarta geração, foram seguidos os pressupostos teóricos da Dialetoлогия contemporânea sob os auspícios metodológicos da Geolinguística Pluridimensional (THUN & ELIZAINCÍN, 2000) e, após a escolha de vinte pontos de inquéritos distribuídos em toda a extensão territorial de Pernambuco, foi aplicado o Questionário-padrão do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), ao qual também foram acrescentadas questões semântico-lexicais de temas específicos da cultura do estado quais sejam frevo, maracatu, renascença e barro. Os oitenta e quatro informantes foram escolhidos segundo critérios preconizados por Cardoso (2010), com faixa etária de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos e escolaridade inferior ao sexto ano do Ensino Fundamental, adicionando-se os informantes de curso superior completo naturais da capital. Após as transcrições das respostas dos inquéritos, foram construídas 6 cartas introdutórias e 105 cartas linguísticas, divididas em 50 cartas fonéticas, 47 cartas semântico-lexicais e 8 cartas morfossintáticas, que possibilitaram o registro cartográfico das ocorrências mais relevantes.

Palavras-chave: Dialetoлогия. Geolinguística. Atlas Linguístico. Pernambuco.

SÁ, Edmilson José de. Atlas Linguístico de Pernambuco. Thesis (Doctor's Degree – Letters)
– Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2013.

ABSTRACT

The Northeast is the Brazilian region with the largest number of states and was the birthplace of the Portuguese colonization in Brazil. Inside it, there is Pernambuco, which took active participation in several episodes in the History of Brazil. In addition, the State has a considerable popular culture, beginning with his speech visibly imitated. Therefore, it is necessary to store this linguistic culture through a methodology appropriate to the data collection that cover the geographical space of almost 100,000 km². So, this thesis seeks to document this characteristic speech with the creation of the Linguistic Atlas of Pernambuco, in order to keep alive the memory of the language of the state and offer subsidies to minimize the scarcity of Geolinguistic works about the Pernambucan speech. Daring to characterize this state atlas as belonging to the fourth generation, the theoretical assumptions of the contemporary Dialectology were followed under the auspices of the Multidimensional Geolinguistic methodology (THUN & ELIZAINCÍN, 2000) and after the choice of twenty survey points distributed throughout the Pernambuco territorial extension the standard questionnaire from the Project Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) was applied, to which lexical semantic questions of specific themes from the culture of the state namely *frevo*, *maracatu*, *renascença* and *barro* were also added. The eighty-four informants were chosen on the basis of criteria recommended by Cardoso (2010), with the age group from 18 to 30 years and from 50 to 65 years and school lower to the sixth year of primary school, adding the capital informants with university studies completed. After transcription of the surveys, six introductory letters and 105 language letters were built, divided into 50 phonetic, 47 semantic-lexical and 8 morpho letters, which enabled an analysis of the most relevant events.

Word-keys: Dialectology. Geolinguística. Linguistic Atlas. Pernambuco.

SÁ, Edmilson José de. Atlas Lingüístico de Pernambuco. Tesis (Doctorado en Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2013.

RESUMEN

El noreste es la región brasileña con el mayor número de Estados y fue la cuna de la colonización portuguesa en Brasil. En el medio, hay Pernambuco, que tuvo participación activa en varios episodios en la historia del país. Además, el estado tiene una cultura popular considerable, comenzando con su habla visiblemente imitada. Por lo tanto, es necesario almacenar esta cultura lingüística a través de una metodología adecuada para la recolección de datos que cubren el espacio geográfico de casi 100.000 km². Por lo tanto, esta tesis pretende documentar esta característica de la habla con la creación del Atlas lingüístico de Pernambuco, con el fin de mantener viva la memoria de la lengua del estado y ofrecer subsidios para minimizar la escasez de trabajos geolingüísticos en la habla de Pernambuco. Atreviendo-se a caracterizar este atlas del estado como perteneciente a la cuarta generación, fueron seguidos los supuestos teóricos de la dialectología contemporánea basada en los auspicios de la metodología de la Geolingüística Multidimensional (THUN & ELIZAINCÍN, 2000) y después de la elección de veinte puntos de encuesta, distribuidos a lo largo de la extensión territorial de Pernambuco fue aplicado un cuestionario proyecto Atlas Lingüístico de Brasil (ALiB), al que se añadieron también cuestiones semántico-lexicales de temas específicos de la cultura del estado, como frevo, maracatu, renascença y barro. Los ochenta y cuatro informantes fueron elegidos en base a criterios recomendados por Cardoso (2010), con el grupo de edad de 18 a 30 años y 50 a 65 años y escuela primaria en el sexto año, agregando el grado completo a las personas naturales de la capital. Después de las transcripciones de las respuestas fueron construidas 6 cartas introductoria y 105 lingüísticas, divididas en 50 cartas fonéticas, 47 semántico-lexicales y 8 morfosintácticas, que han permitido un análisis de los acontecimientos más relevantes.

Palabras-clave: Dialectología. Geolingüística. Atlas lingüístico. Pernambuco.

LISTA DE SIGLAS

ABC – Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul
ADDU – Atlas Diatópico-Diastrático do Uruguai.
AFAN – Atlas Fonológico da América do Norte
AFERJ – Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro
AGELO – Atlas Geossociolinguístico de Londrina
ALAC – Atlas Etnolinguístico do Acre
ALAM – Atlas Linguístico do Amazonas
ALAP - Atlas Linguístico do Amapá
ALBAM – Atlas Linguístico do Baixo Amazonas
ALC – Atlas Linguístico da Córsega
ALE – Atlas Linguistique de l'Europe (Atlas Linguístico da Europa)
ALEAç – Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores
ALEC – Atlas Linguístico-Etnográfico da Colômbia
ALECE – Atlas Linguístico do Estado do Ceará
ALECh – Atlas Linguístico e Etnográfico do Chile
ALEPG – Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza
ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região do Sul
ALESP – Atlas Linguístico do Estado de São Paulo
ALF – Atlas Linguistique de France (Atlas Linguístico da França)
ALI – Atlas Linguístico Italiano
ALiB – Atlas Linguístico do Brasil
ALiBui – Atlas Linguístico de Buíque
ALiCA – Atlas Léxico-Semântico de Capistrano-CE
ALiG – Atlas Linguístico de Iguatu
ALIMA – Atlas Linguístico do Maranhão
ALIPA – Atlas Linguístico do Pará
ALiPE – Atlas Linguístico de Pernambuco
ALiPI – Atlas Linguístico do Piauí
ALIPTG – Atlas Linguístico do Litoral Potiguar
ALiR – Atlas Linguistique Roman (Atlas Linguístico Romano)
ALIRN – Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte
ALIRO – Atlas Linguístico de Rondônia

ALISON – Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro

ALISPA – Atlas Geossociolinguístico do Pará

ALM – Atlas Linguístico do México

ALMA – Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata

ALMASPE – Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco

ALMS – Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul

ALP – Atlas Linguístico do Peru

ALPP – Atlas Linguístico de Ponta Porã

ALPR – Atlas Linguístico do Paraná

ALPR II – Atlas Linguístico do Paraná II

ALS (I) – Atlas Linguístico de Sergipe (I)

ALS II – Atlas Linguístico de Sergipe (II)

ALSFS – Atlas Linguístico de São Francisco do Sul

APES – Atlas Linguístico do Espírito Santo

APFB – Atlas Prévio dos Falares Baianos

CVC – Consoante – vogal – consoante

DIWA – Digital Wenker-Atlas (Atlas digital de Wenker)

DSA – Deutsche Sprache Atlas (Atlas Linguístico da Alemanha)

EALLO – Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina

EALMG – Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais

EF – Ensino fundamental

EJA – Educação de Jovens e Adultos

GU – Gramática Universal

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPA – International Phonetic Alphabet (Alfabeto Fonético Internacional)

IRD – Índices relativos de distância

IRI – Índices relativos de identidade

ISBN – International Standard Book Number (Número Padrão Internacional de Livro)

LAE – Linguistic Atlas of England (Atlas Linguístico da Inglaterra)

MS – Mato Grosso do Sul

PE – Pernambuco

PET – Programa de Educação Tutorial

QFF – Questionário Fonético-Fonológico

QM – Questionário Metalinguístico

QMS – Questionário Morfossintático

QP – Questionário Pragmático

QSD – Questionário Semi-dirigido

QSL – Questionário Semântico-lexical

RENAT – Região Norte do Alto Tietê

RGB – Red, Green and Blue (Vermelho, Verde e Azul)

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

UG – Universal Grammar (Gramática Universal)

USP – Universidade de São Paulo

VIVALDI – Vivaio Acustico delle Lingue e dei Dialetti d'Italia (Viveiro Acústico da Língua e do Dialeto da Itália)

LISTA DE FIGURAS

1 – Isófona do /r/ em travamento silábico em ‘parteira’ em carta do ALPR	50
2 – Isoléxica de ‘bolita’ na carta referente à ‘bolinha de gude’ no ALERS	51
3 – Carta com distribuição dos três dialetos romenos	54
4 – Exemplo de carta de um atlas de primeira geração	59
5 – Exemplo de carta de um atlas de segunda geração	60
6 – Exemplo de carta de um atlas de terceira geração	60
7 – Carta do Atlas Linguístico-Etnográfico del Sur de Chile	61
8 – Carta do Atlas Linguístico de Sergipe II	61
9 – Carta do Atlas Prévio dos Falares Baianos	66
10 – Carta do Atlas Linguístico do Paraná II	69
11 – Carta do Atlas Linguístico Diatópico – Diastrático do Uruguai	70
12 – Carta com a distinção diazonal entre brasileiros e italianos no Sul do Brasil	72
13 – Carta do Atlas Linguístico da Inglaterra	76
14 – Carta fonética com as realizações de <i>l’acqua</i>	78
15 – Distribuição dos inquéritos do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza	80
16 – Carta do Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores	81
17 – Carta do Atlas Linguístico-Etnográfico da Colômbia	83
18 – Carta do Atlas Linguístico e Etnográfico do Chile	84
19 – Carta do Atlas Linguístico Diatópico – Diastrático do Uruguai- realizações para <i>caçula</i>	85
20 – Distribuição de subfalares brasileiros por regiões	91
21 – Carta 19 do Atlas Prévio dos Falares Baianos com variantes para ‘garoa’	96
22 – Carta 14 do Atlas Linguístico do Litoral Potiguar	107
23 – Carta 19 do Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco	109
24 – Mapa das Capitanias Hereditárias	123
25 – Mapa de Pernambuco, incluindo a Ilha de Itamaracá	125
26 – Mapa das divisões das províncias do Nordeste no fim do século XVIII	126
27 – Mapa das Comarcas pertencentes à província de Pernambuco	126
28 – Alterações cartográficas do Nordeste a partir de 1817	127

29 – Dimensões do Estado de Pernambuco	128
30 – Mesorregiões do Estado de Pernambuco	129
31 – Hidrografia de Pernambuco	133
32 – Distribuição de pontos de inquérito em Pernambuco desde Nascentes ao ALiPE	141

LISTA DE GRÁFICOS

1 – Inserção de dimensões sociais no espaço físico	66

LISTA DE QUADROS

1 – Dimensões e parâmetros de análise pluridimensional	64
2 – Diretoria do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)	93
3 – Coordenadas geográficas dos pontos extremos do Estado de Pernambuco	128
4 – Microrregiões do Estado de Pernambuco e seus municípios	129
5 – População residente e densidade demográfica de 1970 a 2010	136
6 – População residente em Pernambuco segundo sexo e localização	136
7 – População residente em Pernambuco por municípios	137
8 – Pontos de Inquérito do ALiPE	140
9 – Distribuição dos pontos de inquérito desde Nascentes ao ALiPE	140
10 – Relação de informantes com perfil	160
11 – Campos semânticos do Questionário Semântico-Lexical usados no ALiPE	178
12 – Respostas fonéticas em três pontos de inquérito para ‘assobio’	181
13 – Designações lexicais para ‘pessoa sovina’ em três pontos de inquérito	182
14 – Relação de cores para identificar a utilização das variantes do ALiPE classificados pelo modelo RGB	185
15 – Notação fonética para as cartas do ALiPE	188
16 – Relação das cartas introdutórias	190
17 – Relação das cartas fonéticas	190
18 – Relação das cartas léxicas	192
19 – Relação das cartas morfossintáticas	194

LISTA DE TABELAS

1 – População residente segundo as mesorregiões	135

SINOPSE

Pesquisa de natureza dialetológica respaldada pela Geolinguística para a elaboração de cartas fonéticas, lexicais e morfossintáticas da fala de Pernambuco. Considerações sobre língua, fala, variação, dialeto e falar. A relação entre a Dialetologia e a Geografia Linguística. Considerações sobre os atlas linguísticos da Europa à América Latina. Caracterização do objeto de pesquisa: o Estado de Pernambuco. Aspectos metodológicos: escolha de pontos e constituição do *corpus*. Cartas linguísticas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	27
1 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, FALA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	31
1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUA E FALA	31
1.1.1 A Língua	31
1.1.2 A Fala	33
1.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONCEITOS E INTERRELAÇÕES	34
1.2.1 Variação Social	36
1.2.2 Variação Cultural	38
1.2.3 Variação Diacrônica	39
1.2.4 Variação Geográfica	41
1.2.4.1 Dialeto e falares: distinguindo os conceitos	41
1.2.4.2 O falar pernambucano em alguns trabalhos	43
2 DIALETOLOGIA E GEOGRAFIA LINGUÍSTICA: ALGUNS PRESSUPOSTOS	47
2.1 ARCABOUÇO HISTÓRICO	47
2.2 O ESPAÇO DA DIALETOLOGIA E A CONEXÃO COM A GEOGRAFIA E A LINGUÍSTICA	49
2.2.1 A Elaboração de um Atlas Linguístico	55
2.2.1.1 Aspectos Metodológicos	56
2.2.1.2 Tipologia	57
2.3 O CARÁTER PLURIDIMENSIONAL	62
2.3.1 Dimensões e Parâmetros de Análise	64
2.3.1.1 Dimensão Diatópica	65
2.3.1.2 Dimensão Diageracional	67
2.3.1.3 Dimensão Diagenérica	68
2.3.1.4 Dimensão Diastrática	69
2.3.1.5 Dimensão Diafásica	71
2.3.1.6 Outras dimensões	71

2.4 DOCUMENTAÇÕES DIALETOLÓGICAS: DA EUROPA À AMÉRICA	73
2.4.1 Atlas Linguistique de France (ALF)	73
2.4.2 Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional (AIS)	75
2.4.3 Atlas Linguístico da Inglaterra (LAE)	76
2.4.4 Atlas Linguístico Italiano (ALI)	77
2.4.5 Atlas Linguístico da Alemanha (DSA)	79
2.4.6 Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)	79
2.4.7 Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores (ALEAç)	80
2.4.8 Atlas Linguístico-Etnográfico da Colômbia (ALEC)	81
2.4.9 Atlas Linguístico e Etnográfico do Chile (ALECh)	83
2.4.10 Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU)	84
2.4.11 Atlas Linguístico do Peru (ALP)	85
2.4.12 Atlas Linguístico do México (ALM)	86
2.4.13 Atlas Fonológico da América do Norte (AFAN)	87
2.5 INSPIRAÇÕES PARA A PESQUISA GEOLINGUÍSTICA NO BRASIL	88
2.5.1 Primeira Fase (1826-1920)	88
2.5.2 Segunda Fase (1920-1952)	89
2.5.3 Terceira Fase (1952-1996)	92
2.5.4 Quarta Fase: o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)	92
2.5.5 Atlas estaduais já desenvolvidos	95
2.5.5.1 Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)	95
2.5.5.2 Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)	95
2.5.5.3 Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)	96
2.5.5.4 Atlas Linguístico de Sergipe (ALS I)	97
2.5.5.5 Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)	97
2.5.5.6 Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA)	98
2.5.5.7 Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)	98
2.5.5.8 Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II)	99
2.5.5.9 Atlas Linguístico de Mato Grosso do SUL (ALMS)	100
2.5.5.10 Atlas Linguístico do Paraná II (ALPR – II)	100
2.5.5.11 Micro Atlas-Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ)	101
2.5.5.12 Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE)	102
2.5.5.13 Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás (ALG)	102

2.5.6 Atlas Regionais e Municipais	102
2.5.6.1 Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina (EALLO)	102
2.5.6.2 Atlas Linguístico Rural da Zona da Mata de Minas Gerais – Brasil: Nomes de Doenças Agropecuárias e Hortaliças	103
2.5.6.3 Atlas Linguístico de Adrianópolis	104
2.5.6.4 Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)	104
2.5.6.5 Atlas Linguístico de Ponta Porã (MS)	105
2.5.6.6 Atlas Semântico-Lexical da Região do ABC	106
2.5.6.7 Atlas Linguístico do Litoral Potiguar (ALiPTG)	106
2.5.6.8 Atlas Linguístico de São Francisco do Sul (ALSFS)	107
2.5.6.9 Atlas Linguístico Rural de Pinheiral (RJ)	108
2.5.6.10 Atlas Linguístico de Iguatu (ALiG)	108
2.5.6.11 Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (ALMASPE)	108
2.5.6.12 Atlas Semântico-Lexical do Litoral Norte de São Paulo	109
2.5.6.13 Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná (ALERO)	110
2.5.6.14 Atlas Linguístico do Baixo Amazonas (ALBAM)	111
2.5.6.15 Atlas Linguístico de Buíque (ALiBui)	111
2.5.6.16 Atlas Léxico-Semântico de Capistrano-CE (ALiCA)	112
2.5.6.17 Atlas Geossociolinguístico de Londrina (AGeLO): um estudo em tempo real e tempo aparente	112
2.5.6.18 Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar	113
2.5.6.19 Atlas Semântico Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT)	114
2.5.7 Atlas em fase de elaboração	114
2.5.7.1 Atlas Geo-sociolinguístico do Pará (ALiPA)	114
2.5.7.2 Atlas Etnolinguístico do Acre (ALAC)	114
2.5.7.3 Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)	114
2.5.7.4 Atlas Linguístico do Piauí (ALiPI)	115
2.5.7.5 Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN)	115
2.5.7.6 Atlas Prévio do Espírito Santo (APES)	115
2.5.7.7 Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro (ALiSon-Rio)	116
2.5.7.8 Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP)	116
2.5.7.9 Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)	117
2.5.7.10 Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO)	117

2.5.7.11 Atlas Linguístico de Alagoas (ALAL)	117
2.5.8 Outros trabalhos de pesquisa dialetal	118
 3 CONHECENDO A TERRA DOS ALTOS COQUEIROS: PERNAMBUCO	120
3.1 A HISTÓRIA DO ESTADO “ONDE O MAR SE ARREBENTA”.	120
3.2 PRESSUPOSTOS GEOLÓGICOS	127
3.2.1 Extensão e coordenadas geográficas	127
3.2.2 Relevo e clima: Planícies e temperaturas predominantes	131
3.2.3 O perfil da flora e da fauna	132
3.2.4 Redes hidrográficas	133
3.2.5 Características da população e aspectos demográficos	134
 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	139
4.1 BREVES EXPLANAÇÕES SOBRE OS PONTOS DE INQUÉRITO	139
4.1.1 Afrânio	142
4.1.2 Petrolina	143
4.1.3 Santa Maria da Boa Vista	144
4.1.4 Ouricuri	144
4.1.5 Salgueiro	145
4.1.6 Floresta	146
4.1.7 Tacaratu	147
4.1.8 Serra Talhada	148
4.1.9 Custódia	148
4.1.10 São José do Egito	149
4.1.11 Tupanatinga	150
4.1.12 Arcoverde	151
4.1.13 Águas Belas	152
4.1.14 Garanhuns	152
4.1.15 São Bento do Una	153
4.1.16 Taquaritinga do Norte	154
4.1.17 Caruaru	155
4.1.18 Palmares	156
4.1.19 Limoeiro	157

4.1.20 Recife	158
4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS INFORMANTES	159
4.3 TÉCNICAS DE COLETA DOS DADOS	177
4.4 TRANSCRIÇÃO DOS DADOS	180
4.5 CRITÉRIOS PARA ELABORAÇÃO DAS CARTAS	180
4.5.1 O processo de escolha	180
4.5.2 O aspecto cartográfico	184
5 AS CARTAS LINGUÍSTICAS	187
5.1 NOTAÇÃO FONÉTICA	188
5.2 ÍNDICE DAS CARTAS DO ALiPE	190
5.2.1 Índice das cartas introdutórias	190
5.2.2 Índice das cartas fonéticas	190
5.2.3 Índice das cartas léxicas	192
5.2.4 Índice das cartas morfossintáticas	194
5.3 CARTAS INTRODUTÓRIAS	195
5.4 CARTAS FONÉTICAS	202
5.5 CARTAS LÉXICAS	255
5.6 CARTAS MORFOSSINTÁTICAS	340
CONCLUSÃO	354
REFERÊNCIAS	357
APÊNDICES	367
ANEXOS	380



INTRODUÇÃO

Meu canto é sangue, é pedra que encanta.
Desterra o tesouro no chão mais profundo.
Eu sou um cantante, eu sou viramundo.
Se estou azougado, ninguém me segura.
Acima de mim, só Deus nas alturas.
Eu sou Pernambuco falando pro mundo
(NÓBREGA, 1998)¹.

Via de regra, estudos em descrição linguística costumam focalizar a relação intrínseca existente entre a língua e a sociedade, na busca por explicações de ordem externa como condicionadoras da escolha de uma forma em detrimento de outra. Contudo, nos últimos anos, também têm sido realizados estudos que correlacionam a Língua Portuguesa falada no Brasil e o espaço geográfico, visando a uma futura sistematização.

Tradições, costumes, histórias passadas de geração para geração.... Tudo isso faz parte da história de uma comunidade. Por isso, é lícito respeitar e preservar esses elementos presentes na cultura, partilhados por grupos de pessoas que interagem diariamente, em especial, através da língua, uma vez que ela retrata a realidade de um povo, a partir do relato de um fato, das lutas e desavenças de que participa e de seus atos heroicos, o que pode se manifestar através da pintura, do artesanato e da literatura.

Considerando, então, essa diversidade cultural, a averiguação de fatos linguísticos permite ver que traços da língua falada em certas regiões têm se expandido pelos ambientes urbanos, especialmente por causa da migração, com que o Brasil sempre conviveu.

O fato é que a Língua Portuguesa foi ancorada primeiramente no Nordeste, através dos donatários das capitanias, na época em que a remota Terra de Vera Cruz era somente uma faixa estreita, demarcada pelo Tratado de Tordesilhas. Em meio à doutrinação jesuítica, eles preferiam usar o *latim* em detrimento do *tupi*, para divulgar a fé cristã com maior propriedade.

No Nordeste, a língua foi ajustada a novos hábitos fonéticos, recheando-se de termos indígenas e, mais adiante, os de origem africana. Essa modalidade de língua transplantada foi

¹ NÓBREGA, Antônio. **Pernambuco falando para o mundo**. CD Pernambuco falando para o mundo. Gravadora Brincante/ Eldorado. 1999



conservada quase sem ser modificada, ao contrário do que ocorrera no Sudeste, dada a amplitude de falantes de outras línguas.

Para Carvalho (2004), já que a língua e a cultura são indissociáveis, a cultura nordestina detém um traço eminentemente popular, distante dos veios escolares e do valor advindo da globalização.

Nesse íterim, alguns trabalhos sobre a variação linguística encontrada nos falares nordestinos têm se destacado nas referências de pesquisadores, inspirados no pioneirismo de Mário Marroquim, que, mesmo limitando seus estudos a Alagoas e Pernambuco, já julgava necessária a elaboração de trabalhos ‘parcelados, feitos com critérios e honestidade, sobre cada zona do país’ (MARROQUIM, [1934] 2008, p.7) para, num futuro não muito distante, serem compilados numa obra definitiva sobre o falar brasileiro.

Na perspectiva geolinguística, *Bahia, Paraíba, Sergipe e Ceará* já possuem trabalhos concluídos e publicados, enquanto *Piauí, Rio Grande do Norte e Maranhão* contam com projetos planejados há algum tempo. Curiosamente, os dois estados nordestinos, cuja realidade linguística foi tratada primordialmente, não tinham nenhuma proposta de documentação dialetal até o ano de 2010, quando surgiu o projeto para elaboração do *Atlas Linguístico de Pernambuco*, fruto de pesquisas de menor porte e um julgamento de que havia, realmente, chegado a hora de construí-lo, no intuito de preservar a riqueza linguística existente no Estado e, por extensão, no Nordeste do Brasil.

Em vista disso, o objetivo geral do trabalho em tela é *oferecer subsídios para descrever a realidade linguística do Português do Brasil, com prioridade para as diferenças diatópicas no Estado de Pernambuco*, no intuito de refletir sobre as seguintes preocupações:

- a) O falar pernambucano diverge dos demais falares nordestinos?
- b) É possível demarcar áreas dialetais no falar pernambucano?
- c) É possível identificar em que níveis (fonético – lexical – morfossintático) diferenças regionais são mais acentuadas pelos falantes de Pernambuco?

Buscando possíveis respostas às indagações supracitadas, foram realizados inquéritos com 84 informantes provenientes dos quatro cantos do Estado, no intuito de oferecer um *corpus* adequado a atender os seguintes objetivos específicos:

- a) Proporcionar elementos para descrever a realidade linguística de vinte municípios do Estado de Pernambuco, sob os pontos de vista fonético, léxico-semântico e morfossintático;



- b) Identificar as diferenças diatópicas consideradas no panorama da Geolinguística, a partir da construção de um atlas linguístico do Estado;
- c) Contribuir para a constituição de um núcleo de estudos dialetológicos e geosociolinguísticos na região;
- d) Proporcionar um conhecimento maior da língua portuguesa falada no Brasil, em particular, a pernambucana, sua constituição e sua cultura.

A tese apresenta a seguinte estrutura:

a) Após a introdução que visa à apresentação do trabalho, proporciona-se, no 1º capítulo, um apanhado geral sobre as concepções teóricas de língua, fala e variação linguística, o tripé que norteará toda a estrutura da tese. No subtópico voltado para as modalidades de variação linguística, pretende-se, ainda, oferecer um breve panorama contrastivo sobre os níveis estudados na variação geográfica, os dialetos e falares;

b) Em seguida, no 2º capítulo, entra-se na linha teórica propriamente dita. Aspira-se, aqui, adentrar numa abordagem teórica sobre a Dialetologia e sua relação com o Método da Geolinguística. Após esse aporte, pretende-se expor *pari passu* como se desenvolve esse método, seguindo de um traçado sobre os atlas linguísticos, enquanto produtos principais do método em questão, elaborados nos continentes europeu e americano. Completando essa epítome, faz-se um relato das inspirações para a pesquisa geolinguística no Brasil, a partir da descrição cronológica de sua implantação até os projetos concluídos mais recentemente e em fase de elaboração.

c) No capítulo seguinte, prioriza-se a caracterização do objeto de pesquisa, o Estado de Pernambuco. Para isso, apresenta-se um panorama sobre sua história e uma breve descrição de elementos geológicos que são contemplados em sua composição territorial. Além disso, faz-se um apanhado sobre os trabalhos já realizados sobre a língua falada no Estado.

d) O 4º capítulo versa sobre os procedimentos metodológicos usados para a construção do *corpus*, desde a apresentação de um panorama sobre os pontos de inquérito, seguindo de uma breve descrição dos aspectos históricos, demográficos e socioculturais de cada um deles. Em seguida, trata-se da descrição dos informantes, detalhando elementos referentes à sua procedência e a critérios relativos à escolaridade e à participação em eventos socioculturais os informantes. Também são aludidas as técnicas de coleta de dados, incluindo os questionários utilizados e as respostas-base sugeridas em cada questão. Ainda se propõe, no mesmo capítulo, um aporte sobre a transcrição dos dados e os procedimentos de escolha e estrutura das cartas linguísticas elaboradas;



e) No 5º capítulo expõem-se as cartas construídas para o registro diatópico e diastrático do falar pernambucano. De início, são apresentadas cartas introdutórias, abrangendo informações histórico-geográficas e as cartas linguísticas, organizadas segundo os níveis escolhidos: o *fonético*, o *léxico* e o *morfofossintático*.

f) Ao final, são tecidas algumas conclusões com a súmula dos aportes teórico-metodológicos e dos resultados cartografados para, em seguida, dar lugar às referências da tese. Como apêndice, são dispostas as fotografias comprobatórias dos inquéritos e as fichas de informante e localidade utilizados na investigação e como anexos, faz-se um recorte pictórico do material em *realia* usado para os inquéritos pelo Estado, além dos questionários que serviram para a realização dos inquéritos.



1

CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, FALA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, [1916] 1986)

Para entender os processos que regem a *variação* e a *mudança linguística* e também o que as diferencia, é conveniente partir de princípios gerais. Por isso, o capítulo em tela propõe uma visão sobre o conceito de *língua* e *fala*. Além disso, pretende-se oferecer um panorama sobre a *variação linguística*, visando não só compreendê-la por extensão de sentido, mas também apresentar as relações com outros aspectos nos quais ela pode estar inserida.

1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUA E FALA

Ao se estudar qualquer fenômeno linguístico, é necessário refletir sobre a natureza da linguagem humana, percebendo-a em suas características essenciais. Por esse motivo, partir-se-á das concepções de *língua* e *fala*.

1.1.1 A Língua

Quando se busca o conceito de língua, logo se remete a Saussure [1916] (1986), que a insere num plano abstrato de signos inter-relacionados de natureza social e psíquica.

A esse respeito, o linguista apregoa que:

A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos,



fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independe da vontade dos depositários. (SAUSSURE, [1916] 1986, p. 27)

Nessa perspectiva, percebe-se o porquê de a língua não ser cunhada individualmente pelos sujeitos, mas por um grupo pertencente à mesma comunidade. Esse grupo tem ainda a possibilidade de modificar uma língua já existente. Daí surge o fato de ela ser “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la, pois ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade (SAUSSURE, *op cit.* p. 22)”.

A visão de língua sob a égide saussuriana contribuiu sobremaneira para conferir à linguística o estatuto de ciência e, a partir daí, outros estudiosos aprimoraram seus conceitos, imergindo-os em diferentes processos.

Pelo que se percebe em Saussure (*op cit.* p.97), a sincronia parece ser priorizada em detrimento da diacronia, considerando que, no estudo dos fatos da língua,

[...] o linguista deve fazer *tábula rasa* de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia. Ele só pode penetrar na consciência dos indivíduos que falam suprimindo o passado(...) Não podemos descrever a língua nem fixar normas para o seu uso sem nos colocarmos num estado determinado.

Paralelo a Saussure, responsável por propagar o aspecto estrutural da língua em grande parte da Europa, Bloomfield capitaneou os estudos nos Estados Unidos, considerando-a primordialmente como um instrumento de comunicação e de atuação social.

Em suas próprias palavras:

A lingua(gem) desempenha um papel grande na nossa vida. Talvez por causa de sua familiaridade, nós raramente a observamos, dando-a o valor merecido, assim como respiramos ou caminhamos. Os efeitos da linguagem são notáveis e incluem muito do que distingue o homem dos animais, mas a lingua(gem) não tem lugar em nosso programa educacional ou em especulações dos nossos filósofos.(tradução nossa) (BLOOMFIELD, 1933, p. 3)²

Mesmo usufruindo da inspiração saussuriana, a partir da segunda metade do século XX, a noção de língua adquiriu um novo enfoque com a Teoria Gerativa de Noam Chomsky.

² Language plays a great part in our life. Perhaps because of its familiarity, we rarely observe it, taking it rather for granted, as we do breathing or walking. The effects of language are remarkable, and include much of what distinguishes man from the animals, but language has no place in our educational program or in the speculations of our philosophers.



Trata-se, segundo ele, de um processo natural em que todo ser humano tem uma predisposição genética a adquiri-la.

Tanto Saussure quanto Chomsky examinavam a língua de modo particular, embora o linguista americano recriminasse o estudo da língua sob a ótica estrutural por essa não considerar *o aspecto criativo da linguagem*, como ele o fazia. Desse modo, numa visão gerativo - transformacional, a língua se pauta num conjunto de regras ordenadas usadas pelo falante na produção de orações inéditas, assim como na competência de entender o que nunca fora ouvido, ou seja, o falante será sempre dotado de uma Gramática Universal (GU)³.

Não obstante, Chomsky (1986, p. 18) ratifica o caráter social da linguagem ao dizer que “o estudo da língua e da GU, realizadas no âmbito da psicologia individual, permite que o estado do conhecimento obtido possa incluir algum tipo de referência à natureza social da linguagem”. (tradução nossa)⁴

Com o interesse eminentemente social da língua, já se prenuncia a necessidade de conhecer, também, o modo com que ela se concretiza: através da fala.

1.1.2 A Fala

O destaque dado à *fala*, na perspectiva de Saussure [1916] (1986), é na oposição à *língua*. Segundo ele, enquanto o estudo da língua é eficaz, porque é fundamentalmente social e independente do indivíduo, a fala vem em segundo plano, pois se vale da parte individual da língua, adquirida a partir da inteligência do falante. Mesmo assim, surge um questionamento:

Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal, se não se surpreendesse de início esta associação num ato de fala? Por outro lado, é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências. (SAUSSURE, *op cit*, p. 27)

De tal modo, na perspectiva saussuriana, a fala pode ser caracterizada como uma realização concreta da língua, ou seja ambas são interdependentes por serem estreitamente ligadas, de modo que, para o linguista suíço, a língua é necessária para que a fala seja compreendida, pois ela resulta do fluxo de sons articulados, como menciona Sapir [1921]

³ Expressão originária do inglês Universal Grammar (UG).

⁴ [...] the study of language and UG, conducted within the framework of individual psychology, allows for the possibility that the state of knowledge attained may itself include some kind of reference to the social nature of language.



(2001). Para ele, o mais simples dos elementos da fala é o som em si, embora não seja um órgão simplificado, mas o resultado de uma série de adaptações desses órgãos, independentes uns dos outros e, portanto, estreitamente relacionados.

No entanto, o som isolado não é estritamente um elemento da fala, já que essa tem um significado e o som, ao contrário, não possui sentido individualmente. Em contrapartida, a constituição da língua depende da fala.

Referindo-se, também, à aquisição da fala em função de *traços culturais*, Sapir [1921] (2001) a mantém como:

[...] uma característica familiar da vida diária que nós raramente temos tempo para definir. Parece tão natural ao andar humano e só menos normal que o respirar. No entanto, é preciso apenas de um momento de reflexão para nos convenceremos que essa maneira de julgar é apenas uma ilusão. O processo de aquisição da fala é, na realidade, absolutamente diferente do andar. No caso de andar, a cultura, em outras palavras, os padrões tradicionais dos hábitos sociais não entram realmente em ação. (tradução nossa) (SAPIR, *op cit*, p. 9)⁵

Porém, Jespersen [1922] (1950) concede um perfil monista à língua ao dizer que só existe a fala, fenômeno ao mesmo tempo individual e social (criação individual condicionada e determinada socialmente), e a língua não é senão uma generalização da fala. Ou seja, a fala é uma atividade individual, mas, ao mesmo tempo, é hábito social, nascido na sociedade e determinada por ela, como os outros fenômenos chamados 'sociais'.

Essa atividade individual, para Coseriu (1986), constitui a realidade concreta da língua, pois emprega um ou mais signos da língua articulada para a comunicação como uma palavra, ou frase efetivamente dita. A fala, então, enquanto ato linguístico, nunca é inteiramente idêntica, mas varia de indivíduo a indivíduo, de acordo com as circunstâncias, tanto no que concerne à sua forma material quanto a seu conteúdo.

1.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONCEITOS E INTERRELAÇÕES

A língua é um instrumento privilegiado da exposição cultural de um povo, pois é por meio dela que ele expressa suas ideias, relata a historicidade de sua geração e confronta

⁵ [...] la parole est un trait si familier de la vie quotidienne que nous prenons rarement le temps de la définir. Elle semble aussi naturelle à l'homme que la marche, et à peine moins normale que la respiration. Cependant il ne faut qu'un instant de réflexion pour nous convaincre que cette façon de juger n'est qu'une illusion. Le processus d'acquisition de la parole est, en réalité, absolument différent de celui de la marche. Dans le cas de la marche, la culture, en d'autres termes, l'ensemble traditionnel des habitudes sociales, n'entre pas réellement en action.



opiniões com a comunidade a que pertence. Desse modo, pode-se dizer que a língua é representação concreta da vida do homem, por ele ter a capacidade de traduzir as suas emoções, suas peculiaridades e, obviamente, sua individualidade. Isso leva a entender que se cada homem tem sua própria maneira de externar seus anseios, sua cultura, a sua maneira de se comunicar também será heterogênea.

Diante de tal constatação, é conveniente adentrar nas teorias que regem a variação linguística e explicam como a estrutura da língua se altera no tempo.

A variação linguística pode ocorrer em diferentes níveis internos à linguagem falada, como na sua constituição fonética, na formação lexical, na construção morfossintática e nos efeitos de sentido. Contudo, há também a variação determinada por restrições extralinguísticas, não dependendo da composição estrutural, mas de seu comportamento junto à extensão geográfica, ao perfil social do falante, bem como à sua cultura e a seu grau de formalidade.

Considerando essa perspectiva da variação externa, é possível distribuí-la em diferentes posições, a saber:

a) *Variação diatópica*, relacionada à disposição geográfica do falante, quer na mesma região, considerando, talvez, a questão urbana e rural, quer em diferentes regiões em que se percebem diferenças fonéticas, como na realização das vogais médias pretônicas no Nordeste em relação ao Sudeste, diferenças léxico-semânticas como a preferência por *macaxeira* no Nordeste e *aipim* no Sudeste, e diferenças morfossintáticas, como a omissão do artigo em certas regiões do Nordeste e sua inserção no Sudeste.

b) *Variação diagenérica*, que ocorre a depender do gênero do falante, no desempenhar de seus papéis sociais, repercutindo na sua forma de falar. A esse respeito, Monteiro (2000, p.75) justifica que tanto o homem, quanto a mulher são socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamento também distintos. Assim sendo, a linguagem apenas reflete esse fato social.

c) *Variação diageracional*, referente à faixa etária do falante, seja na intenção de ver o comportamento linguístico de uma comunidade, passado algum tempo da primeira diagnose à mesma comunidade (tempo aparente), seja na interpretação de um fenômeno linguístico numa linha etária distinta, mas no mesmo período de tempo (tempo real), o que serve para explicar mudanças linguísticas decorrentes desses resultados.



d) *Variação diastrática*, que se vale das diferenças oriundas dos níveis culturais de um falante. A preferência por gírias, por exemplo, tem sido notadamente percebida como marca dos jovens, enquanto os grupos de mais idade parecem ter comportamento linguístico mais conservador.

e) *Variação diafásica*, responsável pela imposição do estilo que envolve o ato de fala, ou seja, o nível de formalidade entre o emissor e o receptor parece influenciar na comunicação. Nesse caso, há uma preferência por determinada maneira de comunicação, em função das circunstâncias em que ela está envolvida. Isso pode ocorrer, por exemplo, nas formas lexicais usadas por certos falantes, como é o caso de *ficar*, ao invés de *namorar*.

Visando esclarecer melhor a relação da variação linguística com outros níveis de investigação, apresenta-se, a seguir, um percurso desses níveis, contemplando do social ao geográfico, caracterizando mais genericamente a tipologia já descrita neste subtópico.

1.2.1 Variação social

Há muito tempo, estudos têm mostrado que as línguas variam sob diversas circunstâncias. Não obstante, só na década de sessenta, surge uma teoria desenvolvida a partir da proposta de Labov, Weinreich & Herzog (1968), cujos fundamentos foram traduzidos para o português em 2006. A teoria em questão passou a ser chamada de *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, como pressupostos de análise da *Sociolinguística*, levando em conta parâmetros sociais e linguísticos como modalizadores da sua diversidade, como afirma Silva-Corvalán (1989, p. 68):

A língua é uma forma de comportamento social. Como tal, criada e moldada por seres humanos, desenvolve diferenciações internas que correspondem aos parâmetros que caracterizam os diversos subgrupos que constituem o sistema social. As correlações variacionais entre linguagem e sociedade têm sido reconhecidas desde sempre. (tradução nossa)⁶

Diante do exposto, percebe-se que as relações entre os falantes e as características externas como sexo, tipificação etária, etnia, escolaridade e nível socioeconômico parecem ser refletidas sistematicamente em comportamentos linguísticos diferenciados.

⁶ La lengua es una forma de conducta social; como tal, creada y moldeada por los seres humanos, desarrolla diferenciaciones internas que corresponden a los parámetros que caracterizan a los diversos subgrupos que constituyen el sistema social. Las correlaciones variacionales entre lengua y sociedad han sido reconocidas desde siempre.



Quando se fala em *sexo*, logo se pensa na sinonímia de *gênero*. Segundo encontrado em Milroy & Gordon (2003), enquanto o primeiro termo tende a se referir a um atributo biológico dos indivíduos, o segundo é caracterizado como nível social. Porém, a ideia é que se analise a linguagem a partir do *sexo* do falante, mas a interprete a partir do *gênero*. Nessa perspectiva, pesquisas têm mostrado que a mulher é mais detentora da forma padrão como Labov (1972) exemplifica com os estudos de Gauchat (1905) e Fischer (1958).

Além do *gênero*, a *faixa etária* também tem se mostrado produtiva nas pesquisas de variação linguística, a partir da relação entre as variantes inovadoras ou conservadoras e os falantes que as produzem em sua fala espontânea. A esse respeito, Tarallo (1986, p. 65) argumenta que:

[...] a relação de estabilidade das variantes (a situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, há uma situação de mudança em progresso.

Do ponto de vista da interferência adquirida pelo falante, a *escolaridade* tem sido reguladora do *prestígio*, uma vez que ela desempenha papel decisivo no domínio das variantes cultas.

Labov (1972), ao citar seu trabalho realizado em Nova York na década de sessenta, expôs que os falantes pouco escolarizados preferiram construções da *linguagem não-padrão*, enquanto as *variantes cultas* foram mais recorrentes nos falantes escolarizados, pois, tradicionalmente, são prestigiadas na sociedade. Para Votre (2004, p. 51), essas formas:

[...] opõem-se aos falares das pessoas que não desfrutam de prestígio social e econômico, pois ocorrem em contextos mais formais, mas elitizados, entre interlocutores que se transformam em modelos e pontos de referência do bem falar e escrever. As formas socialmente prestigiadas são semente e fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão.

Votre (*op cit*) ainda lembra que o modo de comunicação do falante desprestigiado econômica e socialmente tende a ser coletivamente caracterizado como estigmatizado, ou seja, trata-se de uma linguagem inferior em termos estéticos e informativos, pelos membros da comunidade discursiva.

Isso faz com que tal linguagem ocasione comentários irônicos ou rejeição na mesma comunidade a que pertence o falante, sendo, então, registrada como vício de linguagem ou



erro, por não ser recorrente nas gramáticas escolares e dos manuais de descrição, estudo e ensino de língua.

Apesar dessa discriminação social, a linguagem mais conservadora tem sido bastante analisada nos trabalhos descritivos. Em alguns casos, esse conservadorismo reflete as construções mais espontâneas da população e instigam interpretações respaldadas tanto em fatores linguísticos, muitas vezes, associados à história da língua, como extralinguísticos, que têm regulado a variação empírica e tradicionalmente.

1.2.2 Variação cultural

A questão cultural também pode representar um fator diferencial na variação da linguagem, uma vez que os grupos étnicos são formados por pessoas que compartilham ou acreditam que dividem características culturais comuns, aprendidas muito cedo e que envolvem, quase sempre, uma religião comum, uma ideologia social, além da linguagem compartilhada e um padrão de convenções comunicativas.

O estudo dessas características culturais cabe à Etnolinguística, cujo conceito conferido a Dubois et al (2007) consiste no estudo da língua enquanto expressão de uma cultura e em referência à situação de comunicação. Ela se ocupa, então, dos problemas da comunicação entre os povos de línguas diferentes ou da utilização, por um povo dominado, de duas ou mais línguas, o que contribui para “descriptografar a visão humana da fala, da língua e da sociedade” (CALAME-GRIAULE, 1987, p.164). Assim, entende-se que ela relaciona a linguagem à visão do mundo.

Nessa perspectiva, a Etnolinguística trata de detalhes da língua em uso real, o que se confirma em Labov (1972, p. 184), ao tratar o conceito de Hymes como “etnografia da fala”:

Há muito a ser feito na descrição e análise dos modelos de uso de línguas e dialetos dentro de uma cultura específica: as formas de “eventos sociais”; as regras para a seleção adequada de falantes; as inter-relações do falante, do ouvinte, da plateia, do tópico, do canal e da configuração; e as formas em que os falantes se baseiam em recursos de sua língua para executar determinadas funções. (tradução nossa)⁷

⁷ There is a great deal to be done in describing and analyzing the patterns of use of languages and dialects within a specific culture: the forms of “social events”; the rules for appropriate selection of speakers; the interrelations of speaker, addressee, audience, topic, channel, and setting; and the ways in which the speakers draw upon the resources of their language to perform certain functions.



As distinções entre as comunidades de fala são raramente neutras, sendo, geralmente, associadas a desigualdades marcadas de saúde e força de modo que, na prática, muitas discussões sobre etnia envolvem grupos minoritários cujos membros são discriminados contra a população majoritária, como atestado em Giddens (1989). A esse respeito, Labov (2001, p. 259) ainda reforça:

É quase tão claro que a etnia dos falantes tem muito pouco efeito do curso de mudança em progresso. Resta questionar se estas conclusões nos aproximam dos líderes da mudança linguística, ou nos ajudam a formular os princípios gerais que regem a mudança. (tradução nossa)⁸

1.2.3 Variação Diacrônica

Quando se faz uma relação da variação com a mudança linguística, comumente são proporcionados alguns questionamentos que, há muito tempo, intrigam os linguistas tais como: Por que os padrões linguísticos mudam? De que maneira se pode mudar um sistema linguístico? Que mudanças são possíveis nas línguas naturais e que fatores promovem ou detêm a mudança dentro do sistema linguístico e social?

Algumas respostas a essas indagações têm sido focalizadas sob diferentes perspectivas que vão da Neogramática à Sociolinguística.

Os Neogramáticos justificavam a mudança linguística a partir da regularidade da mudança fonética e da analogia. Já na perspectiva estruturalista, a mudança perpassa pelas questões da evolução ou do efeito estático da língua, conforme preconizado por Saussure [1916](1986).

Na perspectiva de Labov, Herzog & Weinreich (2006), a mudança linguística é uma consequência esperada da estrutura interna das línguas naturais. Além disso, os teóricos afirmam que nem toda variação e heterogeneidade implicam mudança. Todavia, toda mudança implica variação e heterogeneidade.

A concepção de mudança para Labov (*op cit*) segue os princípios do *uniformitarismo*, pois esses esclarecem acontecimentos passados a partir da atualidade, ou seja, é possível compreender os processos decorridos a partir da observação do que está em curso.

Assim, pode-se observar o que muda na língua conforme as variáveis apreendidas sob

⁸ It is almost as clear that the ethnicity of the speakers has very little effect of the course of change in progress. It remains to ask whether these findings bring us closer to the location of the leaders of linguistic change, or help to formulate the general principles that govern change.



tipificações etárias distintas, ou seja, na perspectiva do *tempo aparente*, de modo a diagnosticar se se trata de uma variação *estável* ou uma mudança *em curso*.

No caso de a análise sob diferentes faixas etárias não representar mudanças na comunidade, mas caracterizar um padrão que se repete diageracionalmente, são realizadas observações *em tempo real*, contrastando dois ou mais períodos de tempo, perfazendo, assim, a estratégia necessária para a compreensão de uma mudança em curso. Sobre o trabalho com essas observações, Labov (1994, p. 84) afirma:

A interpretação dos dados em tempo real, de estudos do tipo em *painel* ou de *tendências*, requer um modelo subjacente de como os indivíduos mudam ou não mudam durante sua vida, como as comunidades mudam ou não mudam ao longo do tempo, e o que pode resultar da combinação dessas possibilidades. As combinações mais simples produzem quatro padrões distintos: estabilidade, gradação etária, mudança geracional e mudança comunitária (tradução nossa).⁹

Contudo, embora os dados em *tempo real* possam parecer ideais para investigar a mudança linguística, Bailey (2003, p. 234) adverte que esses dados devem ser interpretados com cautela, pois diferenças linguísticas entre dois períodos de tempo não representam necessariamente as mudanças autênticas no vernáculo de uma comunidade, mas, na verdade, podem ter a ver com diferenças de metodologia de entrevista, de procedimento de amostragem ou demografia da comunidade. No entanto, quando criteriosamente utilizados, tanto dados de tempo real, como de tempo aparente são indispensáveis na compreensão de mudança linguística em progresso.

Por isso, pode-se concordar com Labov (1994, p. 568) ao dizer que “quando a língua muda, sua capacidade de transportar informações, muitas vezes, é ameaçada; mas, a longo prazo, a maioria das línguas realmente preserva seus meios de transmissão de informações”.

Dentre as línguas com esse comportamento, destaca-se o Português e, em particular, o Português Brasileiro, seja por constituir um campo fértil para discussão de postulados relativos à variação e à mudança, seja por contribuir para a construção de generalizações teóricas sobre o estudo da linguagem.

⁹ The interpretation of real-time data, drawn from panel studies or trend studies, requires an underlying model of how individuals change or do not change over time, and what may result from combinations of these possibilities. The simplest combinations produce four distinct patterns: stability, age-grading, generational and communal change.



1.2.4 Variação Geográfica

A variação linguística pode ocorrer na pronúncia, no vocabulário e na gramática. Porém, ao ser percebida como marca de uma determinada região ou de regiões diferentes, pode ser caracterizada como *dialeto*. Por isso, convém discorrer um pouco sobre o que rege essa modalidade responsável por caracterizar a linguagem falada em grupos definidos geograficamente, uma vez que o ALiPE procura analisar o falar pernambucano nessa perspectiva, não impossibilitando um olhar diferente sob as égides social e cultural e, futuramente, analisando a variação numa amplitude voltada para as questões diacrônicas.

1.2.4.1 Dialeto e falares: distinguindo os conceitos

O termo *dialeto* apareceu pela primeira vez na literatura francesa no texto *Abrégé del'art poétique* de Pierre de Ronsard, escrito em 1565, conforme encontrado em Calvet (1974, p. 40), que o caracterizou como o *falar* de uma região.

Diz o trecho:

Tu saberás habilmente escolher e adaptar a teu trabalho as palavras mais significativas dos dialetos de nossa França, quando igualmente tu não terás nem o bom, nem o próprio para tu nação; e não necessitas te preocupar se as palavras são Gascônicas, dos Poitevins, dos Normandos, dos Manceaux, dos Lyonenses ou de outros países, desde que eles sejam bons e que signifiquem propriamente o que tu queres dizer (tradução nossa).¹⁰

Trata-se, pois, de um vocábulo oriundo do latim *dialéctós* ou *dialéctus* e adaptado do grego *διάλεκτος*. Enquanto o termo latino apresenta o sentido de linguagem particular de um país ou simplesmente maneira de falar, o termo grego oferece ao *dialeto* o sentido de conversa ou discussão.

Além da pioneira lexia francesa *dialecte*, Menéndez (1990) ainda faz referência a variantes usadas em outros idiomas, tais como *dialecto* em espanhol que surgiu primeiramente em 1611, na obra de *Sebastián de Covarrubias Orozco*. Há também o *dialetto*, que foi documentado em italiano em 1724, e a variante castelanizada *dialecto* usada em

¹⁰ Tu sauras dextrement choisir et approprier à ton œuvre les mots les plus significatifs des *dialectes* de notre France, quand même tu n'en auras point de si bons ni de si propre en ta nation ; et ne te faut soucier si les vocables sont Gascons, Poitevins, Normands, Manceaux, Lyonnais ou d'autres pays, pourvu qu'ils soient bons et que proprement ils signifient ce que tu veux dire.



catalão desde o início do século XVIII. No Português Brasileiro, o termo surgiu pela primeira vez em 1920, quando foi publicada a primeira versão do *Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral.

Dado o conhecimento das diferenças linguísticas na sociedade, quase todo mundo tem alguma compreensão do termo "dialeto". Contudo, o termo técnico usado em linguística é diferente de sua definição popular em alguns aspectos importantes, porém sutis. Há quem o use simplesmente como uma marca neutra de tratar qualquer variedade de uma língua que é compartilhada por um grupo de falantes.

A esse respeito, Wolfram & Schilling-Estes (2006) afirmam que:

[...] as línguas são invariavelmente manifestadas através de seus dialetos, e falar uma língua é falar de algum dialeto dessa língua. Não há dialetos inerentemente “bons” ou “ruins”; o dialeto é simplesmente como nós nos referimos a qualquer variedade da língua que tipifica um grupo de falantes de uma língua (tradução nossa).¹¹

Os fatores sociais particulares que se correlacionam com a diversidade dialetal podem variar da geografia à noção complexa de identidade cultural. Contudo, é conveniente constatar que as variedades socialmente favorecidas constituem dialetos tanto quanto as variedades faladas por grupos socialmente desfavorecidos cujas diferenças linguísticas são perceptivelmente estigmatizadas, corroborando com Chambers & Trudgill (1998).

É, pois, Coseriu (1986, p. 27) quem insere o caráter geográfico ao conceito de *dialeto*:

Um dialeto é o sistema de isoglossas de uma região, delimitada em função de critérios puramente convencionais (embora objetivos), ou seja, tendo em conta apenas certos fenômenos característicos. O número de dialetos em um sistema linguístico, portanto, pode variar segundo os fenômenos e as regiões que são considerados (tradução nossa).¹²

A palavra *dialeto* está associada à ideia do conceito de *falar*, até pelo significado obtido em sua primeira realização na literatura francesa. A esse respeito, Coseriu (1979, p. 33) justifica que “a língua não existe senão no falar dos indivíduos, e o falar é sempre falar uma língua. Todo o modo de ser da linguagem gira necessariamente neste círculo”.

¹¹ [...] languages are invariably manifested through their dialects, and to speak a language is to speak some dialect of that language. There are no inherently “good” or “bad” dialects; dialect is simply how we refer to any language variety that typifies a group of speakers within a language.

¹² Un dialecto es el sistema de isoglosas de una región, delimitado sobre la base de criterios puramente convencionales (aunque objetivos), es decir, teniendo en cuenta sólo ciertos fenómenos característicos. El número de los dialectos en un sistema de dialectos («lengua») puede, por tanto, variar según los fenómenos y las regiones que se consideren.



Marouzeau (1951), ao distinguir as duas perspectivas, afirma que *dialeto* é uma forma especial tomada por uma língua num dado domínio, ou seja, são as particularidades decorrentes de um ato de fala distinto de falas vizinhas, a despeito do parentesco que as une. O *falar*, por sua vez, se constitui de um conjunto de meios de expressão empregados por um grupo no interior de um domínio linguístico.

Já Lyons (1987) menciona diferenças entre *sotaque dialeto* e. Para ele, enquanto o primeiro prioriza as variedades de pronúncia, o segundo acrescenta distinções relativas à gramática e ao vocabulário, o que também é ressaltado em Chambers & Trudgill (1998). Isso acontece porque, na visão dos teóricos, o que é um dialeto uniforme em sua essência, tanto do ponto de vista da gramática quanto do vocabulário, pode ser associado a vários sistemas fonológicos mais ou menos diferentes.

Considerando que o Atlas Linguístico de Pernambuco permitirá identificar variantes distribuídas entre comunidades agrupadas na mesma região, optou-se, aqui, por adotar o conceito de *falar*.

Em Pernambuco, encontram-se catalogados vários trabalhos sobre o falar do Estado analisados sob diferentes perspectivas. A seguir estão relacionados alguns desses trabalhos seja como produtos de dissertações, teses, seja como resultados de pesquisa ou projetos ainda em andamento.

1.2.4.2 O falar pernambucano em alguns trabalhos

O pioneirismo de trabalhos descritivos do falar pernambucano ficou a cargo do professor e advogado pernambucano Mário Marroquim, nascido no município de Água Preta, mas criado em Alagoas, quando da publicação de “A Língua do Nordeste”, em 1934.

Porém, por ter afinidades com os dois estados vizinhos onde morou, o jornalista decidiu estudar apenas esses falares, unidos no mesmo perfil dialetal, já que a formação histórica e étnica dos pernambucanos e alagoanos era uniforme, tal qual parecia ser sua orientação linguística.

Além de um retrospecto histórico, encontra-se em Marroquim [1934](2008) um panorama de fatos específicos como a *fonologia*, *as figuras de dicção*, *o léxico* e *a sintaxe* na fala característica da Região Nordeste, em especial dos habitantes de Pernambuco e Alagoas.

Nada obstante, quase oitenta anos depois da publicação da primeira edição de sua obra e nenhum trabalho dialetal completo, tal afirmação sobre a dialeção, como ele mesmo



chama, parece não ser mais adequada, principalmente na perspectiva lexical, a julgar pelas pesquisas realizadas nos últimos anos, que têm mostrado variações diatópicas em Pernambuco e Alagoas não só nesse nível, mas também nos níveis fonético e morfossintático.

Após os estudos capitaneados por Marroquim, em que é abordada a linguagem dos pernambucanos, outros trabalhos foram sendo realizados, quais sejam:

a) *Vocabulário Pernambucano*, publicado postumamente, foi lançado por *Francisco Augusto Pereira da Costa* em 1936, sendo, junto à obra de Marroquim, uma das obras pioneiras de estudo lexical do Estado.

b) *A Língua na Boca do Povo*, escrita por *Mário Souto Maior* em 1992, apresenta expressões populares nas diversas regiões geográficas brasileiras, usando como universo, obras da literatura brasileira, dentre as quais a literatura pernambucana.

c) *Fred Navarro* publicou a primeira edição do *Dicionário do Nordeste* em 1998, a partir do qual foram retiradas expressões de letras de músicas regionais, receitas diversas e frases dos escritores do estado e se expressaram no linguajar rico de metáforas e metonímias. Como exemplo ele cita o item *índio*, como um tipo de *papagaio ou pipa*, também encontrado em *Nove Novenas* do escritor pernambucano *Osman Lins*.

d) *José Brasileiro Tenório Vila Nova* coordenou o *Projeto NURC* em Recife, dando ênfase à linguagem culta falada em Recife, já que esse projeto também visava à construção de *corpora* de outras capitais do Brasil.

e) *Nelly Medeiros de Carvalho*, com os temas *Neologismos na Linguagem Jornalística Recifense* e *Léxico da Publicidade* de sua dissertação e tese, defendidas em 1982 e 1993, respectivamente, acaudilha os estudos linguísticos em nível *stricto sensu* no Estado.

f) *Januacele Francisca da Costa*, além de sua Dissertação de Mestrado, tem se dedicado a outras pesquisas sobre o *Ya:thê*, a *Última Língua Nativa no Nordeste do Brasil*, título que deu a sua Tese de Doutorado em 1999. O referido idioma indígena é falado pela tribo *Fulni-ô*, da cidade de Águas Belas, no Agreste do Estado.

g) *Marlos de Barros Pessoa* com sua Tese de Doutorado intitulada *Formação de uma Variedade Urbana e Semi-oralidade: o caso do Recife*, defendida na Holanda em 1997, foi uma das pioneiras sobre a variação da língua falada no Estado de Pernambuco.

h) *Manuel Joaquim Leite Neto* apresentou a primeira dissertação de que se tem notícia, abrangendo variação fonética e lexical. Defendida em 2001 com o tema *A Fala do Sertanejo de Cedro*, o autor analisou a linguagem espontânea do município interiorano à luz de metaplasmos.



i) *Sandra Siqueira de Macedo* concluiu seu Mestrado em 2004 com a dissertação intitulada *A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense*, na qual ela analisou fatores linguísticos e extralinguísticos como influenciadores do fenômeno.

j) Usufruindo de uma interface entre a linguística e a literatura, *Maria de Fátima Oliveira* concluiu seu Mestrado na UFPB, com a dissertação *Um Olhar Léxico-Semântico sobre o Vocabulário Regional em Agruras da Lata d'água de Jessier Quirino*. Esse escritor pernambucano apresentou na obra retratada na dissertação uma quantidade expressiva de regionalismos e neologismos, refletindo a linguagem cotidiana do Nordeste, com termos e expressões populares, observados na linguagem coloquial típica do sertão nordestino, como também, os valores culturais e socais.

k) *Edmilson José de Sá* fez investigação que resultou em sua Dissertação de Mestrado apresentada em 2007 à UFPE, com o título *Variação do /l/ em coda silábica na fala de Arcoverde*. O corpus da pesquisa foi constituído de dados coletados nas zonas urbana e rural e a análise foi realizada nas perspectivas sociolinguística e fonológica, através da Teoria da Otimalidade.

l) *Solange Carlos de Carvalho*, em sua Dissertação de Mestrado *Estudo Variável do Apagamento dos Ditongos Decrescentes Orais na Fala do Recife*, defendida também em 2007, analisou o posicionamento dos glides /w/ e /j/ diante das vogais /a/, /e/ e /o/.

m) *Gustavo Siqueira de Amorim* realizou, em 2009, outra pesquisa de cunho fonético em Pernambuco. Sua Dissertação de Mestrado teve o título de *O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife*.

n) *Edigar dos Santos Carvalho* realizou, em 2010, uma *Descrição Segmental do Português Falado pelos Índios Xukuru*, em Pesqueira como Dissertação de Mestrado. O estudo apresentado centrou-se na descrição da fonologia segmental do português falado pelos integrantes das tribos indígenas Xukuru, residentes nas regiões do Agreste, Ribeira e Serra, cujas áreas, situadas na zona rural de Pesqueira, pertencem a essas tribos.

o) *Eraldo da Silva Neto* concluiu seu Mestrado também em 2010, com a Dissertação *Uma Descrição das Proparoxítonas na Variedade Não-Padrão de Jaboatão-PE*. O trabalho dele já se tornou tema de comparação de outras pesquisas, já que a redução ou manutenção das proparoxítonas tem sido tema de preocupação de muitos estudiosos da linha descritiva do português.

p) *Odailta Alves da Silva* defendeu sua Dissertação de Mestrado com o título *A influência africana no português em Pernambuco: um mergulho em Ascenso Ferreira*. Ao



concluí-la em 2010, a autora selecionou 29 poemas dos três livros do escritor pernambucano, a partir dos quais foram encontrados sessenta vocábulos de origem africana e também alguns fenômenos linguísticos da oralidade e do português popular atribuídos à influência africana, como o apagamento do /r/ no final das palavras e a falta de concordância nominal, no português não-padrão.

q) Recentemente, em junho de 2013, foi defendida uma dissertação sob o título *O falar do Vaqueiro de Garanhuns: uma análise sócio e etnolinguística* de autoria de Helenita Bezerra de Carvalho Tavares. Em seu trabalho orientado pela professora Socorro Aragão, na UFPB, a autora elaborou um glossário com 270 verbetes, contemplando palavras e expressões presentes na fala do profissional do gado.

Vale a pena destacar as pesquisas dos professores *Adeilson Sedrins*, *Marcelo Sibaldo*, *Cleber Ataíde*, *Emanuel Cordeiro* e *Rafael Bezerra* e *Renata Livia* da UFRPE junto a seus alunos bolsistas, que têm desenvolvido, desde 2010, trabalhos relacionados à *morfossintaxe do Português falado no Sertão Pernambucano*, a partir de perspectivas distintas, quais sejam: a diacrônica, a funcionalista e a sociolinguística.

Ainda sobre a *morfossintaxe*, consta o trabalho *Pernãobuco: a variação dos marcadores de negação em Pernambuco* de *Thiara de Deus* e *Marcela Paim* (UFBA), usando o *corpus* coletado em Pernambuco para o *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)* e objetivou analisar variações em relação ao uso dos operadores de negação referentes a estruturas sentenciais.

No Sertão do Estado, *Rebeca Lins Simões de Oliveira* fez uma pesquisa sobre a neologia dialetal, publicada no livro *Criação Neológica: Teoria de Prática*, sob a organização da professora Nelly Carvalho, com o objetivo de analisar as motivações significativas de termos e expressões regionais e populares encontrados no município de *Belém de São Francisco*. Para esse fim, a autora realizou uma diagnose centralizada em campos semânticos referentes ao *homem* e à *terra*, bem como ao *local* em que vive.

Quanto a estudos dialetais metodologicamente guiados pela Geolinguística, ainda não há muito em Pernambuco, a despeito de pesquisas já realizadas no Estado para o (ALiB) e de dois trabalhos de pequeno domínio.



2

DIALETOLOGIA E GEOGRAFIA LINGUÍSTICA: ALGUNS PRESSUPOSTOS

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história. (CARDOSO, 2010, p 15)

Nesta seção, procura-se enfatizar a projeção da *Dialetologia* para os estudos linguísticos, desde a sua gênese até o momento em que lhe conferido o *status* de ciência. A partir daí, como pressuposto teórico para a construção do *Atlas Linguístico de Pernambuco*, convém discorrer sobre a utilização do método da *Geolinguística* nos trabalhos dialetais, sobre os quais também se faz uma abordagem, a fim de proporcionar melhor compreensão sobre a integração das duas perspectivas.

2.1 ARCABOUÇO HISTÓRICO

Os estudos dialetais têm inspirações que beiram o fim do século XVIII como consta em Pop (1950), ao relatar o momento em que os linguistas passaram a se interessar por esse caminho de análise da diversidade linguística. Em suas palavras, o autor afirma:

É apenas no final do século XVIII que os dialetos têm mantido de forma constante a atenção dos linguistas; anteriormente, a pesquisa focava sobre o problema da formação da língua literária e a evolução da linguagem, porque essa área de teorias da antiguidade não satisfazia mais os estudiosos. Durante vários séculos, procurou-se uma solução para essas questões. (tradução nossa)¹³ (POP, *op cit*, p. XXIII)

¹³ C'est seulement à la fin du XVIII siècle que les dialectes ont retenu d'une manière constante l'attention des linguistes; auparavant, les recherches portaient principalement sur le problème de la formation des *langues*



Muito antes de o estudo da diversidade linguística atingir o nível científico, já se percebia em textos antigos que havia traços de diferenciação dialetal na comunicação entre personagens bíblicos do Antigo Testamento como recurso de identificação de nacionalidade.

Sobre isso, Chambers & Trudgill (1998) lembram o capítulo XII do Livro dos Juízes, no versículo 6, em que *Gallad*, ao questionar um fugitivo *efraimita* que negava sua origem, solicitava-lhe a pronúncia da designação *Chibolét* (espiga de trigo) e, ouvindo a variante *Sibolét*, o *galaadita* já percebia sua falsidade.

De acordo com Orozco (1611, p. 182), houve situação semelhante ilustrada pela pronúncia da palavra *cebolla*. Diz ele que “com este vocábulo, reconhece-se os que suspeitam ser *mouros*, porque pronunciam *sebolla*, e até mesmo os Andaluze, Valencianos e pessoas próximas ao mar.”¹⁴

Dos provincianismos anotados pelos padres sob a orientação de Erik Benzeliu em 1726 até a enquete realizada pelo abade Grégoire em 1790, com o intuito de entender o *patois*¹⁵, são encontradas produções que prenunciam, de uma maneira ainda embrionária, o acesso aos estudos sistemáticos dos dialetos.

Segundo encontrado em Pop (1950), o final do século XVIII na Dinamarca e início do século XIX em Paris reforçaram ainda mais o que, em pouco tempo, se tornaria alvo de interesse na linguística descritiva. A partir da ideia alemã de que a língua do povo era linguagem rude e incorreta, no país escandinavo criaram um movimento para uma nova visão, dirigido contra a nação germânica, reforçando a consciência da unidade linguística, o que também já insinuava uma preocupação com o efeito preconceituoso que a linguagem conservadora despertava na população de alto nível social. Já na França, a criação da Academia Céltica em 1804 passou a mostrar o caráter influenciador do idioma nativo sobre outros idiomas.

Pop (*op cit*) também cita outros trabalhos de igual importância como a ênfase de *Éloi Johanneau* em 1809 no trabalho *Origine des choses par les mots*, a Gramática do Dialeto sardo-meridional escrita pelo abade *Vicento Pomi*, além da descrição de Jacob Grimm, fundador da filologia germânica, em 1812, em defesa do *patois*.

Ao se referir à Gramática Islandesa de Rask, o autor cita:

littéraires et de l'évolution du langage, car les théories de l'antiquité dans ce domaine ne satisfaisaient plus les savants. Pendant plusieurs siècles, on a cherché avec acharnement une solution à ces questions.

¹⁴ con este vocablo, pruevan a los que sospechan ser moriscos, porque pronuncian *sebolla*, y aun los Andaluze, y Valencianos, y gente de cerca de la mar .

¹⁵ Termo conceituado por Dubois et al. (2007) como a linguagem não padronizada e predominantemente oral.



Qualquer individualidade deve ser considerada sagrada, mesmo na língua; Espera-se que cada dialeto, ainda que quanto menor, mais desprezado, sendo abandonada em si mesmo, que toda a violência lhe seja poupada, porque ele tem certamente suas superioridades ocultas sobre os maiores e mais estimados.(tradução nossa)¹⁶ (POP. 1950, p.XXXI)

A partir daí, prognostica-se um novo campo para estudos da linguagem, a *Dialetologia*.

2.2 O ESPAÇO DA DIALETOLOGIA E A CONEXÃO COM A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA

Os estudos apriorísticos sobre heterogeneidade linguística citados em Pop (*op cit*) prenunciam uma linha de investigação que não demorou muito a se consolidar.

Com a elaboração do *Atlas Linguistique de l'Europe*, publicado por Bernardino Biondelli em 1841 e influenciado pelo *Atlas Ethnographique du Globe* (1826) de Adrien Balbi, deu-se um passo decisivo para os estudos dialetais. Além disso, as pesquisas para o *Atlas Linguistique de la France*, cuja produção final só saiu em 1900, concluíram a cronologia de eventos relacionados à promissora, porém ainda inibida linha de investigação.

Coube a Graziadio Isaia Ascoli, ao fundar a revista *Archivio Glottologico Italiano*, em 1889, o mérito de classificar a Dialetologia como parte da ciência da linguagem, aprimorando os pressupostos teórico-metodológicos, mas reconhecendo o valor de trabalhos preexistentes. Para ele:

Não significa que, mesmo dentro dos limites modestos de uma determinada parte da ciência da linguagem, nosso trabalho deveria parecer maior. Nunca passou pela mente alterar a vontade de reduzir o trabalho de modo semelhante e também simultâneo a outros que foram realizados. (tradução nossa) (ASCOLI, 1889, p. VIII)¹⁷

Em seu *archivio*, o linguista italiano descreveu dialetos, tratou de aspectos fonéticos, mostrou textos antigos, enfatizando a originalidade do dialeto *toscano* e fez a primeira alusão

¹⁶ Toute individualité doit être tenue pour sacrée, même dans le langage; il est à souhaiter que chaque dialecte, fût-ce le plus petit, le plus méprisé, soit abandonné à lui-même, que toute violence lui soit épargnée, car il a certainement ses supériorités cachées sur les plus grands et les plus estimés.

¹⁷ Non vuol dire che, pur entro ai modesti confini di una data parte della scienza del linguaggio, la nostr'opera cidebba parere gran che. Ne e' è mai passato per mente di trasandare di volere impicciolita l'opera congenere e anche simultânea che da altri era prestata.



à Dialetologia *ipsis litteris*, conforme encontrado em Ascoli (1889, p. 329), referindo-se aos elementos franceses na primeira forma do Inglês, o anglo-saxão: “Salientamos, em primeiro lugar, que não permanecerão equívocos em torno dos inquéritos dialetológicos (tradução nossa).”¹⁸

Além dos traços fonéticos descritos nos primeiros trabalhos em Dialetologia realizados na Itália, estudiosos passaram a investigar elementos léxicos e sintáticos considerados pertinentes numa área territorial, estabelecendo limites que visam a delimitar áreas em que tais elementos se destacavam.

Bielenstein (1892, p. 397) chama esses limites de *isoglossas*, a partir das quais são separados os pontos da região estudada, onde se passa de um traço a outro, constituindo, assim, a linha ideal que separa duas ou mais áreas dialetais, por essas oferecerem formas diferentes para um determinado traço. Isso pode ocorrer tanto com as semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas), a partir dos contrastes e semelhanças linguísticas socioculturais (isoglossas diastráticas) e também de estilo (isoglossas diafásicas).

Entretanto, se for considerada a natureza linguística das variantes encontradas, a isoglossa tem uma classificação particular.

Se os limites forem para fatos fonéticos, tem-se uma *isófona*, como o exemplo na figura 1 que delimita as regiões onde variantes do /r/ se sobressaem no Paraná.

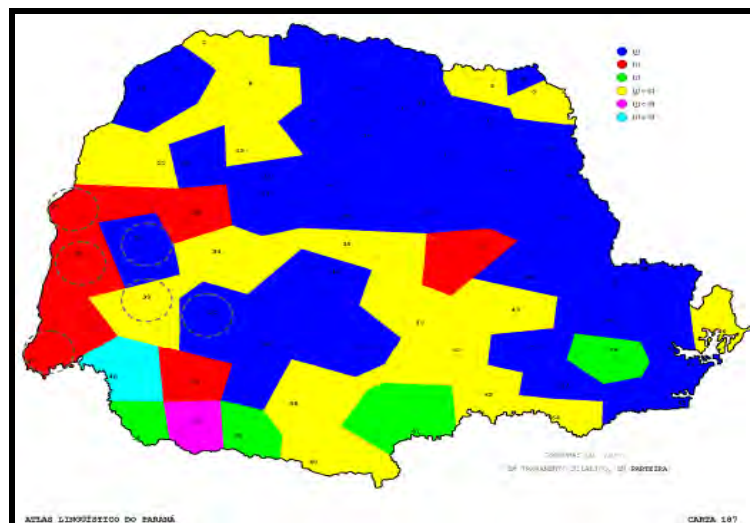


Figura 1: Isófona do /r/ em travamento silábico em *parteira* em carta do Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994)

¹⁸ Occorre prima di tutto che non restino equivoci intorno l' accertamento del fatto dialettologico.



Quando os traços distintos se referem à variação lexical, tem-se uma *isoléxica*. No Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS), foi feita uma delimitação para as regiões em que a variante *bolita* se sobressaiu na carta *bolinha de gude*.

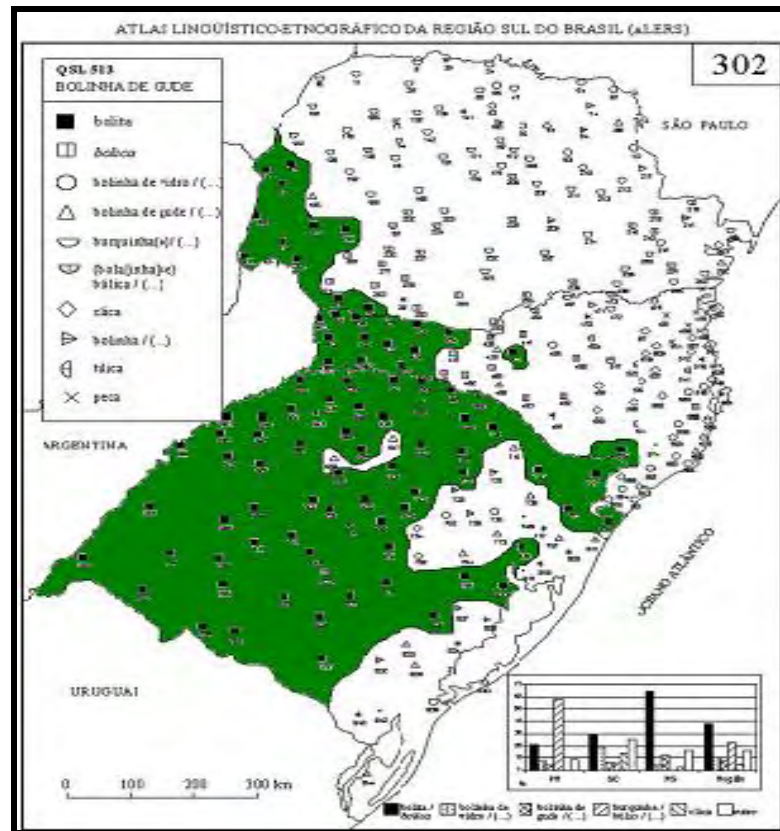


Figura 2: Isoléxica de *bolita* na carta referente à *bolinha de gude* no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (KOCH et al, 2002)

Há, ainda, as *isomorfas*, ou seja, os limites propostos pela variação morfossintática, como, por exemplo, no caso das alterações verbais no pretérito perfeito – *peguemo*, *contemo*, com a alteração da vogal temática /a/ por /e/ das construções *pegamos* e *contamos*, exemplificando, dessa forma, casos de variação sociocultural.

De acordo com a tradição, há algum tempo, os fatos linguísticos eram analisados isoladamente ao invés de serem considerados a partir de sua estrutura.

Porém, a proposta de Weinreich (1954) era que esses fatos passassem a ser ponderados unificando duas perspectivas de análise linguística, a estrutural e a dialetológica. Para ele:

[...] a dialetologia seria a investigação de problemas que surgem quando sistemas diferentes são tratados juntos por causa de sua semelhança parcial. Uma dialetologia



especificamente estrutural trataria das consequências estruturais das diferenças parciais dentro de uma perspectiva de semelhança parcial.(tradução nossa) (WEINREICH, *op cit*, p. 390)¹⁹

A aplicação da Dialetologia Estrutural permite que as isoglossas sejam construídas com mais segurança, agrupando as variedades encontradas não apenas pela semelhança fonética, mas considerando todo o sistema fonológico.

Mas, algumas dificuldades passaram a ser percebidas quanto à distribuição e à incidência dos fonemas, que só poderiam ser minimizadas quando os estudos dialetais fossem realizados dentro de uma perspectiva que pudesse analisar mais de duas variedades a qualquer momento, como passou a ocorrer na Dialetologia Gerativa, uma vez que se trata de:

[...] uma abordagem de dois níveis para fonologia que postulasse (a) formas subjacentes, que eram formas fonológicas nas quais itens lexicais eram listados no dicionário e (b) regras fonológicas que transformaram essas formas subjacentes em formas de superfície e, portanto, em última análise, em sua pronúncia real. (tradução nossa) (CHAMBERS & TRUDGILL, 1998, p. 39)²⁰

Convém, também, mencionar que uma das motivações para a Dialetologia Gerativa foi a capacidade de ela explicar como os falantes de dialetos diferentes, mas, de algum modo, relacionados, eram capazes de promover comunicação. Por isso, na década de 1970, alguns linguistas começaram a pensar numa *Gramática Poliletal*, ou seja, uma gramática que fosse capaz de incorporar mais de uma variedade dialetal.

Uma vez que a Dialetologia prioriza as diferenças regionais, o método mais atual de relacionar essas diferenças é através da Geografia Linguística, a respeito da qual Meillet (1929, p. 200) afirma: “Não há nenhuma história da língua sem uma dialetologia e especialmente sem uma geografia linguística completa e bem estabelecida”(tradução nossa)²¹. Ou seja, trata-se de um método em que se recorre à Cartografia, conceituada como *a arte de conceber, levantar, redigir e divulgar mapas*.

Para Joly (2011, p. 7), mapas são:

¹⁹ [...] dialectology would be the investigation of problems arising when different systems are treated together because of their partial similarity. A specifically structural dialectology would look for the structural consequences of partial differences within a framework of partial similarity

²⁰ [...] a two-level approach to phonology which posited (a) underlying forms, which were the phonological forms in which lexical items were listed in the lexicon, and (b) phonological rules which converted these underlying forms into surface forms and thus, ultimately, into their actual pronunciation.

²¹ Il n'y a pas d'histoire de la langue sans une dialectologie et surtout sans une géographie linguistique complète et bien établie.



[...] representações geométricas planas, simplificadas e convencionais, do todo ou de parte da superfície terrestre, numa relação de similitude conveniente denominada escala (...) como uma construção seletiva e representativa que implica o uso de símbolos e sinais apropriados.

Para uma análise geológica, administrativa, política, demográfica, agrícola ou industrial, costumam ser usados mapas especializados chamados de *mapas temáticos*, que depreendem alguns tipos de figuras cartográficas, encontradas em Joly (2011, p. 63 – 64):

- a) *Os mapas propriamente ditos* – construídos sobre uma quadrícula geométrica numa escala, conforme regras específicas de localização e qualificação.
- b) *Os cartogramas* – representação descontínua de um fenômeno geográfico quantitativo por representações proporcionais localizadas.
- c) *Os cartodiagramas* – formados por um conjunto de diagramas posicionados sobre a base.
- d) *As anamorfoses geográficas* – conservam a continuidade do espaço, deformando-se voluntariamente as superfícies reais para torná-las proporcionais à variável considerada.

Para estudos dialetais, a exemplo do propósito desta tese, são usados os *cartogramas* ou simplesmente *cartas*. Neles são distribuídos traços linguísticos encontrados numa extensão territorial, que são interpretados segundo processos linguísticos ou pela influência de aspectos sociais.

Certo da importância da Cartografia na interpretação das marcas dialetais, o linguista alemão Georg Wenker foi pioneiro a usar o método, a partir do qual investigou as consoantes germânicas. Surgiram, então, as primeiras “cartas linguísticas”.

Em seu trabalho *Das Rheinische Platt* (1877), foi realizado o levantamento de dialetos locais na Renânia em torno de Dusseldorf. Mais tarde, ele estendeu sua investigação por toda a Alemanha. A pesquisa foi feita por meio de um questionário com quarenta frases curtas a professores e outros habitantes de certa cultura e moradores de áreas rurais, que deveriam transcrever as referidas frases do alemão padrão nos dialetos de seu conhecimento. Isso permitiu que fossem feitas delimitações dialetais no mapa do país. Contudo, ao contrário do que ele pensava, não houve nenhuma isófona comprovada que marcasse os dialetos germânicos. Apesar disso, o resultado de suas pesquisas foi uma surpresa e os estudos dialetais confirmaram as conclusões do método linguístico comparativo.



No final do século XIX, Gustav Weigand, ao iniciar os inquéritos para o *Linguistischer Atlas des dacorumänischen Sprachgebiets*, só publicado em 1909, já ofereceu avanços diante de trabalhos antecedentes. Nele, o autor dividiu o território romeno em três dialetos Wallachia (Valáquia), Banat e Moldovan. Quanto à Transilvânia, ele acreditava que havia dialetos de transição: os do sul, onde se falava o dialeto escocês, e ao norte, o moldávio.

Segundo encontrado em Weigand (1909, p. 8), “os estudos dialetais têm, acima de tudo, um valor prático, pois dão uma visão geral das particularidades existentes na língua”, o que pode ser observado na distribuição dos traços inseridos em uma das suas 67 cartas disposta em seguida:

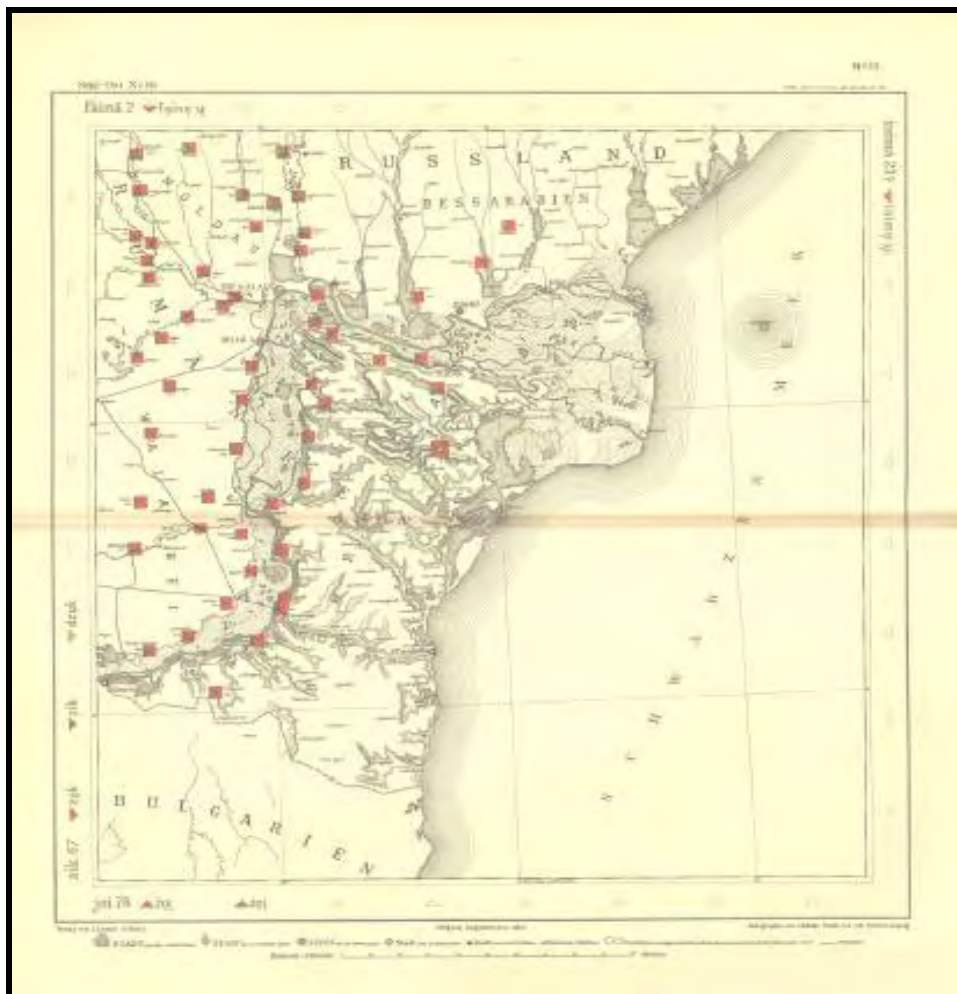


Figura 3: Carta com distribuição dos três dialetos romenos (WEIGAND, *op cit*)



2.2.1 A elaboração de um Atlas Linguístico

Desde meados do século XIX quando começaram a ser elaborados os primeiros documentos dialetais agregando a Linguística à Geografia, que se começou a usar a expressão ‘atlas linguístico’.

Brandão (1991, p. 25) conceitua, a seguir, o atlas linguístico a partir do seu produto:

É um conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfosintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. Em outras palavras, é um repositório de diferentes realizações que constituem as diversas normas que coexistem num sistema linguístico e que configuram seus dialetos e/ou falares.

Na visão de Pop (1950), as cartas linguísticas elaboradas para os atlas ratificam a interpretação dada a fenômenos e possibilita o estudioso a continuar a investigação, no intuito de justificar o porquê do surgimento de um dado traço dialetal.

Em suas palavras, ele afirma que:

[...]só as cartas linguísticas podem mostrar apenas a complexidade dos fatos da linguagem livre de qualquer convenção e a última fase do desenvolvimento dos dialetos locais de muitos séculos. Escritos de acordo com um plano amadurecido por um método livre de quaisquer preconceitos, só eles podem mostrar, em qualquer língua o destino das palavras e sua história, sua "luta" contra as palavras com uma constituição sonora quase idêntica, as influências que sofreram sob a ação de centros culturais, econômicos e sociais, o modo como as palavras estão se adaptando às mudanças impostas pelo progresso da civilização moderna, assim como os dialetos que ainda mantêm as velhas palavras, testemunhas do passado. (tradução nossa) (POP, *op cit.* p. X)²²

A despeito dos resultados já conhecidos de atlas linguísticos concluídos, a metodologia para a elaboração até a culminância com o produto final passa por etapas, necessitando ser, cada uma, executada seriamente pelo pesquisador.

²² [...]seules les cartes linguistiques peuvent montrer la complexité des faits du langage libre de toute convention, ainsi que la dernière phase du développement plusieurs fois séculaire des parlers locaux. Rédigées d'après un plan mûri et d'après une méthode exempte de toute idée préconçue, elles seules peuvent illustrer, pour n'importe quelle langue, le sort des mots et leur histoire, leurs « lutttes » contre les vocables ayant un corps phonique presque identique, les influences qu'ils ont subies sous l'action des centres culturels, économiques et sociaux, la manière dont les vocables s'adaptent aux changements que leur impose le progrès de la civilisation contemporaine, ainsi que la façon dont les parlers locaux conservent encore des anciens termes, témoins du passé.



Por isso, convém que seja feita, a seguir, uma reflexão sobre a metodologia necessária para a elaboração dos atlas com exatidão, incluindo, também, a tipologia dos atlas, conforme sugestões encontradas na literatura específica.

2.2.1.1 Aspectos Metodológicos

A realização de um trabalho dialetal segue uma metodologia própria, de modo a propiciar melhor rentabilidade da investigação e dos resultados almejados. Para Ferreira & Cardoso (1994), é necessário levar em consideração quatro etapas:

- a) Preparação da pesquisa
- b) Execução dos inquéritos
- c) Exegese e análise dos materiais recolhidos
- d) Divulgação dos resultados obtidos

A preparação da pesquisa se inicia com a definição do campo linguístico a ser investigado, ou seja, dos pontos de inquérito. Essa escolha é realizada a partir do levantamento de informações de cunho geográfico, histórico, assim como as interferências de que foi objeto e sua situação econômica. Tais dados, portanto, são responsáveis por delimitar uma área em detrimento de outra.

Para apurar as informações sobre os pontos de inquérito, usa-se uma *ficha de localidade*, já idealizada por Nascentes (1958) e, com algumas alterações, chegou-se ao modelo encontrado em Cardoso (2010, p. 105), recomendado para a coleta de dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e para outras pesquisas dialetais. Essa ficha contém dados toponímicos da localidade pesquisada, do modo de falar de seus habitantes, além da descrição de aspectos demográficos, econômicos e infraestruturais.

Após ter escolhido os pontos de inquérito, procede-se à procura do informante ideal e, para tanto, também há alguns critérios quais sejam: a naturalidade, o grau de escolaridade, a tipificação etária, a profissão e a verificação de alguns aspectos de ordem patológica. É necessário, além disso, levar em conta alguns critérios pertencentes aos pais do informante e dos cônjuges, para que se percebam as influências por eles exercidas. Tais dados são documentados numa *ficha do informante*, igualmente inspirada em Nascentes (*op cit*) e aperfeiçoada para o ALiB.

Essa ficha auxilia na catalogação dos dados pessoais do informante, seu contato com os meios de comunicação e com o lazer. Além disso, há uma seção a ser preenchida após a



realização do inquérito, em que são mencionadas informações de natureza psicológica do informante durante a pesquisa.

Tendo o informante ideal sido selecionado, inicia-se o inquérito. Nele são aplicados questionários de acordo com as prioridades ambicionadas. Atualmente, usa-se o método do ALiB, para a elaboração do qual foram construídos questionários de várias vertentes.

No projeto ALiB, averíguam-se aspectos fonético-fonológicos por meio de um questionário com 159 perguntas. O léxico é verificado a partir de 202 questões distribuídas em 14 campos semânticos: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana.

Do ponto de vista da morfossintaxe, são aplicadas quarenta e nove questões que visam a apurar aspectos relacionados à concordância e outros casos de morfologia e sintaxe. Ainda se acrescentam questões pragmáticas, metalinguísticas, além de indagações de nível semi-dirigido e um texto para leitura, responsáveis por confirmar realizações previamente mencionadas pelo informante, mas que se encontram num momento em que ele já se encontra mais familiarizado com o inquérito.

Após a conclusão da pesquisa, procede-se à transcrição das respostas, de modo a facilitar a seleção dos traços linguísticos mais relevantes nos níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático. Em seguida, são construídas as cartas linguísticas, a partir das quais as realizações mais abrangentes são distribuídas diatopicamente.

2.2.1.2 Tipologia

Desde que os atlas linguísticos passaram a servir de base para documentação dialetal, muito se modificou no tocante à metodologia de pesquisa e do tratamento cartográfico. Assim, Cardoso (2010) classifica os atlas de acordo com o espaço geográfico, a natureza e a cartografia dos dados.

Do ponto de vista geográfico, Cardoso (*op cit*) também menciona uma classificação para os atlas linguísticos como *nacionais*, *regionais*, de *grupo linguístico* e de natureza *continental*.

Os *atlas nacionais* são aqueles em que se representam as características linguísticas de uma nação ou território linguístico, de forma ampla e contemplando sua unidade política, a



exemplo do *Atlas Linguístico da França (ALF)*, já concluído, e o *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, em que se está investigando toda a sua extensão territorial. Já os *atlas regionais* são construídos a partir da investigação fragmentada, calcada pela “necessidade de aprofundar o conhecimento de uma região, propiciada pelos atlas nacionais”(CARDOSO, 2010, p. 68), como é o caso do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS)*.

Considerando as observações quanto à metodologia da pesquisa geolinguística, além dos atlas nacionais e regionais, é possível construir *atlas de natureza estadual*, como Rossi, Isensee & Ferreira (1963) iniciaram na Bahia e se chega ao décimo-quarto do gênero produzido com o falar de Pernambuco.

Quanto aos *atlas de grupo linguístico*, são descritas as famílias de línguas, delimitando os seus espaços políticos, buscando esquematizar o perfil espacial do domínio da família que envolve territórios separados politicamente, identificando os seus limites convenientes. Isso ocorre com o *Atlas Linguistique Roman (ALiR)*, segundo o qual são analisados os caminhos das línguas românicas.

O *Atlas Linguistique de l'Europe (ALE)* é exemplo de um *atlas continental*, iniciado nos primórdios dos anos setenta. Contudo, segundo Alinei *et al.*(1972), a ideia não era tão recente, pois, desde 1929, já se pensava em organizá-lo. Tempos mais tarde, em 1936, Jakobson almejava realizar o mapeamento europeu em termos fonológicos e deixou claro seu intuito num Congresso Internacional de Linguistas de Copenhague, naquele ano. Em suas palavras:

Uma vez que as isófonas, por cruzarem os limites das línguas, são casos quase sempre frequentes na Geografia Linguística, e a tipologia fonológica das línguas não é visivelmente desconectada de sua distribuição no espaço, seria importante para a linguística (tanto diacrônica quanto sincrônica) implantar uma atividade coletiva e construir um atlas de isolinhas fonológicas de qualquer língua do mundo ou, pelo menos, de continentes inteiros. (tradução nossa) (JAKOBSON, 1971, p. 245)²³

Além de sua caracterização espacial, os atlas linguísticos podem ser classificados de acordo com a maneira como os dados são inseridos e tal classificação se baseia na geração a

²³ Étant donné que les isophones franchissant les limites des langues sont des cas fréquents, presque habituels, semble-t-il, en géographie linguistique, et que visiblement la typologie phonologique des langues n'est pas sans rapport avec leur répartition dans l'espace, il serait important pour la linguistique (tant historique que synchronique) de déployer une activité collective et de dresser un atlas isolignes phonologiques du monde linguistique tout entier ou du moins de continents entiers.



que pertencem. A seguir, portanto, é possível compreender a distinção dessa tipologia, ilustrando cada item adequadamente.

Os da *primeira geração* são assim chamados por contarem apenas com a apresentação cartográfica de dados, a exemplo do *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB). A carta 30 a seguir ilustra o tipo do atlas.

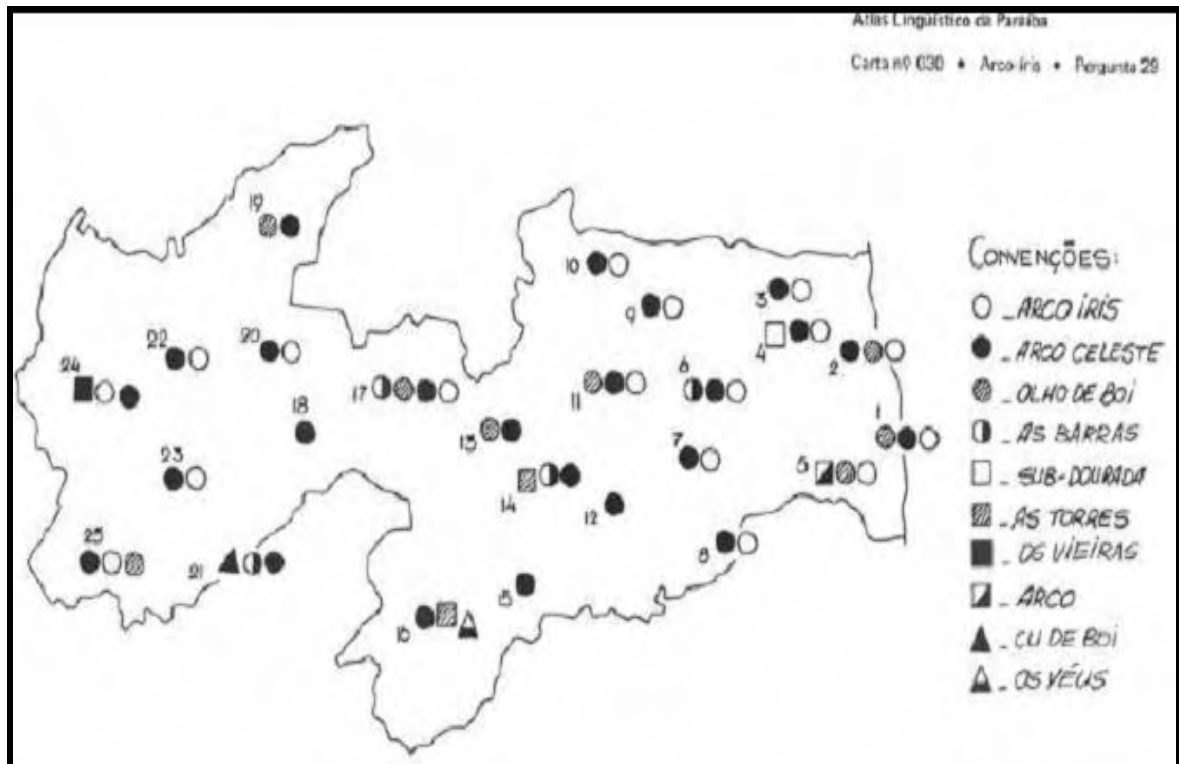


Figura 4: Exemplo de carta de um atlas de primeira geração (ARAGÃO & MENEZES, 1984)

Os atlas de *segunda geração*, por sua vez, possuem, junto às cartas, a interpretação dos fatos considerados sob a égide de comentários inseridos após essas cartas ou na forma de estudos vinculados a elas. Isso ocorre no *Atlas Linguistique Roman* e no *Atlas Linguarum Europae*.

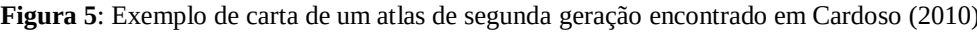
[illegible]

Figura 6: Exemplo de carta de um atlas de terceira geração (RASKY, 2004)

[illegible]

ATLAS LINGÜÍSTICO DE SERGIPE - II

85

MUXOXO

LEGENDA

■ Tunço

□ Homens

○ Mulher

— Hidrografia

— Rodovia

— Ferrovia

0 25 50 km

100.00
80.00
60.00
40.00
20.00
0.00

Homens

Mulher

Figura 8: Carta do Atlas *Linguístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2002)



Conforme as figuras 7 e 8, enquanto a primeira carta se caracteriza apenas pela visão diatópica dos dados, a segunda possui informações complementares, visando a uma melhor interpretação das realizações inseridas, como Cardoso (2010, p. 83) sugere:

- a) O conhecimento de aspectos etnolinguísticos;
- b) A possibilidade de consideração de aspectos sociolinguísticos;
- c) A identificação de características morfossintáticas;
- d) A inserção de aspectos semântico-estilísticos.

No âmbito de sua manifestação linguística, as cartas passaram a ser divididas em *fonéticas*, que consideram as realizações sonoras de determinado segmento; *lexicais*, que visam estabelecer ligações vocabulares entre os falantes das comunidades inquiridas, e as consideradas *propriamente linguísticas*, por se valerem de expressões comprovadas em cada ponto investigado dentro dos limites fonéticos e morfológicos.

Já do ponto de vista da apresentação, as cartas podem ser *sintéticas*, que instituem os limites das áreas correspondentes às formas peculiares e as *pontuais*, que armazenam integralmente as formas comprovadas em cada ponto de inquérito.

2.3 O CARÁTER PLURIDIMENSIONAL

A produção de cartas linguísticas tornou-se um domínio linguístico relevante no século XIX, à época em que houve um aumento abrupto de trabalhos cartográficos, tornando possível falar da origem do paradigma cartográfico em Linguística. Não obstante, desde o início, os atlas eram vistos como uma ferramenta produtiva na persecução de interesses geolinguísticos.

No entanto, como já se tem percebido em trabalhos mais recentes, um atlas não é necessariamente o resultado de impulsos cartográficos. Nos primeiros anos, os "atlas" eram baseados em informações espaciais, mas não cartográficas; inicialmente, um atlas, portanto, era apreendido como um compêndio baseado em fenômenos de dados espaciais de base (na melhor das hipóteses) empírica.

A despeito do enfoque eminentemente territorial dado aos primeiros atlas, as inovações metodológicas se encarregaram de manter acesa a perspectiva social, agregando mecanismos responsáveis pela inovação da língua ou por sua conservação.



Na perspectiva de Chambers & Trudgill (1998, p. 45),

[...] todos os dialetos são regionais e sociais. Todos os falantes têm um espaço social, bem como uma locação regional, e em sua fala, muitas vezes, identificam-se não só como nativos ou habitantes de um determinado lugar, mas também como membros de uma determinada classe social, faixa etária, etnia ou outra característica social (tradução nossa).²⁴

Essa visão foi responsável por estabelecer inovações aos atlas que, inicialmente, apresentavam dados *monostráticos*, *monogeracionais* e *monofásicos*. Contudo, tal perspectiva não é tão recente, uma vez que os autores do *Atlas Linguistique de La France*, no início do século XIX, já tentaram integrar a variação social no uso da língua, assim como Wenker, que comparou, em seu Atlas de 1889, o uso de linguagem de pessoas mais jovens e de mais idade.

No entanto, nos trabalhos pioneiros, a incorporação social dos dados linguísticos não era o objetivo real das suas investigações, ou seja, o atlas ainda enfocava apenas uma variedade falada por um tipo social de informantes (ou grupo social). Assim, eles seguiam uma abordagem *monodimensional*, concentrando-se em informantes com as seguintes características: "sexo masculino, idoso, analfabeto, sedentário e de origem rural"²⁵.

No Brasil, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963), o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG (1977), o Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (1984) e o Atlas Linguístico da Região Sul – ALERS (2002), que registra os falares paranaenses, catarinenses e riograndenses, constituem exemplos de atlas monodimensionais.

Porém, considerando que esse perfil de informante não retrataria com a devida perspicácia a realidade linguística, uma vez que variações sobrevividas de elementos diastráticos pareciam, quase sempre, impor-se às de natureza eminentemente diatópica, na Dialetologia Moderna, a exemplo do *Atlas Linguístico Diatopico e Diastrático Del Uruguay* (ADDU) construído por Thun & Elizaincín (2000), elementos sociolinguísticos passaram a ser inseridos na construção das cartas, alterando a tipologia de *monodimensional* para *pluridimensional*.

Desde o ADDU, os atlas mais recentes se valem da Geolinguística Pluridimensional, para os quais são levados em conta elementos sociolinguísticos desde a seleção dos

²⁴ All dialects are both regional and social. All speakers have a social background as well as a regional location, and in their speech they often identify themselves not only as natives or inhabitants of a particular place but also as members of a particular social class, age group, ethnic background, or other social characteristic.

²⁵ Tratam-se de características marcadas por Chambers & Trudgill (1998, p. 33) para informantes NORMs, acrônimo para “non mobile, older, rural, males”.



informantes à construção das cartas. Assim, pode-se, ousadamente, classificar o ALiPE como pertencente a uma *quarta geração*, a exemplo do projeto nacional que emprestou sua metodologia.

2.3.1 Dimensões e Parâmetros de Análise

Na Dialectologia Moderna, os atlas linguísticos passaram a ter mais do que o simples caráter diatópico, ou seja, a inserção dos dados segundo a extensão territorial. A partir dos critérios pluridimensionais, a análise passou a tomar um rumo social, permitindo com que algumas dimensões fossem acrescentadas, uma vez que “uma análise unidimensional e estritamente diatópica não era mais suficiente para explicar a variação linguística observada”, como menciona Winkelmann (1996, p. 343).

Assim, Thun & Elizaincín (2000) estruturaram a pluridimensionalidade nos atlas em diferentes dimensões a saber:

Dimensões	Parâmetros de análise
1. Diatópico	(o espaço territorial a ser investigado)
2. Diastrático	(dois grupos sociais, como, por exemplo, dois níveis de instrução)
3. Diageracional	(duas faixas etárias)
4. Diagenérica ou Diassexual	(dois sexos)
5. Diafásica	(dois estilos)
6. Diarreferencial	(contraste entre comentários e respostas)
7. Dialingual	(espanhol x português)
8. Diazonal	(duas zonas de localização: urbana e rural)

Quadro 1: Dimensões e parâmetros de análise pluridimensional conforme Thun & Elizaincín (2000)

Para se ter uma ideia dessa nova perspectiva, traça-se um panorama dessas dimensões, conceituando-as e exemplificando-as, a partir dos principais trabalhos já consolidados na área.



2.3.1.1 Dimensão Diatópica

A diatopia nos trabalhos dialetais tem sido registrada desde os primeiros estudos dessa natureza. Nessa dimensão, o foco recai para a variação espacial, sem, contudo, excluir a cultura do falante, como ratifica Cardoso (2010, p. 48):

A preocupação diatópica, seja porque os homens se situam, inevitavelmente, nos espaços geofísicos, seja porque as línguas e as suas variedades, pelas implicações culturais a que estão sujeitas e que indubitavelmente as refletem, têm um território próprio, ou seja, ainda, porque o homem é indissociável no seu existir e no seu agir, no seu ser e no seu fazer, tem sido uma constante nos estudos dialetais e desde os seus primórdios.

Além disso, a organização de cartas numa perspectiva monodimensional apenas documenta a ocorrência ou ausência de um fenômeno num espaço variacional limitado, o que levou Thun & Elizaincín (2000) a renunciar a exclusividade da dimensão diatópica no ADDU. Desta feita, os autores subdividiram essa dimensão em duas vertentes: a *diatópico-topostática*, com informantes demograficamente estáveis e a *diatópico-cinética*, com informantes que emigraram de áreas onde nasceram.

Vale, aqui, salientar que a questão diatópica também tem sido proeminente em trabalhos de cunho sociolinguístico, quando esses mostram a interferência diazonal na variação linguística, uma vez que se trata de um estudo a partir do qual se procura conferir as marcas que cada comunidade traz na língua, seja de etnias distintas ou zonas próximas de localização divididas pelas regiões *urbana* e *rural*.

No trabalho sobre o comportamento do /l/ em coda silábica realizado por Sá (2007), a *localidade*²⁶ foi a única variável selecionada pelo Goldvarb, de modo que a variante de prestígio [w] se sobressaiu na zona urbana com peso relativo superior ao existente na fala rural.

Contudo, Labov (1972) já havia verificado que os dialetos rurais podem se transformar em dialetos de grandes centros urbanos, por conta da migração. Com isso, “a complexidade do processo de homogeneização cultural na sociedade urbana não pode ser completamente explicada em termos de classes sociais porque tal categorização oblitera muitas possíveis diferenças entre os membros de uma mesma classe.” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 121)

²⁶ Nesse trabalho, a localidade foi classificada de acordo com a sua urbanização e, na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional, essa classificação faz parte da *dimensão diazonal* sobre a qual se encontram maiores informações no *subtópico 2.3.1.6 outras dimensões*, mais adiante.



Por essa razão, mesmo considerando que a variação dialetal é mais facilmente perceptível nos “espaços físicos, portanto geográficos” (CARDOSO, 2010, p. 47), o cruzamento de variáveis diatópicas e socioculturais tem permitido descrever a dinamicidade da língua, desmistificando interpretações previsíveis e ratificando qual o verdadeiro papel do homem na sociedade em que vive. Nessa perspectiva, a diatopia segue o padrão horizontal (espacial) e as demais dimensões seguem o padrão vertical (social), como o gráfico seguinte ilustra.

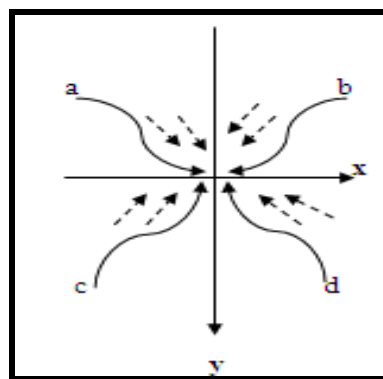


Gráfico 1: Inserção de dimensões sociais no espaço físico

O exemplo do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), organizado por Rossi, Isensee & Ferreira (1963), ilustra a diatopia presente nos primeiros atlas monodimensionais brasileiros.

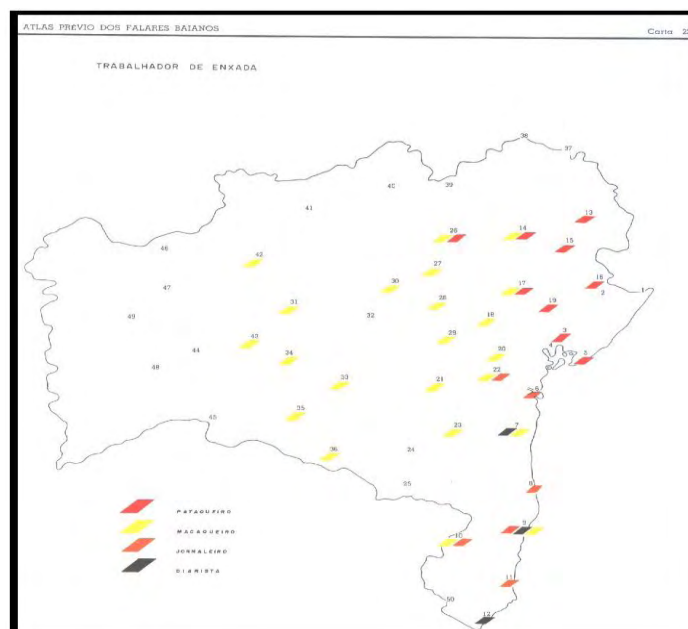


Figura 9: Carta do Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, ISENSEE & FERREIRA, 1963)



2.3.1.2 Dimensão Diageracional

Questões relacionadas à tipificação etária, ainda que embrionariamente, já eram discutidas nos trabalhos de Rousselot, em 1891, conforme citado em Pop (1950, p. 43): “O conhecimento da idade dos indivíduos observados é essencial para comparar as diferenças existentes entre a fala dos jovens e dos idosos e determinar o ponto de partida.”

Pop (*op cit*) também faz referência a outros trabalhos, com destaque para a faixa etária dos informantes, dentre os quais o *Atlas Linguistique de la France*, que teve pessoas selecionadas com perfis de 15 a 85 anos. O autor também cita o trabalho de Gauchat, que percebeu a variação fonética entre várias gerações de suíços. Para estudar um pouco mais sobre essa evolução, ele deu muita atenção à idade dos informantes.

Nesse ínterim, surgiu o trabalho realizado por Millardet em 1910 e, ao fazer referência à idade dos informantes, Pop (*op cit*), anos depois, preconiza:

No que diz respeito à idade, os sujeitos são bem mais jovens do que as pessoas mais velhas. Podemos, assim, “registrar ao vivo, no mesmo país e da mesma família, diferentes fases de uma transformação linguística”; isso “nos leva a determinar a direção da corrente e especialmente os casos (menos raros do que se pensa e sempre embaraçosos) de caminhada regressiva (tradução nossa).²⁷

Além disso, a partir da análise da faixa etária do falante de uma comunidade, é possível adquirir condições de analisar a relação da estabilidade de determinado fenômeno ou a existência de mudanças em andamento.

Mesmo consciente da importância de aplicar a idade às análises dialetais, só no século XX que as cartas linguísticas passaram a ser confeccionadas conforme a tipificação etária do informante, a exemplo do que Thun & Elizaincín (2000) fizeram no Atlas do Uruguai, acrescentando também outros elementos extralinguísticos à dimensão diatópica, confirmando a aceitação da pluridimensionalidade às pesquisas dialetais realizadas a partir de então.

Assim, em concordância com Margotti (2008, p.09), através da construção de cartas pluridimensionais, “é possível visualizar o grau e o modo de variação do fenômeno, fornecendo argumentos mais consistentes para as conclusões”.

²⁷ En ce qui concerne l'âge, les sujets sont aussi bien des jeunes gens que des personnes âgées. Nous pouvons de la sorte « saisir sur le vif, dans le même pays et la même famille, différentes étapes d'une transformation linguistique » ; celle-ci « nous met à même de déterminer la direction du courant et surtout les cas (moins rares qu'on ne croit et toujours embarrassants) de marche régressive.



2.3.1.3 Dimensão Diagenérica²⁸

Assim como a questão etária, o sexo também tem se mantido acentuado desde os primórdios da dialetologia. Pop (1950, p. 194) cita a inovação na linguagem feminina em detrimento da linguagem conservadora do homem no trabalho de Gauchat. Para ele,

[...] sua linguagem é que passará à linguagem dos jovens, porque as crianças tendem a seguir o exemplo das mulheres, que passam mais tempo em casa, na sociedade, a cozinhar, lavar e falar mais do que os homens, sobrecarregados pelo trabalho de campo, em que vemos, muitas vezes, taciturno e isolado durante todo o dia (tradução nossa).²⁹

Major (2004) menciona que diferenças baseadas no gênero do falante ocorrem em todas as línguas. Segundo ele, geralmente as mulheres usam mais formas de prestígio que os homens e cita exemplos que vão da contemporaneidade com Gauchat a trabalhos mais recentes, a exemplo de Fischer (1958), que verificou a preferência de rapazes pela variante estigmatizada *-in'* da forma do gerúndio em língua inglesa em contraste com o *-ing* usado pelas moças. Na verdade,

[...] além de desempenhar um papel importante na formação do auto-conceito, o gênero também é muito importante nas interações face a face. Embora interlocutores possam ou não observar certas características físicas de cada um, tais como a cor dos olhos, altura e peso, é raro o gênero passar despercebido. (MAJOR, *op cit*, p.179)

Chambers & Trudgill (1998), por sua vez, mostram que a interferência genérica ocorre também na linguagem infantil e exemplificam com uma pesquisa realizada em Edinburg em que houve variação *diagenérica* na fala de crianças de seis anos de idade.

Para confirmar a importância do gênero, Thun & Elizaincín (2000) construíram cartas para o ADDU usando as dimensões diatópico-diagenéricas e, antes disso, no Brasil, os atlas linguísticos do Paraná I e II e de Sergipe II partilharam dos mesmos parâmetros, como o

²⁸ Para prevalecer o caráter social, optou-se por priorizar a denominação diagenérica, conforme orientação encontrada em Milroy & Gordon (2003) e ratificada em Wardrough (2006, p. 315), pois, para eles, o termo relativo a sexo detém uma caracterização mais biológica, a exemplo do que fora citado no subtópico 1.2.1 'Variação social', p. 38.

²⁹ [...]c'est de son langage que celle-ci passera dans le langage de la jeunesse, parce que les enfants suivent plutôt l'exemple des femmes, qui passent beaucoup plus de temps à la maison, en société, à cuisiner, à laver et qui parlent plus que les hommes, pris par les travaux de la campagne, au milieu desquels on les voit taciturnes, et souvent isolés toute la journée.



exemplo da figura 10 demonstra, mesmo, em alguns casos, com as ocorrências registradas apenas por um dos gêneros :

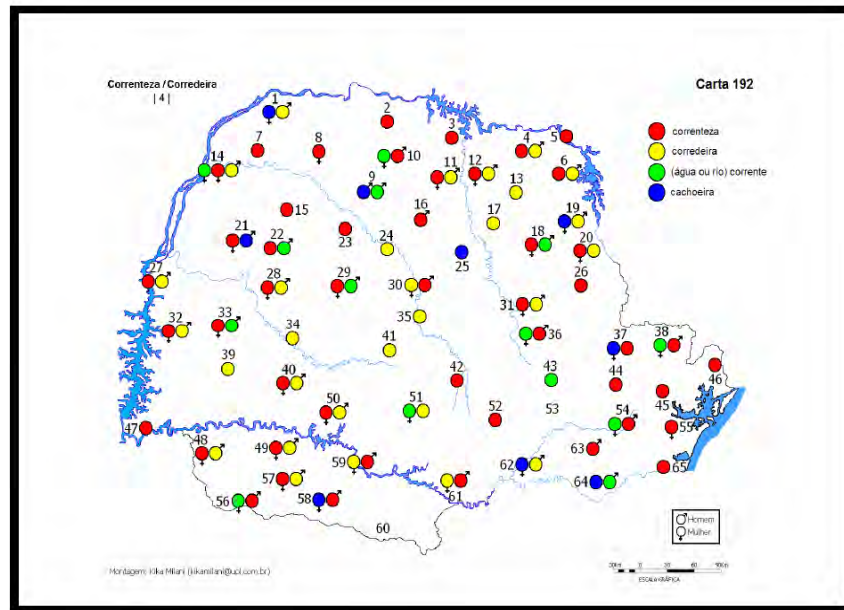


Figura 10: Carta do Atlas Linguístico do Paraná II (ALTINO, 2007)

2.3.1.4 Dimensão Diastrática³⁰

Nos primeiros trabalhos dialetais citados em Pop (1950), não há referências diretas à escolaridade, mas apenas insinuações referentes a outros aspectos sociais como os níveis socioeconômicos, como ocorre no trecho em que ele menciona as diferenças linguísticas entre os senhores da elite e os plebeus no trabalho de Rousselot.

Ao citar o *Atlas Linguistique de la France*, Pop (1950, p. 126 - 127) apresenta superficialmente um recorte sobre o grau de instrução do informante e anuncia a divisão em duas categorias de informantes, os de instrução primária e secundária, mas esclarece:

A primeira categoria. – Os informantes de mais de 200 localidades (quase um terço do total) são pessoas que tiveram uma boa instrução; são os intelectuais das localidades, considerados por quase todos os investigadores contemporâneos como

³⁰ Via de regra, compreende-se a *dimensão diastrática* como detentora de um caráter não exclusivamente *diatópico*, podendo, assim, agrupar outras dimensões cujos parâmetros exprimem a natureza social. Porém, considerando interpretações de trabalhos já concluídos, é preferível que se caracterize a *diastratia* apenas pelo nível de escolaridade.



informantes ruins; A segunda categoria: As pessoas dessa categoria não teriam uma formação superior, a julgar pela sua atividade profissional (tradução nossa).³¹

Sobre a relevância do grau de instrução, Votré (2004) afirma que as formas socialmente prestigiadas são semente e fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão. Estão, por sua vez, reguladas e codificadas nas gramáticas normativas, em que adquirem o estatuto de formas corretas, a serem ensinadas, aprendidas e internalizadas através do longo processo escolar. E ainda reforça:

O domínio maior ou menor do prestígio culto da língua depende de muitas variáveis. Entre elas, o comportamento de experiências, a consciência do grau de prestígio atribuído a cada participante do processo interativo e o esforço de cada interlocutor em dar conta das tarefas comunicativas de modo a garantir êxito nos contextos em que quer figurar. (VOTRE, *op cit*, p. 56)

Uma vez que o nível socioeconômico e de escolaridade do indivíduo parecem ter relevância sobre seu desempenho linguístico, como afirma Tarallo (1986), Thun & Elizaincín (2000) optaram por classificar os informantes selecionados para o ADDU a partir do critério sociocultural, dividindo-os em grupos socioculturalmente baixos e altos em igualdade de faixa etária, como o exemplo da carta 2 comprova a seguir:

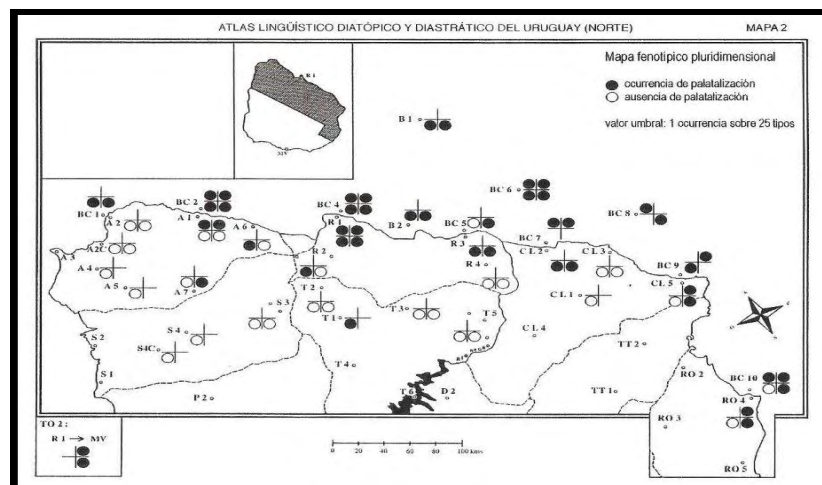


Figura 11: Carta do *Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático Del Uruguay* (ADDU) (THUN & ELIZAINCÍN, *op cit*)

³¹ La première catégorie. — Les témoins pour plus de deux cents localités (presque un tiers du total) sont des personnes qui ont dû avoir une bonne instruction ; ce sont les intellectuels des localités, considérés par presque tous les enquêteurs contemporains comme de mauvais informateurs; La seconde catégorie. — Les personnes de cette catégorie ne doivent pas avoir eu une instruction supérieure, à en juger d'après leur occupation.



2.3.1.5 Dimensão Diafásica

Essa dimensão se responsabiliza pela liberdade de expressão do falante, o que permite a concordância com Thun & Elizaincín (2000, p. 11), ao mostrar que:

[...] toda fala é fásica, ou seja, se realiza em um estilo e enquanto houver situações comunicativas e diferentes intenções expressivas, haverá variação diafásica, o que quer dizer que sempre existe para o falante a possibilidade de selecionar entre vários registros (tradução nossa).³²

Compreende-se, então, que esse tipo de dimensão pode ser aplicado em qualquer nível de análise linguística, seja fonético, lexical ou sintático, a depender da liberdade que o falante possua junto a seu interlocutor. Pode-se exemplificar com a lexia *mesma* em que se pronuncia a fricativa alveolar surda /s/ de modo aspirado, não porque o falante mora em determinado lugar, nem porque ele pertence a sua camada social, mas pelo seu grau de espontaneidade. Da mesma forma, ocorre quando uma pessoa num momento de descontração, brincando com alguém, usa determinada lexia pouco comum em seu nível social ou quando comete uma flutuação na concordância verbal, que não se justifique pelo desconhecimento da norma, mas pelo relaxamento no momento de proferir a expressão.

Justamente no Português do Brasil, análises realizadas por Mota (2002) mostraram alternância de realização fonética da oclusiva dental surda /t/ em lexias do tipo *muito*, *prefeito* e *peito* no momento de discurso livre, ao contrário do proferido nas perguntas mais objetivas. No mesmo estudo, a autora verificou a variação da oclusiva dental sonora /d/, em formas gerundivas como *fervendo*, *remando*, *sorrindo*.

2.3.1.6 Outras dimensões

Corroborando com as inovações nos parâmetros para análise dialetal ponderados há muito tempo, mas somente adotados em trabalhos recentes, há outras dimensões de natureza extralinguística focalizadas em pesquisas da descrição geo-sociolinguística.

Uma dessas dimensões, já mencionada anteriormente, consiste numa amplitude da perspectiva diatópica, passando, então, à dimensão *diazonal*, por considerar com parâmetro de

³² toda habla es fásica, es decir, se realiza dentro de un estilo y que en tanto haya situaciones comunicativas e intenciones expresivas diferentes, habrá variación diafásica, lo que quiere decir que siempre existe para el hablante la posibilidad de seleccionar entre varios registros.



análise os espaços urbanos e rurais, uma vez que parece haver inovação na fala dos habitantes citadinos em relação aos do campo, como ocorreu na pesquisa de Margotti (2004), conforme a demonstração pictográfica na figura 12 pode comprovar.

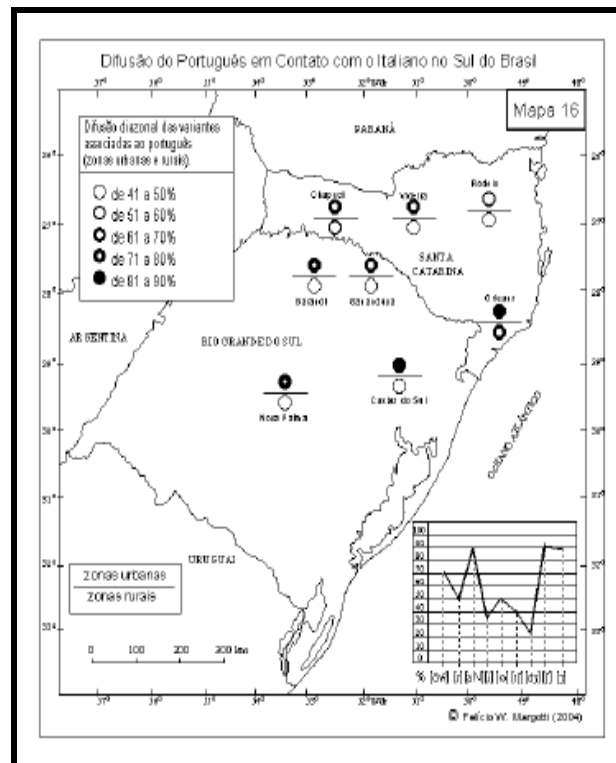


Figura 12: Carta com a distinção diazonal entre brasileiros e italianos no Sul do Brasil (MARGOTTI, 2004)

Por se tratar de um trabalho sobre o comportamento linguístico de habitantes de duas naturalidades distintas, a mesma pesquisa tratou de investigar até que ponto a etnia interfere na variação do Português, o que foi possível graças à análise da *dimensão dialingual*. Nesse mesmo pensamento, encontra-se, também, o ADDU, ao traçar comparações entre o Português Brasileiro e o Espanhol falado no Uruguai, por serem regiões fronteiriças, do mesmo modo que Reis (2006) executou no *Atlas Linguístico de Ponta-Porã (MS)*, cujo intuito era verificar o contato linguístico entre falantes do Português e do Espanhol falado no Paraguai.

Conforme encontrado em Aguilera & Yida (2008), a *dimensão diarreferencial* foi inserida aprioristicamente nos questionários do *Atlas Linguístico do Brasil (ALIB)*, por meio de questões metalinguísticas, que almejam investigar a crença e as atitudes linguísticas do informante. Margotti (*op cit*) também considera referências *epilinguísticas* como percussoras



desse parâmetro. Assim, enquanto a metalinguística se constitui da língua que fala sobre a própria língua, a epilinguística é uma língua que fala acerca de outra língua.

Vale salientar, aqui, o projeto para elaboração do *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata* (ALMA), coordenado por Harald Thun e Cléo V. Altenhofen, que segue a geolinguística pluridimensional e, além das dimensões já citadas, também procura organizar o *corpus* a partir da religiosidade do informante, constituindo, assim, a *dimensão diarreligiosa*, segundo da relação entre católicos e evangélicos-luteranos.

Conforme mencionado anteriormente, o Atlas Linguístico de Pernambuco segue basicamente a metodologia do Atlas Linguístico do Brasil, o que contribuiu para que fossem utilizadas as mesmas dimensões por ele adotadas, quais sejam: a *diatópica* e a *diastrática* (*diageracional* e *diagenérica*), sem excluir a possibilidade de, num trabalho futuro, buscar interpretações calcadas nas demais dimensões.

2.4 DOCUMENTAÇÕES DIALETOLÓGICAS: DA EUROPA À AMÉRICA LATINA

Por conveniência teórica, já constam, ainda que superficialmente, informações sobre alguns dos principais atlas linguísticos confeccionados na Europa e na América Latina, no que concerne à sua estrutura territorial e sua evolução dimensional. No entanto, faz-se necessário, neste momento, que se apresente como eles foram construídos *pari passu* e como foram distribuídos os fenômenos mais relevantes. Além disso, serão enfatizadas as fases da Dialetologia no Brasil, desde os primeiros estudos inspiradores já concretizados até os atlas estaduais em fase inicial ou adiantada de preparação.

2.4.1 Atlas Linguístico da França (ALF)

Arquitetado por Jules Gilliéron, o *Atlas Linguistique de France* (A.L.F) teve por objetivo convencionar sobre bases sólidas o estudo dos *patoás* galo-romanos, tais como a Bélgica românica ou a Valônia e a Suíça românica.

Com um questionário de aproximadamente 1500 frases e palavras habituais, o linguista procurou obter o essencial dos níveis lexicais, com ênfase a arcaísmos e neologismos fonéticos, morfológicos e até sintáticos, permitindo discorrer sobre a flexão dos pronomes, as conjugações, a exemplo do que os atlas mais modernos continuam a analisar.



Para a pesquisa, Gilliéron contou com um único pesquisador, Edmond Edmont, que precisou percorrer os 630 pontos determinados *ab initio*, o que requeria a permanência de até dois dias no campo, para inquirir apenas o informante mais adequado aos propósitos da pesquisa.

Sobre o número excessivo de pontos de inquérito, o autor explica:

Este número de pontos foi fixado antecipadamente e proporcional à importância da variação que o falante parecia ter a apresentar; não precisa dizer que não havia um ponto definitivo, que era sujeito a uma revisão ditada pelas verificações feitas no decorrer da viagem. Na verdade, não se trata do departamento onde podemos ter mantido o número de pontos de inquérito que havia sido originalmente criado. (tradução nossa) (GILLIÉRON, 1902, p. 4)³³

Para dar conta da pesquisa, foram necessários quatro anos (1897-1901) e os resultados foram, *a posteriori*, transcritos por Jules Gilliéron num mapa do país galo-romano, cuja publicação só foi concluída quase dez anos depois, em 1910.

É fato que o Atlas de Gilliéron se tornou um marco na Geografia Linguística e sua experiência serviu de inspiração teórico-metodológica para todos os teóricos que ousaram criar atlas posteriores por toda parte. Contudo, esses teóricos também não economizaram nas críticas, dentre elas o fato de só ser considerada a primeira resposta dada, nada obstante surgissem outras formas aproveitáveis.

Ao analisar erros nas ocorrências fonéticas dispostas nas cartas do ALF, Lerond (1964, p. 558) pondera:

Como Gilliéron desconhecia a fonologia e o conceito do sistema fonológico, as transcrições do Atlas são necessariamente sujeitas a equívocos e podem não fornecer base sólida para estudos de fonética e morfologia. (...) É importante saber, não como falamos em um determinado momento, mas como podemos falar em um determinado país (tradução nossa).³⁴

Por isso, independentemente de haver várias espécies de um mesmo objeto questionado, só era considerada a primeira resposta, já que os informantes deveriam

³³Ce nombre de points était fixé d'avance et proportionné à l'importance de la variation que le parler nous paraissait devoir présenter; mais il va sans dire qu'il n'était point définitif, qu'il restait sujet à une révision dictée par les constatations faites dans le cours des voyages. De fait, il n'est guère de département où nous ayons maintenu le nombre de points d'enquête qui avait été fixé primitivement.

³⁴ Comme Gilliéron ignorait la phonologie et la notion de système phonologique, les transcriptions de l'Atlas sont nécessairement sujettes à caution, et ne peuvent servir de base solide à des études de phonétique ou de morphologie. (...) Il importe de savoir, non pas comment a parlé tel individu à un moment donné, mais comment on parle dans un pays déterminé.



considerá-la. Isso pode ser ilustrado em casos como o da palavra “voiture” (carro) (LEROND, 1964, p. 251), que poderia ter outras acepções como *charriot* (carruagem), *charette* (carro-de-boi) ou *bobine* (carro em que se enrolam fios).

A mesma equipe do ALF se dedicou, anos mais tarde, à elaboração do *Atlas Linguístico da Córsega* (ALC), entre 1914 e 1915.

A região, de extensão inferior à contemplada no ALF, permitiu aos autores, consideravelmente experientes, um atlas bem mais detalhado. Porém, os trabalhos não foram finalizados por causa da 1ª Guerra Mundial. A previsão era que o ALC resultasse em dez volumes, mas apenas quatro foram concluídos. O restante do material encontra-se compilado na Biblioteca Nacional de Paris.

Não obstante o número de críticas à estrutura do ALF, outros trabalhos surgiram tendo o atlas pioneiro como inspiração, como tem ocorrido até hoje nas mesas dos grandes dialetólogos do mundo. Exemplos disso são outros atlas desenvolvidos na França tais como o *Atlas Linguístico e Etnográfico do Leonês*, do *Maciço da Champanha e da Brie*, da *Gasconha*, bem como o da *Alsácia* e dos *Pireneus Orientais*.

2.4.2 Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional (AIS)

Ainda inspirado em Gilliéron, o AIS foi projetado pelos pesquisadores suíços Jakob Jud e Karl Jaberg, que organizaram um *corpus* baseado na aplicação de três questionários, sendo o primeiro com 800 perguntas, o segundo com 2000 e o terceiro com 4000 questões. A diagnose total durou, ao todo, seis anos.

O pioneirismo desse atlas ficou a cargo da pesquisa etnográfica e de palavras relacionadas com as coisas, que resultaram em 1705 mapas, 1900 desenhos e 4000 fotografias, dando preferência ao léxico da cultura das regiões estudadas.

Foram projetados oito volumes, sendo a introdução, dentro do primeiro volume, publicada em 1928 e o último em 1940. Para Duraffour (1929, p. 652), a responsabilidade do inquiridor foi imprescindível para o resultado do trabalho:

O investigador é o soldado da batalha que sempre está numa pesquisa linguística: é o soldado, é o general que vence batalhas? Sabe-se que as opiniões são



compartilhadas. Mas eu sei que, em linguística, um bom investigador está sempre fazendo algo, um mau nunca faz nada de bom (tradução nossa).³⁵

2.4.3 Atlas Linguístico da Inglaterra (LAE)

A proposta para a criação do Linguistic Atlas of England (LAE) surgiu com a pesquisa de campo realizada entre 1950 e 1961, tendo como pontos de inquérito, vilarejos que não ultrapassavam os quinhentos habitantes com idade superior aos 60 anos, pertencentes, principalmente à agricultura.

Foram construídas 249 cartas fonéticas, 65 léxicas, 83 morfológicas e 9 sintáticas, com o objetivo de apresentar informações sobre o uso da linguagem corrente de habitantes mais idosos pertencentes a comunidades fazendárias da Inglaterra rural. Com isso, as cartas procuram mostrar a natureza dos traços distribucionais regionais, que têm persistido por vários anos. A figura 13 mostra um exemplo de carta do atlas, com isoglossas do uso do relativo *which*.

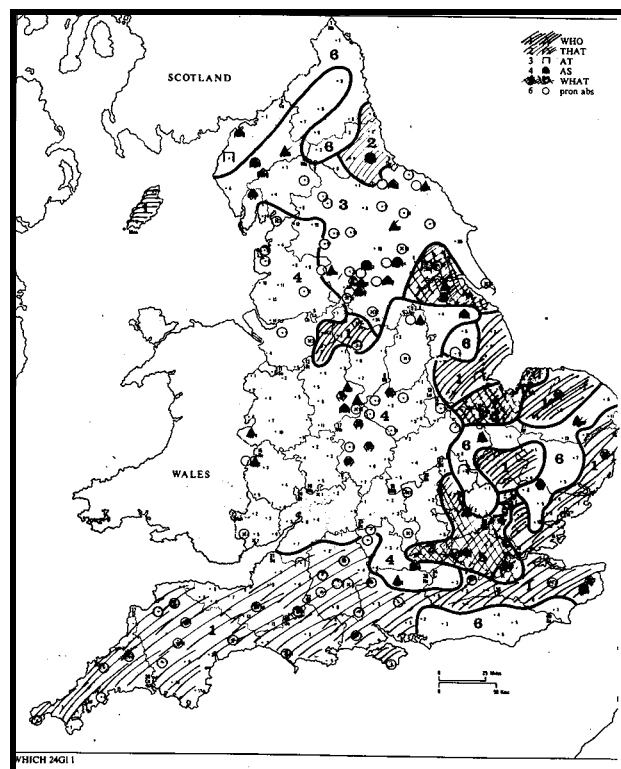


Figura 13: Carta do Atlas Linguístico da Inglaterra (HUBER et al.2006)

³⁵ L'enquêteur est le soldat de cette bataille qu'est toujours un relevé linguistique : est-ce le soldat, est-ce le général qui gagne les batailles ? On sait que les avis sont partagés. Mais je sais bien que, en linguistique, un bon enquêteur fait toujours quelque chose, un mauvais jamais rien de bon.



2.4.4 Atlas Linguístico Italiano (ALI)

A ideia de criar o *Atlante Linguistico Italiano* (ALI) surgiu de Matteo Giulio Bartoli durante os anos anteriores à Primeira Guerra Mundial, mas sua composição só começou em 1924 na Universidade de Turim pela Sociedade Filosófica Friuliana "G. I. Ascoli" em Udine. Tal ideia foi bravamente apoiada e não demorou muito a ser colocada no papel.

Com sua grande quantia de materiais etnolinguísticos (mais de 5 milhões de cartões dialetais e cerca de 10.000 fotografias etnográficas de alto valor documental), o *Atlante Linguistico Italiano* é considerado a maior conquista nacional da Dialetologia e um dos maiores entre as obras similares já publicadas ou em curso na Europa e até fora desse continente.

O plano original da obra, elaborada por Bartoli envolvia um questionário muito longo (mais de 7.000 itens), dividido em uma parte geral (incluindo o léxico básico) e uma parte especial (dedicada ao léxico das diversas atividades humanas, tais como artes, ofícios e pesca). Do mesmo plano, também fazia parte o roteiro construído por Giuseppe Vidossi sobre jargões, costumes, hábitos, crenças locais, ciência e literatura.

A grande quantidade de pontos de inquérito (mais de 1.000, incluindo as áreas de *aloglotas* como albaneses, catalães, franco-provençais, gregos, provençais, eslavos, alemães e egípcios) foi escolhida por Bartoli, a partir de um critério teórico que lhe permitiria conseguir, ao mesmo tempo, as tendências arcaicas e inovadoras de vernáculos italianos.

Para a publicação de materiais, o plano do Bartoli incluiu a preparação de 2.000 cartas, em 15 volumes no mesmo tamanho, escala e características do Atlas Linguistique de la France (ALF) de Jules Gilliéron e Edmond Edmont.

Após a crise profunda do período pós-guerra, foi possível retomar o trabalho apenas em 1952, quando Benvenuto A. Terracini voltou à Itália de seu exílio e assumiu o lugar de Bartoli. Assim, a coleção foi concluída, não sem dificuldades, em 1964, também graças a contribuições financeiras periódicas oferecidas pelo Conselho Nacional de Pesquisa. Porém, até o momento, apenas três volumes foram publicados, sendo o terceiro em 1997, sobre “vestuário.”

Além do ALI, também foi proposto outro projeto com o acrônimo de VIVALDI, ou seja, *VIVAio, Acustico delle Lingue e dei Dialetti d'Italia*, título do projeto de um Atlas Linguístico Acústico da Itália, dividido de acordo com regiões.



Conforme encontrado em Kattenbusch (2011), o questionário é composto por cerca de 350 frases-estímulo. Para permitir que qualquer estudo fonético seja realizado *a posteriori*, o autor fez questão de incluir todos os sons e suas combinações. Houve, ainda, alguns critérios fonéticos das questões que buscavam designar a) fenômenos lexicais como, por exemplo, a questão de nomes diferentes para *menino* e *menina*, de acordo com a idade; b) os fenômenos morfológicos, como o uso ou omissão de artigos; c) e os fenômenos sintáticos, como, por exemplo, a relação entre tempo e modo verbais. Um exemplo de carta fonética pode ser contemplado na figura a seguir.

Como se trata de um *atlas parlant*, à medida que se clica no símbolo disposto no ponto de inquérito, tem-se a realização proferida pelo informante e, para se ter uma ideia da estrutura das cartas do VIVALDI, exemplifica-se com as ocorrências para o item *l'acqua* (a água). Ao ser clicado em qualquer um dos pontos, surge a informação do item em questão e o link para ouvir a pronúncia.

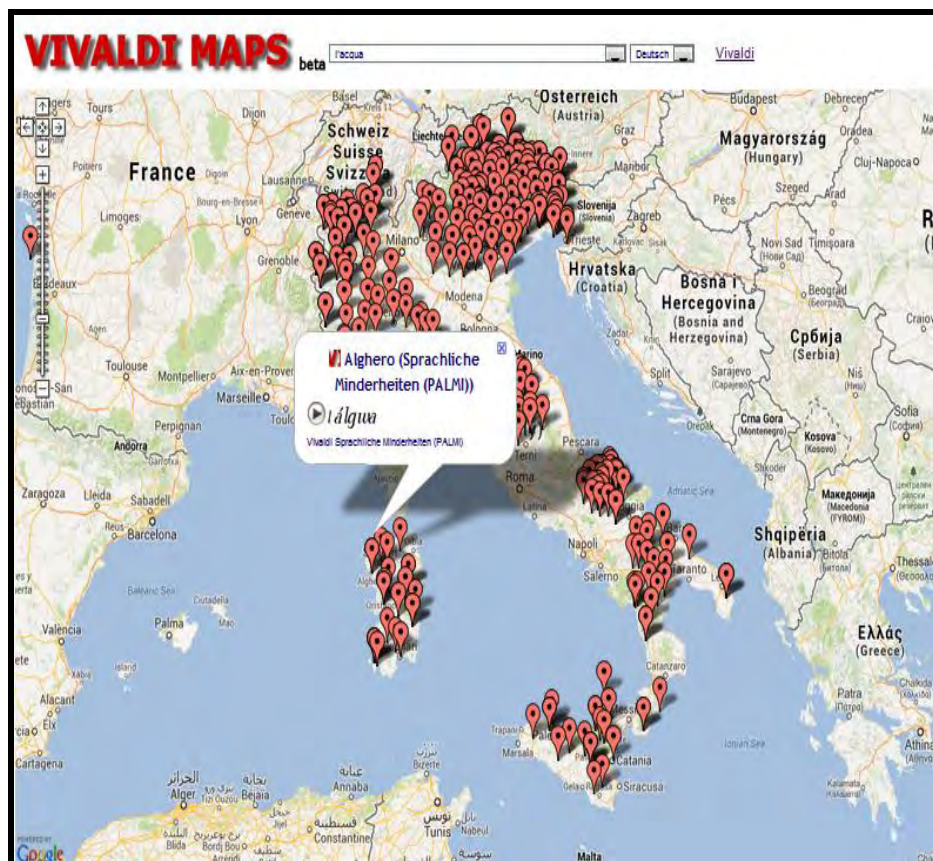


Figura 14: Carta fonética com as realizações de *l'acqua*.

Fonte: Home page: http://www2.hu-berlin.de/vivaldi/index_map.php



2.4.5 Atlas Linguístico da Alemanha (DSA)

O foco principal do *Atlas Linguístico da Alemanha* ou *Deutscher Sprachatlas* é o estudo das variedades não-padrão e regionais da língua alemã. Além de abrigar uma equipe dedicada e acessível de pesquisadores, que detém uma coleção única e extensa de dados e documentos, uma biblioteca especializada e equipamentos para aquisição de dados e análise.

Atualmente a pesquisa abriga várias vertentes, quais sejam: fonética, prosódia, fonologia, morfologia e sintaxe, com ênfase na estrutura e dinâmica da variação do alemão falado.

Inspirados nos trabalhos pioneiros de Georg Wenker, continuaram a se desenvolver ferramentas teóricas e metodológicas para investigar empiricamente a variação linguística do alemão no tempo e no espaço, como é o caso do *Digital Wenker-Atlas* (DIWA) com dados linguísticos coletados de mais de 40.000 locais entre 1876 e 1887.

Dentre as publicações, destacam-se o *Kleiner Deutscher Sprachatlas* (Pequeno Atlas Linguístico Alemão), entre 1984 e 1999, em tomos assim distribuídos: Consoantes Oclusivas (1984); Consoantes Fricativas (1987); Vocalização (1995) e Ditongos (1999), conforme divulgado no próprio site do projeto³⁶.

2.4.6 Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)

Constam que as pesquisas dialetais em Portugal foram realizadas, inicialmente, nos anos 70. Essas pesquisas resultaram em um atlas cujo principal objetivo era verificar o domínio do galego-português. Seus inquéritos foram iniciados no final de 1973 e concluídos em 2004. A rede de pontos chegou ao patamar de 212, escolhidos de acordo com o maior ou menor grau de variação linguística de cada uma das regiões e a sua densidade, conforme a seguinte distribuição: do território continental português, foram selecionados 176 pontos; do território insular português, foram escolhidos 24 pontos, sendo 7 do arquipélago da Madeira e 17 no arquipélago dos Açores, além de 12 pontos da zona fronteiriça. Os informantes, por sua vez, tinham a faixa etária superior aos 50 anos e responderam a cerca de 1500 perguntas sobre agricultura e agropecuária.

A figura seguinte mostra os pontos de inquérito para ALEPG:

³⁶ Informações sobre o projeto e suas publicações são encontradas no site <http://www.deutscher-sprachatlas.de/>



Figura 15: Distribuição de inquéritos do ALEPG a partir de Saramago (2006)

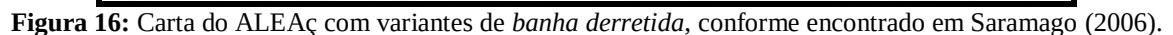
Sobre o estágio atual dos trabalhos, Saramago (*op cit*, p. 284) afirma que:

[...] atualmente a equipe, que se encontra reduzida a 3 elementos, procede à audição e respectiva transcrição, para os questionários linguísticos, dos materiais recolhidos em cada um dos inquéritos. Os inquéritos foram gravados na íntegra em suporte magnético. O total de horas que atualmente constitui o arquivo sonoro atinge cerca de 4500 horas. Nestes últimos anos, o material gravado foi copiado para suporte digital, de modo a garantir uma melhor e mais satisfatória conservação.

2.4.7 Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores (ALEAç)

Dentro do ALEPG, encontra-se outro atlas linguístico de áreas lusitanas, o *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç)*, sendo, esse, o primeiro atlas publicado em Portugal, em 2001. A exemplo de outros atlas mais modernos, o dos Açores segue a mesma perspectiva diagenérica, embora também tenha se percebido uma quantia de homens superior

O número de pontos de inquérito chega a 17, levando em conta a diversidade linguística revelada pelos inquéritos experimentais e pela bibliografia existente, além da dimensão e a configuração de cada ilha e, basicamente, a distribuição da população não urbana. Na figura 16, é possível contemplar o exemplo da carta 126, com as variantes para *banha derretida*, encontradas nos Açores.



As pesquisas para o primeiro *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Colômbia* começaram em 1964 no Instituto Caro y Cuervo, de Bogotá, cuja culminância ocorreu entre 1981 e 1983, sendo esse o primeiro atlas lingüístico nacional de um país latino-americano a ser publicado na íntegra.



O *corpus* foi coletado a partir de um questionário cuidadosamente preparado por Thomas Buesa Oliver e Luis Florez durante o ano de 1955. A sua forma preliminar contém 8.065 perguntas que, após várias pesquisas de teste, foram reduzidas para aproximadamente 1.400. A extensão do questionário do projeto ocorreu com o objetivo de servir de ajuda ou orientação para outros questionários de atlas hispano-americanos.

O questionário do ALEC começou com perguntas lexicais, que são as mais numerosas. No final, há questões sobre fonética, morfologia e sintaxe.

Como na Colômbia há regiões de clima frio, temperado ou clima quente durante todo o ano, as perguntas sobre indústrias agrícolas e culturais deram material abundante para as interpretações esperadas.

O perfil dos informantes teve certa semelhança com o que se vê na metodologia dos atlas brasileiros mais contemporâneos, ou seja, conforme encontrado em Florez (1964, p. 203 - 204), são inquiridos “em cada localidade, pelo menos, quatro informantes, na medida do possível, nativos da mesma, sendo homens e mulheres de 30 a 60 anos de idade, pertencendo tanto à zona urbana quanto à rural de classe social baixa e média, além de alguns analfabetos e outros informantes com pouca escolaridade.”

Ao todo, o ALEC possui seis volumes, tendo, cada um, temáticas específicas assim distribuídas: I- Tempo e espaço. Campo. Cultivos. Outros vegetais. Algumas indústrias relacionadas com a agricultura; II- Criação de gado. Animais domésticos. Animais silvestres; III- A família, ciclo da vida. Instituições. Vida religiosa. Festividades e distrações; IV- O vestuário. A casa; V- A alimentação. O corpo humano; VI- Ofícios e empregos. Embarcações e pesca. Transportes. Fonética. Gramática.

A figura seguinte apresenta uma amostra do ALEC digital³⁷, proposto pelo Instituto Caro y Cuervo, de modo a possibilitar a interação com estudiosos da área de Geografia Linguística.

³⁷ Maiores informações podem ser encontradas no site <http://www.lenguasdecolombia.gov.co/alec/>

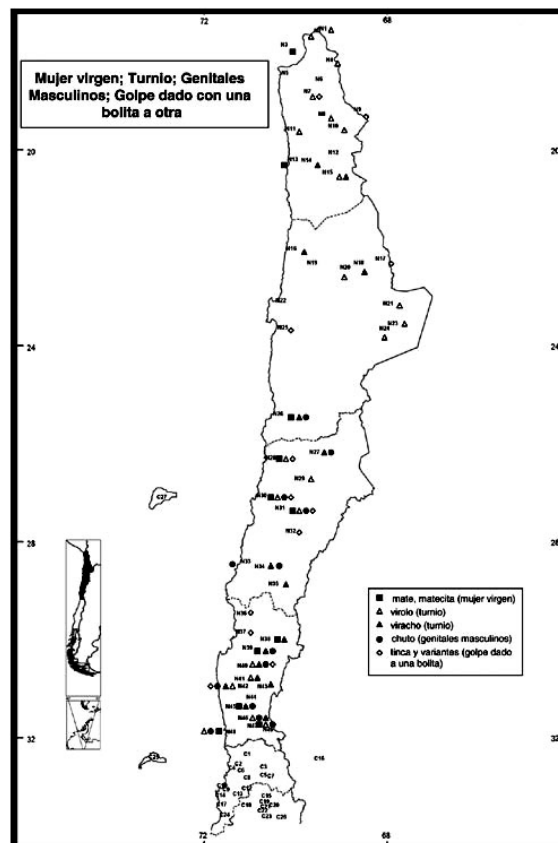


Figura 18: Carta do Atlas Lingüístico-Etnográfico do Chile encontrado em Wagner (2004)

2.4.10 Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU)

A proposta para a criação do *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU) foi capitaneada por Adolfo Elizaincín e Harald Thun e publicada em dois volumes em 2000, causando uma virada no método geolinguístico com a perspectiva pluridimensional.

Para ele, dois questionários foram elaborados em quatro anos, a partir de 1985, sendo um para falantes de espanhol, outro para os falantes do português no Uruguai. Neles há questões de cunho lexical, gramatical, fonético e algumas de nível pragmático.

Como ocorre em outros projetos de mesma natureza, os questionários passaram por alterações quantitativas, ou seja, na primeira versão, as perguntas hispânicas elaboradas em 1989, perfizeram 886 itens e na última versão de 1992, o número chegou a 1013 questões. Já as questões lusitanas passaram de 802 a 1152 itens.

As 75 questões de nível estatístico e sociolinguístico possuíam aspectos relativos ao bilinguismo e as 400 questões estritamente linguísticas visavam estabelecer comparações entre os resultados obtidos nos inquéritos.



O exemplo da figura 19 mostra como foram distribuídas as realizações para *caçula*, quando a questão foi dirigida aos lusitanos.

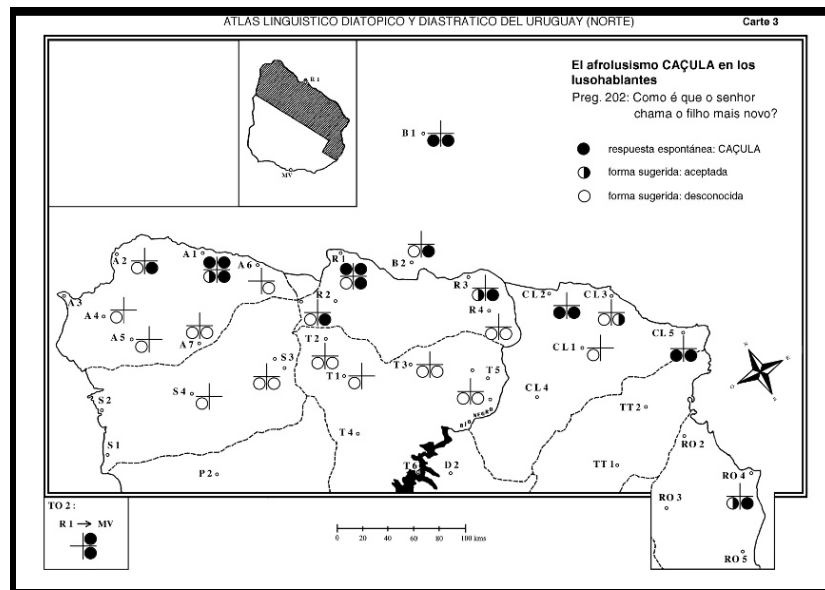


Figura 19: Carta do *Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático do Uruguai* - realizações para ‘caçula’ (THUN & ELIZAINCÍN, 2000)

Seguindo o mesmo modelo pluridimensional do ADDU, foi projetada a criação do *Atlas Lingüístico Guarani – Românico*, de modo a verificar a variação em uma língua indígena sul-americana, o guarani.

2.4.11 Atlas Lingüístico do Peru (ALP)

O *Atlas Lingüístico do Peru* é uma obra que contém um conjunto de 56 cartas, acompanhadas de seis tabelas e seis anexos estatísticos que dão conta da distribuição e da densidade de falantes de línguas diferentes do Peru.

As cartas fornecem, além de informações lingüísticas, vias de comunicação e a população das grandes capitais até o nível distrital. As tabelas e os anexos estatísticos refletem dados sobre quantidades e percentagens de falantes de línguas por povos étnicos, por idade de grupos, taxa de analfabetismo por departamento e detalhes sobre a origem dos falantes de línguas (*status* de migração).



Um fato adicional do atlas é o índice de substituição linguística, elaborado a partir do estudo da composição de faixa etária dos falantes, de modo a mostrar a taxa de substituição das línguas indígenas nas próximas décadas.

Sobre a metodologia do atlas, Rivera (2001) afirma que os informantes tinham cinco anos ou mais, com base no idioma ou dialeto falado em sua infância.

2.4.12 Atlas Linguístico do México (ALM)

Os estudos dialetais na América do Norte se iniciaram em 1931 com a realização das pesquisas para o *Atlas Linguístico da Nova Inglaterra*, que foram concluídas em 1933. Nessa pesquisa, 416 informantes foram entrevistados em 213 comunidades nos Estados da Nova Inglaterra. As respostas às 750 perguntas foram documentadas em transcrição fonética sem o benefício da gravação eletrônica. Contudo, a publicação dos resultados só ocorreu dez anos depois.

De 1933 a 1962, mais oito atlas de regiões dos Estados Unidos foram concluídos: *Atlas Linguístico dos Estados do Atlântico Sul e do Médio Atlântico*, *Atlas Linguístico dos Estados do Centro-Norte*, *Atlas Linguístico dos Estados do Golfo*, *Atlas Linguístico do Oeste Médio*, *Atlas Linguístico de Oklahoma*, *Atlas Linguístico dos Estados das Montanhas Rochosas*, *Atlas Linguístico do Pacífico Oeste* e *Atlas Linguístico do Noroeste Pacífico*.

Essa quantia de atlas americanos já concluídos foi o pontapé inicial para a elaboração de uma proposta para a criação do *Atlas Linguístico do México* por volta de 1965. Nesse ano, estudiosos pensaram em fazer um levantamento sistemático em todo o país, no intuito de coletar informações necessárias que permitissem definir as diferentes áreas dialetais mexicanas, sob a forma de atlas linguísticos regionais.

Nada obstante a divisão dialetal realizada por Pedro Henríquez Ureña em seis zonas ter sido caracterizada insuficiente para os resultados esperados, outro projeto foi apresentado um ano depois pelo Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Colégio do México e foi aprovado, o que o tornou o projeto oficial de delimitação de áreas dialetais mexicanas.

Inquéritos experimentais foram realizados entre 1968 e 1969, sendo esses substituídos por inquéritos definitivos entre 1970 e 1979. Já o processo cartográfico teve início em 1980 e foi concluído em 1985.

A escolha dos pontos foi determinada por aspectos históricos e geográficos de cada região do México, sendo que o Planalto Central e as Costas Sul e Central do Golfo do México



acabaram sendo estudadas mais detalhadamente do que os territórios semi-desertos de Rios do Norte, da Península de Baja Califórnia e outras áreas de população escassa. Com isso, os inquéritos foram realizados na maioria das capitais, mas foram excluídas as populações de língua espanhola pertencentes aos Estados Unidos.

O questionário final com mil perguntas foi aplicado em 193 localidades, sendo que algumas das questões eram acompanhadas de ilustrações e objetos com a finalidade de facilitar a aplicação do inquérito e obter as respostas sistematizadas. Em cada ponto foram inquiridos sete informantes, pertencentes a três faixas etárias, com instrução variada, perfazendo o total de 1355 pessoas inquiridas.

Quanto aos resultados, no nível fonético-fonológico, tanto as vogais quanto as consoantes apresentaram intensa variação alofônica na fala mexicana, com destaque para a variação do /s/ com 45 realizações, das quais a maioria se classifica como fricativa dorso-dento-alveolar surda. Além disso, o atlas contempla a nasalização, a pronúncia dos hiatos, o comportamento das oclusivas surdas e sonoras em determinados contextos, as palatais e as vibrantes.

2.4.13 Atlas Fonológico da América do Norte (AFAN)

O linguista William Labov iniciou em 1992 o décimo atlas americano, chamando-o de *Atlas do Inglês da América do Norte* e, posteriormente, nomeando-o de *Atlas Fonológico da América do Norte*.

Trata-se do registro dos dialetos regionais do inglês falado em áreas urbanizadas dos Estados Unidos e do Canadá nos anos de 1996-1999. Ele fornece a primeira exibição abrangente da pronúncia do inglês nessa região. Embora o AFAN se baseie nos trabalhos anteriores dos dialetólogos americanos iniciados nos anos 30, ele representa uma novidade na Dialectologia Americana, pois fornece informações sobre a percepção, a produção, a realização das categorias fonêmicas como formas fonéticas e medições acústicas. A publicação das cartas fonéticas ocorreu em 2005.



2.5 INSPIRAÇÕES PARA A PESQUISA DIALETAL NO BRASIL

Os primeiros indícios da pesquisa dialetal no Brasil surgiram em 1826 com uma nota de Adrien Balbi sobre as diferenças entre o dialeto brasileiro e o português europeu preconizadas por Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca, a partir de seu trabalho intitulado *Les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal*, conforme elucidado a seguir:

Sr. Barão de Pedra Branca, Ministro de S. M. o Imperador do Brasil para a Corte da França, a complacência do que enviamos para ter informações sobre as diferenças que o dialeto brasileiro poderia apresentar, em comparação a língua de Portugal, que queiram nos transmitir gentilmente nas seguintes observações. Acrescentamos ainda mais no preço, que elas provêm de um publicitário que as tem exatamente, seja para o Brasil, seja em Portugal, além da reputação, não só de um poeta muito distinto, mas de um homem também interessado nos diferentes ramos da economia civil e política (tradução nossa). (BALBI, 1826, p. 172)³⁸

Com essa publicação pioneira, podem-se dividir os estudos dialetais brasileiros em três fases encontradas em Ferreira & Cardoso (1984). Aliás, Mota & Cardoso (2006) vêm discutindo a inserção de uma quarta fase.

2.5.1 Primeira Fase (1826-1920)

A primeira fase dos estudos em Dialetologia no Brasil teve início, justamente, com a contribuição do Visconde da Pedra Branca em 1826 até a publicação do *Dialeto Caipira*, de autoria do Amadeu Amaral em 1920.

O trabalho do Visconde visava à análise da variação lexical entre o Português do Brasil e de Portugal, tanto em relação a sua estrutura morfológica, quanto em relação ao significado das lexias. Além disso, o diplomata também elaborou um Dicionário Francês-Português e Português-Francês e outras obras poéticas e de memórias.

³⁸ M. le baron de Pedra Branca, ministre de S. M. l'empereur du Brésil à la cour de France, à la complaisance duquel nous nous sommes adressé pour avoir des informations sur les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal, a bien voulu nous transmettre les observations suivantes. Nous y ajoutons d'autant plus de prix, qu'elles viennent d'un littérateur qui jouit à juste titre, soit au Brésil, soit en Portugal, delà réputation, non-seulement d'un poète très distingué, mais encore d'un homme également versé dans les différentes branches de l'économie civile et politique.



Depois da contribuição de Domingos Borges, outras produções de cunho terminológico voltadas para a questão regional-popular foram elaboradas, almejando um conhecimento maior do falar brasileiro.

Em 1832 foi publicado o *Dicionário da Língua Brasileira*, de Luís Maria Silva Pinto e em 1880, Pacheco da Silva Júnior teve impresso seu estudo sobre o dialeto brasileiro.

Também foi elaborado um *Glossário de vocábulos brasileiros*, pelo Visconde de Beaurepaire – Rohan, cuja publicação ocorreu na *Gazeta Literária*, de 1883 a 1884. Cinco anos depois, o trabalho foi transformado em *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*.

Uma pesquisa sobre a linguagem popular amazônica foi publicada por José Veríssimo em 1884 e um *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* foi proposto por Macedo Soares, mas só teve as cinco primeiras letras publicadas em 1888, enquanto as demais permaneceram em manuscritos.

Já nos primeiros anos do século XX, houve também um glossário paraense de autoria de Vicente Chermont de Miranda, publicado em 1905 e, em 1913, foi publicado o *Dicionário de Brasileirismos*, de Rodolfo Garcia.

Vale salientar a proposta de Francisco Augusto Pereira da Costa de um vocabulário de termos e frases populares e de vocábulos vernáculos correntes no Estado de Pernambuco. Em 1917, foi realizada a publicação até a letra B pela *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco*, sendo, prematuramente, interrompida pela morte do autor. Porém, vinte anos mais tarde, de posse do restante dos originais que, à época da primeira impressão, não estavam com a revista, houve uma publicação do *Vocabulário Pernambucano*, na íntegra.

2.5.2 Segunda Fase (1920-1952)

A partir de 1920, inicia-se a segunda fase dos estudos em Dialetologia realizados no Brasil. A obra que encabeça essa fase é o *Dialeto Caipira*, escrito por Amadeu Amaral.

O autor se preocupava com a linguagem mais conservadora e estigmatizada por alguns, mas não desejava que isso fosse um objetivo exclusivo, como ele mesmo menciona:

Seria de se desejar que muitos observadores imparciais, pacientes e metódicos se dedicassem a recolher elementos em cada uma dessas regiões, limitando-se estritamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo quanto fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente. Teríamos assim um grande número de pequenas contribuições, restritas em volume e em pretensão, mas que na sua



simplicidade modesta, escoreita e séria prestariam muito maior serviço do que certos trabalhos mais ou menos vastos. (AMARAL, 1976, p.3)

No Dialeto Caipira, é possível, também, constatar o pioneirismo na aplicação do método da geolinguística no Brasil, a julgar pela possibilidade de conhecer “com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um” (AMARAL, 1976, p.44).

Dois anos depois da primeira edição da obra de Amadeu Amaral, foi publicada outra obra no ano de 1922, mantendo-se, igualmente, inspiradora para os estudos dialetais do português do Brasil até os dias de hoje. Trata-se do *Linguajar Carioca* de Antenor Nascentes.

Nessa obra, o autor salienta a preocupação com o falar brasileiro e sua variação já perceptível de uma região para outra, ora por influência etnológica, ora ambiental.

Para facilitar a compreensão do falar brasileiro, Nascentes (1953) resolveu dividi-lo em subfalares, justificando-se pela dificuldade de comunicação por causa da grande extensão territorial e respaldando-se em Lens (1910), segundo o qual, no país, fala-se um grupo de dialetos, ou seja, idiomas que se distinguem cada um do que se avizinha, sem que cheguem a ser reciprocamente incompreensíveis. A divisão proposta em Nascentes (*op cit*) pode ser comprovada na figura 20:



Figura 20: Divisão dos subfalares brasileiros por regiões a partir de Nascentes (*op cit*)



Ao enfatizar o falar do Rio de Janeiro em sua obra, o autor procurou mencionar aspectos relacionados à fonética, à morfologia, à sintaxe e a questões lexicais.

Também nesta segunda fase de estudos, destaca-se a obra “A Língua do Nordeste”, escrita por Mário Marroquim, um advogado pernambucano, e publicada pela primeira vez em 1934, priorizando os falares de Pernambuco e Alagoas, não sem antes se justificar pela escolha ao dizer que, no Nordeste, “a dialeção devia ser igual, como é idêntica sua história e sua formação étnica.” (MARROQUIM [1934]2008, p. 24)

Além de um retrospecto histórico, o autor analisou fatos característicos da linguagem popular dos estados, dividindo, para tanto, os capítulos em seções semelhantes às encontradas na obra de Nascentes.

A escassez dos estudos dialetais no Brasil foi motivo de preocupação para Marroquim (*op cit*, p. 17) e, no início dos anos 30, ele afirmava:

Não está ainda feito o estudo do dialeto brasileiro. A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridade e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral que se fixe e defina nossa diferenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critério e honestidade, sobre cada zona do país.

Somando-se às obras mencionadas anteriormente, outras produções caracterizam a segunda fase da Dialectologia no Brasil, priorizando as perspectivas terminológica e lexicológica, dentre elas o *Vocabulário gaúcho*, publicado em 1926 por Roque Callage, o *Dicionário dos animais do Brasil*, de Rodolfo von Ihering, publicado em 1931 e o *Vocabulário do Nordeste do Rio Grande do Sul - Linguagem dos praieiros*, de Dante de Laytano publicado dois anos depois.

Em 1937, no mesmo ano da publicação integral de *O vocabulário pernambucano*, de Pereira da Costa, Renato Mendonça enfatizou em sua obra *O português do Brasil* e, em 1939, Alfredo da Maia enfatizou o *Vocabulário amazonense*.

Nessa fase, também foram publicadas as obras *O dialeto brasileiro*, de Ciro T. de Pádua em 1942 e o *Estudo da dialectologia portuguesa: a linguagem de Goiás*, de José Aparecido Teixeira, em 1944.



2.5.3 Terceira Fase (1952-1996)

O início da terceira fase de estudos dialetais ocorreu em 1952, quando foi instituído por decreto o Centro de Pesquisas da Casa de Ruy Barbosa, cuja ação prioritária promulgada no artigo 9º era a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil*.

Um dos membros da comissão de filologia desse centro, Antenor Nascentes, acaudilhou a proposta do atlas brasileiro, já que:

[...] depois de Gilliéron, nenhum verdadeiro estudioso da filologia nega o valor dos atlas linguísticos, nem o seu caráter de indispensáveis. Não são muitos os países de tais instrumentos de pesquisa. O Brasil precisa ter seu atlas que não será mais o complemento de Portugal, em vias de acabamento. (NASCENTES, 1958, p. 7)

Em que pese a ideia não ter atraído tantos adeptos, graças, principalmente, ao desconhecimento do método e a outras dificuldades percebidas na época, o autor arrefeceu-se dos ânimos e resolveu propor a criação de atlas regionais para um dia, não muito distante de sua época, esses pudessem ser compilados no atlas linguístico de todo o território brasileiro.

A despeito de Nascentes não ter vivido o bastante para ter seu sonho realizado, o projeto nacional, proposto há cinquenta anos, está bem próximo de se tornar realidade.

Nos seis anos seguintes, outras produções regionais saíram do papel, como os *Gauchismos* de Arci de Albuquerque, publicado em 1954, o *Vocabulário de Termos Populares e Gírias da Paraíba* proposto por Leon F. Clerot e publicado em 1959, além do *Dicionário de Termos Populares Cearenses* de Florival Seraine, publicado em 1960.

Outros estudiosos fizeram parte dessa fase, quais sejam: Serafim da Silva Neto, que publicou o *Guia para Estudos Dialectológicos* em 1957, Celso Cunha, defensor da Dialetologia e da criação de atlas regionais, e Nelson Rossi, autor do primeiro atlas linguístico regional do Brasil, em 1963, na Bahia.

2.5.4 Quarta fase: o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

Conforme foi mencionado anteriormente, o projeto para a elaboração de um atlas linguístico a nível nacional não é hodierna. A despeito da proposta de Nascentes no início dos anos cinquenta, porém, parece ter sido necessário um amadurecimento por parte dos linguistas e a experiência adquirida na criação de atlas regionais para que o projeto ressurgisse e começasse a ser, finalmente, executado.



Tal necessidade já era percebida pelo proponente da proposta inicial conforme a seguinte constatação:

Poucos sabem aqui o que é geografia linguística, qual é o valor de um atlas, qual é sua necessidade para a solução de múltiplos problemas e dos que sabem, poucos dão importância a estas questões. Não podemos, porém, desanimar por causa deste insucesso. Precisamos continuar. (NASCENTES, 1958)

Nesse desejo de continuidade, Nascentes deixou pronta uma lista provisória de 606 pontos de inquérito, acreditando que veria o trabalho concluído a tempo.

Como isso não ocorreu, foram necessários mais de quarenta anos de preparação, estudos locais e regionais, para que, durante o Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado na Faculdade de Letras da UFBA em novembro de 1996, a ideia de uma documentação dialetal de todo o território nacional retomasse o anseio de Nascentes. Apresentou-se aí o projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil).

Devido a sua extensão, um Comitê formado por docentes de várias partes do país, experientes na criação de atlas regionais, tem sido responsável pela organização dos trabalhos, distribuindo-se em um diretor presidente, um diretor executivo e sete diretores científicos³⁹ conforme o quadro 2:

DOCENTE	DIRETORIA
Suzana Cardoso	Diretora Presidente - UFBA
Jacyra Mota	Diretora Executiva - UFBA
Abdelhak Razky	Diretor Científico - UFPA
Ana Paula Rocha	Diretora Científica - UFOP
Aparecida Isquerdo	Diretora Científica - UFMS
Cléo Altenhofen	Diretor Científico – UFRS
Felício Margotti	Diretor Científico - UFSC
Socorro Aragão	Diretora Científica – UFPB/UFC
Vanderci Aguilera	Diretora Científica - UEL

Quadro 2: Diretoria do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

³⁹ Destacaram-se também na Diretoria Científica os professores Mário Zágari (UFJF) e Walter Koch (UFRS), *in memoriam*.



Assim como ocorre em outros atlas regionais mais contemporâneos, o ALiB tem uma rede de pontos escolhida a partir de sua extensão territorial e de aspectos que vão da demografia a questões histórico-culturais.

Feita uma revisão nos pontos de Nascentes, os inquéritos foram realizados em 250 localidades do Oiapoque ao Chuí, perfazendo 1100 informantes, uma vez que, em cada ponto, foram inquiridos quatro informantes com escolaridade não superior ao quinto ano do ensino fundamental, à exceção das capitais que possuíram também os inquéritos com informantes de formação superior. Assim, dos quatro informantes, há um homem e uma mulher com faixa etária entre 18 e 30 anos e a mesma classificação diagenérica para a faixa de 50 a 65 anos.

O questionário para o ALiB compreende 202 questões de natureza semântico-lexical divididas em 15 áreas semânticas quais sejam: acidentes geográficos; fenômenos atmosféricos, astros e tempo, flora, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, cultura e convívio, ciclos da vida, religião e crenças, festas e divertimentos, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e vida urbana.

Há também 159 questões de cunho fonético-fonológico e 49 morfossintáticas, além de algumas questões de prosódia, pragmática e sugestões de temas para o registro de discursos semi-dirigidos.

Conforme dados de outubro de 2013 encontrados na página do ALiB⁴⁰, todos os inquéritos foram concluídos, o que permite, com uma certa brevidade, que seja publicado o primeiro volume com as cartas em que constam os resultados encontrados nos inquéritos das capitais, sendo esses priorizados na XII Reunião do Comitê Nacional de 2003 e já concluídos, à exceção de Brasília e Palmas, que não foram pesquisadas por não atenderem aos critérios diageracionais.

Enquanto o atlas nacional não é finalizado, atlas regionais têm sido construídos desde 1963, renunciando a quarta fase dos estudos dialetais no Brasil, como já consideram Mota & Cardoso (2006). Por isso, convém apresentar, aqui, um panorama dos atlas regionais e municipais concluídos em fase inicial ou adiantada de pesquisas, no intuito de mostrar como um “país vasto e rico e com excelentes estradas” (NASCENTES, 1958, p. 7) tem evoluído nos estudos em Dialetologia e Geografia Linguística.

⁴⁰ Maiores informações poderão ser encontradas no site <http://www.alib.ufba.br/>



2.5.5 Atlas estaduais já desenvolvidos

De 1963 a 2012, foram elaborados 13 atlas estaduais, além de outros tantos microrregionais e municipais. Para se ter uma ideia do que foi feito no país, proporciona-se um recorte de cada um desses atlas, o que contribuirá para que se perceba a evolução do método usado e possibilite fazer contrastes a partir de seus resultados, bem como refletir sobre seus pressupostos teórico-metodológicos, conforme leituras realizadas em Aguilera (2005).

2.5.5.1 Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)

O primeiro atlas linguístico estadual construído no Brasil teve a incumbência de Nelson Rossi e oito alunas do Curso de Letras da UFBA, Ana Maria Garcia, Carlota Ferreira, Cyva Leite, Dinah Isensée, Edelweiss Nunes, Josefina Barletta, Judith Freitas e Tânia Pedrosa.

Para a diagnose, foram escolhidos 50 pontos de inquérito distribuídos em todo o Estado da Bahia, dentro do qual foram entrevistados 100 informantes entre 25 e 84 anos, analfabetos ou semi-analfabetos, sem a preocupação com questões diagenéricas.

A eles foi proferido um questionário de 164 perguntas sobre *terra, vegetais, homem e animais*, tendo 16 desdobradas, o que perfaz, na realidade, 182 questões, cuja prioridade era o aspecto semântico-lexical, apesar de algumas delas, por conveniência interpretativa, oferecerem uma visão fonética dos dados.

O APFB distribuiu as mais de duas mil realizações em 199 cartas, das quais 154 são de natureza fonético-lexical e 44 são nomeadas de cartas-resumo das cartas previamente elaboradas. Além dessas, foram elaboradas 11 cartas de identificação.

2.5.5.2 Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)

Para entender a realidade do falar mineiro, uma equipe capitaneada pelo professor Mário Zágari organizou, em 1977, um *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, proposto em 4 volumes, dos quais apenas um se encontra publicado.

Nos 116 pontos de inquérito, foram inquiridos 83 informantes com faixa etária dos 30 aos 50 anos, distribuídos diastraticamente entre pessoas sem instrução escolar e que não excedessem a quarta série do ensino fundamental.



A eles foram proferidas 415 questões relacionadas à *terra* e a *folgedos infantis*, que resultaram em 58 cartas, sendo 5 introdutórias, 21 léxicas, 24 fonéticas. Somam-se a essas, 3 cartas com *isófonas* e 25 com *isoléxicas*.

2.5.5.3 Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)

Em 1983, foi concluído o segundo atlas linguístico dos falares nordestinos, enfatizando, desta vez, o Estado da Paraíba, tendo a organização da professora Maria do Socorro Aragão e a colaboração de Cleuza Bezerra de Menezes, que se incumbiram de aplicar os inquéritos em 25 municípios para um total de 107 informantes entre 30 e 75 anos.

Ao todo, foram aplicadas 877 questões, sendo 289 de cunho geral e 588 de natureza específica, relacionada a atividades comuns à Paraíba, tais como *mandioca*, *cana*, *agave*, *algodão*, *abacaxi*.

Dos três volumes propostos, dois já foram publicados, sendo o primeiro com as cartas fonéticas e léxicas. O segundo, por sua vez, contempla os pressupostos metodológicos do projeto, como a caracterização dos informantes e os pontos inquiridos, além da ficha usada para a diagnose e a análise dos aspectos fonéticos, morfossintáticos e lexicais observados e sistematizados sob a forma de um glossário ao término do volume.

As cartas do ALPB apresentam situações em que uma considerável quantia de variantes é atribuída a uma única unidade lexical, a exemplo da Carta 19 sobre *garoa*, que obteve 22 realizações, conforme ilustrado na figura 21.

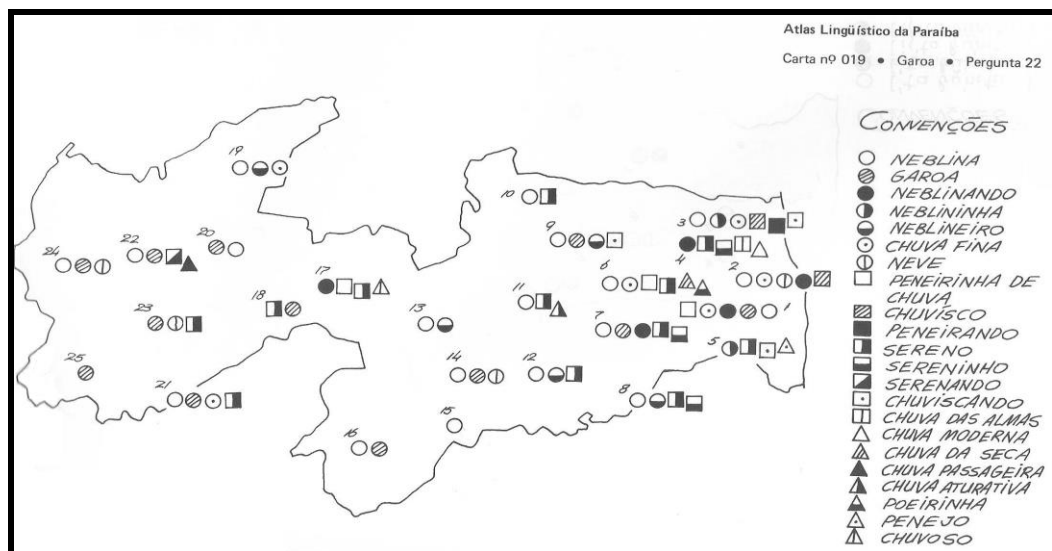


Figura 21: Carta 19 do ALPB com variantes de ‘garoa’ (ARAGÃO & MENEZES, 1983)



O terceiro volume constará da transcrição dos dados referentes ao questionário específico.

2.5.5.4 Atlas Linguístico de Sergipe (ALS I)

Apesar de ter seus inquéritos concluídos ainda na década de setenta, o ALS só foi publicado em 1987. A diagnose ocorreu em 15 localidades, de onde foram inquiridos 30 informantes de faixa etária entre 25 a 65 anos, distribuídos entre analfabetos e semianalfabetos.

A pesquisa constou da aplicação de um questionário de quase 700 perguntas, das quais também fizeram parte as 182 usadas para o APFB, que resultaram em 180 cartas, sendo 11 introdutórias e 169 léxicas, já que não era o intuito de Nelson Rossi e seus colaboradores discorrer sobre aspectos especificamente fonéticos, embora as transcrições tivessem esse perfil. No intuito de delimitar a extensão do falar baiano em relação ao falar sergipano, os pesquisadores também intencionaram verificar as coincidências lexicais nos dados dos dois estados. Isso resultou em algumas cartas conjuntas com dados da Bahia, não apresentados no APFB, mas resgatados no ALS.

2.5.5.5 Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)

O primeiro atlas linguístico estadual produzido sob a forma de Tese de Doutorado também foi o quinto atlas na linha das produções sugeridas por Antenor Nascentes, antes que um trabalho de abrangência nacional fosse realizado.

Sob a orientação do prof. Rafael Hoyos Andrade e as sugestões do prof. Pedro Caruso, Vanderci Aguilera realizou os inquéritos para o ALPR em 65 localidades, tendo, no total, 130 informantes que responderam a 325 questões relativas a dois campos semânticos, a terra e o homem.

Após as transcrições, foram elaboradas 92 cartas léxicas, 70 fonéticas, além de 19 cartas com *isoléxicas* e 10 *isófonas*. Também foram inseridas 6 cartas anexas à distribuição do povoamento do Paraná entre os séculos XVII e XX.



2.5.5.6 Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA)

O ALISPA surgiu como o primeiro atlas linguístico especificamente sonoro, graças à preocupação do professor Abdelhak Rasky em organizar, classificar e armazenar os dados coletados nas pesquisas de campo. Dessa forma, o pesquisador passou a refletir sobre os atlas linguísticos anteriores. Em sua opinião, os materiais originais gravados em fitas cassetes, ao serem multicopiados, tornam-se danificados e chegam a criar problemas na transcrição.

Assim, Rasky (2003, p. 174) justifica a escolha por um *atlas sonoro*, afirmando que ele:

[...] segue as mesmas metodologias estabelecidas nas pesquisas dialetológicas rurais ou urbanas. A única diferença consiste no modo de acesso às informações contidas nos mapas. Em vez de acessar dados lexicais ou fonéticos transcritos, o usuário de um programa computacional tem a possibilidade também de ouvir dados digitalizados.

Por isso, para manter os dados preservados, a equipe de Rasky resolveu usufruir dessa evolução computacional para elaborar um programa que compilasse os dados inquiridos, sob a égide da Geografia Linguística, a ponto de oferecer a possibilidade de se ouvir várias vezes o mesmo trecho selecionado, além de obter a comprovação desse trecho por meio de uma análise articulatória ou acústica.

A pesquisa foi realizada em 10 cidades do Estado, sob a forma de entrevistas e questionários realizados com o total de 42 informantes, distribuídos nas faixas etárias dos 15 aos 46 anos entre analfabetos e formados no ensino médio.

Dentre os segmentos fonéticos contemplados no ALISPA, registraram-se variantes de palavras relacionadas ao grupo CVC tais como *desvio*, *pernambucano*, *soldado*, *certo*, *caspa*, *desmaio*, *perfume*, *torneira*, *fósforo*, *perguntar*, *rasgar*, *mesmo*, *fervendo*, *casca*, *desvio*, *luz*, *perdido*, *voz* e *arroz*.

2.5.5.7 Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)

Maria Luiza de Carvalho Cruz concluiu seu Doutorado com a tese *Atlas Linguístico do Amazonas*, cuja defesa ocorreu 2004 na UFRJ, sob a orientação da professora Sílvia Brandão, sendo, portanto, o segundo trabalho produzido em cursos *stricto sensu*.



Metodologicamente o ALAM teve inquéritos realizados em nove pontos, dos quais foram retirados seis informantes para cada um deles, distribuídos diagenéricamente e em três faixas etárias: dos 18 aos 35 anos, dos 36 aos 55 anos e dos 56 acima. Além disso, a autora levou em consideração tanto o informante sem escolaridade, como os escolarizados que possuíam, no máximo, até a quarta série do ensino fundamental.

As cartas elaboradas chegaram à quantia de 257, sendo 107 fonéticas e 150 semântico-lexicais, baseadas nas respostas ao questionário de 491 itens. Para averiguação da variação fonética, foram proferidas 162 questões e, para a variação lexical, 329 itens foram solicitados aos informantes, tendo os meios *físico*, *biótico* e *antrópico* como campos semânticos. A tudo isso, ainda se soma uma parte semi-dirigida, destinada à obtenção de outros campos de análise linguística.

2.5.5.8 Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II)

Em 2002, a professora Suzana Cardoso, sentindo a necessidade de analisar aspectos não considerados no primeiro atlas de Sergipe, resolveu construir sua Tese de Doutorado sobre o falar do mesmo Estado, sendo, assim, o primeiro deles a ter dois atlas linguísticos.

Nesse segundo atlas, foram construídas 3 cartas introdutórias e 105 cartas semântico-lexicais conforme as respostas das questões 144 a 381 do ALS – I referentes ao campo semântico *Homem*, já que essa área foi escolhida com o intuito de:

[...]centrar a informação e a análise numa área específica, tendo em vista que dela própria não foram abundantes os itens tratados no volume já publicado em 1987, o qual se circunscreve a resultados relativos às perguntas coincidentes com aquelas que geraram as cartas do Atlas Prévio dos Falares Baianos. (CARDOSO, 2002, p. 7)

Em cada carta lexical, foi colocado um histograma na iminência de mostrar ao leitor a distribuição gráfica das realizações selecionadas de acordo com o gênero do informante. No verso de cada carta, há também as realizações fonéticas de cada resultado proferido, difundidas nas dimensões diagenérica e diatópica, além de algumas notas segundo a conveniência da autora em mencionar particularidades das respostas dadas ou omitidas.



2.5.5.9 Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)

Sob a coordenação geral do prof. Dercir Oliveira e das professoras pesquisadoras adjuntas Albana Xavier, Aparecida Isquendo, Ana Maria Pinto, Maria José Toledo, Maria Leda Pinto e Vitória Regina Ferreira, surgiu a ideia da criação do *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*, no intuito de descrever a realidade do Estado numa perspectiva etnolinguística, ou seja, a partir das influências culturais dos migrantes e dos nativos, já que “a população indígena sul-mato-grossense atinge o segundo lugar no país, com mais de cinquenta mil integrantes” (OLIVEIRA, 2007, p. 14).

Foram feitos inquéritos em 32 pontos, de onde se escolheram informantes estratificados a partir do gênero, da escolaridade que não ultrapassasse a quarta série do ensino fundamental e a naturalidade, de modo que o pesquisado deveria ser nascido no município ou ter vivido nele desde os oito anos de idade.

As 557 perguntas do questionário aplicado eram relacionadas a acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, tempo, flora, fauna, corpo humano, doenças mais comuns, funções do corpo humano, características físicas, ciclos da vida, religiões e crenças, vestuários e objetos de uso pessoal, brinquedos e diversões, sistemas e pesos e medidas, além de superstições, simpatias e lendas.

Das respostas selecionadas foram construídas 47 cartas fonéticas e 153 semântico-lexicais. Já a elaboração das 7 cartas morfossintáticas foi motivada pelas construções obtidas durante as elocuições livres.

2.5.5.10 Atlas Linguístico do Paraná II (ALPR - II)

O segundo Atlas Linguístico do Paraná foi construído como Tese de Doutorado por Fabiane Altino, sob a orientação da professora Vanderci Aguilera, então elaboradora do primeiro atlas do Estado.

O ALPR II aproveitou resultados de questões não cartografadas da primeira versão, atingindo o percentual de 54%, seguindo, pois, os procedimentos metodológicos da mesma. Além de 3 cartas de apresentação, esse atlas possui 50 cartas fonéticas, 125 cartas léxicas, além de duas cartas dialectométricas, pioneiras nos atlas brasileiros.

Esse aspecto consistiu na apresentação dos índices relativos de distância (IRD) e dos índices relativos de identidade (IRI), com base no léxico falado no Paraná.



2.5.5.11 Micro Atlas-Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ)

Um dos primeiros projetos geolinguísticos de natureza eminentemente fonética foi o *Micro Atlas-Fonético do Estado do Rio de Janeiro*, elaborado por Fabiana da Silva Campos Almeida, cuja execução resultou em sua Tese de Doutorado, defendida em 2008 na UFRJ sob a orientação da prof^a Sílvia Figueiredo Brandão.

A diagnose foi realizada em 12 pontos de inquérito, escolhidos a partir de sua realidade histórica e socioeconômica, em cada um dos quais foram selecionados seis informantes, sendo um par com faixa etária entre 18 a 35 anos, outro entre 36 e 55 anos e outro com idade a partir dos 56 anos, com escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental.

Foram, então, elaboradas 306 cartas, cujas transcrições de dados seguiram o Alfabeto Fonético Internacional (IPA).

Dentre os fenômenos fonéticos identificados, alguns merecem destaque, quais sejam: troca de L por R em final de sílaba e em grupos consonânticos, alternância entre V e B em alguns itens lexicais, elevação das vogais médias pretônicas, aférese ou nasalação da vogal átona inicial, síncope da vogal postônica, perda do contraste vogal x ditongo, dentre outros fenômenos.

2.5.5.12 Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE)

O terceiro atlas linguístico dos falares nordestinos se refere ao dialeto cearense. Através da pesquisa realizada desde os fins dos anos 70, quando da elaboração do pré-questionário de 292 perguntas e da formação de equipes técnicas e científicas, em maio de 1982, chegou-se ao questionário específico para o ALECE, no intuito de documentar traços fonológicos, gramaticais e lexicais do português falado no Ceará.

Com pouco mais de 140 municípios, metade teve inquéritos realizados, perfazendo 249 informantes, quatro por localidade, selecionados entre 30 e 60 anos, considerando os níveis de instrução até o ensino fundamental completo, como também os não alfabetizados.

O questionário definitivo chegou a 306 perguntas relacionadas a 16 campos semânticos de variadas acepções, como natureza, tempo, homem, parentesco, partes e funções do corpo, doenças, características físicas do homem, tipos sociais, jogos, objetos de uso pessoal, atividades e utensílios domésticos, comida, religião, animais e itens diversos.



Vale salientar a preocupação dos elaboradores do ALECE com a questão pedagógica, desde a elaboração do Projeto Dialetos Sociais Cearenses, com a certeza de que “os profissionais do ensino poderão planejar, executar e avaliar, de forma mais realística e mais adequada às peculiaridades regionais, as atividades de ensino do vernáculo ” (BESSA, 2010, 68 – 69).

2.5.5.13 Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás

O último atlas estadual a ser concluído apresenta um panorama do léxico no Estado de Goiás e foi o resultado da Tese de Doutorado de Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto, defendida em 2012.

A pesquisa foi realizada em nove pontos de inquérito quais sejam: Aruanã, Caldas Novas, Cidade de Goiás, Goiandira, Ipameri, Mineiros, Morrinhos, Pirenópolis e Trindade. Com o perfil proposto na metodologia do ALiB, foram escolhidos informantes que responderam às questões do Questionário Semântico-Lexical e os resultados culminaram em 202 cartas linguísticas, sendo que, em 14 itens, houve 100% de frequência relativa e 100 itens com frequência igual ou superior a 50% e distribuição regular.

2.5.6 Atlas Regionais e Municipais

Além dos 13 atlas estaduais já concluídos, muitos projetos não menos importantes para o conhecimento das características mais relevantes dos falares brasileiros têm sido realizados tanto a nível regional, quanto a nível municipal, desde os anos 80.

Grande parte desses trabalhos se documenta sob a forma de Monografias, Dissertações e Teses. Assim, convém apresentar alguns desses trabalhos, para que se possa contemplar os pressupostos teórico-metodológicos e oferecer suporte a trabalhos posteriores.

2.5.6.1 Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina (EALLO)

Em 1987, no mesmo ano de publicação do primeiro Atlas Linguístico de Sergipe, foi concluído o primeiro de uma grande leva de atlas linguísticos de abrangência municipal, intitulado de *Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina*, o EALLO, apresentado em forma



de Dissertação de Mestrado pela professora Vanderci Aguilera, já almejando a construção do *Atlas Linguístico do Paraná*, projeto de Tese de Doutorado defendido três anos mais tarde.

A proposta do EALLO procurou armazenar o falar rural de 27 habitantes com idade entre 30 e 60 anos, divididos em dezesseis mulheres e onze homens distribuídos em 12 pontos de inquérito, considerando bairros e distritos em que habitavam, além dos nativos paranaenses, emigrantes nordestinos, paulistas, mineiros e descendentes de italianos e poloneses.

A realização dos inquéritos ocorreu com a aplicação do questionário do Atlas Linguístico do Estado de São Paulo, fazendo adaptações a partir da realidade londrinense. Assim, cada informante respondeu a 317 questões, distribuídas nos campos semânticos terra e homem e, para o registro dos resultados, foram construídas quarenta e cinco cartas lexicais e trinta e cinco fonéticas.

2.5.6.2 Atlas Linguístico Rural da Zona da Mata de Minas Gerais – Brasil: Nomes de Doenças Agropecuárias e Hortaliças

O professor Joseph Ildefonso de Araújo da Universidade Federal de Viçosa apresentou um projeto piloto nos idos dos anos 90 para confecção do Atlas Linguístico Rural da Mesorregião de Viçosa e, pelo que se sabe, tal projeto se fortaleceu com pesquisas realizadas na Microrregião de Ubá e se estendendo para toda a Mesorregião.

A ideia era coletar designações dos nomes populares das doenças de criações, culturas agrícolas e hortaliças que afetam o meio rural, porque daí se partiria para outro objetivo: a elaboração de um glossário técnico que servisse de auxílio a professores, estudantes e pessoas envolvidas na produção rural.

Para atingir esse objetivo, o autor passou a construir subprojetos que se distribuíssem em sete microrregiões, constituindo, cada uma, um tomo que contemplasse os volumes correspondentes ao número de localidades. Assim, cada volume constitui um Atlas Linguístico Municipal Rural.

De acordo com Araújo (2001), as microrregiões foram distribuídas da seguinte maneira:

a) Microrregião de Ponte Nova	e) Microrregião de Manhuaçu
b) Microrregião de Viçosa	f) Microrregião de Muriaé



c) Microrregião de Ubá

g) Microrregião de Juiz de Fora

d) Microrregião de Cataguases

2.5.6.3 Atlas Linguístico de Adrianópolis

O *Atlas Linguístico de Adrianópolis* (ALTINO, 2001) é composto de 3 cartas introdutórias e 110 cartas lexicais, correspondentes a 105 questões do QSL, mas 5 delas foram desmembradas justamente para facilitar a visualização dos dados, pois os resultados se mostraram extremamente produtivos.

Para esse atlas, a autora realizou inquéritos com falantes de duas gerações distribuídas igualmente por sexo e grau de escolaridade. Assim, foi possível comparar os dados na perspectiva da mudança em tempo aparente e os resultados serviram para analisar o polimorfismo, a preservação de arcaísmos, a distribuição geográfica e as marcas regionais.

Do ponto de vista diageracional, semelhante ao que ocorre em outros trabalhos de análise descritiva, Altino (2001) concluiu que o falante de Adrianópolis é mais conservador na faixa etária mais avançada, pois os jovens costumam estudar em outras cidades, deixando suas famílias e aprendendo uma forma mais prestigiada de comunicação em sua língua materna.

2.5.6.4 Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)

A ideia de um dos primeiros projetos de atlas regionais surgiu nos anos oitenta com o Grupo Interdepartamental para o Estudo da Variação Linguística do Rio Grande do Sul. Para tanto, uma equipe interinstitucional de docentes da UFRGS, da UFSC e da UFPR foi formada sob a coordenação geral do prof. Walter Koch da UFRGS.

Os dois volumes só foram impressos em 2002, tendo o primeiro a introdução do trabalho e o segundo, as cartas, para a elaboração das quais, foram demarcados 294 pontos de inquérito de toda a Região Sul, sendo 275 pertencentes à zona rural e 19, à urbana. Numa segunda impressão de 2011, o primeiro volume contempla as cartas fonéticas e morfossintáticas e o segundo, as cartas semântico-lexicais.

Na área rural, os informantes tinham entre 28 e 58 anos de idade, preferencialmente analfabetos ou que não ultrapassassem a quarta série do ensino fundamental.



O extenso questionário aplicado aos informantes comportou 800 perguntas de cunho semântico-lexical, cuja maior parte era comum aos três estados e uma parte mais específica de cada um, 75 de natureza morfossintática e 50 de caráter fonético-fonológico.

2.5.6.5 Atlas Linguístico de Ponta Porã (MS)

A dissertação cujo intuito era analisar a fala do município de Ponta Porã (MS) teve uma perspectiva mais etnolinguística, já que o foco principal pairou sobre o registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai e o município se encontra localizado nesse ambiente.

O trabalho foi defendido por Regiane Coelho Pereira Reis, em 2006, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da prof^a Aparecida Isquerdo e teve oito pontos de inquérito, de modo que, além da sede do município, também foram feitas pesquisas em distritos e fazendas localizadas nas proximidades.

O questionário foi organizado com 217 perguntas oriundas do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS), às quais também foram acrescentadas 45, sendo apenas quatro retiradas do projeto ALiB.

Só foram inquiridos informantes da segunda faixa etária do ALMS, ou seja, os que tinham entre 45 e 70 anos, de modo a investigar maiores traços de conservadorismo e de bilinguismo. Esses informantes foram estratificados de acordo com a escolaridade não superior à quarta série do ensino fundamental e também a falta de instrução.

Segundo mencionado em Reis (2006, p. 165), os resultados encontrados no ALPP prognosticaram “maior influência do *guarani* na fala documentada, fato que demonstra que a língua nativa ainda exerce maior influência na modalidade oral da língua falada na região do que a língua transplantada pelo colonizador.”

Os resultados dispostos no atlas do município sul-mato-grossense confirmam, portanto, a existência do bilinguismo nas áreas fronteiriças do Brasil com o Paraguai, seja por extensão familiar ou profissional.



2.5.6.6 Atlas Semântico-Lexical da Região do ABC

Adriana Cristina Cristianini incumbiu-se de elaborar o *Atlas Semântico-Lexical da Região do ABC*, para sua Tese de Doutorado defendida em 2007 na USP, sob a orientação da profª Irenilde Pereira dos Santos.

Trinta e seis informantes selecionados igualitariamente em nove pontos da região do ABC foram indagados com base no Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, na versão 2001.

Também foi inspirada nesse projeto nacional a distribuição diageracional, ou seja, os informantes tinham entre 18 a 30 e 50 a 65 anos de idade, com escolaridade até a quarta série do ensino fundamental, de modo obter realizações mais conservadoras e, assim, determinar as marcas dialetais existentes na região, o que foi confirmado com a transcrição das respostas inseridas num banco de dados gravado em CD e disponibilizado para futuras interpretações e análises contrastivas.

2.5.6.7 Atlas Linguístico do Litoral Potiguar (ALiPTG)

O primeiro atlas linguístico investigado completamente em áreas costeiras do Brasil foi a Tese de Doutorado de Maria das Neves Pereira, defendida na UFRJ em 2007, sob a orientação da profª Dinah Callou.

A investigação ocorreu no Rio Grande do Norte, culminando, assim, com a elaboração do *Atlas Linguístico do Litoral Potiguar*, como parte integrante do Atlas Linguístico do Estado, tendo, para tanto, 24 informantes, pertencentes a cinco municípios, selecionados dentre os 11 que compõem a rede de pontos do Projeto ALIRN.

A esses informantes foi realizado o inquérito com base nos Questionário Fonético-Fonológico, Semântico-Lexical, Morfossintático e Elocuções Livres sugeridas nos parâmetros do Projeto ALiB.

A partir daí, foram construídas 80 cartas linguísticas, sendo 35 fonéticas, 10 morfossintáticas e 35 cartas léxicas, além de oito cartas introdutórias. A figura 22 ilustra a cartografia linguística do litoral potiguar.

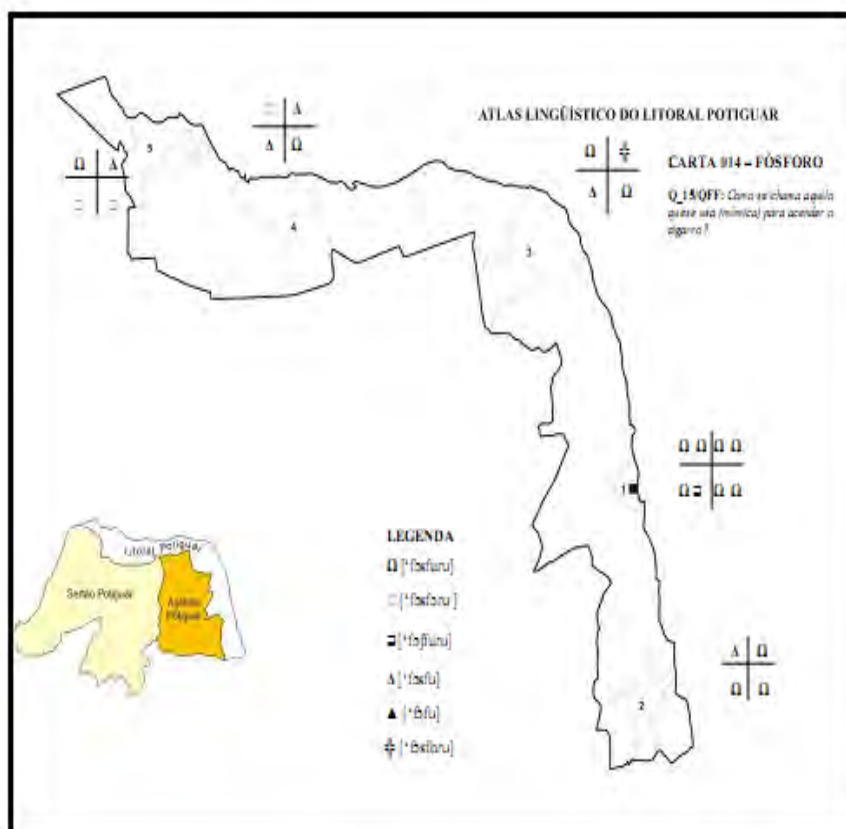


Figura 22: Carta 14 do Atlas Linguístico do Litoral Potiguar (PEREIRA, 2007)

2.5.6.8 Atlas Linguístico de São Francisco do Sul (ALSFS)

Mais uma Tese de Doutorado foi resultado de pesquisas de natureza geodialetal, tendo como foco o município de São Francisco do Sul. O atlas desse município foi concluído por Tânia Braga Guimarães, em 2007, cuja defesa ocorreu na Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da profª Vanderci Aguilera.

Nesse atlas, há um questionamento que complementa o título do projeto: “Há nesta ilha um falar específico?” A resposta a essa pergunta se concentra numa investigação realizada a 36 informantes distribuídos em nove pontos de inquérito, seguindo, portanto, a estratificação proposta para o ALiB.

Foi aplicado um questionário composto de 117 questões de cunho fonético-fonológicos e 131 de natureza semântico-lexical, perfazendo 248 perguntas, que resultaram na elaboração de 98 cartas, sendo 53 resultantes do primeiro nível de investigação linguística e 42 baseadas nas respostas selecionadas no segundo nível.



2.5.6.9 Atlas Linguístico Rural de Pinheiral (RJ)

O professor Luciano da Silva Alonso da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) desenvolveu o primeiro *Atlas Linguístico Rural do Estado do Rio de Janeiro*, a partir de uma diagnose realizada no município de Pinheiral.

As pesquisas ocorreram entre novembro de 2007 e julho de 2008, ocasião em que estudantes bolsistas e profissionais da equipe realizaram inquéritos com noventa e nove produtores rurais do referido município, distribuídos em quatro comunidades, nas quais foram feitas questões que apresentassem designações de termos e expressões típicas do meio rural e da atividade agropecuária.

Apesar de pouco divulgado, por se tratar de um trabalho particularmente organizado pelo Programa de Educação Tutorial (PET) de Medicina Veterinária da UFRRJ, foi preparado um CD-ROM com o Atlas, encontrando-se em processo de registro de ISBN, junto à Biblioteca Nacional, após o qual, será distribuído gratuitamente em todo o território nacional.

2.5.6.10 Atlas Linguístico de Iguatu (ALIg)

O *Atlas Linguístico de Iguatu (ALIg)* foi um projeto que culminou numa Dissertação de Mestrado, submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC em 2009, por parte de Fabiana dos Santos e teve a orientação da prof^a Socorro Aragão.

A pesquisa foi realizada em 6 pontos de inquérito, sendo 4 pertencentes à zona urbana e 2, à zona rural. Em cada um dos pontos, foram pesquisados 4 informantes, distribuídos igualmente por gênero e pela tipificação etária, ou seja, foram escolhidas pessoas entre 18 e 30 anos, e na outra faixa, entre 45 e 60 anos, sem nenhum grau de instrução e que não suplantassem a última série do Ensino Fundamental.

Para o ALIg, foram construídas 53 cartas, das quais 49 contabilizam os dados semântico-lexicais e as demais introduzem as informações geográficas do município.

2.5.6.11 Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (ALMASPE)

A escassez de trabalhos geolinguísticos no Estado de Pernambuco se confirma com a quantidade realizada até o momento. Dos dois trabalhos existentes, o pioneirismo ficou a cargo de Edilene Maria Oliveira de Almeida, que elaborou o *Atlas Linguístico da Mata Sul de*



Pernambuco (ALMASPE), como Dissertação de Mestrado, defendida em 2009 na UFPB, também sob a orientação da profª Socorro Aragão.

Nesse trabalho, foram escolhidos seis pontos de inquérito da Zona da Mata Sul Pernambucana, quais sejam: Barreiros, Belém de Maria, Palmares, Ribeirão, São Benedito do Sul e Sirinhaém.

O perfil dos informantes teve como requisito a naturalidade no ponto pesquisado ou migração com menos de 8 anos de habitação, mas que sua filiação fosse da mesma localidade. Concernente à faixa etária, foram inquiridos habitantes com 18 a 30 anos e de 40 a 65 anos, sendo a faixa inicial do segundo nível inferior ao sugerido no ALiB.

Foi aplicado o Questionário Semântico-Lexical do ALiB e, de posse dos resultados, foram elaboradas 7 cartas introdutórias e 45 cartas linguísticas, conforme ilustrado na figura a seguir:

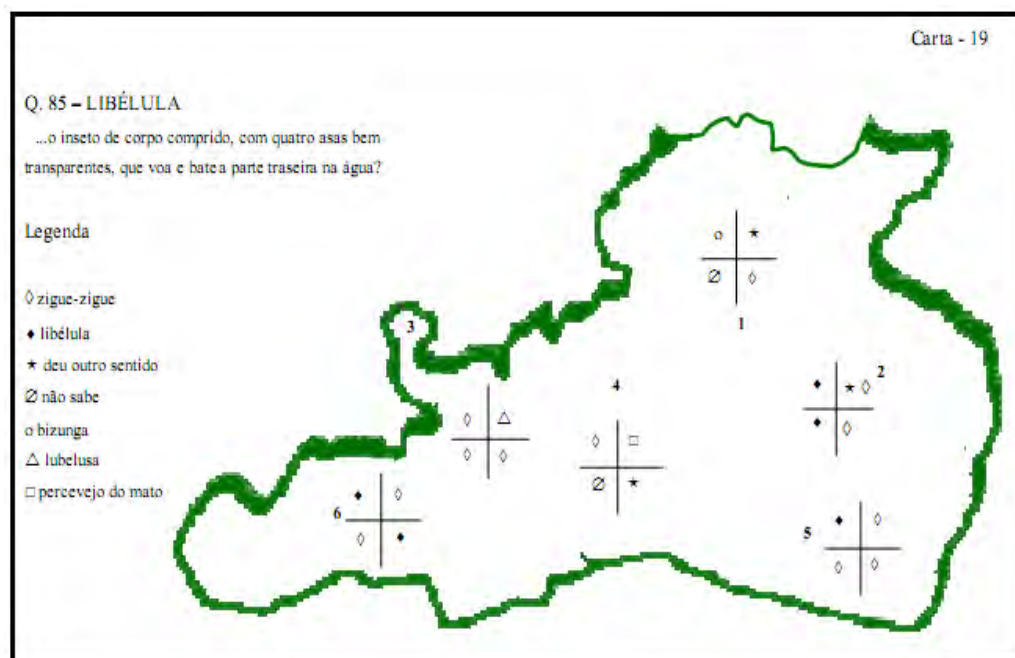


Figura 23: Carta 19 do Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (ALMEIDA, 2009)

2.5.6.12 Atlas Semântico-Lexical do Litoral Norte de São Paulo

Seguindo a linha dos atlas linguísticos com *corpora* colhidos no litoral brasileiro, em 2010, também foi compilado numa Tese de Doutorado o *Atlas Semântico-Lexical do Litoral*



Norte de São Paulo, organizado por Márcia Regina Teixeira da Encarnação em 2010, a partir de pesquisa nos municípios de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba.

A orientação do trabalho ficou a cargo da prof^a Irenilde Pereira dos Santos e a autora do atlas obteve informantes estratificados segundo os parâmetros etários do ALiB, nos níveis de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, cada par com escolaridade que não ultrapassasse a 8ª série do Ensino Fundamental.

Após os resultados terem sido tabulados, foram construídas 208 cartas, de acordo com as quais também foi possível construir histogramas, gráficos e tabelas, na iminência de registrar a diversidade semântico-lexical da região litorânea paulista.

A análise qualitativa revelou 148 respostas consideradas marcantes na região, cujas lexias aparecem em todos os pontos da pesquisa e foram proferidas por, pelo menos, 50% dos sujeitos inquiridos.

2.5.6.13 Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná (ALERO)

A Tese de Doutorado de Sanimar Busse, defendida em 2010 na Universidade Estadual de Londrina (UEL), teve como intuito investigar a realidade linguística de nove pontos de inquérito da Região Oeste do Estado do Paraná: Assis Chateaubriand, Capitão Leônidas Marques, Cascavel, Guaíra, Guaraniaçu, Marechal Cândido Rondon, Medianeira, Santa Helena e Santa Terezinha de Itaipu.

O projeto entregue à UEL se intitulava *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná (ALERO)*, conforme encontrado em Busse (2009). Contudo, mesmo mantendo a proposta inicial, a tese teve como título final “*Um estudo geossociolinguístico da fala do oeste do Paraná*”.

Metodologicamente, a autora optou por investigar pessoas de 18 a 35 e de 45 a 65 anos distribuídos equitativamente entre analfabetos ou com ensino fundamental incompleto e com ensino fundamental completo ou ensino médio incompleto.

Foram aplicados os questionários do ALiB, com algumas adaptações sugeridas face à realidade investigada e as cartas fonético-fonológicas e semântico-lexicais foram inspiradas no modelo de gráfico de setores que se constitui de uma representação esférica ou circular dividida de acordo com a proporção de um fenômeno ou tema, ou seja, parte-se do percentual encontrado para cada realização encontrada. Esse modelo foi utilizado nas cartas do Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU), organizado por Thun & Elizaincín (2000).



2.5.6.14 Atlas Linguístico do Baixo Amazonas (ALBAM)

De autoria da professora Roseanny Melo de Brito, o segundo atlas dos falares da Amazônia foi uma Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal do Amazonas em 2010, sob a orientação de Luiza Cruz, autora do primeiro atlas do Estado.

No trabalho de Roseanny, foi contemplada a mesorregião do Baixo Amazonas, sendo considerados apenas cinco municípios como pontos de inquérito: Nhamundá, Urucará, São Sebastião do Uatumã, Boa Vista do Ramos e Barreirinha. Porém, Parintins, na mesma mesorregião, não foi selecionado por já ter sido pesquisado no ALAM.

Foram escolhidos informantes tanto sem escolaridade como falantes que não ultrapassassem o 5º ano do Ensino fundamental, além de outros critérios já utilizados em pesquisas do gênero.

Foram, ao todo, trinta informantes distribuídos diagenéricamente e pertencentes a três faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e de 56 anos em diante.

Vale salientar que a pesquisa almejou apenas o nível fonético-fonológico, sendo aplicado o questionário apropriado para tal.

2.5.6.15 Atlas Linguístico de Buíque (ALiBui)

Um segundo atlas linguístico construído sobre o falar pernambucano foi realizado como trabalho monográfico de Especialização *Lato Sensu* em Língua Portuguesa da Universidade de Pernambuco (UPE), sob a autoria de Joseane Cavalcanti Ferreira. Priorizou-se, nesse trabalho, o município de Buíque, no Agreste do Estado.

Foram selecionados 20 informantes distribuídos em cinco bairros de maior representatividade no município, não sendo feitos inquéritos na zona rural, por não ser esse o foco do trabalho e a escolha dos informantes seguiu o perfil sugerido na metodologia do ALiB.

Aos informantes foi aplicado o *Questionário Semântico Lexical* do ALiB, com suas 202 questões distribuídas em 14 campos semânticos e ainda 08 questões voltadas para uma das especificidades do município, o Sítio Arqueológico Vale do Catimbau.

Mesmo sendo um trabalho de pequeno porte, vale a pena reconhecer o pioneirismo deste atlas municipal em Pernambuco, talvez com falhas teórico-metodológicas, mas que pode servir de inspiração para o despertar de outros estudiosos da Dialetologia e da Geografia



Linguística no Estado, a fim de que se dignem a investigar marcas dialetais ainda ocultas ou ratifiquem mais pormenorizadamente aquelas já registradas.

2.5.6.16 Atlas Léxico-Semântico de Capistrano-CE (ALiCA)

Jamyle dos Santos Monteiro elaborou o *Atlas Léxico-Semântico de Capistrano-CE (ALiCA)* como Dissertação de Mestrado, defendida em 2011 na Universidade Estadual do Ceará, sob a orientação do professor Luciano Pontes e co-orientação da prof^a Socorro Aragão.

Além do município-sede, foram selecionados três distritos como pontos de inquérito: Pesqueiro, Carqueija e Mazagão. Nessas localidades, ao todo, foram selecionados 32 informantes, distribuídos etariamente entre 18 e 30 anos e 45 a 60 anos. Na dimensão *diestrática*, a autora optou por dois níveis, o ensino fundamental e o ensino superior.

Os resultados do ALiCA ocasionaram 57 cartas lexicais, contemplando todos os 14 campos semânticos propostos pelo questionário do Projeto ALiB, sendo o campo *fauna* o maior produtor de variantes selecionadas para a documentação cartográfica.

2.5.6.17 Atlas Geossociolinguístico de Londrina (AGeLO): um estudo em tempo real e tempo aparente

O segundo atlas de Londrina foi o produto de Dissertação de Mestrado de Valter Pereira Romano, defendida na Universidade Estadual de Londrina em 2012 sob a orientação da professora Vanderci Aguilera. O autor intitulou seu trabalho de *Atlas geossociolinguístico de Londrina (AGeLO): um estudo em tempo real e tempo aparente*.

Na realidade, o autor procurou fazer um contraste entre o comportamento linguístico dos londrinenses conforme os dados do Esboço do Atlas Linguístico de Londrina (EALLO) coletados na década de 80 e a atualidade. Para tanto, foi realizada uma nova pesquisa em dez dos doze pontos de inquérito do primeiro atlas.

A pesquisa do AGeLO foi realizada com base nos critérios metodológicos do ALiB no que diz respeito às dimensões *diagenérica* e *diageracional*. De acordo com objetivos preestabelecidos, a escolaridade variava entre o ensino fundamental e o ensino superior, já que o autor intencionava verificar se a variação e a mudança linguística eram condicionadas a restrições de natureza externa, o que foi comprovado quando da conclusão de seu trabalho.



2.5.6.18 Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar

Em 2012, Moisés Batista da Silva defendeu sua Tese de Doutorado com o título de *Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar*, sob a orientação da professora Socorro Aragão.

Para esse atlas, o autor decidiu contemplar pontos em que não há documentação dialetal realizada. Assim, da *Mesorregião Oeste*, foram escolhidos Apodi, Janduí, Mossoró e Pau dos Ferros. Da *Mesorregião Central*, por sua vez, fizeram parte Angicos, Caicó, Currais Novos e Macau.

Além da dimensão diagenérica, os informantes foram selecionados de acordo com dois níveis etários: 18 a 30 anos e 48 a 62 anos, com escolaridade igual ou inferior ao 9º do Ensino Fundamental.

A pesquisa culminou na elaboração de 147 cartas, sendo 84 de nível semântico-lexical e 63 contemplando as realizações fonéticas mais recorrentes.

2.5.6.19 Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT)

A Tese de Doutorado de Rita de Cássia da Silva Soares teve como intuito construir o *Atlas Semântico Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT)*, cuja defesa ocorreu em 2012, na USP, sob a orientação da professora Irenilde Santos.

Os pontos de inquérito foram a Zona Rural e a Zona Urbana de Guarulhos e os municípios Arujá, Santa Isabel, Nazaré Paulista, Mairiporã.

O Questionário Semântico-Lexical do ALiB foi aplicado aos informantes que tinham as mesmas faixas etárias propostas para o projeto nacional. Também foram acrescentadas 31 questões do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Estudo Sociogeolinguístico do Município de São Paulo, elaborado pelo Grupo de Pesquisa em Dialectologia e Geolinguística da USP, o que resultou no total de 233 cartas linguísticas.

2.5.7 Atlas em fase de elaboração

Passados cinquenta anos do primeiro atlas linguístico realizado do Brasil, outros estados ainda não contam com sua documentação dialetal. Alguns projetos já saíram do papel e estão sendo desenvolvidos por pesquisadores de várias instituições de ensino superior do país. Evidenciam-se, a seguir, onze desses projetos.



2.5.7.1 Atlas Geo-sociolinguístico do Pará (ALiPA)

A linguagem paraense tem sido investigada há algum tempo e os dados obtidos na zona urbana foram inseridos no primeiro atlas linguístico sonoro do Estado. Contudo, seu idealizador, o prof. Abdelhak Rasky, pretende estender esse trabalho em outros níveis de interpretação.

Para isso, já foi realizada a investigação na zona urbana com 42 informantes, cujo perfil considerou três níveis de renda (alta, média e baixa), a dois níveis de escolaridade (fundamental e médio) e à ausência dela, a três faixas etárias, de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e a partir dos 50 anos. Na zona rural, os informantes escolhidos tiveram escolaridade que não ultrapassava o primeiro nível do ensino fundamental e foram estratificados em duas faixas etárias de 18 a 30 e de 40 a 70 anos, ao contrário do perfil da zona urbana.

A diagnose partiu de um questionário em que se contemplaram as áreas semânticas *terra, homem, lendas e superstições*, além de narrativas pessoais e questões de natureza específica do Pará.

2.5.7.2 Atlas Etnolinguístico do Acre (ALAC)

A ideia da construção de um atlas linguístico do falar acreano partiu da professora Luísa Galvão Lessa, que pretende documentar as realizações dialetais encontradas em 18 localidades distribuídas no Vale do Acre, no Vale do Juruá e no Vale dos Purus.

Por ser de natureza etnolinguística, o projeto tem o intuito de levantar dados linguísticos encontrados em *cinco campos distintos de pessoas*: seringueiros, agricultores, pescadores, madeireiros e pecuaristas.

Pelo que se sabe, a proposta metodológica consiste na aplicação dos questionários de nível geral e específico a informantes escolhidos com faixa etária dos 16 a 50 anos, sem instrução escolar. Esperam-se, portanto, informações sobre os fenômenos mais relevantes no Estado, cujos procedimentos de análise já se iniciaram.

2.5.7.3 Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)

O projeto ALiMA segue, também, os parâmetros desenvolvidos para o ALiB e é coordenado pela professora Conceição de Maria de Araújo Ramos.



A diagnose pretende captar as marcas do falar maranhense por meio de inquéritos realizados em 15 pontos, perfazendo o total de 76 informantes, distribuídos em duas faixas etárias, 18 a 30 e 45 a 60 anos, com escolaridade do nível fundamental ao superior.

Além das questões gerais retiradas do projeto nacional, o questionário específico indaga sobre *aspectos culturais da presença africana, o bumba-meu-boi, o reggae, os produtos agroextrativistas, a culinária e as línguas indígenas*.

2.5.7.4 Atlas Linguístico do Piauí (ALiPI)

Ainda nas trilhas da Região Nordeste, há informações de um projeto de elaboração do *Atlas Linguístico do Piauí*, sob a coordenação da prof^a Socorro Aragão e do professor Luiz Egito de Souza.

Consta que o ALiPI seguirá os pressupostos teórico-metodológicos do ALiB, porém ainda não há notícias mais específicas sobre pontos de inquérito e quantidade de informantes.

2.5.7.5 Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN)

Na mesma linha, encontra-se também em fase de implantação, o *Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte*, capitaneado pela professora Maria das Neves Pereira, que segue a metodologia do ALiB para a seleção dos informantes.

Os inquéritos deverão ser realizados em dez pontos, totalizando, assim, a quantia de quarenta e quatro informantes, de duas faixas etárias, dos 18 aos 30 e dos 45 aos 60 anos, de níveis fundamental e superior, aos quais será aplicado o questionário proposto para o ALiB e questões específicas relativas a produtos agrícolas do Estado Potiguar.

2.5.7.6 Atlas Prévio do Espírito Santo (APES)

Tendo seus inquéritos já concluídos, encontra-se em fase adiantada de organização o *Atlas Prévio do Espírito Santo*, cujo projeto é coordenado pela professora Catarina Vaz Rodrigues.

Foram selecionados 35 pontos de inquérito, com 70 informantes no total, de faixa etária mediana, ou seja, dos 30 aos 55 anos. O nível de instrução desejado permeia entre o analfabeto e a quarta série do Ensino Fundamental.



Os inquéritos foram realizados apenas na zona rural, no período de fevereiro de 2006 a julho de 2007. Contudo, no projeto entregue pela coordenadora, a segunda etapa do estudo pretende analisar as realizações encontradas na zona urbana do Estado.

2.5.7.7 Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro (ALiSon-Rio)

Assim como o ALISPA, atlas pioneiro de natureza sonora, a professora Cláudia Cunha tem a mesma intenção de construir um *Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro*, para que as cartas possibilitem a visualização da imagem e do texto e sua integração com os recursos sonoros.

A proposta do ALiSon-Rio consiste na realização de inquéritos em 24 localidades, dentro das 8 microrregiões do Estado, com informantes escolhidos com base na metodologia do ALiB, do qual também foi retirado o Questionário Fonético-Fonológico a ser aplicado.

2.5.7.8 Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP)

Pensado por Pedro Caruso há quase trinta anos, o *Atlas Linguístico do Estado de São Paulo* ainda não foi concluído, mesmo tendo os inquéritos sido aplicados em 1988 a 100 localidades, com um questionário de 308 perguntas, distribuídas em três níveis, sendo 141 para o campo semântico terra, 161 para o campo *homem* e mais seis relacionadas a *lendas e superstições*. Acresceu-se a elas um questionamento sobre experiências pessoais dos informantes.

Lamentavelmente o projeto se encontra suspenso, o que Isquerdo (2006, p. 82-83) justifica alegando motivos relacionados, sobretudo, “a vicissitudes ligadas à equipe da pesquisa”.

Pensando nos efeitos contrastivos que o ALESP poderia ter com outros falares brasileiros, Isquerdo (*op cit*, p. 83), ainda reforça que:

[...] a não conclusão do projeto ALESP representa uma lacuna nos estudos dialetológicos brasileiros, em virtude da importância do estado de São Paulo na história social da colonização e do povoamento de diferentes estados da Federação, dentre outros, o Paraná, o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul. O cruzamento dos dados do ALESP com os documentados nesses Estados poderia contribuir para a definição de isoglossas a respeito de traços fonéticos ou lexicais que, por sua vez, poderiam refletir diferentes momentos na história do Brasil.



2.5.7.9 Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)

Embora não haja, até o momento, nenhuma documentação científica sobre estudos dialetais neste Estado, há o recente projeto de criação do *Atlas Linguístico do Amapá*, para o qual serão feitos inquéritos em 10 localidades, segundo informações do site do projeto⁴¹. A coordenação fica a cargo do prof. Abdelhak Rasky e a colaboração de mais dez pesquisadores.

Os 44 informantes previstos serão distribuídos equitativamente por duas faixas etárias, 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, e contemplarão os dois sexos, seguindo, assim, a metodologia do ALiB, de que também fazem parte os questionários fonético-fonológico e semântico-lexical previstos para serem aplicados.

2.5.7.10 Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO)

Encontra-se projetado o *Atlas Linguístico de Rondônia* (ALiRO), coordenado pela prof^a Iara Maria Teles. Para tanto, a equipe pretende inquirir 15 municípios do Estado, compreendendo três regiões, usando os questionários propostos para o ALiB.

Não há, contudo, maiores informações sobre o andamento do projeto.

2.5.7.11 Atlas Linguístico de Alagoas (ALAL)

O projeto *Atlas Linguístico de Alagoas* (ALAL) está sendo desenvolvido em nível de Doutorado, por Maranúbia Barbosa, sob a orientação da professora Vanderci de Andrade Aguilera, na Universidade de Londrina.

A rede de pontos do ALAL é composta de um total de 25 municípios, cobrindo todo o território alagoano e os inquéritos deverão ser realizados com 02 informantes (um do sexo masculino e outro do sexo feminino), com idades entre 30 e 55 anos, analfabetos ou, no máximo, quatro anos de estudo, nascidos na localidade, com pais também do mesmo lugar, sem terem se afastado por longos períodos do município.

Serão aplicadas questões oriundas do Questionário do ALiB, abordando os níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático, além de questões formuladas em

⁴¹ Informações sobre o andamento do projeto ALAP poderão ser consultadas no site: <http://alap.webnode.com.br/alap/>



função das especificidades do Estado de Alagoas, bem como da região Nordeste, perfazendo, ao todo, cerca de 350 perguntas.

2.5.8 Outros trabalhos de pesquisa dialetal

Reconhecido o mérito dos primeiros trabalhos dialetais realizados no Brasil desde a elaboração do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* em 1963, pesquisadores de todo o país têm seguido a sugestão de Silva Neto (1957, p. 9) de que é “necessário, antes de mais nada, criar mentalidade dialetológica, preparando um ambiente favorável à pesquisa de campo”, ou seja, mesmo sentindo a necessidade de se estudar os falares brasileiros, algumas etapas preliminares deveriam ser seguidas, como, por exemplo, a realização de monografias etnográfico - linguísticas sobre determinadas áreas semânticas e sobre determinados falares da região, já que:

[...] o entusiasmo com que falamos nos atlas linguísticos não nos obceca, porém, a ponto de os julgarmos panaceias que prescindem de tudo o mais. Pelo contrário, elas precisam ser completados por monografias que ganhem em profundidade o que os atlas têm em extensão. (SILVA NETO, *op cit*, p.267)

Seguindo a perspectiva metodológica da geolinguística, alguns trabalhos não necessariamente nomeados de atlas linguísticos têm sido projetados de Norte a Sul do país, seja como monografias, dissertações ou teses, delimitando tanto o território investigado, como a natureza linguística da pesquisa realizada, mas igualmente servindo de referencial para pesquisas posteriores. Por isso, convém mencionar alguns desses trabalhos.

a) *Pesquisa piloto de um Atlas Linguístico de Ortigueira* (1993) – realizada pela professora Vanderci Aguilera, já concluída, mas ainda não publicada.

b) *Aspectos Linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolinguístico* (2000) – Dissertação de Mestrado de Fádúia Moisés Lino.

c) *As realizações da vibrante na variedade linguística rural do Paraná: uma abordagem geovariacionista* (2004) – Dissertação de Mestrado de Alessandra Babler Gusmão.

d) *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil* (2004) – Tese de Doutorado de Felício Wessling Margotti.



e) *Cartografia Linguística e Educação na Amazônia: um estudo semântico-lexical da fala na/da Microrregião Marabá/Pará* (2007) – Dissertação de Fábio Rogério Rodrigues Gomes.

f) *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /R/* (2007) – Dissertação de Maria Silvana Militão de Alencar.

g) *Estudo sociogeolinguístico do município de Iguape: aspectos semântico-lexicais* (2009) – Dissertação de Roseli da Silveira.

h) *O léxico guiratinguense na perspectiva dialetológica: aspectos semântico-lexicais* (2010) – Dissertação de Wanderléia Silva Carvalho Viola.

i) *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano* (2012) – Tese de Silvana Ribeiro

O que se observa é que, aos poucos, o sonho de Nascentes está se concretizando, com a quase totalidade dos estados brasileiros se fazendo presentes na criação de atlas linguísticos e, quando já os têm, suas equipes se solidarizam a outras, compartilhando suas experiências, auxiliando na pesquisa e na documentação do que há de mais conservador, contribuindo, assim, na interpretação dos vários “portugueses brasileiros” existentes no país.



3

CONHECENDO A TERRA DOS ALTOS COQUEIROS: PERNAMBUCO

Quero falar-lhe meu amigo, do povo alegre, hospitaleiro, do meu **Pernambuco** querido, Conhecido no mundo inteiro por suas praias, seu colorido, uma beleza verde e azulada⁴². (SILVA, 2007)

Neste capítulo, expõe-se um panorama sobre o Estado de Pernambuco, começando por sua história, sua geologia e constituição populacional, respaldando as informações quantitativa, estatística e pictoricamente.

3.1 A HISTÓRIA DO ESTADO “ONDE O MAR SE ARREBENTA”

A extensão territorial onde hoje está localizado o Estado de Pernambuco é habitada há muito tempo. Segundo encontrado em Sampaio (2008b), há registros de presença humana de 6.000 anos, na área que compreende os municípios de *Buíque*, *Tupanatinga*, *Inajá* e *Ibimirim*.

Tais registros são vistos sob a forma de pinturas rupestres no *Parque Nacional da Serra do Catimbau* a 295 km da capital do Estado.

Além do Vale do Catimbau, tanto Silva (2003) quanto Assis & Acioli (2004) mencionam outros registros de presença humana na Pré-história pernambucana em municípios contíguos ao rio São Francisco, como *Petrolina* e *Petrolândia*. Nesse último, destaca-se o abrigo do *Letreiro do Sobrado* e a *Gruta do Padre*.

Há, ainda, um cemitério indígena localizado em *Brejo da Madre de Deus* chamado *Furna do Estrago* e o sítio *Chã do Caboclo*, em Bom Jardim.

Desde os tempos mais remotos até o século XVI, toda a área brasileira era habitada por grupos indígenas. Em Pernambuco, enquanto no litoral, se sobressaíam os *tupi-guaranis*,

⁴² SILVA, Ibernise M. Morais. **Saudades do meu Pernambuco**. Núcleo Temático Educativo, 2007 (on-line)



a exemplo dos *Tupinambás*, *Tabajaras* e *Caetés*, no interior viviam grupos do tronco *Jê* como, por exemplo, os *Tapuias*.

A influência indígena já partiu do nome do Estado. *Paraná-Puca*, expressão oriunda do *tupi* que significa “onde o mar se arrebenta”, foi a perífrase produzida pelos índios ao que, mais tarde, se tornaria um dos menores estados brasileiros, mas isso não baliza sua importância para a História do Brasil e para a sociedade. A expressão originou o nome do Estado pelo fato de a maior parte do seu litoral ser protegida por paredões de recifes de coral.

Segundo encontrado em Andrade (2004), é comum os historiadores iniciarem os ensaios da história pernambucana a partir da chegada e da conquista portuguesa, como se o Brasil e, particularmente, Pernambuco, renegassem o passado indígena, considerando-se uma civilização europeia nos trópicos.

Tal engano foi refutado pelo fato de as marcas indígenas subsistirem e, apesar de dominadas, ainda hoje reaparecem na vida e na cultura do Estado. Assim, é, pois, conveniente expor a história de Pernambuco pela vida e a ação dos grupos indígenas que apresentam sinais importantes em determinados pontos do seu território, como os índios *Fulni-ô* de Águas Belas, que conservam sua língua e seus costumes, os *Pankararu* de Tacaratu e os *Xucuru* de Cimbres (Pesqueira), além de outras comunidades indígenas menos expressivas.

Para salvaguardar suas tradições no Estado, as tribos têm se valido da Constituição de 1988 para reivindicar seus direitos, dentre os quais a demarcação das terras de suas propriedades, conquistadas pelos brancos, segundo eles, desde o século XVI, já que foi justamente nesse período que houve os primeiros contatos dos índios com europeus. Contudo, a história de Pernambuco parece ter tido início antes mesmo de o próprio Brasil ser descoberto.

Acredita-se que no período de 1491 e 1500, franceses, espanhóis e portugueses tenham singrado o oceano à procura de terras inexploráveis. Tais expedições oficiais parecem ter sido organizadas em segredo, para não expor à concorrência o que fosse encontrado.

Pereira da Costa (1985) menciona que franceses e bretões, já nesse período, negociavam com os indígenas das terras situadas nas proximidades da Foz do Rio São Francisco.

Além disso, conforme encontrado em Sette & Andrade (1959), um navegador espanhol chamado Vincente Pinzon atracou em solo pernambucano, na Enseada de Suape, antes mesmo de Cabral sair de Portugal com sua comitiva em direção às terras brasileiras em março de 1500. À época, o navegador nomeou o Cabo de Santa Maria de La Consolación,



seguindo depois para o Norte, desconhecendo que a terra já pertencia a Portugal, por conta do Tratado de Tordesilhas.

Isso pode ser comprovado a partir do que os Reis da Espanha preconizaram em Granada no dia 5 de setembro de 1501, sobre a rota de Pinzon, há pouco mais de um ano.

O relato, disposto, confirma a passagem do espanhol pelo Cabo. Depois disso, seguiu para Rosto Hermoso (atual Ceará) e, por fim, para o Mar-Dulce:

Nós temos que enquanto for nosso favor e vontade ... O dito Vicente Yañez... seja nosso capitão e Governador das terras nomeadas desde a dita Ponta de Santa Maria da Consolação, segundo a Costa até Rosto Bonito, e de lá toda a costa que corre ao Noroeste até o dito rio que puseste o nome de Santa Maria do Doce Mar (tradução nossa). (CAVALCANTI, 2009)⁴³

A estada de Pinzon no Cabo de Santo Agostinho, porém, é contestada por alguns historiadores, que afirmam ser a costa de Mucuripe o local onde o espanhol atracou em janeiro de 1500.

Nas linhas de Cavalcanti (*op cit*), Pinzon foi companheiro de Colombo na viagem de 1492 à América. Em nova expedição realizada em 1499 com uma frota de quatro embarcações, o navegador se dirigiu inicialmente ao arquipélago de Cabo Verde e de lá seguiu para a América, em 13 de janeiro de 1500. Assim, por volta do mês de fevereiro, Pinzon ancorou seus navios na Enseada de Suape, depois de fazer um levantamento do ponto mais favorável.

Já em 1501, a comitiva exploradora portuguesa, passando pelo litoral pernambucano, batizou o acidente geográfico de Cabo de Santo Agostinho, alterando a alcunha determinada por Pinzon.

Nos primeiros anos do século XVI, o litoral pernambucano passou a ser cobiçado pelos europeus, principalmente os portugueses e franceses, por causa da madeira de boa qualidade que encontraram.

Com os lucros adquiridos pela extração do pau-brasil, outros países europeus passaram a cobiçar as terras e acabaram invadindo-as para retirar a madeira. Por isso, para defender a terra de estrangeiros, Portugal resolveu colonizar as terras brasileiras. O governo, então,

⁴³ Tenemos que em quanto nuestra merced e voluntad fuere...vos El dicho Vicente Yañez...seads nuestro Capitan e Gobernador de las dichas tierras de suso nombradas desde La dicha punta de Santa Maria de la Consolacion seguinde la costa hasta Rosto Hermoso, e de allí toda la costa que se corre al Norueste hasta el dicho Rio que vos posites nome Santa Maria de Mar-dulce.



dividiu-as em 15 lotes, nomeando-os de *Capitanias Hereditárias*, sendo que as dificuldades de proteção eram enormes, sem falar nos ataques dos índios, o que fez com que apenas duas capitanias obtivessem êxito: a de Pernambuco e a de São Vicente. A figura seguinte ilustra o mapa das capitanias.



Figura 24: Mapa das Capitanias Hereditárias. Fonte: Carvalho (1999)

Sobre a doação da Capitania de Pernambuco, Carvalho (*op cit*, p. 10) expõe que:

[...] a Capitania de Pernambuco foi doada por Duarte Coelho, um homem rico e experiente que já havia andado por terras portuguesas na África e na Índia. Chegou ao Brasil em 1535, estabelecendo-se, inicialmente, na região de Igarassu, onde fundou uma vila com esse nome.



Duarte Coelho, então, sentiu a necessidade de conhecer o espaço que deveria territorializar em sua exploração. Por isso, fundou um povoado sob a invocação dos Santos Cosme e Damião, mas a preocupação com os índios, a quem atacou depois, o fez descer o rio Igarassu até escolher o lugar mais apropriado para a construção da Vila Capital de Olinda em 1537.

Por não possuir porto, as embarcações só atracavam a certa distância e só se chegava a vila em pequenas embarcações. Nessa vila onde havia o porto, havia um povoado de trabalhadores portuários e taberneiros, que deram início à cidade do Recife.

A despeito da resistência dos índios em entregarem suas terras aos portugueses e a tentativa de os escravizarem não ter dado certo, a solução parece ter vindo da África, já que a mão-de-obra em Portugal ficava a cargo dos escravos negros e, com isso, veio uma grande quantidade deles. Porém, os escravos também ofereciam resistência, principalmente pelos maus tratos a que eram submetidos e só havia uma única solução: a fuga.

Muitos foram recapturados pelos chamados *capitães-do-mato*. Outros tantos, porém, se refugiavam em locais de difícil acesso, chamados de “*quilombo*”⁴⁴. Justamente o mais famosos deles, o *Quilombo dos Palmares*, era localizado na Serra da Barriga, entre Alagoas e Pernambuco, abrigando, no final do século XVI, mais de 20.000 escravos fugidos e seus descendentes, até o líder Zumbi ser preso numa expedição e morto em 1694.

Nesse meio tempo, Portugal e suas colônias estavam sob o domínio espanhol, o que despertou a preocupação dos holandeses, à época aliados aos lusos. Assim, o conflito espanhol - holandês ficou mais acentuado e levou os ricos comerciantes da Holanda a organizarem invasões às terras brasileiras, já colonizadas por Portugal. A primeira invasão à Bahia se deu em 1624 e durou apenas um ano.

Em 1630, foi a vez de Pernambuco ser invadido, por conta da grande produção açucareira e, dessa vez, os holandeses tiveram maior sucesso. Começaram tomando Olinda e Recife e depois seguiram para o interior, até a chegada de Maurício de Nassau, para governar o Brasil.

A figura seguinte mostra como o Estado era cartografado, incluindo a Ilha de Itamaracá, onde os holandeses construíram o Forte Orange, nomeando-o dessa maneira por alusão ao príncipe Frederico Henrique de Orange, tio de Nassau.

⁴⁴ Termo advindo do quimbundo, *kilombo*, que significa união em acampamento ou arraial (HOUAISS, 2009)

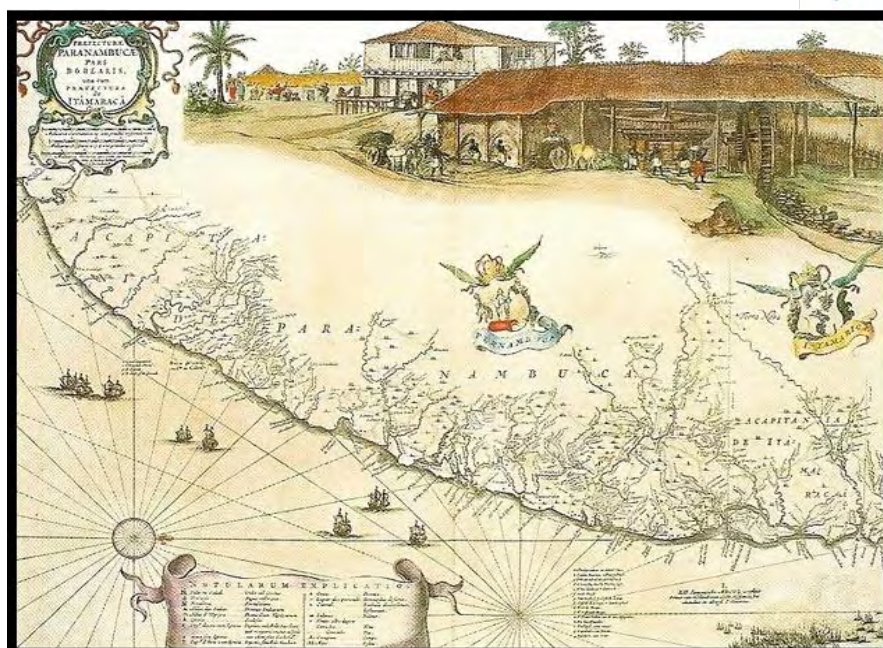


Figura 25: Mapa de Pernambuco, incluindo a Ilha de Itamaracá. Fonte:.. Acervo do Instituto Ricardo Brennand, Recife, Brasil.

Sobre a influência holandesa, Freire (1975, p. 12) reforça:

Dada a prosperidade alcançada por Pernambuco com a produção de açúcar, era natural que essa parte do Brasil atraísse como atraiu, no século XVII, a cobiça de uma Holanda então rival de Portugal e da Espanha. Por trinta anos, Pernambuco esteve sob o domínio holandês e durante oito, governou-o o Conde, que fez dessa parte do Brasil uma das terras americanas mais beneficiadas.

Percebe-se, então, que as muitas importações de artigos norte-europeus e a expansão internacional à produção do açúcar ofereceram condições de *status* ao Brasil, mesmo já politicamente independente de Portugal.

Em 1645, porém, os brasileiros voltaram-se para os holandeses e esses foram expulsos de forma definitiva, voltando, então, o Brasil a pertencer a Portugal, despertando, com isso, a ira de muitos dos já nativos. Houve, então, grandes revoltas, entre elas a Revolução Pernambucana em 1817.

Em 1789, o Nordeste só possuía três províncias, Maranhão, Pernambuco e a Bahia, conforme ilustrado na figura 26.

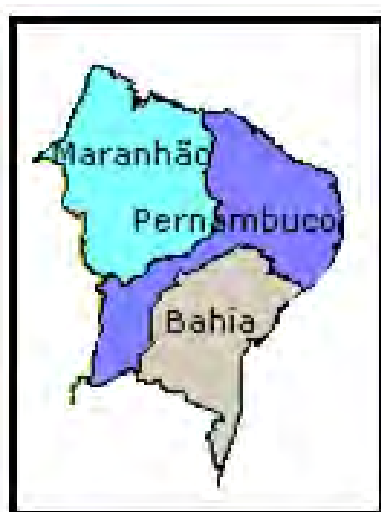


Figura 26: Mapa das divisões das províncias do Nordeste no fim do século XVIII

A figura 26 apresenta os Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas figurando na província pernambucana, como também ocorria com a parte do oeste da Província da Bahia, conforme o mapa na figura 27 pode ilustrar.

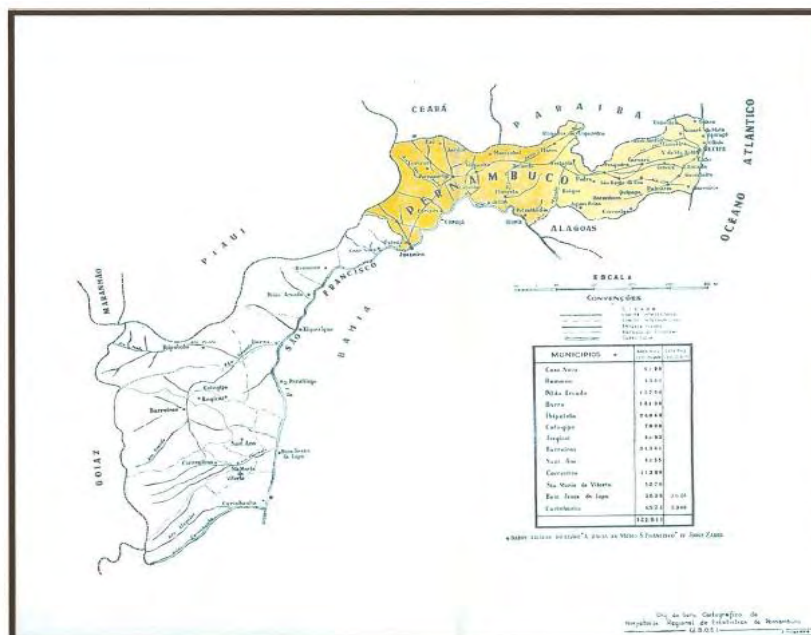


Figura 27: Mapa das Comarcas pertencentes à Província de Pernambuco (LIMA SOBRINHO, 1951)

Sete anos antes da Revolução de 1817, D. João VI, já em terras brasileiras com sua Família Real, dividiu a Província de Pernambuco pela Comarca do Sertão de Pernambuco, passando a se chamar *a posteriori* de Comarca do São Francisco e pela Comarca de Alagoas.



Também já haviam sido desmembradas as comarcas da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, ficando ainda Alagoas pertencente a Pernambuco,

Por represália à revolução de 1817, a Comarca de Alagoas foi elevada ao status de província em 1824, segundo consta em Cavalcanti (2009). Além disso, durante a Confederação do Equador, sob a liderança de Frei Caneca, o Imperador D. Pedro I anexou a Comarca do São Francisco à província de Minas Gerais e depois à Bahia, permanecendo assim até a República e se mantendo até os dias atuais. As alterações cartográficas dispostas na figura 28 elucidam o que ocorreu com a Região Nordeste:

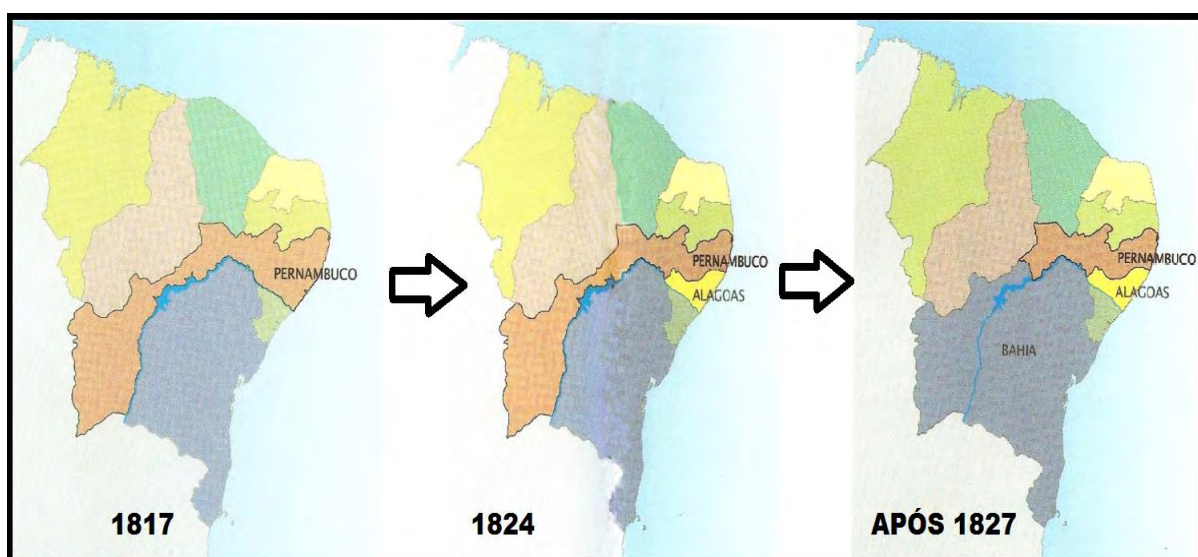


Figura 28: Alterações cartográficas do Nordeste a partir de 1817 (SILVA, 2001)

3.2 PRESSUPOSTOS GEOLÓGICOS

3.2.1 Extensão e coordenadas geográficas

Pertencente à Região Nordeste, o Estado de Pernambuco ocupa a posição oriental, sendo banhado pelo Oceano Atlântico.

Considerando o formato alongado que o Estado possui, sua área ultrapassa a de Portugal, o que lhe permite fazer divisa com quase todos os estados do Nordeste, exceto Maranhão, Rio Grande do Norte e Sergipe. Deste modo, Pernambuco limita-se ao Norte com o Ceará e a Paraíba, ao Sul com Alagoas e Bahia e a Oeste com o Piauí. Já ao Leste, limita-se com o Oceano Atlântico. O litoral, por sua vez, se estende por 187 km desde a barra do rio Goiana até a do rio Persinunga ao Sul.



No quadro 3, expõem-se as coordenadas geográficas dos pontos extremos do Estado, extraídas do IBGE.

Pontos Extremos	Latitude	Longitude
NORTE	7° 15' 45"	37° 12' 30"
SUL	9° 28' 18"	40° 36' 00"
LESTE	7° 37' 50"	34° 48' 33"
OESTE	8° 40' 57"	44° 53' 19"

Quadro 3: Coordenadas geográficas dos pontos extremos do Estado de Pernambuco. Fonte: IBGE

Conforme encontrado em Sampaio (2008a), Pernambuco é constituído de uma estreita faixa terrestre de 98.311 km², sendo 6,3% do Nordeste e 1,2 do Brasil. Sua área é maior do que Portugal, que possui 91.985 km² e se sobressai às áreas juntas da Holanda e da Suíça, que possuem 41.526 km² e 41.295 km², respectivamente.

Sua área em sentido leste-oeste possui 748 km e 240 km no sentido norte-sul, como se observa na figura 29:



Figura 29: Dimensões do Estado de Pernambuco

Por causa da configuração espacial e o processo de povoamento, o Estado passou a ser dividido em 5 mesorregiões e 19 microrregiões geográficas.

Conforme encontrado em Andrade (2003), as mesorregiões de Pernambuco são as seguintes: *Sertão Pernambucano*, *São Francisco Pernambucano*, *Agreste Pernambucano*,



Mata Pernambucana e Metropolitana do Recife, que abrangem, ao todo, 185 municípios, incluindo o arquipélago de Fernando de Noronha. A distribuição cartográfica na figura 30 ilustra melhor como as mesorregiões estão localizadas.

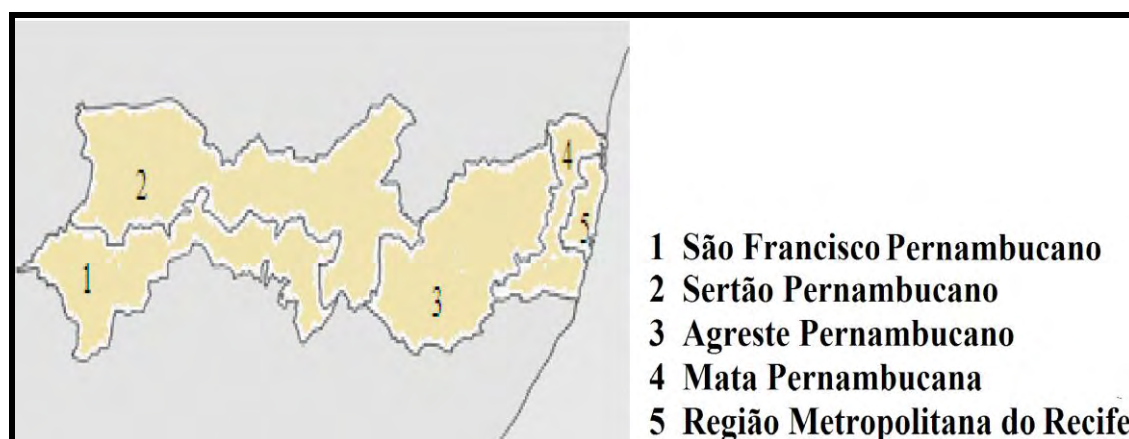


Figura 30: Mesorregiões do Estado de Pernambuco

A **Mesorregião do São Francisco** é subdividida em duas microrregiões, *Itaparica e Petrolina*, contemplando, ao todo, quinze municípios. O **Sertão**, por sua vez, possui quatro microrregiões *Araripina, Salgueiro, Pajeú e Moxotó* com quarenta e um municípios. Já o **Agreste** possui seis microrregiões, quais sejam: *Vale do Ipanema, Vale do Ipojuca, Alto Capibaribe, Garanhuns, Brejo Pernambucano e Médio Capibaribe*. Os municípios dessa mesorregião perfazem a quantia de setenta e um.

A **Mesorregião da Mata Pernambucana** possui quarenta e três municípios distribuídos em três microrregiões a saber: *Mata Meridional, Mata Setentrional e Vitória de Santo Antão*. A capital do Estado, Recife, no entanto, pertence à **Mesorregião Metropolitana**. Essa mesorregião é subdividida em quatro microrregiões, *Fernando de Noronha, Itamaracá, Recife e Suape*, que, em sua extensão, abriga quinze municípios.

No quadro 4, apresentam-se as microrregiões do Estado de Pernambuco e os municípios que elas abrangem, com destaque em negrito para os pontos de inquérito do ALiPE.

MICRORREGIÕES	MUNICÍPIOS
Metropolitana do Recife	Abreu e Lima – Araçoiaba – Cabo de Santo Agostinho – Camaragibe – Fernando de Noronha – Igarassu – Ipojuca – Itamaracá – Itapissuma – Jaboatão dos Guararapes – Moreno – Olinda – Paulista – Recife – São



	Lourenço da Mata
Mata Norte⁴⁵	Aliança – Buenos Aires – Camutanga – Carpina – Chã de Alegria – Condado – Ferreiros – Glória do Goitá – Goiana – Itambé – Itaquitinga – Lagoa do Carro – Lagoa do Itaenga – Macaparana – Nazaré da Mata – Paudalho – Timbaúba – Tracunhaém – Vicência
Mata Sul	Água Preta – Amaraji – Barreiros – Belém de Maria – Catende – Chã Grande – Cortês – Escada – Gameleira – Jaqueira – Joaquim Nabuco – Maraiial – Palmares – Primavera – Pombos – Quipapá – Ribeirão – Rio Formoso – São Benedito do Sul – São José da Coroa Grande – Sirinhaém – Tamandaré – Vitória de Santo Antão – Xexéu
Agreste Setentrional	Bom Jardim – Casinhas – Cumarú – Feira Nova – Frei Miguelinho – João Alfredo – Limoeiro – Machados – Orobó – Passira – Salgadinho – Santa Cruz do Capibaribe – Santa Maria do Cambucá – São Vicente Ferrer – Surubim – Taquaritinga do Norte – Toritama – Vertente do Lério – Vertentes
Agreste Central	Agrestina – Alagoinha – Altinho – Barra de Guabiraba – Belo Jardim – Bezerros – Bonito – Brejo da Madre de Deus – Cachoeirinha – Camocim de São Felix – Caruaru – Cupira – Gravatá – Ibirajuba – Jataúba – Lagoa dos Gatos – Pannels – Pesqueira – Poção – Riacho das Almas – Sairé – Sanharó – São Bento do Una – São Caetano – São Joaquim do Monte – Tacaimbó
Agreste Meridional	Águas Belas – Angelim – Bom Conselho – Brejão – Buíque – Caetés – Calçado – Canhotinho – Capoeiras – Correntes – Garanhuns – Iati – Itaíba – Jucati – Jupi – Jurema – Lagoa do Ouro – Lajedo – Palmerina – Paranatama – Pedra – Salóá – São João – Terezinha – Tupanatinga – Venturosa
Pajeú	Afogados da Ingazeira – Brejinho – Calumbi – Carnaíba – Flores – Iguaraci – Ingazeira – Itapetim – Quixaba – Santa Cruz da Baixa Verde – Santa Terezinha – São José do Egito – Serra Talhada – Solidão – Tabira – Triunfo – Tuparetama
Moxotó	Arcoverde – Betânia – Custódia – Ibimirim – Inajá – Manari – Sertânia
Itaparica	Belém de São Francisco – Carnaubeira da Penha – Floresta – Itacuruba – Jatobá – Petrolândia – Tacaratu
Sertão Central	Cedro – Mirandiba – Parnamirim – Salgueiro – São José do Belmonte – Serrita – Terra Nova – Verdejante
Araripe	Araripina – Bodocó – Exu – Granito – Ipubi – Moreilândia – Ouricuri – Santa Cruz – Santa Filomena – Trindade

⁴⁵ Não foram selecionados pontos de inquérito da Mata Norte, pois seus municípios se encontram próximos de pontos do Agreste e da Região Metropolitana do Recife, como pode ser visto na figura 32, mais adiante.



São Francisco	Afrânio – Cabrobó – Dormentes – Lagoa Grande – Orocó – Petrolina – Santa Maria da Boa Vista

Quadro 4: Microrregiões do Estado de Pernambuco e seus municípios Fonte: Sampaio (2008a)

A respeito de Fernando de Noronha, cabe, aqui, um recorte, principalmente por conta de seu passado histórico. Sobre isso, Sielbert (1998, p. 40 - 41) apregoa que:

[...] em 1504, o arquipélago foi doado a Fernando de Noronha pelo rei de Portugal e, à época, chamava-se Capitania de São João. Só depois recebeu o nome de seu donatário. Após ser ocupado por franceses e holandeses entre 1635 e 1737, o arquipélago passou a ficar sob a jurisdição de Pernambuco, mantendo-se, assim com o início da República até ser transformado em território federal no ano de 1942, voltando, quarenta e seis anos mais tarde, a ser distrito estadual de Pernambuco.

3.2.2 Relevo e clima: Planícies e temperaturas predominantes

As formas de relevo em Pernambuco são bastante variadas. *Montanhas, planícies, planaltos e depressões* compõem toda a área do Estado. Porém, o que mais se destaca, conforme encontrado em Sampaio (2008a) é o *Planalto da Borborema*.

A altitude desse planalto oscila de 350 até 1.175m e o ponto com a medida mais alta é o *Pico do Papagaio*, situado no município de Triunfo. Com 1.030m, o *Morro Magano* compõe o *Maciço de Garanhuns*, localizado no centro do Planalto.

Numa área fronteira com o Piauí e com o Ceará, também são encontradas *chapadas*, tais como a do *Araripe* que, embora encontrada em pleno sertão, as altitudes elevadas ocasionam temperaturas mais amenas.

Mas é a oeste do Planalto da Borborema que se encontra a *Depressão Sertaneja e do São Francisco*, com relevo ondulado e altitudes que diminuem em aproximadamente 100m em relação a seu entorno.

No litoral, encontram-se 70 km de planície, como também podem ser encontrados o que Siebert (1998) chama de *Tabuleiros Litorâneos*, que possuem entre 20 e 50 metros de altitude. Suas praias contam com arrecifes ou recifes, constituindo-se de formações rochosas submersas formadas em mares com áreas pouco profundas.

O Estado de Pernambuco, assim como grande parte do país, está situado entre o Trópico de Câncer e o de Capricórnio, o que possibilita climas tropicais, devido à influência dos raios solares. Porém, a partir do que Silbert (*op cit*) menciona, as temperaturas tendem a



baixar nas áreas de maior altitude dentro do Planalto da Borborema, a exemplo do que ocorre nos municípios de *Garanhuns* e *Triunfo*.

Considerando a quantidade e distribuição de chuvas responsáveis pela variação climática no Estado, os climas possuem três níveis, quais sejam, o *tropical úmido*, predominante no Litoral e na Zona da Mata, o *tropical subúmido* ou *de altitude*, frequentemente percebido no Agreste e o *tropical semiárido*, sentido com mais intensidade no Sertão.

3.2.3 O perfil da flora e da fauna

Assim como ocorre em outras partes do espaço geográfico brasileiro, a vegetação em Pernambuco é decorrente de vários fatores, como clima, relevo e tipo de solo. De leste a oeste, podem ser encontradas *matas de brejos*, *caatinga*, *mata atlântica* e *cerrados litorâneos*, o que se confirma em Carvalho (1999).

As *matas de brejos* são frequentemente encontradas no Agreste do Estado, localizando-se em terrenos de maior altitude. A *caatinga*, por sua vez, é percebida na faixa semi-árida do Agreste e na maior parte do Sertão.

A princípio, a *Mata Atlântica* recobria toda a Zona da Mata pernambucana, porém atualmente pode ser vista no alto das montanhas e nos flancos aladeirados da Borborema.

Nas áreas próximas à foz dos rios, encontram-se *mangues*, enquanto nas praias há as plantas baixas, *ralas* e *esparsas*, aumentando a densidade ao passo que se afasta da orla marítima. A paisagem, então, completa os cerrados litorâneos com *cajueiros*, *mangueiras* e *coqueiros*, a partir dos quais Oscar Brandão da Rocha adquiriu inspiração para criar o Hino de Pernambuco em 1908, exaltando as belezas, as conquistas históricas e o passado de batalhas do povo do Estado.

Com base na fauna pernambucana, biólogos têm encontrado grande variedade de *aves*, *mamíferos* e *peixes*. De acordo com os estudos de Farias & Pereira (2009), a Mata Atlântica é a maior detentora de aves do Estado, onde são encontradas cerca de 450 espécies, perfazendo 65% do total registrado para a Mata Atlântica Brasileira, enquanto na caatinga pernambucana, por sua vez, são encontradas mais ou menos 270 espécies.

No litoral, espécies de tubarão do tipo *cabeça-chata*, *tigre* e *galha-preta*, considerados agressivos pelos biólogos, circulam costumeiramente na plataforma da Região Metropolitana do Recife. Em 2011, a mídia noticiou também a aproximação de um *tubarão-baleia*.



Sampaio (2008a), do mesmo modo, enfatiza a variedade de *peixes*, *golfinhos*, *tartarugas*, *esponjas* e *algas marinhas* no litoral de Fernando de Noronha.

Não muito diferente das aves e peixes, há uma quantidade de mamíferos que supera o número de 260 espécies, algumas até ameaçadas de extinção como o *mico-leão-dourado*, a *onça-pintada*, o *bicho-preguiça*, a *capivara*, o *tatu-peludo*, a *jaguaririca* e o *cachorro-domato*. São também bastante encontrados répteis e anfíbios como a *jararaca*, o *jacaré-do-papo-amarelo*, a *cobra-coral*, o *sapo-cururu*, a *perereca-verde* e a *rã-de-vidro*.

Convém mencionar a grande quantidade de insetos e demais invertebrados, além das espécies que ainda nem foram descobertas pela ciência, mas que fazem parte do bioma pernambucano.

3.2.4 Redes hidrográficas

Conforme encontrado em Siebert (1998), os rios litorâneos de Pernambuco, em quase sua totalidade, nascem no Planalto da Borborema, correm na direção leste e desembocam no Oceano Atlântico. Durante o percurso, grande parte dos municípios do Litoral e da Zona da Mata é banhada por esses rios. A figura 31 apresenta as principais redes hidrográficas do Estado.

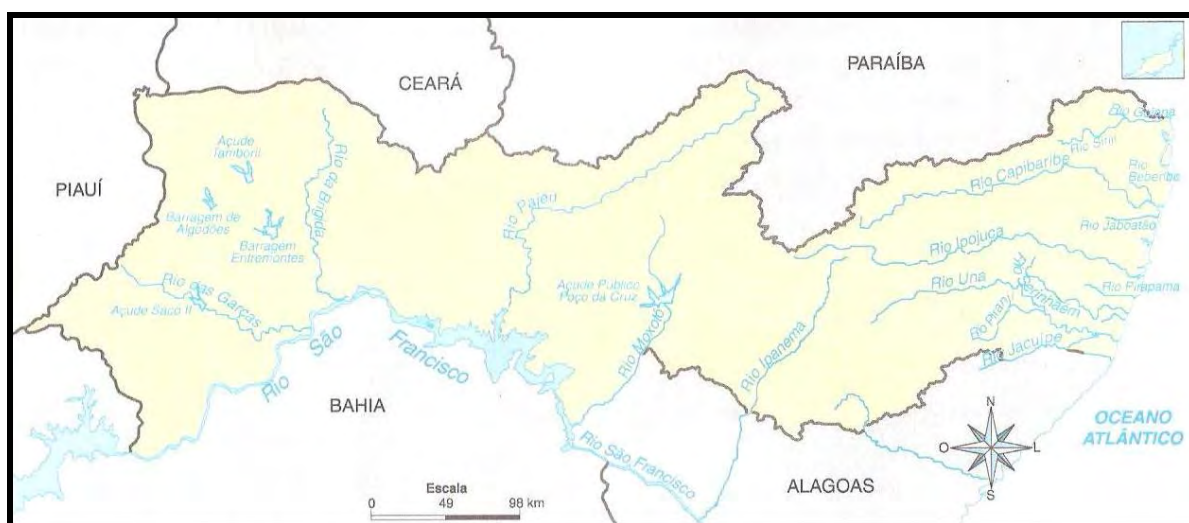


Figura 31: A Hidrografia em Pernambuco a partir de Siebert (*op cit*)

Dentre os rios visualizados na figura 31, o São Francisco, considerado um dos maiores rios brasileiros, compreende uma grande parte do território pernambucano, com a ajuda de seus afluentes e subafluentes.



Nascido na Serra da Canastra em Minas Gerais e atravessando a Bahia, o São Francisco ainda faz divisa com Alagoas e Sergipe até desembocar, finalmente, no Oceano Atlântico.

Sette & Andrade (1959) mencionam que, desde o século XVI, os criadores de gado habitavam as margens desse rio, antes da vinda dos holandeses, o que fez com que ele ficasse conhecido por “Rio dos Currais” e “Rio da Integração Nacional”(ANDRADE, 2003). Desde então, em suas margens, a pecuária ainda é intensa. Além disso, o São Francisco é usado em processos irrigatórios projetados para atender ao cultivo hortifrutícola destinado à exportação.

3.2.5 Características da população e aspectos demográficos

Grande parte da população do Estado de Pernambuco é resultado de misturas étnicas, a começar pelos povos *indígenas* que já habitavam o território. Junto a eles, vieram europeus, como *portugueses* e *holandeses*, além dos *africanos* trazidos para o trabalho escravo.

Conforme o censo do IBGE realizado em 2000, há 34 mil indígenas no Estado, com ênfase para os grupos de *Xucuru*, *Pankararu*, *Atikum*, *Truká*, *Fulni-ô*, *Tuxá*, *Pipipã*, *Kambiawá* e *Kapinawá*.

Vale a pena destacar que a tribo *Fulni-ô*, existente na cidade de Águas Belas, possui o único idioma indígena ainda falado no Nordeste, o *Ya:thê*.

Dentre as contribuições dos *portugueses* está a língua falada no país e a religião católica. Já os *holandeses*, que ocuparam o Estado entre 1630 e 1654, foram influentes na arquitetura e na cultura pernambucana, além de terem se tornado comerciantes renomados, por conta da religião judaica que muitos seguiam.

A população *afrodescendente* trouxe também alguns costumes, sobretudo no campo dos folguedos e danças, a exemplo do *frevo* e do *maracatu*. Dessa população há os remanescentes dos *quilombos*, cujas comunidades são chamadas de *quilombolas*. Em Pernambuco, já foram documentadas 91 dessas comunidades⁴⁶.

Contando toda essa miscigenação populacional, Pernambuco abriga 7.918.344 habitantes, segundo o censo de 2000, o que, atualmente, já foi ultrapassado. Nada obstante, o Estado ocupa a sétima colocação contabilizada no País, ficando atrás de São Paulo, Minas

⁴⁶ Dados coletados do Cadastro municipal dos territórios quilombolas do Brasil, construído pelo Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica da Universidade de Brasília.



Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Sul e Paraná e na frente dos Estados do Ceará, Pará e Maranhão.

Fazendo a distribuição de habitantes por mesorregião, o maior percentual se concentra na Região Metropolitana do Estado, enquanto que no percurso do litoral para o interior, a população diminui seu índice consideravelmente.

Com isso, a Mesorregião Metropolitana do Recife abrange 42,2% da população e, somado à interligada Mesorregião da Zona da Mata, já constituem mais da metade do habitantes de todo o Estado, como a tabela 1 pode confirmar.

DISCRIMINAÇÃO	POPULAÇÃO RESIDENTE	% NO TOTAL DO ESTADO
Pernambuco	7.918.344	100,0
Metropolitana do Recife	3.339.616	42,2
Mata Pernambucana	1.207.274	15,2
Agreste Pernambucano	1.993.868	25,2
Sertão Pernambucano	911.914	11,5
São Francisco Pernambucano	465.672	5,9

Tabela 1: População Residente segundo as mesorregiões. Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 2000

Do ponto de vista da população relativa, o censo supracitado mencionou a quantia de 80,3 hab./km². Contudo, vale salientar que esse índice talvez não atinja a realidade por completo, uma vez que há extensões territoriais no Estado mais povoadas que outras, o que pode trazer índices distintos.

Para exemplificar os fatos mencionados, basta comparar o município de *Caruaru* com o vizinho município de *Santa Cruz*. Enquanto aquele possui 253.634 habitantes distribuídos numa área de 928,1 km², perfazendo uma densidade demográfica de 272,9 hab./km², este possui 11.264 habitantes distribuídos numa área de 1.426,10 km², atingindo a densidade de 7,9 hab./km². Assim, o que se observa é que a densidade tem influência no número de habitantes e o tamanho da superfície que o local possui.

Se forem levados em consideração os censos de 1970 a 2010, pode-se constatar um considerável aumento na população residente em Pernambuco e na base demográfica. Além disso, se for comparada a quantia da população contabilizada no Censo de 2000 e no Censo



2010, percebe-se, também, uma elevação de quase um milhão de pessoas, como pode ser percebido no quadro 5:

ANOS	POPULAÇÃO RESIDENTE	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (hab./km²)
1970	5.160.640	52,5
1980	6.143.267	62,5
1991	7.122.548	72,5
1996	7.399.131	74,8
2000	7.918.344	80,3
2010	8.796.448	89,63

Quadro 5: População Residente e Densidade Demográfica de 1970 a 2010. Fonte: IBGE. Censos Demográficos - 1970 a 2010⁴⁷

Considerando a perspectiva diagenérica, comprova-se na tabela seguinte uma ligeira elevação de mulheres no Estado em relação aos homens na Zona Urbana. Contudo, o Censo 2010 apresenta um percentual maior de homens do que mulheres na Zona Rural.

DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA DA POPULAÇÃO			
Homens - 4.230.681		Mulheres - 4.565.767	
Zona Urbana	Zona Rural	Zona Urbana	Zona Rural
3.334.440	896.241	3.717.770	847.997

Quadro 6: População Residente em Pernambuco segundo sexo e localização. Fonte: IBGE. Censo Demográfico – 2010

Para se ter uma ideia mais apurada dos índices populacionais do Estado de Pernambuco, o quadro 7 apresenta o número de habitantes por município, considerando os 185 municípios, incluindo Fernando de Noronha.

⁴⁷ Informações coletadas diretamente do site do IBGE: <http://www.ibge.gov.br>



CIDADES	POPULAÇÃO RESIDENTE	CIDADES	POPULAÇÃO RESIDENTE
1) Abreu e Lima	94.429	94) Jucati	10.604
2) Afogados da Ingazeira	35.088	95) Jupi	13.705
3) Afrânio	17.586	96) Jurema	14.541
4) Agrestina	22.679	97) Lagoa do Carro	16.007
5) Água Preta	33.095	98) Lagoa do Itaenga	20.659
6) Águas Belas	40.235	99) Lagoa do Ouro	12.132
7) Alagoinha	13.759	100) Lagoa dos Gatos	15.615
8) Aliança	37.415	101) Lagoa Grande	22.760
9) Altinho	22.353	102) Lajedo	36.628
10) Amaraji	21.939	103) Limoeiro	55.439
11) Angelim	10.202	104) Macaparana	23.925
12) Araçoiaba	18.156	105) Machados	13.596
13) Araripina	77.302	106) Manari	18.083
14) Arcoverde	68.793	107) Maraial	12.230
15) Barra de Guabiraba	12.776	108) Mirandiba	14.308
16) Barreiros	40.732	109) Moreilândia	11.132
17) Belém de Maria	11.353	110) Moreno	56.696
18) Belém de São Francisco	20.253	111) Nazaré da Mata	30.796
19) Belo Jardim	72.432	112) Olinda	377.779
20) Betânia	12.003	113) Orobó	22.878
21) Bezerras	58.668	114) Orocó	13.180
22) Bodocó	35.158	115) Ouricuri	64.358
23) Bom Conselho	45.503	116) Palmares	59.526
24) Bom Jardim	37.826	117) Palmeirina	8.189
25) Bonito	37.566	118) Panelas	25.645
26) Brejão	8.844	119) Paranatama	11.001
27) Brejinho	7.307	120) Parnamirim	20.224
28) Brejo da Madre de Deus	45.180	121) Passira	28.628
29) Buenos Aires	12.537	122) Paudalho	51.357
30) Buíque	52.105	123) Paulista	300.466
31) Cabo de Santo Agostinho	185.025	124) Pedra	20.944
32) Cabrobó	30.873	125) Pesqueira	62.931
33) Cachoeirinha	18.819	126) Petrolândia	32.492
34) Caetés	26.577	127) Petrolina	293.962
35) Calçado	11.125	128) Poção	11.242
36) Calumbi	5.648	129) Pombos	24.046
37) Camaragibe	144.466	130) Primavera	13.439
38) Camocim de São Felix	17.104	131) Quipapá	24.186
39) Camutanga	8.156	132) Quixaba	6.739
40) Canhotinho	24.521	133) Recife	1.537.704
41) Capoeiras	19.593	134) Riacho das Almas	19.162
42) Carnaíba	18.574	135) Ribeirão	44.439
43) Carnaubeira da Penha	11.782	136) Rio Formoso	22.151
44) Carpina	74.858	137) Sairé	11.240
45) Caruaru	314.912	138) Salgadinho	9.312
46) Casinhas	13.766	139) Salgueiro	56.629
47) Catende	37.820	140) Saloá	15.309
48) Cedro	10.778	141) Sanharó	21.955
49) Chã Grande	12.404	142) Santa Cruz	13.594



50) Chã de Alegria	20.137	143) Santa Cruz da Baixa Verde	11.768
51) Condado	24.282	144) Santa Cruz do Capibaribe	87.582
52) Correntes	17.419	145) Santa Filomena	13.371
53) Cortês	12.452	146) Santa Maria da Boa Vista	39.435
54) Cumaru	17.183	147) Santa Maria do Cambucá	13.021
55) Cupira	23.390	148) Santa Terezinha	10.991
56) Custódia	33.855	149) São Benedito do Sul	13.941
57) Dormentes	16.917	150) São Bento do Una	53.242
58) Escada	63.517	151) São Caetano	35.274
59) Exu	31.636	152) São João	21.312
60) Feira Nova	20.571	153) São Joaquim do Monte	20.488
61) Fernando de Noronha	2.630	154) São José da Coroa Grande	18.180
62) Ferreiros	11.430	155) São José do Belmonte	32.617
63) Flores	22.169	156) São José do Egito	31.829
64) Floresta	29.285	157) São Lourenço da Mata	102.895
65) Frei Miguelinho	14.293	158) São Vicente Ferrer	17.000
66) Gameleira	27.912	159) Serra Talhada	79.232
67) Garanhuns	129.408	160) Serrita	18.331
68) Gloria do Goitá	29.019	161) Sertânia	33.787
69) Goiana	75.644	162) Sirinhaém	40.296
70) Granito	6.855	163) Solidão	5.744
71) Gravatá	76.458	164) Surubim	58.515
72) Iati	18.360	165) Tabira	26.427
73) Ibimirim	26.954	166) Tacaimbó	12.725
74) Ibirajuba	7.534	167) Tacaratu	22.068
75) Igarassu	102.021	168) Tamandaré	20.715
76) Iguaraci	11.779	169) Taquaritinga do Norte	24.903
77) Inajá	21.884	170) Terezinha	6.737
78) Ingazeira	19.081	171) Terra Nova	9.278
79) Ipojuca	4.496	172) Timbaúba	53.825
80) Ipubi	80.637	173) Toritama	35.554
81) Itacuruba	28.120	174) Tracunhaém	13.055
82) Itaíba	4.369	175) Trindade	26.116
83) Itamaracá	26.256	176) Triunfo	15.006
84) Itambé	35.398	177) Tupanatinga	24.425
85) Itapetim	13.881	178) Tuparetama	7.925
86) Itapissuma	23.769	179) Venturosa	16.052
87) Itaquitinga	15.692	180) Verdejante	9.142
88) Jaboatão dos Guararapes	644.620	181) Vertente do Lerio	7.873
89) Jaqueira	11.501	182) Vertentes	18.222
90) Jataúba	15.819	183) Vicência	30.732
91) Jatobá	13.963	184) Vitória de Santo Antão	129.974
92) João Alfredo	30.743	185) Xexéu	14.093
93) Joaquim Nabuco	15.773		

Quadro7: População Residente em Pernambuco por município. Fonte: IBGE. Censo Demográfico - 2010

A tipificação humana de Pernambuco, ou seja, as pessoas que exercem variadas atividades características da região, é constituída de *tirador de cocos*, *vaqueiros*, *aguadeiros*, *rendeiras*, *cortadores de cana*, *cambiteiros*, *tropeiros*, *pescadores*, *oleiros*, *jangadeiros* e *barqueiros*.



4

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É fundamental não só que se recolham e analisem os dados segundo rigorosa metodologia específica, mas também que se proceda a um estudo preliminar que possibilite conhecer as especificidades da região em que se desenvolverá a pesquisa e dos segmentos que a constituem. (BRANDÃO, 1991, p. 25)

A culminância de um trabalho de natureza dialetal requer uma organização que parte da escolha dos pontos de inquérito, dos sujeitos a serem investigados, da natureza da coleta dos dados até a exegese dos resultados, cujos pressupostos teórico-metodológicos têm se encarregado de fundamentar todo o processo de pesquisa.

Por isso, este capítulo tem o intuito de apresentar como ocorreu a escolha dos pontos de inquérito e dos informantes do ALiPE. Em seguida, pretende-se descrever os procedimentos de coleta e transcrição dos dados. Além disso, por se tratar da confecção de um Atlas Linguístico, serão apresentados os critérios para a elaboração das cartas linguísticas.

4.1 BREVES EXPLANAÇÕES SOBRE OS PONTOS DE INQUÉRITO

Conforme encontrado em Nascentes (1958, p. 19), “a boa determinação dos pontos de inquérito influi grandemente na perfeição de um atlas”. Por isso, a escolha deve partir de um pressuposto de que, numa região, existe um tipo de linguagem particular que merece ser investigada, de modo a marcar os limites em que ela se destaca.

A proposta inicial de Nascentes para a construção de um possível atlas nacional apresentou a escolha de 24 pontos de inquérito no Estado de Pernambuco. Porém, tempos depois, quando o projeto ressurgiu em meados dos anos 90, foram considerados critérios demográficos, históricos, culturais e populacionais. Com isso, a quantia de pontos foi repensada e chegaram à conclusão de que seria suficiente a diagnose em 12 pontos.

No caso do ALiPE, por se tratar de um atlas estadual, a necessidade de contemplar todos os cantos do Estado de Pernambuco para que alguma marca dialetal não deixasse de ser



documentada ocasionou a escolha de 20 pontos de inquérito, numerados a partir da região leste do Estado:

PONTO	DESCRIÇÃO	PONTO	DESCRIÇÃO	PONTO	DESCRIÇÃO
01	Afrânio	08	Serra Talhada	15	São Bento do Una
02	Petrolina	09	Custódia	16	Taquaritinga do Norte
03	Santa Maria da Boa Vista	10	São José do Egito	17	Caruaru
04	Ouricuri	11	Tupanatinga	18	Palmares
05	Salgueiro	12	Arcoverde	19	Limoeiro
06	Floresta	13	Águas Belas	20	Recife
07	Tacaratu	14	Garanhuns		Serra Talhada

Quadro 8: Pontos do Inquérito do ALiPE

O quadro 9 mostra as alterações de pontos de inquérito para o mapeamento linguístico do Estado, em disposição na ordem alfabética, desde Nascentes quando intencionava um trabalho em nível nacional, perpassando pela proposta revivida em 1996 em atual execução até a ideia recente do atlas estadual.

NASCENTES (1958) ⁴⁸	ALIB	ALIPE
Alagoa do Baixo*	Afrânio	Afrânio
Belmonte*	Arcoverde	Águas Belas
Bom Conselho	Cabrobó	Arcoverde
Buíque	Caruaru	Caruaru
Cabrobó	Exu	Custódia
Caruaru	Floresta	Floresta
Flores	Garanhuns	Garanhuns
Floresta	Limoeiro	Limoeiro
Garanhuns	Olinda	Ouricuri
Goiana	Petrolina	Palmares
Granito	Recife	Petrolina
Iguaraçu*	Salgueiro	Recife
Ipojuca		Salgueiro
Jatobá*		Santa Maria da Boa Vista
Limoeiro		São Bento do Una
Ouricuri		São José do Egito
Pesqueira		Serra Talhada
Petrolina		Tacaratu
Recife		Taquaritinga do Norte

⁴⁸ Os pontos de inquérito de Nascentes marcados com (*) são caracterizados por alteração toponímica como: Alagoa de Baixo → Sertânia, Belmonte → São José do Belmonte, Iguaraçu → Igarassu, Jatobá → Petrolândia, Taquaretinga → Taquaritinga e Vila Bela → Serra Talhada



Rio Formoso		Tupanatinga
Salgueiro		
Santa Maria da Boa Vista		
Taquaretinga*		
Vila Bela*		

Quadro 9: Distribuição de pontos de inquérito desde Nascentes ao ALiPE

No quadro 9, percebe-se que, dos pontos de inquérito de Pernambuco escolhidos por Nascentes, para a proposta do ALiB de 1996 e, para o ALiPE, apenas sete se mantêm nas três propostas, conforme pode ser ratificado na figura 32:

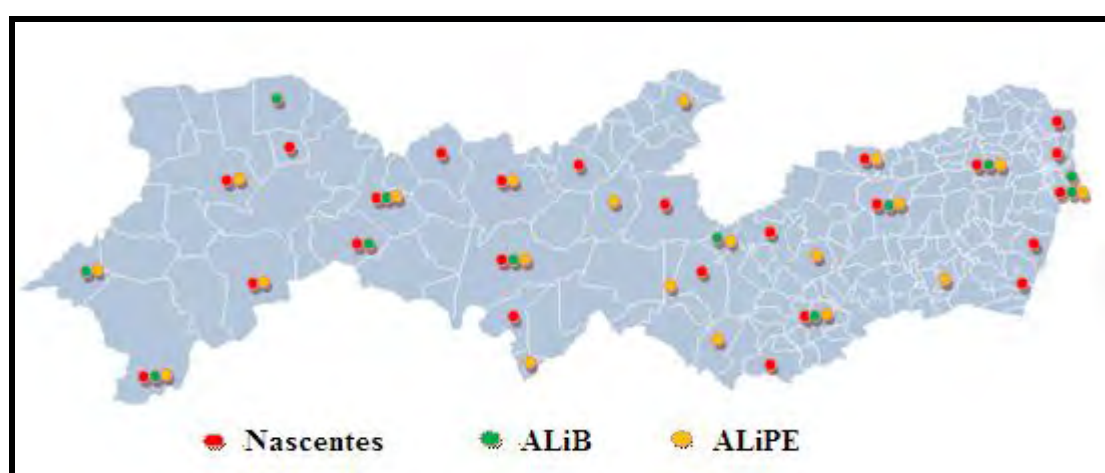


Figura 32: Distribuição de pontos de inquérito em Pernambuco desde Nascentes ao ALiPE

Além dos pressupostos metodológicos sugeridos por Nascentes (1958) de que o local prenunciava uma linguagem peculiar da região, também foi considerada a localização dos pontos, de modo que a abrangência atingisse os quatro cantos do Estado. Verificaram-se, ainda, os critérios históricos, sociais e econômicos dos municípios. Isso justifica certa proximidade entre alguns dos pontos, como, por exemplo, entre *Águas Belas* (ponto 13), *Arcoverde* (ponto 12) e *Tupanatinga* (ponto 11).

O acesso aos municípios não foi tão difícil, comparado ao trabalho realizado para o Atlas Linguístico do Amazonas, mencionado por Cruz (2004) e para o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul, aludido por Oliveira (2007).

Contudo, a dificuldade de transporte para os municípios de *Afrânio*, *Floresta*, *São Bento do Una* e *Taquaritinga do Norte* face às estradas desertas foi evidente. À exceção de *Afrânio*, onde foram encontrados os informantes com maior facilidade, nos outros municípios citados, foram necessárias três ou mais visitas para a conclusão dos inquéritos. Já na visita à



cidade de *Palmares*, os inquéritos foram adiados algumas vezes, por conta das enchentes que devastaram o município. Nesse caso, chegou-se a pensar em excluí-lo dos pontos, mas a sua importância histórica e as possíveis marcas dialetais previamente sondadas contribuíram na persistência em mantê-lo na relação de municípios escolhidos para os inquéritos em Pernambuco.

Ao mesmo tempo, convém salientar o apoio das *Secretarias de Ação Social e de Educação*, das *Escolas Municipais e Públicas* e de moradores ou parentes desses moradores, que foram determinantes para encontrar os informantes em tempo hábil.

Mas a dificuldade foi mínima, considerando a força de vontade em documentar fatos linguísticos evidentes no Estado, até então escassos na perspectiva da Dialectologia e da Geolinguística, confirmando o que já foi mencionado anteriormente.

A seguir, apresenta-se uma descrição de cada ponto pesquisado, segundo a ordem registrada no quadro 8, usada para a cartografia dos dados, contemplando informações sobre a historicidade dos pontos de inquérito e seus principais aspectos socioeconômicos e culturais mencionados em Borges (2007).

Após o nome de cada município, encontra-se sombreada a localização desse município no mapa do Estado de Pernambuco.

4.1.1 Afrânio



O município de Afrânio está localizado na Microrregião do São Francisco de Petrolina e foi criado em 1864, como o nome de Caboclo, sendo esse um distrito daquela localidade. Só em 1931, sua sede foi transferida para a povoação de São João do Afrânio.

Como distrito, permaneceu ligado a Petrolina apenas com o nome de Afrânio, até ser elevado a município autônomo por decreto-lei estadual em 1938. Atualmente, sua administração perpassa pela sede e pelos distritos de *Arizona*, *Cachoeira do Roberto* e *Poção do Afrânio*, além dos povoados de *Caboclo* e *Extrema*.

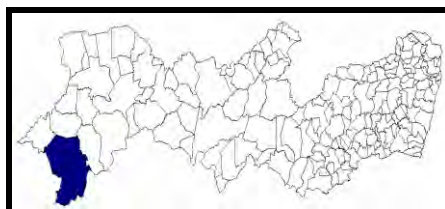
Geograficamente se limita ao norte com o Estado do Piauí, constituindo, assim, o município mais distante de Pernambuco, a 782 km da capital do Estado. Ao sul, limita-se ao Estado da Bahia, a leste, com os municípios de Dormentes e Petrolina e a oeste, também, com



o Estado do Piauí, sobre uma área de 1.482, km², 522m de altitude, clima semiárido quente, o que resulta na temperatura média de 26°C.

Afrânio possui sua atividade econômica resultante da agropecuária e do comércio.

4.1.2 Petrolina



O município de Petrolina está localizado na Mesorregião do São Francisco, sendo, em 1870, desmembrado de Santa Maria da Boa Vista, por lei provincial.

Proveniente de uma antiga povoação chamada “Passagem do Juazeiro”, Petrolina era ponto de travessia dos viajantes sertanejos pelo Rio São Francisco. Ocorre, então, que um frade capuchinho italiano fez erigir uma capela em honra de Santa Maria Rainha dos Anjos, em 1858.

Quando da elevação à freguesia, a localidade passou a homenagear o imperador D. Pedro II, alterando o topônimo para Petrolina e adquiriu o *status* de cidade em 1895.

Petrolina possui os seguintes limites territoriais: ao norte, com Dormentes; ao sul, com o Estado da Bahia; a leste com Lagoa Grande e a oeste, com o município de Afrânio e com o Estado da Bahia.

O referido município possui área de pouco mais de 4.737 km², altitude de 376m, clima semiárido quente com temperatura média de 26°C e vegetação de caatinga hiperxerófila, banhada pelos rios São Francisco, Pontal e Garça Vias.

Com distância de 722 km da capital do Estado, Petrolina, então município-sede, agrega-se a quatro distritos e vários povoados em sua composição administrativa, o que contribui para a quantia de quase 220 mil habitantes.

Economicamente, os petrolinenses vivem da agropecuária, do comércio, da reparação de veículos e objetos, indústria de formação e construção civil.



4.1.3 Santa Maria da Boa Vista



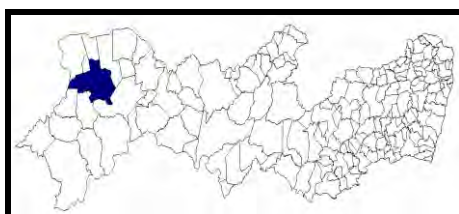
O município de Santa Maria da Boa Vista se encontra na Mesorregião do São Francisco criado em 1872, por Lei Provincial. Mas, sua origem se deu a partir de um povoado chamado 'Igreja Nova'.

De início, era só uma fazenda de gado e, mais tarde, tornou-se um arruado populoso quando da criação de uma capela religiosa, transformando-se, em 1762, no distrito de Boa Vista.

Após a elevação do povoado para vila em 1838 e para cidade em 1909, o topônimo foi alterado para Caripós em 1943, conforme decreto-lei estadual. Dez anos depois, outra lei estadual alterou o nome para Santa Maria da Boa Vista, que, atualmente, se limita ao norte com Paranamirim e Santa Cruz, ao sul, com o Estado da Bahia, a leste com Orocó e a oeste, com Lagoa Grande.

A área do município, distante 550 km da capital, ultrapassa os 2.965km², com altitude de 361m, clima semiárido quente, temperatura média de 24°C, vegetação de caatinga hiperxerófila, banhada pelos rios Brígida, Garça e Pontal. Vários povoados e distritos se unem ao distrito-sede na formação administrativa, cujas atividades econômicas são oriundas da agropecuária e do comércio.

4.1.4 Ouricuri



Da mesorregião do Sertão Pernambucano também faz parte o município de Ouricuri, desmembrado de Exu em 1849. Oito anos antes, já se tinha notícia de uma capela de São Sebastião, ao redor da qual ocorreu a povoação do local que adquiriu autonomia municipal somente em 1892, por Lei Estadual. Nessa época, seu nome era Aricuri, vocábulo indígena



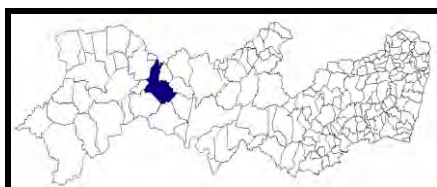
que significa “duas serras juntas”. Em 1939, um juiz se transferiu para esse local, fugindo de uma epidemia de febre, denominada pelo povo de “Carneirada”, lá alterando o nome para Ouricuri.

Os municípios de Araripina, Santa Cruz e Santa Filomena se limitam a Ouricuri na posição norte. Já ao sul, o limite recai para Santa Cruz e Santa Filomena, a leste com Paranimirim e Bodocó e a oeste com o Estado do Piauí, que o torna distante mais de 620km da capital de Pernambuco.

Ouricuri possui uma área que ultrapassa os 2.300 km², numa altitude de 451m, favorecendo o clima semiárido quente e uma temperatura média de 24°C, amenizando a caatinga hiperxerófila existente na sua extensão territorial.

A manutenção econômica da sede, de seus dois distritos e dez povoados ocorre com a agropecuária, o comércio, a indústria de transformação e os serviços industriais de utilidade pública.

4.1.5 Salgueiro



Na Mesorregião do Sertão, encontra-se o município de Salgueiro, com distância de quase 470 km da capital. Salgueiro foi desmembrado de Cabrobó a partir da Lei Provincial de 1864 e sua história começa nas terras onde se encontrava o *Sítio Boa Vista* em que um menino se perdeu do pai e três dias depois foi encontrado num salgueiro.

A promessa do pai do menino a Santo Antônio de Pádua de construir uma capela no local onde ele fosse encontrado originou o povoado que deu origem ao município. Por volta de 1843, uma Lei Provincial criou a freguesia de Salgueiro e, mais tarde, o distrito que, à época, se chamava Santo Antônio do Salgueiro.

O referido município se limita ao norte com o Estado do Ceará, ao sul com Belém de São Francisco, a leste com Verdejante, Mirandiba e Carnaubeira da Penha, e a oeste com Cabrobó, Terra Nova, Serrita e Cedro. Com uma área de mais de 1700km², Salgueiro se encontra sob a altitude de 420m, clima semiárido quente, temperatura média de 25°C, vegetação de floresta subcaducifólia e é banhado pelo rio Terra Nova.



A formação administrativa está a cargo do distrito-sede e dos distritos de Conceição das Crioulas, Umãs e Vasques, que sobrevivem economicamente da agropecuária e do comércio.

4.1.6 Floresta



Floresta é um município localizado na Mesorregião do São Francisco, sendo desmembrado de Flores na Lei Provincial de 1846.

Esse desmembramento, não muito distante de sua fundação, mostra a independência precoce da cidade. Isso porque no século XVIII, às margens do Rio Pajeú, havia a Fazenda Grande, na qual havia sido construído um oratório particular, que se transformou na Capela do Senhor Bom Jesus dos Aflitos em 1792. Ao redor dessa capela, surgiu o vilarejo ao qual foi conferido o topônimo de Floresta. Porém, após o desmembramento de Flores, a sede foi transferida para Tacaratu e, graças à lei 867 de 20/6/1907, ocorreu a elevação do nível de vila para cidade.

Seus limites se dão da seguinte forma: ao norte com Serra Talhada, Betânia e Custódia; ao sul, com Inajá, Tacaratu, Petrolândia e o Estado da Bahia; a leste com Ibimirim e a oeste, com Carnaubeira da Penha e Itacuruba.

Floresta possui uma área de 3.674,9 km² e altitude de 316m, com clima semiárido, temperatura média de 27°C e uma vegetação de caatinga hiperxerófila, banhada pelos rios Pajeú, Terra Nova e Moxotó.

Além do município-sede, fazem parte da administração florestana, os distritos Airi, Carnaubeira, Olho D'Água do Padre e Cargueja, além dos povoados de Varjota, Gravatá do São Francisco, Juazeiro do São Francisco, Jaburu, Massapê e Santa Paula, que sobrevivem principalmente da agropecuária e do comércio.



4.1.7 Tacaratu



Tacaratu está localizado na Mesorregião do São Francisco e foi desmembrado de Petrolândia em 1953, por Lei Estadual. Apesar de sua autonomia municipal ser relativamente recente, sua povoação iniciou no fim do século XVII, com uma maloca dos índios *Pankarus* (ou *Pankararus*). Após algum tempo, esses índios se localizaram no Brejo dos Padres, onde houve uma missão dirigida por padres da Congregação de São Felipe Néri.

A história fala de um Curato⁴⁹, criado no povoado em 1752, onde havia uma pequena capela, em honra de Nossa Senhora da Saúde, construída com o intuito de fortalecer a catequese aos índios.

O referido povoado foi elevado à vila em 1849, para onde foi levada também a sede do município de Floresta, transferindo-se posteriormente para Jatobá. Em 1938, a sede foi mudada para Petrolândia, passando Tacaratu a ser seu distrito, distanciando-se 376 km da capital. A autonomia do distrito só ocorreu em 1953 e, em consequência, a elevação a município.

Tacaratu se limita ao norte, com Floresta, ao sul, com o Estado de Alagoas e com o município de Jatobá, a leste com Inajá e o Estado de Alagoas e a oeste, com Petrolândia. Sua área é de 1.248,5 km², altitude de 514m, clima semiárido quente, vegetação de caatinga hiperxerófila, sendo banhado pelos rios Moxotó e Pajeú.

O caráter administrativo compete ao distrito-sede, ao distrito de Caraibeiras e a quatro povoados, que sobrevivem da agropecuária, da indústria de transformação, do comércio e de serviços.

⁴⁹ Região pastoreada por um Cura (HOUAISS, 2009).



4.1.8 Serra Talhada



Também da Mesorregião do Sertão faz parte o município de Serra Talhada, desmembrado de Flores em 1851, a partir de uma Lei Provincial de 1838.

Antigamente, quando ainda era distrito, chamava-se Vila Bela. Nessa época, também havia uma fazenda chamada Pedra Talhada, por causa de uma montanha cortada a prumo, onde se ergueu uma capela para Nossa Senhora da Penha. O desenvolvimento se deu rapidamente, graças, principalmente, à localização de cruzamento entre os Estados da Paraíba e do Ceará.

Para alcançar o nível de freguesia, a vila recebeu parte do município de Flores, e a elevação à categoria de cidade ocorreu em 1909. Cerca de 30 anos depois, a comarca, o município e o distrito de Vila Bela passaram a se chamar Serra Talhada, que se encontra a 376 km da capital, Recife.

Serra se limita ao norte com o Estado da Paraíba, ao sul, com Floresta, ao leste com Calumbi, Betânia e Santa Cruz da Baixa Verde, a oeste com São José do Belmonte e Mirandiba. O município possui área de 2.952,8 km², altitude de 429m, clima semiárido quente, temperatura média de 37°C e vegetação de caatinga hiperxerófila, banhada pelo rio Pajeú. A administração é formada pelo distrito-sede e por distritos menores e povoados, que se mantêm economicamente da agropecuária e do comércio.

4.1.9 Custódia



O município de Custódia pertence à Microrregião do Moxotó e desde 1928 foi desmembrado de Sertânia.

Relatos históricos informam que os primeiros habitantes do atual território de Custódia surgiram no século XVIII na localidade de Quitimbu, sendo, hoje, o segundo distrito da cidade.



O topônimo do então distrito foi conferido por jesuítas que percorreram o município, com o sentido de “Local de Prisão” e sua sede se localizava exatamente em Quitimbu, passando a Custódia, a partir da lei municipal de 1909, quando foi elevada à categoria de vila.

Porém, a vila ainda pertencia ao município de Alagoa de Baixo, que atualmente se chama Sertânia, e só se tornou independente na lei estadual de 1928.

Os limites dos 1.478,4 km² de Custódia percorrem o norte com Iguaraci e Carnaíba, o sul com Ibimirim e Floresta, o leste com Sertânia e o oeste, com Betânia e Flores, com distância um pouco acima dos 334km da capital.

O município de 542m de altitude e 25°C de temperatura média é banhado pelos rios Moxotó e Pajeú, compondo-se administrativamente de sua sede e dos distritos de Maravilha e Quitimbu, além dos povoados de Caiçara, Samambaia e Ingá.

Do ponto de vista econômico, Custódia sobrevive da agropecuária e do comércio, onde se localiza uma das grandes fábricas do Estado, a Tambaú, que exporta produtos para quase todos os municípios pernambucanos e para outros estados.

4.1.10 São José do Egito



Desmembrado de Flores em 1877 e localizado na Mesorregião do Sertão, encontra-se o município de São José do Egito, à época de freguesia chamada de São José da Ingazeira, passando à categoria de vila em 1883.

Historicamente se fala de um assentamento de fazendeiros de gado montado em 1830, que deu lugar à criação de uma capela em honra de São José. Daí, houve alterações toponímicas quais sejam: São José das Queimadas, São José da Ingazeira e, em 1886, a freguesia passou a se chamar de São José do Egito, tornando-se cidade, por Lei Estadual, em 1909.

Os limites de São José do Egito partem ao norte, com Brejinho e Itapetim; ao sul, com Tuparetama e Ingazeira; a leste, com o Estado da Paraíba e a oeste, com Santa Terezinha e Tabira. Sua estrutura territorial chega à área de 780km², altitude de 585m, clima semiárido, temperatura média de 27°C e vegetação de caatinga hiperxerófila, banhada pelo rio Pajeú.



Administrativamente, São José, a pouco mais de 270 km da capital, é o distrito-sede, ao qual se unem os distritos de Bonfim, Riacho do Meio e mais seis povoados, que se mantêm economicamente da agropecuária e do comércio e serviços.

4.1.11 Tupanatinga



Na Mesorregião do Agreste, encontra-se a 281 km da capital o município de Tupanatinga, desmembrado de Buíque e Inajá em 1963.

Na época em que integrava o município de Buíque, Tupanatinga se chamava Santa Clara e o nome atual foi dado em Lei Estadual de 1943.

A denominação inicial surgiu quando da doação de um terreno de um grande fazendeiro, para que fosse construída uma capela em favor da santa da qual era devoto. Para a compra da imagem da santa na Bahia, foram feitas várias doações, inclusive dos índios, para que a referida imagem fosse adquirida.

Em 1944, o jornalista historiador Mário Melo foi designado por autoridades governamentais para uma revisão nos topônimos das localidades pernambucanas. Por isso, o nome de Santa Clara foi substituído para Tupanatinga, vocábulo indígena que significa deusa branca, etimologicamente originário de *iatinga* que significa “pedra branca” e *tupã*, o “deus-trovão”.

Os limites de Tupanatinga ocorrem com Sertânia, ao norte; com Itaíba, ao sul; com Buíque, a leste e a oeste, com Ibimirim e a área do município é de 866 km², altitude de 710m, clima semiárido quente, temperatura média de 25° C, vegetação de caatinga hiperxerófila, sendo banhado pelos rios Moxotó e Ipanema.

A administração recai para o distrito-sede e os povoados de Cabo do Campo, Boqueirão e Mata Verde, sobrevivendo de atividades agropecuárias, comércio e serviços.



4.1.12 Arcoverde



O município de Arcoverde é considerado como Portal do Sertão, por estar situado ao final da Mesorregião do Agreste, onde se encontra a sede e início do Sertão, de onde fazem parte alguns povoados.

Pertencente à Microrregião do Sertão do Moxotó, Arcoverde se limita ao norte com o Estado da Paraíba, ao sul com Buíque e Pedra, a leste com Pesqueira e a oeste com Sertânia.

O município, que pertencia a Pesqueira, sofreu desmembramento em 1928, por lei municipal. Contudo, seus registros antecedem essa data, quando informações constam da criação de uma capela de Nossa Senhora do Livramento na fazenda Olho D'água dos Bredos em 1865.

Anos depois, já próximo à primeira década do século XX, ocorreu a alteração toponímica para Rio Branco, ainda sob a jurisdição política de Pesqueira, o que perdurou até 1928, quando adquiriu sua autonomia e a mudança do nome para Arcoverde, em homenagem ao primeiro Cardeal da América Latina, nascido na zona rural do município.

Pertencem, pois, à administração arcoverdense os povoados de *Aldeia Velha*, *Caraíbas*, *Gravatá* e *Ipojuca*, além de outros tantos arruados de igual importância.

Sua área, distante 254 km da capital, atinge os 379km² e uma altitude de 663m. O clima semiárido quente ocasiona uma temperatura média de 24°C.

As atividades econômicas existentes em Arcoverde se manifestam na produção de bordados de renascença, a exemplo do ocorre em outros municípios circunvizinhos. Além disso, a agropecuária também é relevante na economia da cidade.

Vale salientar que o cinema mais antigo ainda em funcionamento no Brasil, o Cine Rio Branco, foi inaugurado ainda no vilarejo de Rio Branco, em maio de 1917.



4.1.13 Águas Belas



O município de Águas Belas é pertencente à Microrregião do Vale do Ipanema e desde 1871 foi desmembrado de Buíque, por lei municipal. Seu topônimo faz referência justamente às águas existentes na região.

Grande parte de sua história perpassa pela tradição oral, a partir da qual se conta que a região era habitada por índios *Tupiniquins* e depois por *Carajós*. Os primeiros índios foram expulsos do aldeamento que possuíam com o nome de Lagoa, até que, em 1700, lá apareceu o primeiro branco a catequizá-los.

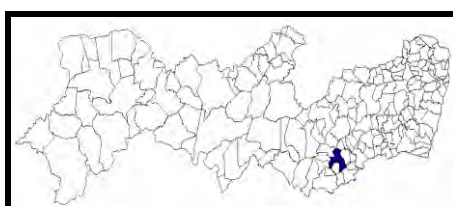
A influência indígena ainda perdura no município, com a aldeia dos *Fulni-ô*, embora de membros civilizados, mas com antigos ritos tribais mantidos, inclusive o idioma *Ya:thê*, sendo esse o único ainda remanescente no Nordeste.

Águas Belas se limita ao norte com as cidades pernambucanas de Buíque e Pedra, ao sul com o Estado de Alagoas, a leste com o município de Iati e a oeste com Itaíba. Possui área de 883,9 km² disposta em 376m de altitude e temperatura média de 25°C

O município, distante 315km da capital, é banhado pelo Rio Ipanema e sua administração abrange além da sede, o distrito de *Curral Novo* e os povoados de *Campo Grande*, *Garcia* e *Tanquinhos*.

Economicamente, Águas Belas é mantida através da agropecuária, da extração vegetal, da caça da pesca. Há, ainda, a indústria de transformação, comércio e serviços, como atividades econômicas.

4.1.14 Garanhuns



A cidade onde se encontra o “Relógio das Flores”, chamada de Garanhuns, está localizada na Mesorregião do Agreste e foi criada em 1811. Contudo, suas terras já haviam sido ocupadas pelos brancos e negros que fugiam do jugo holandês desde o século XVII.



Em 1658, André Vidal de Negreiros, Governador da Capitania de Pernambuco, doou uma sesmaria⁵⁰ de 20 léguas, em dois lotes, um dos quais foi localizado nos campos do Garanhuns, onde foi fundada a fazenda chamada “Sítio Garcia”, destruída na Guerra dos Palmares. Mas, após a Guerra, no fim do mesmo século, a região começou a se reerguer, até ser categorizado como vila em 1811 e como cidade, dois anos mais tarde.

O município, limítrofe com Capoeira e Jucati, ao norte; com Terezinha, Lagoa do Ouro, Brejão e Correntes, ao sul; com Caetés, Paratama, Brejão e Terezinha, a oeste, tem seu topônimo tradicionalmente explicado por três suposições: *Uraanhu* (Homem do Campo), *Guira-nhum* (Pássaros Pretos) e *Guará + anu-anum* (Sítio de Guarás e Anuns).

Ao todo, Garanhuns perfaz uma área de 465.8km², altitude de 842m e um clima mesotérmico, com temperatura média de 30°C, que ameniza uma vegetação de floresta subcaducifólia, às margens do Rio Mundaú.

A administração recai ao município-sede, ao qual são acrescentados os distritos de Iratama, Itacatu e Miracica, além dos povoados de Cajueiro, Cachoeirinha e Timbó, que vivem do comércio, de serviços reparadores, construção civil e agropecuária.

4.1.15 São Bento do Una



No Agreste de Pernambuco se encontra o município de São Bento do Una, a quase 180 km da Recife, sendo desmembrado de Garanhuns, numa Lei Provincial de 1860.

Sua história parte da criação de um cruzeiro num sítio onde havia pregações de um padre, por isso o povo nomeou o local de Santa Cruz, que passou a atrair famílias e fez surgir o povoado, onde, algum tempo depois, foi construída uma capela em honra do Senhor Bom Jesus dos Aflitos no lugar do cruzeiro.

O povoado passou a chamar São Bento, por intenção do santo de mesmo nome, reconhecido por proteger as vítimas das serpentes, comuns na região.

Por lei provincial, o local foi elevado à categoria de freguesia e, posteriormente, à vila. Em 1900, uma lei estadual confere o *status* da vila à cidade.

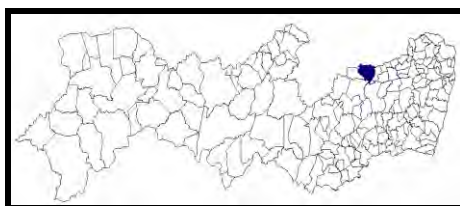
⁵⁰ Tratava-se de um terreno inculto e abandonado que era doado. (HOUAISS, 2009)



Nos anos 40, os dirigentes resolveram acrescentar ao já município de São Bento, a expressão “do Una,” em alusão ao rio que corta cidade, evitando, assim, que houvesse ambiguidades toponímicas com outras localidades.

Assim, São Bento do Una se limita ao norte com Belo Jardim, ao sul, com Jucati, Jupi e Lajedo, a leste com Cachoeirinha, e a oeste com Capoeiras, Sanharó e Pesqueira. Sua área ultrapassa os 712km² e a altitude chega aos 614m, com clima semiárido quente, temperatura média de 25°C, vegetação de caatinga hipoxerófila. Além do rio Una, a cidade é banhada pelo rio Ipojuca e se une ao distrito de Espírito Santo e a outros povoados na formação administrativa, cuja economia parte da agropecuária, do comércio e outros serviços.

4.1.16 Taquaritinga do Norte



Pertencente à Mesorregião do Agreste, o município de Taquaritinga do Norte foi desmembrado de Limoeiro em 1877 e está localizado a quase 135 km de Recife, a capital do Estado.

A história do antigo município de Taquaritinga parte de uma antiga taba de índios existente no local no século XVIII. Porém, no século XIX, uma missão religiosa de padres da Congregação de São Felipe Néri culminou com a construção de uma capela em honra a Santo Amaro, decisão apoiada por todos os moradores.

Em 1801, o Bispo elevou a povoação ao *status* de freguesia, a pedido dos moradores e a matriz de Santo Amaro era a sede. Trinta anos depois, Taquaritinga se separou de Limoeiro, por ter sido elevada à comarca e à vila, por Lei Provincial de 1877 e à cidade, por lei posterior.

O topônimo advém do termo indígena “itacoaraetetinga”, que significa “buraco de pedra, grande e branca”, formado de *ita* – pedra, *coara* – buraco ou abertura, *ete* – grande e *tinga* – branca.

Taquaritinga do Norte se limita ao Estado da Paraíba, ao norte; com Caruaru, Toritama e Brejo da Madre de Deus, ao sul; a Vertentes, ao leste e a Santa Cruz do Capibaribe, a oeste.



Com área de pouco mais de 448 km², altitude de 774m, clima semiárido quente, temperatura média de 25°C, vegetação de caatinga hiperxerófila.

Administrativamente, o município se compõe do distrito-sede, dos distritos de Gravatá do Ibiapina e de Pão de Açúcar e do povoado de Socorro, que se mantêm economicamente da agropecuária, da indústria de transformação e do comércio.

4.1.17 Caruaru



Pertencente à Microrregião do Vale do Ipojuca, Caruaru é um município desmembrado de Bonito em 1848, a partir de lei provincial. Contudo, já no século XVII, quando ainda era uma fazenda de gado, foi erguida uma capela em honra de Nossa Senhora da Conceição, em 1781, ao redor da qual, surgiu uma feirinha semanal.

Não há uma comprovação da origem do topônimo, mas se conhecem algumas versões. Uma delas seria *carruás*, fonte ou água que, no local, produzia doenças nas criações. Outra opção é de uma corruptela da palavra *Caruari*, que significa rio dos *Caruaras*. Há, ainda, quem pense ser originária do nome de uma planta chamada *Caruru*, que cobria um poço do rio Ipojuca, que corta a região.

Em 1849, a freguesia⁵¹ de São Caetano foi transferida para Caruaru, o que fez com que a fazenda se tornasse um vilarejo e, em seguida, atingisse o grau municipal, fazendo valer a Lei Provincial sancionada um ano antes. Com a inauguração da ferrovia caruaruense em 1895, o município tornou-se mais desenvolvido até chegar ao atual nível de evolução.

Os limites de Caruaru vão de Toritama, Vertentes, Frei Miguelinho e Taquaritinga do Norte, ao norte; Altinho e Agrestina, ao sul; Bezerro e Riacho das Almas, a leste, e Brejo da Madre de Deus e São Caetano, a oeste.

Sua área alcança o patamar de 928,1 km² com altitude de 554m, clima semiárido quente e temperatura média de 24°C, sendo banhado pelos rios Capibaribe e Ipojuca e localizado a pouco mais de 140km da capital. Seu acesso se dá através da BR 232, uma das maiores e mais importantes do Estado, já que corta praticamente todas as suas mesorregiões e

⁵¹ Agrupamento de fies de uma paróquia, também chamados de fregueses. (HOUAISS, 2009)

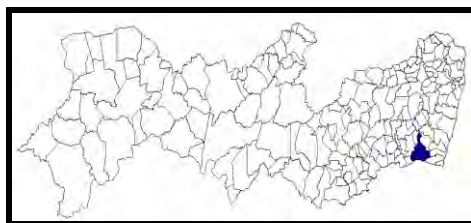


sua área abrange o distrito-sede, os distritos de Carrapatos, Gonçalves Ferreira e Lajedo do Cedro, além de quinze povoados.

A feira que deu origem à cidade passou a ser uma de suas principais atividades econômicas na atualidade, atraindo pessoas de todo o Estado e até extrapolando as suas fronteiras. Além disso, o trabalho de reparação de veículos e objetos, a indústria de transformação, a agropecuária, o transporte, a armazenagem e comunicação também constituem atividades que resultam na economia de Caruaru.

A cultura caruaruense é marcada, principalmente, pelo artesanato em barro e cerâmica, herdado de um grupo de artesãos, dos quais fez parte o Mestre Vitalino (1909 - 1963) e alguns contemporâneos.

4.1.18 Palmares



Em 1873, Palmares foi desmembrada de Água Preta e está localizada na Mesorregião da Mata Sul, onde, no começo do século XIX, havia um aldeamento de índios chamados “Trombetas”, às margens do Rio Una. Tais terras foram doadas a uma família chamada Montes, sendo, então, alterada para Una, pela proximidade com o rio de mesmo nome.

Lá foram construídos um engenho de nome Trombetas e a capela de Nossa Senhora da Conceição dos Montes, hoje Catedral do município.

O desenvolvimento da vila tornou-se próspero com a chegada da Estrada de Ferro Sul de Pernambuco em 1862, inicialmente pertencente a Barreiros e, mais tarde, a Água Preta. Em 1868, a Lei Provincial tornou Palmares autônoma.

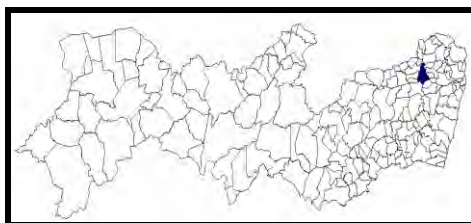
O nome “Palmares” faz menção à rebelião dos negros no século XIX, que culminou com a independência do município, dando-lhe o nome de República dos Palmares, na foz do Rio Pirangy, nas terras da Serra da Barriga.

Os municípios de Bonito ao norte, Xexéu, ao sul, Joaquim Nabuco e Água Preta, a leste e Catende, a oeste, são limítrofes aos 374 km² de Palmares, numa altitude de 108m, clima quente e úmido, temperatura média de 24°C e vegetação guarnecida por uma floresta subperenifólia.



Os distritos de Santo Antônio dos Palmares e o povoado da Usina Serro Azul compõem a administração do município junto à sede, cuja economia se vale da agropecuária, da indústria de transformação, do comércio e dos serviços.

4.1.19 Limoeiro



O município de Limoeiro se encontra numa região fronteira do Agreste com a Zona da Mata Sul, mas o IBGE o caracteriza como pertencente à Mesorregião do Agreste, sendo, pois, desmembrado dos terrenos da Vila d'Olinda e Igarassu em 1893.

Assim como outros municípios do Estado de Pernambuco, Limoeiro teve sua origem de uma sesmaria, fundada no início do século XVII, numa aldeia de índios que começavam a ser catequizados por padres, pertencentes à igreja da freguesia de Santo Amaro de Tracunhaém e a emancipação municipal ocorreu numa Lei Provincial de 1881 e o topônimo advém das muitas árvores do gênero lá encontradas.

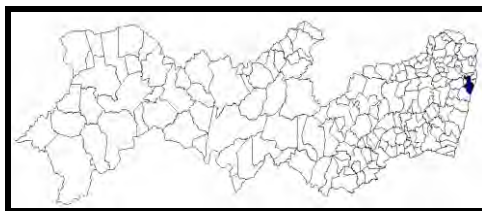
Limoeiro se limita ao norte com Vicência, ao sul com Passira e Feira Nova, a leste com Carpina, Lagoa do Carro e Buenos Aires, e a oeste com Salgadinho, João Alfredo e Bom Jardim.

De clima quente e úmido, o município tem temperatura média de 25°C, vegetação de floresta caducifólia e uma área de pouco mais de 276 km², banhada pelos rios Capibaribe e Goiana, o que a coloca com a proximidade dos 90 km da capital do Estado.

Os povoados de Gameleira, Mendes e Lagoa Comprida se juntam à cidade-sede na composição administrativa e a agropecuária, o comércio, o reparo de veículos e objetos e a indústria de transformação são as atividades responsáveis pela manutenção econômica da cidade.



4.1.20 Recife



Situada no Litoral, a capital de Pernambuco se chama Recife e, por esse motivo, está situada na Mesorregião Metropolitana, criada por meio de uma Carta Régia de 1708, desmembrando-se da Vila D'Olinda.

Nada obstante, já se fazia referência a Recife há pouco mais de cento e cinquenta anos antes da Carta Régia, pois, na carta Foral de Olinda, enviada à câmara da vila de mesmo nome, em 1537, por Duarte Coelho, donatário da Capitania de Pernambuco, falava-se do povoado da “ribeira do mar dos arrecifes”, o “porto dos navios”, surgido ao redor da ermida de São Pedro Gonçalves. Foram justamente os arrecifes de corais encontrados no vilarejo que deram origem ao nome da cidade.

Durante a invasão holandesa, quando ainda pertencia a Olinda, Recife começou a adquirir ares de cidade grande, graças à visão desenvolvimentarista do então Governador do Brasil, Maurício de Nassau.

Na portaria de 1825, a vila se tornou capital da Província, confirmada na Resolução de fevereiro de 1827, tendo, também, a perífrase de Veneza Brasileira, por ser cortada pelos Rios Capibaribe e Beberibe e por ter mais de 40 pontes construídas para seu acesso.

Recife, atualmente, faz limites com Paulista, ao norte; com Jaboatão, ao sul; com Olinda, a leste; com Camaragibe e São Lourenço da Mata, a oeste. Sua área chega a 217,8km², clima tropical quente-úmido, temperatura média de 28°C, vegetação de mata, capoeirinha, vegetação arbustiva e coqueirais.

Na economia, a capital da “Terra dos Altos Coqueiros” vive do comércio, da reparação de veículos e objetos; de atividades financeiras; de imobiliárias, prestação de serviços, indústria de transformação, construção civil e turismo.

Fazer um trabalho desta natureza, quase que sozinho, a despeito das equipes organizadas para elaborar atlas estaduais conhecidos no Brasil, foi uma dávida, pois a condição de conhecer culturas tão próximas, mas, ao mesmo tempo, tão distantes, tem valor imensurável. Cada visita foi uma surpresa...um conhecimento diferente...uma lição de vida... Isso tudo não se encontra em grandes obras-primas, nas quais o “senso de realismo” a que



Rossi (1967, p.112) se referiu não é registrado. É preciso correr atrás e cada vez mais se conscientizar de que, como ele mesmo ressalta, “só se aprende a fazer...fazendo”.

4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS INFORMANTES

Por ser um estudo de natureza pluridimensional, os critérios de escolha dos informantes foram baseados na metodologia do ALiB, já que a maioria dos trabalhos dialetais tem seguido os mesmos parâmetros e, para o ALiPE, não foi diferente.

Assim, em cada ponto de inquérito, foram levadas em consideração as seguintes dimensões:

- a) *diagenérica*: homens e mulheres
- b) *diageracional*: 18 a 30 anos e 50 a 65 anos
- c) *diatrática*: até o quinto ano do ensino fundamental e, no caso da capital, com curso superior completo.

Seguiu-se, ainda, o que Ferreira & Cardoso (1984) sugerem para o perfil do informante, procurando ser o mais fiel possível, de modo a não comprometer a veracidade do que foi proposto a fazer. Então, além da procedência e da escolaridade, foram considerados: a profissão, naturalidade dos pais e do cônjuge, atividades profissionais, religiosas e de lazer, sendo esses aspectos documentados na *ficha do informante* inspirada no modelo do ALiB e encontrada em Cardoso (2010).

Após verificar as condições de fonação do informante, houve a preocupação com o seu grau de afastamento da localidade pesquisada. De início, esperava-se usar apenas informantes nativos dos municípios e com filiação de mesma naturalidade. Porém, isso nem sempre foi possível, sendo, então, necessária a seleção de informantes nascidos em cidades vizinhas ou de outros Estados, desde que não fosse constatado nenhum contato cultural externo. Nesses casos, aceitaram-se informantes da primeira faixa etária que justificaram o deslocamento temporário, retornando à sua naturalidade após o nascimento, pois a pouca infraestrutura de seu local de moradia impedia que houvesse melhores cuidados, o que parece ser uma realidade dos municípios que não constituem grandes centros urbanos. Concernente aos informantes da segunda faixa etária, de 50 a 65 anos, no momento da conversa inicial, obtinha-se a informação de que também era comum nos pequenos municípios, ainda sem grandes opções de emprego, que o casal, à espera de um filho, partisse para cidades ou estados vizinhos em busca de melhoria de vida. Contudo, o retorno não tardava e, na maioria



das vezes, a única opção de trabalho possível era a mesma que tinham antes de sair: a agricultura, o trabalho doméstico ou serviços gerais, proporcionados ou não por órgãos administrativos, como também a organização de companhias de moto-táxi, cada vez crescente nesses municípios. Porém, aceitava-se o informante que havia passado, pelo menos, 50 anos no ponto de inquérito.

O quadro seguinte mostra o perfil dos informantes selecionados para cada ponto de inquérito em Pernambuco.

PONTO	GÊNERO E ESCOLARIDADE	INICIAIS	FAIXA ETÁRIA	NATURALIDADE	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL
1	H1 – EF (4º ano) ⁵²	G.A.G.A	26 anos	Afrânio	Agricultor	Casado
	H2 – EF (5º ano)	J.M.S.	60 anos	Afrânio	Agricultor	Casado
	M1 – EF (5º ano)	E.L.S.	27 anos	Afrânio	Agricultora	Casada
	M2 – EF (5º ano)	M.M.C.S	64 anos	Afrânio	Doméstica	Casada
2	H1 – EF (5º ano)	G.P.S.	18 anos	Petrolina	Marceneiro	Solteiro
	H2 – EF (4º ano)	J.L.N.	63 anos	Petrolina	Agricultor	Viúvo
	M1 – EF (5º ano)	C.S.	20 anos	Petrolina	Doméstica	Solteira
	M2 – EF (4º ano)	M.C.S.S.	63 anos	Petrolina	Doméstica	Divorciada
3	H1 – EF (5º ano)	F.B.S.	29 anos	Santa Maria B. V.	Serv. Gerais	Casado
	H2 – EF (5º ano)	J.M.N.	51 anos	Jardim Ceará (CE)	Agricultor	Solteiro
	M1 – EF (5º ano)	J.T.S.	26 anos	Santa Maria B. V.	Doméstica	Solteira
	M2 – EF (5º ano)	S.A.G.	53 anos	Santa Maria B. V.	Doméstica	Casada
4	H1 – EF (5º ano)	A.A.C.	23 anos	Ouricuri	Auxiliar	Casado
	H2 – EF (5º ano)	F.C.O.	56 anos	Ouricuri	Pedreiro	Casado
	M1 – EF (4º ano)	C.S.T.	22 anos	Ouricuri	Doméstica	Casada
	M2 – EF (5º ano)	L.T.S.	64 anos	Ouricuri	Doméstica	Casada
5	H1 – EF (5º ano)	J.C.C.S.	21 anos	Salgueiro	Servente	Solteiro
	H2 – EF (5º ano)	M.A.C.	51 anos	Salgueiro	Agricultor	Solteiro
	M1 – EF (5º ano)	L.D.M.	22 anos	Salgueiro	Atendente	Solteira
	M2 – EF (5º ano)	M.N.M.S	53 anos	Salgueiro	Serv. Gerais	Solteira
6	H1 – EF (5º ano)	G.P.S.	30 anos	Floresta	Servente	Solteiro
	H2 – EF (5º ano)	M.F.M.	65 anos	Floresta	Marceneiro	Casado
	M1 – EF (5º ano)	P.S.S.	19 anos	Floresta	Agricultora	Solteira
	M2 – EF (3º ano)	I.M.C.	65 anos	Floresta	Agricultora	Casada
7	H1 – EF (4º ano)	E.J.S.	26 anos	Tacaratu	Agricultor	Solteiro
	H2 – EF (5º ano)	J.J.N.	58 anos	Água Branca (AL)	Agricultor	Casado
	M1 – EF (5º ano)	M.C.S.	20 anos	Tacaratu	Doméstica	Solteira
	M2 – EF (4º ano)	R.M.N.S.	55 anos	Tacaratu	Agricultor	Casada
8	H1 – EF (5º ano)	C.F.C.	28 anos	Serra Talhada	Eletricista	Casado
	H2 – EF (4º ano)	L.B.B.	60 anos	Serra Talhada	Agricultor	Casado
	M1 – EF (3º ano)	C.S.	29 anos	Serra Talhada	Doméstica	Solteira
	M2 – EF (3º ano)	L.T.A.	59 anos	Serra Talhada	Costureira	Solteira
9	H1 – EF (5º ano)	A.F.R.C.	20 anos	Custódia	Moto-taxista	Casado

⁵² O grau de escolaridade aqui mencionado segue a nomenclatura atual com Ensino Fundamental em nove anos. Assim, adequando-se os critérios etários à metodologia geolinguística, foram selecionados informantes do 2º ao 5º anos, correspondendo, portanto, da 1ª à 4ª série.



	H2 – EF (3º ano)	J.R.N.	56 anos	Flores (PE)	Comerciante	Casado
	M1 – EF (4º ano)	L.P.S.	21 anos	Custódia	Agricultora	Solteira
	M2 – EF (5º ano)	L.A.S.	62 anos	Custódia	Auxiliar	Casada
10	H1 – EF (5º ano)	J.P.S.F.	21 anos	São José do Egito	Marceneiro	Solteiro
	H2 – EF (5º ano)	N.C.S.	51 anos	Vitória da Conquista (BA)	Moto-taxista	Casado
	M1 – EF (5º ano)	L.S.	21 anos	São José do Egito	Agricultora	Solteira
	M2 – EF (5º ano)	A.S.L.	60 anos	Curema (PB)	Doméstica	Casada
11	H1 – EF (5º ano)	E.D.V.	29 anos	Tupanatinga	Agricultor	Solteiro
	H2 – EF (5º ano)	A.A.N.	57 anos	Tupanatinga	Agricultor	Casado
	M1 – EF (5º ano)	M.L.F.	20 anos	Tupanatinga	Agricultora	Casada
	M2 – EF (5º ano)	J.A.S.	55 anos	Tupanatinga	Merendeira	Casada
12	H1 – EF (5º ano)	J.D.M.B.	23 anos	Arcoverde	Agricultor	Solteiro
	H2 – EF (5º ano)	A.D.S.	62 anos	Buíque (PE)	Motorista	Casado
	M1 – EF (5º ano)	M.D.F.F.	23 anos	Arcoverde	Serv. Gerais	Solteira
	M2 – EF (5º ano)	M.L.B.	58 anos	Arcoverde	Agricultora	Casada
13	H1 – EF (5º ano)	J.J.S.	21 anos	Águas Belas	Servente	Solteiro
	H2 – EF (4º ano)	J.F.D.	57 anos	Ouro Branco (AL)	Autônomo	Casado
	M1 – EF (3º ano)	M.T.T.	20 anos	Águas Belas	Agricultora	Solteira
	M2 – EF (4º ano)	M.J.S.B.	62 anos	Águas Belas	Doméstica	Casada
14	H1 – EF (5º ano)	R.B.M.	28 anos	Garanhuns	Servente	Solteiro
	H2 – EF (5º ano)	J.B.C.N.	61 anos	Garanhuns	Motorista	Casado
	M1 – EF (4º ano)	M.F.S.	18 anos	Garanhuns	Doméstica	Solteira
	M2 – EF (5º ano)	M.C.L.S.	56 anos	Garanhuns	Costureira	Casada
15	H1 – EF (5º ano)	M.S.S.	19 anos	Belo Jardim (PE)	Garçom	Solteiro
	H2 – EF (5º ano)	J.R.A.	61 anos	São Bento do Una	Agricultor	Casado
	M1 – EF (5º ano)	C.S.	30 anos	São Bento do Una	Doméstica	Solteira
	M2 – EF (5º ano)	I.C.S.	56 anos	São Bento do Una	Agricultora	Viúva
16	H1 – EF (5º ano)	P.J.B.L.	28 anos	Taquar. do Norte	Moto-taxista	Solteiro
	H2 – EF (3º ano)	V.S.S.	61 anos	Taquar. do Norte	Segurança	Casado
	M1 – EF (5º ano)	M.G.A.P	28 anos	Taquar. do Norte	Serv. Gerais	Solteira
	M2 – EF (4º ano)	M.F.L.	55 anos	Taquar. do Norte	Serv. Gerais	Casada
17	H1 – EF (5º ano)	R.H.S.	20 anos	Caruaru	Lanterneiro	Casado
	H2 – EF (2º ano)	O.O.M.	55 anos	Caruaru	Comerciante	Casado
	M1 – EF (4º ano)	B.D.S.S.	30 anos	Caruaru	Doméstica	Casada
	M2 – EF (4º ano)	E.F.G.	55 anos	Princ. Isabel (PB)	Autônoma	Casada
18	H1 – EF (5º ano)	M.R.E.	23 anos	Palmares	Moto-taxista	Casado
	H2 – EF (5º ano)	J.E.S.	58 anos	S. B. do Una (PE)	Comerciante	Casado
	M1 – EF (5º ano)	E.G.S.	24 anos	Palmares	Vendedora	Casada
	M2 – EF (5º ano)	G.N.J.S.	58 anos	Palmares	Aux. Coz.	Casada
19	H1 – EF (4º ano)	J.C.P.S.	26 anos	Limoeiro	Serv. Gerais	Casado
	H2 – EF (3º ano)	M.C.S.	64 anos	Limoeiro	Ferreiro	Solteiro
	M1 – EF (4º ano)	M.G.R.	30 anos	Limoeiro	Doméstica	Casada
	M2 – EF (5º ano)	B.T.S.F.	57 anos	Surubim (PE)	Vendedora	Casada
20	H1 – EF (5º ano)	F.B.N.S.	20 anos	Recife	Auxiliar	Solteiro
	H2 – EF (4º ano)	A.C.L.	57 anos	Palmares (PE)	Assistente	Solteiro
	M1 – EF (5º ano)	R.S.M.	25 anos	Recife	Doméstica	Casada
	M2 – EF (4º ano)	M.L.S.	62 anos	Recife	Doméstica	Casada
	H1 – Curso Sup.	R.D.S.	26 anos	Recife	Jornalista	Solteiro
	H2 – Curso Sup.	J.M.S.	58 anos	Canhotinho (PE)	Instrutor	Casado
	M1 – Curso Sup.	C.G.O.	23 anos	Recife	Consultora	Solteira
	M2 – Curso Sup.	M.B.A.	51 anos	Recife	Contadora	Casada

Quadro 10: Relação de informantes com perfil



De acordo com o quadro 10, a apresentação do perfil dos informantes selecionados para os inquéritos do ALiPE pode suscitar questionamentos no que tange à fuga aos critérios metodológicos, uma vez que alguns dos entrevistados não são nascidos nos municípios que constituem os pontos de inquérito. Por isso, convém apresentar mais detalhadamente as informações encontradas na ficha preenchida com os dados de cada informante, segundo a discriminação abaixo:

Ponto do Inquérito e Número de ordem. Gênero. Iniciais do informante. Faixa etária. Naturalidade e Informes adicionais. Estado civil. Escolaridade Concluída. Profissão. Naturalidade da mãe. Profissão. Naturalidade do pai. Profissão. Naturalidade do Cônjuge. Profissão. Contato com meios de comunicação. Contato com atividades culturais. Religião.

❖ **Afrânio – Ponto 1**

H1 – G.A.G.A. 26 anos. Natural de Afrânio. Passou 2 anos na casa da irmã em distrito do mesmo município. Casado. 4º ano. Agricultor. Pais naturais de Afrânio. Agricultores. Cônjuge natural de Afrânio. Agricultora. Às vezes assiste à televisão e ouve rádio. Sem participações em diversões. Católico.

H2 – J.M.S. 60 anos. Natural de Afrânio. Nenhuma emigração informada. Viúvo. 5º ano. Agricultor. Pais naturais de Afrânio. Falecidos. Às vezes assiste à televisão e ouve rádio. Sem participações em diversões. Católico.

M1 – E.L.S. 27 anos. Natural de Afrânio. Nenhuma emigração informada. Casada. 5º ano. Agricultora. Pais naturais de Afrânio. Agricultores. Cônjuge natural de Afrânio. Agricultora. Às vezes assiste à televisão e ouve rádio. Sem participações em diversões. Católica.

M2 – M.M.C.S. 64 anos. Natural de Afrânio. Nenhuma emigração informada. Viúva. 5º ano. Doméstica. Pai natural do Piauí, chegou a Afrânio aos 8 anos de idade. Falecido. Mãe natural de Afrânio. Falecida. Às vezes assiste à televisão e ouve rádio. Raras participações em shows e manifestações folclóricas. Católico.



❖ **Petrolina – Ponto 02**

H1 – G.P.S. 18 anos. Natural de Petrolina. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 5º ano. Marceneiro. Dados omitidos sobre o pai. Mãe natural do Piauí, mas chegou aos 15 anos a Petrolina. Marmiteira. Às vezes assiste à TV, mas nunca ouve rádio. Raramente participa de diversões ligadas a cinema e esportes. Religião não informada.

H2 – J.L.N. 63 anos. Natural de Petrolina. Nenhuma emigração informada. Viúvo. 4º ano. Agricultor. Pai natural de Curacá (BA), mas chegou a Petrolina nos anos 60. Mãe natural de Petrolina. Ambos já falecidos. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Nunca participa de diversões. Católico.

M1 – C.S. 20 anos. Natural de Petrolina. Nenhuma emigração informada. Solteira. 5º ano. Doméstica. Pai natural de Petrolina. Profissão não informada. Mãe natural de Petrolina. Doméstica. Assiste à TV e ouve rádio todos os dias. Nunca participa de diversões. Tem frequentado a igreja dos Mórmons.

M2 – M.C.S.S. 63 anos. Natural de Petrolina. Nenhuma emigração informada. Divorciada. 4º ano. Doméstica. Pai e mãe naturais de Petrolina. Profissão não informada. Às vezes assiste à TV, mas ouve rádio todos os dias. Às vezes vai ao cinema, mas raramente participa de shows, teatro e manifestações folclóricas. Católica.

❖ **Santa Maria da Boa Vista – Ponto 03**

H1 – F.B.S. 29 anos. Natural de Santa Maria da Boa Vista. Nenhuma emigração informada. Casado. 5º ano. Auxiliar de Serviços Gerais. Pais naturais de Santa Maria da Boa Vista. Sem profissão informada. Todos os dias assiste à TV e ouve rádio. Frequentemente participa de shows e às vezes participa de esportes. Sem religião informada.

H2 – J.M.N. 51 anos. Natural de Jardim (CE), quando seus pais se dirigiam a Juazeiro do Norte (CE), mas desde criança mora em Santa Maria da Boa Vista. Solteiro. 5º ano. Agricultor. Pais de naturalidade desconhecida. Agricultores. Assiste à TV e ouve rádio todos os dias. Frequentemente participa de diversões ligadas a futebol e às vezes participa de shows e manifestações folclóricas. Católico.

M1 – J.T.S. 26 anos. Natural de Santa Maria da Boa Vista. Nenhuma emigração informada. Solteira. 5º ano. Doméstica. Pais naturais de Santa Maria da Boa Vista. Sem profissão



informada. Às vezes assiste à TV, mas ouve rádio todos os dias. Frequentemente assiste a jogos de futebol. Evangélica.

M2 – S.A.G. 53 anos. Natural de Santa Maria da Boa Vista. Nenhuma emigração informada. Casada. 5º ano. Doméstica. Pais naturais de Santa Maria da Boa Vista. Sem profissão informada. Todos os dias assiste à TV, mas às vezes ouve rádio. Sem participação em diversões. Católica.

❖ **Ouricuri – Ponto 04**

H1 – A.A.C. 23 anos. Natural de Ouricuri. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 5º ano. Auxiliar. Pai nascido em Recife, mas veio ainda criança para Ouricuri. Mãe nascida em Exu (PE), mas veio ainda criança para Ouricuri. Ambos falecidos. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Às vezes vai a shows e participa de diversões ligadas a esportes. Religião não informada.

H2 – F.C.O. 56 anos. Natural de Ouricuri. Passou um mês em Salvador (BA), há pouco tempo. Casado. 5º ano. Pedreiro. Pai e mãe naturais de Ouricuri. Sem profissão informada. Cônjuge natural de Ouricuri. Doméstica. Às vezes assiste à TV, mas nunca ouve rádio. Não participa de diversões. Evangélico.

M1 – C.S.T. 22 anos. Natural de Ouricuri. Nenhuma emigração informada. Casada. 4º ano. Doméstica. Pai e mãe naturais de Ouricuri. Sem profissão informada. Cônjuge natural de Bodocó (PE), distante 22 km, pertencente à mesma microrregião. Cabeleireiro. Assiste à TV todos os dias, mas ouve rádio às vezes. Não participa de diversões. Católica.

M2 – L.T.S. 64 anos. Natural de Ouricuri. Casada. 5º ano. Doméstica. Pai e mãe naturais de Ouricuri. Sem profissão informada. Cônjuge natural de Ouricuri. Agricultor. Morou 3 anos no Maranhão, quando era jovem e retornou em seguida. Assiste à TV e ouve rádio todos os dias. Às vezes participa de shows. Católica.

❖ **Salgueiro – Ponto 05**

H1 – J.C.C.S. 21 anos. Natural de Salgueiro. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 5º ano. Servente de pedreiro. Pai nascido em Salgueiro. Aposentado. Mãe nascida em Salgueiro. Dona de casa. Às vezes assiste à TV, mas nunca ouve rádio. Não costuma participar de diversões, indo raramente a shows. Católico.



H2 – M.A.C. 51 anos. Natural de Salgueiro. Nenhuma emigração informada. Estado civil não informado. 2º ano. Agricultor. Pai nascido em Salgueiro. Agricultor. Mãe nascida em Salgueiro. Já falecida. Assiste à TV e ouve rádio todos os dias. Às vezes participa de diversões ligadas a shows, manifestações folclóricas e esportes. Católico.

M1 – L.D.M. 22 anos. Natural de Salgueiro. Nenhuma emigração informada. Solteira. 5º ano. Atendente. Pais naturais de Salgueiro. Sem profissão informada. Às vezes assiste à TV, mas ouve rádio todos os dias. Às vezes participa de shows e atividades ligadas a esportes. Evangélica.

M2 – M.N.M.S. 53 anos. Natural de Salgueiro. Nenhuma emigração informada. Solteira. 5º ano. Auxiliar de Serviços Gerais. Pai natural de Salgueiro. Mãe natural de Mirandiba (PE), distante 65 km, pertencente à mesma microrregião. Já falecidos. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Às vezes participa de shows e atividades ligadas a manifestações folclóricas. Religião não informada.

❖ Floresta – Ponto 06

H1 – G.P.S. 30 anos. Natural de Floresta. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 5º ano. Servente de pedreiro. Pai e mãe naturais de Floresta. Sem profissão informada. Às vezes assiste à TV, mas nunca ouve rádio. Às vezes participa de diversões ligadas a esportes. Católica.

H2 – M.F.M. 65 anos. Natural de Floresta. Passou seis meses em Belém de São Francisco (PE), distante 46 km, a trabalho. Casado. 5º ano. Marceneiro. Pai e mãe naturais de Floresta. Sem profissão informada. Cônjuge natural de Floresta. Doméstica. Assiste à TV todos os dias, mas nunca ouve rádio. Raramente participa de diversões ligadas a manifestações folclóricas. Católica.

M1 – P.S.S. 19 anos. Natural de Floresta. Nenhuma emigração informada. Solteira. 5º ano. Agricultora. Pai e mãe naturais de Floresta. Agricultores. Todos os dias assiste à TV, mas ouve rádio às vezes. Às vezes participa de shows e manifestações folclóricas. Sem religião informada.

M2 – I.M.C. 65 anos. Natural de Floresta. Passou 2 anos em Recife, quando tinha 9 anos de idade, mas retornou em seguida. Casada. 5º ano. Pai e mãe naturais de Floresta. Sem



profissão informada. Cônjuge natural de Floresta. Agricultor. Todos os dias assiste à TV, mas ouve rádio às vezes. Não participa de diversões. Católica.

❖ **Tacaratu – Ponto 07**

H1 – E.J.S. 26 anos. Natural de Tacaratu. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 4º ano. Agricultor. Pai natural de Jeremboabo (BA), mas veio jovem para Tacaratu. Agricultor. Mãe natural de Tacaratu. Agricultora. Assiste à TV e ouve rádio todos os dias. Frequentemente participa de shows, manifestações folclóricas e futebol. Católico.

H2 – J.J.N. 58 anos. Natural de Água Branca (AL), mas chegou a Tacaratu com 15 dias de nascido. Casado. Agricultor. 5º ano. Pais naturais de Água Branca (AL). Já falecidos. Cônjuge natural de Tacaratu. Técnica em Enfermagem. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Às vezes participa de diversões ligadas a esporte. Católico.

M1 – M.C.S. 20 anos. Natural de Tacaratu. Nenhuma emigração informada. Solteira. 5º ano. Doméstica. Pai natural do distrito de Caraibeiras, pertencente a Tacaratu. Aposentado. Mãe natural de Tacaratu. Profissão não informada. Assiste à TV e ouve rádio todos os dias. Às vezes participa de diversões ligadas a manifestações folclóricas e esportes. Católica.

M2 – R.M.N.S. 55 anos. Natural de Tacaratu. Nenhuma emigração informada. Casada. 4º ano. Agricultora. Pais naturais de Tacaratu. Já falecidos. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Não participa de diversões. Católica.

❖ **Serra Talhada – Ponto 08**

H1 – C.F.C. 28 anos. Natural de Serra Talhada. Nenhuma emigração informada. Casado. 5º ano. Eletricista. Pais naturais de Serra Talhada. Sem profissão informada. Assiste à TV todos os dias e às vezes ouve rádio. Raramente participa de shows e às vezes participa de manifestações folclóricas. Católico.

H2 – L.B.B. 60 anos. Natural de Serra Talhada. Nenhuma emigração informada. Casado. 4º ano. Agricultor. Pais naturais de Serra Talhada. Já falecidos. Cônjuge natural de São José do Belmonte (PE), distante 62 km, mas pertencente à mesma microrregião. Agricultora. Às



vezes assiste à TV e ouve rádio. Raramente participa de diversões ligadas a cinema, shows, manifestações folclóricas e futebol. Católico.

M1 – C.S. 29 anos. Natural de Serra Talhada. Nenhuma emigração informada. Solteira. 3º ano. Doméstica. Pai natural de Serra Talhada. Agricultor. Mãe natural de Monteiro (PB), mas mora desde os oito anos em Serra Talhada. Doméstica. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Nunca participa de diversões. Católica.

M2 – L.T.A. 59 anos Natural de Serra Talhada. Nenhuma emigração informada. Casada. 3º ano. Costureira. Pai natural de Serra Talhada. Agricultor. Mãe natural de Serra Talhada. Doméstica. Assiste à TV todos os dias e às vezes ouve rádio. Raramente participa de shows e manifestações folclóricas. Católica.

❖ **Custódia – Ponto 09**

H1 – A.F.R.C. 20 anos. Natural de Custódia. Nenhuma emigração informada. Casado. 5º ano. Moto-taxista. Pai e mãe naturais de Custódia, ambos agricultores. Cônjuge natural de Custódia. Auxiliar de Enfermagem. Assiste à TV todos os dias, mas, às vezes, ouve rádio. Às vezes frequenta shows e manifestações folclóricas. Católica.

H2 – J.R.N. 56 anos. Natural de Flores (PE), distante 50 km de Custódia, para onde veio com um ano de idade. Ainda morou um ano em São Paulo, quando jovem, em busca de emprego, mas retornou em seguida para sua terra natal. Casado. 3º ano. Agricultor. Pai natural de Custódia. Sem profissão informada. Mãe natural de Flores. Sem profissão informada. Cônjuge natural de Princesa Isabel (PB), mas desde jovem em Custódia. Agricultora. Às vezes assiste à TV, mas ouve rádio todos os dias. Às vezes participa de diversões ligadas a manifestações folclóricas e esportes. Católica.

M1 – L.P.S. 21 anos. Natural de Custódia. Nenhuma emigração informada. Solteira. 4º ano. Agricultora. Pai e mãe naturais de Custódia, ambos agricultores. Foi criada pela avó na zona urbana. Assiste à TV e ouve rádio todos os dias. Às vezes participa de diversões ligadas a manifestações folclóricas e esportes. Católica.

M2 – L.A.S. 62 anos. Natural de Custódia. Nenhuma emigração informada. Casada. 5º ano. Pai e mãe naturais de Custódia, ambos agricultores. Cônjuge natural de Carnáiba (PE).



Vigilante. Às vezes assiste à TV e ouve rádio todos os dias. Às vezes frequenta shows. Católica.

❖ São José do Egito – Ponto 10

H1 – J.P.S.F. 21 anos. Natural de São José do Egito. Nenhuma emigração informada. Solteiro. Marceneiro. 5º ano. Pai natural de São José do Egito. Sem profissão informada. Mãe natural de São José do Egito. Doméstica. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Frequentemente participa de shows e, às vezes, participa de diversões ligadas a futebol. Católico.

H2 – N.C.S. 51 anos. Natural de Vitória da Conquista (BA), mas chegou a São José do Egito aos dois anos de idade. Casado. 5º ano. Moto-taxista. Pai natural de São José do Egito. Aposentado. Mãe natural de São José do Egito. Já falecida. Às vezes assiste à TV, mas ouve rádio todos os dias. Frequentemente participa de diversões ligadas a futebol e, às vezes, observa manifestações folclóricas. Católico.

M1 – L.S. 21 anos. Natural de São José do Egito. Nenhuma emigração informada. Solteira. 5º ano. Agricultora. Pai natural de São José do Egito. Agricultor. Mãe natural da região rural entre Taperoá e Livramento (PB), distante cerca de 50km, mas desde jovem mora no município de São José. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Raramente participa de atividades ligadas a manifestações folclóricas e shows. Católica.

M2 – A.S.L. 60 anos. Natural de Curemas (PB), região de Campina Grande. Chegou a São José do Egito com 4 anos de idade. Casada. 5º ano. Doméstica. Pais naturais de São José do Egito. Já falecidos. Cônjuge natural de São José do Egito. Agricultor. Assiste à TV e ouve rádio todos os dias. Não participa de diversões. Considera-se afastada da religião.

❖ Tupanatinga – Ponto 11

H1 – E.D.V. 29 anos. Natural de Tupanatinga. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 5º ano. Agricultor. Pais naturais de Tupanatinga. Agricultores. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Às vezes participa de diversões ligadas a manifestações folclóricas e esportes. Católico.

H2 – A.A.N. 57 anos. Natural de Tupanatinga. Nenhuma emigração informada. Casado. 5º ano. Agricultor e vendedor de leite. Pais naturais da zona rural de Tupanatinga. Já falecida.



Às vezes assiste à TV, mas nunca ouve rádio. Não participa de atividades ligadas a diversões. Católico.

M1 – M.L.F. 20 anos. Natural de Tupanatinga. Nenhuma emigração informada. Casada. 5º ano. Agricultora. Pais naturais da zona rural de Tupanatinga. Agricultores. Cônjuge natural de Taquaritinga do Norte. Agricultor. Assiste à TV todos os dias e, às vezes, ouve rádio. Às vezes participa de shows, manifestações folclóricas. Católica.

M2 – J.A.S. 55 anos. Natural de Tupanatinga. Nenhuma emigração informada. Casada. 5º ano. Merendeira. Pais naturais da zona rural de Tupanatinga. Agricultores. Cônjuge natural de Taquaritinga do Norte. Agricultor. Assiste à TV todos os dias e, às vezes, ouve rádio. Não participa de diversões. Católica.

❖ **Arcoverde – Ponto 12**

H1 – J.D.M.B. 23 anos. Natural de Arcoverde. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 5º ano. Agricultor. Pais naturais de Arcoverde. Agricultores. Sempre assiste à TV, mas ouve pouco rádio. Participa principalmente de atividades folclóricas na escola. Católico.

H2 – A.D.S. 62 anos. Natural de Buíque (PE), distante 20 km e pertencente à mesma microrregião e de onde foi, em parte, desmembrado no final do século XIX. Chegou a Arcoverde aos sete anos de idade com os pais. Casado. 5º ano. Motorista. Pai natural de Buíque. Falecido. Mãe natural de Buíque. Falecida. Cônjuge natural de Arcoverde. Sem profissão informada. Assiste pouco à TV, mas sempre ouve rádio. Participa principalmente de atividades esportivas. Católico.

M1 – M.D.F.F. 23 anos. Natural de Arcoverde. Passou cinco meses em São Paulo recentemente. Solteira. 5º ano. Serviços Gerais. Pais naturais de Arcoverde. Agricultores. Foi criada pelos avós. Assiste pouco à TV, mas sempre ouve rádio. Não participa de diversões. Não tem religião definida.

M2 – M.L.B. 58 anos. Natural de Arcoverde. Nenhuma emigração informada. Casada. 5º ano. Agricultora. Pai de naturalidade e profissão desconhecidas. Mãe natural de Taperoá (PB), mas mora em Arcoverde há mais de 60 anos. Aposentada. Cônjuge natural de Caruaru (PE). Sempre assiste à TV, mas ouve pouco rádio. Sem participação em diversões. Católica.



❖ Águas Belas – Ponto 13

H1 – J.J.S. 21 anos. Natural de Águas Belas. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 5º ano. Servente. Pai natural de Correntes (PE), mesma microrregião do Estado. Agricultor. Mãe natural de Correntes (PE). Agricultora. Ambos vieram jovens para Águas Belas. Sempre assiste à TV, mas ouve pouco rádio. Participa frequentemente de atividades ligadas a esporte e a shows. Católico.

H2 – J.F.D. 57 anos. Natural de Ouro Branco (AL), mas chegou a Águas Belas com 1 mês de nascido. Casado. 4º ano. Autônomo. Pai natural de Águas Belas. Sem profissão informada. Mãe natural de Águas Belas. Sem profissão informada. Cônjuge nascida em Beberibe (CE), mas desde jovem mora em Águas Belas. Doméstica. Sempre assiste à TV, mas ouve pouco rádio. Participa frequentemente de atividades ligadas a folclore e a esporte. Católico.

M1 – M.T.T. 20 anos. Natural de Águas Belas. Nenhuma emigração informada. 3º ano. Solteira. Boleira. Pai natural de Águas Belas. Agricultor. Mãe natural de Águas Belas. Boleira. Sempre assiste à TV, mas ouve pouco rádio. Participa pouco de diversões, como shows e manifestações folclóricas. Católica.

M2 – M.J.S.B. 62 anos. Natural de Águas Belas. Nenhuma emigração informada. Casada. 4º ano. Doméstica. Pais naturais de Águas Belas. Já falecidos. Cônjuge natural de Águas Belas. Aposentado. Sempre assiste à TV, mas ouve pouco rádio. Sem participação em diversões. Sem religião definida.

❖ Garanhuns – Ponto 14

H1 – R.B.M. 28 anos. Natural de Garanhuns. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 5º ano. Servente. Pai e mãe naturais de Garanhuns. Ambos aposentados. Todos os dias assiste à TV e ouve rádio. Frequentemente participa de shows e futebol. Católico.

H2 – J.B.C.N. 61 anos. Natural de Garanhuns. Nos primeiros anos de vida, morou em Teresinha (PE), pertencente à mesma microrregião, distante 28 km. Motorista. Casado. 5º ano. Pais naturais de Brejão (PE), distante 22 km, pertencente também à mesma microrregião, sendo desmembrada do município-sede no final dos anos 50. Sem profissão informada. Às



vezes assiste à TV e ouve rádio somente à noite. Participa raramente de diversões ligadas ao futebol. Católico.

M1 – M.F.S. 18 anos. Natural de Garanhuns. Nenhuma emigração informada. Solteira. 4º ano. Doméstica. Pai e mãe naturais de Garanhuns. Sem profissão informada. Assiste à TV todos os dias, mas só ouve rádio às vezes. Participa frequentemente de shows. Católica.

M2 – M.C.L.S. 56 anos. Natural de Garanhuns. Morou dois anos em São Paulo, quando era menina, mas voltou à casa dos pais logo depois. Casada. 5º ano. Costureira. Pai e mãe naturais de Garanhuns. Pai aposentado e mãe falecida. Cônjuge natural de Correntes (PE), distante 38 km, mas pertencente à mesma microrregião. Aposentado. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Às vezes frequenta shows e teatros. Católica.

❖ São Bento do Una – Ponto 15

H1 – M.S.S. 19 anos. Natural Belo Jardim (PE), para onde seus pais se dirigiram apenas para realização do parto. Solteiro. Garçom. Pai natural de São Bento do Una. Sem profissão informada. Mãe natural de Jupi (PE), distante 32 km, pertencente à mesma microrregião. Doméstica. Às vezes assiste à TV, mas nunca ouve rádio. Frequentemente participa de shows e, às vezes, participa de diversões ligadas a manifestações folclóricas e esportes. Católico.

H2 – J.R.A. 61 anos. Natural de São Bento do Una. Nenhuma emigração informada. Casado. 5º ano. Agricultor. Pais naturais de São Bento do Una. Já falecidos. Cônjuge natural de São Bento do Una. Dona de casa. Todos os dias assiste à TV, mas nunca ouve rádio. Às vezes participa de atividades ligadas a esportes. Católico.

M1 – C.S. 30 anos. Natural de São Bento do Una. Nenhuma emigração informada. Solteira Doméstica. 5º ano. Pai natural de Capoeiras (PE), mas mora desde criança em São Bento. Profissão não informada. Mãe natural de Capoeiras (PE), mas mora desde criança em São Bento. Doméstica. Assiste à TV e ouve rádio todos os dias. Às vezes participa de shows e esportes. Católica.

M2 – I.C.S. 56 anos. Natural de São Bento do Una. Nenhuma emigração informada. Viúva Agricultora. 5º ano. Pais naturais de São Bento do Una. Já falecidos. Às vezes assiste à TV e nunca ouve rádio. Não participa de diversões. Católica.



❖ Taquaritinga do Norte – Ponto 16

H1 – P.J.B.L. 28 anos. Natural de Taquaritinga do Norte. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 5º ano. Moto-taxista. Não sabe informações sobre filiação. Às vezes assiste à TV, mas ouve rádio todos os dias. Às vezes participa de diversões ligadas a manifestações folclóricas e shows. Católico.

H2 – V.S.S. 61 anos. Natural de Taquaritinga do Norte. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 3º ano. Segurança. Pai natural de Taquaritinga do Norte. Já falecido. Mãe natural de Taquaritinga do Norte. Aposentada. Assiste à TV e ouve rádio todos os dias. Às vezes participa de diversões ligadas a manifestações folclóricas e esportes. Católico.

M1 – M.G.A.P. 28 anos. Natural de Taquaritinga do Norte. Nenhuma emigração informada. Solteira. 5º ano. Serviços Gerais. Pais naturais de Pombal (PB), mas desde jovem mora na zona rural de Taquaritinga. Agricultores. Cônjuge natural de Taquaritinga do Norte. Trabalha com confecções. Todos os dias assiste à TV e, em parte do dia, ouve rádio. Às vezes frequenta shows e participa de manifestações folclóricas. Evangélica.

M2 – M.F.L. 55 anos. Natural de Taquaritinga do Norte. Nenhuma emigração informada. Casada. 4º ano. Serviços Gerais. Pais naturais de Taquaritinga do Norte. Já falecidos. Cônjuge natural de Taquaritinga do Norte. Encanador. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Não participa de diversões. Católica.

❖ Caruaru – Ponto 17

H1 – R.H.S. 20 anos. Natural de Caruaru. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 5º ano. Lanterneiro. Pai natural de Caruaru. Lanterneiro. Mãe natural de Caruaru. Diarista. Sempre assiste à TV, mas nunca ouve rádio. Participa de diversões ligadas a futebol. Evangélico.

H2 – O.O.M. 55 anos. Natural de Caruaru. Nenhuma emigração informada. Casado. 2º ano. Motorista. Pais naturais da Zona rural de Caruaru, já falecidos. Cônjuge natural de Caruaru. Doméstica. Às vezes assiste à TV e às vezes ouve rádio. Às vezes participa de diversões ligadas a futebol e a shows. Católico.

M1 – B.D.S.S. 30 anos. Natural de Caruaru. Nenhuma emigração informada. Solteira. 4º ano. Doméstica. Pai natural de Caruaru. Mecânico. Mãe natural de Caruaru. Doméstica. Às vezes



assiste à TV e às vezes ouve rádio. Frequentemente participa de diversões ligadas a shows e manifestações folclóricas. Católica.

M2 – E.F.G. 55 anos. Natural de Caruaru. Morou 4 meses em São Paulo, quando era criança em visita a familiares. Casada. 4º ano. Vendedora. Pai natural de Caruaru. Sem profissão informada. Mãe natural de Princesa Isabel (PB), mas chegou com 20 anos a Caruaru. Sem profissão informada. Cônjuge natural de Caruaru. Representante. Assiste à TV todos dias, mas, às vezes, ouve rádio. Às vezes frequenta shows. Católica.

❖ **Palmares – Ponto 18**

H1 – M.R.E.O. 23 anos. Natural de Palmares. Nenhuma emigração informada. Casado. 5º ano. Moto-taxista. Pai e mãe naturais da zona rural de Palmares. Pai aposentado e mãe sem profissão informada. Cônjuge natural de Palmares. Sem profissão informada. Assiste à TV todos os dias e, às vezes, ouve rádio. Participa frequentemente de diversões relacionadas a portes. Católico.

H2 – J.E.S. 58 anos. Natural de S. Bento do Una (PE), mas veio com a família quando tinha dois anos de idade para Palmares, em busca de melhores condições de trabalho. Casado. 5º ano. Comerciante. Pais já falecidos. Cônjuge nascida no Rio Grande do Norte, mas desde jovem moradora em Palmares. Assiste à TV e ouve rádio todos os dias. Às vezes participa de diversões ligadas a futebol. Católico.

M1 – E.G.S. 24 anos. Natural de Palmares. Nenhuma emigração informada. Solteira. 5º ano. Vendedora de pastéis. Pai natural de Palmares. Pedreiro. Mãe natural de Palmares. Doméstica. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Às vezes participa de diversões ligadas a shows e manifestações folclóricas. Evangélica.

M2 – G.N.J.S. 58 anos. Natural de Palmares. Nenhuma emigração informada. Casada. 5º ano. Auxiliar de Cozinha. Pai e mãe naturais de Jaqueira (PE), distante 24 km do município, mas pertencente à mesma microrregião. Sem profissão informada. Cônjuge natural de Palmares. Mecânico. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Não participa de diversões. Evangélica.

❖ **Limoeiro – Ponto 19**

H1 – J.C.P.S. 26 anos. Natural de Limoeiro. Nenhuma emigração informada. Casado. 4º ano. Auxiliar de Serviços Gerais. Pai e mãe naturais de Limoeiro. Sem profissão informada. Às



vezes assiste à TV e ouve rádio. Frequentemente participa de diversões ligadas a esportes;. Católico.

H2 – M.C.S. 64 anos. Natural de Limoeiro. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 3º ano. Ferreiro. Pai e mãe naturais de João Alfredo (PE), distante 23 Km, mas pertencente à mesma microrregião. Sem profissão informada. Às vezes assiste à TV, mas ouve rádio todos os dias. Não participa de diversões. Evangélico.

M1 – M.G.R. 30 anos. Natural de Limoeiro. Nenhuma emigração informada. Casada. 4º ano. Doméstica. Pai e mãe naturais de Limoeiro. Pai falecido e mãe aposentada. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Não participa de diversões. Evangélica.

M2 – B.T.S.F. 57 anos. Natural de Surubim (PE), distante 42 km, mas pertencente à mesma microrregião. Chegou a Limoeiro, aos três meses de vida para a casa da avó. Casada. 5º ano. Vendedora. Pai nascido em Surubim e mãe nascida em Taquaritinga do Norte, ambos sem profissão informada. Cônjuge natural de Limoeiro. Sem profissão informada. Assiste à TV todos os dias e ouve rádio às vezes. Às vezes participa de diversões ligadas a teatro, shows, manifestações folclóricas e esportes. Evangélica.

❖ Recife – Ponto 20

H1 – F.B.N.S. 20 anos. Natural de Recife. Nenhuma emigração informada. Solteiro. 5º ano. Auxiliar. Pai natural de Recife. Administrador. Mãe natural de Recife. Dona de Casa. Às vezes assiste à TV, mas ouve rádio todos os dias. Às vezes participa de diversões ligadas a cinema, teatro e shows. Católico.

H2 – A.C.L. 57 anos. Natural de Palmares (PE), mas chegou ao Recife com três anos de idade, morando na cidade desde então. Solteiro. 4º ano. Assistente. Pais naturais dos Engenhos da Zona da Mata. Foi criado pela mãe. Ambos já falecidos. Todos os dias assiste à TV, mas ouve rádio às vezes. Às vezes participa de diversões ligadas a manifestações folclóricas e futebol. Evangélico.

M1 – R.S.M. 25 anos. Natural de Recife. Nenhuma emigração informada. Casada. 5º ano. Doméstica. Pais nascidos em Sirinhaém (PE), mas desde jovens moram na capital. Pai



aposentado. Mãe sem profissão informada. Assiste à TV todos os dias, mas nunca ouve rádio. Nunca participa de diversões. Evangélica.

M2 – M.L.S. 62 anos. Natural de Recife. Nenhuma emigração informada. Casada. 5º ano. Doméstica. Pais nascidos em Recife. Já falecidos. Assiste à TV e ouve rádios todos os dias. Nunca participa de diversões. Católica.

H1 – R.D.S. 26 anos. Natural de Recife. Nenhuma emigração informada. Solteiro. Curso Superior Completo. Jornalista. Pai natural de Venturosa (PE), mas desde criança mora na capital. Dona de casa. Pai nascido em Recife. Sem profissão informada. Assiste à TV todos os dias e às vezes ouve rádio e lê jornais. Frequentemente vai ao cinema e participa de esportes (voley, MMA). Evangélico.

H2 – J.M.S. 58 anos. Natural de Canhotinho (PE), mas desde os sete anos mora na capital. Casado. Curso Superior Completo. Instrutor. Pais naturais de Canhotinho. Já falecidos. Cônjuge natural de Recife. Dona de casa. Às vezes assiste à TV e ouve rádio. Semanalmente lê jornais e revistas relacionadas à Educação Física. Frequentemente participa de diversões ligadas a shows, manifestações folclóricas e esportes. Católico.

M1 – C.G.O. 23 anos. Natural de Recife. Nenhuma emigração informada. Solteira. Curso Superior Completo. Consultora de Relacionamento. Pais naturais de Recife. Aposentados. Assiste à TV todos os dias, às vezes ouve rádio e lê jornais e revistas. Frequentemente vai ao cinema, ao teatro e a shows. Às vezes participa de diversões ligadas a manifestações folclóricas e esportes. Católica.

M2 – M.B.A. 51 anos. Natural de São Paulo, mas veio para Recife aos 3 anos de idade. Casada. Curso Superior Completo. Contadora. Pais nascidos em Recife. Pai falecida e mãe aposentada. Cônjuge natural de Recife. Policial. Às vezes assiste à TV, ouve rádio e lê jornal e revistas. Frequentemente vai ao cinema e às vezes participa de diversões ligadas a esportes. Evangélica.

Os inquéritos ocorreram, em sua maioria, na casa do informante ou em algum local que ele achasse conveniente, para que não houvesse interferência de circunstâncias. Isso nem sempre era possível, principalmente no caso de mães com filhos pequenos que não tinham com quem ficar no horário marcado para a pesquisa ou, quando tinham, não permaneciam com a pessoa durante todo o período do inquérito.



Em certos casos, no entanto, para não gerar “mal-estar” com o informante, permitia-se que pessoas ficassem próximas a ele, o que, às vezes, não soava positivo, ora porque causava inibição, principalmente durante o Questionário Semântico-Lexical, ora porque interferiam na pesquisa intuitivamente, dando respostas que pareciam fáceis, acreditando que estavam ajudando seu parente a ter sucesso durante a entrevista. Com certa paciência e uma habilidade advinda da própria experiência, situações como essas eram contornadas a tempo para não interromper o trabalho e ter que recorrer a outro informante.

Outra questão evidente foi o fator “tempo”. A chegada aos municípios geralmente pela manhã já suscitava algumas dificuldades de encontrar o informante ideal e de que ele dispusesse de tempo para responder o inquérito de quase duas horas por conta de suas obrigações diárias. A solução era recorrer a alunos das Escolas com Educação de Jovens e Adultos (EJA). Quando se tinha acesso aos dados desses alunos durante o dia, recorria-se a seu endereço e, em sendo possível, realizava-se o inquérito.

Em ocasiões nas quais não se chegava a um acordo, era preciso voltar à escola à noite, período em que os alunos de EJA estudam, o que constitui uma situação comum em muitas das cidades, porém o curto período de ensino noturno, com menos de quatro horas, não era suficiente para a realização de mais de um inquérito. Era necessário, então, o retorno à escola no dia seguinte e o apoio dos corpos docente e administrativo-pedagógico foi essencial para o objetivo ser atingido.

Para se ter uma ideia, os inquéritos em Taquaritinga do Norte foram, de longe, os mais complicados de se concluir, necessitando ir à cidade quatro vezes, porque na sede só havia uma escola com EJA, onde frequentavam alunos a partir do sexto ano (quinta-série) e as demais escolas eram de ensino médio em tempo integral (Escolas de Referência). Foi necessário recorrer, inclusive, às redes sociais, em busca do auxílio. Os jovens encontrados não satisfaziam a escolaridade ou não se encontravam na zona urbana. Por conta do acesso difícil à cidade, quem não possui carro próprio tem que se dispor a resolver todos os compromissos até as dezessete horas, pois os transportes alternativos só transitam até esse horário. Por isso, os mais jovens costumam trabalhar nos distritos e tal situação fez com que se cogitasse a busca pelo rapaz da 1ª faixa etária num distrito do município (Pão de Açúcar), mas, na quarta visita, amigos moradores se solidarizaram e encontraram o informante que restava.

Em outras situações, ao se recorrer às Secretarias de Ação Social, o empenho dos funcionários foi condição *sine qua non* para que tudo ocorresse conforme o previsto, sendo os



informantes, muitas vezes, inquiridos numa sala da própria secretaria, como foi o caso de alguns dos inquiridos em *Afrânio*, *Ouricuri*, *Petrolina* e *Santa Maria da Boa Vista*. Da mesma maneira, ocorreu na capital *Recife*, o último ponto de inquérito, com a diagnose realizada em salas de trabalho da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), que também apoiou a pesquisa.

Quando não havia ambiente favorável à pesquisa, de posse do endereço dos informantes, recorria-se à sua casa, informando-lhe da importância de se falar sobre a cultura do seu município para o estado e para o país, para facilitar na recepção e, consequentemente, na contribuição com a pesquisa.

Quando as informações e indicações prévias não eram positivas, a solução era partir para o ‘porta-a-porta’, o que foi necessário para conseguir alguns informantes em *Afrânio*, *Ouricuri*, *São José do Egito* e *Garanhuns*. Por isso, concorda-se com Cardoso & Ferreira (1994, p.23) quando afirmam que ‘o fazer é que ensina, o fazer é que dita o método’, ou seja, não se cria a experiência, é, pois, necessário passar por ela.

4.3 TÉCNICAS DE COLETA DOS DADOS

Inicialmente, teve-se como proposta a aplicação de um questionário de 479 perguntas considerando a ideia de registrar marcas dialetais fonéticas, léxicas e morfossintáticas de uma amostra contemplativa de todo o Estado. Para isso, foram usadas questões do projeto ALiB e outras que abrangeram especificidades do Estado, como se percebe nesse tipo de pesquisa dialetal. Assim, o questionário⁵³ ficou distribuído entre os seguintes níveis:

- a) Questionário Fonético-Fonológico (QFF) – 159 questões
- b) Questionário Semântico-Lexical (QSL) – 252 questões, das quais 50 eram de natureza específica de Pernambuco.
- c) Questionário Morfossintático (QMS) – 49 questões
- d) Questionário Prosódico (QP) – 11 questões
- e) Questionário Pragmático (QPr) – 4 questões
- f) Questionário Semi-dirigido (QSD) – 4 questões

⁵³ Mesmo tendo sido aplicado todo o questionário do ALiB e as adequações culturais do Estado de Pernambuco, optou-se por enfatizar, *a priori*, os aspectos metodológicos referentes às questões do QFF, do QSL e do QMS, a partir das quais, chegou-se à construção das cartas linguísticas. Com isso, aspectos referentes aos demais questionários estão reservados para estudos posteriores.



A partir da aplicação do Questionário Fonético-Fonológico, tem-se por intuito averiguar variações sonoras na fala do informante como, por exemplo, *o comportamento das vogais pretônicas, realizações consonantais em final de palavra e casos de assimilação*.

O Questionário Semântico-Lexical, por sua vez, tem, atualmente, 202 questões, distribuídas em 14 campos semânticos, conforme o quadro 11 ressalta:

ACIDENTES GEOGRÁFICOS	CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL	JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS
Alimentação e cozinha	Corpo humano	Religião e crenças
Astros e tempo	Fauna	Vestuário e acessórios
Atividades agropastoris	Fenômenos atmosféricos	Vida urbana
Ciclos da vida	Habitação	

Quadro 11: Campos semânticos do Questionário Semântico-Lexical usados para o ALiPE

Os inquéritos nos primeiros cinco pontos escolhidos (*Arcoverde, Águas Belas, Custódia, Tupanatinga e Caruaru*) serviram de pesquisa-piloto para o aprimoramento da técnica de recolha. Isso ocasionou a eliminação de algumas questões pertencentes ao campo dos *folgedos e danças* do Questionário Semântico-Lexical específico.

Ocorreu que algumas respostas não conseguidas levaram a concluir que a continuidade das mesmas não seria produtiva, como foi o caso de questões sobre os *passos do frevo*, cujas respostas não eram conhecidas pelos informantes, a exemplo da questão abaixo:

Como se chama o passo cruzado com pequenos deslocamentos à direita e à esquerda com os braços flexionados para os lados e o dançarino cruza a perna direita por trás da esquerda em meia ponta, perna direita à frente, ambas semiflexionadas?

Para essa questão, a resposta sugerida é *tesoura*. Ficou, então, perceptível que denominações de agremiações carnavalescas e a natureza de suas evoluções parecem não ser do conhecimento de pessoas do interior do Estado, principalmente no que diz respeito à escolaridade e ao grande afastamento dessas pessoas dos grandes polos de dança do gênero.

Diante dessa constatação, foram eliminadas nove questões referentes ao campo semântico *folgedos e danças* e a versão definitiva do questionário fez a quantia de 243 questões.

Para fazer com que o informante ficasse menos tenso com a entrevista, após o preenchimento da ficha de dados, procedia-se ao Questionário Semi-dirigido, para, em



seguida, serem aplicados os demais questionários. Tomado de certa ansiedade por relatar fatos marcantes de sua vida, tornava-se mais fácil de obter a participação nas questões restantes com maior proveito. Em alguns casos, intercalava-se, também, com a aplicação dos *Questionários Prosódico e Pragmático*, até para facilitar a percepção do grau de formalidade do informante com a sociedade de que fazia parte e a habilidade em construir orações de natureza distinta.

Vale lembrar que, na própria aplicação do *Questionário Semântico-Lexical* e do *Questionário Morfossintático*, já se costuma recorrer à narração de histórias complementares, de modo a obter, no calor da emoção, mais de uma variante para uma determinada designação e, nos inquéritos do ALiPE, alguns fenômenos foram registrados dessa maneira.

O *Questionário Morfossintático* teve como intuito averiguar a posição de seis classes de palavras em situações distintas, como *o artigo, o substantivo, o adjetivo, o pronome, o verbo e o advérbio*.

Algumas das questões desse questionário tiveram que ser reformuladas para que houvesse a resposta esperada. Seguiu-se, para essa reformulação, uma reflexão realizada por Castro (2004) sobre as dificuldades do informante em responder algo produtivo. A autora avaliou casos de concordância verbal, cujas opções de respostas inutilizadas também foram encontradas no ALiPE.

Nesses casos, geralmente, o informante apresentava respostas opcionais, como no caso da questão 34 “Como é a vida das pessoas que não têm casa?” Aguardava-se uma resposta e quando essa não saía, partia-se para a pergunta complementar: “Na vida, há os que já morreram e os que ainda...” Só que as respostas eram “Estão vivos”, “moram de favor”, “ainda vão morrer”. Assim, a solução foi partir para outras reformulações do tipo:

- Como é a televisão aqui durante a noite? *Vive (ou veve) ligada.*
- Como se comportam as crianças daqui? *Só vive(m) (vevem) correndo, chorando...*

Todavia, nos casos do verbo *caber, estar e pôr*, houve menos sucesso, uma vez que muitos informantes usavam construções elípticas ou variantes lexicais pouco aproveitáveis para o propósito do questionário. Seguiu-se, portanto, a lição de Castro (*op cit*, p. 87): “paciência e insistência na busca da resposta”. Às vezes, até se conseguia o resultado esperado. Em casos negativos, porém, a saída era prosseguir com o questionário, para não aborrecer o informante.



4.4 TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

As respostas foram transcritas conforme a metodologia aplicada para os inquéritos do ALiB, com algumas modificações. No caso da pesquisa em Pernambuco, para as respostas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) foi usado o *International Phonetic Alphabet* (IPA), necessário para a transcrição fonética. Por isso, usufruiu-se da fonte *SILDoulos IPA*, sendo essa também utilizada em casos particulares presentes em respostas do Questionário Semântico-Lexical (QSL).

Um exemplo desse fato ocorreu na resposta do informante da 2ª faixa de Serra Talhada, transcrita a seguir:

INQ: Como se chama aqui um tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um riacho?

INF.: A gente coloca um *tacaniço* [takã'niso].

Falando no QSL, tanto as transcrições das respostas desse questionário, como as do Questionário Morfossintático (QMS), do Pragmático (QP), do Semi-dirigido (QSD) e do Metalinguístico (QM) foram realizadas grafematicamente com a fonte *Times New Roman*.

Houve uma séria preocupação com a transcrição grafemática, na iminência de que importantes marcas da oralidade não fossem omitidas, requerendo, para isso, maior atenção às superposições, aos truncamentos, aos comentários do inquiridor, às pausas e às intervenções de circunstâncias.

4.5 CRITÉRIOS DE ELABORAÇÃO DAS CARTAS

4.5.1 O processo de escolha

Após concluir a transcrição das respostas às perguntas dos inquéritos realizados em Pernambuco, foram construídas 105 planilhas no programa *Excel* do *Microsoft Office*, selecionando as ocorrências com uma variação considerável. Em seguida, essas planilhas foram transformadas em quadros, a exemplo do item com as ocorrências fonéticas para 'assobio' registradas nos três primeiros pontos de inquérito dispostos no quadro 15:



QFF 149 - ASSOPIO			
	1ª resposta	2ª resposta	3ª resposta
PI 01 /01	[asʊ'viʊ]	Indicação do ponto de inquérito e dos informantes, considerando a ordem HF1, HF2, MF1 e MF2	
PI 01/02	[asʊ'vej]		
PI 01/03	[sʊ'biʊ]		
PI 01/04	[sʊ'veʊ]		
PI 02 /01	[sʊ'viʊ]		
PI 02/02	[asʊ'bejʊ]		
PI 02/03	[sʊ'biʊ]		
PI 02/04	[asʊ'vejʊ]		
PI 03 /01	[asʊ'beʊ]	Respostas proferidas pelo informante	
PI 03/02	[sʊ'vejʊ]		
PI 03/03	[asʊ'bejʊ]		
PI 03/04	[asʊ'viʊ]	[asʊ'viʊ]	[asʊ'biʊ]

Quadro 12: Respostas fonéticas de três pontos de inquérito para *assobio*

Para a triagem que resultou na confecção dos quadros com as respostas, foram levados em conta os itens em que não houve variação fonética como o caso de *terreno* (QFF 002) – [tɛ'hẽʊ], *rosa* (QFF 038) – [ʰɔzɐ] e *Brasil* (QFF 090) – [bra'ziw] e os casos em que a variação foi mínima como em *dia* (QFF 056) com setenta e nove ocorrências para [ˈdiɐ] e apenas cinco para [ˈdziɐ]. Nesses itens, já se constata a marca fonética categórica do Estado, não sendo necessário, portanto, traçar nenhum perfil demarcativo da extensão territorial que detém tais comportamentos.

Concluída a triagem, foram construídas 114 cartas fonéticas, das quais foram selecionadas 50, considerando os fenômenos mais recorrentes em Pernambuco, levando em conta as realizações que perfizeram, no mínimo, 2 ocorrências. Casos com ocorrências únicas foram registrados nas notas explicativas, a depender da relevância do fenômeno.



O mesmo processo foi seguido para a seleção dos dados lexicais a serem cartografados. De início, foram feitas as planilhas, mais tarde transformadas em quadros no *Microsoft Word*, registrando todas as designações catalogadas nas transcrições. Em alguns casos, era possível inserir mais do que as três respostas planejadas, uma vez que determinados informantes se estendiam na caracterização de certos itens, como o exemplo seguinte pode ilustrar melhor:

QSL 138 – PESSOA SOVINA				
	1ª resposta	2ª resposta	3ª resposta	4ª resposta
PI 18/01	miserável			
PI 18/02	mão fechada	miserável	muito econômico	
PI 18/03	mão de vaca			
PI 18/04	Nonô correia	sovino		
PI 19/01	pão duro	mão fechada		
PI 19/02	canguinha			
PI 19/03	mão de vaca	mão segura	mão fechada	canguinha
PI 19/04	econômico			
PI 20/02	pirangueiro			
PI 20/02	mão fechada			
PI 20/03	pirangueiro			
PI 20/04	pirangueiro			
PI 20/01 ES	pirangueiro	mão fechada		
PI 20/02 ES	pirangueiro	amarrado	unha de fome	
PI 20/03 ES	pirangueiro			
PI 20/04 ES	avarento	pirangueiro		

Quadro 13: Designações lexicais para *peessoa sovina* em três pontos de inquérito

Considerando as 202 perguntas do Questionário Semântico-Lexical (QSL) e mais 41 de natureza específica, chegou-se à construção de 242 quadros, eliminando apenas o caso da seguinte pergunta: *A pessoa que faz sair pela boca tudo o que comeu, que está fazendo? Se a*



gente come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, a gente diz que vai o quê? (QSL 112). Nesse caso, além da resposta-tema *vomitar*, só um informante respondeu *lançar*.

Para elaboração das cartas, foram tomados alguns cuidados que contribuíram na seleção de itens utilizados.

- a) Da mesma maneira que *vomitar*, outros itens não foram cartografados por possuírem a maioria das ocorrências apenas com variantes fonéticas das respostas motivadoras, a exemplo da questão: ... *a ave preta que come carniça?* (QSL 064), cuja maioria de designações recaiu para *urubu* e *arubu*.
- b) Desconsiderou-se o item em que as ocorrências possuíam grande divergência semântica. A pergunta 008, por exemplo, solicita o seguinte: ...*um clarão que surge no céu em dias de chuva?* A motivação para essa pergunta é ‘relâmpago’. Em Houaiss (2009), *relâmpago* é um clarão resultante de descarga elétrica que se produz entre duas nuvens ou entre uma nuvem e a terra. Esperava-se, portanto, que as ocorrências obtivessem preferencialmente o sema ‘clarão’, mas outros semas pareceram mais presentes no conhecimento acumulado pelo informante como ‘ruído’ em *trovão* e *raio*. Em alguns casos, porém, quando a resposta representou uma marca dialetal do ponto de inquérito, preferiu-se manter a variante.
- c) Desconsiderou-se, também, o item em que as variantes não constituíam sinônimos, mas outros conceitos, como na pergunta 040, sobre a denominação para *o grão coberto por uma casquinha marrom com que se faz pé-de-moleque*. Enquanto grande parte dos informantes citou a resposta *amendoim*, outros citaram *castanha*, *milho*, *café* e *ouricuri*, classificados como hipônimos de *fruta*.
- d) Em muitos casos, o informante não proferia uma *lexia simples* ou *composta* como resposta, mas uma *lexia frasal*, proveniente talvez do desconhecimento da resposta correta ou até da falta de compreensão da pergunta. Em virtude de certa insistência, a resposta abrigava uma expressão que nem sempre correspondia ao que se esperava, por isso, alguns itens também foram eliminados da elaboração das cartas, quando esse aspecto era classificado como excessivo. Nas respostas à pergunta 137, que intencionava nomear *a pessoa com dificuldade de aprender as coisas*, além da *lexia* ‘burro’, houve grande percentual de respostas do seguinte nível: *tem problema mental*, *tem algum problema*, *não tem raciocínio*, *tem dificuldade de aprender* e *não tem a memória boa*.



- e) Determinadas perguntas notadamente relevantes e com uma considerável variabilidade nas ocorrências em muitas pesquisas geolinguísticas já documentadas não resultaram em cartas no ALiPE. O caso da *pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito* (QSL 177) – *geleia* – teve um número demasiado de omissões e os informantes alegavam que tal alimento não fazia parte do seu cotidiano, principalmente nas regiões mais afastadas da metrópole, ao contrário do que ocorreu com alguns itens voltados para as atividades agropastoris pouco conhecidas na capital e mesorregiões fronteiriças. Casos que refletiram nessa interpretação não foram cartografados e estão reservados para estudos posteriores.

Após feitas todas as eliminações, foram confeccionadas 47 cartas básicas, abrangendo itens de todos os campos semânticos do Questionário Semântico-Lexical aplicado ao informante. Para cada carta, optou-se por distribuir diatopicamente as ocorrências que atingiram, no mínimo, 2 registros.

Realizada a leitura mais apurada dos quadros construídos com as respostas dos inquiridos, verificou-se, também, a existência de designações homônimas, como o caso de ‘cabra-cega’, registrada ora como um jogo infantil, ora como inseto de asas transparentes.

No caso das questões de cunho morfossintático, também foram construídos quadros com as respostas, semelhante ao que foi feito para as questões fonéticas e léxicas. A seleção dos quadros de maior variação e menos ocorrências omitidas resultou na criação de oito cartas, contemplando os principais fatos referentes à estrutura dos vocábulos e a sua aplicação a contextos diversos.

4.5.2 O aspecto cartográfico

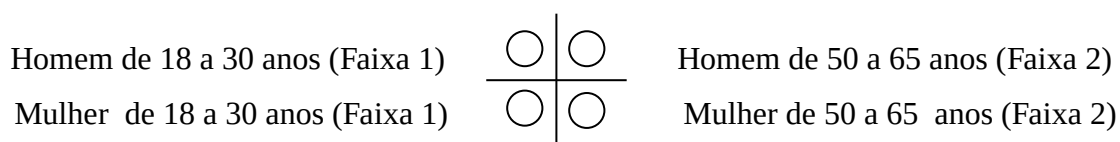
Tendo a seleção de itens com uma variação apreciável, o passo seguinte foi o planejamento das cartas. Levando-se em conta as inovações dos estudos geolinguísticos e a proposta metodológica aplicada à construção de um atlas pluridimensional, conforme orientação de Thun & Elizaincín (2000), optou-se por seguir a mesma metodologia.

Na parte superior do carta, encontra-se o nome do Atlas, seguido de sua marca construída no formato do mapa de Pernambuco, tendo, à sua direita, a sigla construída sob o contorno do restante do mapa e com a pictografia da bandeira do Estado.



Ao lado direito, há o número da carta, seguido do seu tema e a questão a que ele se refere. O contorno do mapa utilizado seguiu as orientações do IBGE, permitindo a construção das coordenadas geográficas e a escala numérica com a maior fidelidade possível.

Para representar as dimensões *diagenérica* e *diageracional*, foram usados círculos por se tratarem de uma das formas sugeridas nas variáveis cartográficas encontradas em Joly (2011, p. 13). Os círculos foram, então, inseridos em cruz, de modo a obter a seguinte estrutura⁵⁴:



A proposta de indicar a variação surgiu com a colorização dos círculos, pois segundo Joly (2011, p. 14), o uso de cores puras do espectro (vermelha, verde e azul) ou de suas combinações constitui a variável mais forte, facilmente perceptível e intensamente seletiva, além de ser a mais delicada a manipular. Escolheu-se, então, um grupo de cores selecionado do modelo RGB (*Red, Green and Blue*) encontrado em Maxwell (1860), a partir do qual é possível combinar cores primárias com outras formações.

O quadro seguinte expõe as cores utilizadas nas legendas das ocorrências, mencionando a classificação numérica adotada no modelo e os nomes que as diferenciam:

NOME DA COR	COR	VALOR R	VALOR G	VALOR B
Azul céu-profundo		0	191	255
Vermelho		255	0	0
Amarelo		255	255	0
Verde-floresta		34	139	34
Coral		255	127	80
Azul meia-noite		25	25	112

⁵⁴ Em trabalhos geolinguísticos no Brasil em que o registro de dados representa marcas da capital do Estado, costumam-se usar duas cruzes horizontais para representar a variação diastrática (escolaridade). Contudo, tendo em vista a extensão do mapa de Pernambuco, optou-se por cartografar os dados da capital em duas cruzes dispostas verticalmente, sabendo que, no lado superior, encontram-se registrados os dados dos informantes com Ensino Fundamental I e, no lado inferior, os dados dos informantes com curso superior.



Lilás		200	162	200
Verde amarelado		154	205	50
Vermelho-escuro		192	0	0

Quadro 14 : Relação de cores para identificar a utilização da variante no ALiPE classificadas pelo modelo RGB

No lado inferior esquerdo da carta, também constam os créditos aos organizadores da carta e as fontes necessárias à sua construção. Na maioria delas, foi inserido o mapa do Brasil, dentro do qual o Estado de Pernambuco se encontrava identificado numa cor diferente. Porém, quando necessário, essa figura era substituída por uma ilustração do item cartografado, para representar uma pergunta não totalmente clara ou um item de conotação regional.

Para evitar a poluição gráfica da carta, optou-se, ainda, por não inserir legendas com respostas com ocorrências únicas, não produtivas ou abstridas. Em seu lugar, preferiu-se deixar o espaço vazio. Porém, notas foram acrescentadas tanto abaixo da legenda como no verso da carta, contendo informações sobre as ocorrências não cartografadas e outras informações relevantes. Em todos os casos, consta, também, a referência *diastrática* (*gênero, faixa etária e escolaridade*) do informante e o ponto de inquérito onde foram registradas as ocorrências especiais.



5

CARTAS LINGUÍSTICAS

Cada trabalho cartográfico tem uma única dimensão subjetiva que é atada com, primeiro, as decisões dos autores individuais e, segundo, o contexto particular de origem. Compreender como as cartas e os atlas são organizados, portanto, é uma pré-condição para sua correta interpretação.(tradução adaptada). (NERBONNE & HEERINGA, 2010, 567)⁵⁵

Neste capítulo, serão exibidas as cartas que compõem o *Atlas Linguístico de Pernambuco*, que registram as variantes fonéticas, léxicas e morfossintáticas mais relevantes do ponto de vista pluridimensional. *A priori*, é conveniente situar o Estado em alguns veios geográficos e históricos, o que se manifesta a partir de seis cartas introdutórias.

Após a primeira carta, com a identificação do mapa de Pernambuco no Brasil, são apresentadas cartas mais específicas, contemplando as microrregiões do Estado, os pontos de inquérito e alguns aspectos relevantes, como os gentílicos, os primeiros nomes e os anos de fundação de cada um dos pontos. Para melhor compreensão das informações cartografadas, são acrescidas legendas, quando necessário.

Tendo introduzido o mapa de Pernambuco sob aspectos distintos, são expostas, em seguida, as cartas linguísticas construídas a partir da tabulação das ocorrências identificadas nos inquéritos.

A ordem de apresentação e enumeração das cartas é feita de acordo com os níveis linguísticos contemplados, conforme cronograma a seguir:

⁵⁵ Every cartographic work has a unique subjective dimension that is bound up with, first, the decisions of the individual authors and, second, the particular context of origin. Understanding how maps and atlases are organized is thus a precondition for their correct interpretation. (NERBONNE, John & HEERINGA, Wilbert. *Dialect pronunciation comparison and spoken word recognition*. In: AUER, Peter & SCHIMIDT, Jürgen Erich. **Language and space**. An International Handbook of Linguistic Variation –Theories and Methods. Germany: De Gruyter Mouton, 2010)



- a) Cartas fonéticas – 1 a 50
- b) Cartas léxicas – 1 a 47
- c) Cartas morfossintáticas – 1 a 8

Cada carta possui, na margem superior, ao lado do título e do logotipo, sua indicação e numeração. A estrutura cartográfico-linguística segue a perspectiva pluridimensional, tendo as variantes registradas em círculos coloridos dispostos em cruz, distribuídas de acordo com as dimensões diageracional e diagenérica e as legendas apropriadas à compreensão da carta.

No caso das cartas fonéticas, preferiu-se inserir a legenda apenas com o fenômeno variável, salvo algumas exceções em que essa variação se manifesta por todo o item lexical. Nas notas localizadas na parte inferior da carta ou no verso, o fenômeno se encontra entre colchetes.

Para obter uma visão geral dos símbolos usados na transcrição dos itens cartografados, segue, abaixo, a notação fonética com o quadro desses símbolos.

5.1 NOTAÇÃO FONÉTICA

As ocorrências transcritas foneticamente se basearam no Alfabeto Fonético Internacional (INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET – IPA), revisado em 1993 e atualizado em 1996, conforme encontrado em Silva (2001, p. 41).

VOGAIS	
[a]	central baixa
[ɐ]	central média-baixa átona
[e]	anterior média-alta
[ɛ]	anterior média-baixa
[i]	anterior alta
[ɪ]	anterior alta átona final
[o]	posterior média-alta
[ɔ]	posterior média-baixa
[u]	posterior alta
[ʊ]	posterior alta átona final



SEMIVOGAIS	
[j]	palatal sonora
[w]	velar sonora
CONSOANTES	
[p]	oclusiva bilabial surda
[b]	oclusiva bilabial sonora
[t]	oclusiva alveolar surda
[d]	oclusiva alveolar sonora
[k]	oclusiva velar surda
[g]	oclusiva velar sonora
[tʃ]	africada alveopalatal surda
[dʒ]	africada alveopalatal sonora
[f]	fricativa labiodental surda
[v]	fricativa labiodental sonora
[s]	fricativa alveolar surda
[z]	fricativa alveolar sonora
[ʃ]	fricativa alveopalatal surda
[ʒ]	fricativa alveopalatal sonora
[m]	nasal bilabial sonora
[n]	nasal alveolar sonora
[ɲ]	nasal palatal sonora
[h]	fricativa glotal surda
[ɦ]	fricativa glotal sonora
[r]	tepe alveolar sonoro
[r]	vibrante alveolar sonora
[l]	lateral alveolar sonora
[ʎ]	lateral palatal sonora
SINAIS DIACRÍTICOS	
'	Tonicidade



~	Nasalidade

Quadro 15: Notação fonética para as cartas do ALiPE

5.2 ÍNDICE DAS CARTAS DO ALiPE

Nesta seção, apresentam-se as cartas do *Atlas Linguístico de Pernambuco* e a relação a seguir está organizada de acordo com a classificação determinada pela orientação metodológica.

5.2.1 Relação das cartas introdutórias

NÚMERO DA CARTA	INDICAÇÃO
I	Pernambuco no Brasil
II	Microrregiões
III	Pontos de Inquérito
IV	Gentílicos
V	Nomes de fundação
VI	Anos de fundação

Quadro 16: Relação das cartas introdutórias

5.2.2 Relação das cartas fonéticas

NÚMERO DA CARTA	ITEM CARTOGRAFADO	NÚMERO DA QUESTÃO
1	Prateleira	QFF 003
2	Tesoura	QFF 006
3	Travesseiro	QFF 008
4	Lâmpada	QFF 010
5	Feche	QFF 014
6	Fósforo	QFF 015
7	Pólvora	QFF 017
8	Pólvora	QFF 017
9	Varrer	QFF 018



10	Ruim	QFF 019
11	Gordura	QFF 022
12	Colher	QFF 025
13	Liquidificador	QFF 026
14	Tomate	QFF 030
15	Abóbora	QFF 032
16	Árvore	QFF 039
17	Árvore	QFF 039
18	Planta	QFF 040
19	Montar	QFF 043
20	Borboleta	QFF 046
21	Teia	QFF 047
22	Elefante	QFF 049
23	Aftosa	QFF 054
24	Tarde	QFF 062
25	Três	QFF 063
26	Muito	QFF 077
27	Inocente	QFF 104
28	Santo Antônio	QFF 108
29	Fígado	QFF 118
30	Umbigo	QFF 121
31	Ferida	QFF 123
32	Banho	QFF 125
33	Desmaio	QFF 126
34	Desmaio	QFF 126
35	Vômito	QFF 127
36	Homem	QFF 128
37	Tio	QFF 131
38	Baixa	QFF 135
39	Loura	QFF 136
40	Braguilha	QFF 142
41	Braguilha	QFF 142



42	Perfume	QFF 144
43	Beijar	QFF 146
44	Dormindo	QFF 148
45	Dormindo	QFF 148
46	Assobio	QFF 149
47	Mesma	QFF 156
48	Esquerdo	QFF 159
49	Redemoinho	QSL 004 E 007
50	Arco-íris	QSL 017

Quadro 17: Relação das cartas fonéticas

5.2.3 Relação das cartas léxicas

NÚMERO DA CARTA	ITEM CARTOGRAFADO	NÚMERO DA QUESTÃO
1	Riacho	QSL 001
2	Pinguela	QSL 002
3	Onda de rio	QSL 006
4	Raio	QSL 009
5	Tromba d'água	QSL 013
6	Chuva de pedra	QSL 015
7	Estiar / compor o tempo	QSL 016
8	Arco-íris	QSL 017
9	Garoa	QSL 018
10	Terra umedecida pela chuva	QSL 019
11	Orvalho / sereno	QSL 020
12	Amanhecer	QSL 022
13	Anoitecer	QSL 028
14	Estrela cadente	QSL 031
15	Transanteontem	QSL 037
16	Tangerina / mexerica	QSL 039
17	Penca	QSL 042



18	Bolsa / bruaca	QSL 058
19	Trabalhador de enxada em roça alheia	QSL 061
20	Picada / atalho estreito	QSL 062
21	João-de-barro	QSL 066
22	Sura	QSL 069
23	Gambá	QSL 071
24	Libélula	QSL 085
25	Bicho-de-fruta	QSL 086
26	Pomo-de-adão /gogó	QSL 105
27	Manco	QSL 115
28	Tornozelo	QSL 118
29	Dar à luz	QSL 124
30	Pessoa tagarela	QSL 136
31	Pessoa sovina	QSL 138
32	Assassino pago	QSL 140
33	Prostituta	QSL 142
34	Bêbado	QSL 144
35	Cigarro de palha	QSL 145
36	Toco de cigarro	QSL 146
37	Feitiço	QSL 149
38	Cambalhota	QSL 155
39	Bolinha de gude	QSL 156
40	Estilingue / setra / bodoque	QSL 157
41	Gangorra	QSL 165
42	Amarelinha	QSL 167
43	(Grampo de pressão) / ramona / misse	QSL 192
44	Frevo-de-rua	QSL 204
45	Lanceiros	QSL 224
46	Renascença	QSL 229
47	Torno	QSL 241

Quadro 18: Relação das cartas léxicas

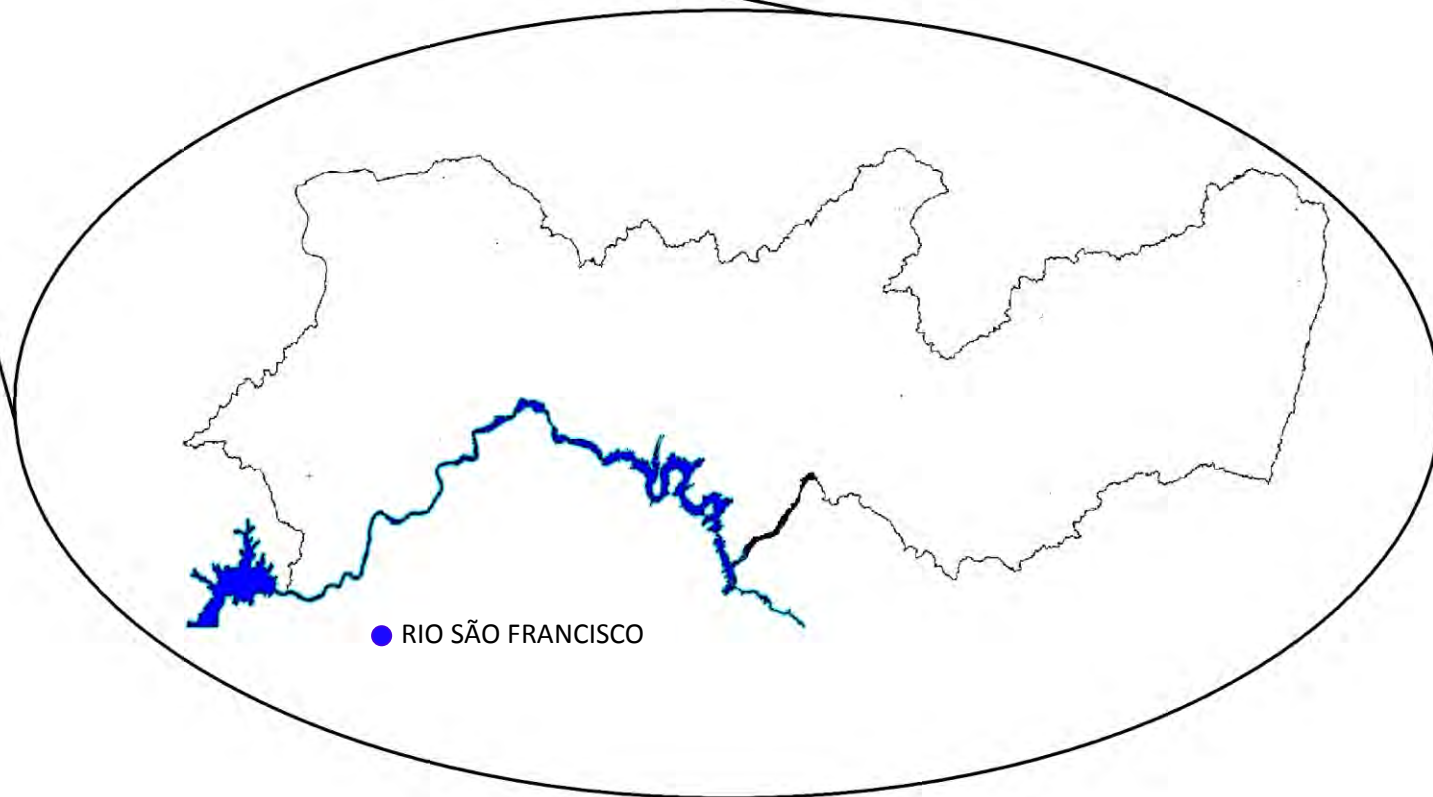


5.2.4 Relação das cartas morfossintáticas

NÚMERO DA CARTA	ITEM CARTOGRAFADO	NÚMERO DA QUESTÃO
1	O (esse) / a (essa) alface	QMS 003
2	Chefe	QMS 007
3	Ladra	QMS 008
4	Conosco	QMS 018
5	Tu / você (sujeito)	QMS 024
6	Futuro do pretérito	QMS 044
7	Faz / fazem	QMS 045
8	Ter / haver (existência)	QMS 046

Quadro 19: Relação de cartas morfossintáticas

CARTAS INTRODUTÓRIAS



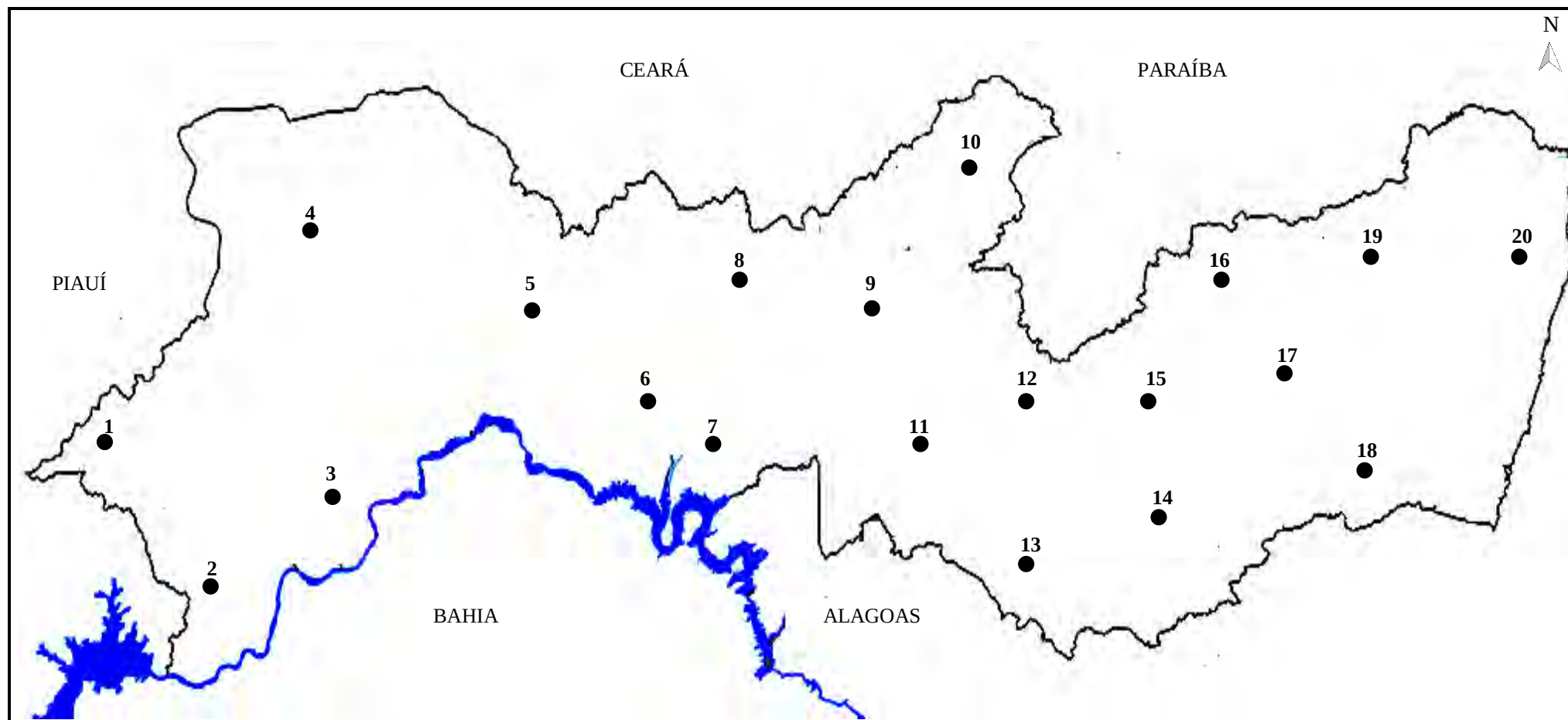


ESCALA

0 76 km

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Carta-base: Fonte: IBGE



ESCALA

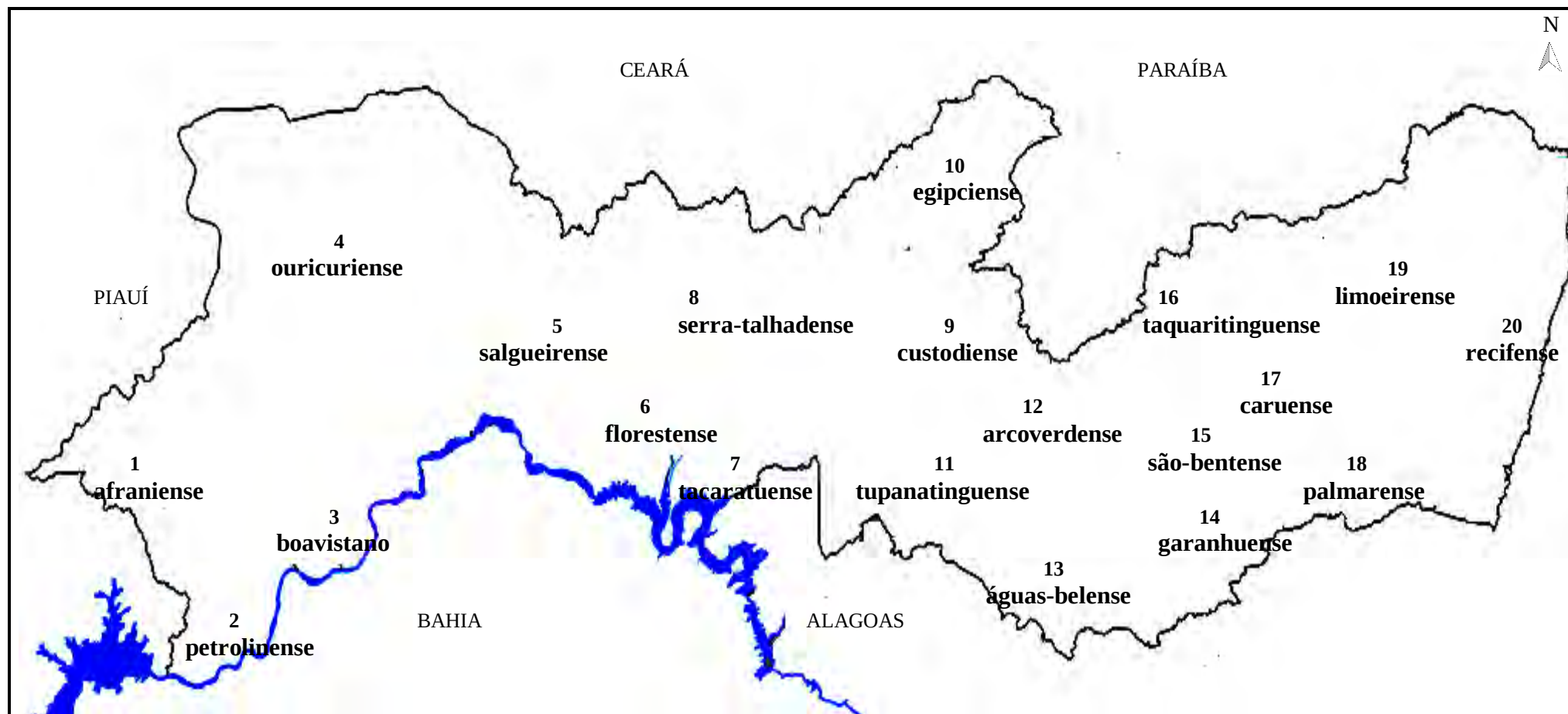
0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa



1. Afrânio	6. Floresta	11. Tupanatinga	16. Taquaritinga do Norte
2. Petrolina	7. Tacaratu	12. Arcoverde	17. Caruaru
3. S. Maria da B. Vista	8. Serra Talhada	13. Águas Belas	18. Palmares
4. Ouricuri	9. Custódia	14. Garanhuns	19. Limoeiro
5. Salgueiro	10. São José do Egito	15. São Bento do Una	20. Recife

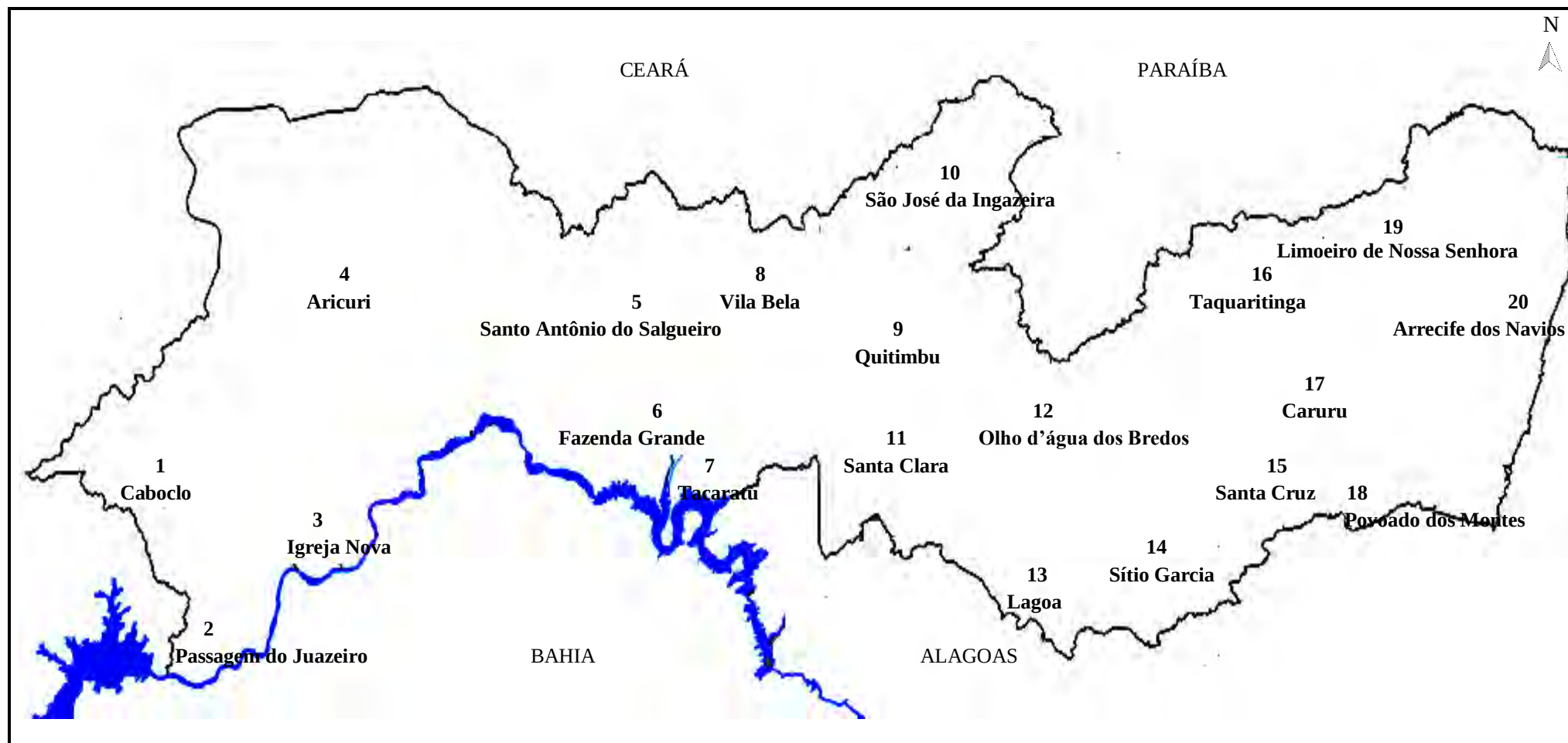


ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

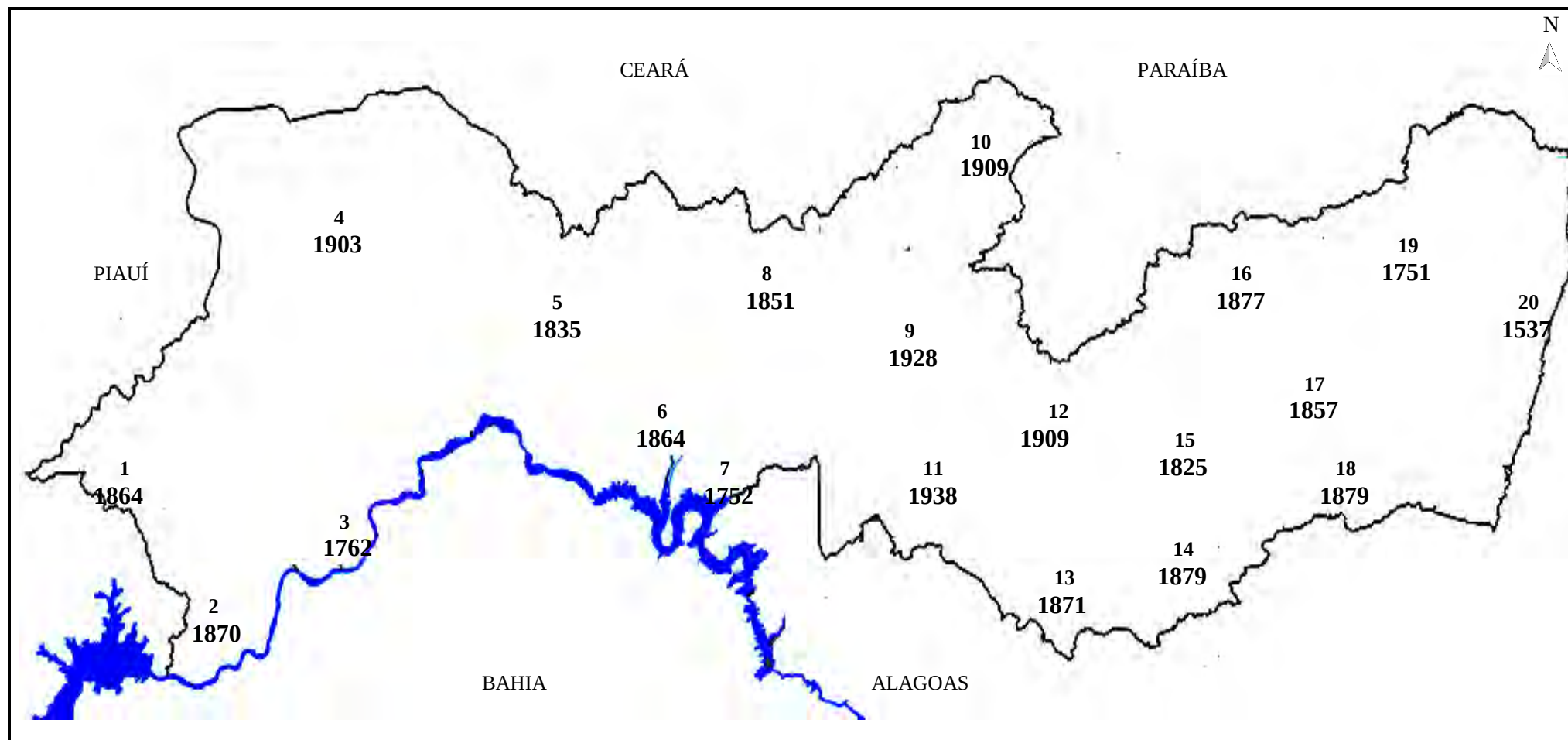


ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa



ESCALA

0 76 km

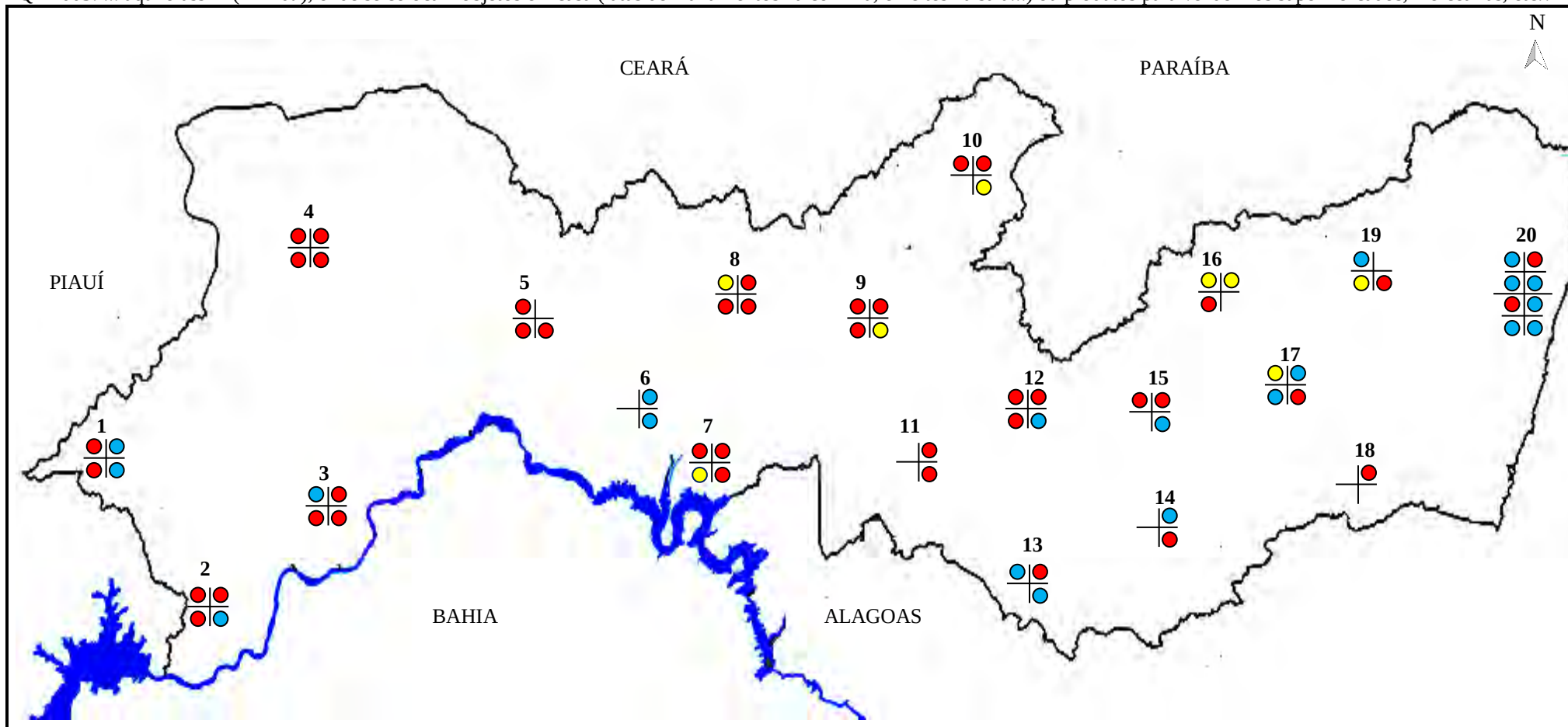
Carta-base: Fonte: IBGE

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

CARTAS FONÉTICAS



QFF 003: ... aquilo assim (*mímica*), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá

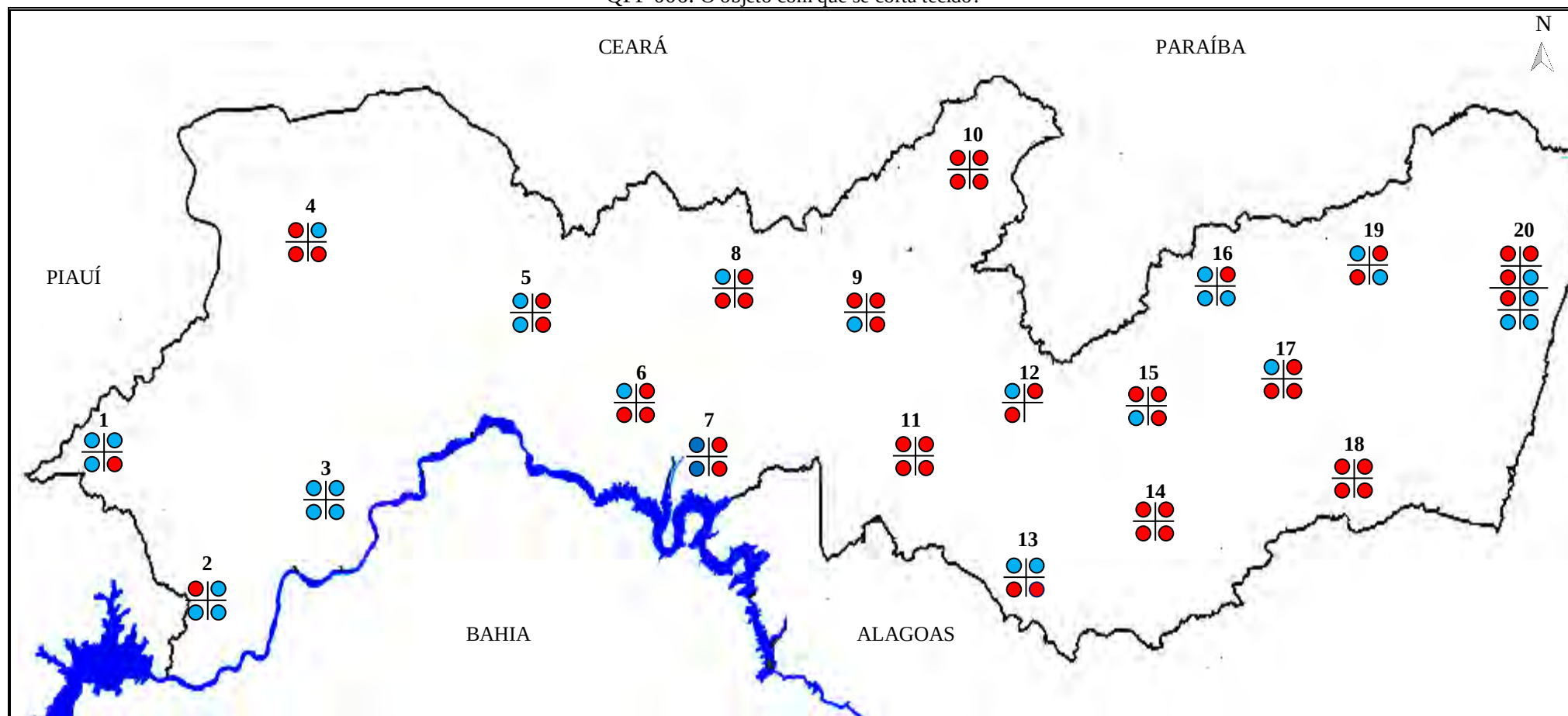


pra
 pah
 pa

Notas: Houve duas ocorrências com [paʃ-]:
Homem Faixa 2 Limoeiro (PI 19) e Mulher Faixa 1 São Bento do Una (PI 15)



QFF 006: O objeto com que se corta tecido?



homem faixa 1  homem faixa 2
mulher faixa 1  mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



 te

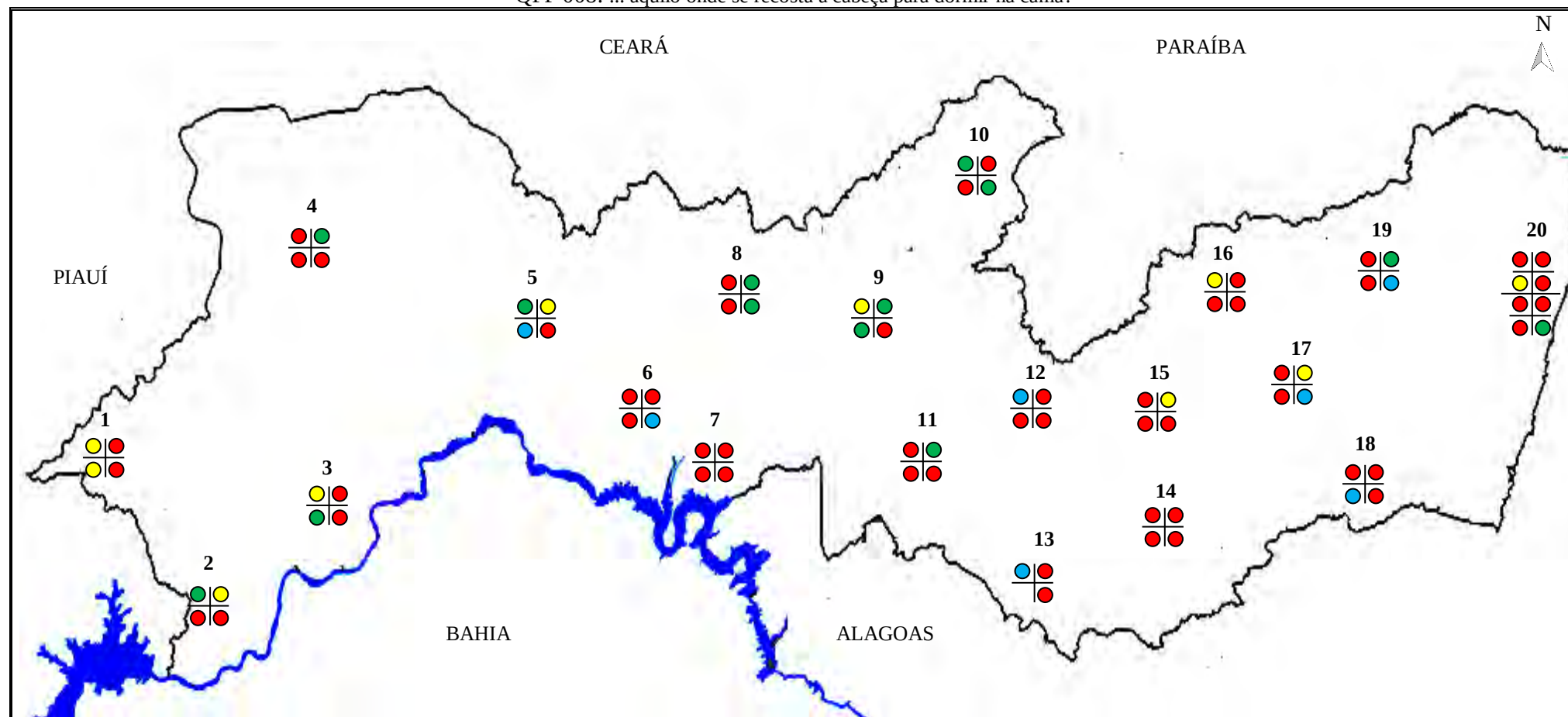
 ti

Ocorrência única:

Informante Mulher Faixa 1 - Arcoverde (PI 12) → [tɛ-]



QFF 008: ... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



travi'sejro

travi'sero

trabr'sero

kabr'sero

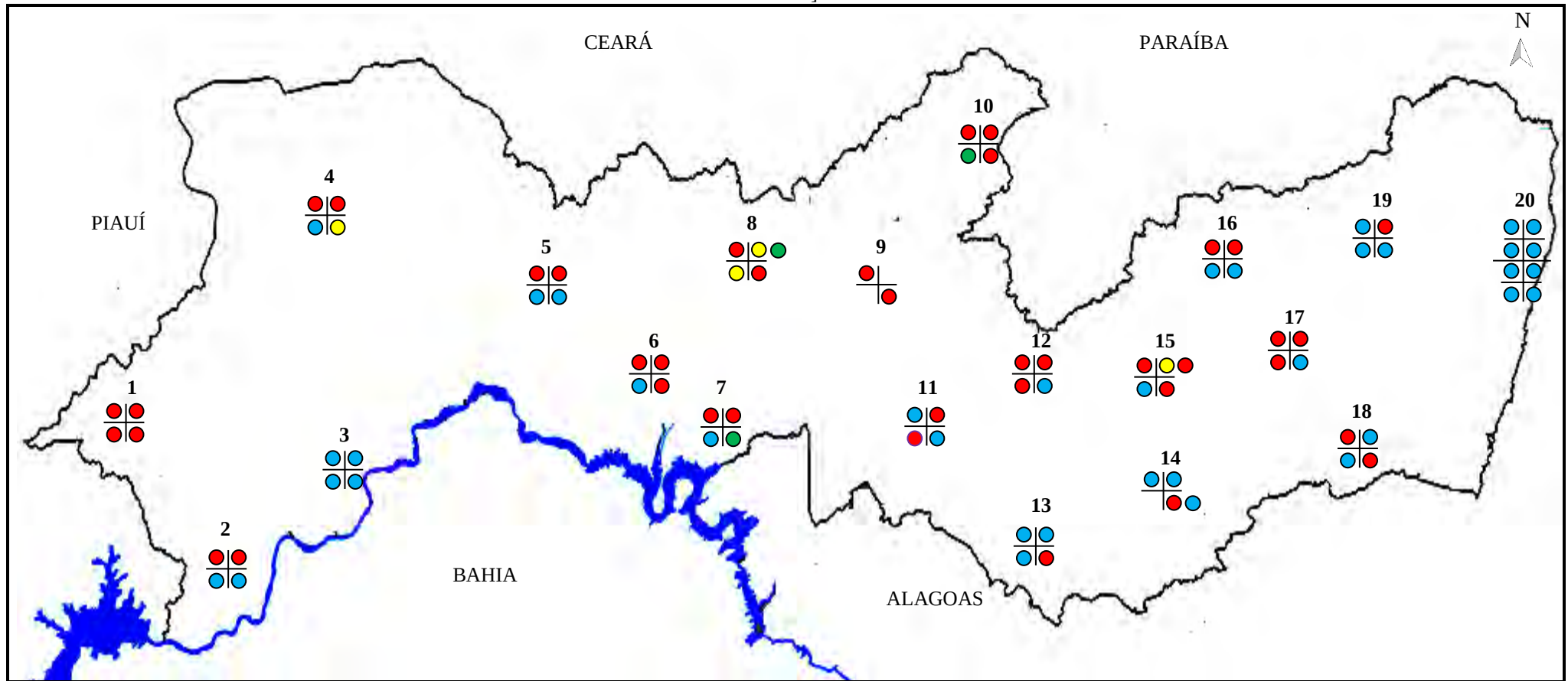
Ocorrência Única:

Informante Mulher Faixa 1 Águas Belas (PI 13) –

[kabe'sero]



QFF 010: aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro? Quando tem problema com a luz, que queima, como é que se chama aquilo que precisa trocar?]



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



pede

pide

pre

pe

Nota:

Os informantes abaixo relacionados preferiram usar as ocorrências ['lujs] e ['luj']:

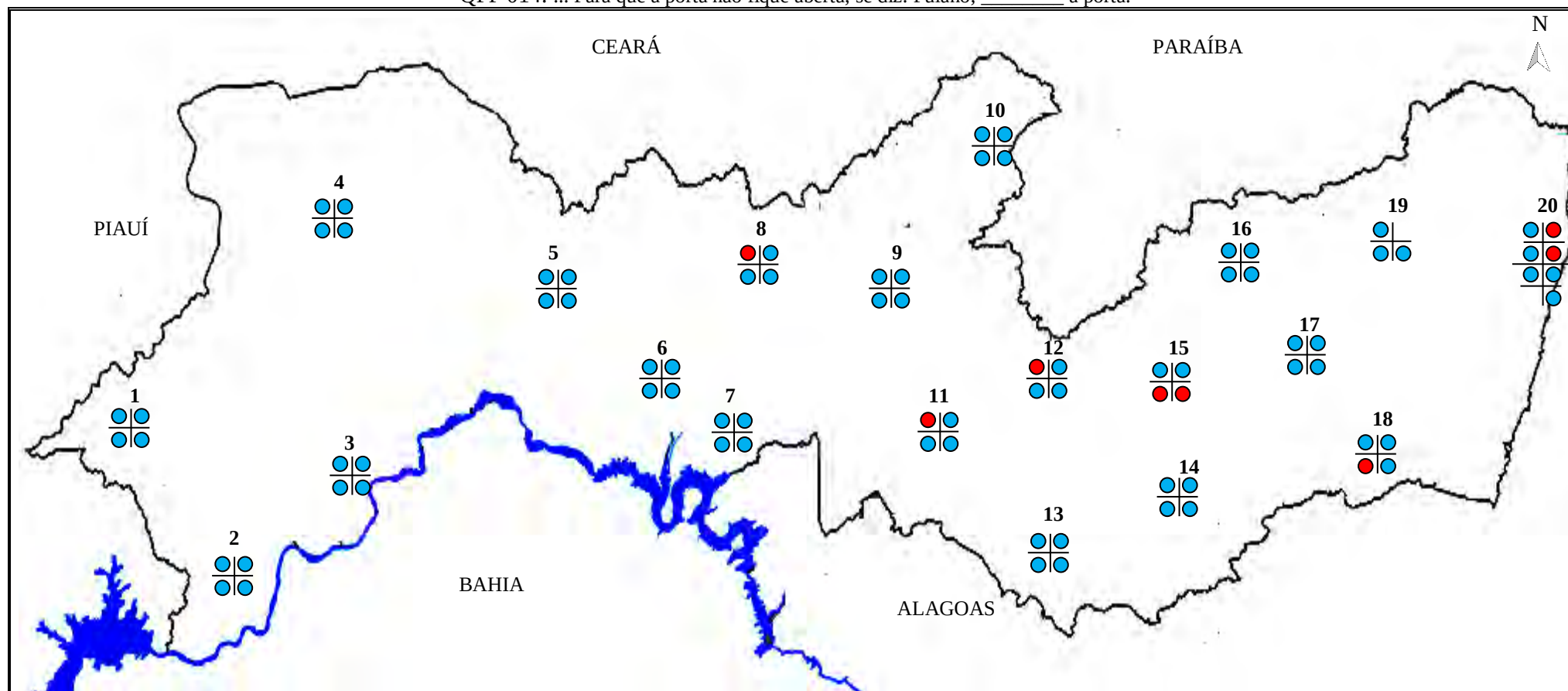
a) Informante Homem Faixa 2 Custódia (PI 09)

b) Informante Mulher Faixa 1 Custódia (PI 09)

c) Informante Mulher Faixa 1 Floresta (PI 06)



QFF 014: ... Para que a porta não fique aberta, se diz: Fulano, _____ a porta.



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

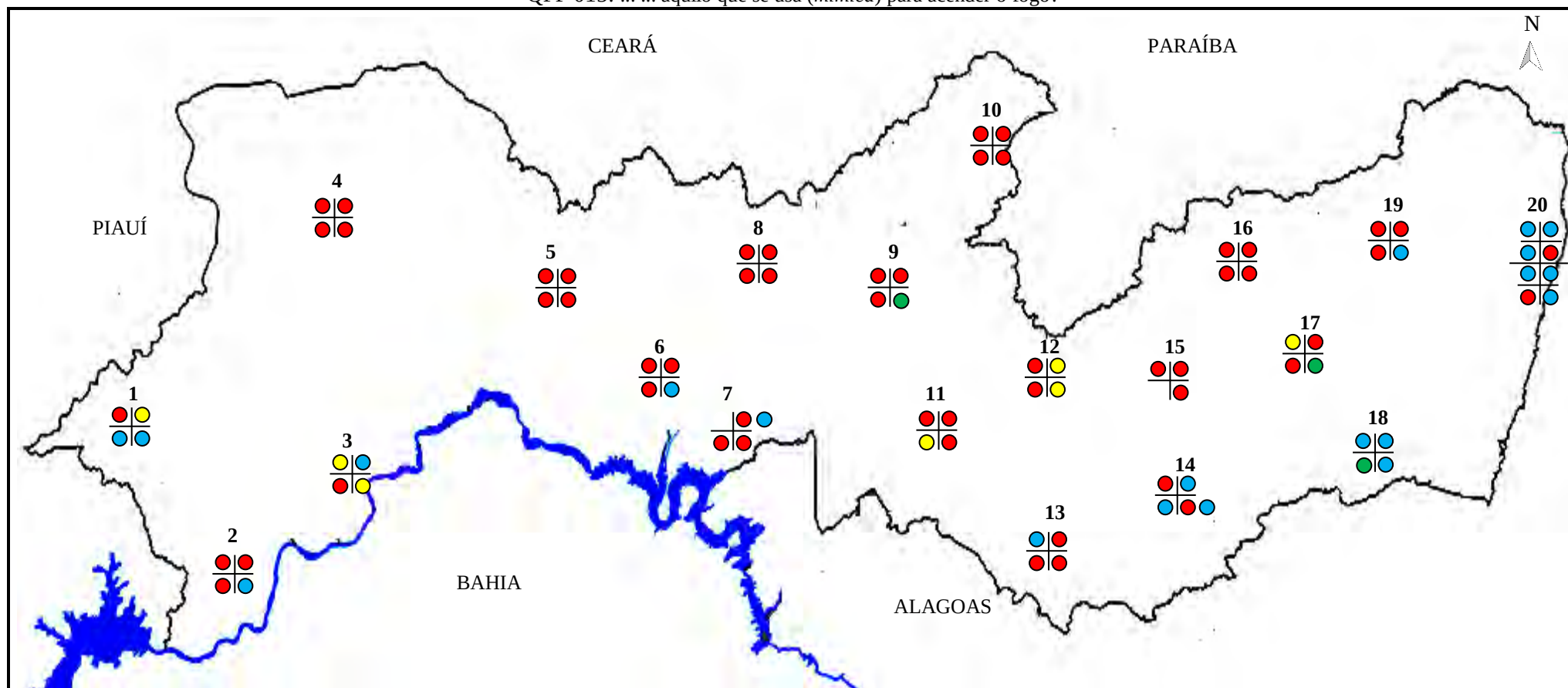
Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



● fe
● fε

Ocorrência única: Inf. Mulher Faixa 1 E.S. Recife (P I 20):
['fej̃i]

QFF 015: aquilo que se usa (*mímica*) para acender o fogo?

homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

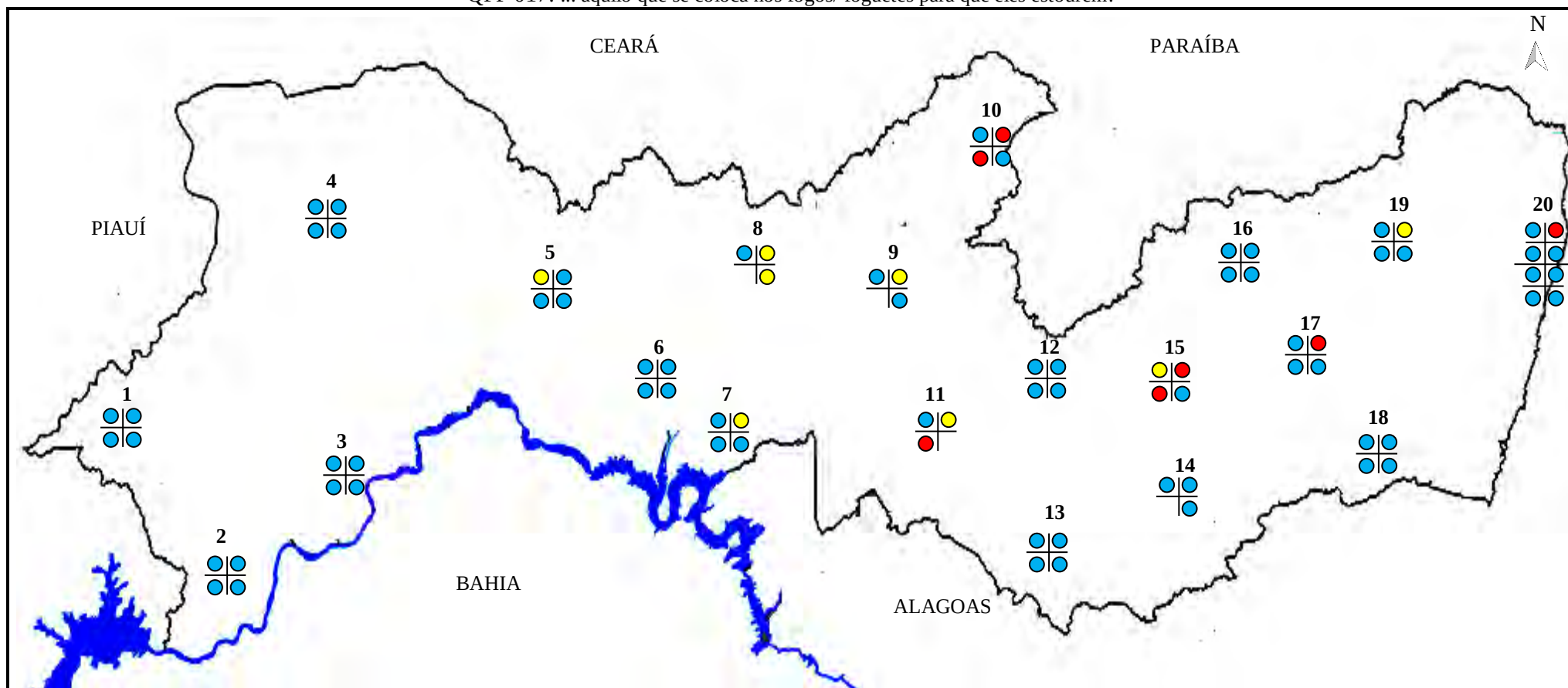
Organização temática: Edmilson Sá



● ku
● furu
● foru
● fõru



QFF 017: ... aquilo que se coloca nos fogos/ foguetes para que eles estourem?



homem faixa 1   homem faixa 2
mulher faixa 1   mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

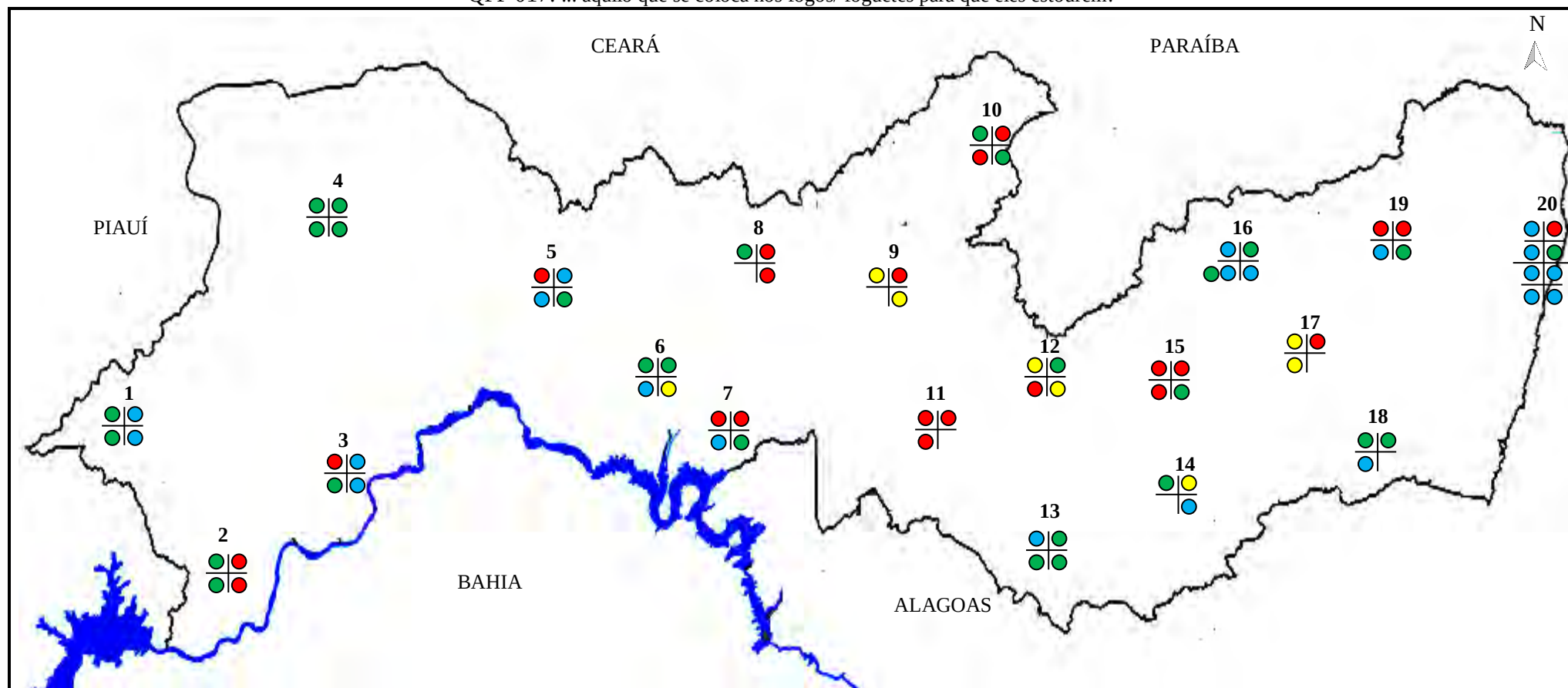
Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá

 pɔw pɔj pɔr



QFF 017: ... aquilo que se coloca nos fogos/ foguetes para que eles estourem?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá

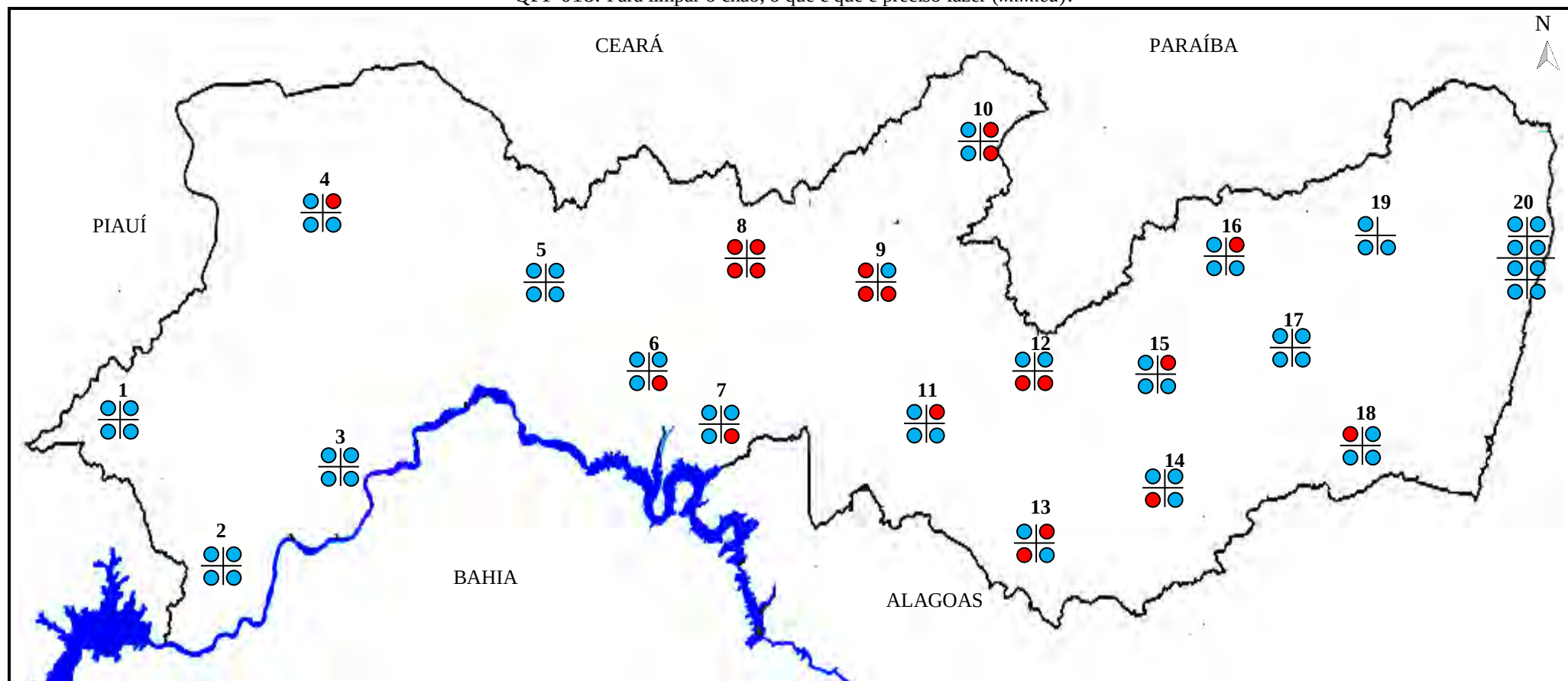


- vorɐ
- vurɐ
- vrɐ
- vɛ

Ocorrência única:

Informante Homem Faixa 1 Santa Maria da Boa Vista (PI 03):

[-vurɐ]

QFF 018: Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (*mímica*)?

homem faixa 1  homem faixa 2 
 mulher faixa 1  mulher faixa 2 
 ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

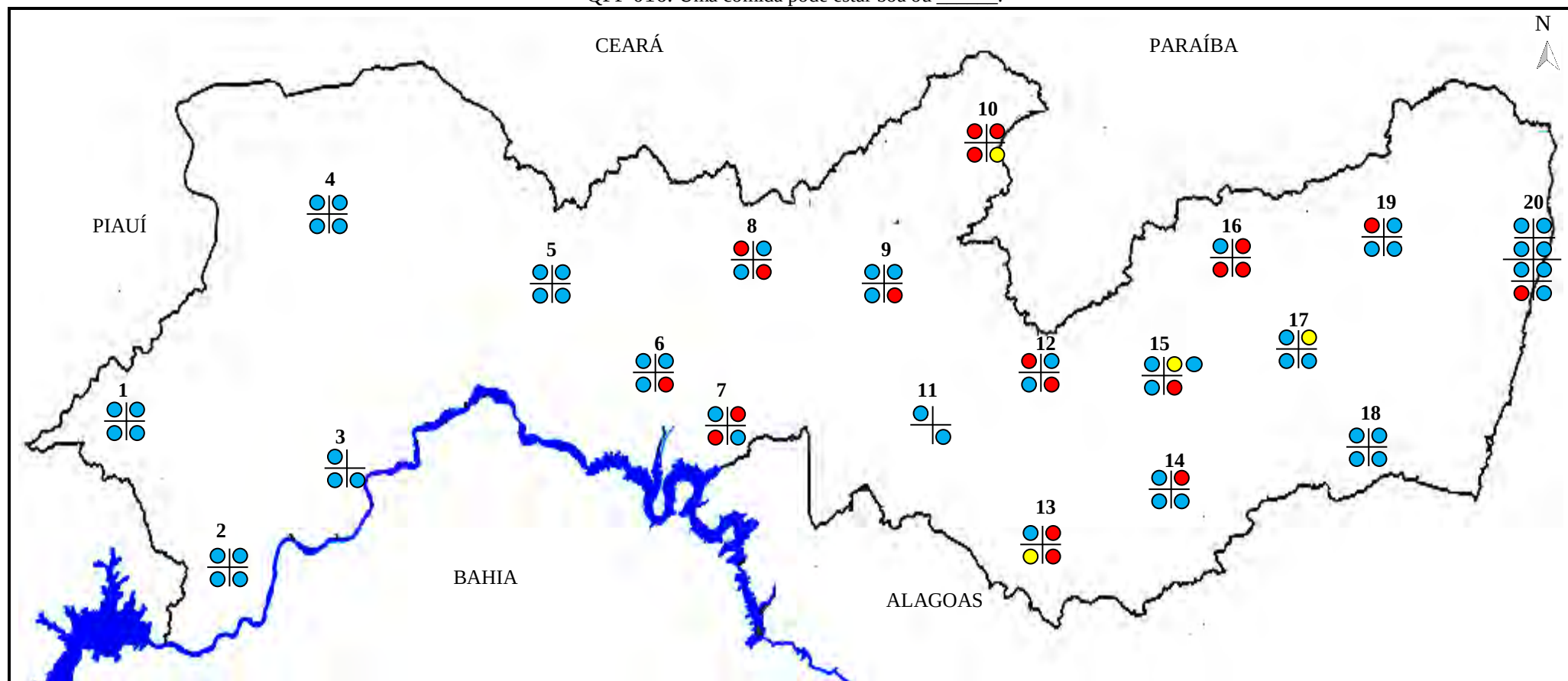
Organização temática: Edmilson Sá



 va
 ba



QFF 016: Uma comida pode estar boa ou _____.



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

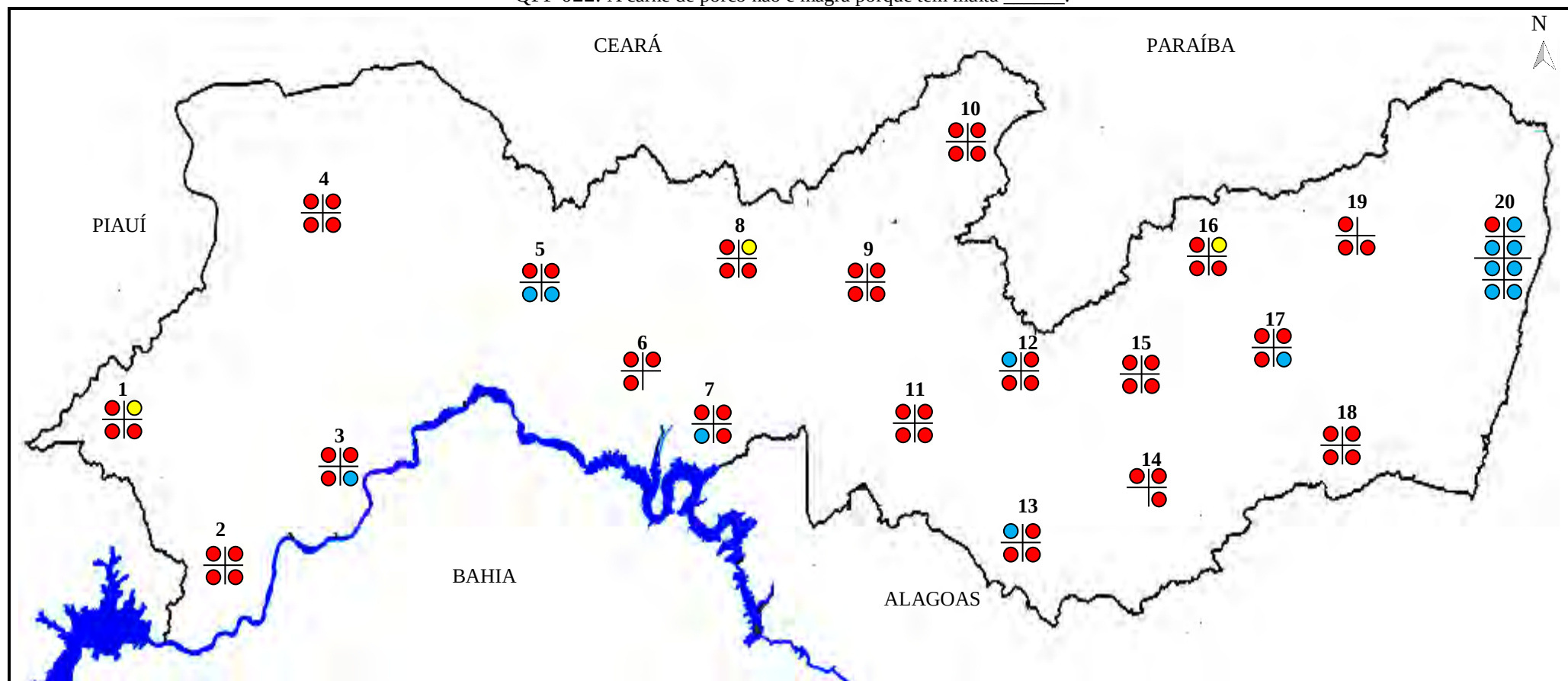
Organização temática: Edmilson Sá



● 'hũ
● hu'ĩ
● 'hĩ



QFF 022: A carne de porco não é magra porque tem muita _____.



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

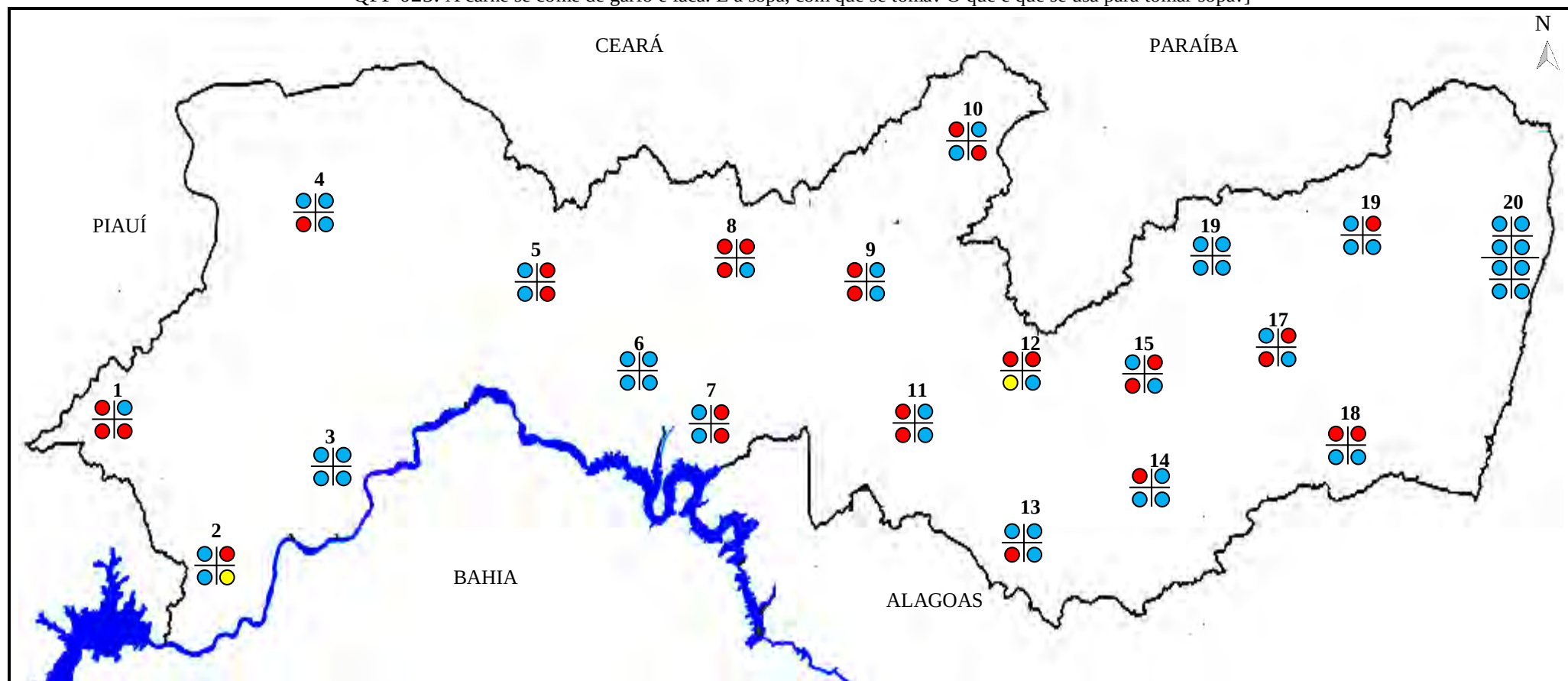
Organização temática: Edmilson Sá



goh
 guf
 gur



QFF 025: A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? O que é que se usa para tomar sopa?]



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

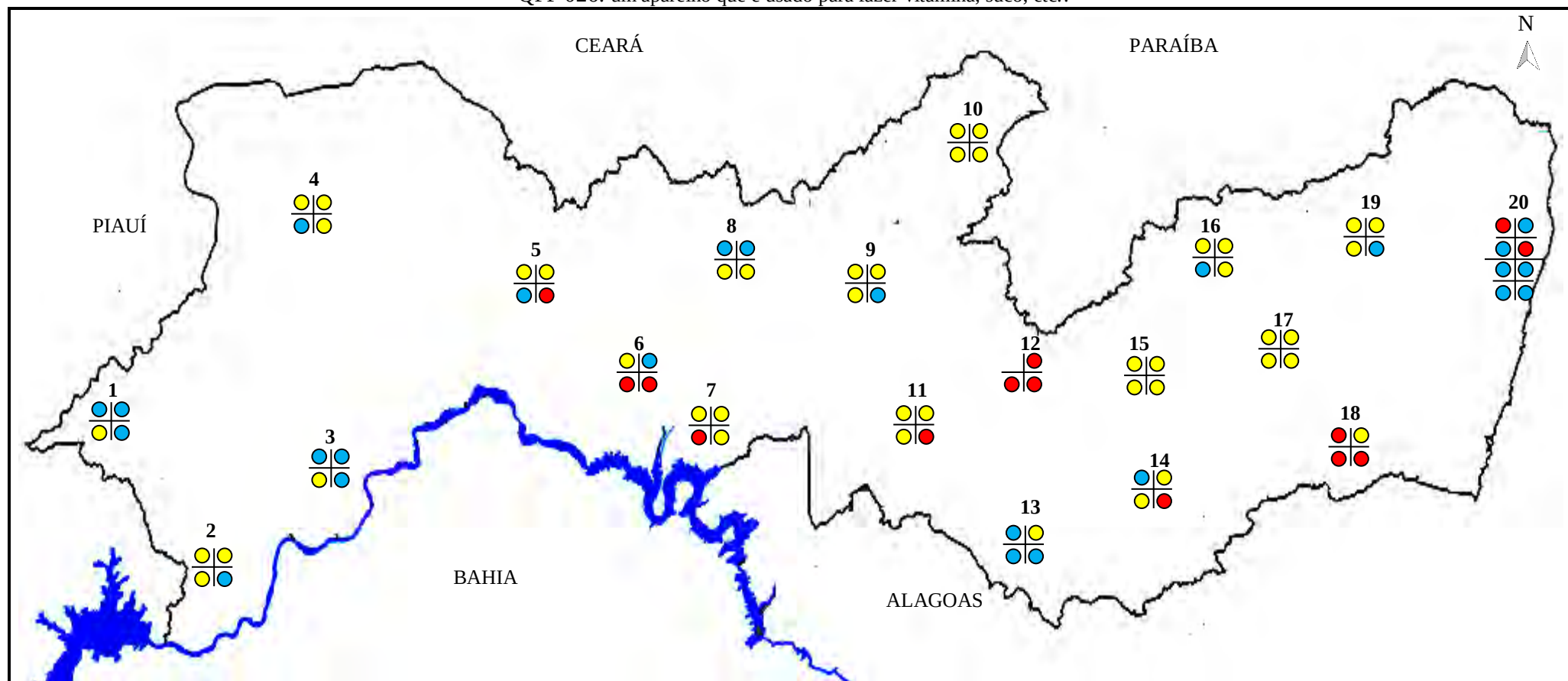
Organização temática: Edmilson Sá



ku'λε
ku'le
ko'λεh



QFF 026: um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc.?



homem faixa 1 homem faixa 2
 mulher faixa 1 mulher faixa 2
 ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



lɪkwɪdɪfɪkɐ'do

lɪkɪdɪfɪkɐ'do

lɪkɪfɪkɐ'do

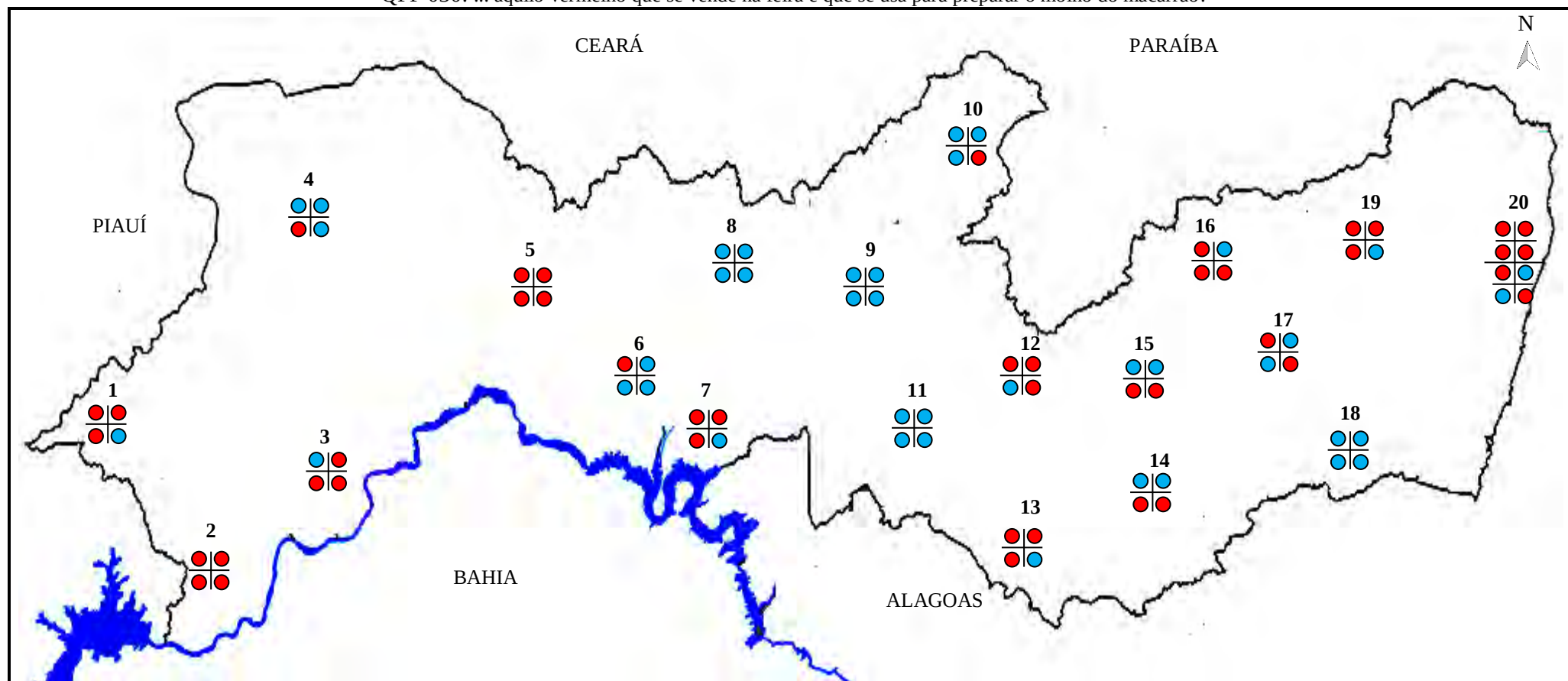
Ocorrências únicas:

Inf. Homem Faixa 1 Arcoverde (PI 12): [lɪfɪkɐ'do]

Inf. Mulher Faixa 1 Tacaratu (PI 07): [lɪkɪdɪfɪkɐ'do]



QFF 030: ... aquilo vermelho que se vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?



homem faixa 1  homem faixa 2
mulher faixa 1  mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

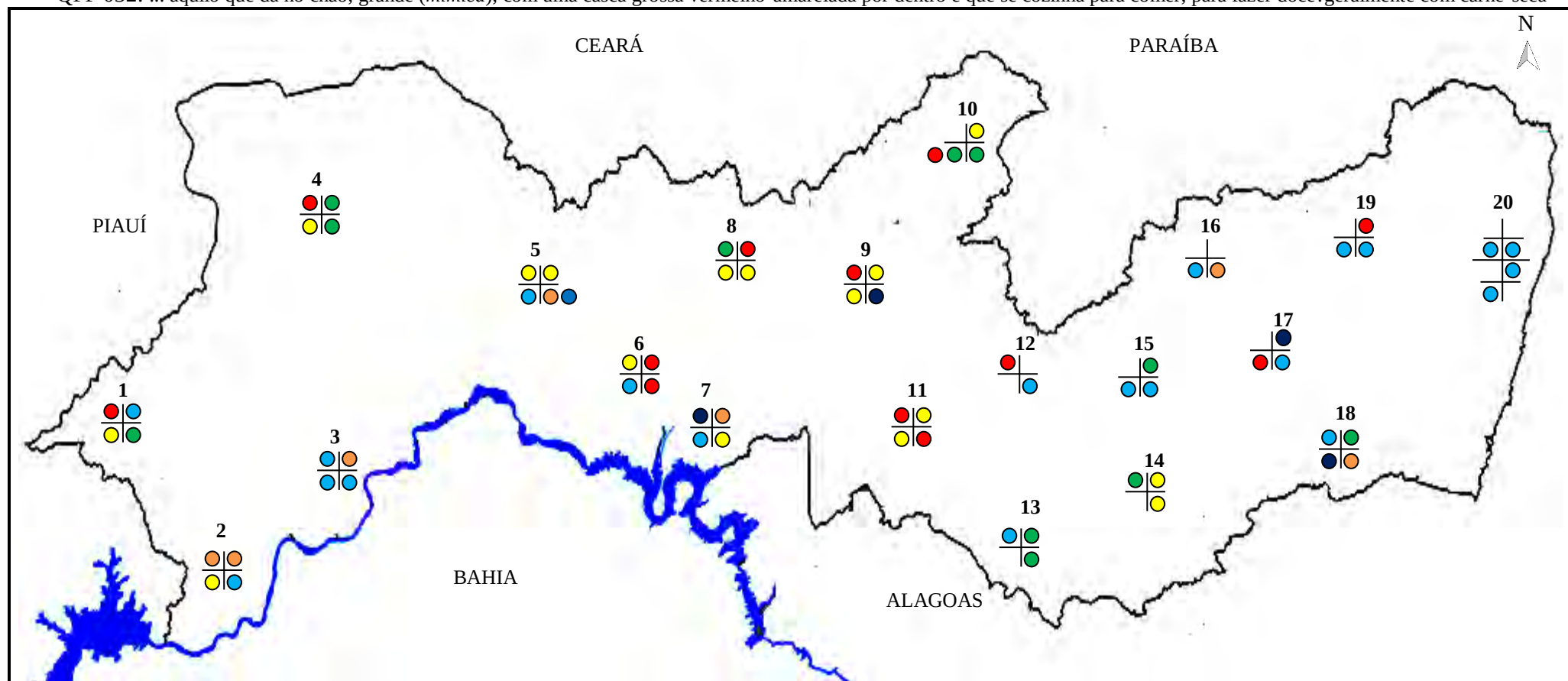
Carta-base: Fonte: IBGE
Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos
Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa
Organização temática: Edmilson Sá



 tũ
 tõe



QFF 032: ... aquilo que dá no chão, grande (*mímica*), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, para fazer doce? geralmente com carne-seca



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

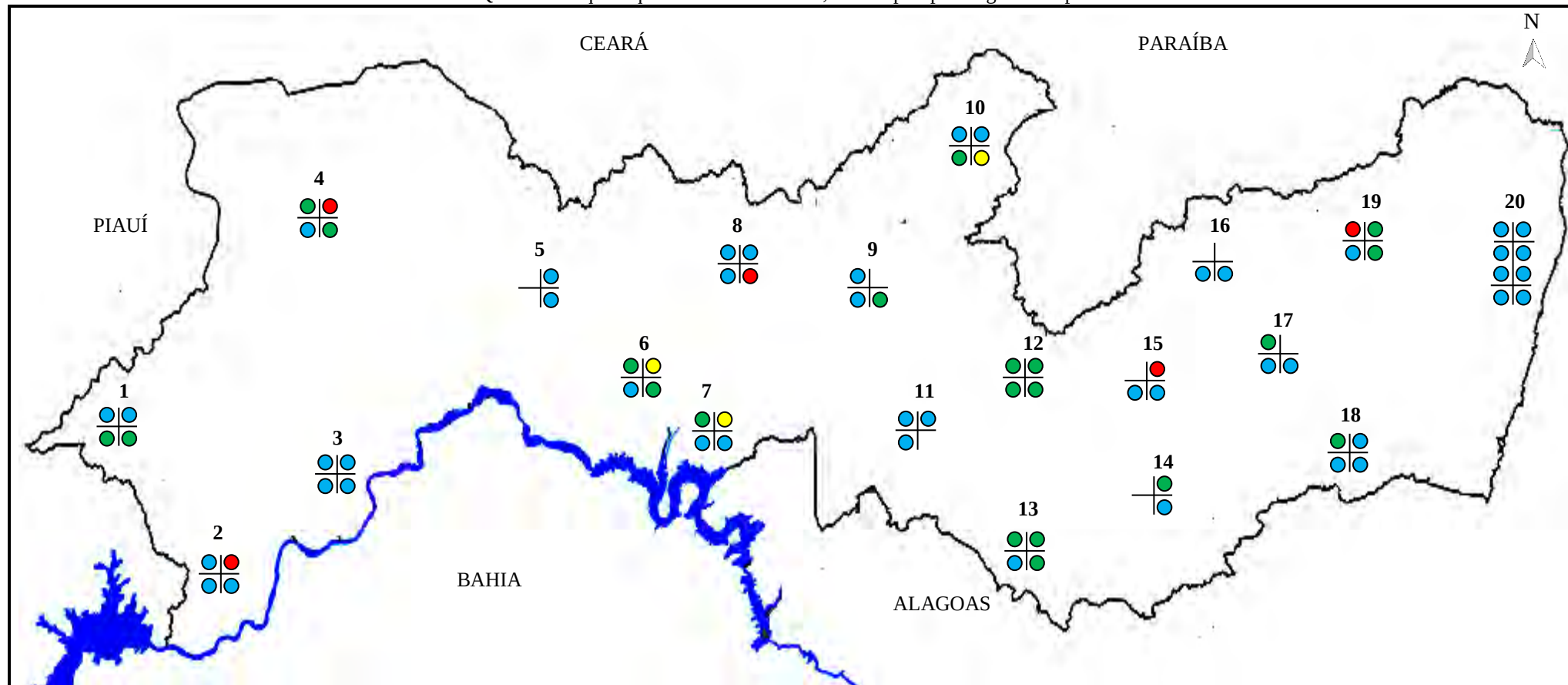
Organização temática: Edmilson Sá



bora
 bora
 bora
 bora
 bora
 bora



QFF 039: O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?



homem faixa 1  homem faixa 2
mulher faixa 1  mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá

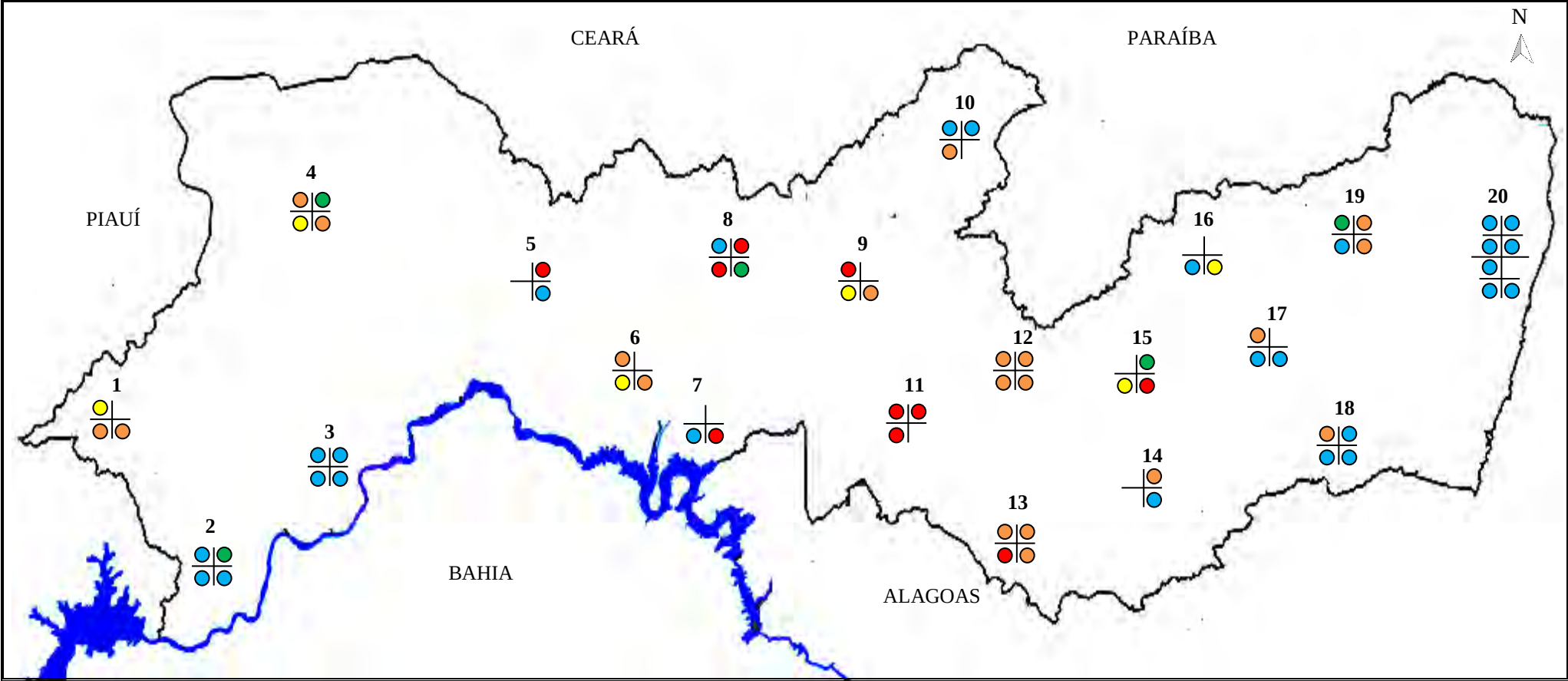


-  afi
-  aw
-  ar
-  a

Ocorrência única: Informante Mulher Faixa 2 – São José do Egito (PI 10): [aj-]



QFF 039: O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

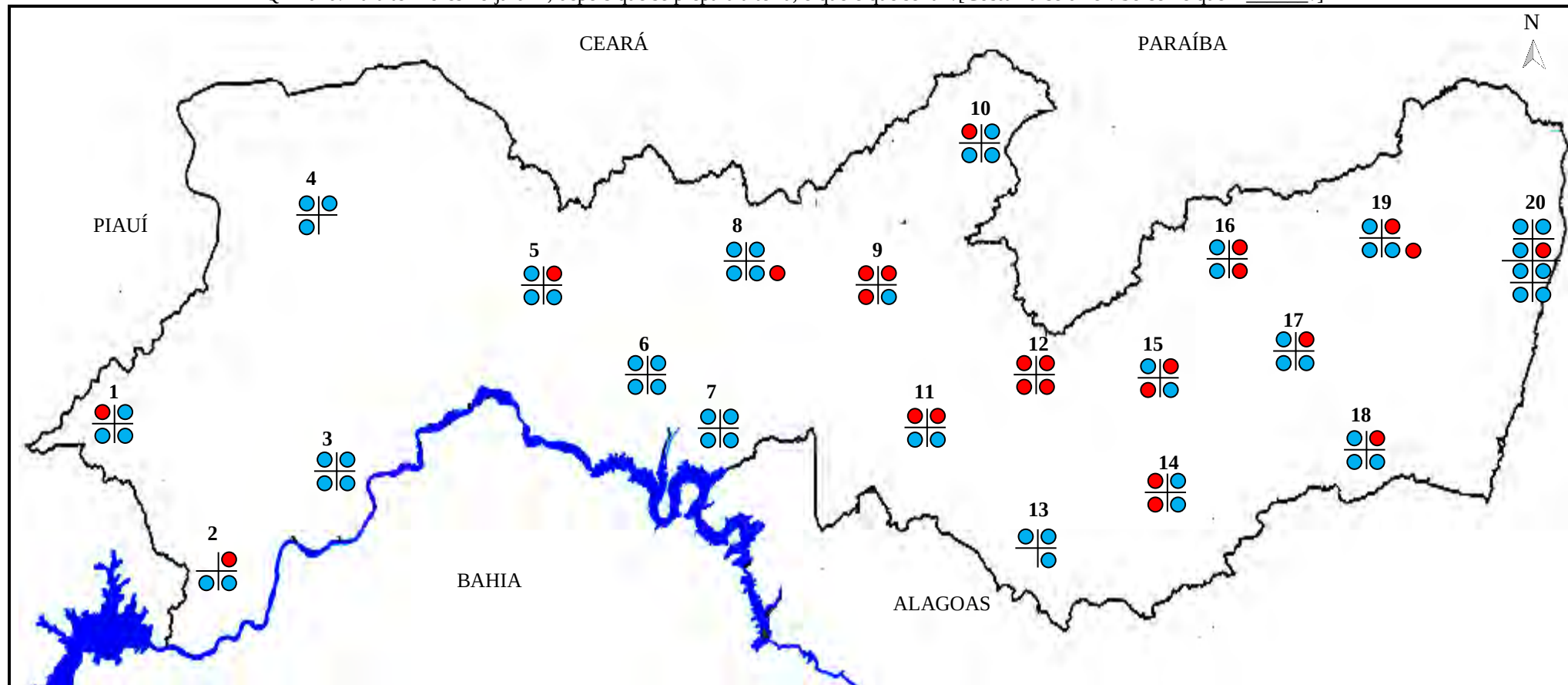
Carta-base: Fonte: IBGE
Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos
Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa
Organização temática: Edmilson Sá



VORI VRI
 VIRI
 VURI
 VI



QFF 040: Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer: Só colhe quem _____?]



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km



pl
 pr

Carta-base: Fonte: IBGE

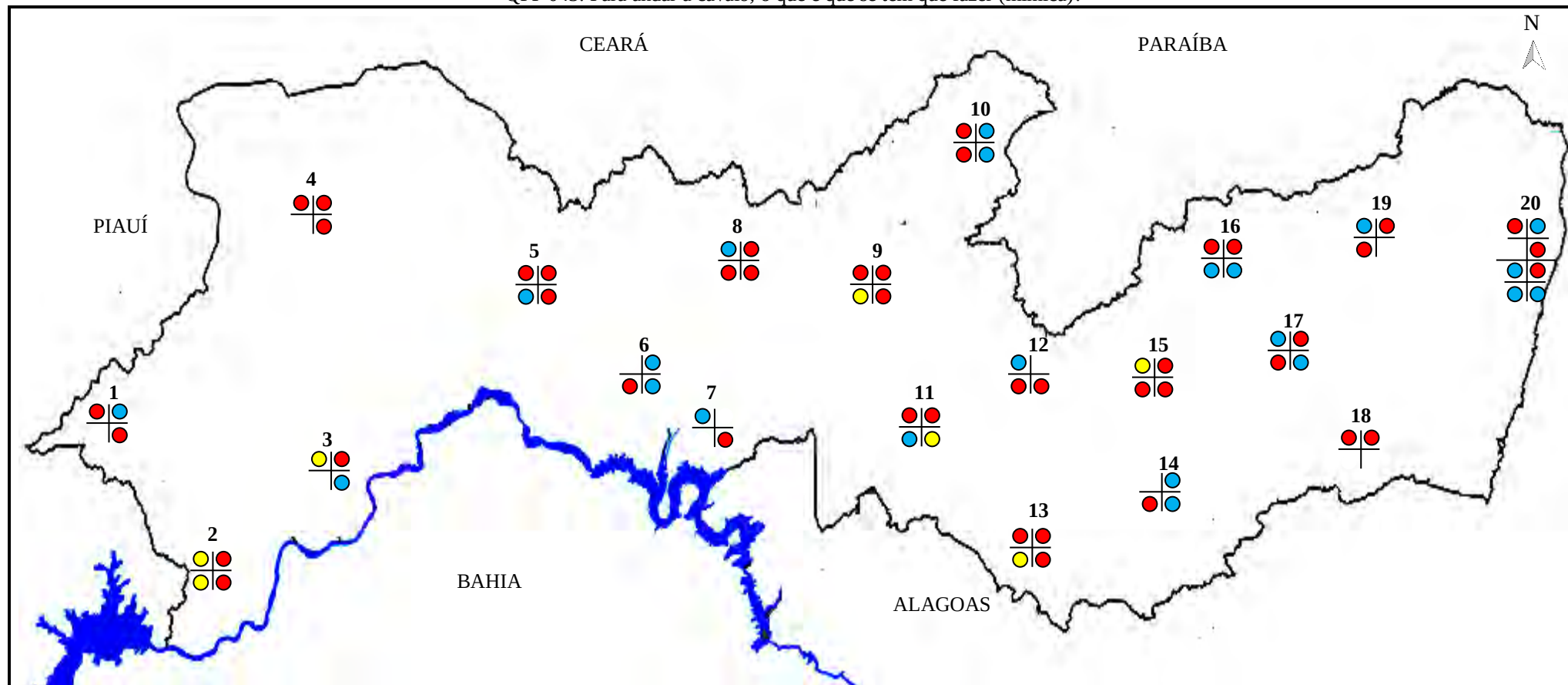
Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



QFF 043: Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (mímica)?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

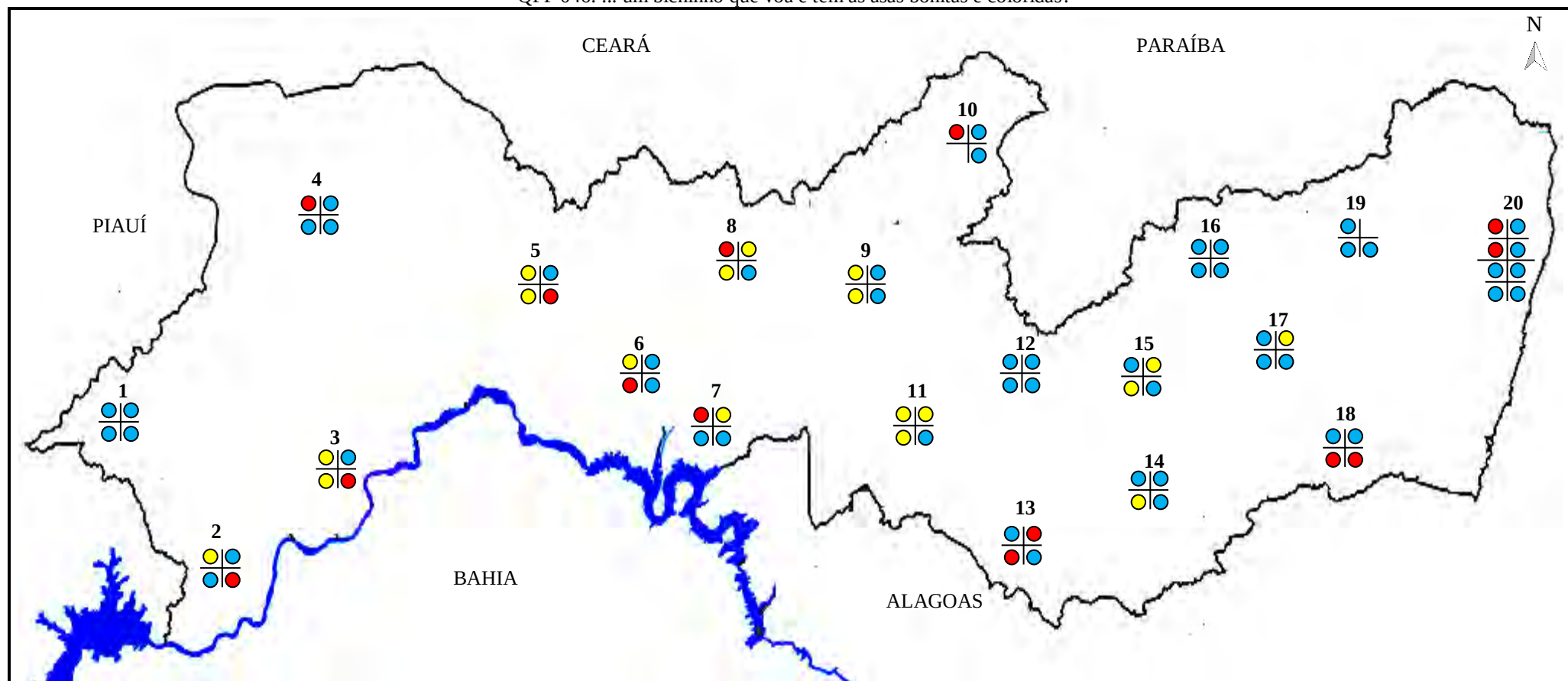
Organização temática: Edmilson Sá



● mō
● mũ
● amũ



QFF 046: ... um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?



homem faixa 1  homem faixa 2 
 mulher faixa 1  mulher faixa 2 
 ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE
 Dados linguísticos: Questionários do ALiB e
 específicos
 Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa
 Organização temática: Edmilson Sá



 bofi
 bofi
 bafi

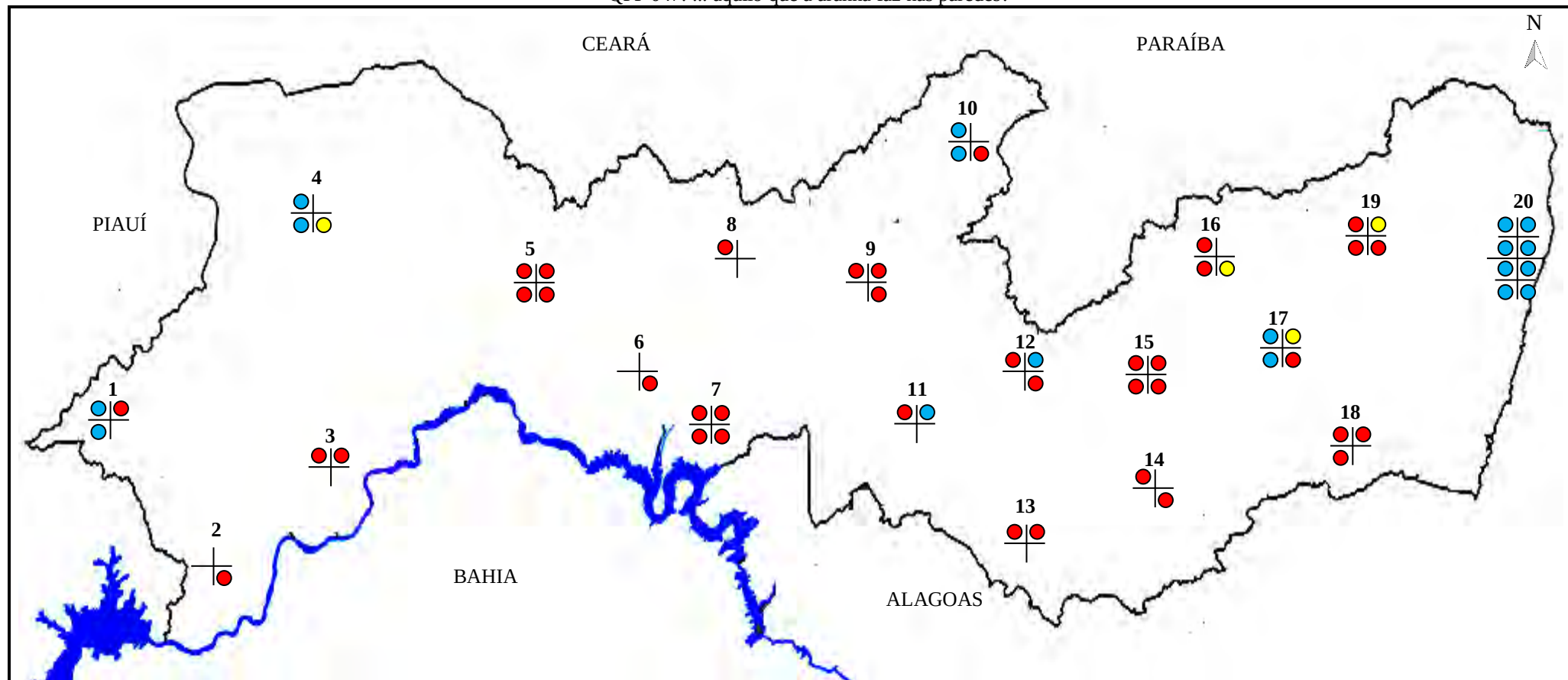
Ocorrências únicas:

Informante Homem Faixa 2 Limoeiro (PI 19) : [boj-]

Informante Mulher Faixa 1 São José do Egito (PI 10):
[ba-]



QFF 047: ... aquilo que a aranha faz nas paredes?



homem faixa 1 homem faixa 2
 mulher faixa 1 mulher faixa 2
 ESCALA

0 76 k

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



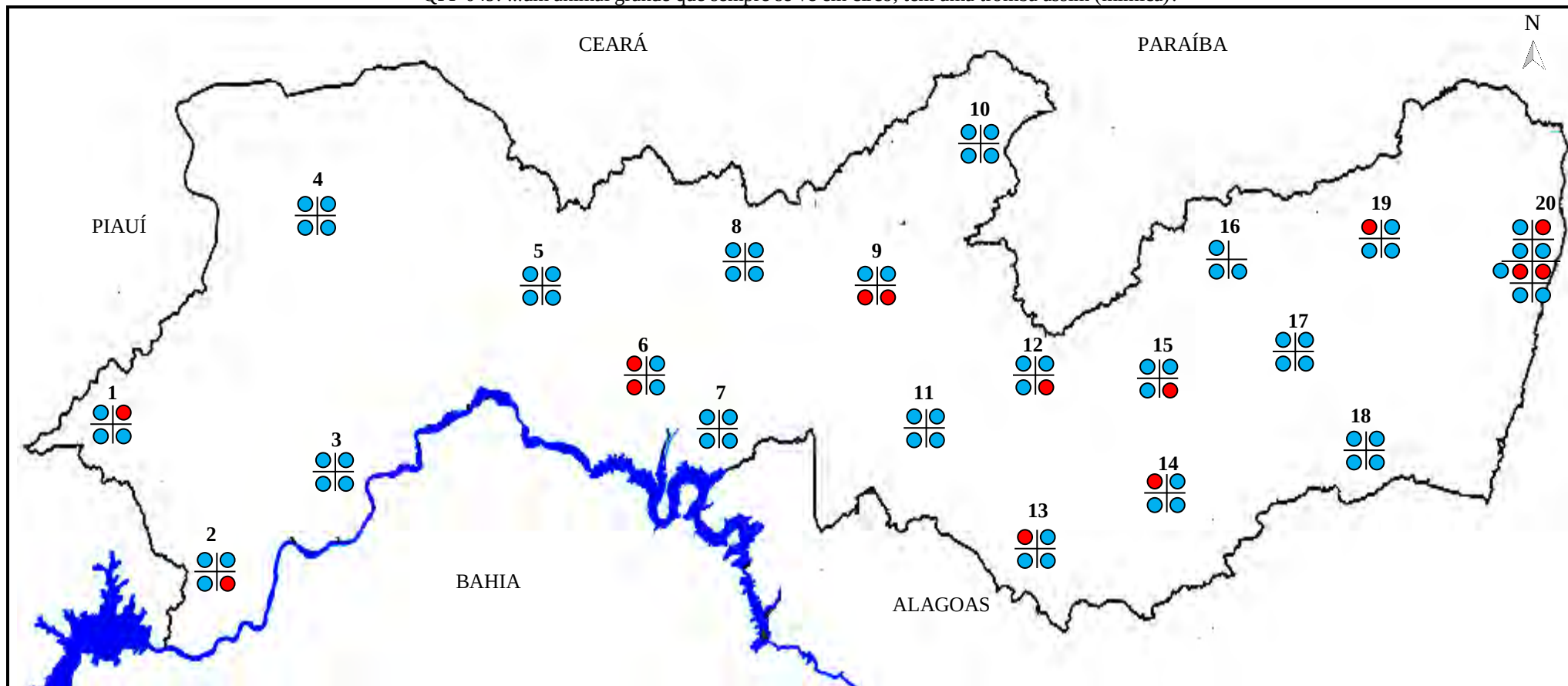
'teje

'teʎe

ti'a



QFF 049: ...um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (mímica)?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

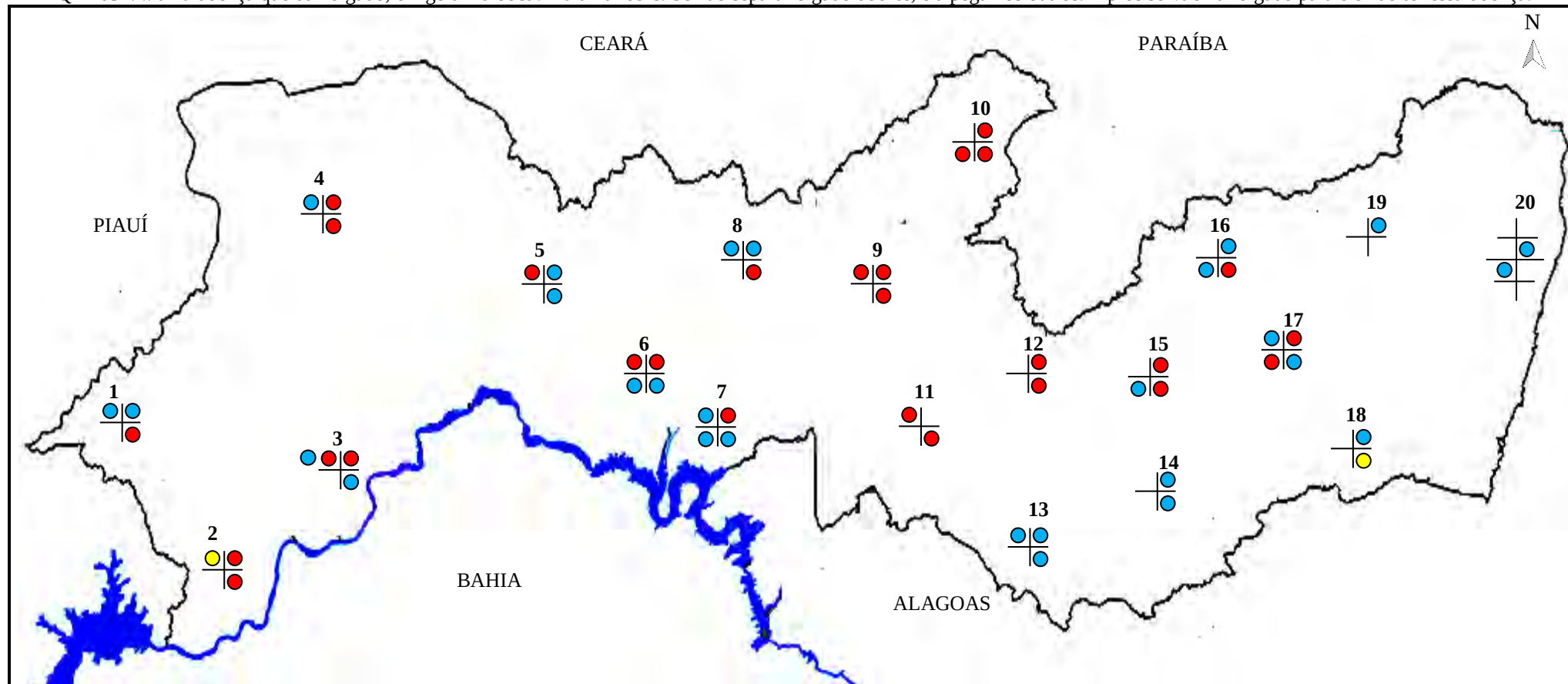
Organização temática: Edmilson Sá



ti
 tʃi



QFF 054: .. uma doença que dá no gado, em geral na boca? Dá uma febre. Se não separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para ele não ter essa doença.



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



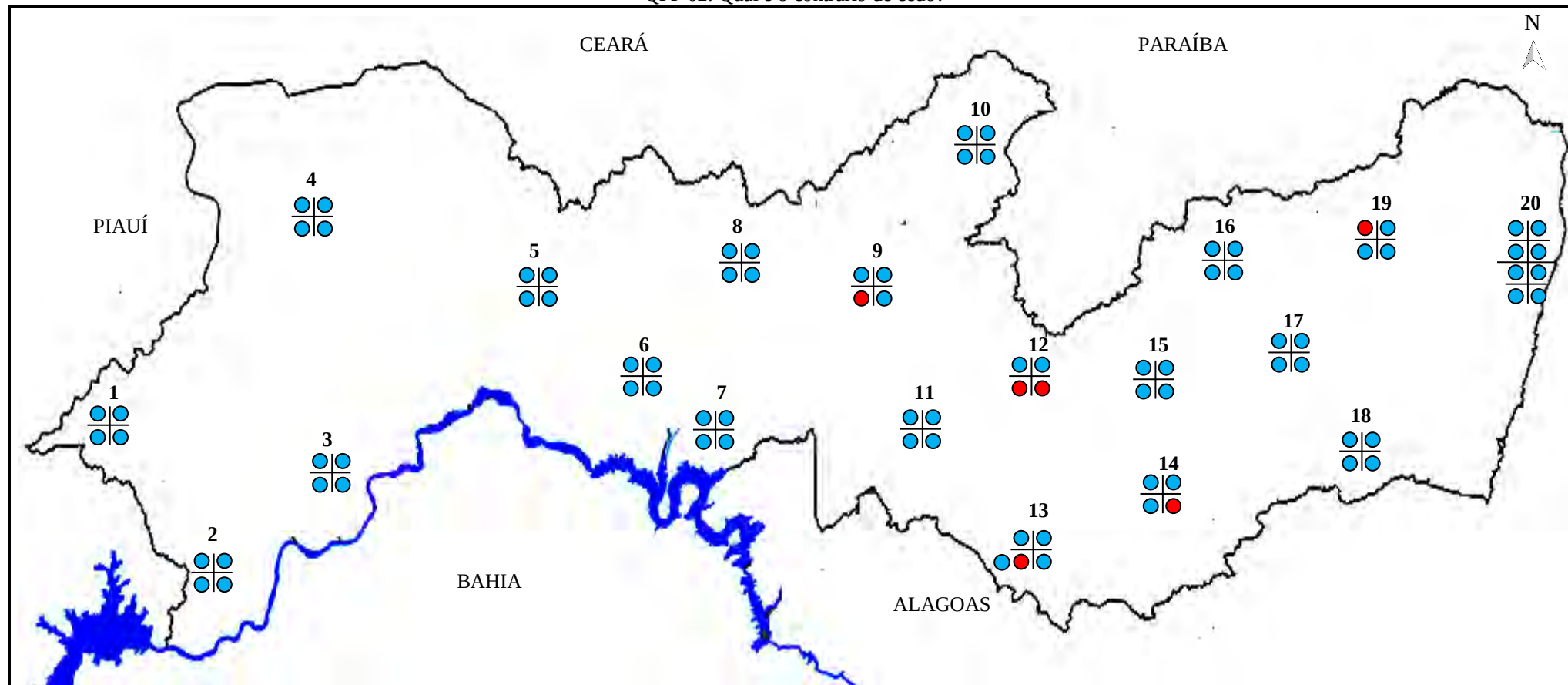
afi

fi

fej



QFF 62: Qual é o contrário de cedo?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

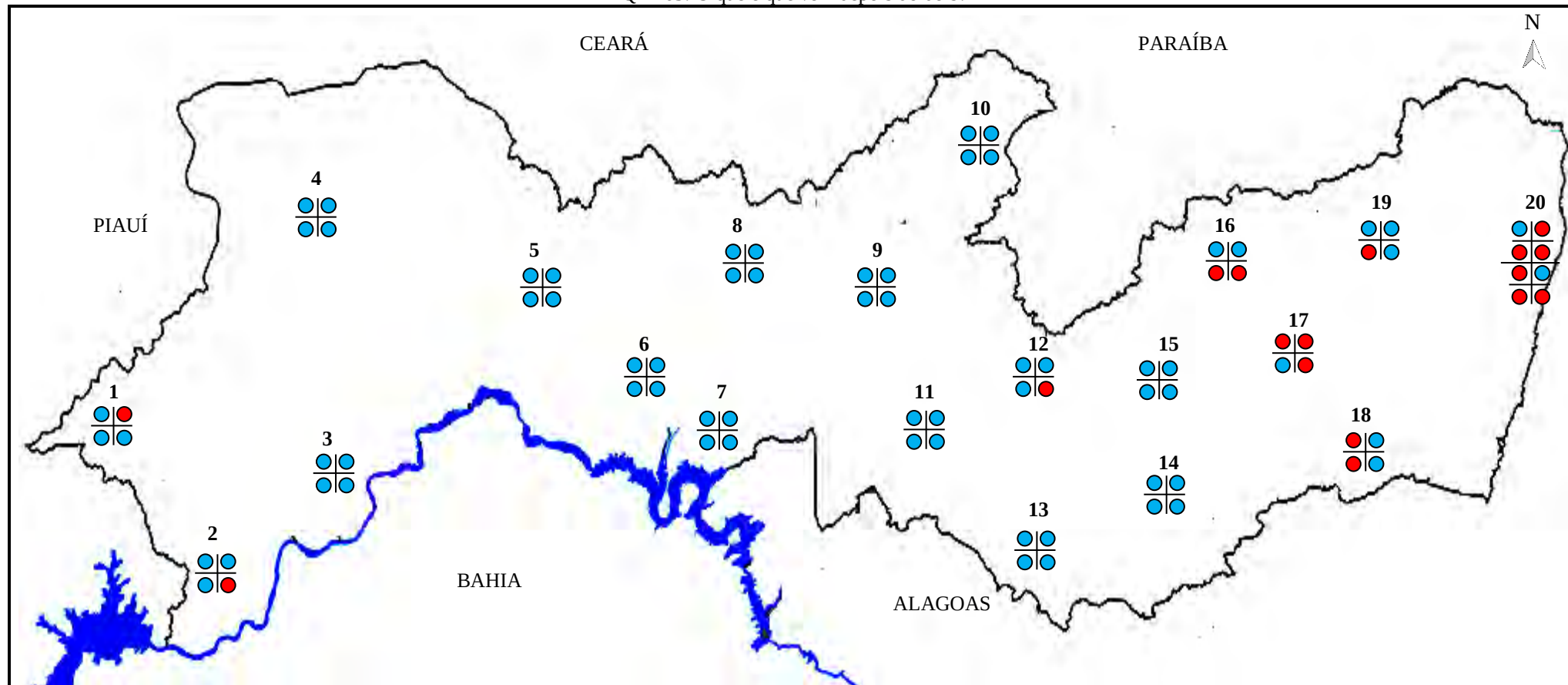
Organização temática: Edmilson Sá



● dɾ
● dʒɪ



QFF 63: O que é que vem depois do dois?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



● 'trejs

● 'trejʃ

Notas:

1) Houve duas ocorrências para ['trejɪ], assim distribuídas:

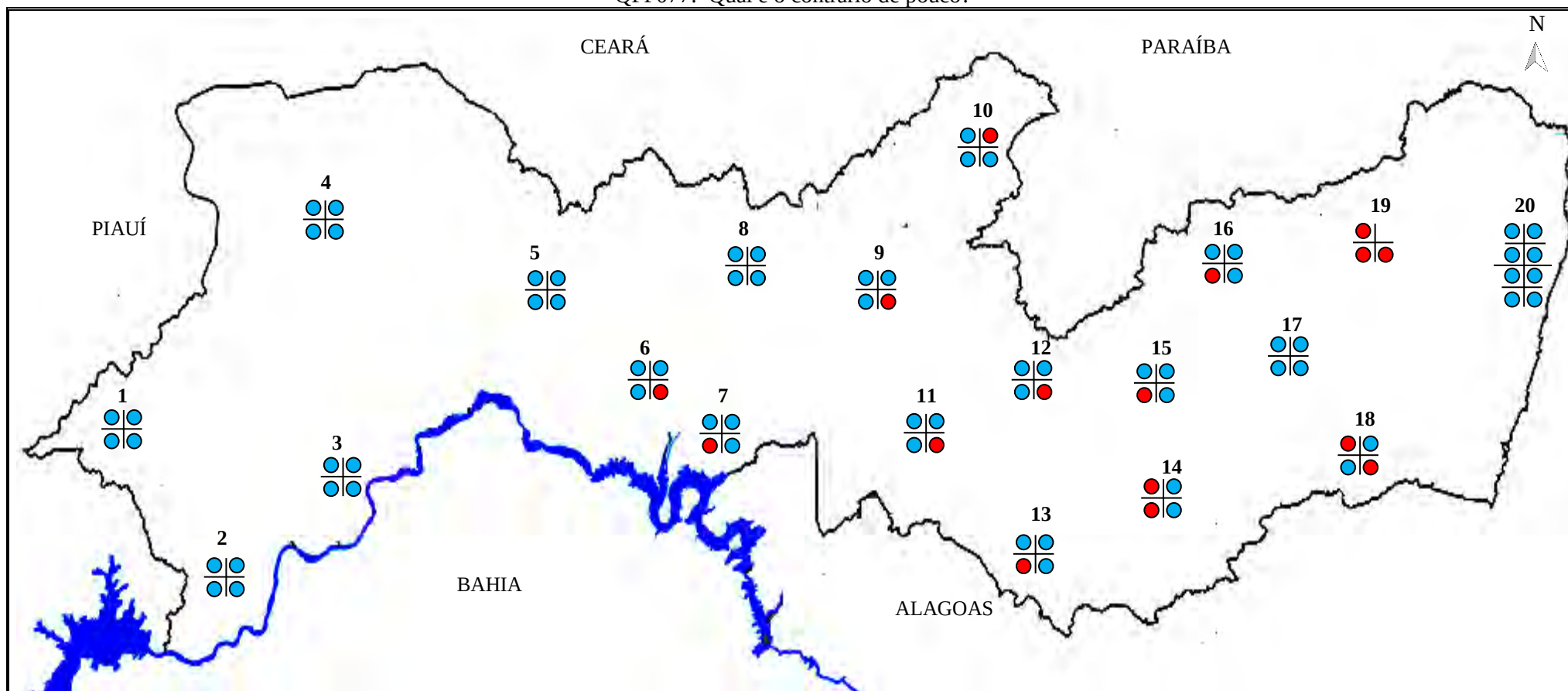
a) Informante Mulher Faixa 2 – Serra Talhada (PI 08)

b) Informante Mulher Faixa 1 – Tupanatinga (PI 11)

2) Houve, ainda, duas ocorrências para ['trej] na fala dos informantes da Faixa 2 de Palmares (PI 18).



QFF077: Qual é o contrário de pouco?



homem faixa 1 homem faixa 2
 mulher faixa 1 mulher faixa 2
 ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



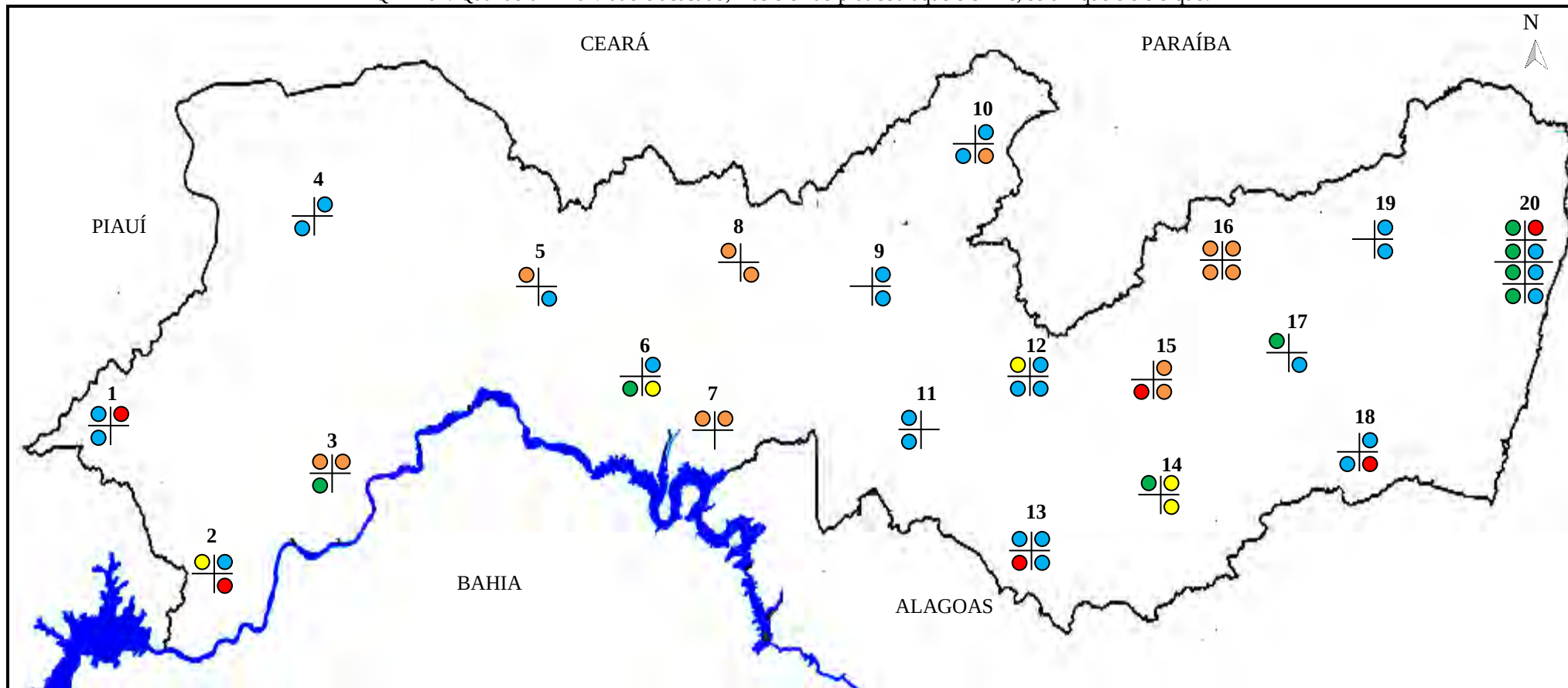
'muito

'muito

Notas: Ocorrência única: Inf. Mulher Faixa 1 Recife E.F. (PI 20): ['muito]



QFF 104: Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?



homem faixa 1 homem faixa 2
 mulher faixa 1 mulher faixa 2
 ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



mo'sêti

ão'sêti

mo'sêti

mo'sêti

mo'sêti

Notas

1) Houve duas ocorrências de [ɪnɔ'sẽtʃi] na fala dos informantes da Faixa 1 de Limoeiro (PI 19);

2) Houve duas ocorrências de [ɪnõ'sẽti] na fala dos seguintes informantes:

a) Mulher Faixa 1 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03) (1ª resp.)

b) Homem Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15)

3) Houve duas ocorrências de [ĩnɔ'sẽti] na fala dos seguintes informantes:

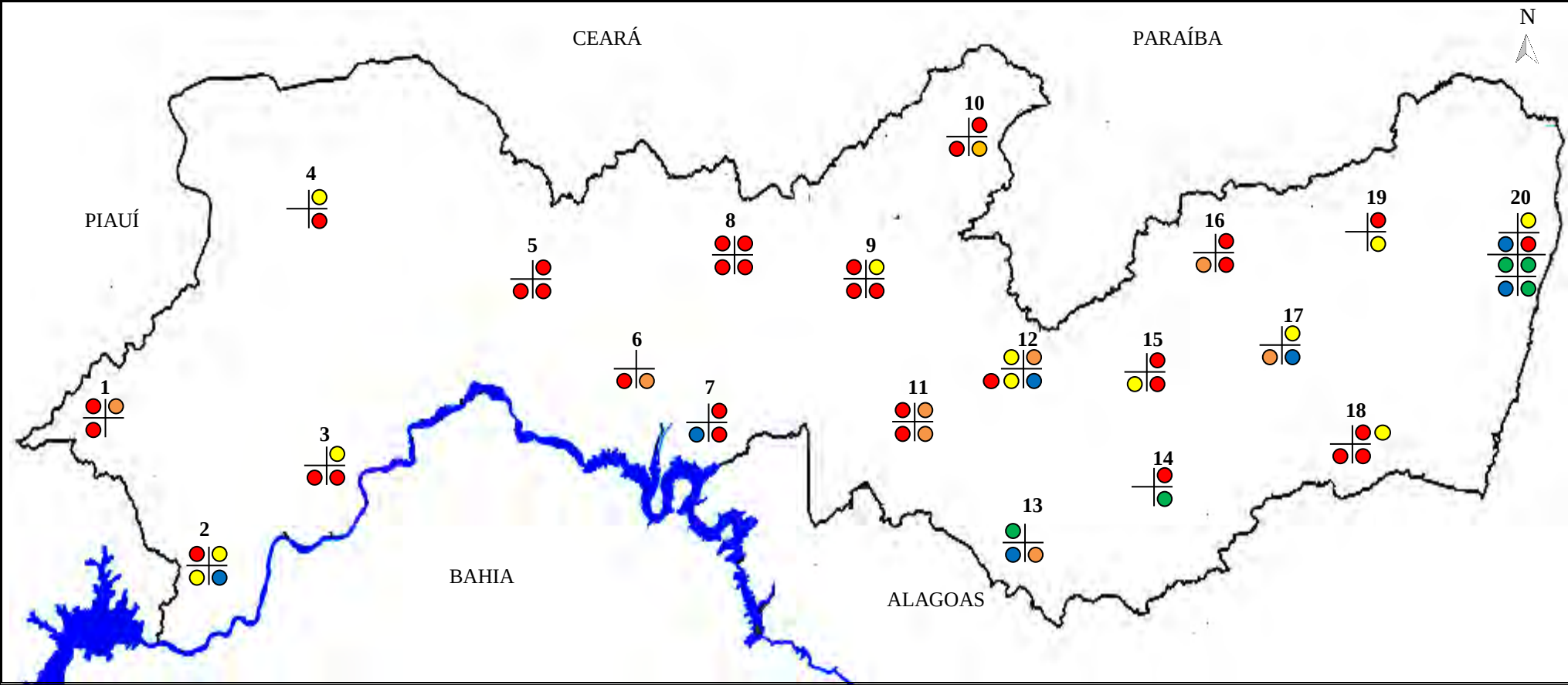
a) Mulher Faixa 1 – Salgueiro (PI 05)

b) Mulher Faixa 1 – Tacaratu (PI 07)

ATLAS LINGUÍSTICO DE PERNAMBUCO

CARTA 28 – SANTO ANTÔNIO

QFF 108: ... o santo casamenteiro que se festeja a 13 de junho?



homem faixa 1

mulher faixa 1

homem faixa 2

mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



'sãtoã'tõjɔ

'sãtã'tõj

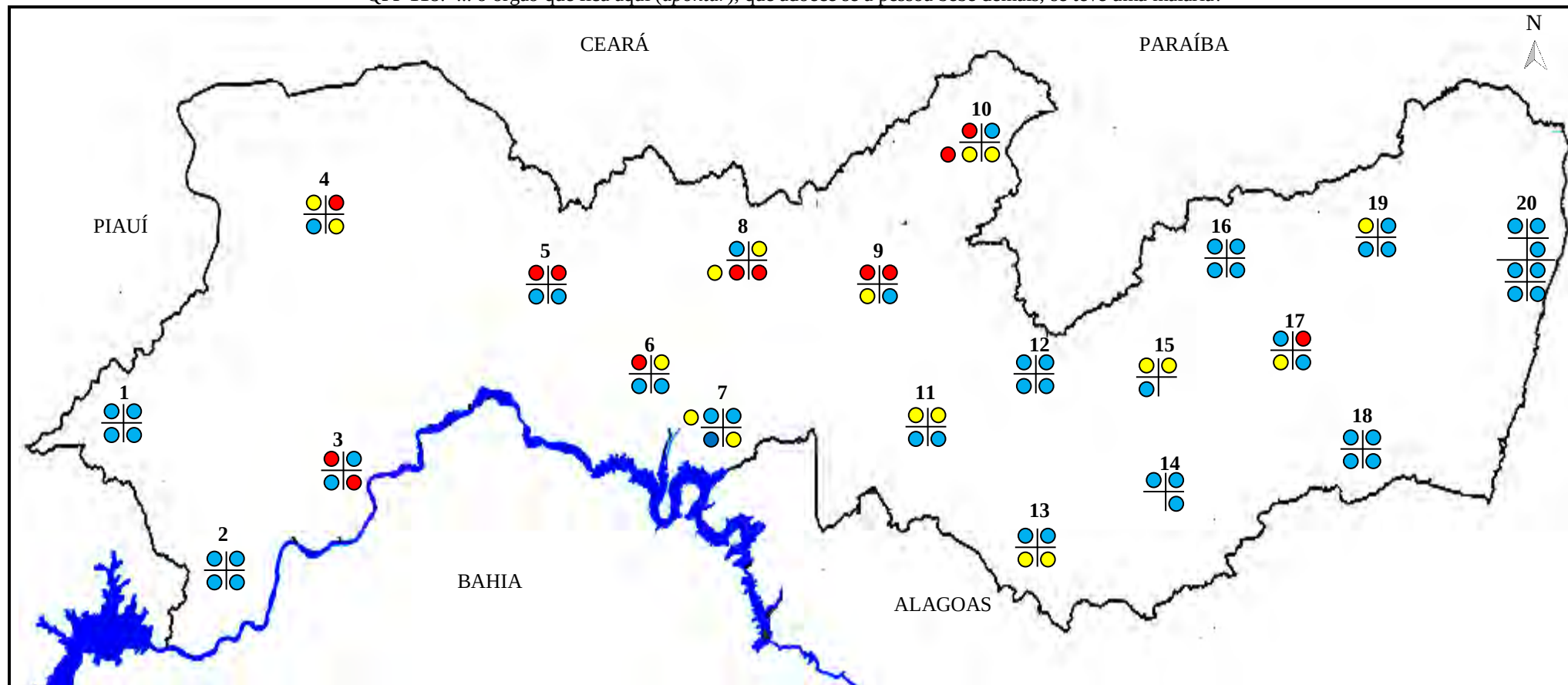
'sãtoã'tõj

'sãtã'tõjɲɔ

'sãtã'tõɲɔ



QFF 118: ... o órgão que fica aqui (*apontar*), que adoece se a pessoa bebe demais, se teve uma malária?



homem faixa 1  homem faixa 2
mulher faixa 1  mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

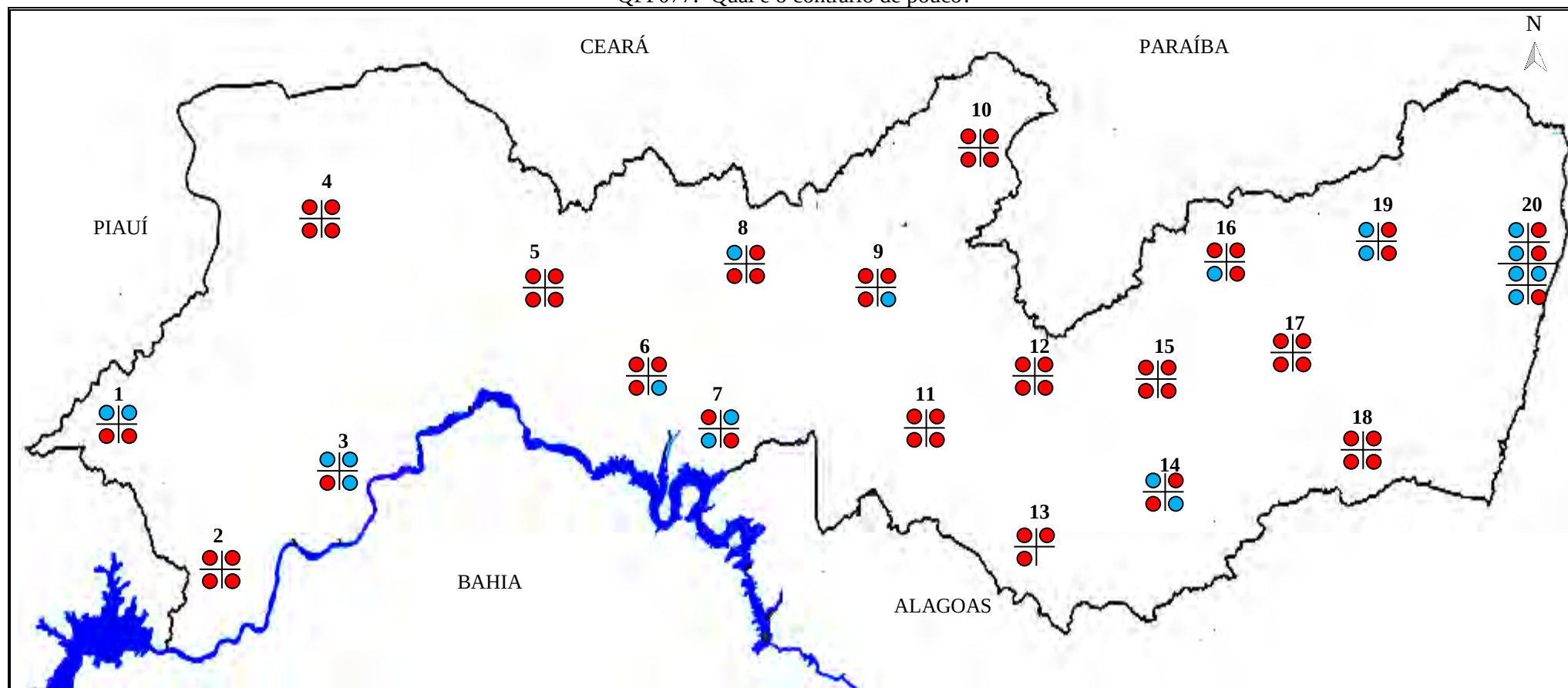
Carta-base: Fonte: IBGE
Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos
Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa
Organização temática: Edmilson Sá



 *ɛdu*
 *idu*
 *u*



QFF077: Qual é o contrário de pouco?



homem faixa 1  homem faixa 2
mulher faixa 1  mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

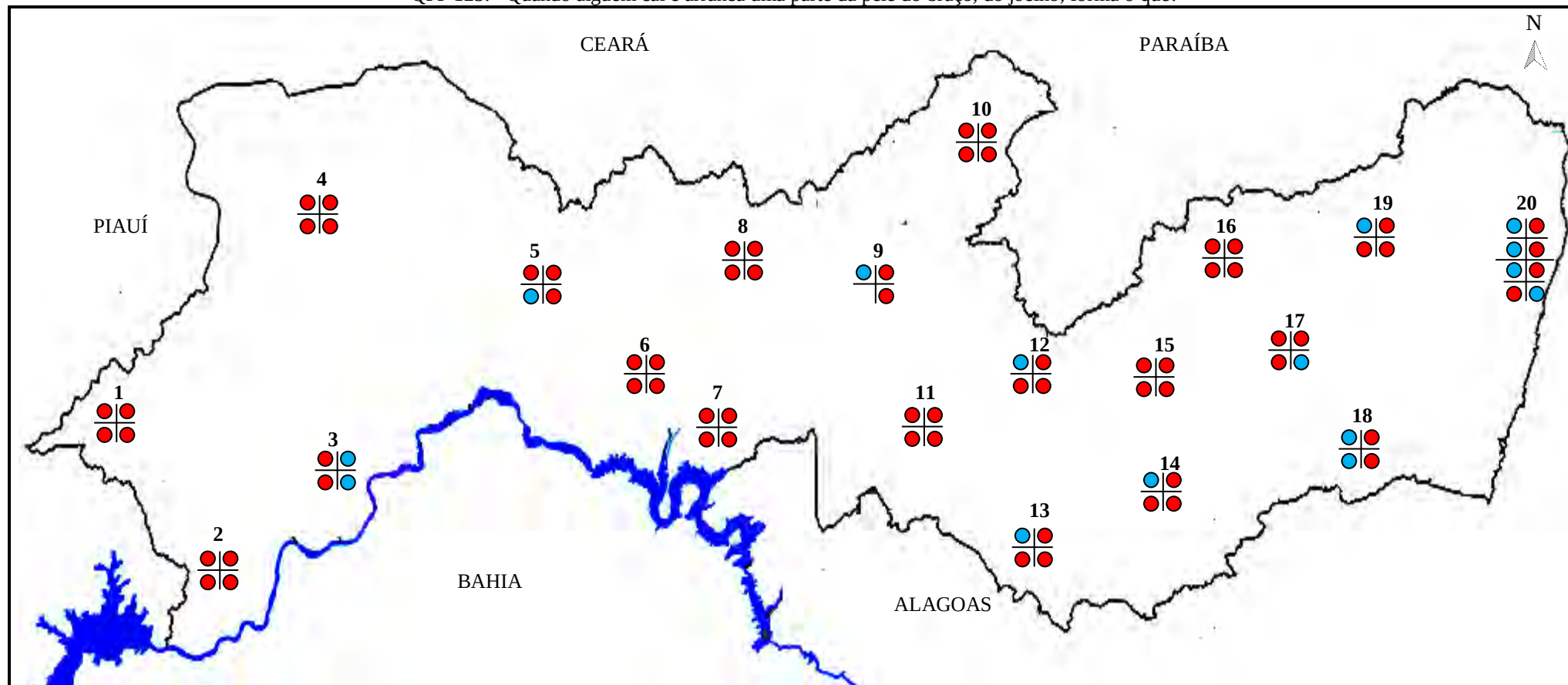
Organização temática: Edmilson Sá



 ã
 ã



QFF 123: Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

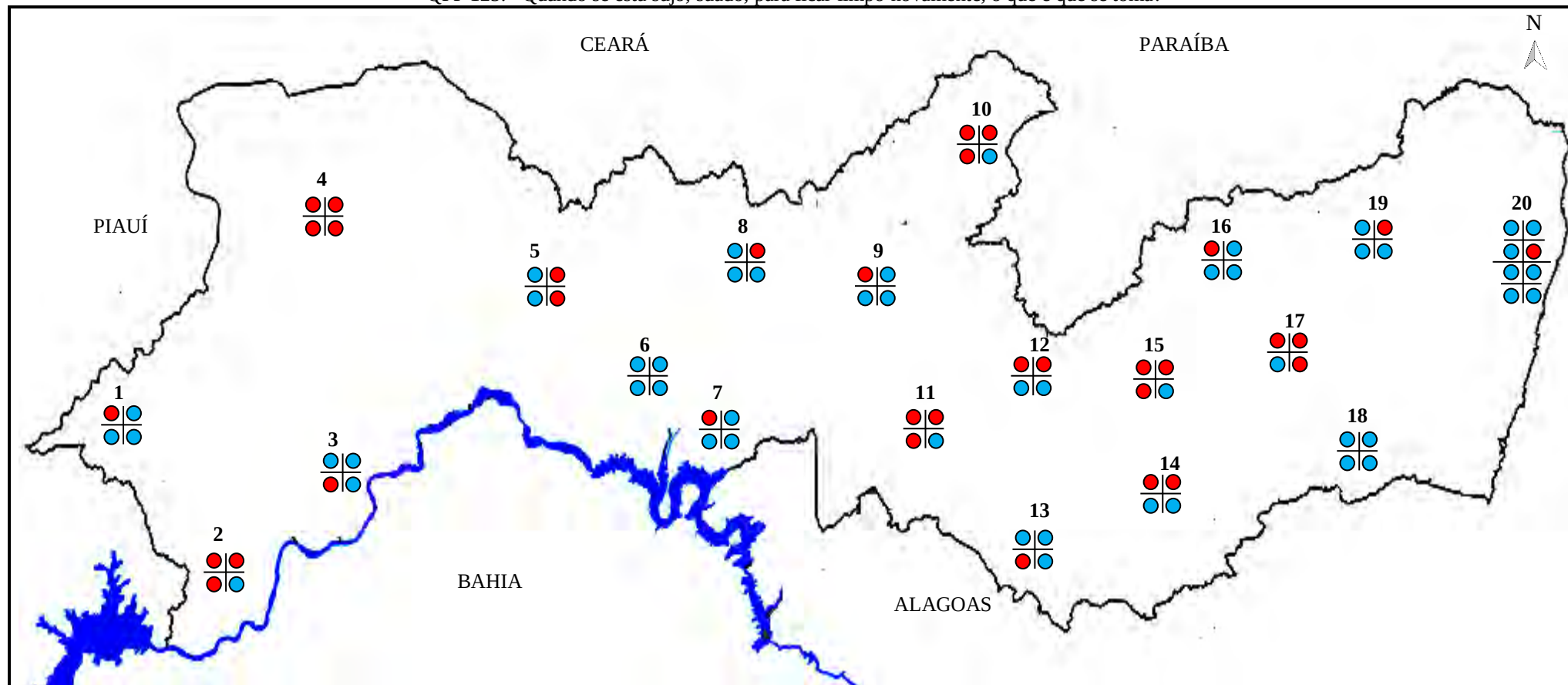
Organização temática: Edmilson Sá



 fe
 fi



QFF 125: Quando se está sujo, suado, para ficar limpo novamente, o que é que se toma?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá

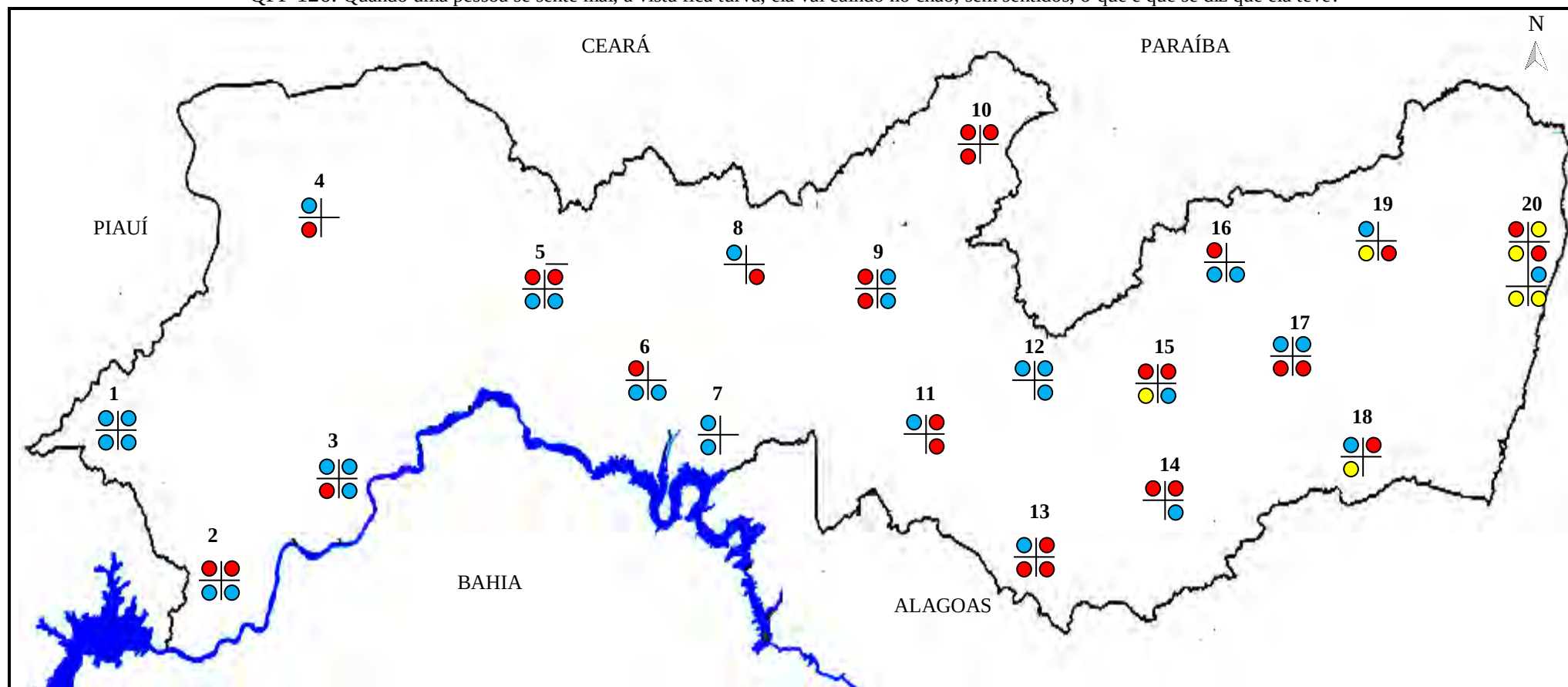


'bãno

'bāj



QFF 126: Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e
específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



diz

difi

di3

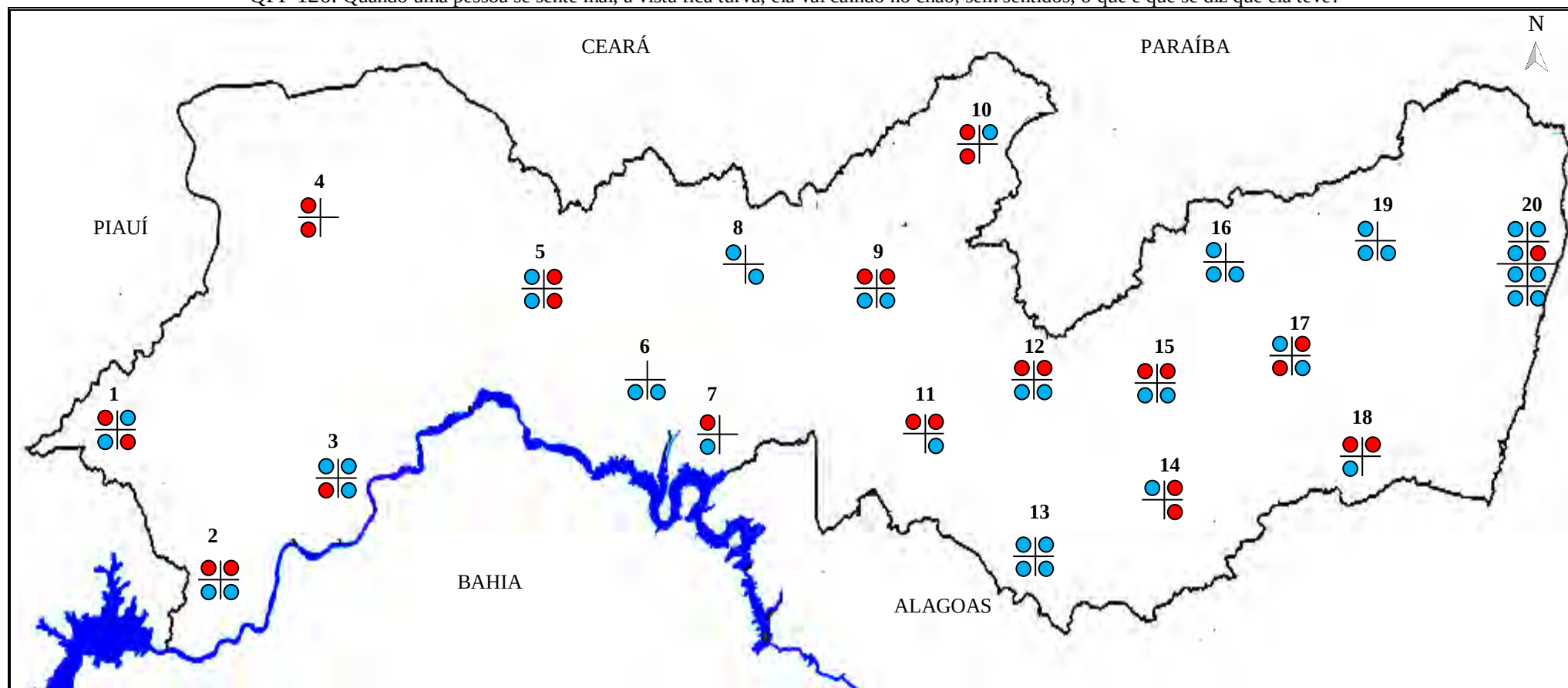
Ocorrências únicas:

Informante Mulher Faixa 1 – Arcoverde (PI 12) : [dez-]

Informante Homem Faixa 1 Recife – E.S. (PI 2): [de3-]



QFF 126: Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



● majú

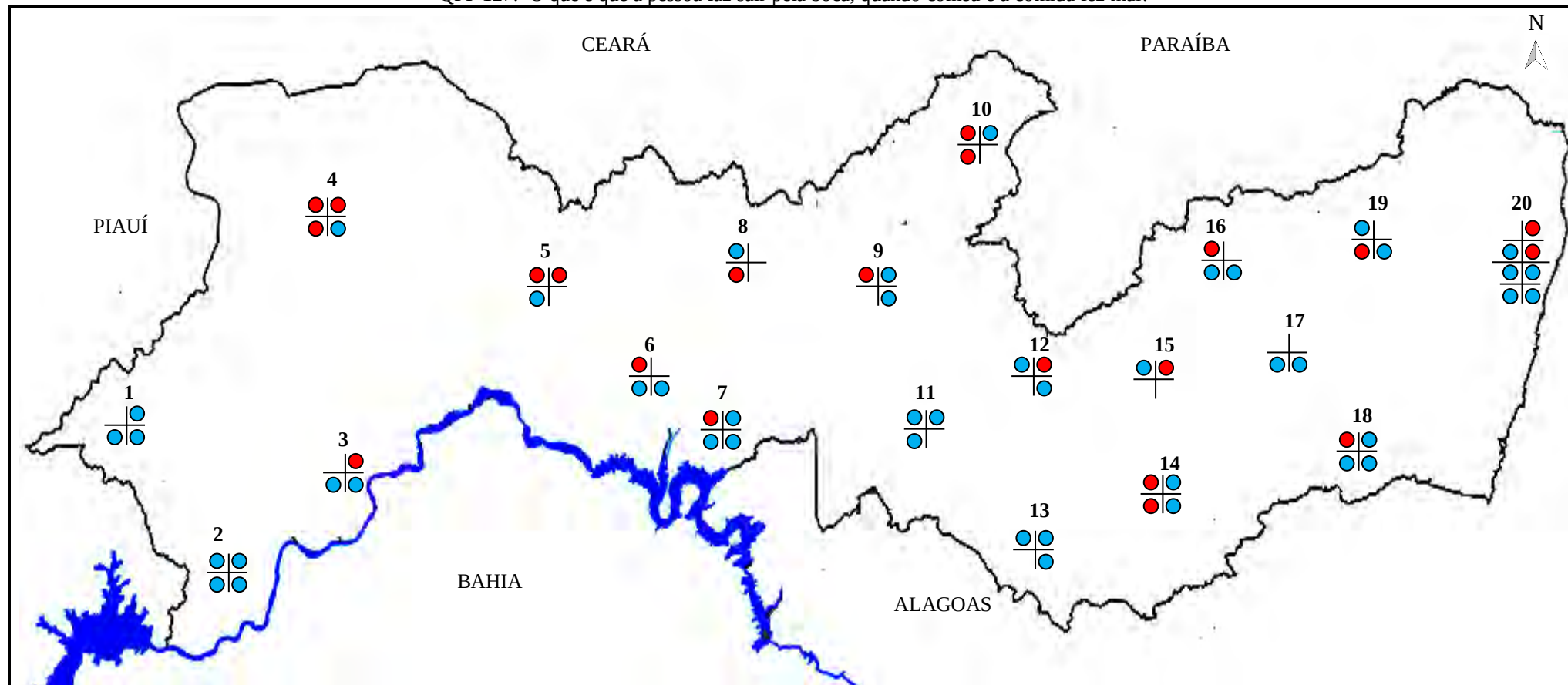
● maj

Ocorrência única:

Informante Mulher Faixa 1 Floresta (PI 07): [-maʎu]



QFF 127: O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



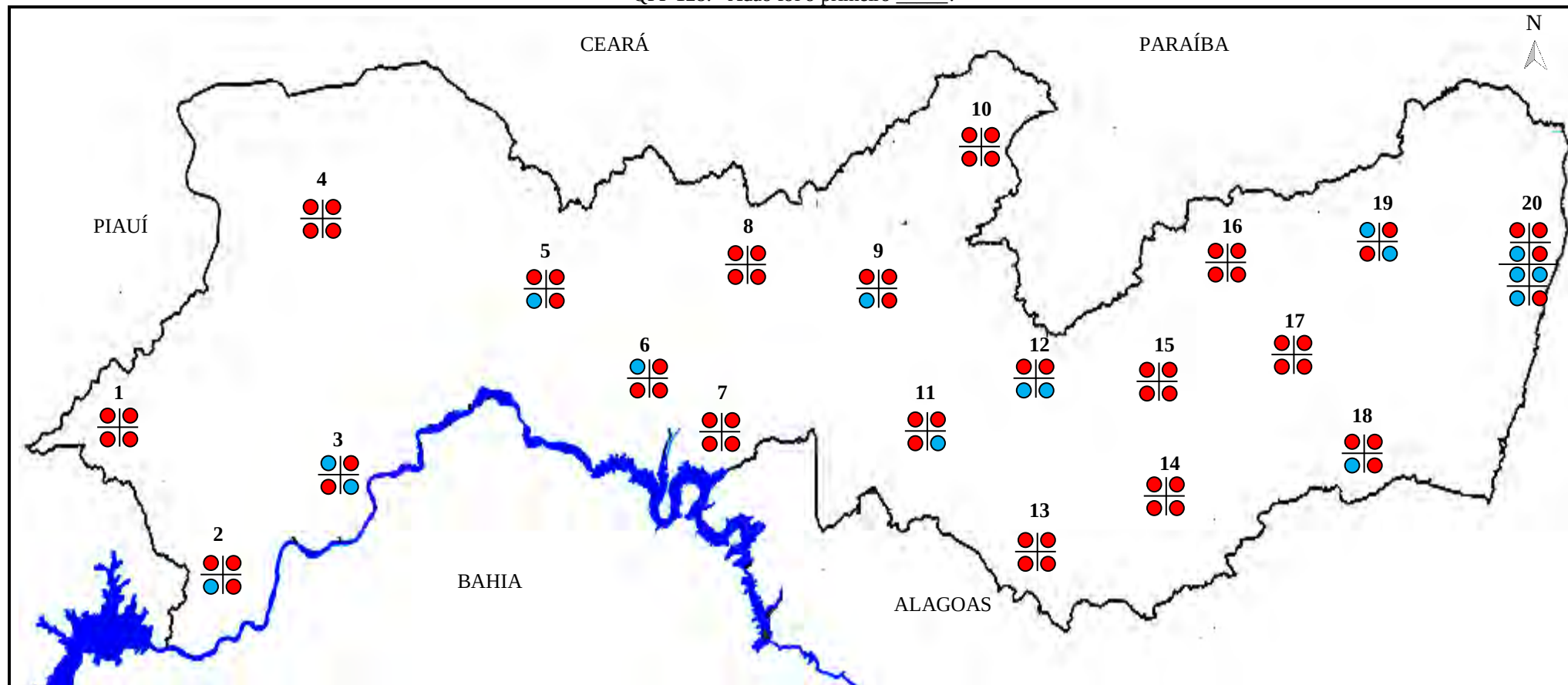
'vômito

vō'mito

Nota: Os informantes Homem Faixa 1 – Afrânio (PI 01) e Mulher Faixa 2 – Serra Talhada (PI 08): ['vômɔ] e os informantes Homem Faixa 1 – Caruaru (PI 17), Homem Faixa 1 – Santa Maria da Boa Vista e Mulher Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15): [võ'mito]



QFF 128: Adão foi o primeiro ____?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 k

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá

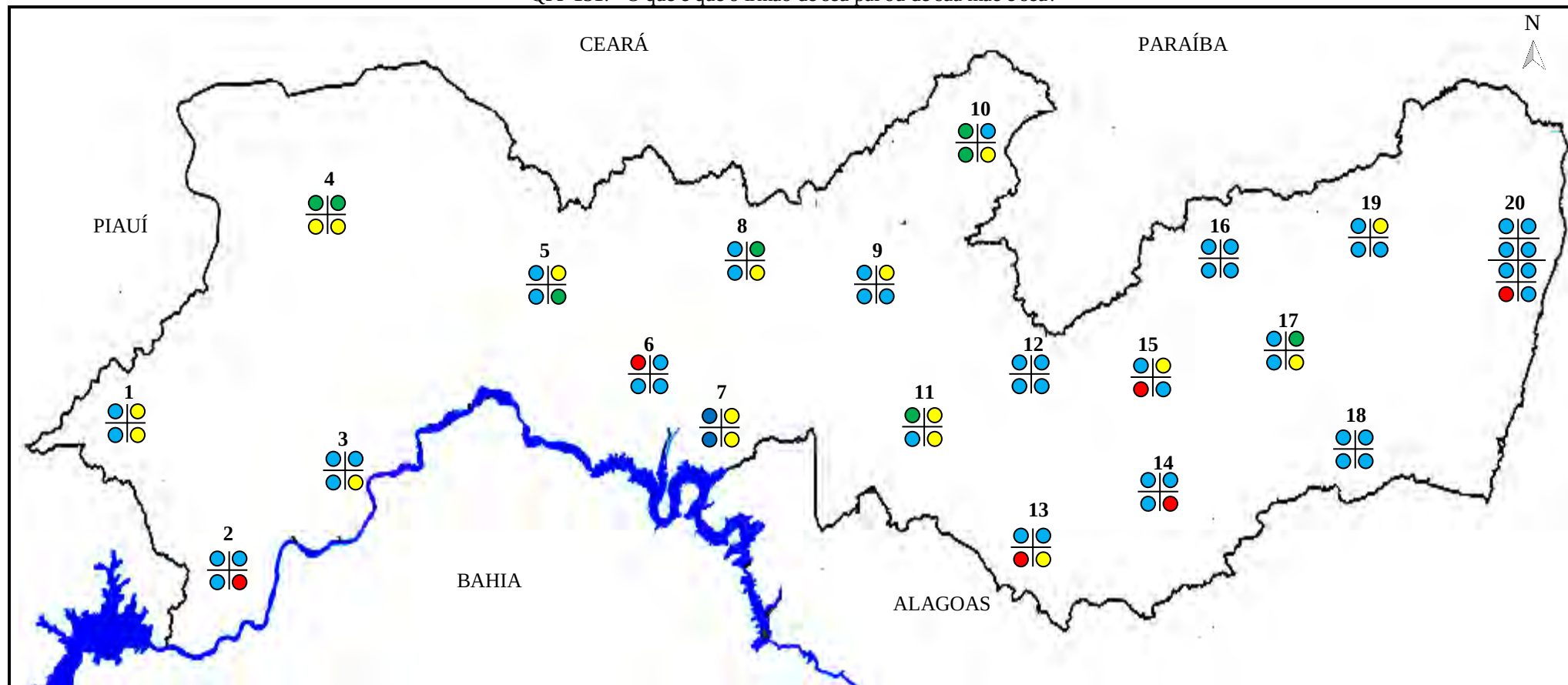


mēj

mɪ



QFF 131: O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

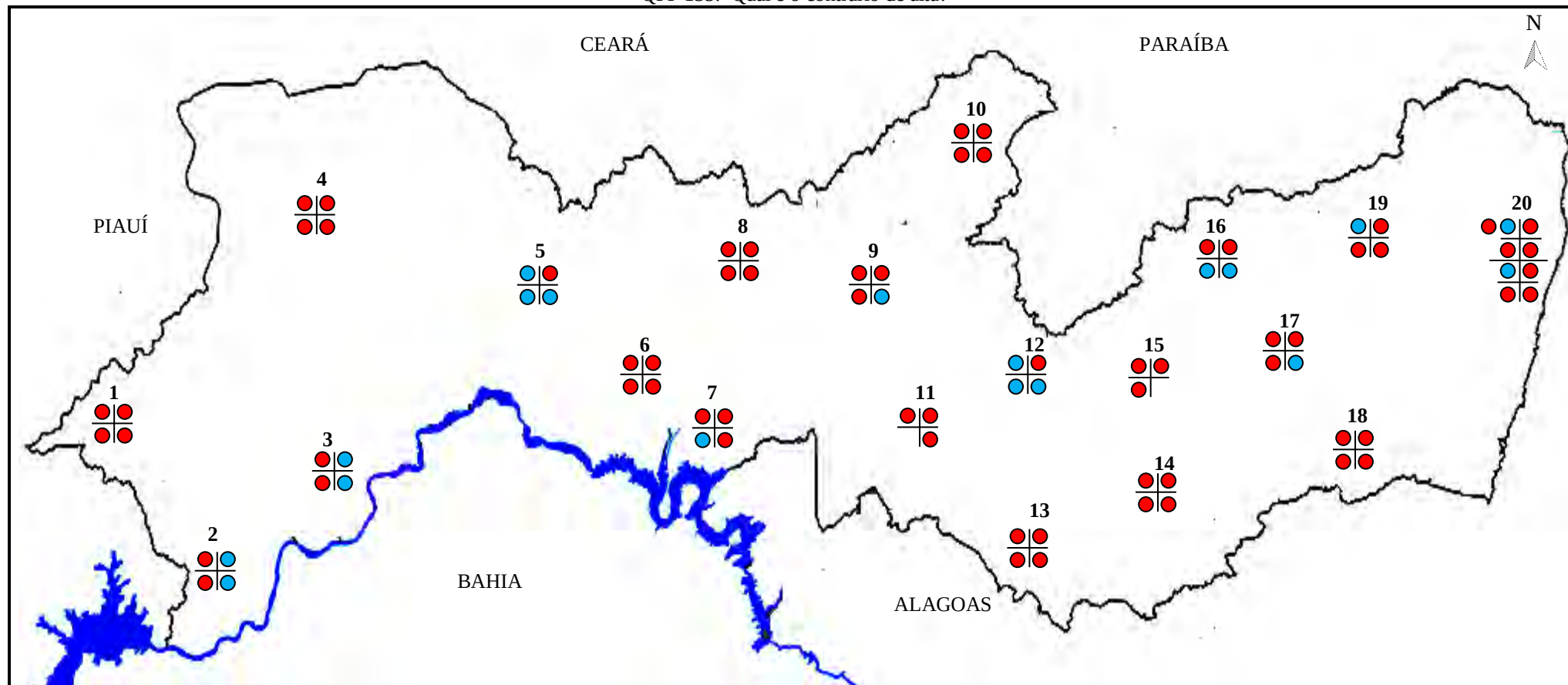
Organização temática: Edmilson Sá



- 'tiu
- 'tʃiu
- 'tiʊ
- 'ti:



QFF 135: Qual é o contrário de alta?



homem faixa 1  homem faixa 2
 mulher faixa 1  mulher faixa 2
 ESCALA

0 76 km



 aj
 a

Carta-base: Fonte: IBGE

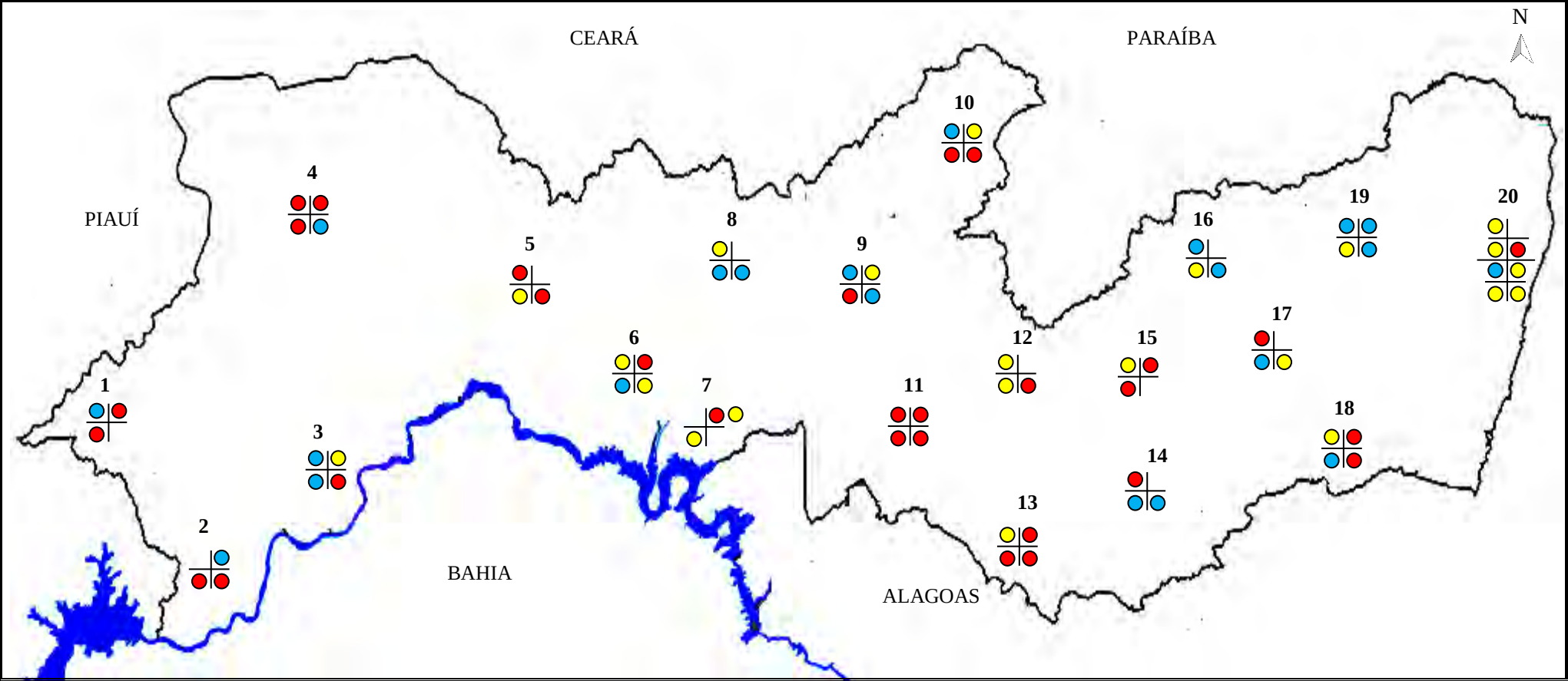
Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



QFF 136: A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem cabelos claros, dourados, amarelados?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

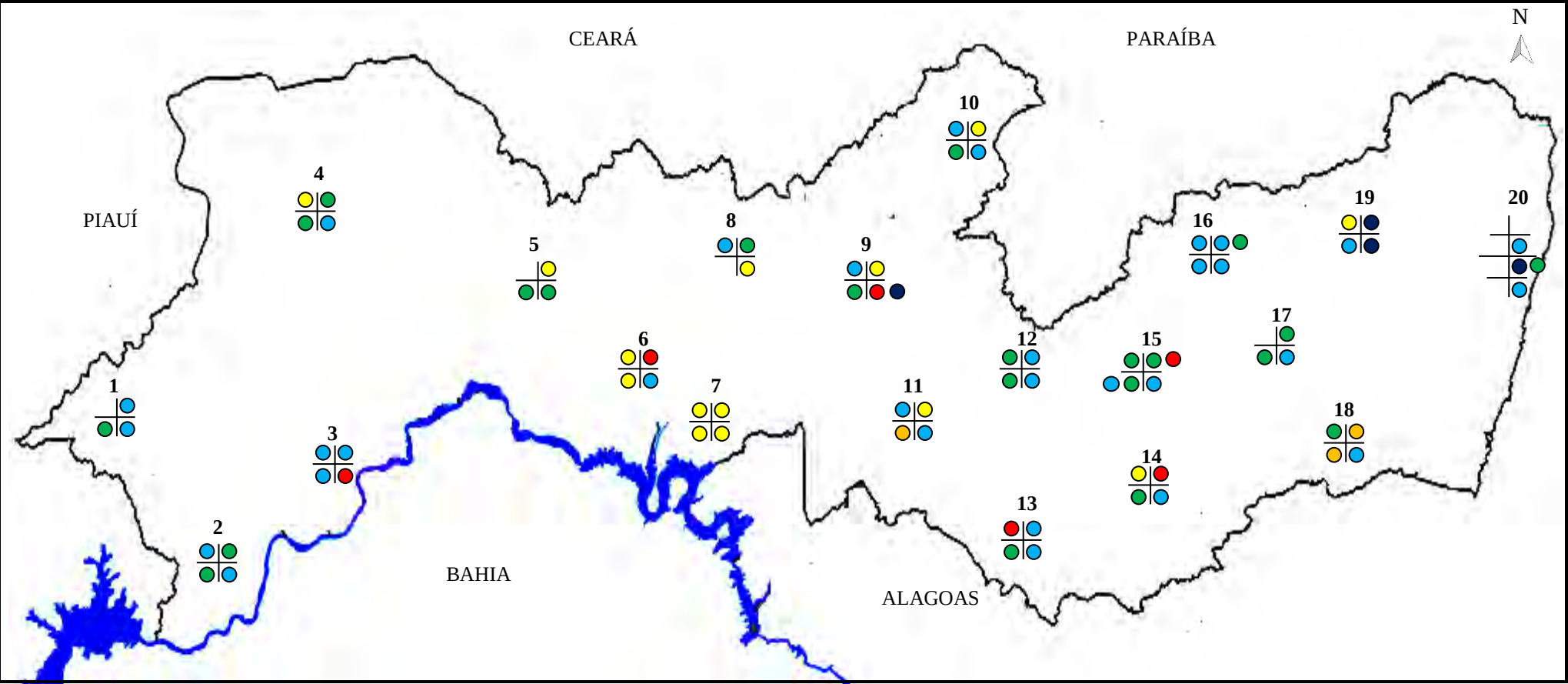
Carta-base: Fonte: IBGE
Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos
Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa
Organização temática: Edmilson Sá



ow
 o
 oj



QFF 142: ... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? [Se você / o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, você / o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a _____?]



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA
0 76 km
Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos
Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa
Organização temática: Edmilson Sá



bañ
 bar
 bar
 baj

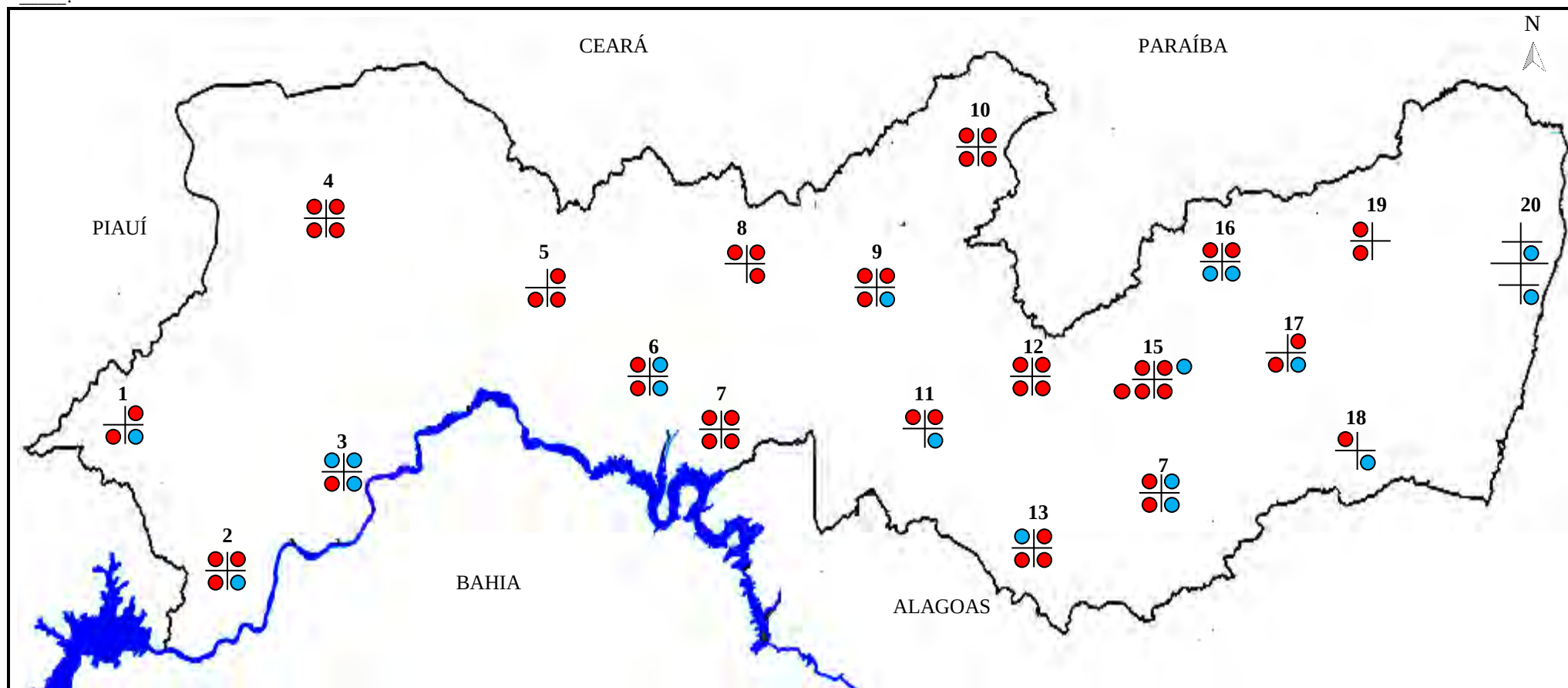
ba
 beñ

Ocorrências única:

Informante Homem Faixa 1 Recife (E.F.) (PI 20): [beñ-]



QFF 142: ... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? [Se você / o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, você / o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a _____?]



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

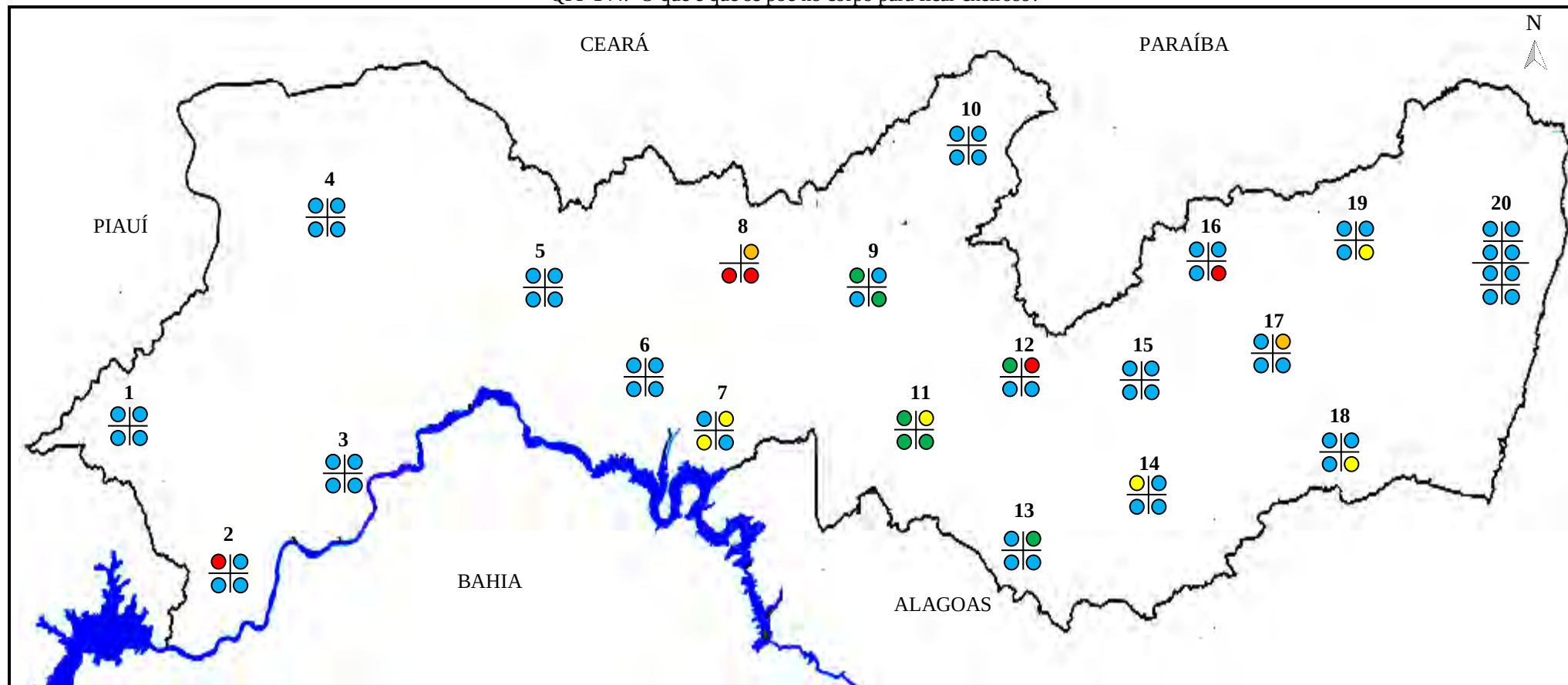
Organização temática: Edmilson Sá



giʎe
 gie



QFF 144: O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2
ESCALA

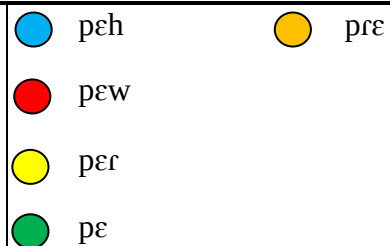
0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

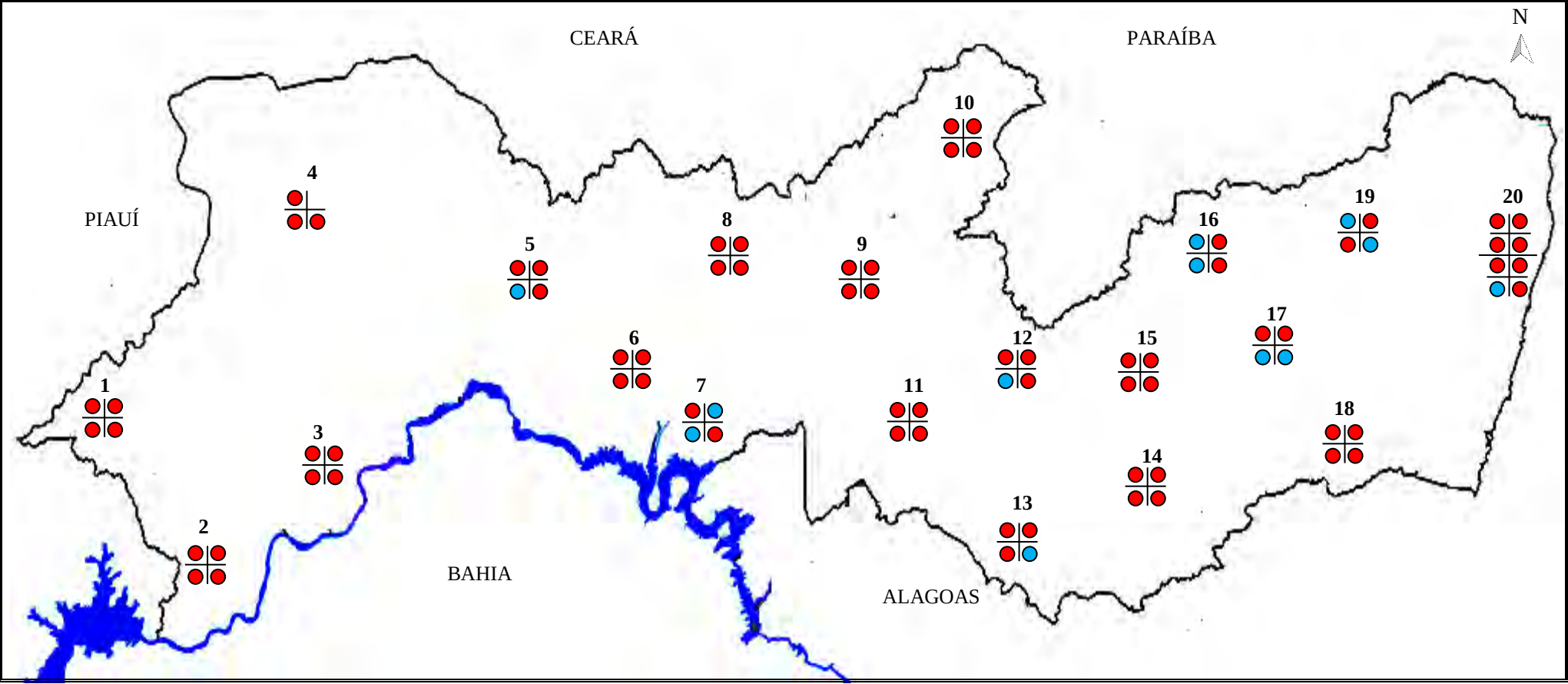
Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá





QFF 146: Dar um abraço é abraçar. E fazer assim (*mímica*)?



homem faixa 1  homem faixa 2
mulher faixa 1  mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE
Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos
Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa
Organização temática: Edmilson Sá

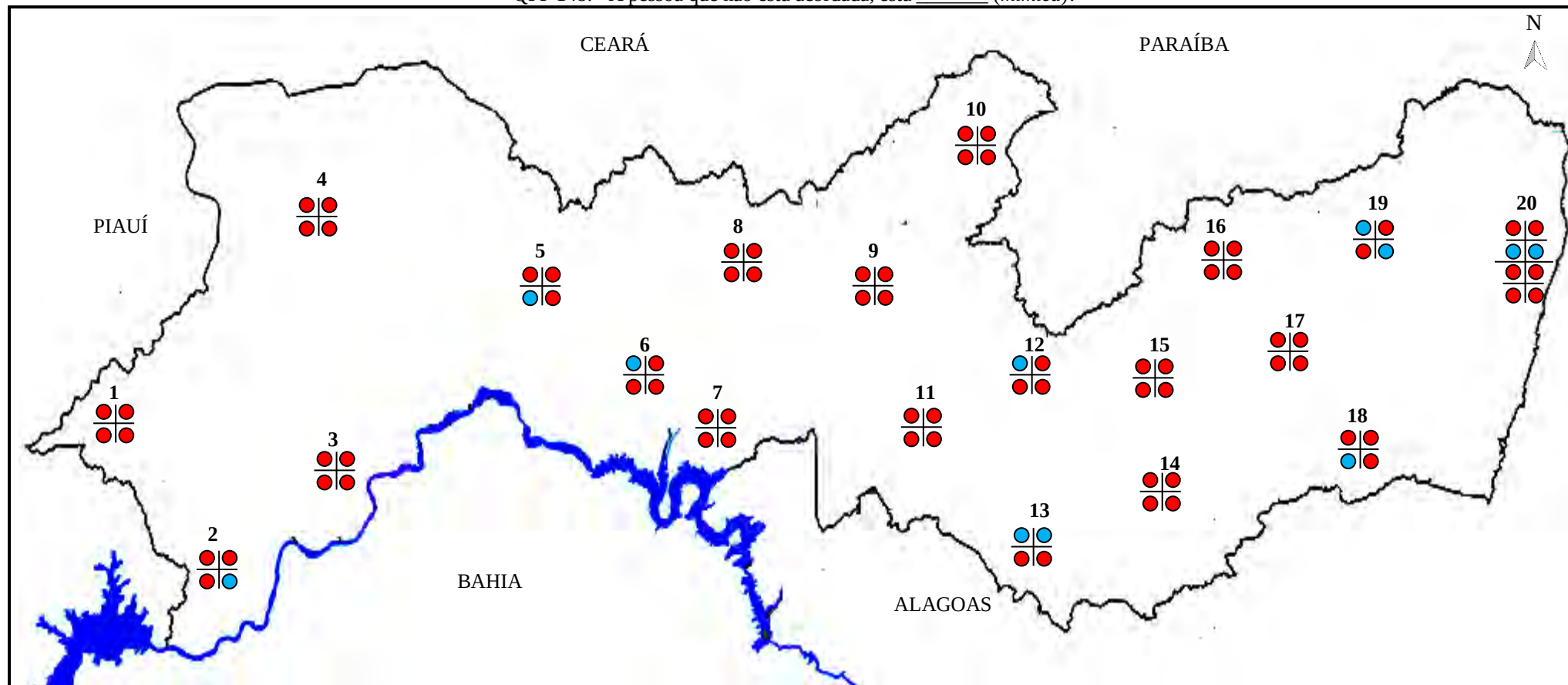


 ej
 e

Ocorrência única: Inf. Homem Faixa 2 Ouricuri (PI 04): [bɛ-]



QFF 148: A pessoa que não está acordada, está _____ (mímica)?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

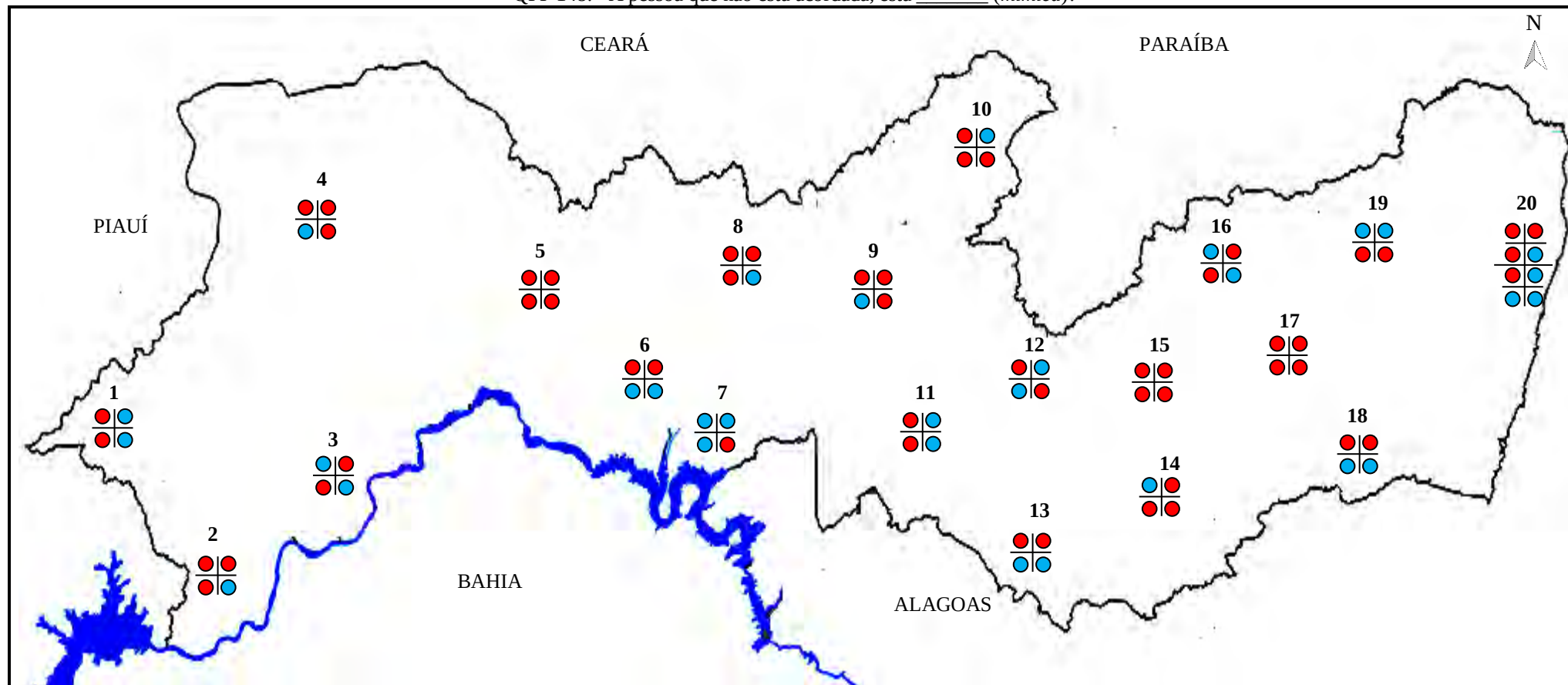
Organização temática: Edmilson Sá



○ O
● U



QFF 148: A pessoa que não está acordada, está _____ (mímica)?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

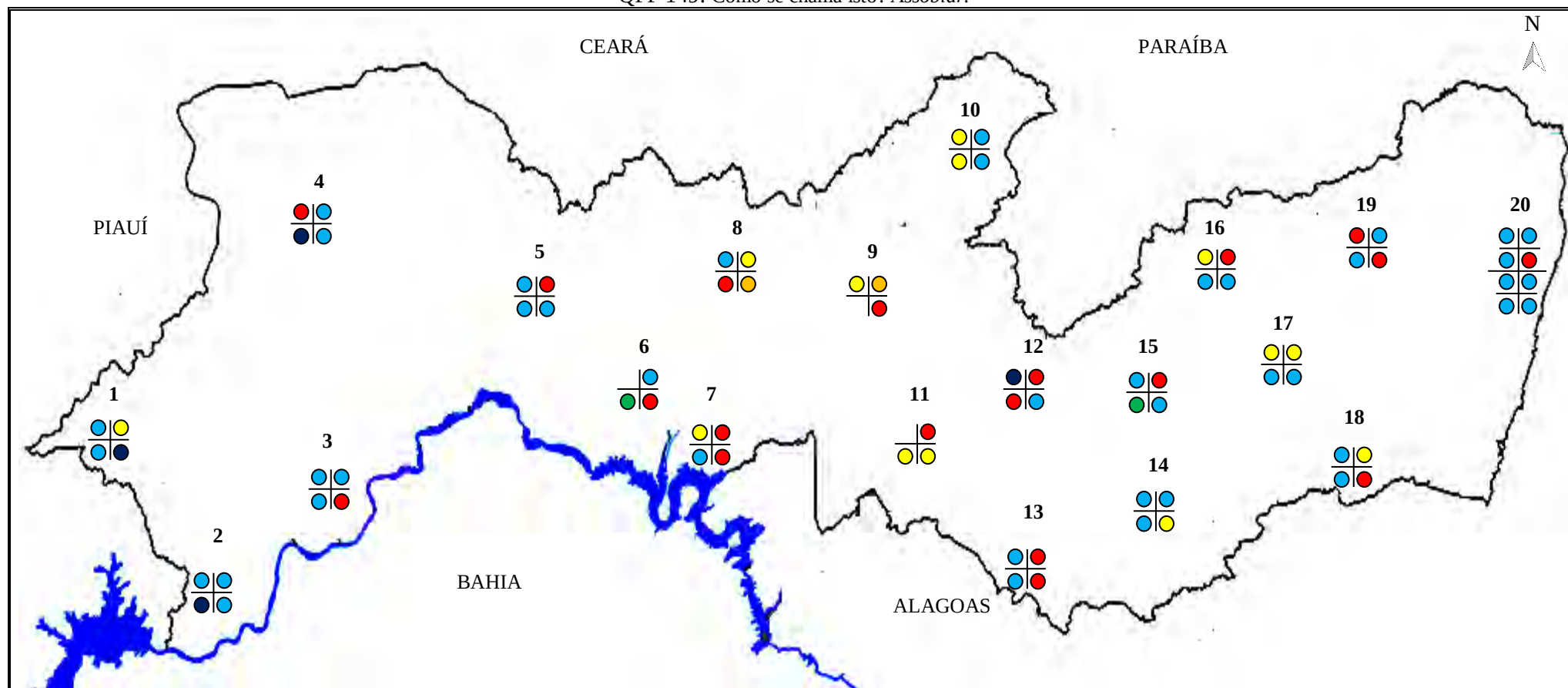
Organização temática: Edmilson Sá



● ĩdu
● ĩno



QFF 149: Como se chama isto? Assobiar.



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



iU

ejU

ej

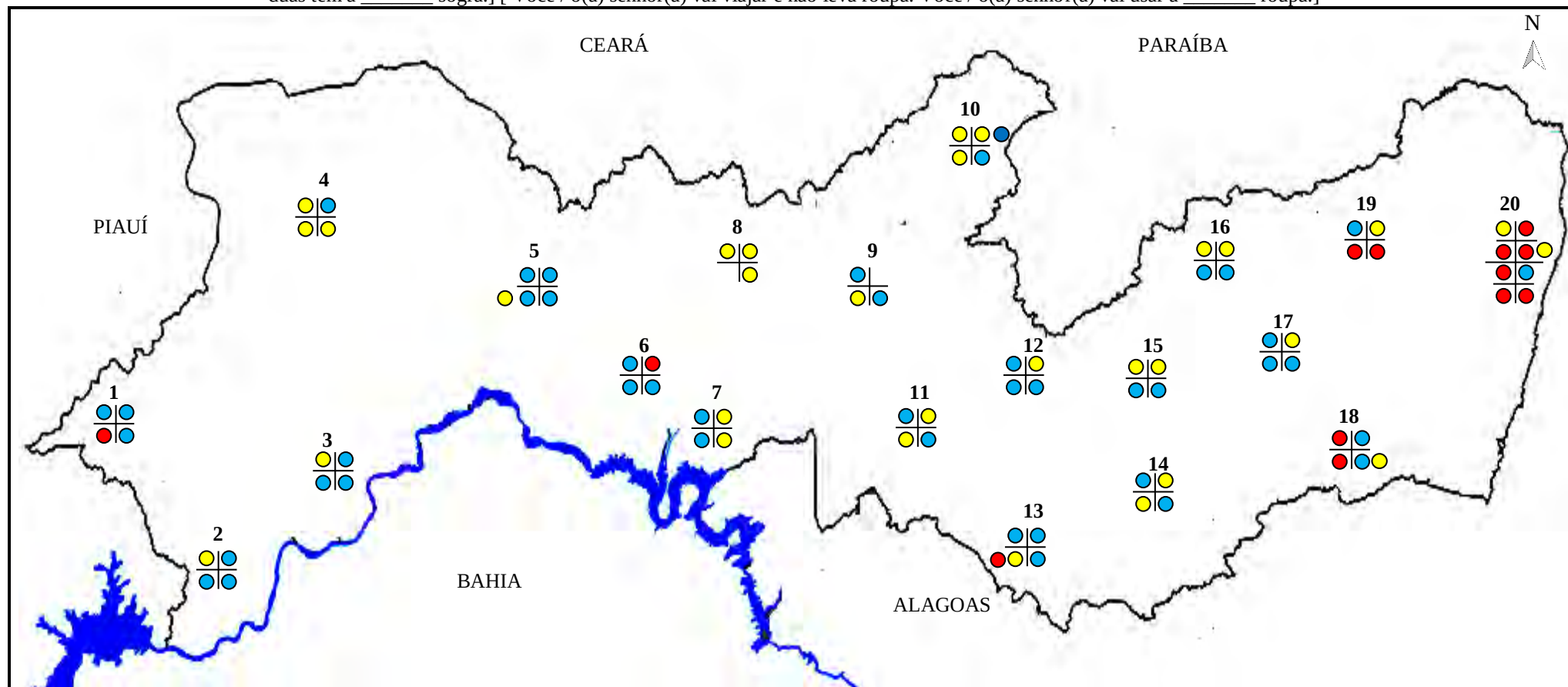
eAU

iU

eU



QFF 156: Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa _____ roupa. [Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas têm a _____ sogra.] [Você / o(a) senhor(a) vai viajar e não leva roupa. Você / o(a) senhor(a) vai usar a _____ roupa.]



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



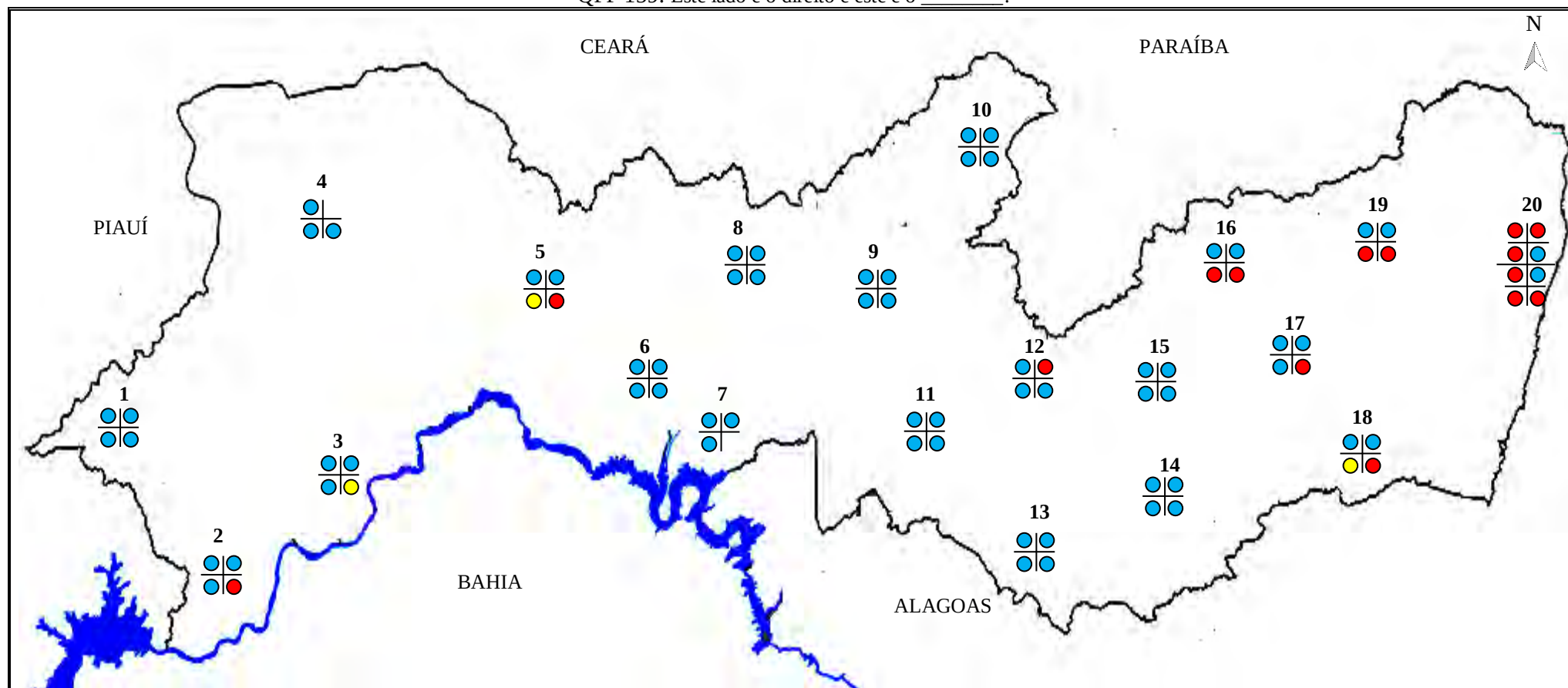
● z

● 3

● ã



QFF 159: Este lado é o direito e este é o _____?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



IS
 Ij
 es

Ocorrências únicas:

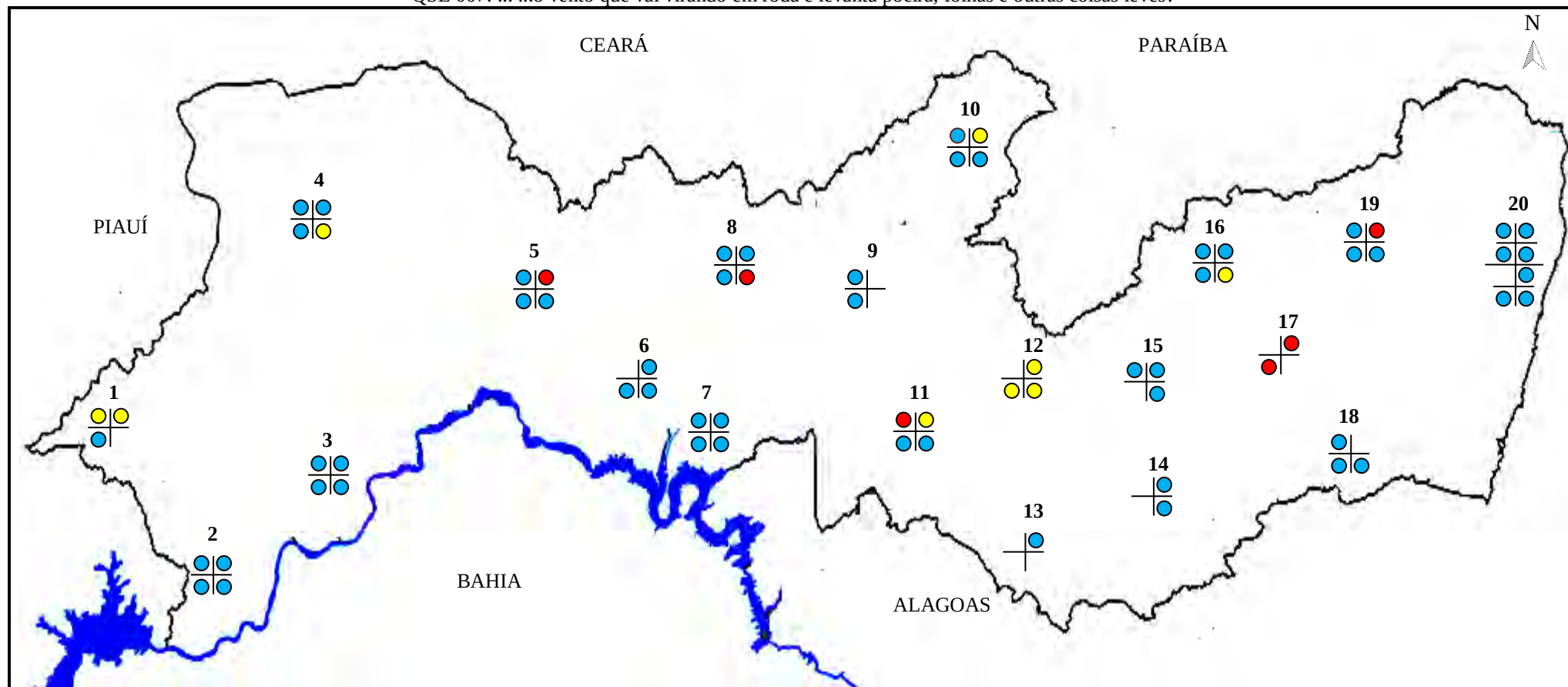
[es-]: Informante Mulher Faixa 1 Arcoverde (PI 12)

[ej-]: Informante Mulher Faixa 1 Salgueiro (PI 05)



QSL 004:... Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?

QSL 007: o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



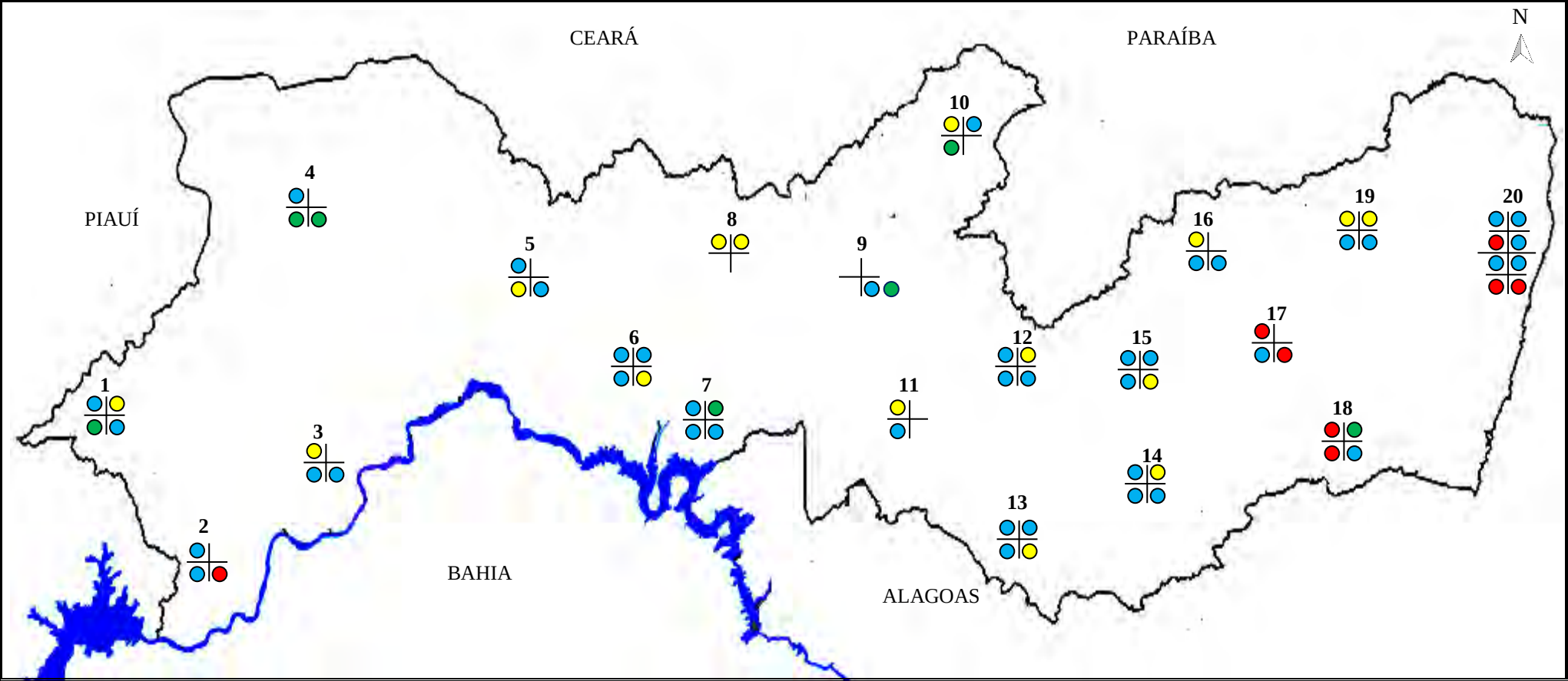
● ũ̃ɐ

● ũ̃

● ɪ̃ɐ



QSL 017:... Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (gesticular). Que nome dão a essa faixa?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE
Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos
Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa
Organização temática: Edmilson Sá

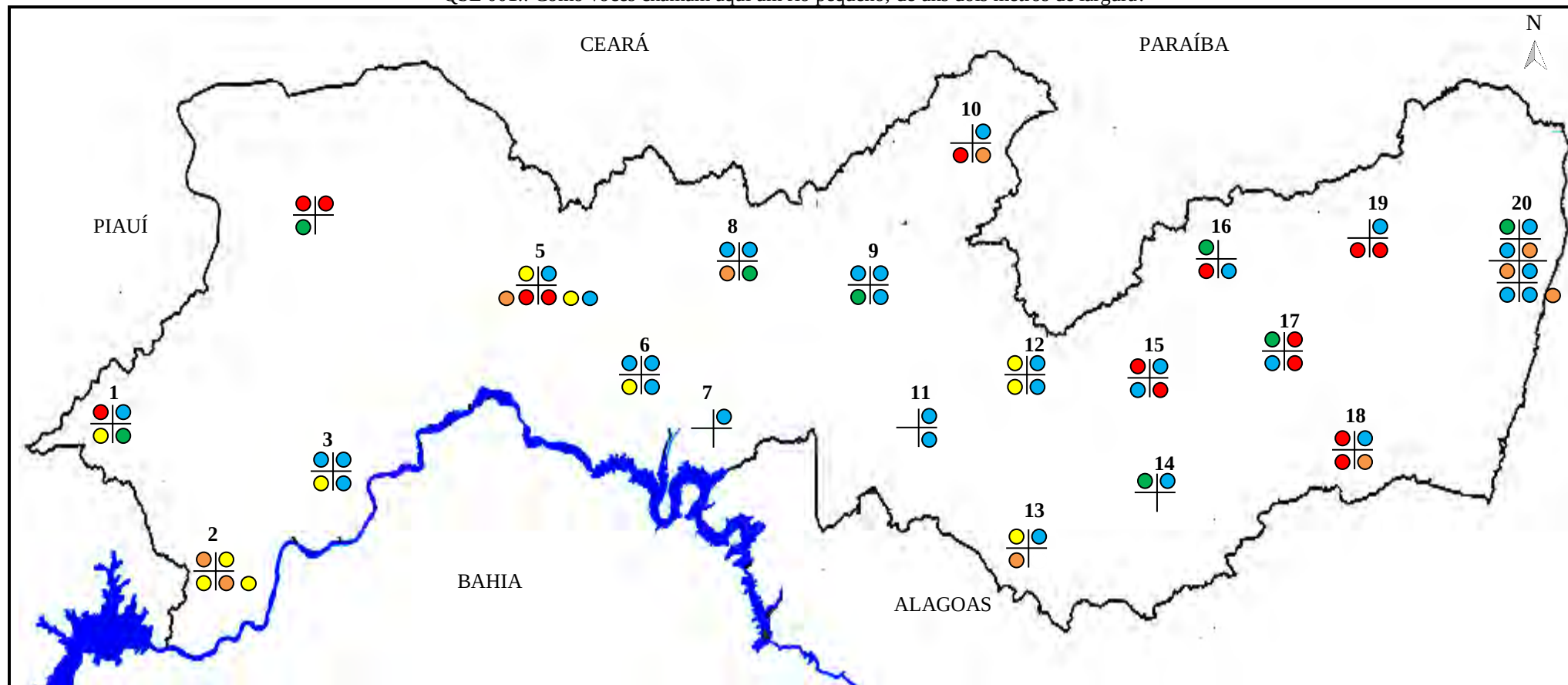


- IS
- Ij
- I
- IU

CARTAS LÉXICAS



QSL 001.: Como vocês chamam aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Riacho
- Açude
- Lagoa
- Barreiro
- Rio / riozinho

Notas:

1) Registraram-se designações que contabilizaram poucas ocorrências, conforme distribuição abaixo:

a) Informante Mulher Faixa 2 Garanhuns (PI 07)	lago
b) Informante Homem Faixa 1 Limoeiro (PI 19)	lago
c) Informante Mulher Faixa 1 Garanhuns (PI 14)	lago

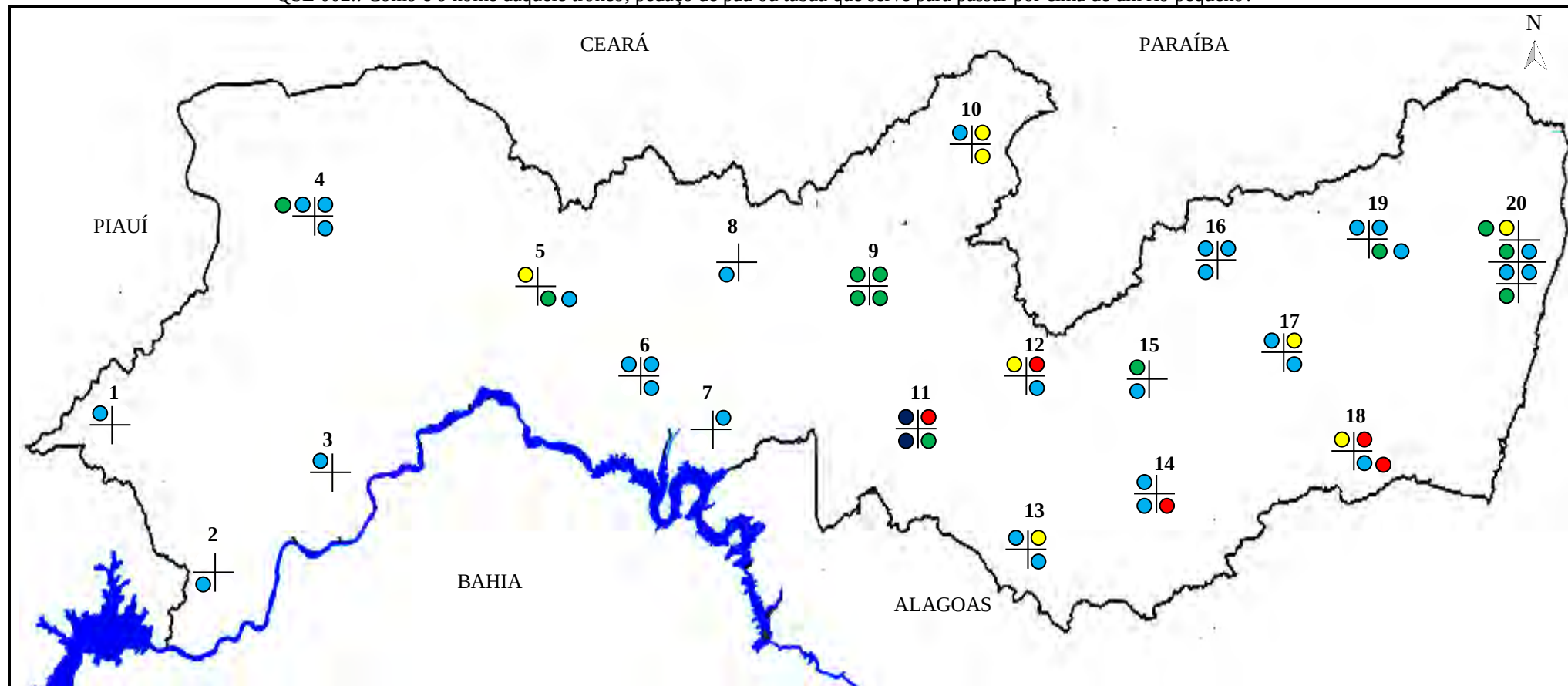
2) A designação ‘barragem’ não foi considerada para a distribuição diatópica, por não corresponder ao esperado, já que os dicionários conceituam esse item como *uma construção que impede a passagem de peixes ou represa a água*. Além de uma ocorrência proferida pela mulher da faixa 1 de Garanhuns (PI 14) e uma proferida pela mulher da faixa 2 de Águas Belas (PI 13), houve três realizações em Tacaratu (PI 07). Os informantes homem faixa 1, mulher faixa 1 e mulher faixa 2 foram os autores dessa resposta no município do Sertão do Estado.

3) Em Tupanatinga (PI 11), os dois informantes da faixa 1 designaram o rio pequeno como ‘poço’, conceituado como o ponto mais profundo do rio.

4) Apenas uma ocorrência para ‘córrego’ coube à informante mulher faixa 2 Ouricuri (PI 04).



QSL 002.: Como é o nome daquele tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um rio pequeno?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km



Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá

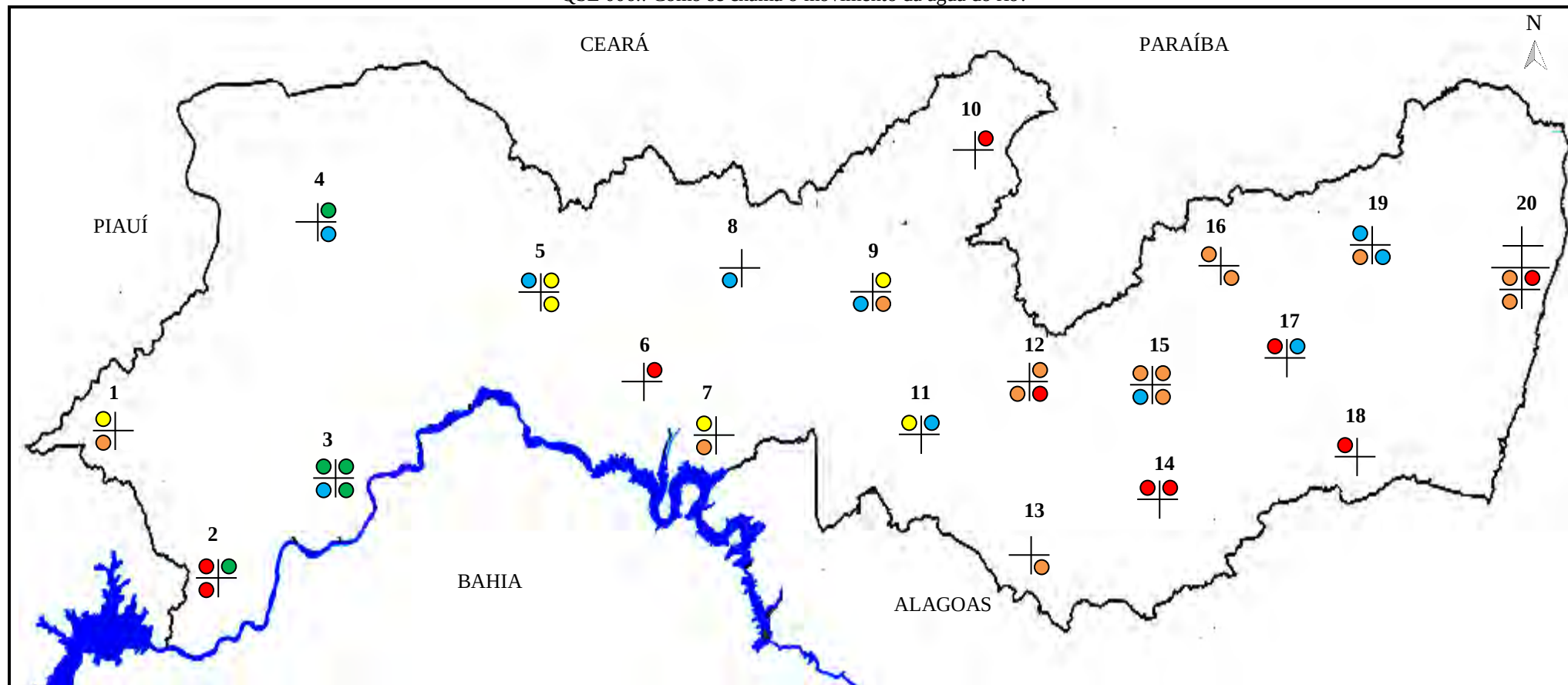
- Ponte
- Pinguela
- Passarela
- Passagem
- Passador

Notas:

- 1) Algumas ocorrências não representam o sema ‘lugar para passagem feito de pau, tronco ou tábua’, mas caracterizam apenas o objeto usado para possibilitar a passagem, sendo, portanto, improdutivas ao objetivo da pergunta, mas repetidamente mencionada pelos informantes:
 - a) Informantes Homem Faixa 1 – Salgueiro (PI 05), Homem Faixas 1 e 2 – Serra Talhada (PI 08), Homem Faixa 1 – Tacaratu (PI 07), Homem Faixa 2 – São Bento do Una (PI 15), Mulher Faixa 1 – Limoeiro (PI 19): pau
 - b) Informantes Homem Faixa 2 – Recife (E.F.) (PI 20), Mulher Faixa 2 – Serra Talhada (PI 08), Mulher Faixa 2 – Taquaritinga do Norte (PI 16): tronco
 - c) Informantes Homem Faixa 2 e Mulher Faixa 1 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03): tábua
 - d) Informante Mulher Faixa 2 – Recife (E.S.) (PI 20): tora
- 2) Na fala do Informante Homem Faixa 2 – Salgueiro (PI 05), registrou-se a variante ‘banguê’



QSL 006.: Como se chama o movimento da água do rio?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km



- Corrente
- Correnteza
- Maré
- Mareta (tá maretando)
- Onda

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá

Notas:

1) Algumas ocorrências pouco produtivas semanticamente foram registradas segundo relação abaixo:

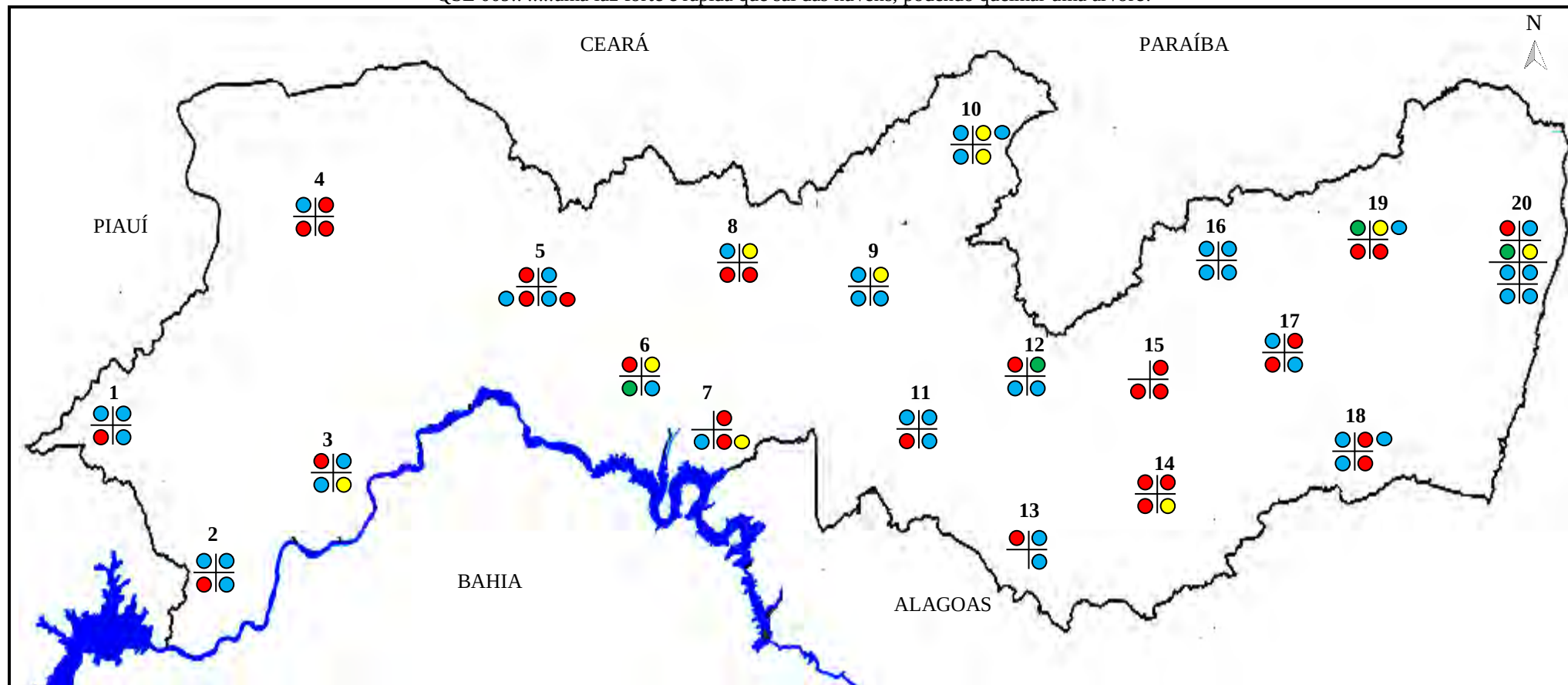
a) Informante Mulher Faixa 2 – Garanhuns (PI 14)	cachoeira
b) Informantes Homem Faixa 2 e Mulher Faixa 2 – Palmares (PI 18)	cachoeira
c) Informante Homem Faixa 2 (E.S.) – Recife (PI 20)	cachoeira
d) Informante Homem Faixa 1 – Ouricuri (PI 04)	‘A água fica parada’
e) Informante Homem Faixa 1 – Serra Talhada (PI 08)	‘A água fica parada’
f) Informante Mulher Faixa 1 – Taquaritinga do Norte (PI 16)	‘A água fica parada’
g) Informantes Mulher Faixa 1 e 2 – Floresta (PI 06)	‘A água desce e escorre’

2) Foram encontradas, também, as seguintes ocorrências únicas:

a) Informante Homem Faixa 2 – Águas Belas (PI 13)	galão
b) Informante Homem Faixa 1 – Arcoverde (PI 12)	curvas
c) Informante Homem Faixa 1 – Custódia (PI 09)	retruço
d) Informante Mulher Faixa 2 – Limoeiro (PI 19)	tromba
e) Informante Mulher Faixa 2 – Recife (E.S.) (PI 20)	‘O rio corre livremente’



QSL 009.: :....uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



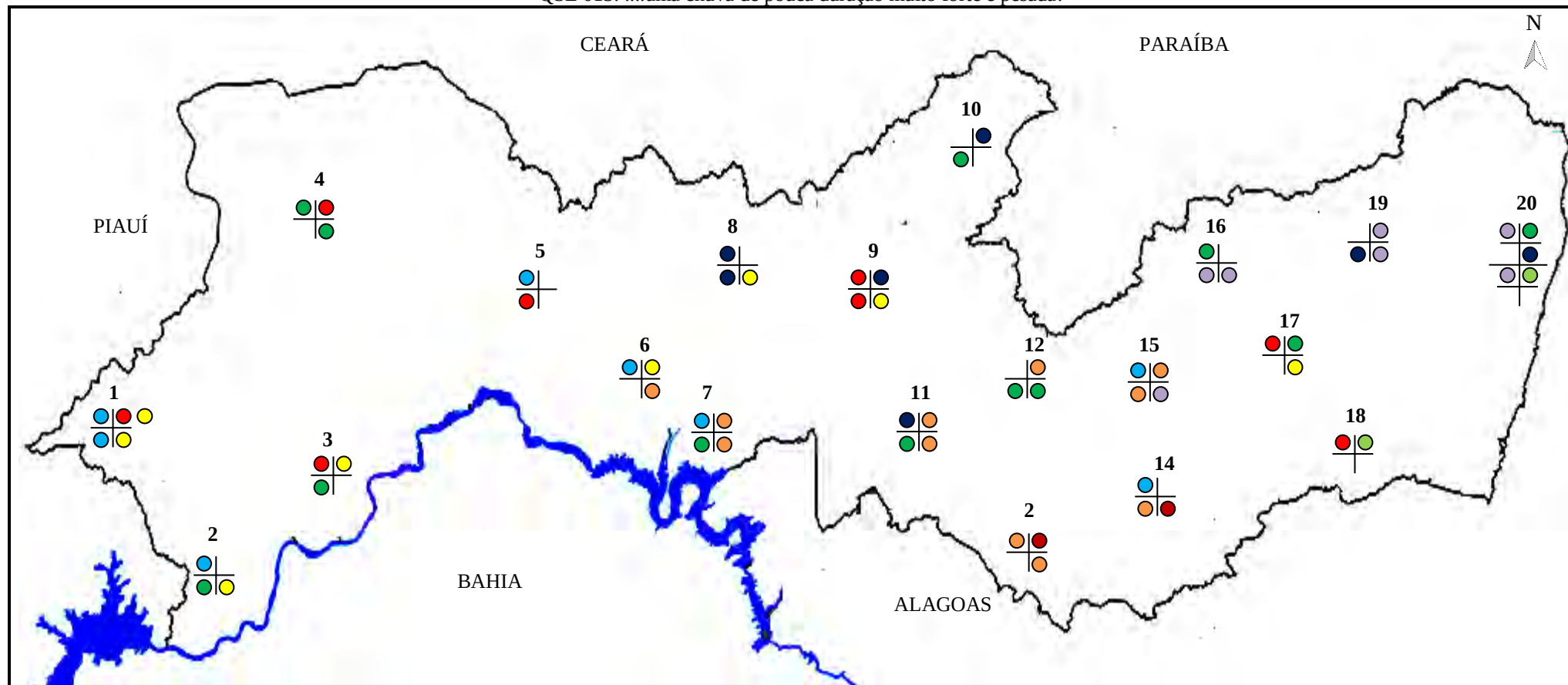
- Raio
- Relâmpago
- Corisco
- Trovão

Ocorrência única:

Informante Homem Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15): bola de fogo



QSL 013: uma chuva de pouca duração muito forte e pesada?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



Chuva de vento	Tempestade
Chuva forte	Toró
Chuva grossa	Tromba d'água
Chuva passageira	Temporal
Trovoada	

Notas:

1) Algumas ocorrências pouco produtivas se encontram registradas abaixo :

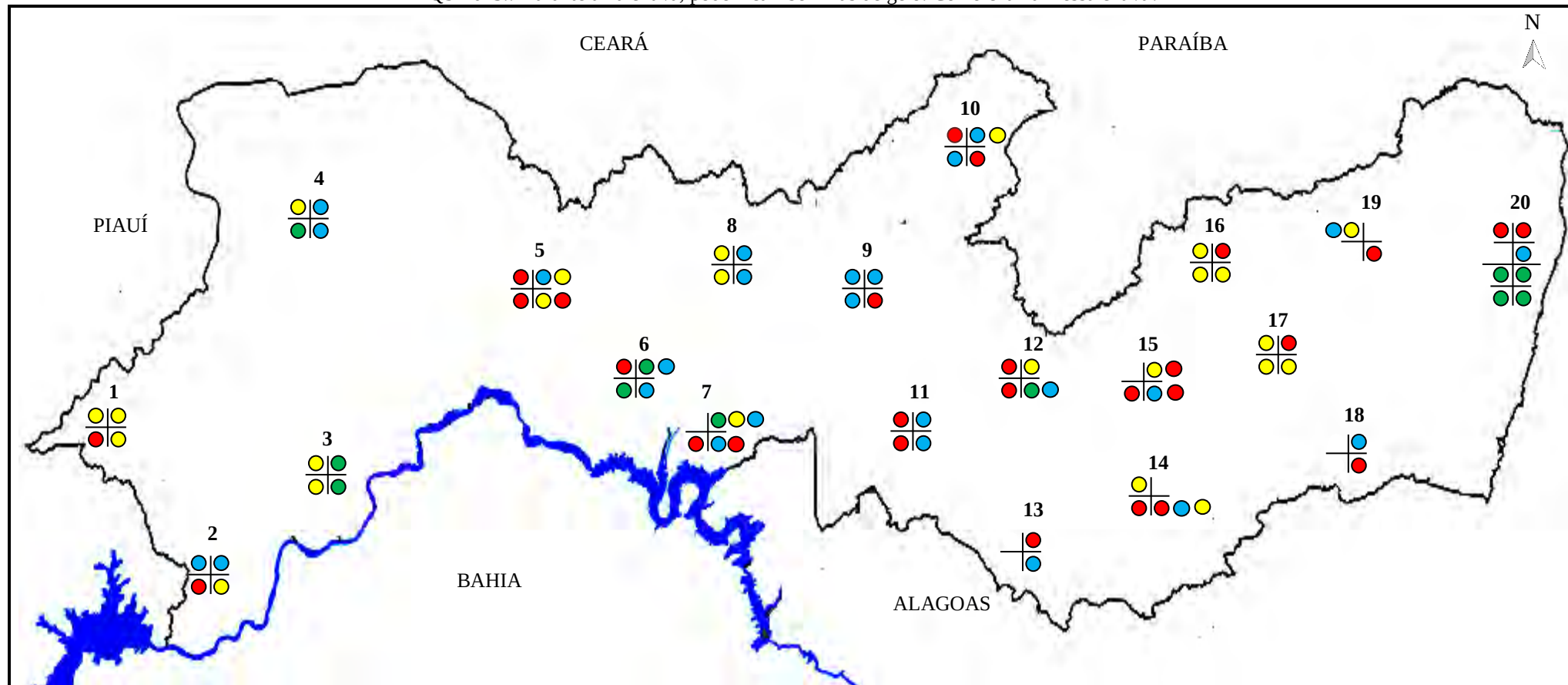
a) Informante Mulher Faixa 1 – Floresta (PI 06)	chuva de pedra
b) Informante Homem Faixa 2 – Salgueiro (PI 05)	chuva de pedra
c) Informante Mulher Faixa 2 – São José do Egito (PI 10)	dilúvio
d) Informante Homem Faixa 2 – Serra Talhada (PI 08)	dilúvio
e) Informante Homem Faixa 2 – Taquaritinga do Norte (PI 16)	dilúvio
f) Informante Mulher Faixa 1 – Recife (E.S.) (PI 20)	chuva de verão
g) Informante Mulher Faixa 2 – Salgueiro (PI 05)	chuva de verão (1ª resp.)

2) As ocorrências únicas foram distribuídas da seguinte maneira:

a) Informante Homem Faixa 2 – Garanhuns (PI 14)	inverno
b) Informante Mulher Faixa 2 – Palmares (PI 18)	chuva quente e fria
c) Informante Mulher Faixa 2 – Recife (E.S.) (PI 20)	vendaval
d) Informante Mulher Faixa 2 – Salgueiro (PI 05)	chuva de rosa (2ª resp)
e) Informante Mulher Faixa 2 – Taquaritinga do Norte (PI 16)	pé-d'água (1ª resp.)



QSL 015.: Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Chuva de pedra
- Chuva de gelo
- Chuva de granito
- Chuva de granizo

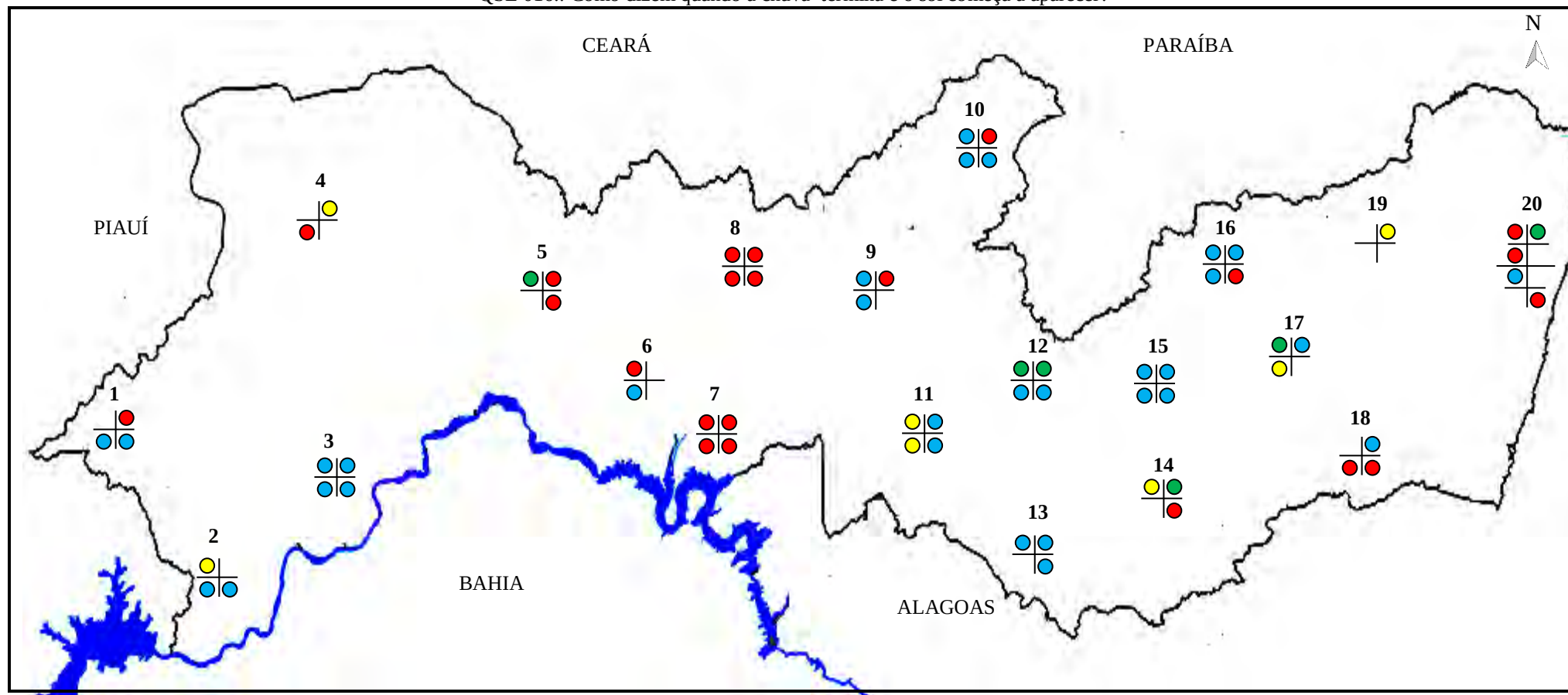
Ocorrências únicas:

Inf. Homem Faixa 2 – Garanhuns (PI 14): tempestade

Inf. Homem Faixa 2 – Limoeiro (PI 19): 'É uma [le'brine].



QSL 016.: Como dizem quando a chuva termina e o sol começa a aparecer?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Blue circle: Estiou
- Red circle: O tempo (mudou, passou, clareou)
- Yellow circle: O sol (saiu, apareceu)
- Green circle: A chuva (parou, passou)

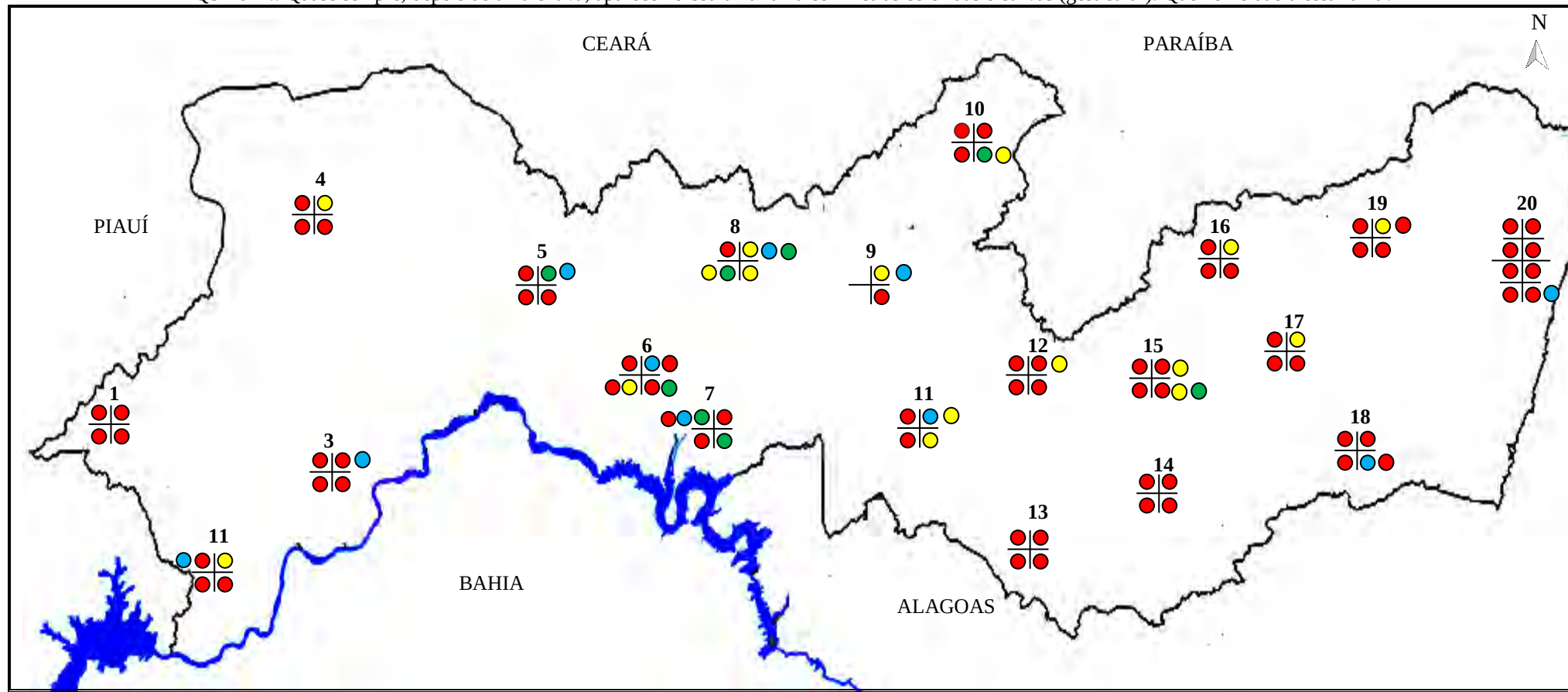
Notas:

- 1) Os informantes Homem Faixa 1 – Floresta (PI 06) e Homem Faixa 2 – Petrolina (PI 02) proferiram a expressão ‘Tá nublado’
- 2) As ocorrências únicas foram distribuídas da seguinte forma:

a) Informante Mulher Faixa 1 – Águas Belas (PI 13)	‘Chegou a primavera’
b) Informante Homem Faixa 1 – Limoeiro (PI 19)	‘É verão’
c) Informante Mulher Faixa 1 – Ouricuri (PI 04)	‘É a passagem de nuvem’
d) Informante Mulher Faixa 2 – Recife (E.S.) (PI 20)	‘Acabou o inverno e começou o verão’
e) Informante Mulher Faixa 1 – Salgueiro (PI 05)	Inverno
- 3) A expressão ‘casamento da raposa’ foi mencionada como 1ª ou 2ª resposta dos informantes de *Afrânio, Arcoverde, Caruaru, Floresta, Garanhuns, Limoeiro, Palmares, Recife, Salgueiro* e *Santa Maria da Boa Vista*, totalizando 15,6% do total. No entanto, optou-se por não considerar a expressão na cartografia dos dados, já que a mesma não se relaciona semanticamente às questões climáticas exigidas pela pergunta, mas à lembrança de uma história de tradição oral. Da mesma forma, não foi cartografado o item ‘chuva e sol’ registrado em inquéritos de *Ouricuri, Floresta, Custódia* e *Limoeiro*, que simboliza não a interrupção do primeiro fenômeno, mas a manutenção dos dois.



QSL 017.: Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (gesticular). Que nome dão a essa faixa?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Arco
- Arco-íris
- Arco-celeste
- Olho-de-boi

Notas:

1) As ocorrências menos produtivas foram catalogadas, conforme distribuição abaixo:

a) Informante Homem Faixa 2 – Caruaru (PI 17)

‘É um [ɛ'klipe].’

b) Informante Homem Faixa 2 – Taquaritinga do Norte (PI 16)

‘Tem um [ɛ'klipi].’

2) Ocorrências únicas foram mencionadas pelos seguintes informantes:

a) Informante Homem Faixa 1 – Custódia (PI 09)

arco-flecha

b) Informante Mulher Faixa 2 – Ouricuri (PI 04)

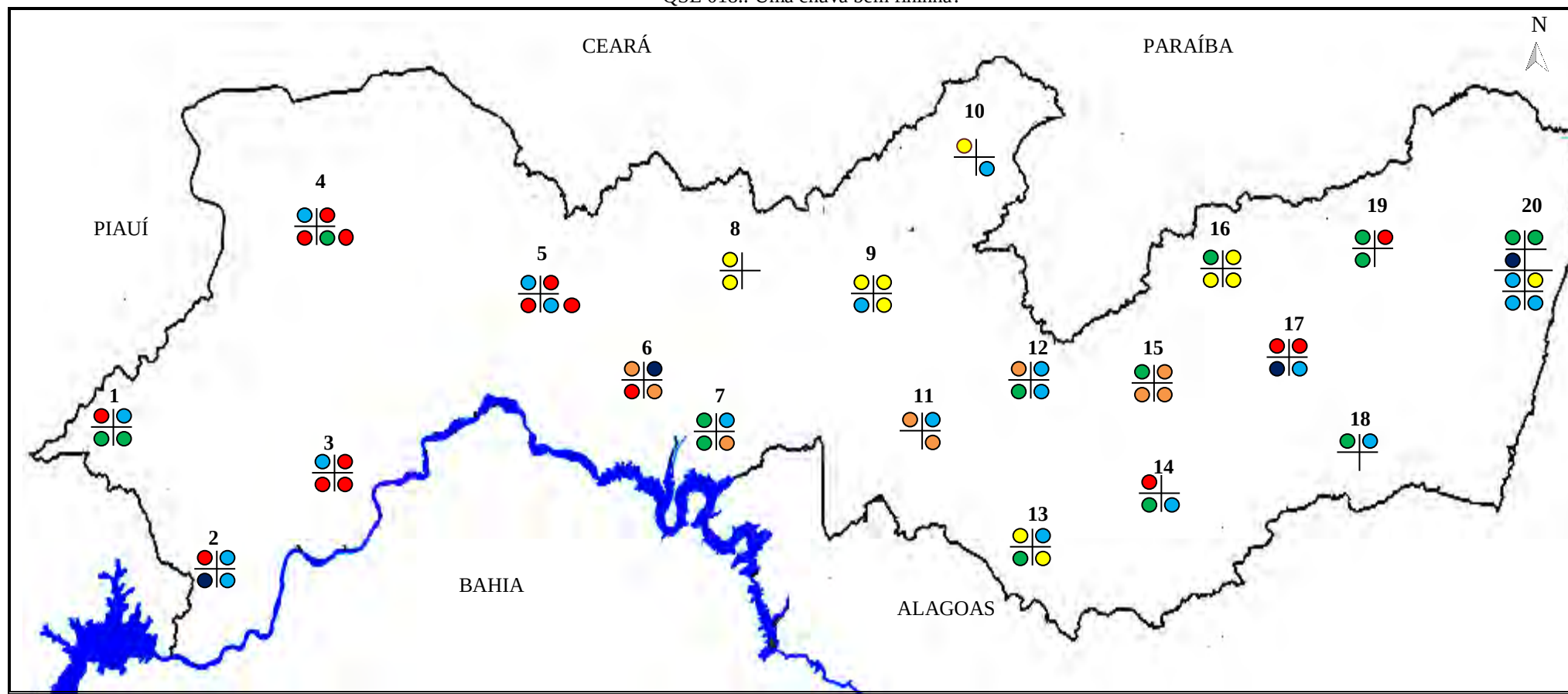
arco-da-aliança (2ª resp.), réstia de luz (3ª resp.)

c) Informante Mulher Faixa 2 – Tacaratu (PI 07)

‘Eu conheço por véu’.



QSL 018.: Uma chuva bem fininha?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Garoa
- Chuvisco
- Neblina / Lebrina
- Sereno
- Chuva (fina, fraca)
- Chuva de inverno

Notas:

1) Foram encontradas as seguintes ocorrências únicas:

a) Informante Mulher Faixa 2 – Limoeiro (PI 19)

nevoeiro

b) Informante Mulher Faixa 2 – Palmares (PI 18)

chuva quente e fria

c) Informante Homem Faixa 2 – São José do Egito (PI 10)

neve

d) Informante Homem Faixa 2 – Serra Talhada (PI 08)

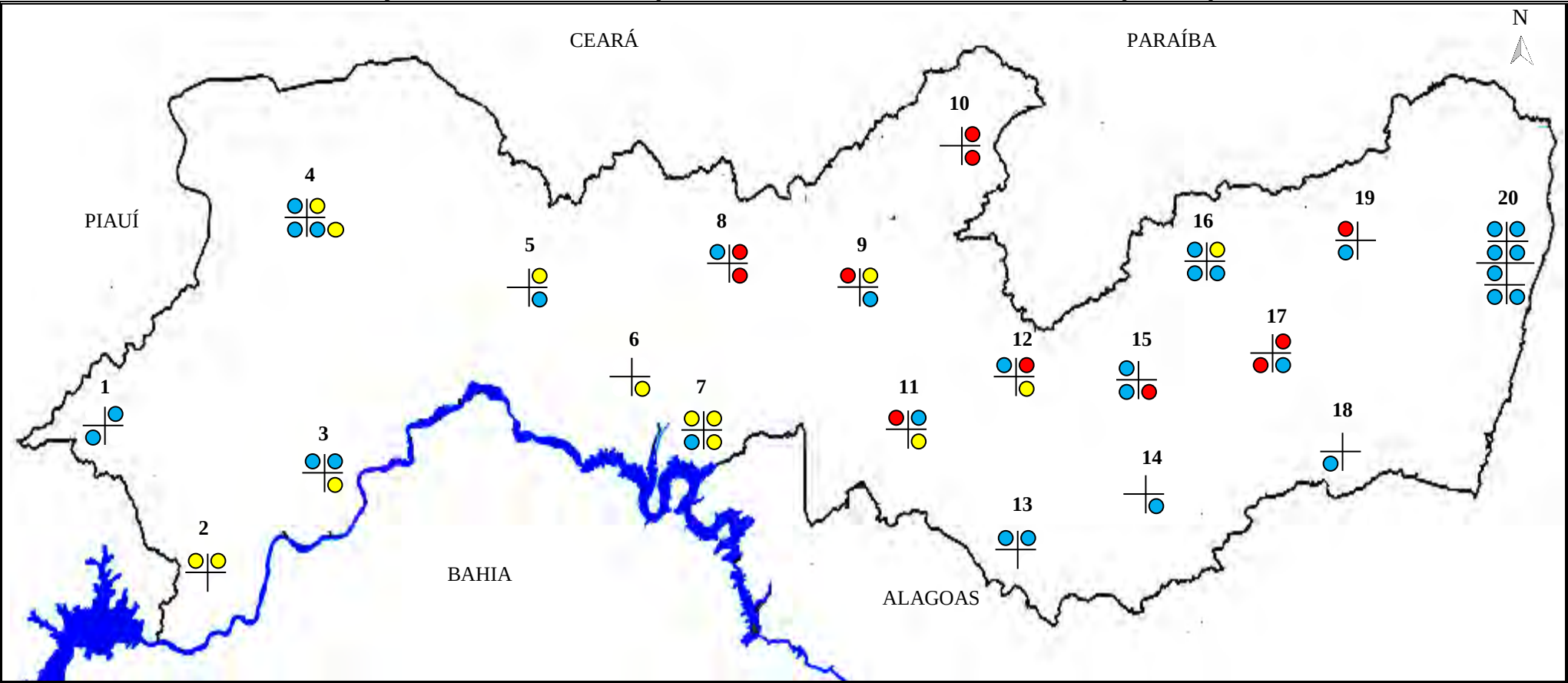
‘É um [ro'vajo]’.

e) Informante Mulher Faixa 2 – Serra Talhada (PI 08)

chuveirinho



QSL 019.: Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



● Úmida
● Ensombrada
● Zarolha

Notas:

1) As ocorrências menos produtivas foram agrupadas, conforme distribuição abaixo:

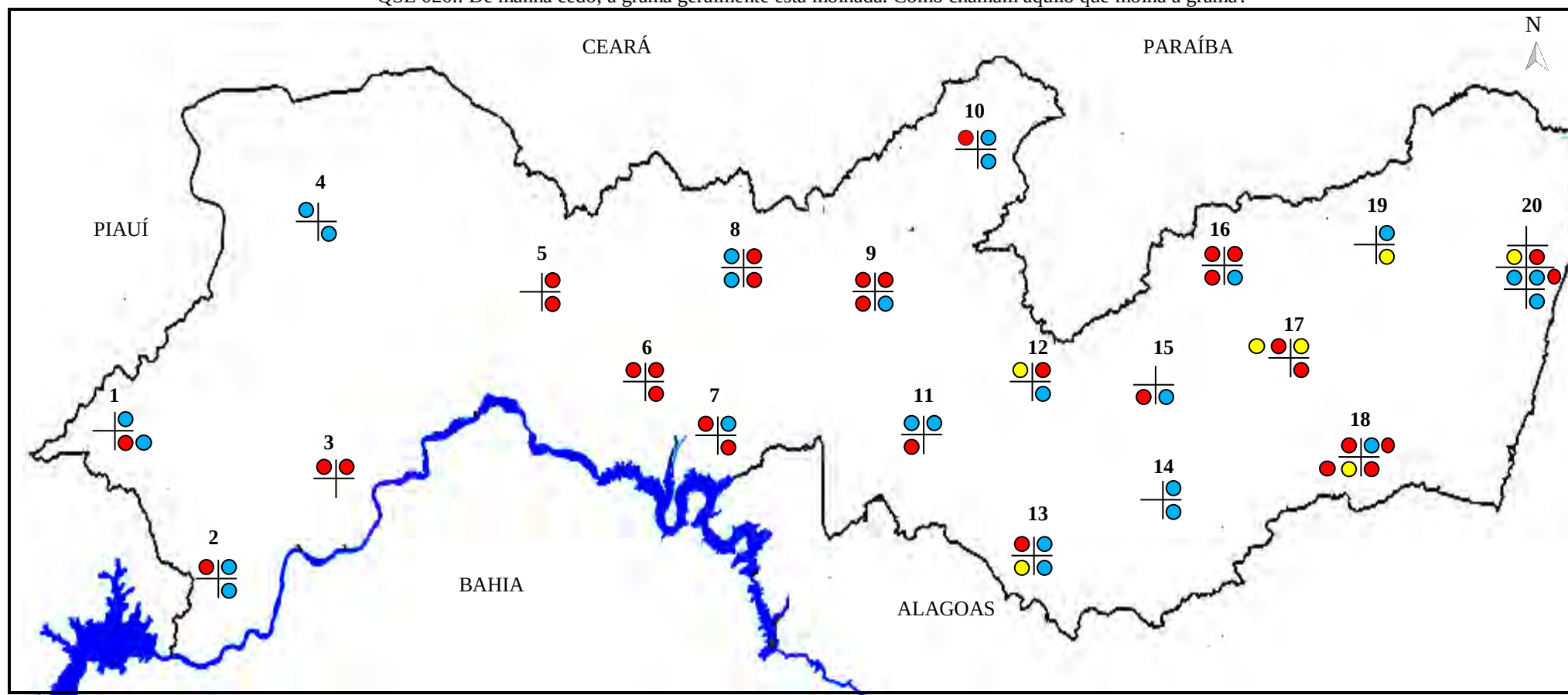
a) Informante Mulher Faixa 2 – Afrânio (PI 01)	seca
b) Informante Mulher Faixa 1 – Águas Belas (PI 13)	seca
c) Informante Homem Faixa 1 – Caruaru (PI 17)	molhada
d) Informante Homem Faixa 2 – Limoeiro (PI 19)	molhada
e) Informante Mulher Faixa 1 – Salgueiro (PI 05)	molhada

2) Abaixo, são distribuídas as ocorrências únicas:

a) Informante Mulher Faixa 2 – Águas Belas (PI 13)	barrufada
b) Informante Mulher Faixa 1 – Arcoverde (PI 12)	chuva pra poeira baixar
c) Informante Mulher Faixa 1 – Custódia (PI 09)	cheia de bolinha
d) Informante Homem Faixa 1 – Floresta (PI 06)	chuva normal
e) Informante Homem Faixa 1 – Garanhuns (PI 14)	ensopada
f) Informante Homem Faixa 2 – Garanhuns (PI 14)	enxaguada
g) Informante Mulher Faixa 2 – Limoeiro (PI 19)	rachada
h) Informante Homem Faixa 1 – Palmares (PI 18)	quente (1ª resp.), normal (2ª)
i) Informante Mulher Faixa 2 – Palmares (PI 18)	quente e fria
j) Informante Homem Faixa 2 – São Bento do Una (PI 15)	arejada
k) Informante Mulher Faixa 1 – Serra Talhada (PI 08)	‘Fica o barrufo da terra.’
l) Informante Mulher Faixa 1 – Tupanatinga (PI 11)	encharcada



QSL 020.: De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



● Orvalho
● Sereno
● Neblina

Notas:

1) Houve algumas ocorrências para a designação ‘neve’, conforme encontrado na fala dos seguintes informantes:

- a) Informante Mulher Faixa 1 – Afrânio (PI 01)
- b) Informante Mulher Faixa 1 – Caruaru (PI 17)
- c) Informante Homem Faixa 2 – Ouricuri (PI 04)
- d) Informante Mulher Faixa 2 – Tupanatinga (PI 11)

2) Foram encontradas ocorrências únicas para os seguintes informantes:

- a) Informante Homem Faixa 1 – Afrânio (PI 01)
- b) Informante Mulher Faixa 1 – Arcoverde (PI 12)
- c) Informante Mulher Faixa 1 – Recife (E.S.) (PI 20)
- d) Informante Homem Faixa 1 – São Bento do Una (PI 13)
- e) Informante Mulher Faixa 1 – São José do Egito (PI 10)
- f) Informante Mulher Faixa 2 – Serra Talhada (PI 08)

bico

‘A terra fica [lõ'bradɐ]’.

garoa

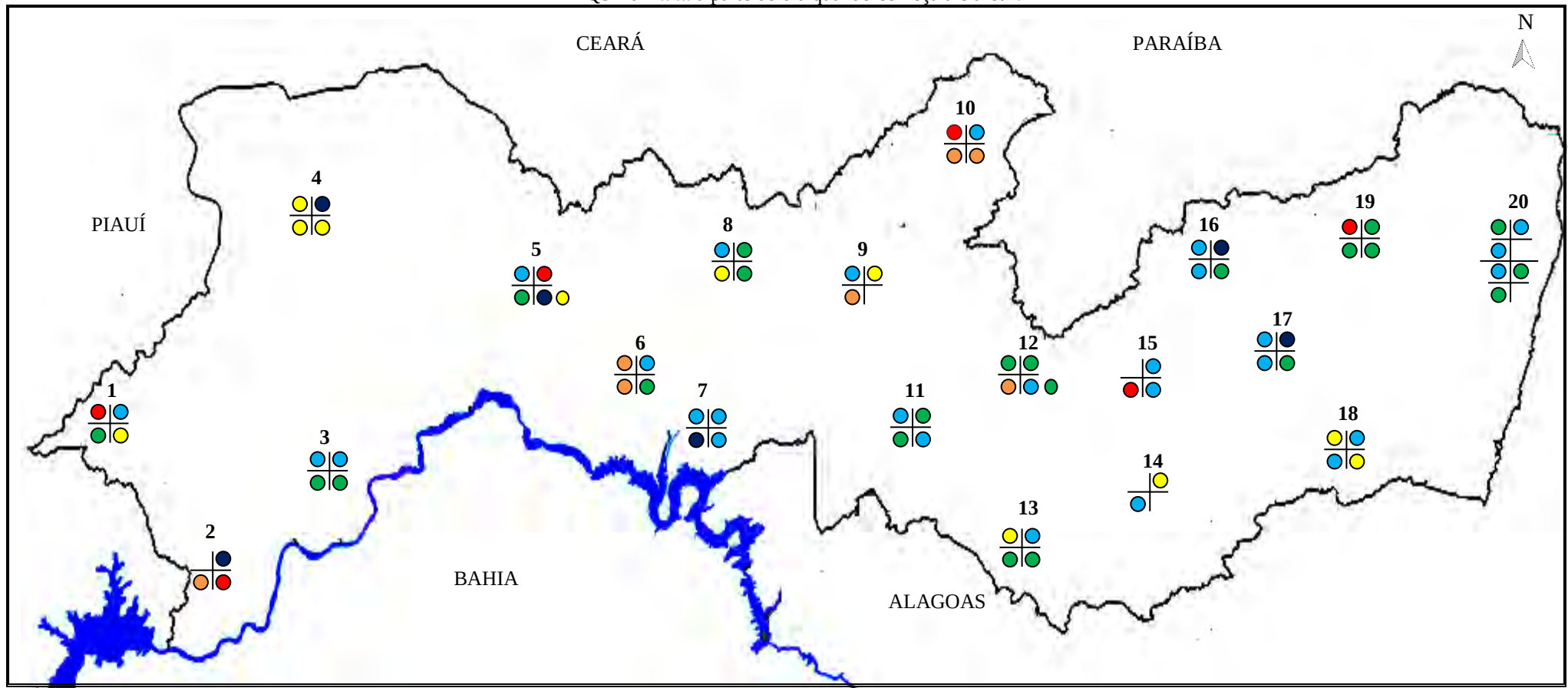
pingo de chuva

‘A terra tá molhada’

uma geadazinha



QSL 022.: ... a parte do dia quando começa a clarear?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Manhã
- Madrugada
- Quando o sol nasce
- Quando o dia amanhece
- Bem cedo
- Tá clareando

Notas:

1) Foram encontradas as seguintes ocorrências únicas:

a) Informante Homem Faixa 1 – Caruaru (PI 17)

‘É como um [kɾ'larɔ] do dia.’

b) Informante Homem Faixa 2 – Limoeiro (PI 19)

romper do dia

c) Informante Homem Faixa 1 – Petrolina (PI 02)

barra do dia

d) Informante Mulher Faixa 2 – Recife (E.S.) (PI 20)

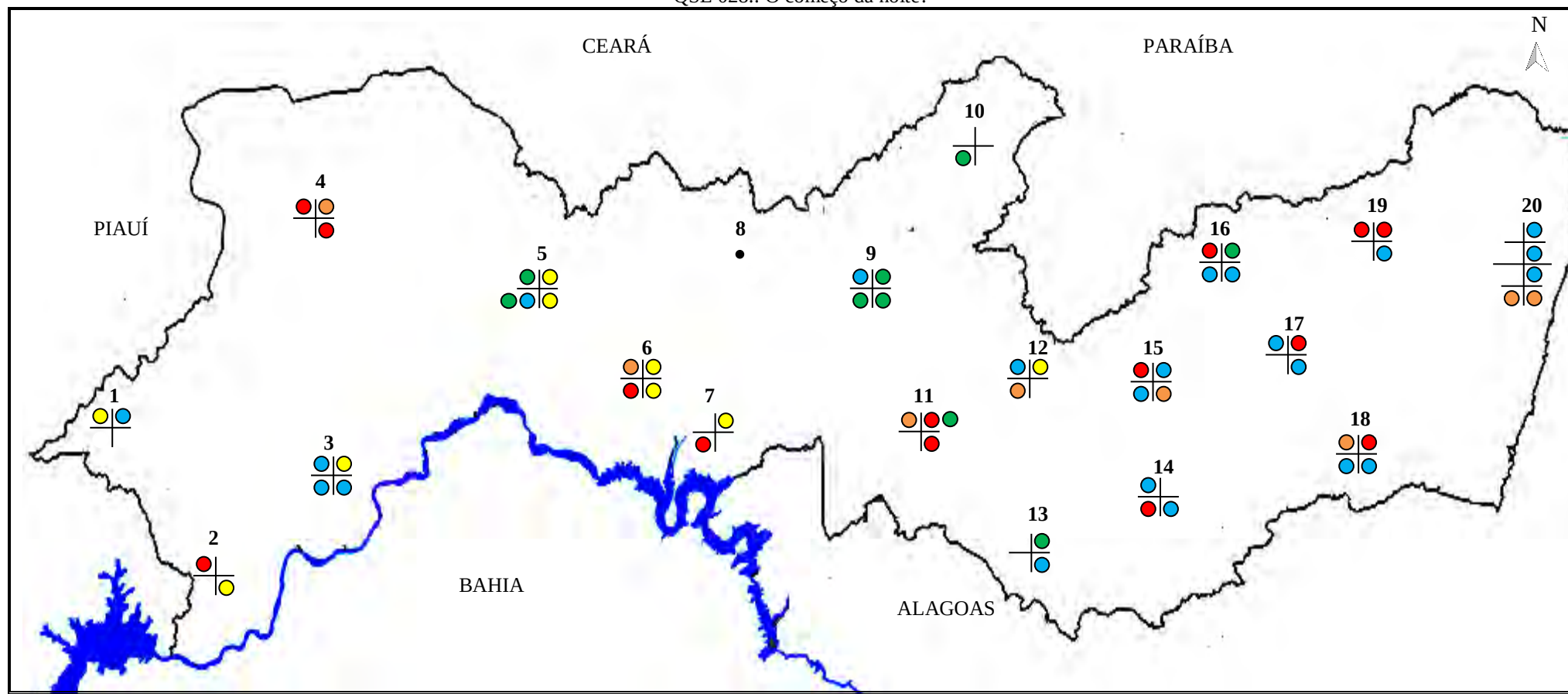
aurora

e) Informante Homem Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15)

‘É noite.’



QSL 028.: O começo da noite?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Anoitecer
- Tá de noite
- Boca da noite
- Escurecer (escuridão)
- Tardezinha

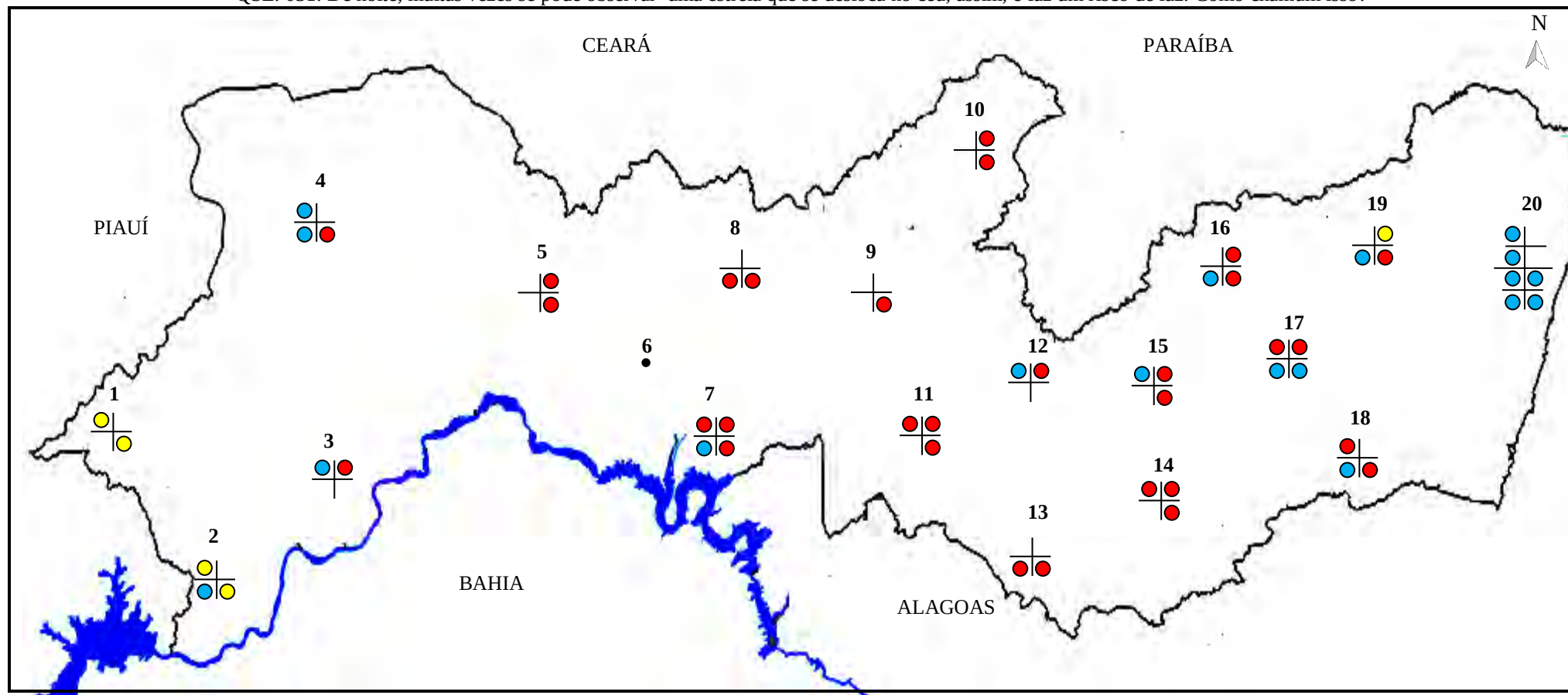
Notas:

As ocorrências únicas foram distribuídas da seguinte forma:

a) Informante Homem Faixa 1 – Águas Belas (PI 13)	o começo da noite
b) Informante Mulher Faixa 2 – São José do Egito (PI 10)	o fim do dia
c) Informante Homem Faixa 1 – Serra Talhada (PI 08)	o final da tarde
d) Informante Mulher Faixa 2 – Tacaratu (PI 07)	‘Tá terminando o dia.’
e) Informante Mulher Faixa 2 – Taquaritinga do Norte (PI 16)	pé-d’água (1ª resp.)



QSL. 031: De noite, muitas vezes se pode observar uma estrela que se desloca no céu, assim, e faz um risco de luz. Como chamam isso?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Estrela cadente
- Estrela se mudando
- Zelação / relação / revelação

Notas:

1) As ocorrências menos produtivas foram relacionadas da seguinte forma:

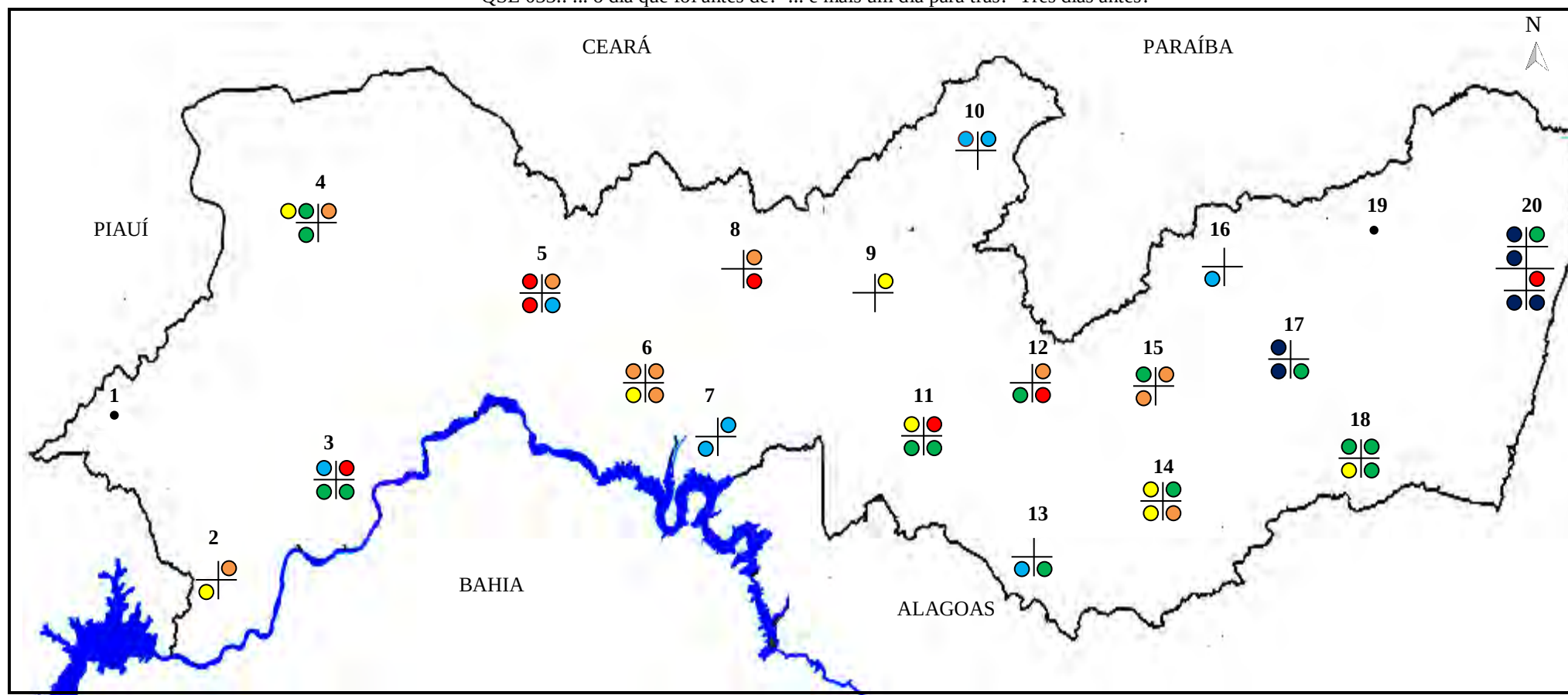
a) Informante Mulher Faixa 2 – Arcoverde (PI 12)	estrela-guia
b) Informante Homem Faixa 2 – Custódia (PI 09)	papa-ceia
c) Informante Homem Faixa 2 – Serra Talhada (PI 08)	papa-ceia
d) Informante Mulher Faixa 2 – Floresta (PI 06)	estrela-guia
e) Informante Homem Faixa 1 – Custódia (PI 09)	estrela-d'alva
f) Informante Homem Faixa 2 – Palmares (PI 18)	estrela-d'alva
g) Informante Mulher Faixa 2 E.F. – Recife (PI 20)	estrela-d'alva

2) Também foram encontradas as seguintes ocorrências únicas:

a) Informante Homem Faixa 2 – Floresta (PI 06)	cruzeiro
b) Informante Homem Faixa 1 – Limoeiro (PI 19)	cometa
c) Informante Homem Faixa 2 – Limoeiro (PI 19)	raio satélite (2ª resp.)
d) Informante Homem Faixa 2 – Petrolina (PI 02)	Deus te guie!
e) Informante Homem Faixa 2 – Recife (E.F.) (PI 20)	‘Ela pula de um lado pra outro’.
f) Informante Mulher Faixa 2 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03)	raio



QSL 033.: ... o dia que foi antes de? ... e mais um dia para trás? Três dias antes?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Anteontem ● Antes de ontem de ontem
- Ontonte (onteonte) [õ'tõtɪ]/[õtɛ'õtɪ]
- Antes de ontonte
- Antes de ontem
- Ternantonte (dernantonte)

Notas:

1) Os informantes Homem Faixa e Homem Faixa 2 – Taquaritinga do Norte (PI 16) responderam ‘Faz dois dias.’

2) Foram encontradas as seguintes ocorrências únicas:

a) Informante Mulher Faixa 1 – Custódia (PI 09)

depois de ontante

b) Informante Mulher Faixa 2 – Custódia (PI 09)

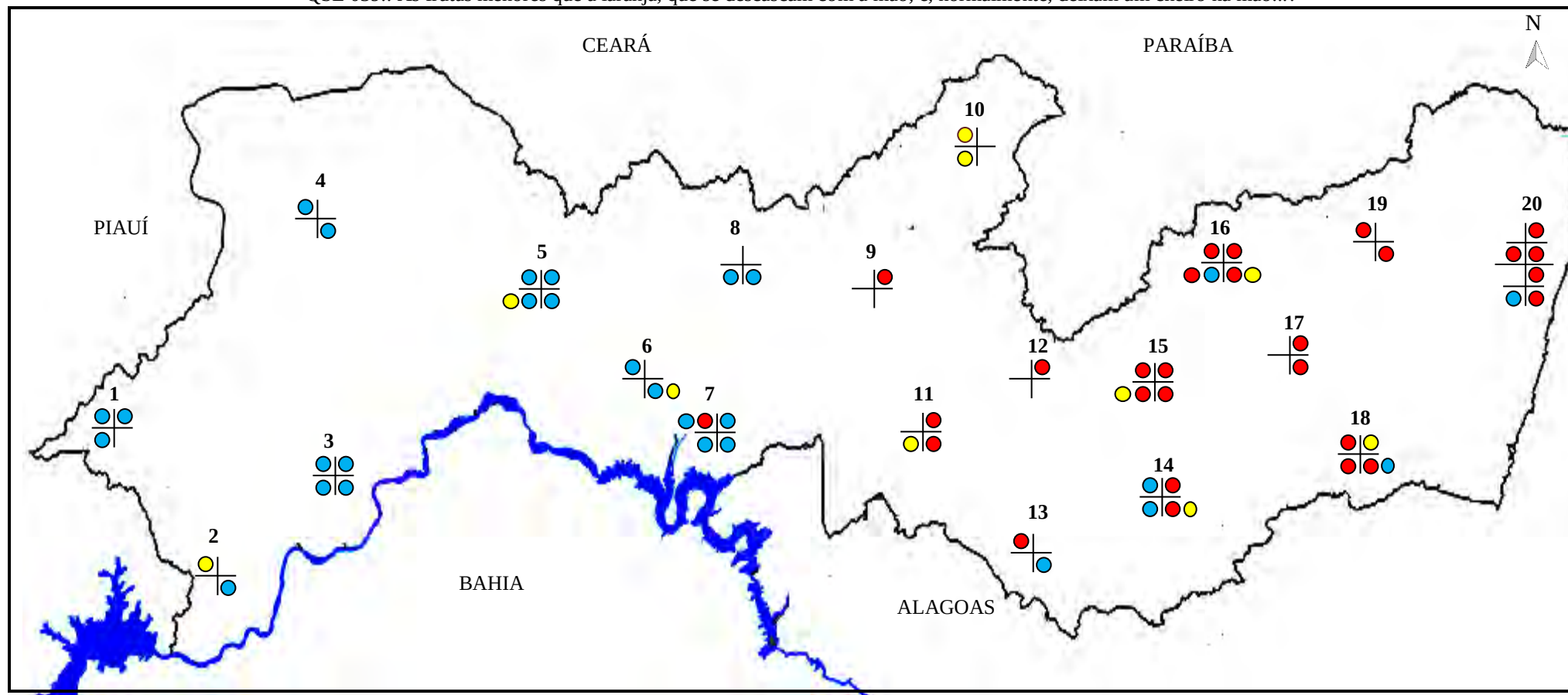
‘Tá com três dias.’

c) Informante Homem Faixa 2 – Limoeiro (PI 19)

o dia anterior



QSL 039.: As frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão...?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



● Tangerina
● Laranja-cravo
● Mexerica

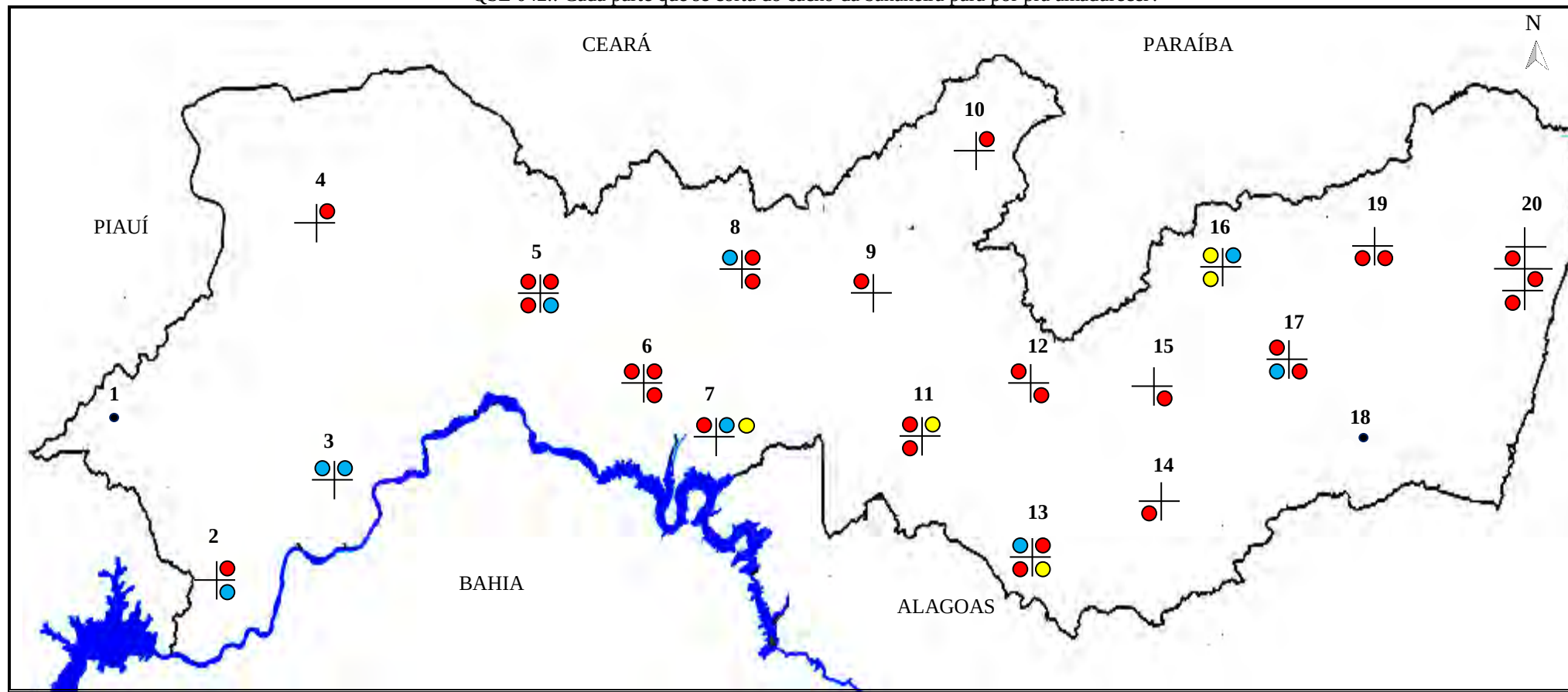
Respostas pouco produtivas:

Inf. Mulher Faixa 1 Custódia (PI 09): mimo-do-céu

Inf. Homem Faixa 1 Recife(E.S.) (PI 20):mimo-do-céu



QSL 042.: Cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr pra amadurecer?



homem faixa 1  homem faixa 2
mulher faixa 1  mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



 Penca
 Cacho
 Palma

Notas:

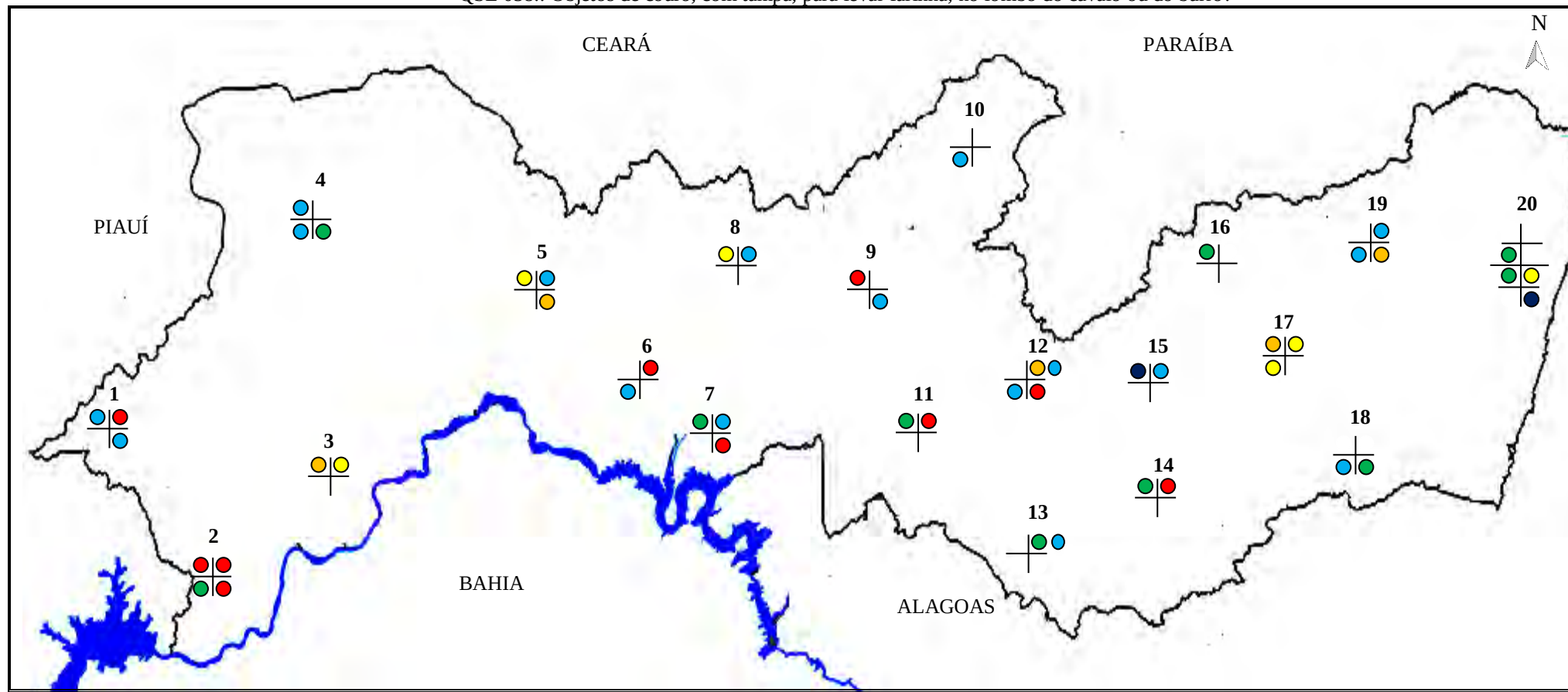
- 1) Um percentual reduzido de ocorrências coube à resposta ‘mangará’, proferida pelos seguintes informantes:
 - a) Informante Homem Faixa 2 – Arcoverde (PI 12)
 - b) Informante Homem Faixa 2 – Custódia (PI 09)
 - c) Informante Mulher Faixa 2 – Ouricuri (PI 04)
 - d) Informante Mulher Faixa 2 (E.F.) – Recife (PI 20)
- 2) Registraram-se duas ocorrências de ‘olho da banana’ para o informante Homem Faixa 2 – Garanhuns (PI 14) e para o informante Mulher Faixa 2 – Tacaratu (PI 07), como 2ª resposta.
- 3) Também foram encontradas as seguintes ocorrências únicas:

a) Informante Mulher Faixa 2 – Afrânio (PI 01)	caule
b) Informante Homem Faixa 1 – Limoeiro (PI 19)	pé
c) Informante Homem Faixa 1 – Palmares (PI 18)	nó
d) Informante Mulher Faixa 1 – São José do Egito (PI 10)	galho
e) Informante Mulher Faixa 2 – Tacaratu (PI 07)	maracá
- 4) Observação:

Ao levar em conta as ocorrências de *mangará*, *maracá* e *olho da bananeira*, percebe-se uma divergência semântica, causada talvez pelo desconhecimento da resposta ou pela falta de compreensão da pergunta, uma vez que os termos em questão representam *a extremidade bulbosa e roxa da inflorescência da bananeira* e não *o conjunto de frutos que, geralmente, se coloca para amadurecer*. Da mesma forma, ocorreram em grande quantidade os itens *tronco* e *talo*, que também não possuem a representação semântica esperada para a resposta à pergunta.



QSL 058.: Objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?



homem faixa 1 ○ | ○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○ | ○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Mala
- Alforje
- Caçua de couro
- Bolsa
- Baú
- Mochila

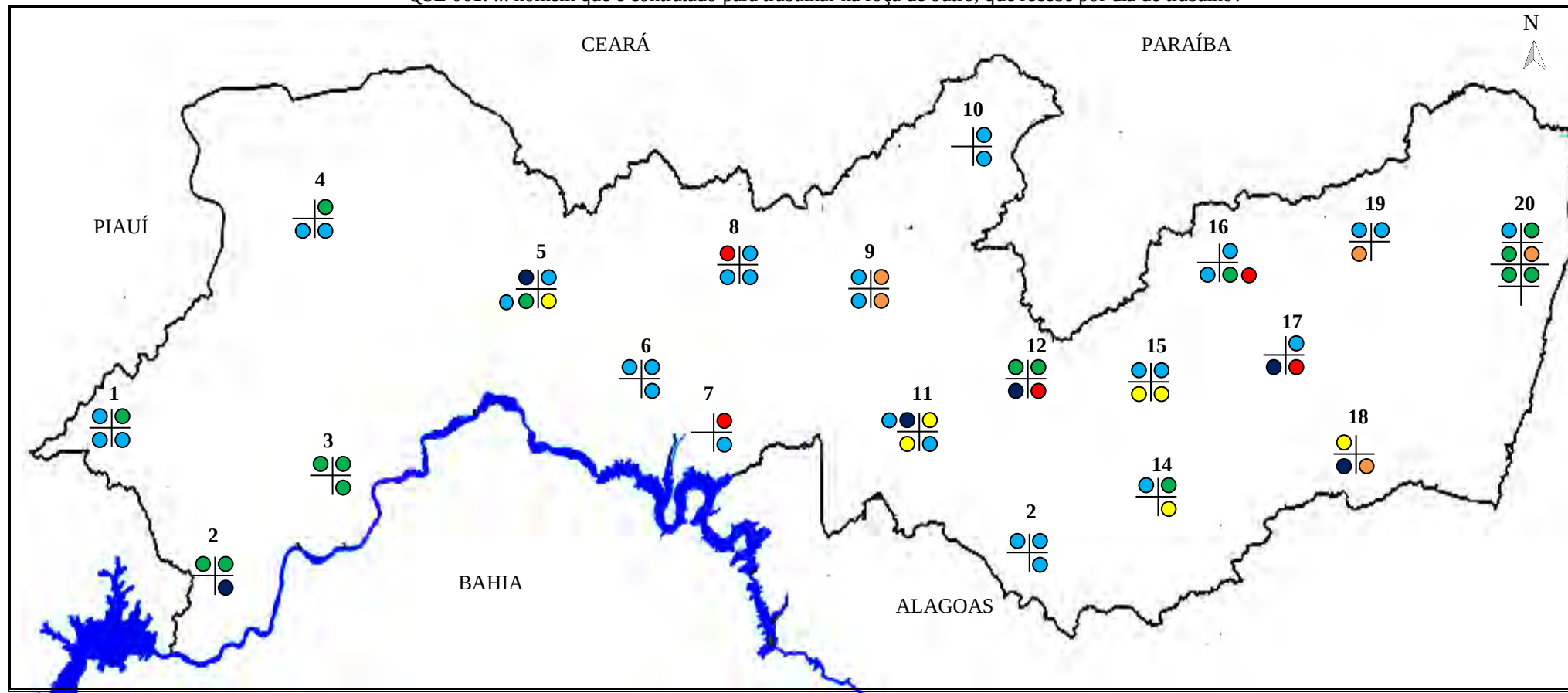
Notas:

1) As ocorrências únicas foram distribuídas conforma organização abaixo:

a) Informante Homem Faixa 1 – Águas Belas (PI 13)	cocho
b) Informante Homem Faixa 1 – Arcoverde (PI 12)	saco
c) Informante Mulher Faixa 1 – Caruaru (PI 17)	bisaco (2ª resp.)
d) Informante Homem Faixa 2 – Custódia (PI 09)	coronha
e) Informante Mulher Faixa 2 – Floresta (PI 06)	bornal
f) Informante Homem Faixa 2 – Ouricuri (PI 04)	anca
g) Informante Homem Faixa 1 – Palmares (PI 18)	bagageiro
h) Informante Homem Faixa 2 – Palmares (PI 18)	caçamba
i) Informante Homem Faixa 2 – São Bento do Una (PI 15)	corona
j) Informante Mulher Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15)	balaio
k) Informante Homem Faixa 1 – São José do Egito (PI 10)	mochila
l) Informante Homem Faixa 2 – São José do Egito (PI 10)	almocrevo
m) Informante Homem Faixa 2 – Taquaritinga do Norte (PI 16)	subcapa de cangalha



QSL 061: ... homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Trabalhador
- Trabalhador de alugado
- Trabalhador a dia
- Diarista
- Agricultor
- Empregado

Notas:

- 1) Algumas das designações cartografadas não possuem os semas esperados ‘trabalhador na roça’, ‘contrato por dia’, como *trabalhador*, *agricultor* e *empregado*, mas representam a realidade do informante, natural de municípios de elevado predomínio rural, o que resulta na generalização de conceitos. Os casos abaixo têm a mesma compreensão:

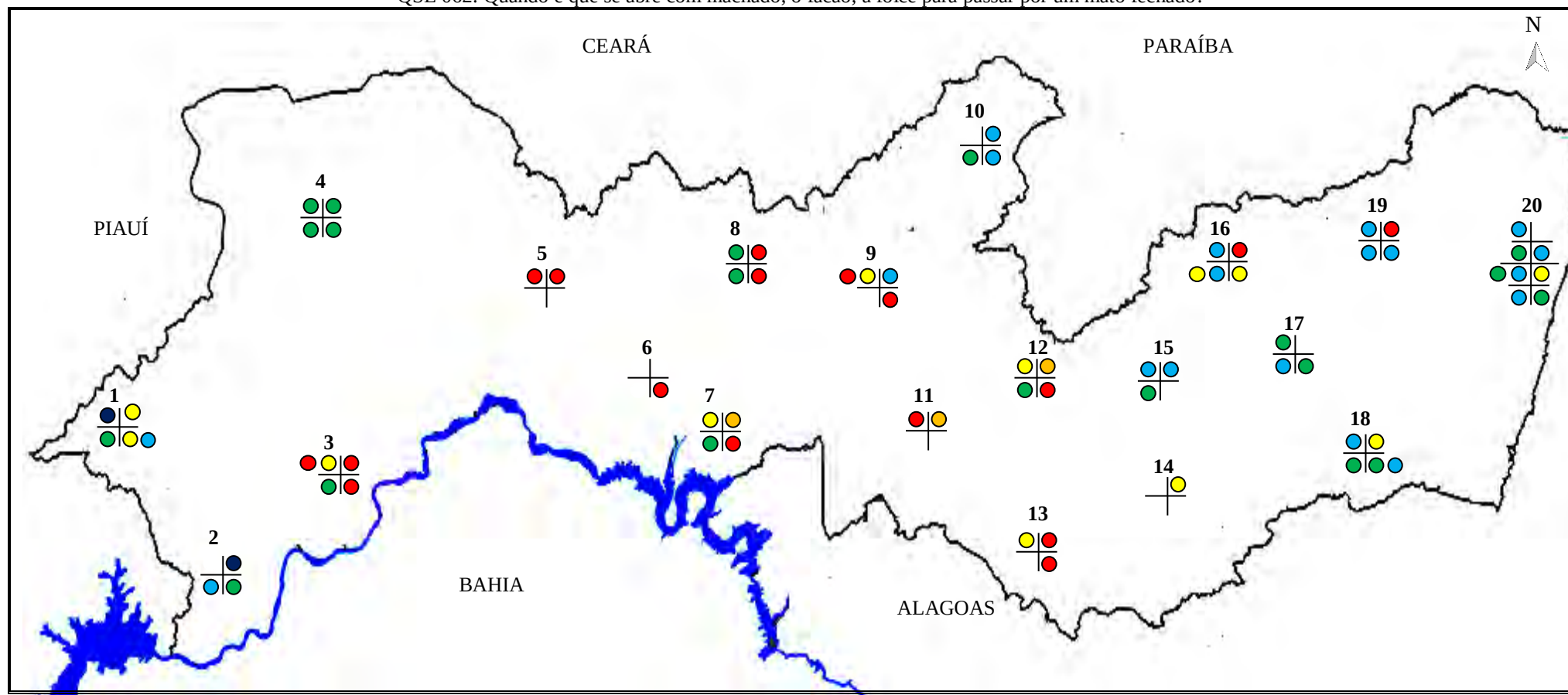
a) Informante Mulher Faixa 1 – Águas Belas (PI 13)	ajudante
b) Informante Homem Faixa 1 – Caruaru (PI 17)	ajudante
c) Informante Mulher Faixa 1 – Garanhuns (PI 14)	ajudante
d) Informante Homem Faixa 2 – Palmares (PI 18)	peão
e) Informante Mulher Faixa 2 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03)	peão
f) Informantes Homem Faixa 1 e Mulher Faixa 1 – Tacaratu (PI 07)	peão
g) Informante Mulher Faixa 2 – Recife (E.F.) (PI 20)	boia-fria (2 ^a resp.)
h) Informante Mulher Faixa 1 – Recife (E.S.) (PI 20)	boia-fria
i) Informante Mulher Faixa 2 – Recife (E.S.) (PI 20)	boia-fria

- 2) As ocorrências podem ser observadas na seguinte relação:

a) Informante Mulher Faixa 2 – Limoeiro (PI 19)	funcionário
b) Informante Homem Faixa 1 – Ouricuri (PI 04)	servente
c) Informante Mulher Faixa 1 – Petrolina (PI 02)	carpinteiro
d) Informante Mulher Faixa 1 – São José do Egito (PI 10)	faz a empreitada e recebe
e) Informante Homem Faixa 1 – Taquaritinga do Norte (PI 16)	limpador de mato



QSL 062: Quando é que se abre com machado, o facão, a foice para passar por um mato fechado?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Caminho
- Vareda / varedo / vereda
- Trilha
- Mato
- Picada
- Carreiro

Notas:

1) As ocorrências que divergem da resposta esperada foram agrupadas na distribuição abaixo:

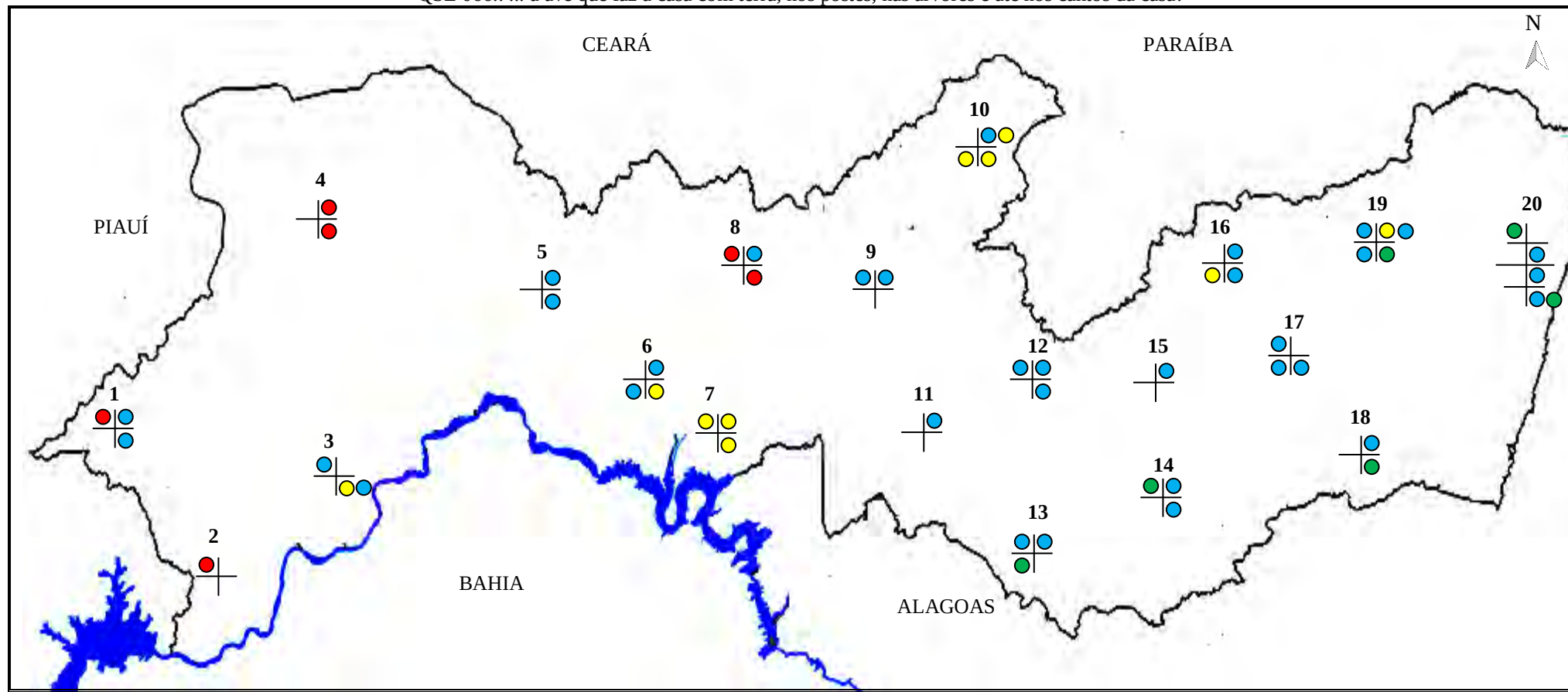
a) Informante Mulher Faixa 2 – Águas Belas (PI 13)	estrada
b) Informante Mulher Faixa 1 – Floresta (PI 06)	estrada
c) Informante Mulher Faixa 2 – Garanhuns (PI 14)	estrada
d) Informante Homem Faixa 2 – Petrolina (PI 02)	variante
e) Informante Mulher Faixa 2 – Salgueiro (PI 05)	variante
f) Informante Mulher Faixa 2 – Tupanatinga (PI 11)	broca
g) Informante Mulher Faixa 2 – Ouricuri (PI 04)	broca (2ª resp.)
h) Informante Homem Faixa 1 – São José do Egito (PI 10)	roçado
i) Informante Mulher Faixa 1 – Custódia (PI 09)	roçado
j) Informante Mulher Faixa 1 – Tupanatinga (PI 11)	roçado
k) Informante Mulher Faixa 2 – São Bento do Una (PI 15)	roçadeira

2) Abaixo estão relacionadas as respostas com ocorrências realizadas apenas uma vez.

a) Informante Homem Faixa 1 – Floresta (PI 06)	valeta
b) Informante Mulher Faixa 1 – Garanhuns (PI 14)	passagem
c) Informante Homem Faixa 2 – Recife (E.F.) (PI 20)	clareira
d) Informante Homem Faixa 2 – Recife (E.S.) (PI 20)	fenda (2ª resp.)



QSL 066.: ... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- João-de-barro
- Joana-de-barro
- Maria-de-barro
- Pica-pau

Notas:

1) O sema ‘casa de barro’ parece não estar presente em algumas respostas, designando, assim, outras aves que fazem parte do repertório do informante como o bem representado item ‘pica-pau’ e outras designações, menos documentadas, conforme relação abaixo:

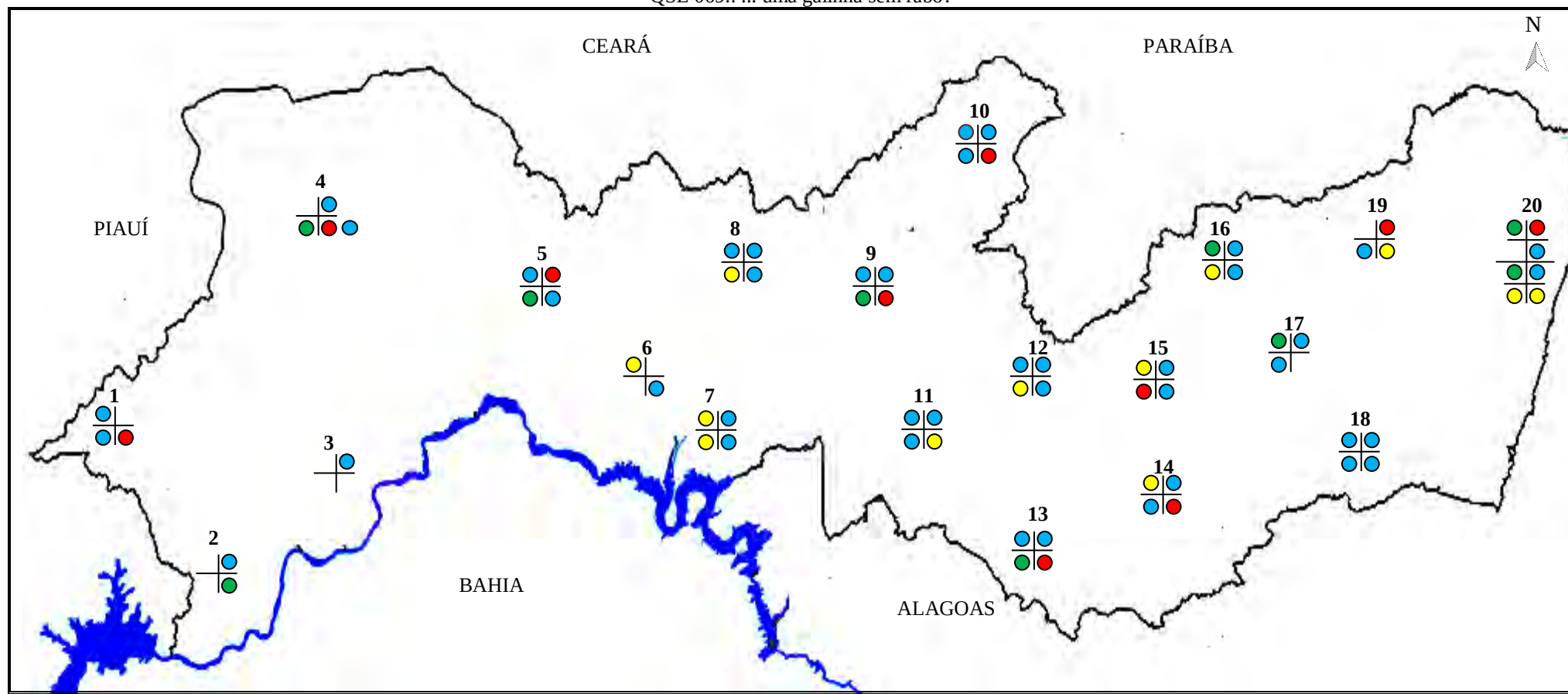
a) Informante Mulher Faixa 1 – Afrânio (PI 01)	maria-pobre
b) Informantes Homem Faixa 1 – Ouricuri (PI 04), Mulher Faixa 2 – Águas Belas (PI 13) e Mulher Faixa 1 – Custódia (PI 09)	rolinha
c) Informante Mulher Faixa 1 – Petrolina (PI 02) e Informante Mulher Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15)	garrincha
d) Informante Mulher Faixa 2 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03)	maria-pobre (3ª resp.)
e) Informantes Homem Faixa 1 e Mulher Faixa 2 – Tupanatinga (PI 11)	pardal

2) Abaixo se encontram as respostas com ocorrências únicas:

a) Informante Homem Faixa 2 – Caruaru (PI 17)	lavadeira
b) Informante Mulher Faixa 2 – Custódia (PI 09)	fura-barreiro
c) Informante Homem Faixa 1 – Floresta (PI 06)	maria-fita
d) Informante Mulher Faixa 2 – Ouricuri (PI 04)	janica (2ª resp.)
e) Informante Homem Faixa 1 – Palmares (PI 18)	bem-te-vi
f) Informante Homem Faixa 2 – Petrolina (PI 02)	churéu
g) Informante Homem Faixa 1 – Recife (E.S.) (PI 20)	sabiá
h) Informante Homem Faixa 1 – Salgueiro (PI 05)	fura-chão
i) Informante Homem Faixa 2 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03)	janica-de-barro
j) Informante Mulher Faixa 2 – São Bento do Una (PI 15)	barreiro
k) Informante Homem Faixa 1 – São José do Egito (PI 10)	furão
l) Informantes Homem Faixa 1 e Faixa 2 – Taquaritinga do Norte (PI 16)	rouxinol



QSL 069.: ... uma galinha sem rabo?



homem faixa 1 $\frac{\circ}{\circ}$ homem faixa 2
mulher faixa 1 $\frac{\circ}{\circ}$ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Sura
- Sura
- Cotó
- Sem rabo

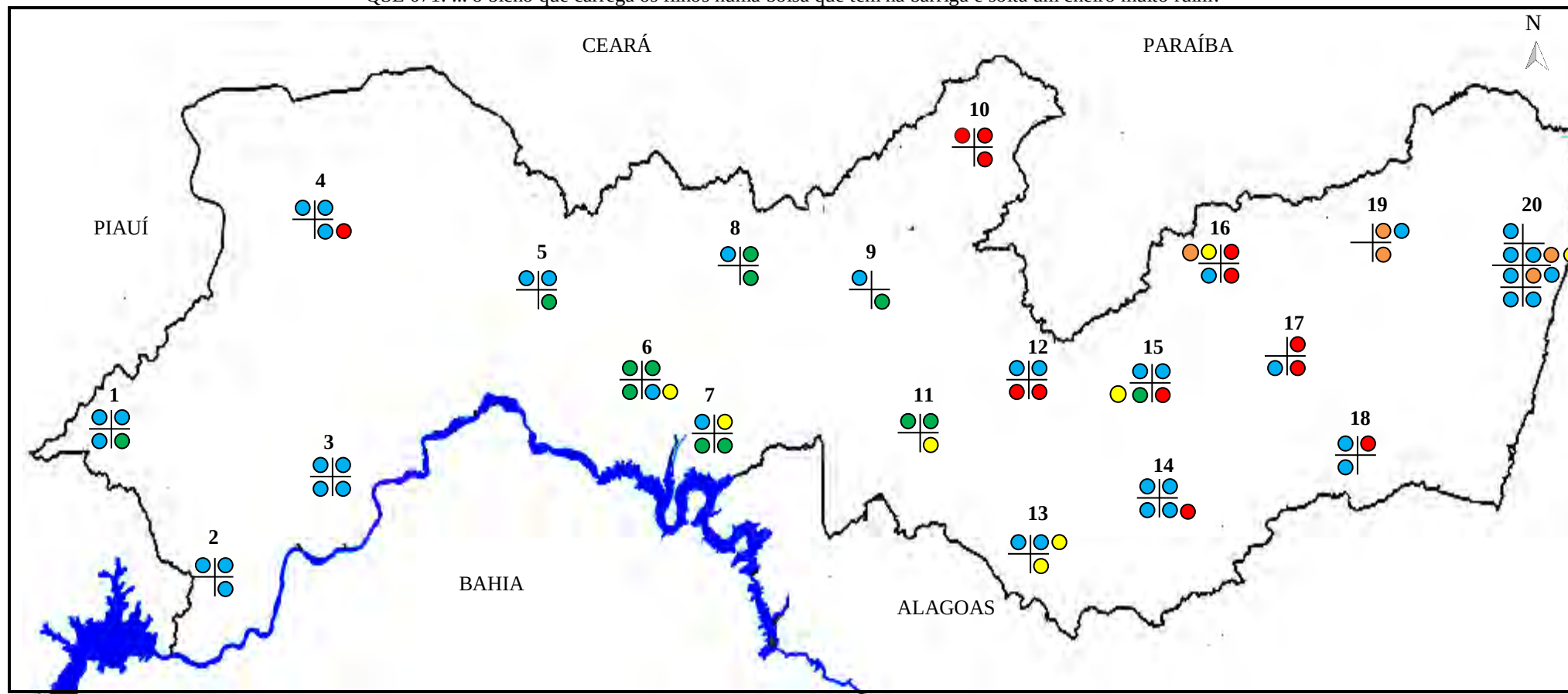
Ocorrências únicas:

Inf. Mulher Faixa 2 Caruaru (PI 17): mussu

Inf. Mulher Faixa 2 Petrolina (PI 11): suruana



QSL 071: ... o bicho que carrega os filhos numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro muito ruim?



homem faixa 1 $\frac{\circ}{\circ}$ homem faixa 2
mulher faixa 1 $\frac{\circ}{\circ}$ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Gambá
- Ticaca / Tacaca
- Cassaco
- Cangambá/ cambambá / camambá
- Timbu / tembu

Notas:

1) Foram encontradas, também, as seguintes ocorrências:

a) Informantes Homens Faixa 1 (1ª resp.) e 2 – Custódia (PI 09)

gimbá

b) Informante Mulher Faixa 2 – Custódia (PI 09)

gimbá

2) Com registro único:

c) Informante Mulher Faixa 1 – São José do Egito (PI 10)

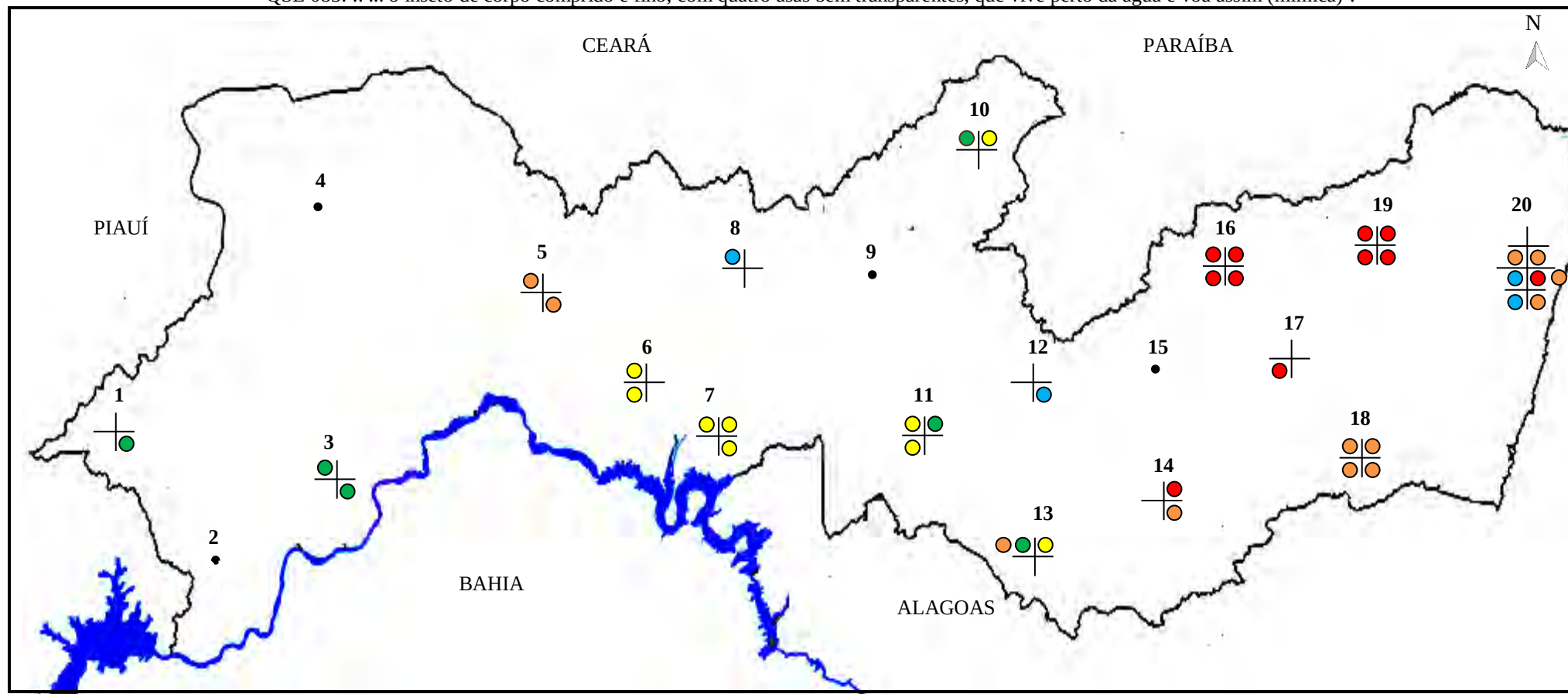
jarita

d) Informante Homem Faixa 1 – Tacaratu (PI 07)

gambirra



QSL 085: ... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que vive perto da água e voa assim (mímica) ?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Libélula
- Cabra-cega
- Lava-cu
- Lava bunda / molha-bunda
- Zigue-zigue / zigue-zague

Notas:

1) As ocorrências menos produtivas foram agrupadas conforme distribuição abaixo:

a) Informante Mulher Faixa 2 – Caruaru (PI 17)	borboleta-d'água (2ª resp.)
b) Informante Homem Faixa 1 – Custódia (PI 09)	borboleta-d'água
c) Informantes Homem e Mulher Faixa 2 – Petrolina (PI 02)	cavalo d'água
d) Informantes Homem e Mulher Faixa 2 – Serra Talhada (PI 08)	cavalo-do-cão

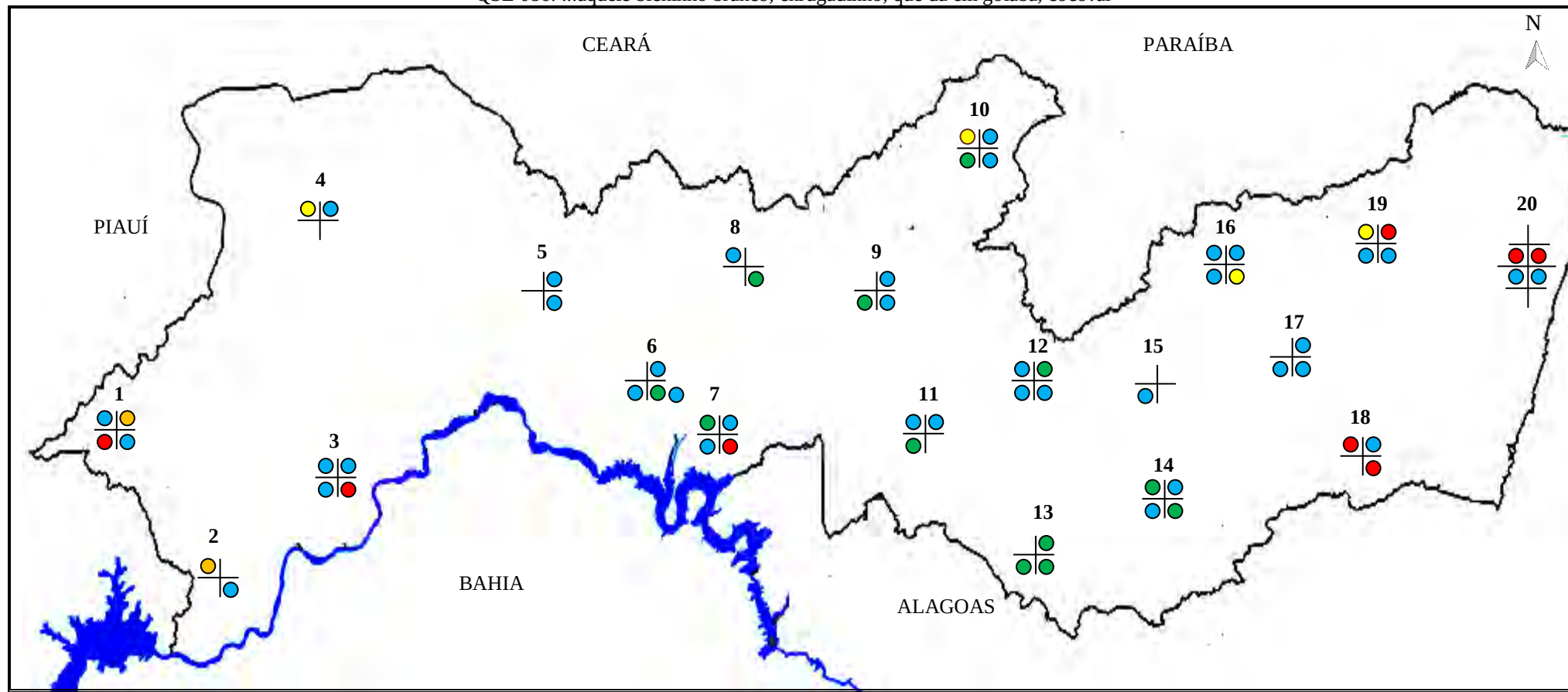
2) Seguem, abaixo, as ocorrências contabilizadas apenas uma vez:

a) Informante Homem Faixa 1 – Afrânio (PI 01)	rapa-cuia
b) Informante Homem Faixa 2 – Arcoverde (PI 12)	pescador
c) Informante Homem Faixa 2 – Floresta (PI 06)	lavadeira
d) Informante Homem Faixa 1 – Garanhuns (PI 14)	helicóptero
e) Informante Mulher Faixa 2 – Garanhuns (PI 14)	beloso
f) Informante Homem Faixa 2 – Ouricuri (PI 04)	martelo
g) Informante Mulher Faixa 2 – Ouricuri (PI 04)	malaquia
h) Informantes Homens Faixas 1 e 2 – Recife (E.F.) (PI 20)	vagalume
i) Informante Homem Faixa 2 – Salgueiro (PI 05)	mariposo
j) Informante Homem Faixa 2 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03)	cigano (2ª resp.)
k) Informante Mulher Faixa 2 – São Bento do Una (PI 15)	dominique
l) Informante Mulher Faixa 1 - Serra Talhada (PI 08)	besouro

3) A Informante Mulher Faixa 2 – Arcoverde (PI 12) mencionou a variante 'lisbela'.



QSL 086: ...aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, coco?ar



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Lagarta
- Mosca branca
- Tapuru
- Bicho da goiaba
- Morotó

Notas:

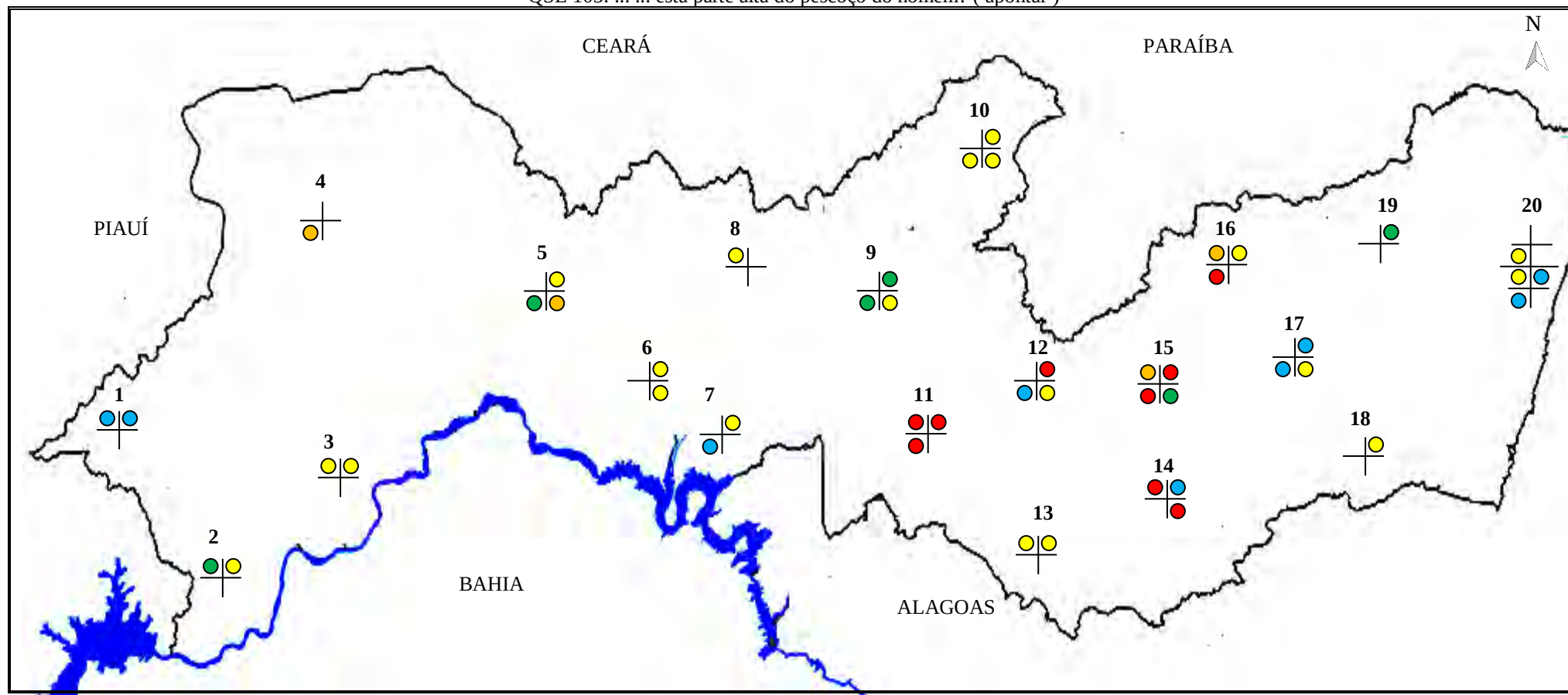
1) As ocorrências pouco documentadas foram agrupadas, conforme distribuição abaixo:

a) Informante Mulher Faixa 2 – Ouricuri (PI 04)	rosca
b) Informante Mulher Faixa 1 – Petrolina (PI 02)	minhoquinha
c) Informantes Homem e Mulher Faixa 2 – Recife (E.S.) (PI 20)	larva
d) Informante Homem Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15)	minhoquinha
e) Informante Homem Faixa 2 – Serra Talhada (PI 08)	rosca

2) O informante Homem Faixa 1 – Salgueiro (PI 05) proferiu a ocorrência única ‘lombriguinha’.



QSL 105: ... esta parte alta do pescoço do homem? (apontar)



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Gogó
- Garguelo / gargarelo
- Nó da goela
- Goela
- Caroço

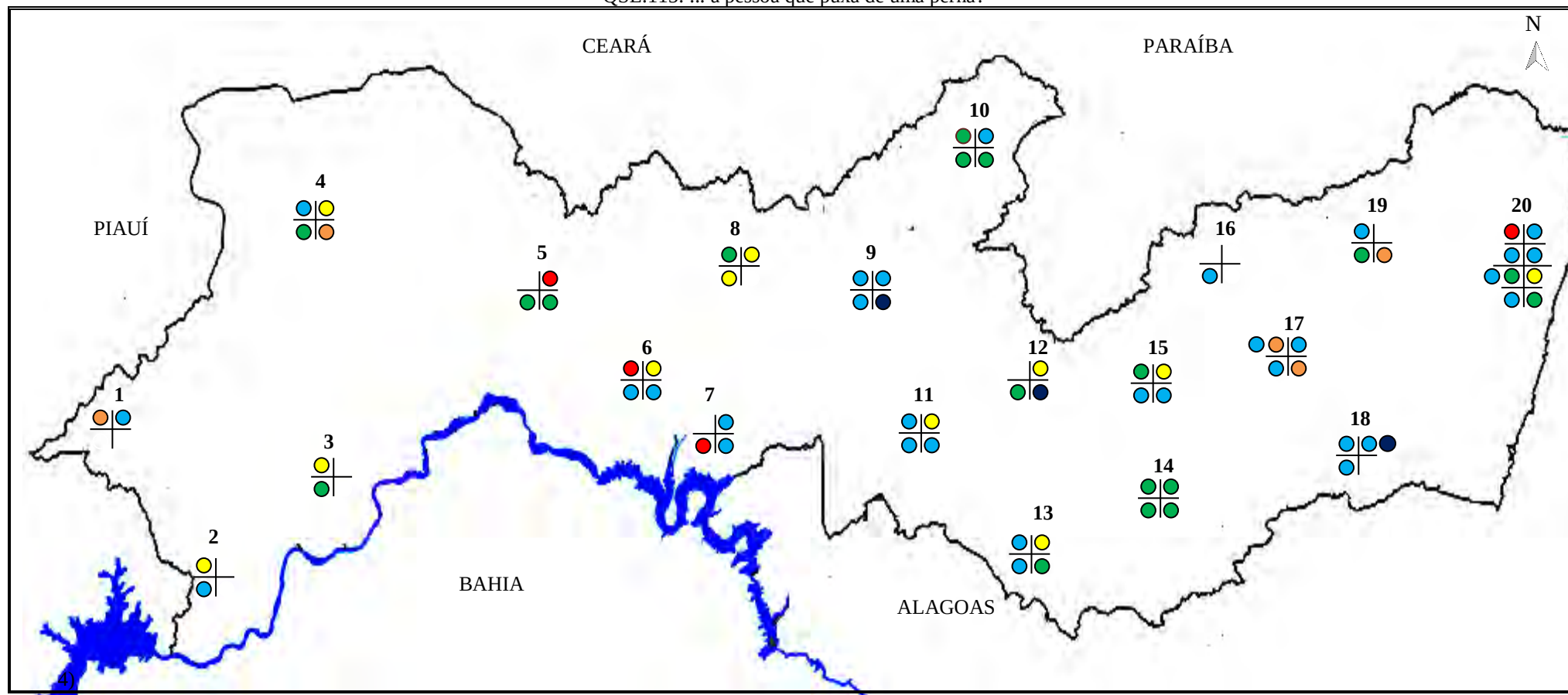
Notas:

1) Foram encontradas, também, as seguintes ocorrências únicas:

a) Informante Mulher Faixa 1 – Afrânio (PI 01)	longuinho [lõ'gĩ]
b) Informante Homem Faixa 2 – Ouricuri (PI 04)	maçã
c) Informante Mulher Faixa 2 – Recife (E.F.) (PI 20)	banana
d) Informante Mulher Faixa 2 – Recife (E.S.) (PI 20)	pomo-de-adão
e) Informante Mulher Faixa 1 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03)	gondom
f) Informante Homem Faixa 2 – Serra Talhada (PI 08)	castelo (2ª resp.)



QSL:115: ... a pessoa que puxa de uma perna?



homem faixa 1 ○ ○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○ ○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Manco / Tá mancando
- Deficiente
- Coxo / concho
- Aleijado
- Cotó
- Conhém

Notas:

1) As ocorrências registradas em menor número foram agrupadas da seguinte forma:

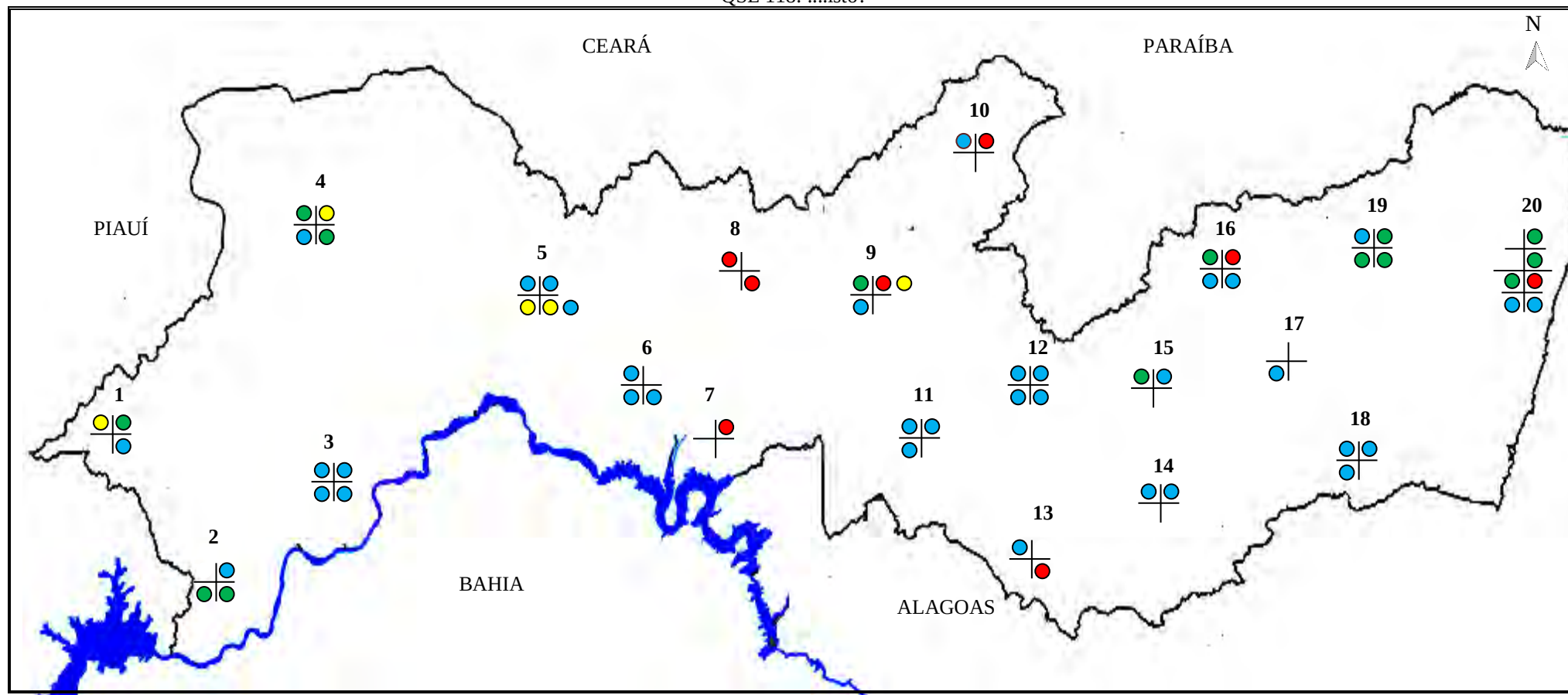
a) Informante Homem Faixa 2 – Limoeiro (PI 19)	zambeta
b) Informantes Homem e Mulher Faixa 2 – Petrolina (PI 02)	cambota
c) Informante Homem Faixa 1 – Salgueiro (PI 05)	cambota
d) Informante Mulher Faixa 2 – Taquaritinga do Norte (PI 16)	zambeta

2) Os informantes abaixo discriminados proferiram ocorrências únicas:

a) Informante Homem Faixa 2 – Afrânio (PI 01)	‘Tá cachimbando’.
b) Informante Mulher Faixa 2 – Palmares (PI 18)	capemba
c) Informante Homem Faixa 2 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03)	‘Tá cachingando’.
d) Informante Mulher Faixa 2 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03)	cochó
e) Informante Homem Faixa 2 – São José do Egito (PI 10)	zambeto
f) Informante Mulher Faixa 2 – Serra Talhada (PI 08)	‘Tem a perna curta’.
g) Informante Homem Faixa 2 – Taquaritinga do Norte (PI 16)	‘Ele é narfo (náfego) do quarto.’



QSL 118: isto?



homem faixa 1 ○ ○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○ ○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



Fonte: www.wikihow.com

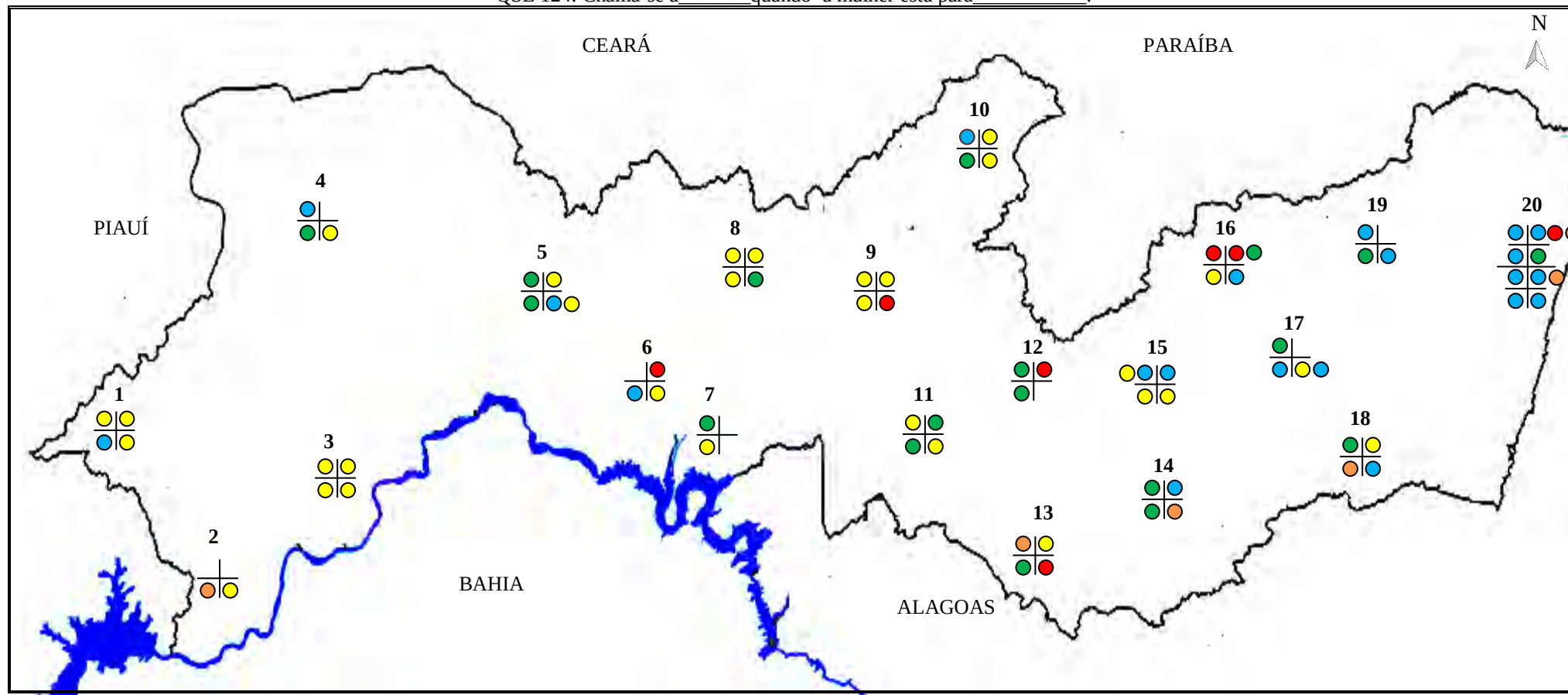
- Tornozeleto
- Mocotó
- Canela
- Calcanhar

Notas:

- 1) O item ‘calcanhar’ foi bem documentado, por isso se encontra cartografado, mas, ao que parece, não representa exatamente a *saliência óssea existente entre a perna e o pé*, mas a *parte posterior do pé*.
- 2) O item ‘mondongo’ foi a resposta dos dois informantes da 2ª faixa etária de Tacaratu (PI 07)
- 3) Na fala dos informantes Mulher Faixa 1 – Recife (E.F.) (PI 20) e Mulher Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15), registrou-se o item ‘batata’.
- 4) Foram encontradas, também, as seguintes ocorrências únicas:
 - a) Informante Homem Faixa 2 – Águas Belas (PI 13) tendão
 - b) Informante Mulher Faixa 2 – Palmares (PI 18) pendão
 - c) Informante Mulher Faixa 2 – Petrolina (PI 02) osso gostoso
 - d) Informante Mulher Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15) tolozeiro
 - e) Informante Homem Faixa 1 – Tacaratu (PI 07) bodinho
 - f) Informante Mulher Faixa 1 – Tacaratu (PI 07) tocó



QSL 124: Chama-se a _____ quando a mulher está para _____.



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



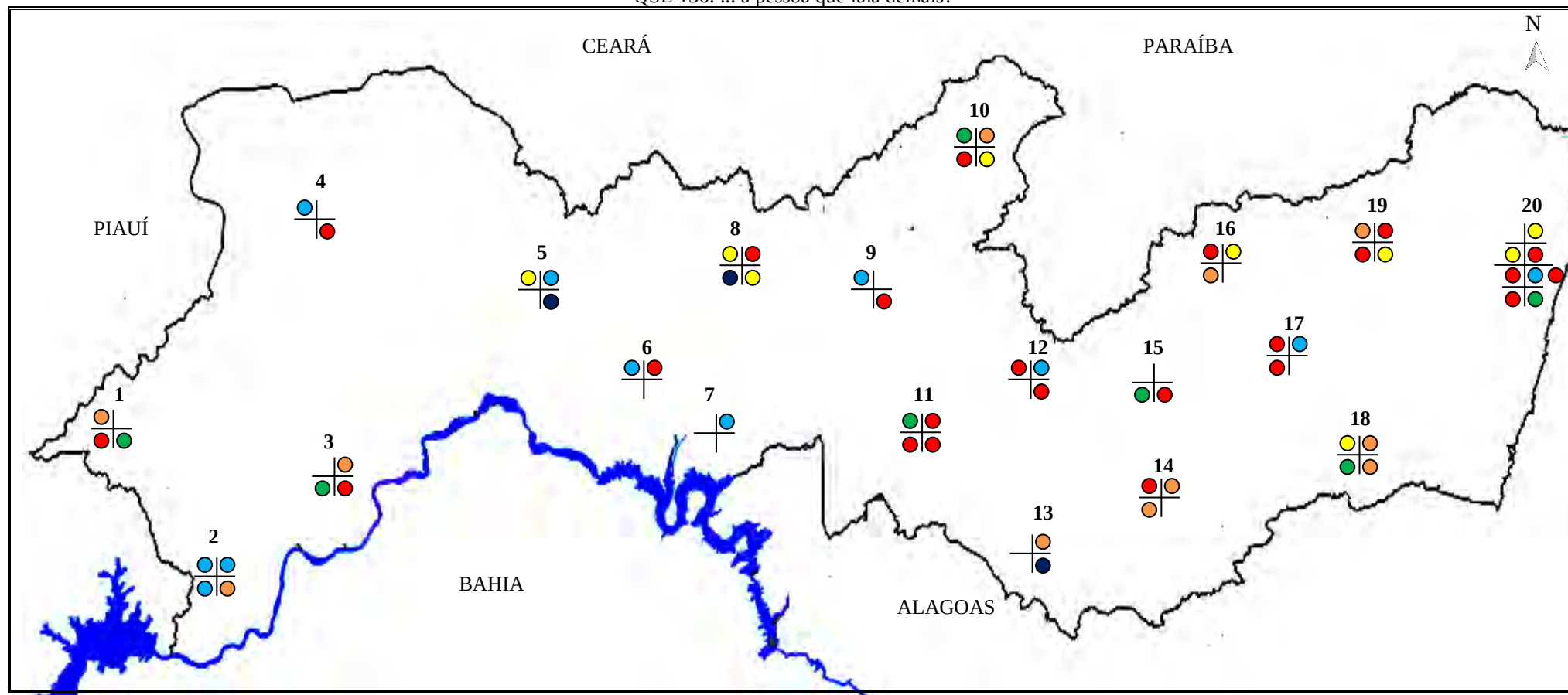
- Parir
- Descansar
- Ganhar neném
- Ter neném
- Dar à luz

Notas:

- 1) Os informantes Homem Faixa 2 – Limoeiro (PI 19) e Homem Faixa 2 – Tacaratu (PI 07) responderam ‘pegar o menino’.
- 2) Ainda foram contabilizadas três ocorrências únicas, a saber:
 - a) Informante Mulher Faixa 2 – Arcoverde (PI 12) entrando em trabalho de parto
 - b) Informante Homem Faixa 2 – Caruaru (PI 17) fazer o parto
 - c) Informante Homem Faixa 2 – Petrolina (PI 02) o menino nascer



QSL 136: ... a pessoa que fala demais?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Conversador
- Falador / faladeiro
- Fala muito / fala demais
- Fofoqueiro
- Linguarudo
- Zoadento [zua'dêtu]

Notas:

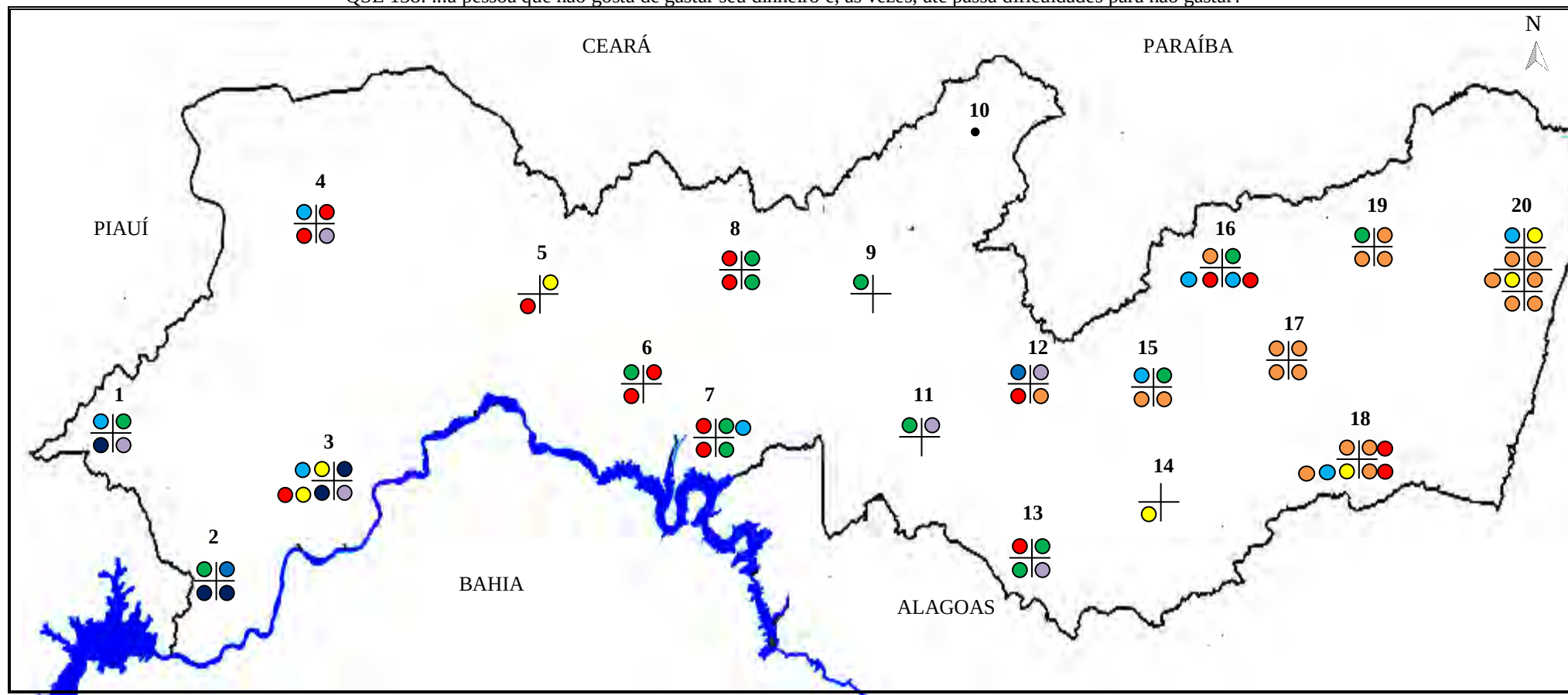
1) Foram encontradas as seguintes ocorrências únicas:

a) Informante Mulher Faixa 1 – Águas Belas (PI 13)	“Parece com o homem da cobra.”
b) Informante Homem Faixa 2 – Custódia (PI 09)	fuxiqueiro
c) Informante Mulher Faixa 1 – Floresta (PI 06)	bocado
d) Informante Homem Faixa 2 – Ouricuri (PI 04)	“Dá bom dia a cavalo.”
e) Informante Mulher Faixa 1 – Ouricuri (PI 04)	“Tem a língua solta.”
f) Informante Homem Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15)	“Tem a língua grande.”
g) Informante Mulher Faixa 2 – Taquaritinga do Norte (PI 16)	boca de matraca

2) As mulheres das Faixas 1 e 2 – Tacaratu (PI 07) deram a resposta “Fala mais que o homem da cobra.”



QSL 138: ...a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?



homem faixa 1 ○ ○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○ ○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



● Pão-duro	● Canguinha
● Mão-de-vaca	● Econômico
● Mão-fechada	
● Seguro	
● Pirangueiro	

Notas:

1) Abaixo estão relacionadas as seguintes ocorrências menos representativas:

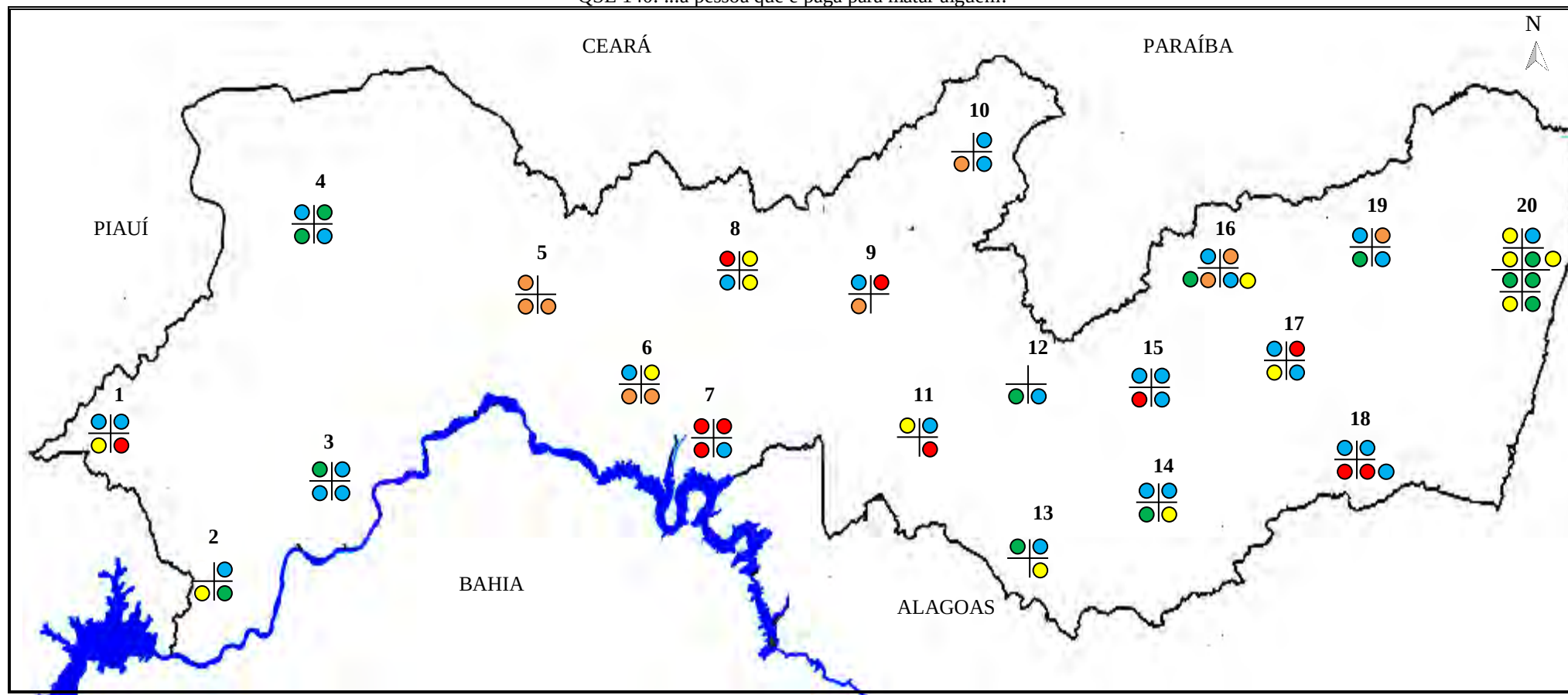
a) Informante Mulher Faixa 1 – Custódia (PI 09)	amarrado
b) Informantes Homens Faixas 1 e 2 – São José do Egito (PI 10)	amarrado
c) Informante Mulher Faixa 2 – Garanhuns (PI 14)	mesquinho
d) Informante Homem Faixa 2 – Petrolina (PI 02)	mesquinho

2) Como ocorrências únicas, foram, também, encontradas as seguintes respostas:

a) Informante Mulher Faixa 2 – Limoeiro (PI 19)	misco (2ª resp.)
b) Informante Homem Faixa 2 – Recife (E.S.) (PI 20)	unha de fome
c) Informante Mulher Faixa 2 – Recife (E.S.) (PI 20)	avarento
d) Informante Mulher Faixa 2 – Salgueiro (PI 05)	sovino [so'vino]
e) Informante Mulher Faixa 1 – São José do Egito (PI 10)	morta-fome
f) Informante Mulher Faixa 2 – Tupanatinga (PI 11)	‘Tem preguiça de gastar.’



QSL 140: ...a pessoa que é paga para matar alguém?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

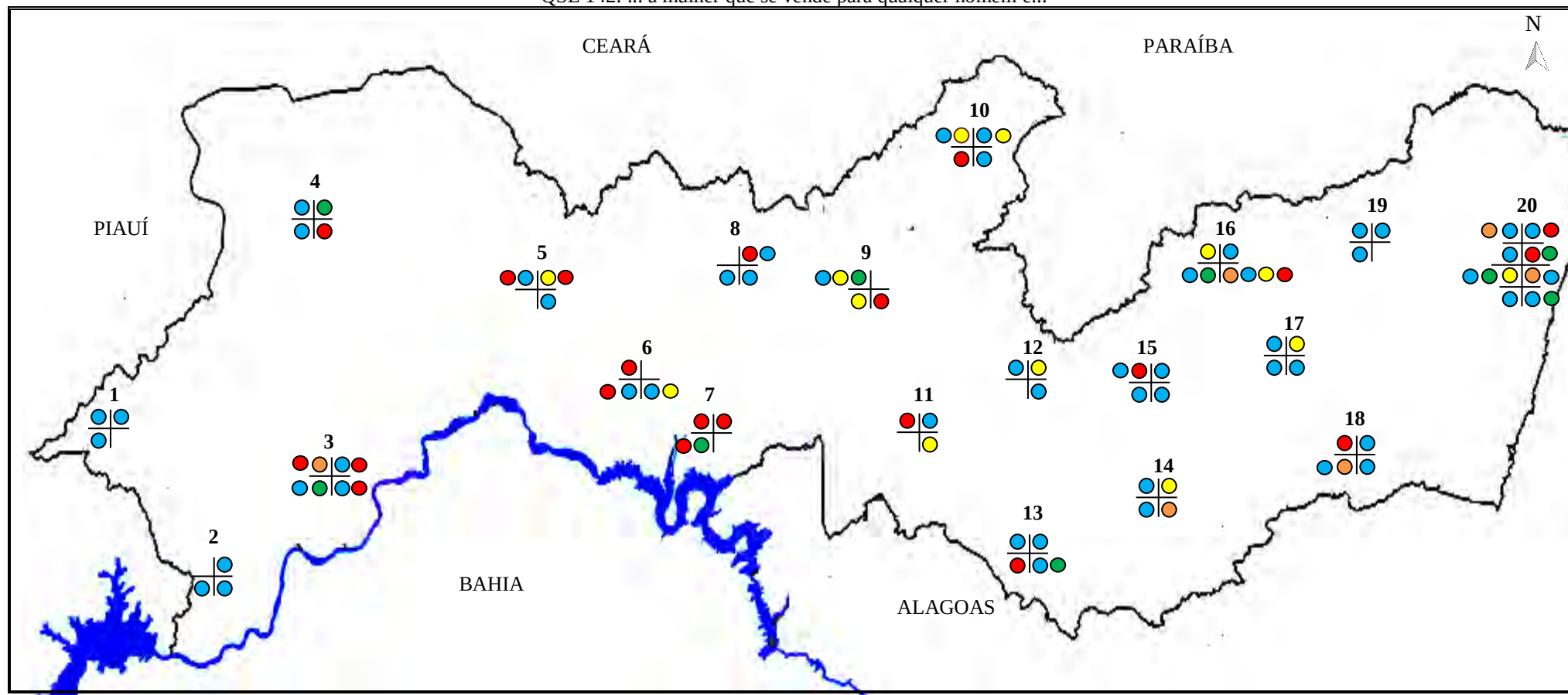
Organização temática: Edmilson Sá



- Pistoleiro
- Criminoso
- Assassino
- Matador
- Bandido



QSL 142: ... a mulher que se vende para qualquer homem é...



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Prostituta
- Rapariga
- Puta
- Mulher-da-vida
- Vagabunda

Notas:

1) As ocorrências menos produtivas foram agrupadas a partir da seguinte distribuição:

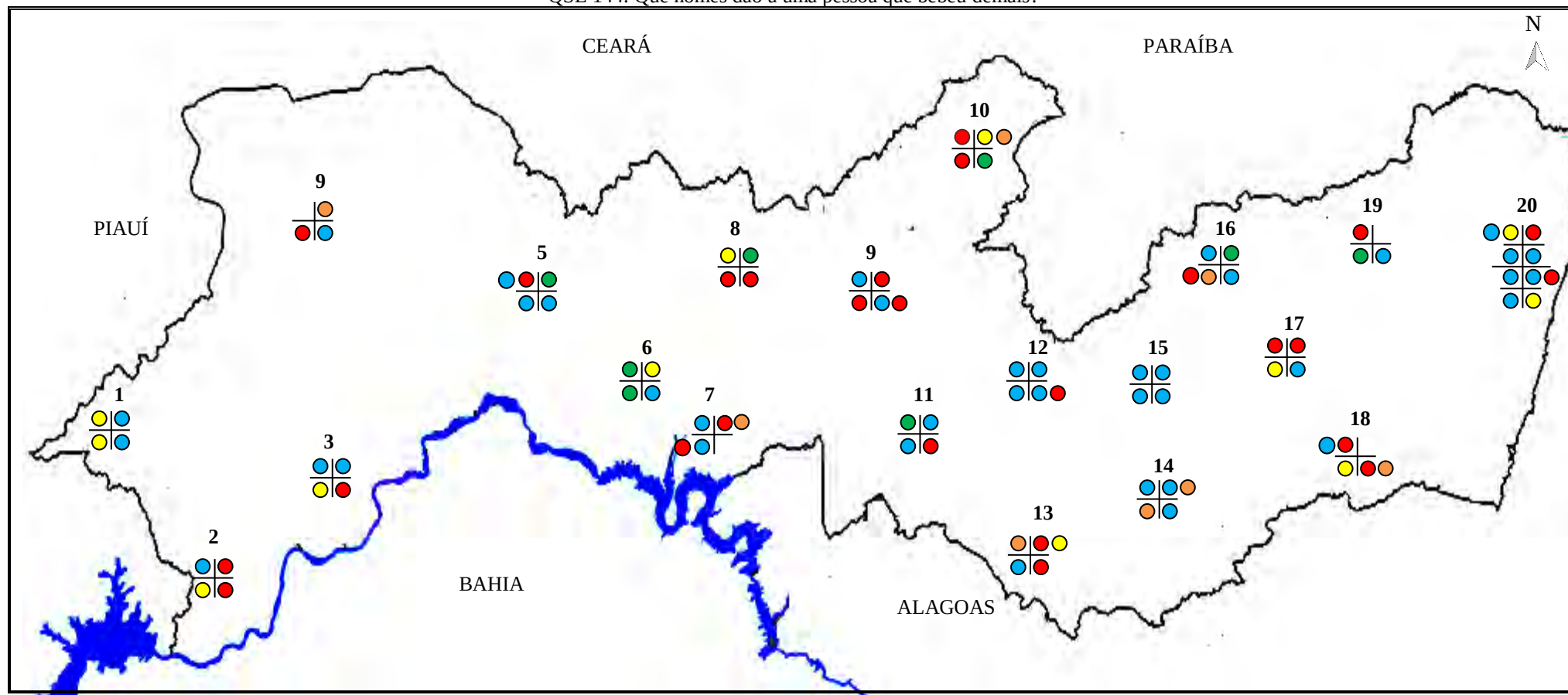
a) Informante Mulher Faixa 1 – Arcoverde (PI 12)	mulher de programa
b) Informante Homem Faixa 2 – Custódia (PI 09)	mulher sem-vergonha
c) Informante Mulher Faixa 2 – Limoeiro (PI 19)	mulher safada
d) Informante Homem Faixa 1 – Palmares (PI 18)	mulher de programa
e) Informante Homem Faixa 2 (E.S.) – Recife (PI 20)	mulher de programa
f) Informante Mulher Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15)	mulher de programa
g) Informante Homem Faixa 1 – Serra Talhada (PI 08)	mulher sem-vergonha
h) Informante Mulher Faixa 2 – Tacaratu (PI 07)	mulher sem-vergonha
i) Informante Homem Faixa 1 – Taquaritinga do Norte (PI 16)	mulher safada (2ª resp.)
j) Informante Mulher Faixa 1 – Tupanatinga (PI 11)	mulher sem-vergonha

2) Também foram contabilizadas as seguintes respostas proferidas apenas uma vez:

a) Informante Mulher Faixa 2 – Afrânio (PI 01)	mulher que não presta
b) Informante Homem Faixa 2 – Floresta (PI 06)	bandoleira [bãdɔ'lerɐ]
c) Informante Homem Faixa 1 – Petrolina (PI 02)	galinha
d) Informante Homem Faixa 2 – Recife (E.F.) (PI 20)	quenga (2ª resp.)
e) Informante Mulher Faixa 2 – Recife (E.F.) (PI 20)	mulher vadia
f) Informante Mulher Faixa 1 – Salgueiro (PI 05)	mulher que vende o corpo
g) Informante Mulher Faixa 2 – Salgueiro (PI 05)	mulher vulgar (2ª resp.)
h) Informante Mulher Faixa 1 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03)	mulher de brega (2ª resp.)
i) Informante Homem Faixa 2 – Serra Talhada (PI 08)	catraia



QSL 144: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Bêbado
- Cachaceiro
- Alcóolatra
- Alcólico
- Bebão / Beberrão

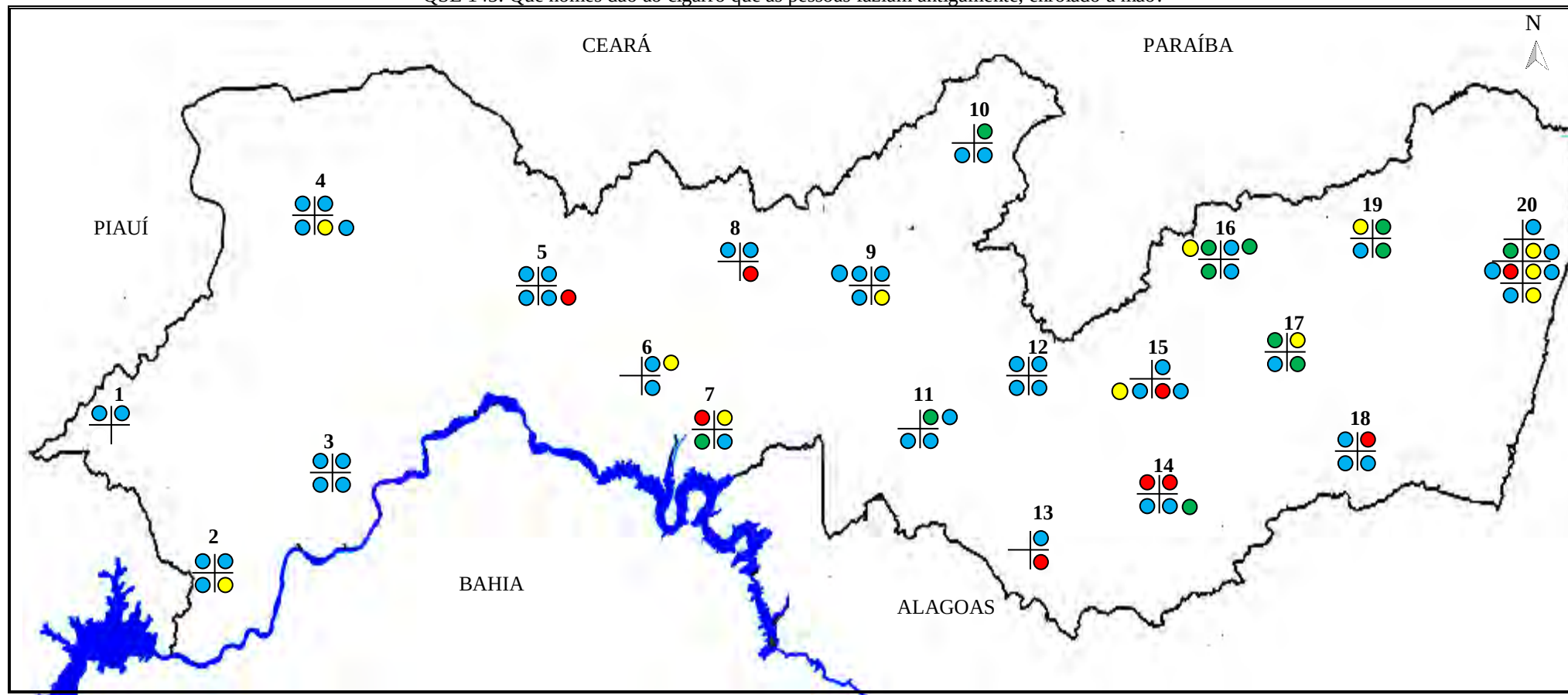
Notas:

- 1) A resposta ‘pinguço’ foi proferida como segunda resposta pelos informantes Homem e Mulher Faixa 1 de São José do Egito (PI 10) e pelo informante Homem Faixa 1 de Tacaratu (PI 07). A mesma ocorrência surgiu como terceira opção na resposta do informante Homem Faixa 2 E.S. de Recife (PI 20).

- 2) Também foram encontradas as seguintes ocorrências únicas:
 - a) Informante Mulher Faixa 2 – Arcoverde (PI 12) pau d’água
 - b) Informante Homem Faixa 2 – Limoeiro (PI 19) embriagado
 - c) Informante Homem Faixa 1 – Ouricuri (PI 04) travado
 - d) Informante Homem Faixa 2 – Palmares (PI 18) ‘Quando o cara tá de porre, tá bicado’.
 - e) Informante Mulher Faixa 2 – Tacaratu (PI 07) pé inchado



QSL 145: Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?



homem faixa 1 ○ ○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○ ○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Cigarro de fumo
- Cigarro de corda
- Cigarro de palha
- Pacaia

Notas:

1) A informante Mulher Faixa 1 de Afrânio (PI 01) nomeou o cigarro pela metonímia ‘saci’. O mesmo item ocorreu na segunda opção de resposta proferida pelos informantes Homem e Mulher Faixa 1 de Petrolina (PI 02) e Mulher Faixa 1 de Santa Maria da Boa Vista (PI 03). Já os informantes abaixo usaram como resposta a metonímia ‘trevo’.

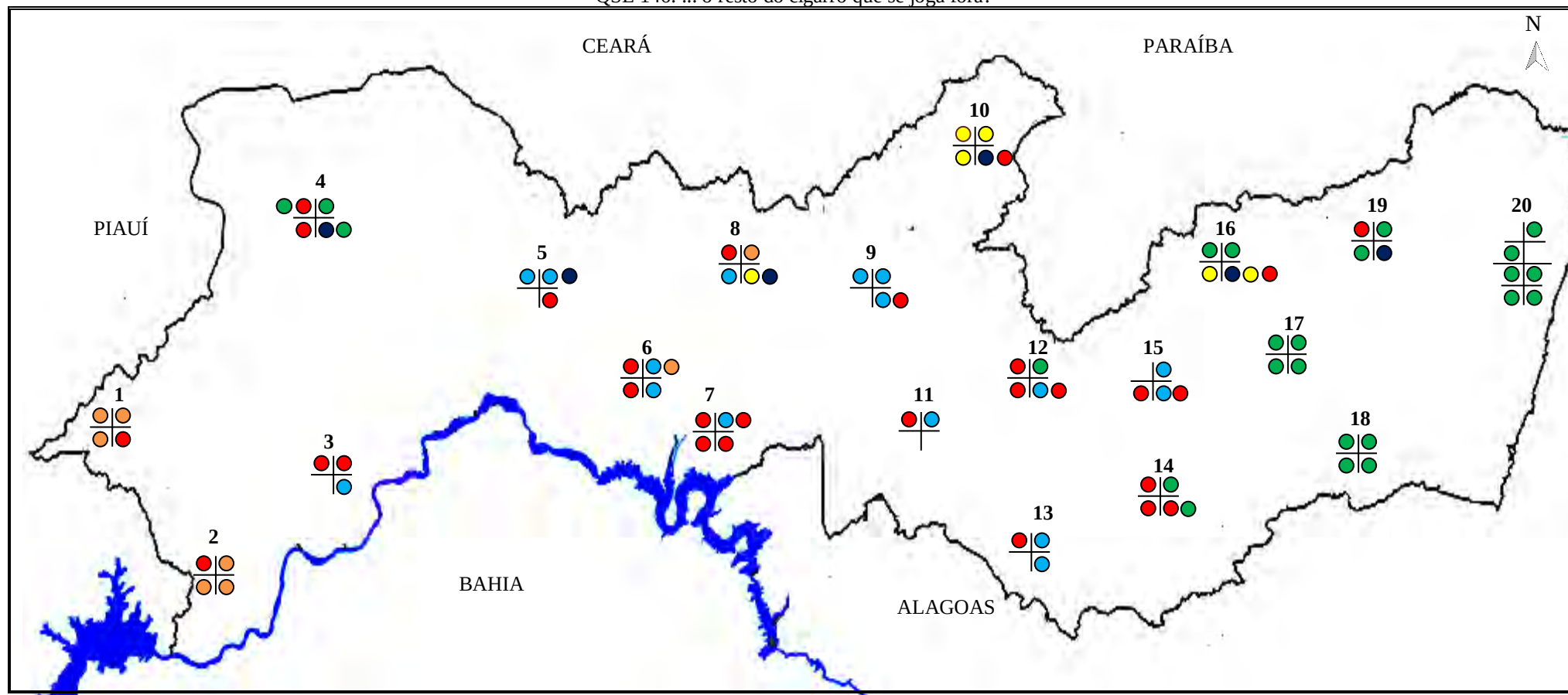
- a) Informante Homem Faixa 1 – Floresta (PI 06)
- b) Informante Mulher Faixa 1 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03) (3ª resposta)

2) Abaixo se encontram as ocorrências únicas:

a) Informante Homem Faixa 1 – Custódia (PI 09)	sabugo (2ª resp.)
b) Informante Mulher Faixa 2 – Custódia (PI 09)	cigarro de seda (2ª resp.)
c) Informante Mulher Faixa 1 – Floresta (PI 06)	cigarro preto
d) Informante Homem Faixa 2 – Garanhuns (PI 14)	braço de Judas
e) Informante Mulher Faixa 2 – Ouricuri (PI 04)	fumador
f) Informante Homem Faixa 2 – Recife (E.S.) (PI 20)	zé-bostinha
g) Informante Homem Faixa 2 – Santa Maria da Boa Vista (PI 13)	beatinha (2ª resp.)
h) Informante Homem Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15)	cavalinho
i) Informante Homem Faixa 2 – Tacaratu (PI 07)	cigarro de bucha (2ª resp.)



QSL 146: ... o resto do cigarro que se joga fora?



homem faixa 1 ○ ○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○ ○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Beata
- Bituca / bicuta / pituca
- Biola / piola
- Goia
- Baga
- Ponta de cigarro

Notas:

1) As ocorrências menos produtivas recaíram para o termo ‘filtro’ na fala dos seguintes informantes:

- a) Mulher Faixa 1 – Salgueiro (PI 05)
- b) Mulher Faixa 1 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03)
- c) Homem Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15)

2) Houve, ainda, as seguintes ocorrências únicas:

- a) Informante Mulher Faixa 2 – Recife (E.F.) (PI 20)
- b) Informante Mulher Faixa 2 – Salgueiro (PI 05)
- c) Informante Mulher Faixa 1 – Tupanatinga (PI 11)

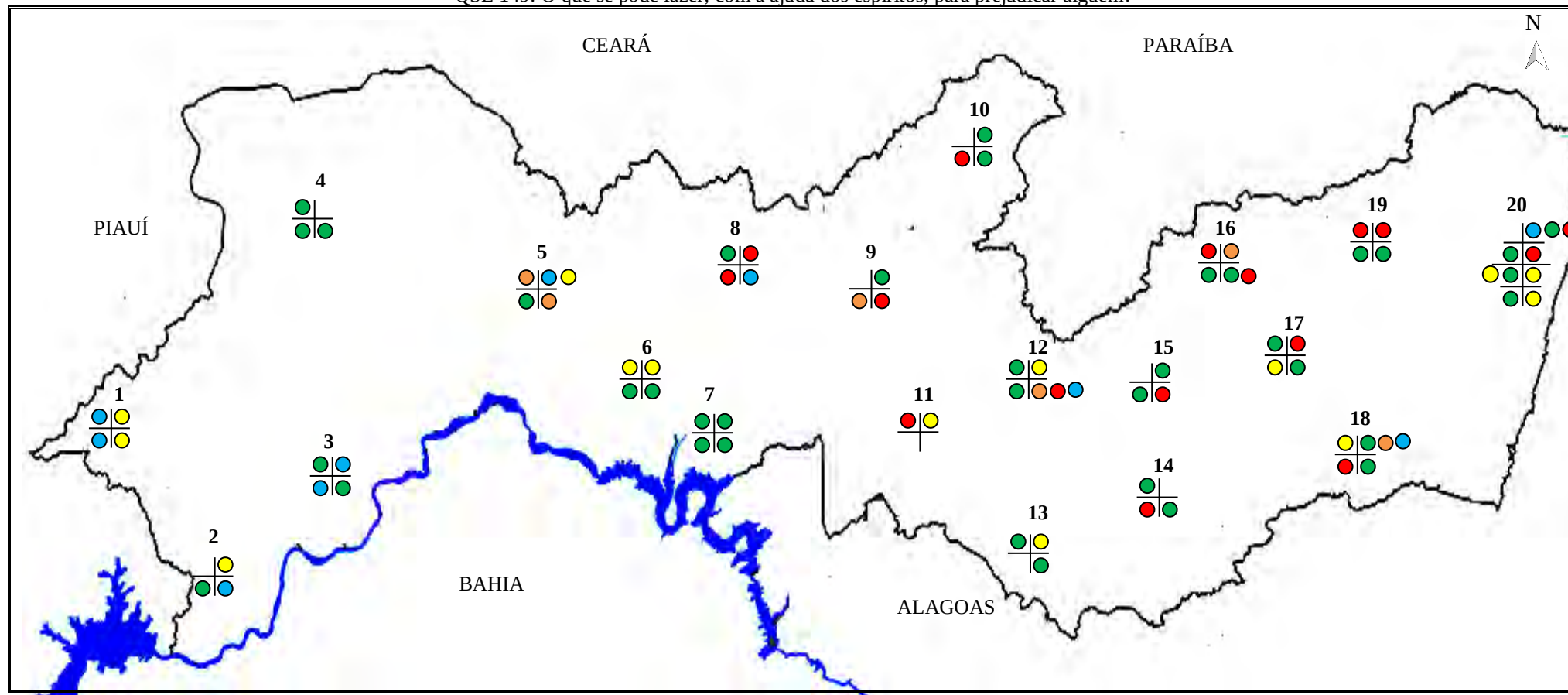
piúba

bigoia

bico



QSL 149: O que se pode fazer, com a ajuda dos espíritos, para prejudicar alguém?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

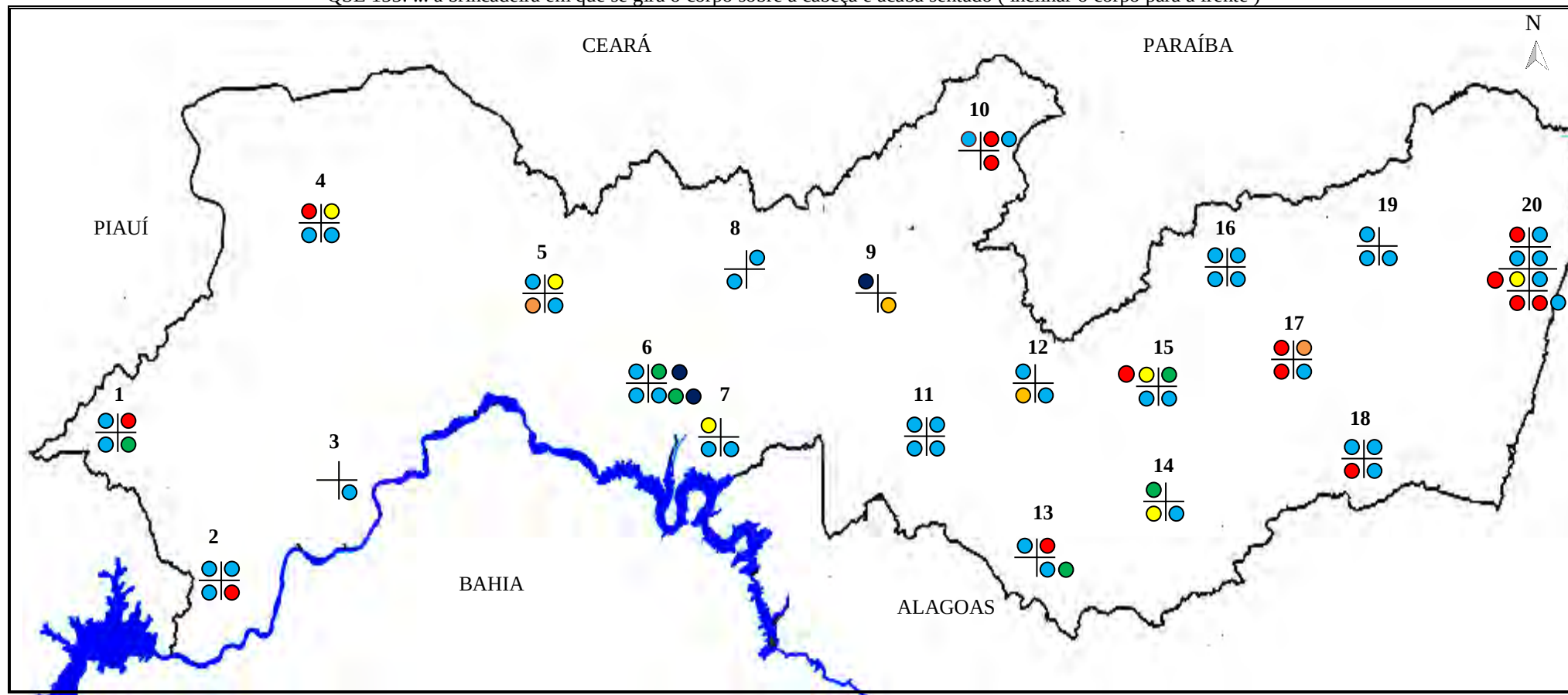
Organização temática: Edmilson Sá



- Feitiço
- Catimbó
- Despacho
- Macumba
- Bruxaria



QSL 155: ... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado (inclinar o corpo para a frente)



homem faixa 1 ○ ○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○ ○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Bunda canastra (canasca) ● Cangapé
- Cambalhota
- Pulo mortal
- Ginástica
- Pulo de costa

Notas:

1) As ocorrências menos produtivas foram agrupadas da seguinte maneira:

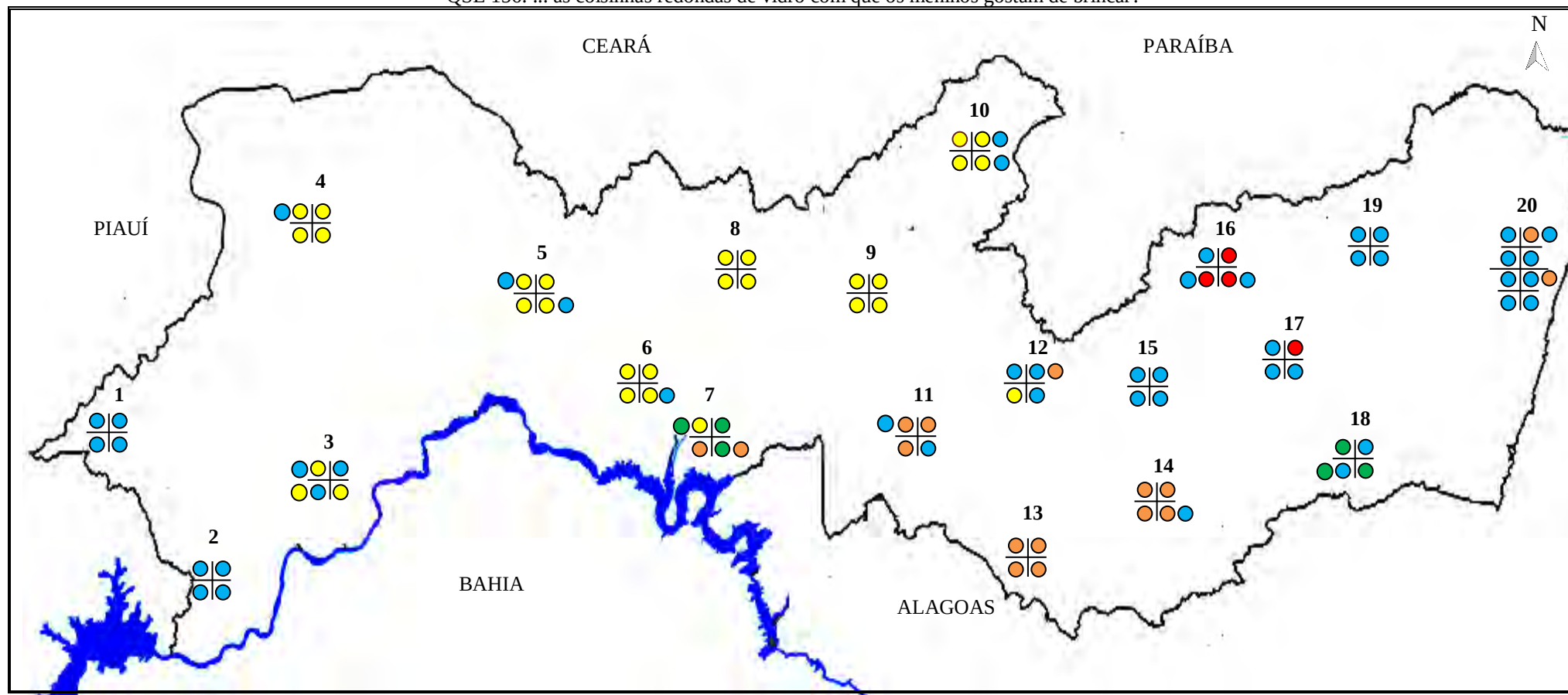
a) Informante Homem Faixa 2 – Arcoverde (PI 12)	capoeira
b) Informante Homem Faixa 1 – Serra Talhada (PI 08)	capoeira

2) Também foram encontradas as seguintes ocorrências únicas:

a) Informante Homem Faixa 2 – Custódia (PI 09)	‘Faz um corrupio [kɔhɔ'pio].’
b) Informante Mulher Faixa 2 – Custódia (PI 09)	giradeira
c) Informante Homem Faixa 2 – Garanhuns (PI 14)	planta bananeira
d) Informante Homem Faixa 2 – Limoeiro (PI 19)	cambota
e) Informantes Homem Faixa 1 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03)	maria cambota
f) Informante Mulher Faixa 1 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03)	maria escambota
g) Informante Mulher Faixa 1 – São José do Egito (PI 10)	cabeçada
h) Informante Homem Faixa 2 – Tacaratu (PI 07)	cambumba



QSL 156: ... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

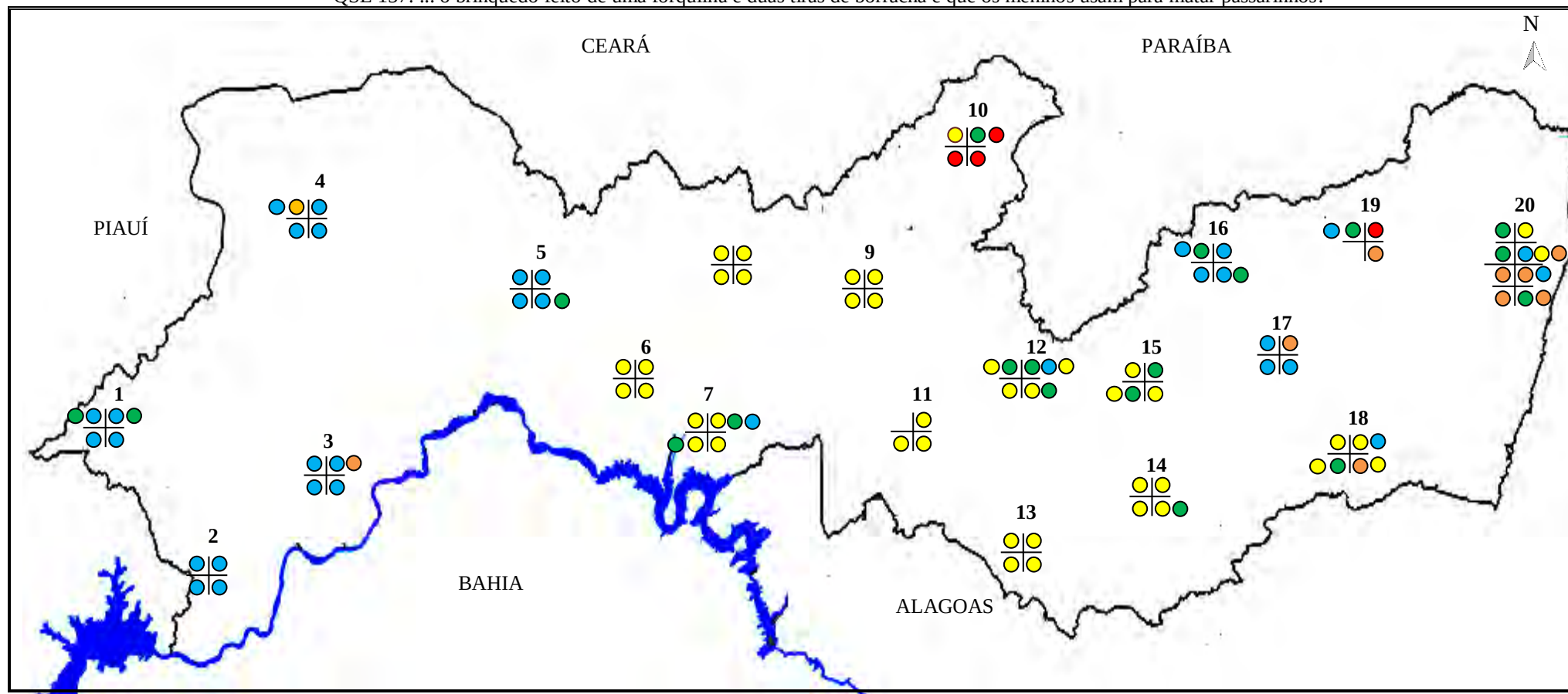
Organização temática: Edmilson Sá



- Bola de gude
- Bola de vidro
- Bila
- Bolita
- Ximbra



QSL 157: ... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha e que os meninos usam para matar passarinhos?



homem faixa 1  homem faixa 2
mulher faixa 1  mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



 Baladeira / baleadeira

 Baleeira

 Peteca

 Estilingue

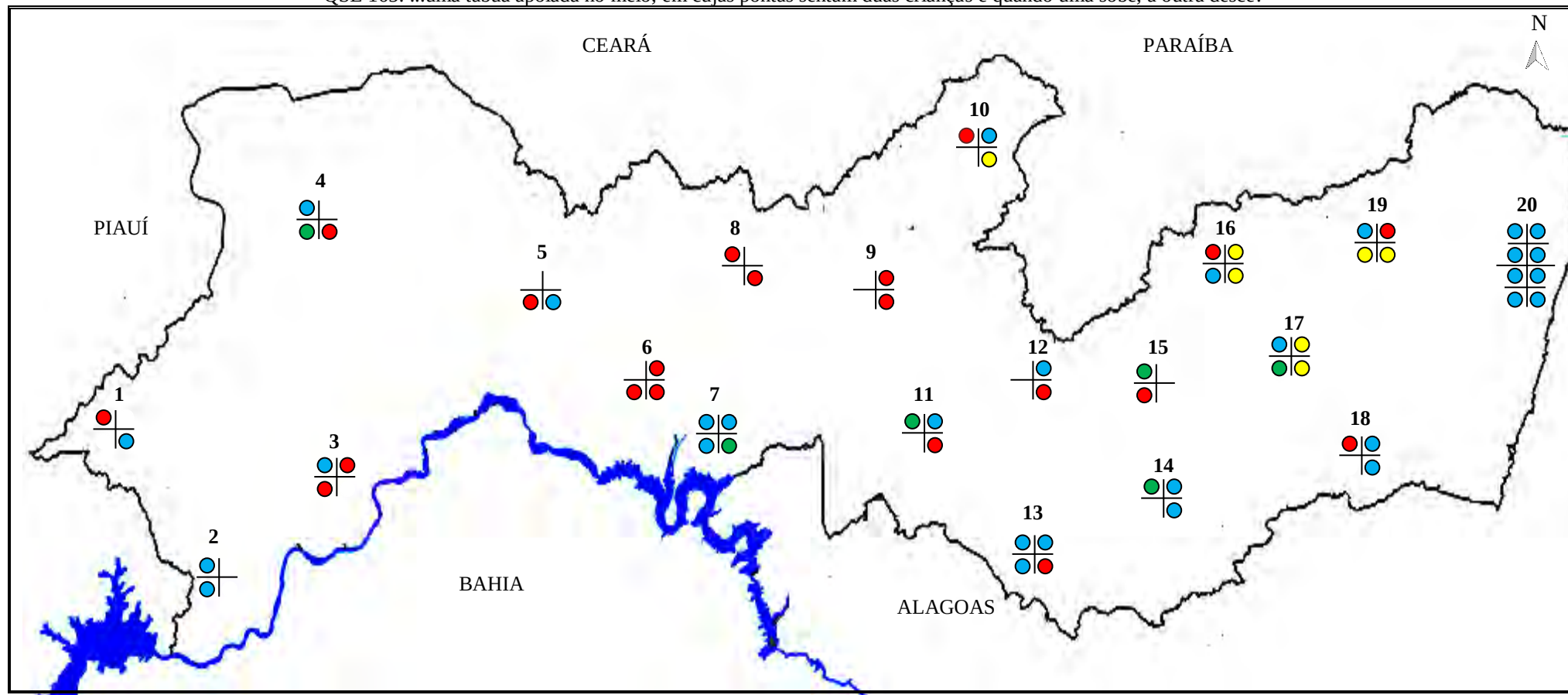
 Badoque

Ocorrência Única:

Inf. Mulher Faixa 1 Limoeiro (PI 19): flecha



QSL 165: ...uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?



homem faixa 1  homem faixa 2
mulher faixa 1  mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



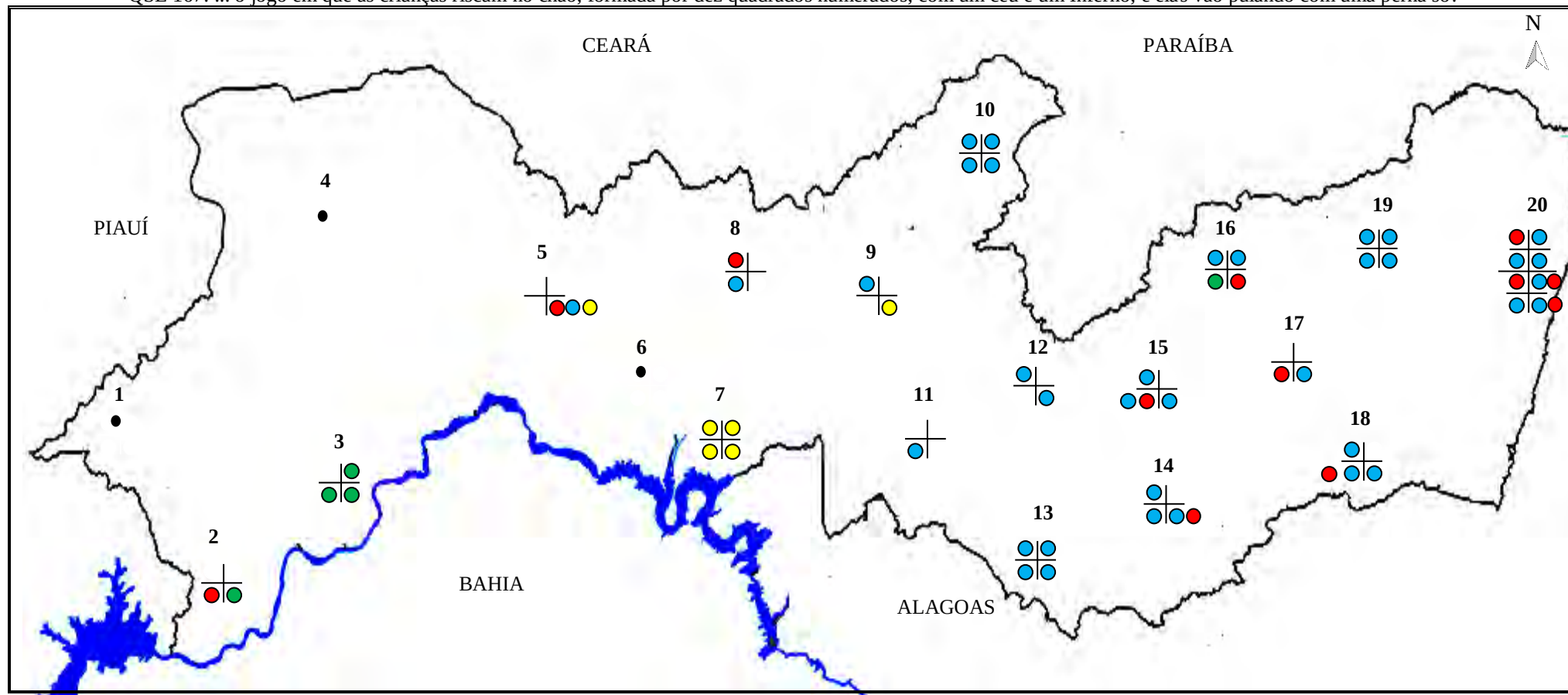
-  Gangorra
-  Balanço / balancim / balançador
-  Burriga
-  Canoa

Notas:

- 1) Foram catalogadas duas ocorrências para ‘balançador’, proferidas pelos informantes Mulher Faixa 2 de Ouricuri (PI 04) e Mulher Faixa 2 de Serra Talhada (PI 08).
- 2) Ainda foram encontradas as seguintes ocorrências únicas:
 - a) Informante Homem Faixa 1 – Custódia (PI 09) borboleta
 - b) Informante Mulher Faixa 1 – Custódia (PI 09) tábua pra escorregar
 - c) Informante Homem Faixa 1 – Floresta (PI 06) tábua com tijolo pra escorregar
 - d) Informante Homem Faixa 2 – Petrolina (PI 02) banguê
 - e) Informante Homem Faixa 1 – Salgueiro (PI 05) pula-pula
 - f) Informante Homem Faixa 2 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03) cavaleiro
 - g) Informante Homem Faixa 2 – São Bento do Una (PI 15) escorrego



QSL 167: ... o jogo em que as crianças riscam no chão, formada por dez quadrados numerados, com um céu e um Inferno, e elas vão pulando com uma perna só?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- (A)cademia
- Amarelinha
- Avião
- Macaco

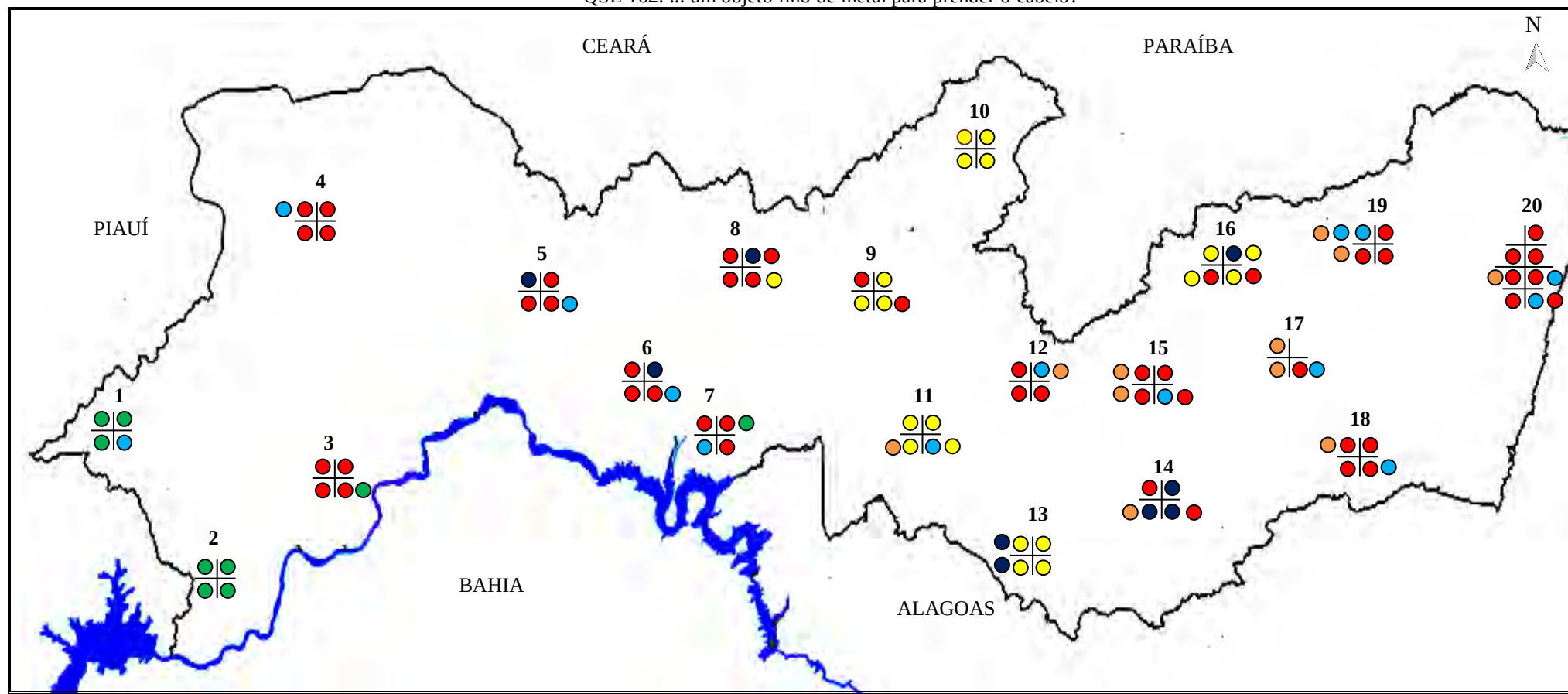
1) Os informantes Mulher Faixa 1 de Afrânio (PI 01), Mulher Faixa 1 de Custódia (PI 09) e Homem Faixa 2 de Ouricuri (PI 04) usaram a resposta ‘pula-pula’.

2) Foram encontradas, também, as seguintes ocorrências únicas:

a) Informante Homem Faixa 1 – Afrânio (PI 01)	bandeirinha
b) Informante Homem Faixa 2 - Custódia (PI 09)	cerros
c) Informante Mulher Faixa 1 – Floresta (PI 06)	brincadeira do sete
d) Informante Mulher Faixa 2 – Floresta (PI 06)	maracacão
e) Informante Mulher Faixa 1 – Ouricuri (PI 04)	brincadeira do quadrinho



QSL 162: ... um objeto fino de metal para prender o cabelo?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



● Grampo

● Biliro

● Friso

● Misse

● Ataca / atraca

● Presilha

Notas:

1) Foram contabilizadas as seguintes ocorrências únicas:

a) Informante Homem Faixa 2 – Limoeiro (PI 19)

marrata

b) Informante Homem Faixa 2 – Palmares (PI 18)

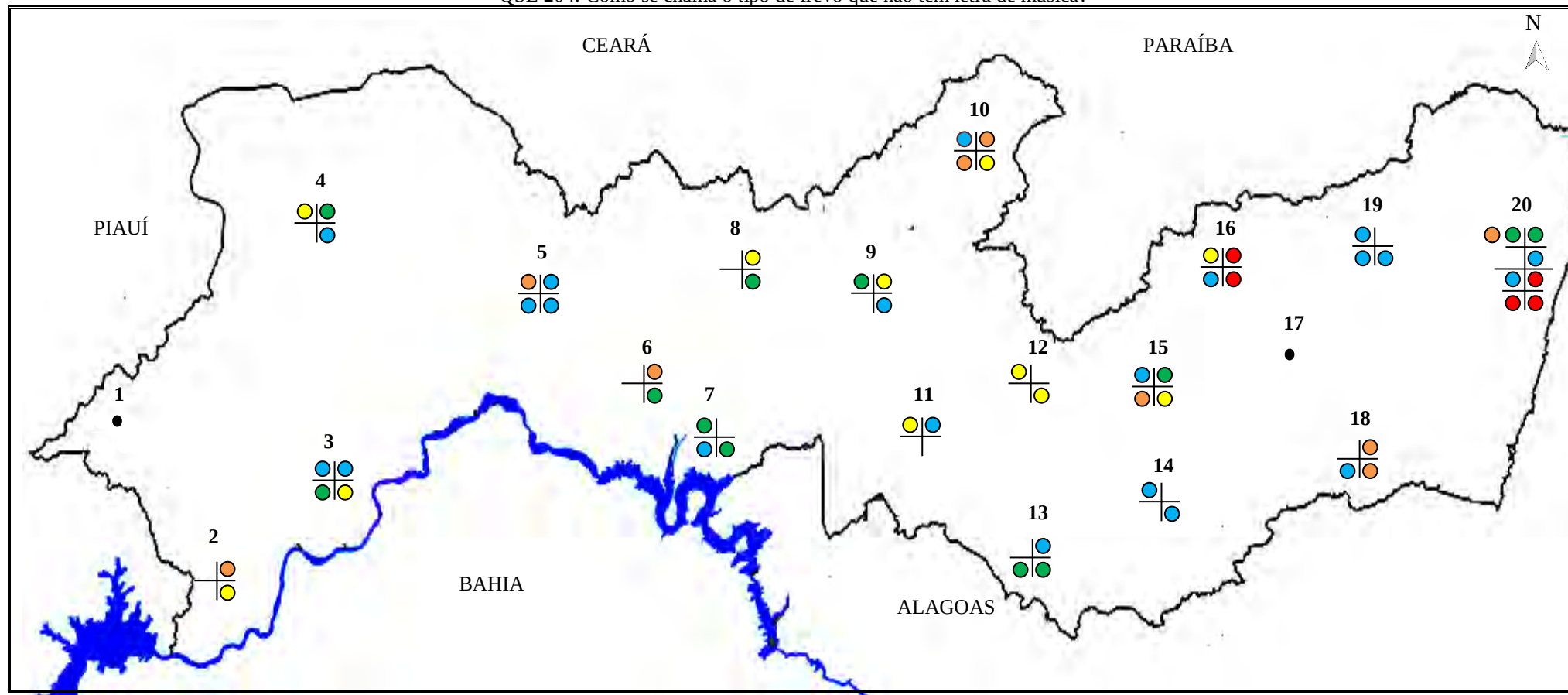
marrafa (1ª resp.); invisível (3ª resp.)

c) Informante Homem Faixa 1 – Taquaritinga do Norte (PI 16)

seta



QSL 204: Como se chama o tipo de frevo que não tem letra de música?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Frevo
- Frevo-de-rua
- Frevo com orquestra
- Frevo sem música
- Banda de frevo

Notas:

1) Ainda foram encontradas as seguintes ocorrências únicas:

a) Inf. Homem Faixa 2 - Arcoverde (PI 12)

samba de coco

b) Inf. Mulher Faixa 2 - Caruaru (PI 17)

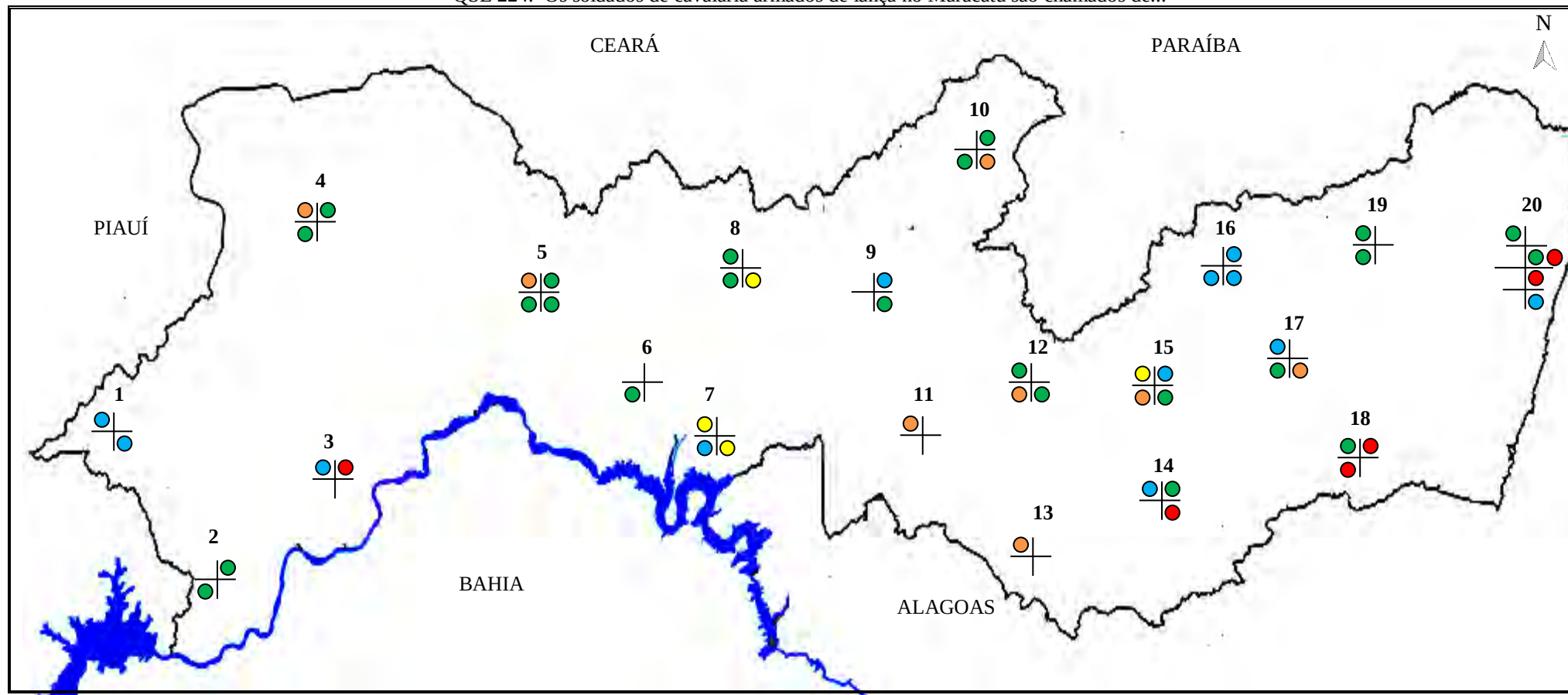
vassourinha

c) Inf. Homem Faixa 1 – Palmares (PI 18)

maracatu



QSL 224: Os soldados de cavalaria armados de lança no Maracatu são chamados de...



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá

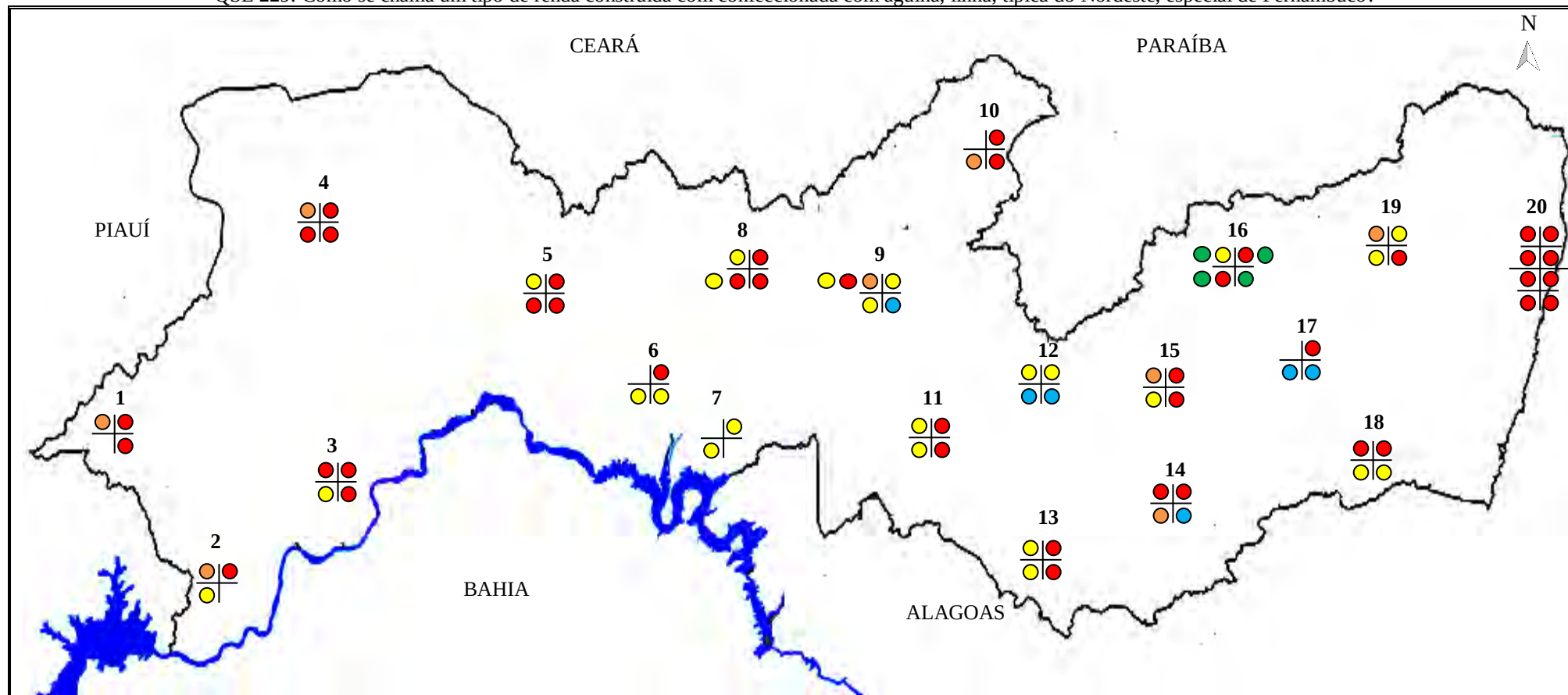


Fonte: <http://www.saindodamatrix.com.br>

- Guerreiros de lança
- Lanceiros
- Lançadores
- Soldados de lança
- Cavaleiros



QSL 229: Como se chama um tipo de renda construída com confeccionada com agulha, linha, típica do Nordeste, especial de Pernambuco?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e
específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



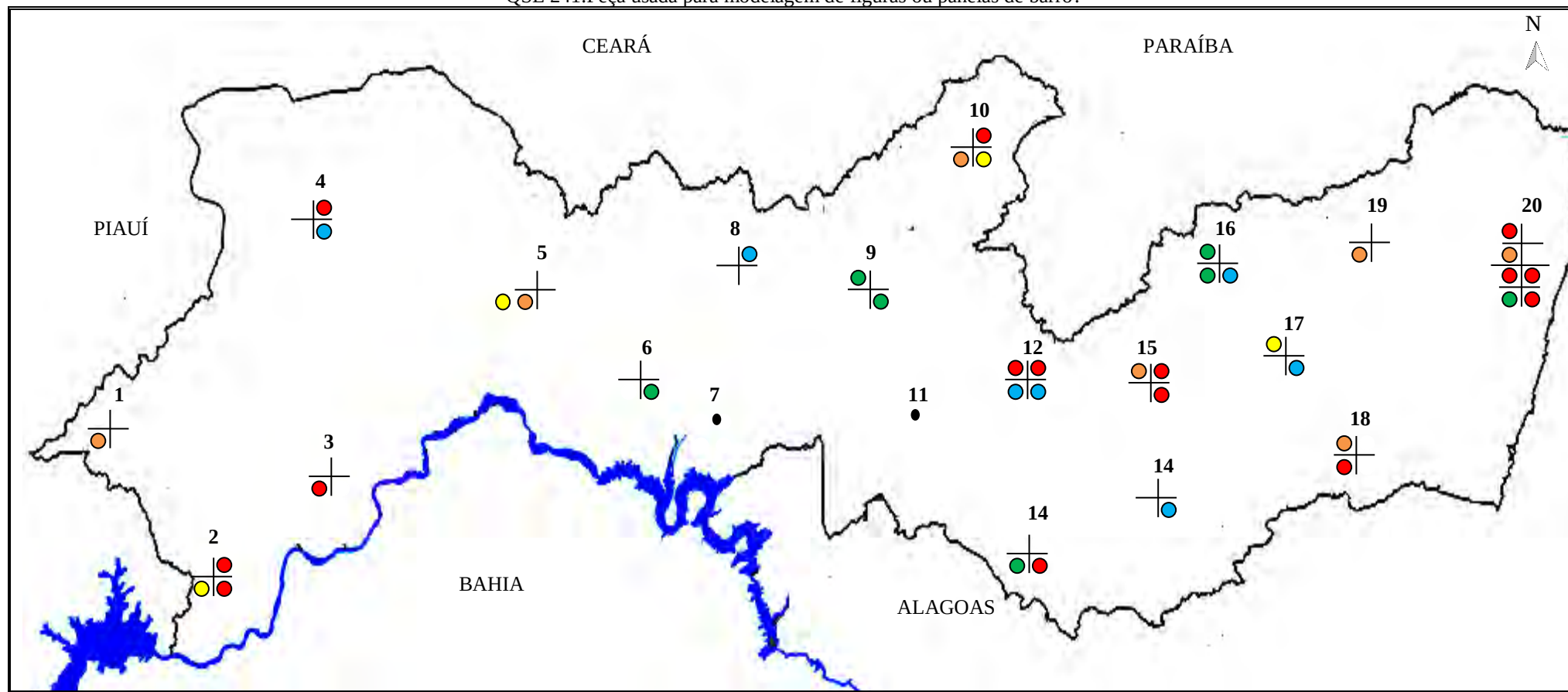
- Renascença
- Renda
- Crochê
- Tricô
- Bordado

Observação:

Foi bastante documentado o item 'renda', mas, ao se depararem com o modelo de bico numa toalha, tanto esse item, quanto os demais, embora genéricos e caracterizadores de outros tipos de artesanato, designam o conhecimento do informante.



QSL 241: Peça usada para modelagem de figuras ou painéis de barro?



homem faixa 1 ○ ○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○ ○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá

Fonte: <http://lavereda.wordpress.com>

- Torno
- Fôrma
- Painela
- Máquina
- Bacia

Notas:

- 1) As respostas cartografadas não parecem sinônimos do item ‘torno’, mas representam a *peça usada para modelar as figuras de barro*, no conhecimento e no trabalho de muitos pernambucanos, conforme exemplo da transcrição abaixo:

INQ.: Peça usada para modelagem de figuras ou panelas de barro?

INF: Aqui o pessoal das fábrica (sic) usa uma *fôrma*.

INQ.: Mas não tem um nome específico para essa peça da figura? (Mostrando a figura da peça)

INF.: Aqui eles coloca barro... como é! Argila e amassa pra fazer os boneco numa *fôrma*. (sic)

INQ.: E se não tiver fôrma, usa o quê no lugar?

INF.: Ah, eles usam uma bacia, uma panela... (INF H F2 São José do Egito – PI 10)

- 2) Outras ocorrências menos produtivas foram as seguintes:

a) Informantes Homens Faixa 1 e 2 – Limoeiro (PI 19)

pião

b) Informante Mulher Faixa 2 – Palmares (PI 18)

moinho [mo'ĩno]

c) Informante Homem Faixa 2 – Recife (E.F.) (PI 20)

moinho [mo'ĩno]

d) Informantes Homem Faixa 1 e Mulher Faixa 2 – Tacaratu (PI 07)

pilão

- 2) Foram encontradas as seguintes ocorrências únicas:

a) Informante Homem Faixa 2 – Tacaratu (PI 07)

tacho

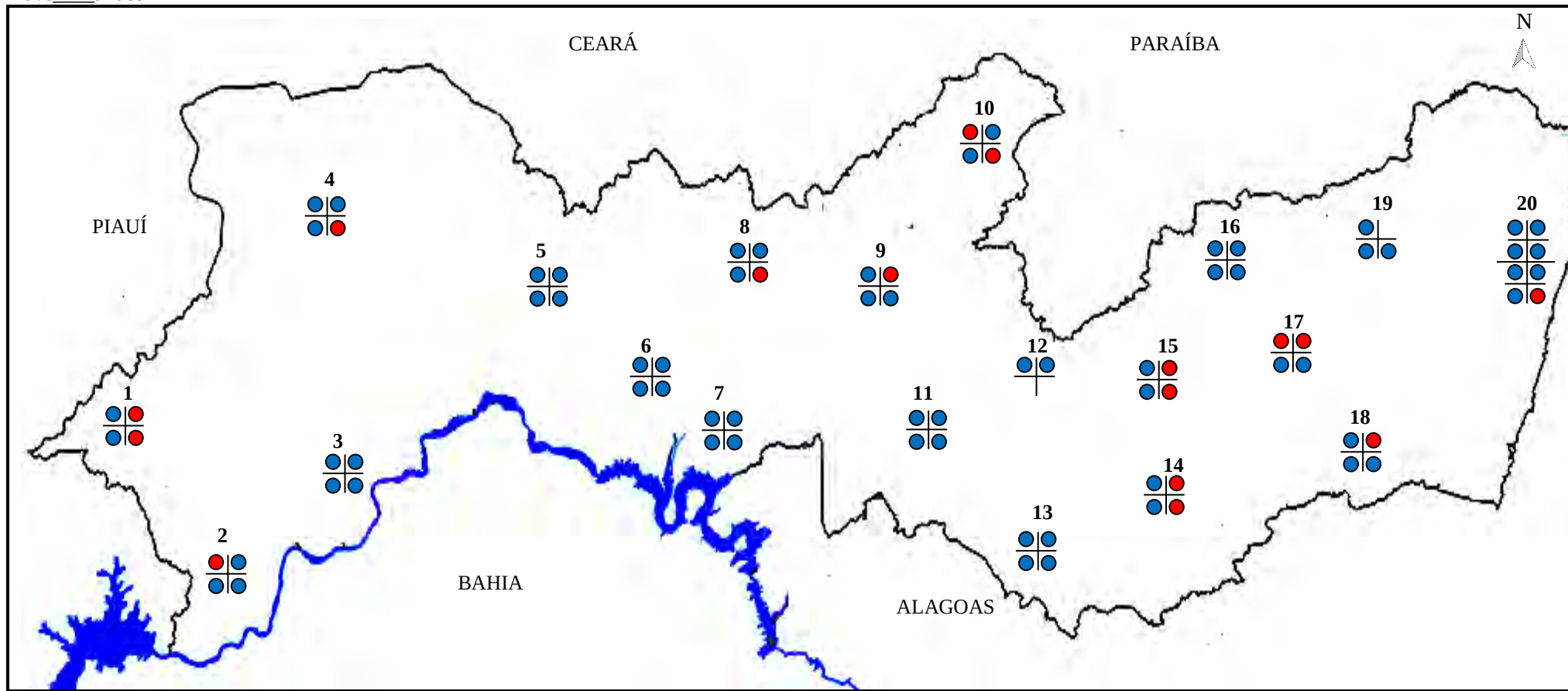
b) Informante Homem Faixa 2 – Tupanatinga (PI 11)

toldo

CARTAS MORFOSSINTÁTICAS



QMS 03: Como é que se chama aquela folha verde que se come geralmente na salada? [Para preparar essa folha tem que ser bem lavada. Como pediria a alguém para lavar?] Por favor, lave____alface



homem faixa 1 ☐ homem faixa 2 ☐
mulher faixa 1 ☐ mulher faixa 2 ☐
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

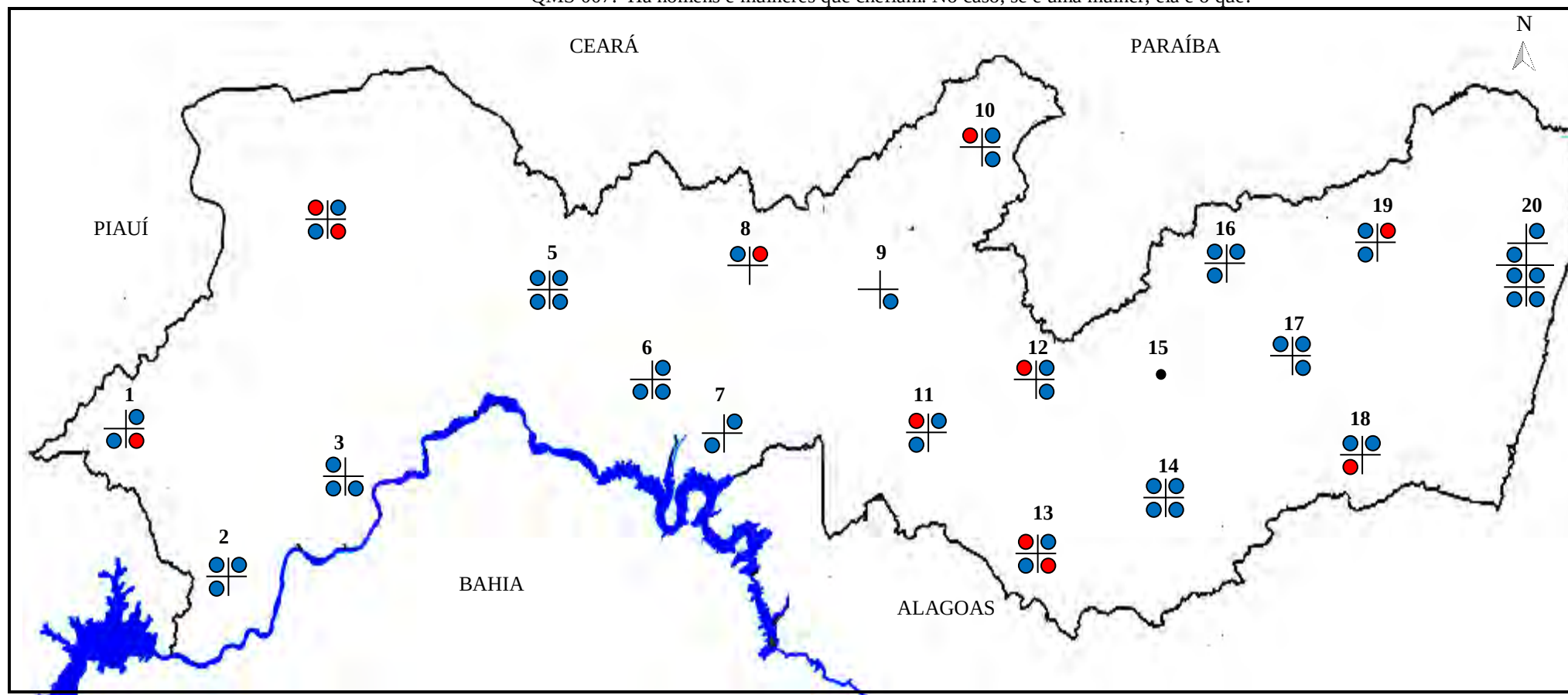
Organização temática: Edmilson Sá



☐ O / esse
☐ A / essa



QMS 007: Há homens e mulheres que chefiam. No caso, se é uma mulher, ela é o quê?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



● Chefe
● Chefa

Notas

1) Houve três ocorrências para ‘chefona’ registradas na fala dos seguintes informantes:

Informante Homem Faixa 2 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03) e Informantes Homem e Mulher Faixa 2 – São Bento do Una (PI 15)

2) Variantes não reconhecidas na morfossintaxe de gênero, mas que tomaram lugar semanticamente foram registradas conforme a seguinte distribuição:

a) Chefia → apropriando-se da metonímia para representar o ato desempenhado pelo sujeito:

Informante Homem 1ª Faixa – Afrânio (PI 01)

Informante Mulher 2ª Faixa – Palmares (PI 18)

Informante Mulher 1ª Faixa – Arcoverde (PI 12)

Informante Homem 1ª Faixa – São Bento do Una (PI 15)

Informante Mulher 1ª Faixa – Caruaru (PI 17)

Informante Homem 2ª Faixa – São Bento do Una (PI 15)

Informante Homem 2ª Faixa – Custódia (PI 09)

Informante Mulher 2ª Faixa – Serra Talhada (PI 08)

Informante Mulher 2ª Faixa – Custódia (PI 09)

Informante Homem 1ª Faixa – Tacaratu (PI 07)

Informante Mulher 2ª Faixa – Limoeiro (PI 19)

Informante Mulher 1ª Faixa – Tupanatinga (PI 11)

b) Patroa

Informante Mulher Faixa 2 – Petrolina (PI 02)

Informante Mulher Faixa 2 – Recife (E.F.) (PI 20)

Informante Mulher Faixa 1 – São José do Egito (PI 10)

Informante Mulher 2ª Faixa – Tupanatinga (PI 11)

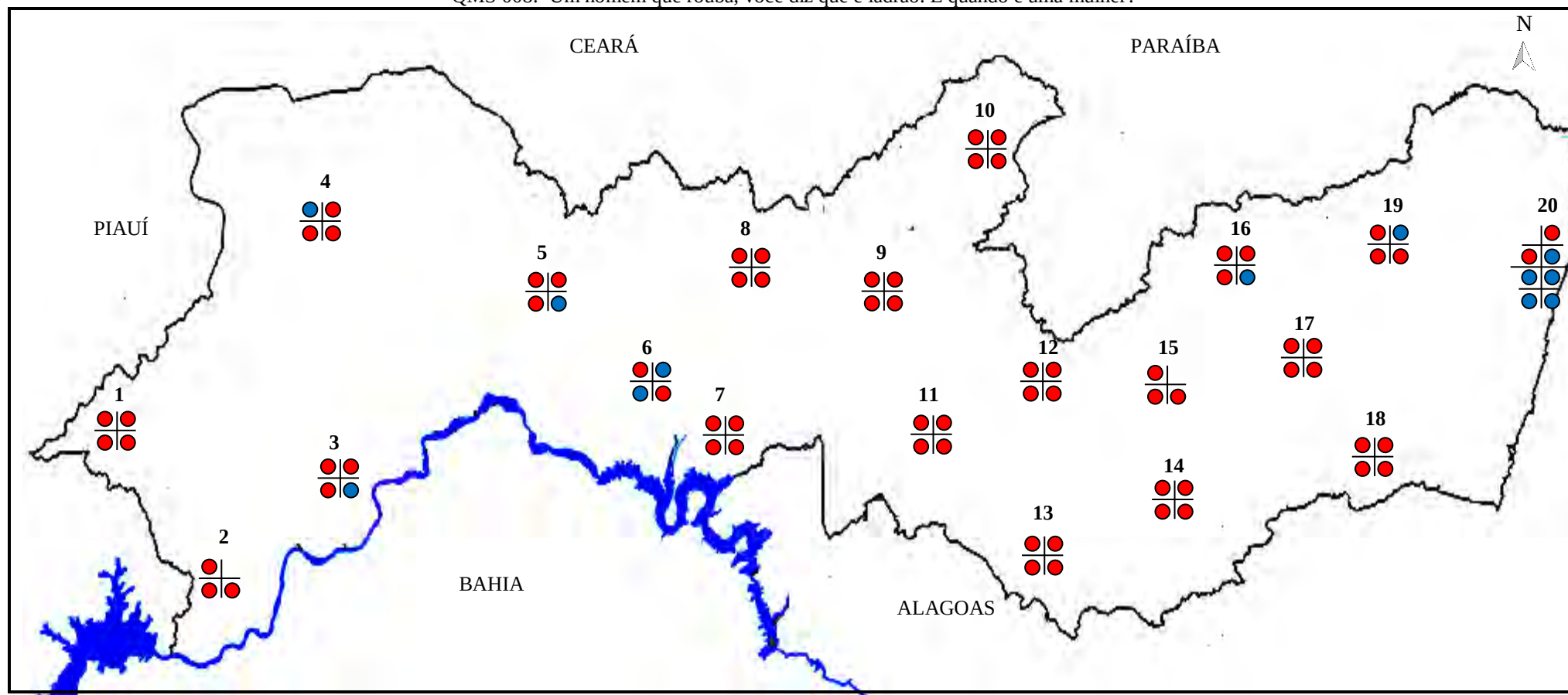
c) Dona de casa

Informante Homem Faixa 1 – Recife (E.S.) (PI 20)

Informante Mulher Faixa 2 – Taquaritinga do Norte (PI 16)



QMS 008: Um homem que rouba, você diz que é ladrão. E quando é uma mulher?



homem faixa 1 ○|○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○|○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e
específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



● Ladra
● Ladrona

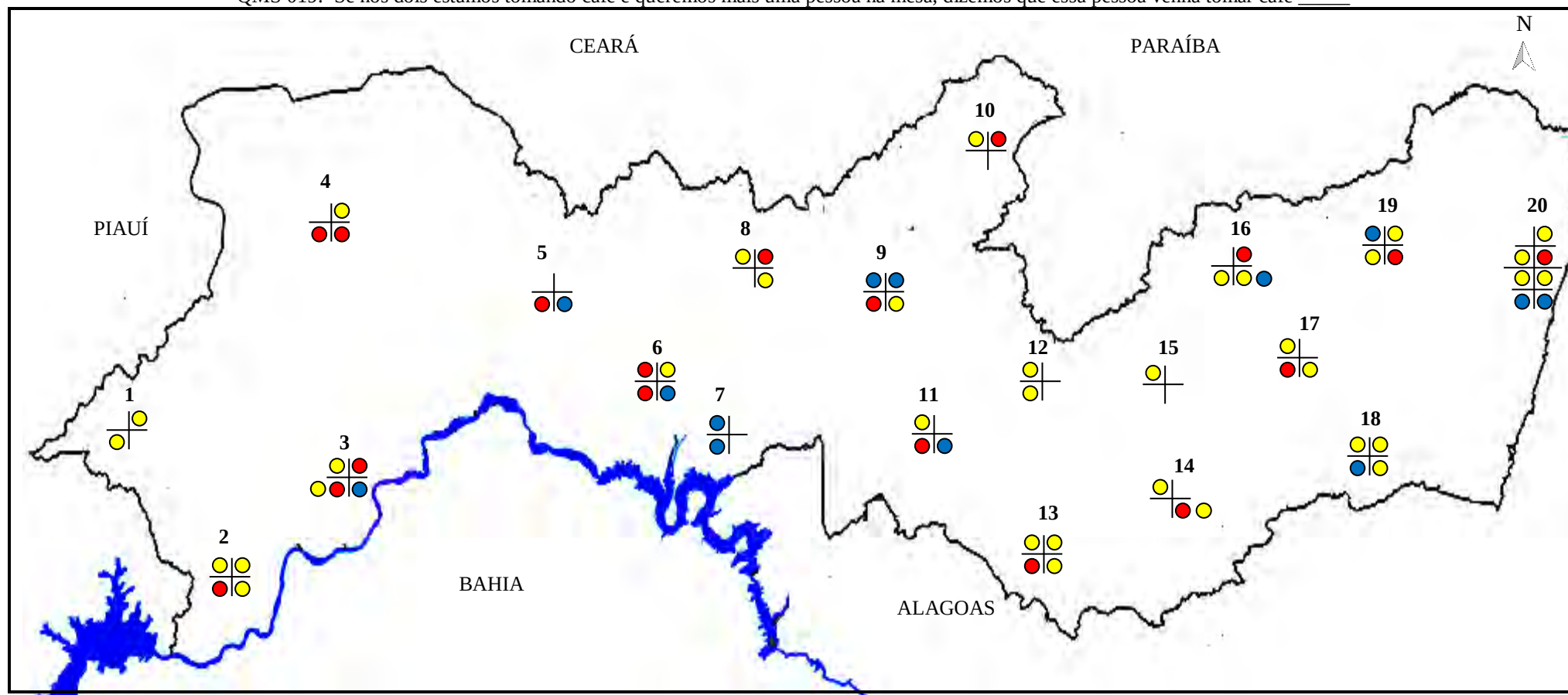
Notas

Outras respostas foram proferidas pelos seguintes informantes:

- a) Assaltante – Informante Homem Faixa 2 – Petrolina (PI 02)
- b) Bandida – Informante Homem Faixa 1 – Recife (E.F.) (PI 20)
- c) Ladroa – Informante Homem Faixa 2 – São Bento do Una (PI 15)



QMS 019: Se nós dois estamos tomando café e queremos mais uma pessoa na mesa, dizemos que essa pessoa venha tomar café _____



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



● Conosco
● Com nós
● Com a gente

Notas:

Além das formas cartografadas, houve outras respostas em menor proporção, conforme distribuição abaixo:

1) mais nós

- a) Informante Mulher Faixa 1 – Garanhuns (PI 14)
- b) Informantes Homem Faixa 2 e Mulher Faixa 1 – São Bento do Una (PI 15)
- c) Informante Mulher Faixa – Tacaratu (PI 07)

2) mais a gente

- a) Informante Homem Faixa 2 – Caruaru (PI 17)
- b) Informante Homem Faixa 2 – Tupanatinga (PI 11)

3) nós três

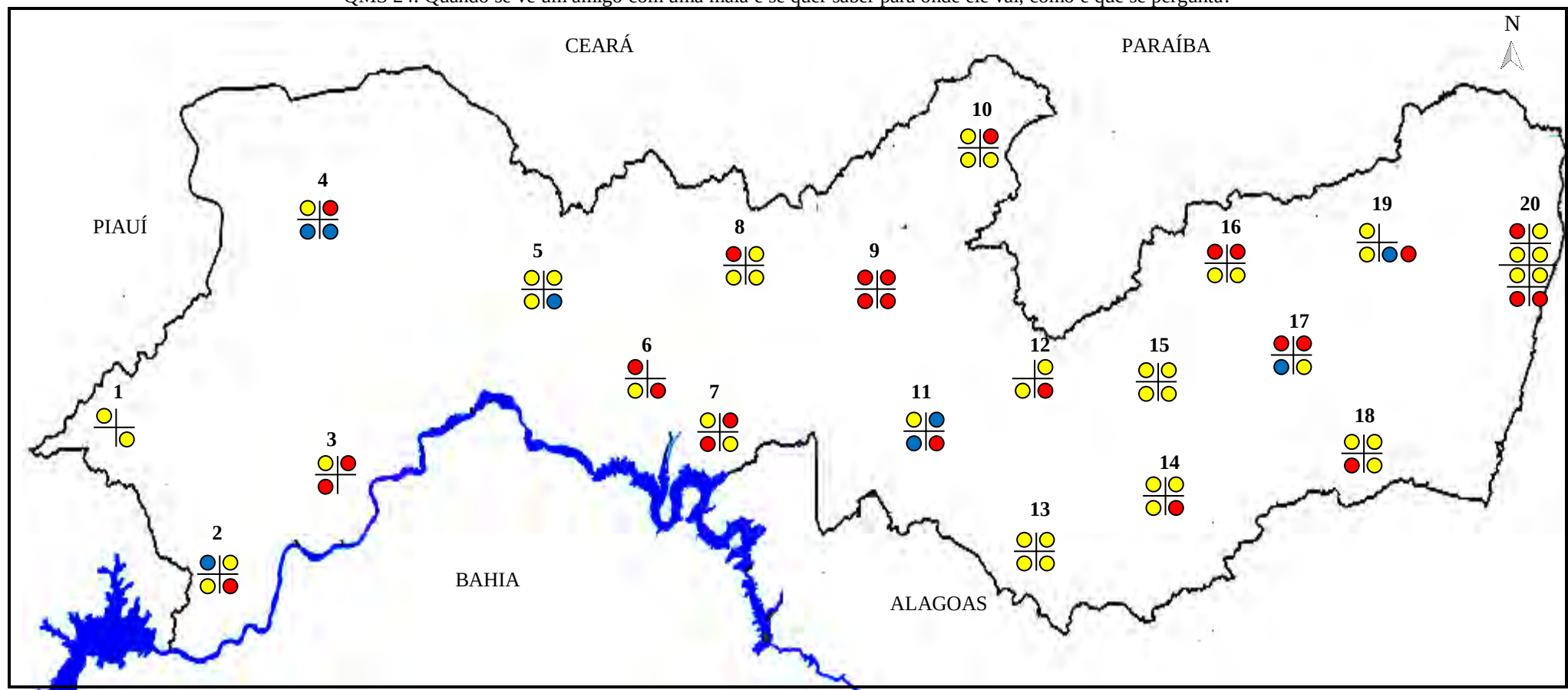
- a) Informante Homem Faixa 1 – Ouricuri (PI 04)
- b) Informante Mulher Faixa 1 – São José do Egito (PI 10)
- c) Informante Homem Faixa 1 – Taquaritinga do Norte (PI 16)

4) todo mundo

- a) Informante Mulher Faixa 2 – Arcoverde (PI 12)
- b) Informante Homem Faixa 1 (E.F.) – Recife (PI 20)



QMS 24: Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?



homem faixa 1 homem faixa 2
 mulher faixa 1 mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



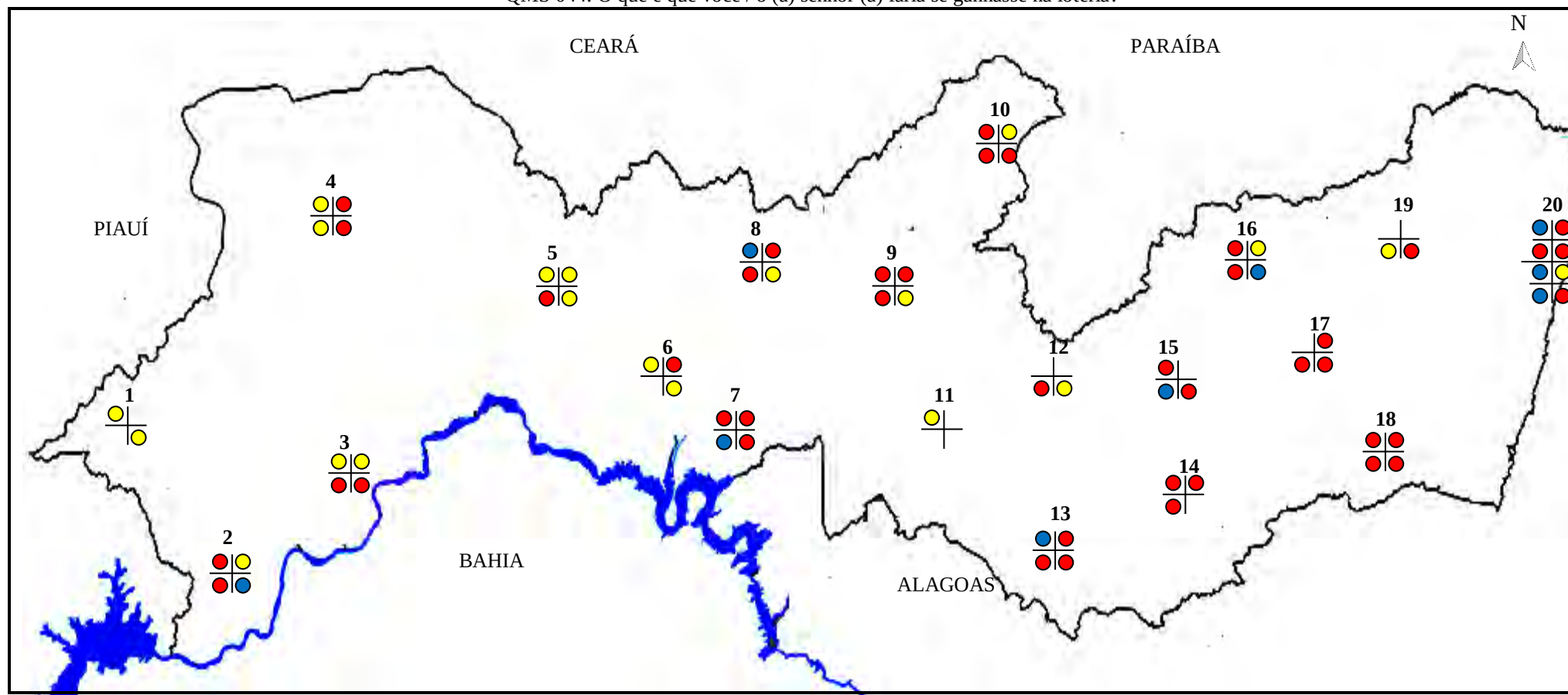
Tu
 Você
 (Tu / Você) oculto

Nota: Houve duas realizações em que o sujeito foi mais polido (O senhor) proferido pelos seguintes informantes:

- a) Informante Homem Faixa 2 – Floresta (PI 06)
- b) Informante Mulher Faixa 2 – Santa Maria da Boa Vista (PI 03)



QMS 044: O que é que você / o (a) senhor (a) faria se ganhasse na loteria?



homem faixa 1 homem faixa 2
mulher faixa 1 mulher faixa 2
ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

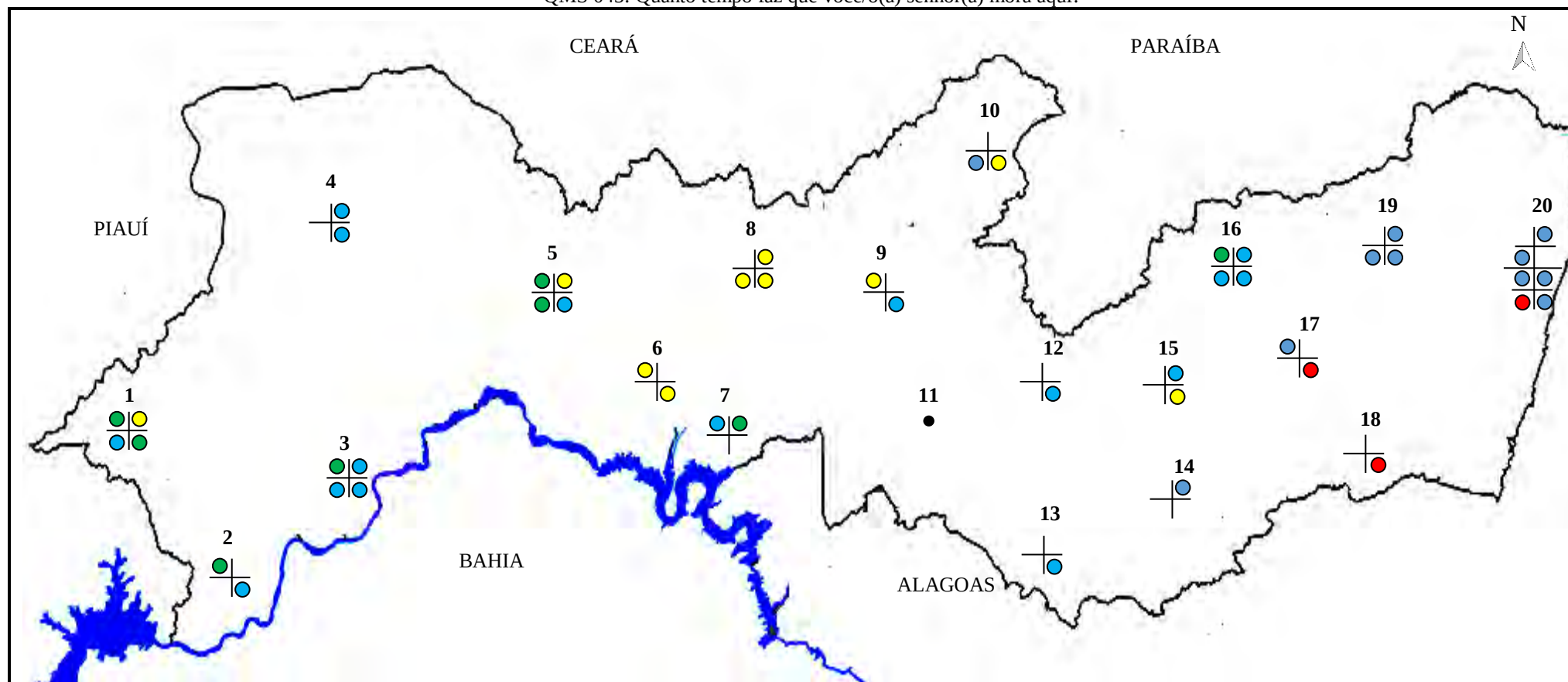
Organização temática: Edmilson Sá



- Futuro do pretérito (compraria)
- Pretérito imperfeito (comprava)
- Pret. Imp. Ir + infinitivo (ia comprar)



QMS 045: Quanto tempo faz que você/o(a) senhor(a) mora aqui?



homem faixa 1 ○○ homem faixa 2
mulher faixa 1 ○○ mulher faixa 2

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



- Faz
- Fazem
- Tá (com)
- Tem

Notas

- 1) Dentre as outras formas coletadas como resposta, destacam-se as construções iniciadas pelo advérbio “desde”.

Informante Homem Faixa 1 – Ouricuri (PI 04):

INQ.: Quanto tempo faz que você/o(a) senhor(a) mora aqui?

INF: *Desde* que eu nasci. Vinte e poucos anos.

Respostas com a mesma estrutura foram proferidas pelos seguintes informantes:

a) Mulher Faixa 1 – Floresta (PI 06)

b) Mulher Faixas 1 e 2 – Salgueiro (PI 05)

- 2) Houve expressões compostas com o verbo ‘fazer’:

Informante Mulher Faixa 1 – Ouricuri (PI 04):

INQ.: Quanto tempo faz que você/o(a) senhor(a) mora aqui?

INF.: Nessa casa, *vai fazer* três anos.

A mesma estrutura foi usada pela Informante Mulher Faixa 1 – Tacaratu (PI 07)

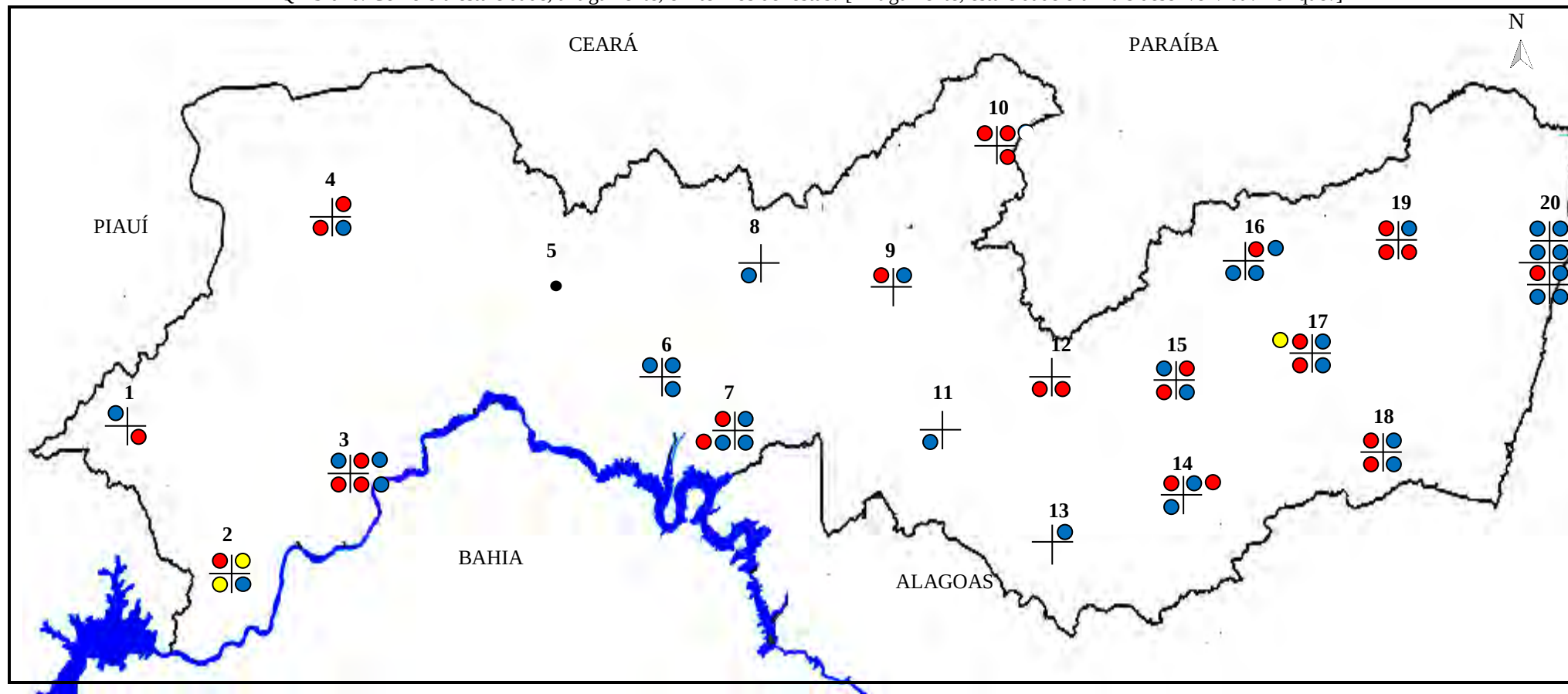
- 3) Ocorrência única: Informante Homem Faixa 1 – Limoeiro (PI 19):

INQ.: Quanto tempo faz que você/o(a) senhor(a) mora aqui?

INF.: *Em torno de* vinte e seis anos... Minha idade.



QMS 046: Como era esta cidade, antigamente, em termos de festas? [Antigamente, esta cidade era mais desenvolvida? Por quê?]



homem faixa 1  homem faixa 2 
mulher faixa 1  mulher faixa 2 

ESCALA

0 76 km

Carta-base: Fonte: IBGE

Dados linguísticos: Questionários do ALiB e específicos

Dados cartográficos: Alecleide de Souza Barbosa

Organização temática: Edmilson Sá



 Ter
 Ser
 Ver

Nota

- 1) Em que pese não ter havido ocorrências com o verbo *haver*, nem com o verbo *existir*, foram registradas ocorrências com outros verbos que apresentaram o sema ‘existir’, além dos verbos já cartografados: (SER) “*Era* muita festa.” (INF MF2 – PI 01)= *Existia* / *havia* muita festa; (VER) “*Via* pouca briga”. (INF MF1 – PI 02) = *Existia* / *havia* pouca briga. Os demais verbos são:
 - a) Vir:: “*Vinha* gente de toda parte.” (INF MF1 – PI 17) = *Existia* / *havia* gente de toda parte.
 - b) Acontecer: “Não *acontecia* nada”. (INF MF2 – PI 02) = não *existia* / *havia* nada.



CONCLUSÃO

A visão de mundo, as crenças, as ideologias e as formas de expressão dessa sociedade com sua cultura são transmitidas de geração a geração pela língua, falada e/ou escrita, tornando evidente que a língua representa e guarda as marcas sociais e culturais daquela comunidade que a utiliza. (ARAGÃO, 2003)⁵⁶

O *Atlas Linguístico de Pernambuco* (ALiPE) surge em momento oportuno para os estudos geolinguísticos do Português do Brasil, passados cinquenta anos do pioneiro *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) e trinta anos do *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALP).

Durante esse tempo, muito se perguntava acerca do falar considerado peculiar do pernambucano, de sua pronúncia popularmente nomeada de ‘arrastada’, de seu vocabulário multiétnico e de sua maneira de se comunicar um tanto quanto exótica, mas pouco se documentava a respeito.

Em consequência disso, com o avanço da tecnologia digital e a acessibilidade a gêneros midiáticos, as marcas linguísticas desse povo estariam sujeitas ao arcaísmo, como também se arcaizariam suas tradições e manifestações histórico-culturais igualmente representadas pelo seu modo de falar.

Por esse motivo, um considerável número de pesquisas linguísticas, antes restritas ao falar da capital, predizia a necessidade de um aprofundamento nos estudos descritivos do Estado, o que tornou a elaboração do *Atlas Linguístico da Zona da Mata Norte* e o *Atlas Linguístico de Buíque* como portas abertas a um estudo de maior amplitude.

Contando com a metodologia proposta na Geolinguística Pluridimensional, foram escolhidos vinte municípios como pontos de inquérito, distribuídos em toda a extensão territorial de Pernambuco, nos quais foram realizadas investigações a quatro pessoas naturais de cada um desses pontos. Os resultados, devidamente catalogados, culminaram na

⁵⁶ ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. O linguístico e o cultural nos contos populares paraibanos. **Anais da 57ª Reunião Anual da SBPC**, Fortaleza, 2003.



construção de 105 cartas linguísticas, que permitiram descrever a fala da terra ‘onde o mar se arrebenta’ nos níveis fonético, léxico e morfossintático.

No plano fonético, encontraram-se os seguintes aspectos:

- a) Alteamento da vogal /e/, quando seguida da consoante /s/ em coda: t[e]soura - t[ɪ]soura e abertura diante de outros contextos: [e]l[e]fante - [ɛ]l[ɛ]fante
- b) Monotongação dos ditongos decrescentes: b[ai]xa - b[a]xa
- c) Palatalização do glide em ditongos decrescentes seguidos de hiatos: te[i]a - te[ʎ]a
- d) Ditongação diante de /s/: trê[s] - tre[js]
- e) Ausência da vogal inicial: [a]ftosa - [ø]ftosa
- f) Neutralização entre /i/ e /u/: [u]mbigo - [i]mbigo
- g) Desnasalização do ditongo final -em: hom[em] - hom[i]
- h) Palatalização e apagamento do /s/ em coda final: doi[s] - doi[ʃ]; doi[ø]
- i) Redução das proparoxítonas: pólv[or]a - p[olv]a
- j) Apagamento do /n/ no grupo /ndo/: ferve[nd]o - ferve[n]o
- k) Metátese: v[idr]o - v[rid]o

No caso da variação lexical, houve maior número de designações nos campos semânticos *astros* e *tempo*; *atividades agropastoris*; *fauna*; *corpo humano*; *convívio/comportamento social* e *vestuário/acessórios*.

Nesses campos, algumas designações se mostraram mais acentuadas, sendo representadas por meio de metáforas em particular para os itens *tornozelo*, *pessoa sovina*, *prostituta*, *cigarro de palha* e *amarelinha*. Houve realizações que se manifestaram mais assiduamente sob a forma de diminutivos tal como ocorreu com as variantes de *riacho*, *garoa* e *bola de gude* e uma considerável quantia de construções neológicas, principalmente de itens lexicais pertencentes ao campo da *fauna*.

Através da leitura do ALiPE, foi possível intuir a existência de divergências entre o falar pernambucano e outros falares nordestinos, considerando algumas marcas dialetais registradas nas cartas linguísticas.

Já no que concerne à perspectiva morfossintática, enfatizaram-se, nas cartas, os seguintes aspectos:

- a) Alternância no gênero dos substantivos: chefe - *chefa*, *chefona*; presidente - *presidenta*



- b) Variação no uso do pronome pessoal: comigo – *mais eu*; conosco - *com nós, mais a gente, mais nós*
- c) Indicação de existência: verbos ter (não *tinha* parque), ser (*era* muita confusão), ver (*via* o povo saindo), vir (*vem* banda), existir (*existia* festa), acontecer (não *acontecía* nada)

Para se chegar aos resultados acima descritos, o caminho não foi fácil e os fatos expostos nem de longe representam tudo que é descritível pela língua. Logo, ainda há muito o que se pesquisar sobre o falar pernambucano, para que se possa demarcar suas áreas dialetais, uma vez que determinados aspectos levantados são comuns a outros Estados do Nordeste.

Diante de tal constatação, vem à tona a assertiva de Coseriu (1987, p. 112), quando diz que “nem mesmo os mais ricos atlas linguísticos podem proporcionar, para cada ponto, uma descrição ‘exaustiva’ do falar e, por isso, eles não substituem as investigações dialetais monográficas. E os indícios espaciais que as cartas oferecem não substituem a documentação histórica, assim como simples conhecimento mecânico da distribuição das formas do território não dispensa o conhecimento das condições de vida, sociais e culturais, que cercam, e, em parte, condicionam, o falar.” Assim, nasce a certeza de que este trabalho pode inspirar outras pesquisas descritivas no Estado e além de suas linhas fronteiriças, usando, para tal propósito, os pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística e da Sociolinguística. É, pois, por meio desses estudos que se registram os sinais históricos e socioculturais mantidos no conhecimento de mundo de cada sujeito e expostos através da linguagem.



REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná - ALPR**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

_____.(Org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005

_____ & YIDA, V. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não-respostas de informantes das capitais. **Signum**. Estudos de Linguagem, v. 11, Londrina: EDUEL p. 13-29, 2008.

ALINEI, Mario et al. **Atlas Linguistique de l'Europe**. Introduction. Bureau de la Rédaction, Nimégue. Nijmeegse Centrale voor Dialect – en Naamkunde, 1972.

ALTINO, Fabiane Cristina. Pelos caminhos da Geolinguística Paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis. 2001. In: AGUILERA. Vanderci de Andrade (org.) **A Geolinguística no Brasil**: trilhas perseguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005.

_____. **Atlas Linguístico do Paraná II**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Londrina, 2007. Vol. 1-2.

ALMEIDA, Edilene Maria Oliveira. **Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco**. Dissertação de Mestrado. UFPB, João Pessoa, 2009.

ALVAR, Manuel. **Atlas lingüísticos y diccionarios**, LEA, IV/2, 1982.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANDRADE, Manuel Correia de Oliveira. **Pernambuco**: cinco séculos de colonização. João Pessoa, PB : Editora Grafset, 2004.



ANDRADE, Thaís de Lourdes Correia. Formação do Território Pernambucano. In: ANDRADE, Manuel Correia de Oliveira. **Atlas escolar de Pernambuco**. João Pessoa: Grafset, 2003.

ARAGÃO, Maria do Socorro da S. & MENEZES, Cleuza Bezerra. **Atlas linguístico da Paraíba**. Brasília: UFBB/CNPq, 1984.

ARAÚJO, Joseph Ildefonso de. Atlas linguístico rural da Zona da Mata de Minas Gerais – Brasil: nomes de doenças agropecuárias e hortaliças. **Revista Philologus**. Ano 4. Nº 10. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2001.

ARAYA, Guillermo. **Atlas linguístico-etnográfico del sur de Chile (ALESUC)**, I. Valdivia. 1973.

ASCOLI Graziadio Isaia. **Archivio glottologico italiano**. Volume Undecimo. Roma: Ermanno Loesgher, 1889.

ASSIS, Virgínia Maria Almoêdo de & ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **Buíque**: uma história preservada. Recife: Prefeitura Municipal de Buíque, 2004.

BAILEY, Guy. Real and apparent time. **The handbook of language variation and change**, ed. by J. K. Chambers, Peter Trudgill, and Natalie Schilling-Estes, 312-332. Oxford/Malden: Blackwell. 2003

BALBI, Adrian. **Introduction à l'atlas ethnographique du globe**. Paris: Rey & Gravier, 1826.

BARROS, D.L.P. de. **O discurso do dicionário**. ALFA: São Paulo, v. 44, p. 1-96, 2000.

BESSA, José Rogério Fontenele. **Atlas linguístico do Estado do Ceará**. Vol. 1 – Introdução. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BIDERMAN, M T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires & ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.) **As Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande-MS, Editora da UFMS. 2001.



BIELENSTEIN, A. **Die Grenzen des lettischen Volksstammes und der lettischen Sprache:** in der Gegenwart und im 13. Jahrhundert, St. Petersburg, 1892.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language.** New York: Henry Holt, 1933.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários:** uma introdução à Lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BORGES, Marieta. **Pernambuco.** Recife: Prazer de Ler, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade:** estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil.** São Paulo: Ática, 1991.

BUSSE, Sanimar. **Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná.** Tese de Doutorado. UEL. Londrina, 2009.

CALAME-GRIAULE, Geneviève. Ethnologie et langage. In: CALAME-GRIAULE, Geneviève. **Des cauris au marché:** Essais sur des contes africains. (Publié avec le concours du Centre national des Lettres.) Paris : Société des Africanistes, 1987.

CALVET, Louis-Jean. **Linguistique et colonialisme:** Petit traité de glottophagie. Paris: Payot, 1974

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas linguístico de Sergipe II.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2002.

_____. **Geolinguística:** tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARVALHO, Nelly. **Língua do Nordeste.** Jornal do Comércio, Recife, , v. 1, p. 13 - 13, 11 jun. 2004.

_____. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa.** São Paulo: Cortez, 2009.

CARVALHO, Sílvia. **Paisagens e história de Pernambuco.** São Paulo: Editora Habra, 1999.

CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna.** Madrid: Consejo Superior de Investigaciones, 1992.



CASTRO, Vandersi Sant'Ana. Avaliação dos procedimentos metodológicos das entrevistas definitivas: O questionário morfossintático (QMS). **Documentos 1** – Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Salvador: EDUFBA, 2004.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **Os pioneirismos de Pernambuco**. Recife: Edições Bagaço, 2009.

CHAMBERS, Jack K. & TRUDGILL, Peter J. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language: Its Nature, Origin, and Use**. New York: Praeger Publishers, 1986.

COSERIU, Eugene. **Sincronia, diacronia e história**. Coleção Linguagem. São Paulo: Presença, 1979.

_____. A geografia linguística. In: COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 79-116.

_____. **Introducción a la lingüística**. Madrid: Gredos, 1986.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Versão Monousuário 3.0 São Paulo: Objetiva, junho de 2009.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2007.

DURAFFOUR, Antonin. Sprach-und Sachatlas Italiens und der Sudschweiz (« Atlas linguistique et ethnographique de l'Italie et de la Suisse méridionale ») Der Sprachatlas als Forschungsinstrument, **Revue de géographie alpine**, 1929, vol. 17, n° 3, pp. 650-657.

FARIAS, Gilmar Ferreira de & PEREIRA, Glauco Alves. Aves de Pernambuco: o estado atual do conhecimento ornitológico. **Revista biotemas**. 22 (3): 1-10, setembro de 2009.

FERREIRA, Carlota & CARDOSO, Suzana. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.



- FISCHER, J.L. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word** 14:47–56. 1958.
- FLOREZ, Luiz. Principios Y Método Del Atlas Lingüístico Etnográfico De Colombia (ALEC). **Thesavrvs boletín del Instituto Caro Y Cuervo**. Tomo XIX. Número 2 Mayo-Agosto, 1964.
- FREIRE, Gilberto. A Importância da Cana de Açúcar na Formação Histórica de Pernambuco. In: Freire, Gilberto et al. **Curso de história de Pernambuco**. Recife: Oficinas Gráficas do Colégio e Curso Radier, 1975.
- GAUCHAT, L. L'unité phonétique dans le patois d'une commune. Halle. 1905. In: LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1972.
- GIDDENS, A. Sociology. Cambridge: Policy, 1989. In: MILROY, Lesley & GORDON, Matthew. **Sociolinguistics: Method and Interpretation**. Oxford: Blackwell, 2003.
- GUILLIÈRON, Jules. **Atlas linguistique da la France**: Notice servant à l'intelligence des cartes, Paris: Champion, 1902.
- HUBER, Magnus et al. **The linguistic atlas of England**. English Dialects Pre-Seminar. Justus-Liebig Universität Giessen: Germany, 2006.
- IBGE. Censo Demográfico 1991: documentação dos microdados da amostra. Rio de Janeiro, 2000.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Os atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos. In: MOTA, Jacyra Andrade & CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). **Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador - BA: Quarteto Editora, 2006, p. 67-94.
- _____. A propósito dos dicionários de regionalismo do português do Brasil. In: ISQUERDO, Aparecida Negri & ALVES, Ieda Maria. **As Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande - MS, Editora da UFMS. 2001.
- JAKOBSON, Roman. **Selected Writings I**. Phonological Studies, The Hague, Paris: Mouton. 1971.



JESPERSEN, Otto, **Language**. Its nature, development and origin, 9ª ed., Londres, 1950 [1922].

JOLY, Fernand. **A cartografia**. 15ª edição. Campinas: Papirus, 2011.

KATTENBUSCH, Dieter, Le lingue minoritarie nel progetto VIVALDI. In: Walter Breu (a cura di), **L'influsso dell'italiano sul sistema del verbo delle lingue minoritarie** (= Diversitas linguarum 29), Bochum 2011, 227-242.

KOCH, Walter et al. **Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil - ALERS**. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Principles of linguistic change**. Internal factors. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change**. Social factors. Oxford/Cambridge: Blackwell, 2001.

_____, WEINREICH, Uriel & HERZOG, Marvin. Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística. Tradução para o Português de **Empirical foundations for a theory of language change** (1968), organizada por Marcos Bagno. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

LENS, Rodolfo. Dicionario etimológico de las voces chilenas derivadas de lenguas indígenas americanas. 1910. In: NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

LEROND Alain. Réflexions sur la géographie linguistique. In: **Annales de Bretagne**. Tome 71, numéro 4, 1964. pp. 553-568.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. Documentos Históricos sobre a Comarca do São Francisco. Recife: Secretaria do Interior e Justiça - Arquivo Público Estadual, 1951. In: MARTINS, Herbert Toledo. **A retaliação de Pernambuco: o caso da comarca do Rio de São Francisco**. Revista CLIO – Revista de Pesquisa Histórica. Volume 28.2. Recife: UFPE. 2010.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.



MAJOR, Roy. C. Gender and stylistic variation in second language phonology. **Language Variation and Change**, Cambridge: Cambridge University Press, 2004. 169–188.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

_____. Geolinguística pluridimensional: desafios metodológicos. **Anais do Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**, Porto Alegre. Pelotas, Educat, 2008, p.1-9.

MAROUZEAU, Jules. Lexique de la Terminologie Linguistique. 1951. In : NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**. Alagoas e Pernambuco. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nacional, 2008. [1934].

MAXWELL, James Clerk. **On the Theory of Compound Colours and the Relations of the Colours of the Spectrum**. Phil. Trans. R. Soc. Lond. January 1, 150:57-84, 1860.

MEILLET, Antoine. Bull. de la Soc. de Ling. de Paris, t. XXX, 1929. In: POP, Sever. **Aperçu historique sur le développement de la dialectologie**. Vols.1. Louvain : Chez l’auteur. Gembloux, 1950.

MENÉNDEZ, Francisco Gimeno. **Dialectología y sociolingüística españolas**. Alicante: Imprenta de la Universidad, 1990.

MILROY, Lesley & GORDON, Matthew. **Sociolinguistics: method and interpretation**. Oxford: Blackwell, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2000.

MOTA, Jacyra. A Variação Diafásica No Português do Brasil. **Revista de Letras** Fortaleza, Nº. 24 - Vol. 1/2 - jan/dez. 2002, p. 70-74.

_____. & CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sobre a dialetologia no Brasil, para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, J. A; CARDOSO. S.A.M. (Orgs). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Documentos II**. Salvador: Quarteto, 2006.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.



_____. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.** Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, Vol. I, 1958.

OLIVEIRA, Dercir (org.). **ALMS - Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul.** Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

OROZCO, Sebastián de Covarrubias. **Tesoro de la lengua castellana, o española.** Madrid: Luis Sanchez, 1611.

PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. **Anais pernambucanos, 1834 -1850.** Recife: Fundarpe, 1985.

PEREIRA, M. N. **Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar.** Tese de Doutorado.UFRJ: Rio de Janeiro, 2007.

POP, Sever. **Aperçu historique sur le développement de la dialectologie.** Vols.1 e 2. Louvain : Chez l'auteur. Gembloux, 1950.

RAZKY, Abdelhak. **Estudos geo-sociolinguísticos no Estado do Pará.** Belém: Gráfica e Grafia, 2003.

_____. **Atlas linguístico sonoro do Pará (ALISPA).** Belém: Gráfica e Grafia, 2004.

REIS, Regiane Coelho Pereira, **Atlas linguístico do município de Ponta-Porã - MS;** Um Registro Das Línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai. Dissertação de Mestrado. UFMS, 2006.

RIVERA, Andrés Chirinos. **Atlas Linguístico del Perú.** Ministerio de Educación. Centro Bartolomé de las Casas. Cusco-Lima, 2001

ROSSI, Nelson; ISENSEE, Dinah; FERREIRA, Carlota. **Atlas prévio dos falares baianos – APFB.** Rio de Janeiro : INL/MEC, 1963.

_____. **A dialectologia.** ALFA, 11, Marília. 1967, p.89-116.

SÁ, Edmilson José de. **Variação do /l/ em coda silábica na fala de Arcoverde (PE).** Dissertação de Mestrado. UFPE. 2007.



SALVADOR, Gregorio. Lexicografía y Geografía Lingüística. **Revista Española de Lingüística**, 10/1, Madrid: Paraninfo, 1980.

SAMPAIO, Francisco Coelho. **Geografia de Pernambuco**. São Paulo: Editora Atual. 2008a.

_____. **História de Pernambuco**. São Paulo: Editora Atual, 2008b.

SAPIR, Edward. **Le langage**. Introduction à l'étude de la parole. Québec: Édition électronique réalisée en 2001.[1921]

SARAMAGO, João. **O atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)**. Estudis Romànics. Vol. XXVIII .2006., p. 281-298

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix. 1986. [1916].

SETTE, Hilton & ANDRADE, Manuel C. **Geografia e história de Pernambuco**. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1959.

SILBERT, Célia. **Geografia de Pernambuco**. São Paulo: FTD, 1998.

SILVA, Jacionira Coêlho. **Arqueologia no médio São Francisco. Indígenas, vaqueiros e missionários**. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialetológicos**. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA, Leonardo Dantas. **Pernambuco: imagens da vida e da história**. Recife: SESC, 2001.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística: teoria y análisis**. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

SORIANO, J. García. **Vocabulario del dialecto murciano**, Murcia: Editora Regional, Madrid, 1932.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. Série Princípios, São Paulo: Ática. 1986.



THUN, Harald & ELIZAINCÍN, Adolfo. **Atlas diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)**, I, 1-2, Kiel: Westensee-Verlag, 2000.

VILELA, Mário. **Portugiesisch: lexikologie und semantik**. In: Lexikon der Romanistischen Linguistik, Gunter Holtus/Michael Metzeltin/Christian Schmitt (Hrsg.). Tübingen: Niemeyer, Band 6,2. 1994.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

WAGNER, Cláudio. El atlas lingüístico y etnográfico de Chile. Localidades y cuestionario. **Estudios Filológicos**, N° 39, septiembre 2004, pp. 83-120.

WARDHAUGH, Ronald. **An Introduction to Sociolinguistics**. Oxford : Blackwell, 2006.

WEIGAND, Gustav. **Linguistischer Atlas des Dacorumänischen Sprachgebiets**. Leipzig: Barth. 1909.

WEINREICH, Uriel. Is a structural dialectology possible?. **Word**. v.10, n° 4. New York: The Linguistic Circle of New York 1954. pp. 388–400.

WINKELMANN, Otto. La geolingüística pluridimensional y el análisis de situaciones de contacto lingüístico. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. (Orgs.) **Neue wege der romanischengeolingüistik**. Akten des symposiums zur empirischendialektologie. (Heilderberg/Mainz, 21-24.10.1991). Kiel:Westensee-Verlag, 1996. p. 342-353

WOLFRAM, Walt & SCHILLING-ESTES, Natalie. **American English: dialects and variation**, 2nd edition. Malden/Oxford: Blackwell, 2006.

ZUMBADO Corrales, Cristóbal & DIAS, Dolores Corbella (2002-2004): «El ALEICan en los diccionarios », en Rosa M.^a Castañer y José M.^a Enguita (eds.), **Archivo de filología aragonesa**, LIX-LX. *In memoriam Manuel Alvar*, 2002. t. II, 1203-1222.



APÊNDICES

A OS INQUÉRITOS PELO ESTADO DE PERNAMBUCO



Próxima à Aldeia dos *Fulni-ô*, a informante se encantava com as figuras durante o inquérito em **Águas Belas**. Afinal, alguma coisa era necessária para ela não confundir os dialetos e acabar falando *Ya:thê*.

O início de tudo. O primeiro ponto de inquérito foi o Portal do Sertão, **Arcoverde**. Aqui, o informante parecia bem à vontade para quase duas horas de pesquisa num domingo à tarde e nem se incomodou com o tempo gasto.



A cidade de **Caruaru**, importante polo comercial e cultural, foi um dos primeiros pontos inquérito. Figuras para facilitar o trabalho e foto durante o inquérito! Direções diferentes e mesmo objetivo.



No inquérito de **Custódia**, foi tamanha a tranquilidade que nem inquiridor nem informante se preocuparam com as propagandas políticas no carro de som em pleno mês de setembro.



Que calor fazia em **Serra Talhada** durante os inquéritos! Na terra do cangaceiro Lampião e do xaxado, a cultura é muito presente e as respostas ao questionário só confirmam isso.

Foi muito difícil encontrar os informantes em **Ouricuri**, em pleno sertão do Araripe. Mas quando encontrados, quanta satisfação em participar! Bom pra nós!





Um dos primeiros inquéritos a serem feitos foi em **Tupanatinga** e as marcas dialetais encontradas na cidade valeram a pena, inclusive causadas por influências étnicas.

Às margens do São Francisco, as influências com a Bahia são notórias, mesmo para informantes que, sequer, atravessam a ponte que liga os dois estados. Por isso, **Petrolina** é chamada de terra de forasteiros.



A cidade mais distante da capital pernambucana não poderia ficar de fora. Que sorte encontrar os quatro informantes de **Afrânio** no mesmo dia! A informante da foto estava tão cansada que quase não tinha forças para concluir o inquérito, mas, mesmo assim, o fez de bom grado.



Os inquéritos em **Limoeiro** têm história pra contar, durante a visita a morros onde, segundo informações prévias, seriam encontrados os informantes que atenderiam o perfil. Ufa! Ainda bem que deu tudo certo!



Os inquéritos em **Garanhuns** foram bem agradáveis. O informante até sorri durante as mímicas. Isso contribuiu muito para o resultado obtido.

Às proximidades das aldeias dos **Pankararu**, **Tacaratu** foi inquirida em dois dias e a sua cultura marcante está presente nos arredores do Sertão do São Francisco, dos rituais indígenas ao artesanato, o que se confirma nas respostas ao questionário específico.





O brilho do colete do moto-taxista se unia à satisfação em participar do inquérito de **São João do Egito**. Além disso, ainda me conduziu a vários lugares em busca dos demais informantes. Isso ajudou a concluir a pesquisa em um dia!

Não foi muito fácil encontrar os informantes em **São Bento do Una**, terra de Gilvan Lemos e Alceu Valença. Mas, quando encontrados, muita dedicação durante os inquéritos realizados. Foram necessárias três idas à cidade.



Depois de ter sido devastada pela chuva por dois anos seguidos, chegou o momento de ir a **Palmare**s. Dois dias de procura resultaram nos quatro inquéritos necessários e os resultados indicam que valeu a pena esperar.



Na cidade acolhedora às margens do São Francisco, os habitantes de **Santa Maria da Boa Vista** não mediram esforços para ajudar no trabalho. O informante até pousou pra foto que documentou o inquérito.

Difícil encontrar os informantes em **Salgueiro**, ainda mais, estando doente. Os inquéritos gravados com a voz rouca pareciam que nunca mais iam acabar. Mas os resultados encontrados e a espontaneidade dos informantes contribuíram para amenizar o cansaço.



Em **Taquaritinga do Norte**, a dificuldade de chegar foi grande. Transporte público só Toyota e... até cinco da tarde. Foram quatro viagens pra conseguir concluir os inquéritos. Que cansaço subir e descer ladeiras em busca do informante ideal, mas, no final, o resultado foi positivo!



O penúltimo ponto de inquérito foi **Floresta**. Foi muito difícil de concluir, pois sempre apareciam motivos para adiar a viagem e lá nem os recursos contribuía para o esperado. Mas, finalmente chegou o momento e os resultados foram bastante satisfatórios. Considerada uma cidade *rurbana*, seus habitantes foram muito solícitos e apoiaram a pesquisa. Os informantes, embora um pouco amedrontados, deram conta do recado.



Os inquéritos foram concluídos na capital do Estado, **Recife**.



Passadas as dificuldades, o cansaço é visível, mas concluir é a parte mais agradável... A riqueza dialetal presente na “terra dos altos coqueiros” merecia ser divulgada e veio na hora certa...

**B FICHA DO INFORMANTE****Projeto Atlas Linguístico de Pernambuco****Ficha do Informante****No. do ponto:****No. do informante:****DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE**

1. NOME:		2. ALCUNHA:
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. M B. F	5. IDADE:
7. ESTADO CIVIL: A. solteiro B. casado C. viúvo D. outro		
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. A. DOMICÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE: B. MOTIVO DO(S) AFASTAMENTO(S)		
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS: A. especialização B. profissionalizante C. outros	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:	14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. sim B. não	
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		

RENDIA

19. TIPO DE RENDA: A. individual B. familiar

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

20. ASSISTE TV?	21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. novelas D. noticiários G. outro	22. TRANSMISSÃO: A. rede gratuita



A. todos os dias B. às vezes C. nunca	B. esportes C. programa de auditório	E. programa religioso F. filmes	B. parabólica C. tv por assinatura
23. OUVES RÁDIO?		24. PROGRAMAS PREFERIDOS:	
A. todos os dias B. às vezes C. nunca	D. parte do dia E. o dia inteiro F. enquanto viaja	G. enquanto trabalha	A. noticiário geral B. esportes C. programa religioso D. noticiário policial E. música F. progr. c/ participação do ouvinte G. outro
25. LÊ JORNAL? A. todos os dias B. às vezes C. nunca D. semanalmente E. raramente			
26. NOME DO(S) JORNAL(IS): _____ _____ _____		27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. editorial D. programa cultural G. classificados B. esportes E. política H. outra C. variedades F. página policial	
28. LÊ REVISTA? A. às vezes B. semanalmente C. mensalmente D. raramente E. nunca			
29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____			

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE
30. CINEMA	A.	B.	E. C.
31. TEATRO	A.	B.	C.
32. SHOWS	A.	B.	C.
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A.	B.	C.
34. FUTEBOL	A.	B.	C.
35. OUTROS ESPORTES	A.	B.	C.
36. OUTROS	A.	B.	C.
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA? _____			

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. tímido B. vivo C. perspicaz D. sarcástico
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. total B. grande C. média D. fraca
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. cooperativa B. não cooperativa C. agressiva D. indiferente
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. "A" B. "B" C. "C" D. "D"
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. grande B. médio C. pequeno D. nenhum



43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. sim B. não	
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):	
45. DADOS SOBRE A FAMÍLIA DO INFORMANTE	
46. AMBIENTE DO INQUÉRITO:	
47. OBSERVAÇÕES:	
48. NOME DOS INQUIRIDORES: INQ: _____ AUX: _____ AUX2: _____	49. LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: UF:



C FICHA DA LOCALIDADE

 ATLAS LINGÜÍSTICO DE PERNAMBUCO	Atlas Linguístico de Pernambuco FICHA DA LOCALIDADE		
	No. do ponto:	Nome:	Estado:

1. NOME OFICIAL:
2. NOME REGIONAL:
3. NOMES ANTERIORES:
4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES:
a) Pelos próprios:
b) Pelos habitantes de outras localidades:
5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL:
a) Pelos próprios habitantes:
b) Pelos habitantes de outras localidades:
6. NÚMERO DE HABITANTES:
7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:
8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:
9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):
10. COMUNICAÇÕES (rodoviárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.):



11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE

(alojamentos, escolas, hospitais, etc.):

12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:

13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:

14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:

15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):

16. OBSERVAÇÕES GERAIS:

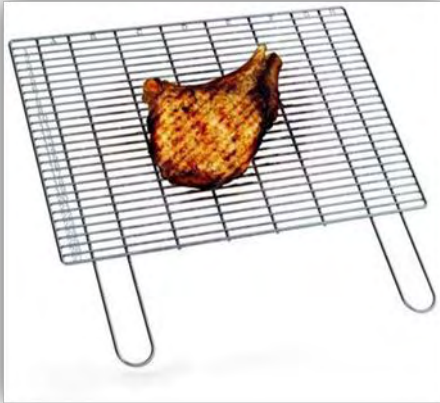


ANEXOS

A GRAVURAS PARA INQUÉRITOS

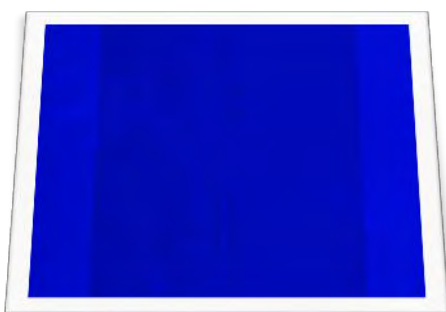








B FIGURAS DOS OBJETOS USADOS COMO REALIA





C QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (cf. ALiB, 2001)

Nº DAS QUESTÕES	ÁREAS SEMÂNTICAS / PERGUNTAS	ITENS
1.	Qual é o tipo de moradia mais comum aqui na região?	CASA
2.	Onde se constrói uma casa? [O que é preciso para construir uma casa?]	TERRENO
3.	... aquilo assim (<i>mímica</i>), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?	PRATELEIRA
4.	... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?	TELEVISÃO
5.	Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?	CAIXA
6.	O objeto com que se corta tecido?	TESOURA
7.	Um copo pequeno é um copinho. E aquele lugar onde a pessoa se deita para dormir, se for pequeno, como se chama?	CAMINHA (subst.)
8.	... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?	TRAVESSEIRO
9.	Quando está escuro é porque faltou o quê? [Quando falta energia é que ficou sem _____ ?]	LUZ
10.	... aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro? [Quando tem problema com a luz, que queima, como é que se chama aquilo que precisa trocar?]	LÂMPADA
11.	Antigamente, para passar a roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje, qual o tipo de ferro que se usa?	ELÉTRICO
12.	... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?	TORNEIRA



13.	... aquilo que atrai objetos pequenos de metal, como agulha, prego, alfinete?	ÍMÃ
14.	Para que a porta não fique aberta, se diz: Fulano, _____ a porta.	FECHA
15.	... aquilo que se usa (<i>mímica</i>) para acender o fogo?	FÓSFORO
16.	... aquilo que sai do fogo, em fogo de lenha, de carvão, e que, em uma fábrica, sai pela chaminé?	FUMAÇA
17.	... aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que eles estourem?	PÓLVORA
18.	Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (<i>mímica</i>)?	VARRER
19.	... uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?	ALMOÇO
20.	Uma comida pode estar boa ou _____.	RUIM
21.	... o que se come no almoço, uns grãos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?	ARROZ
22.	A carne do porco não é magra porque tem _____.	GORDURA
23.	... uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa, para assar carne, frango, etc.?	GRELHA
24.	... aquele objeto que se usa na cozinha para passar (<i>mímica</i>) farinha?	PENEIRA
25.	A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]	COLHER (subst.)
26.	... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc.?	LIQUIDIFICADOR
27.	Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?	FERVENDO
28.	O que é preciso colocar na carne para temperar?	SAL
29.	... um tempero de comida que quando se está cortando se chora?	CEBOLA



30.	... aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?	TOMATE
31.	Para comer uma banana, o que é que se tira?	CASCA
32.	... aquilo que dá no chão, grande (<i>mímica</i>), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, para fazer doce?	ABÓBORA
33.	No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?	CLARA
34.	E a parte amarela?	GEMA
35.	... aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?	MANTEIGA
36.	Quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai ____ (<i>mímica</i>) água dentro. [Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai _____ ovo].	BOTAR
37.	Qual o contrário de feio?	BONITO
38.	... aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinho?	ROSA
39.	O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?	ÁRVORE
40.	Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer: Só colhe quem ____?]	PLANTA
41.	... a fêmea do carneiro?	OVELHA
42.	... aquele animal que serve para transportar a pessoa de um lugar para outro?	CAVALO
43.	Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (<i>mímica</i>)?	MONTAR
44.	... um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colmeias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como	ABELHA



	remédio?	
45.	E o que é que a abelha fabrica?	MEL
46.	... um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?	BORBOLETA
47.	... aquilo que a aranha faz nas paredes?	TEIA
48.	... o bichinho que o gato caça?	RATO
49.	... um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (<i>mímica</i>)?	ELEFANTE
50.	O que é que se pesca nos rios, no mar?	PEIXE
51.	... uma embarcação feita de madeira ou de tronco de árvore, utilizada para a navegação em rios, principalmente por índios, por pessoas que moram em lugares próximos de rios?	CANOA
52.	Quando se faz assim (<i>mímica</i>) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?	REMANDO
53.	... uma propriedade grande onde se cria gado, se planta café, cacau ou... (<i>Contextualizar</i>)	FAZENDA
54.	... uma doença que dá no gado, em geral na boca? Dá uma febre. Se não separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para ele não ter essa doença.	AFTOSA
55.	Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____?	NOITE
56.	E depois da noite, o que é que vem?	DIA
57.	De janeiro a dezembro se diz que se passou quanto tempo? [30 dias dá um mês, 12 meses dá um _____?] [Como é que se chama o período de 12 meses?]	ANO
58.	... aquilo que brilha no céu, de dia?	SOL
59.	... o dia que vem depois de hoje? [O que não deu para acabar hoje se deixa para acabar _____.]	AMANHÃ
60.	... o dia que vem depois de sexta-feira?	SÁBADO



61.	No inverno faz frio. E no verão?	CALOR
62.	Qual é o contrário de cedo?	TARDE
63.	O que é que vem depois do dois?	TRÊS
64.	O que é que vem depois do nove?	DEZ
65.	O que é que vem depois do treze?	CATORZE / QUATORZE
66.	Quatorze não é uma letra, é o quê?	NÚMERO
67.	Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?	ESTRADA
68.	... aquela água de chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada?	POÇA
69.	Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?	DESVIO
70.	O que é que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios? [O que é que se põe nos para-choques dos carros para identificar, uma coisa assim (<i>mímica</i>), com números?]	PLACA
71.	... aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?	BICICLETA
72.	... aquilo que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego, fura e se esvazia?	PNEU
73.	De que material são feitas as janelas, os para-brisas dos carros?	VIDRO
74.	Quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura um corretor e faz o quê?	SEGURO
75.	Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?	PASSAGEM
76.	E quanto é que se paga para viajar daqui a _____? <i>Dizer o nome de uma cidade próxima.</i>	REAL / REAIS



77.	Qual é o contrário de pouco?	MUITO
78.	Você / o(a) senhor(a) tomou / pediu emprestado 500 reais a alguém e não pagou. A pessoa vai a você / ao senhor / à senhora e diz: Fulano, você me _____ 500 reais.	DEVE
79.	Alguém lhe empresta uma coisa, um dinheiro. Quando você / o(a) senhor(a) vai devolver, você / o(a) senhor(a) agradece. Como é que você / o(a) senhor(a) diz?	OBRIGADO
80.	Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?	TRABALHAR
81.	Para trabalhar e ganhar dinheiro, é preciso procurar o quê? [Quando uma pessoa é mandada embora do trabalho, ela perdeu o _____?]	EMPREGO
82.	Quando uma coisa está terminando, se diz que está no fim. E quando está começando, como é que se diz?	INÍCIO
83.	Quem se elege para dirigir uma cidade?	PREFEITO
84.	Onde as crianças vão para aprender a ler?	ESCOLA
85.	O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras?	COLEGAS
86.	... aquilo branquinho, assim (<i>mímica</i>), que serve para escrever no quadro, na escola?	GIZ
87.	... aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?	BORRACHA
88.	Fazer assim (<i>mímica</i>) em um papel é _____?	RASGAR
89.	Que cor é esta? <i>Mostrar.</i>	AZUL
90.	... o nosso país?	BRASIL
91.	... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco?	BANDEIRA
92.	Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?	PERNAMBUCANO
93.	... a pessoa que usa farda, que vive em quartel?	SOLDADO



	[Tem o tenente, o sargento e depois o que é que vem?]	
94.	Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?	CORREIO
95.	De vez em quando, as lojas querem vender toda a mercadoria para acabar com o estoque, às vezes para acabar até com a loja, então baixam muito os preços. O que é que elas fazem?	LIQUIDAÇÃO
96.	Aonde se vai para ver um filme?	CINEMA
97.	No futebol, os jogadores que não jogam no ataque onde é que jogam? [Numa luta, quem não está no ataque está na _____.]	DEFESA
98.	Os jogadores de futebol aqui (<i>apontar</i>) usam camiseta. E aqui (<i>apontar</i>) o que é que usam?	CALÇÃO
99.	Para vencer uma guerra, para fazer uma greve, ganhar um jogo, é preciso que todos fiquem juntos, é preciso que haja o quê? [Há um ditado que diz: Onde há _____, há força.]	UNIÃO
100.	Na escola, em um time de futebol, no trabalho, o que as pessoas são umas das outras? [Quando duas pessoas não são casadas e moram juntas, uma é o quê da outra?]	COMPANHEIRO
101.	Que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?	ADVOGADO
102.	Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a _____. [Quando você / o(a) senhor(a) não quer muito uma coisa, você / o(a) senhor(a) diz: Eu não faço _____.]	QUESTÃO
103.	Um ladrão sai correndo e o policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. Você / o(a) senhor(a) diz: O ladrão foi _____ pela polícia.	PEGO



104.	Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, diz-se que ele é o quê?	INOCENTE
105.	Qual o contrário de errado?	CERTO
106.	Uma pessoa lhe conta um fato que você / o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você / o(a) senhor(a) diz que é uma _____?	MENTIRA
107.	Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?	PROCISSÃO
108.	... o santo casamenteiro que se festeja a 13 de junho?	SANTO ANTÔNIO
109.	Deixar de obedecer às leis de Deus é cometer o quê?	PECADO
110.	Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus?	PERDÃO
111.	... aquilo que os reis colocam na cabeça (<i>mímica</i>)?	COROA
112.	... isto? <i>Apontar.</i>	OLHO (subst.)
113.	... esta parte? <i>Apontar.</i>	PESCOÇO
114.	... esta parte? <i>Apontar.</i>	ORELHA
115.	E esta parte aqui dentro, (<i>apontar</i>) que se tem que limpar com um algodão em um palito ou um cotonete?	OUVIDO
116.	E isto? <i>Apontar.</i>	DENTE
117.	Onde a criança mama na mãe? [Onde o bezerro mama na mãe?] [A carne branca da galinha se chama carne do _____?]	PEITO
118.	... o órgão que fica aqui (<i>apontar</i>), que adoece se a pessoa bebe demais, se teve uma malária?	FÍGADO
119.	Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?	CORAÇÃO
120.	Aqui (<i>mostrar</i>) é a frente, e aqui (<i>mostrar</i>)?	COSTAS
121.	... aquele buraquinho que se tem no meio da	UMBIGO



	barriga?	
122.	... esta parte? <i>Apontar.</i>	JOELHO
123.	Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?	FERIDA
124.	... uma coisinha branca que dá na cabeça da pessoa?	CASPA
125.	Quando se está sujo, suado, para ficar limpo novamente, o que é que se toma?	BANHO
126.	Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?	DESMAIO
127.	O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal?	VÔMITO
128.	Adão foi o primeiro _____?	HOMEM
129.	E Eva foi a primeira _____?	MULHER
130.	Pai, mãe e filhos juntos formam o quê?	FAMÍLIA
131.	O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?	TIO
132.	O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que é que ele é do sogro?	GENRO
133.	Quando a pessoa só tem um filho, se diz que ele é filho _____?	ÚNICO
134.	O que é que se diz de uma pessoa que mede 1 metro e 90 cm, 2 metros?	ALTA
135.	Qual é o contrário de alta?	BAIXA
136.	A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem cabelos claros, dourados, amarelados?	LOURA
137.	Uma pessoa que canta bem se diz que ela tem uma boa _____?	VOZ
138.	Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no	DOIDO



	hospício?	
139.	Um sapato que não é novo é _____?	VELHO
140.	Aquele calçado aberto, trançadinho, usado no verão, que tem uma tira que prende no calcanhar?	SANDÁLIA
141.	Aquilo que se usa no pé antes de calçar o sapato?	MEIA
142.	... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? [Se você / o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, você / o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a _____?]	BRAGUILHA
143.	O que é que se usa aqui no dedo? <i>Ou apontar.</i>	ANEL
144.	O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?	PERFUME
145.	Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?	PRESENTE
146.	Dar um abraço é abraçar. E fazer assim (<i>mímica</i>)?	BEIJAR
147.	Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um _____? <i>Ou mímica.</i>	SORRISO
148.	A pessoa que não está acordada, está _____ (<i>mímica</i>)?	DORMINDO
149.	Como se chama isto? <i>Assobiar.</i>	ASSOBIO
150.	Quando não se acha uma coisa, ela fica _____?	PERDIDA
151.	Quando se perde uma coisa, se vai procurar até _____?	ENCONTRAR
152.	Quando se quer saber uma coisa, se vai _____?	PERGUNTAR
153.	Qual é o contrário de entrar?	SAIR
154.	Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça _____, para ela não acordar.	BARULHO
155.	Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: Me deixe em _____.	PAZ
156.	Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia	MESMA



	seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa _____ roupa. [Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas têm a _____ sogra.] [Você / o(a) senhor(a) vai viajar e não leva roupa. Você / o(a) senhor(a) vai usar a _____ roupa.]	
157.	Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?	HÓSPEDE
158.	Este lado é o direito e este (<i>mostrar</i>)?	ESQUERDO
159.	Quem não está mais vivo é porque já _____?	MORREU



D QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO – LEXICAL (Cf. ALIB, 2001) E QUESTIONÁRIO ESPECÍFICO

Nº DAS QUESTÕES	ÁREAS SEMÂNTICAS / PERGUNTAS	ITENS
	ACIDENTES GEOGRÁFICOS	
1.	Como vocês chamam aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?	RIACHO
2.	Como é o nome daquele tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um rio pequeno?	PINGUELA
3.	O lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?	FOZ
4.	Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?	REDEMOINHO
5.	Como se chama o movimento da água do mar?	ONDA (MAR)
6.	Como se chama o movimento da água do rio?	ONDA (RIO)
	FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS	
7.	O vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?	REDEMOINHO
8.	Um clarão que surge no céu em dias de chuva?	RELÂMPAGO
9.	Uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore?	RAIO
10.	O barulho forte que se escuta logo depois de um... (resposta da questão 23). E quando faz muito barulho?	TROVÃO
11.	Uma chuva com vento forte que vem de repente, geralmente no verão?	TEMPESTADE
12.	Nome especial para algum temporal?	<i>OUTROS NOMES</i>



13.	Uma chuva muito forte e pesada?	TROMBA
14.	Uma chuva forte e contínua?	CHUVA FORTE
15.	Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?	... DE PEDRA
16.	Como dizem quando a chuva termina e o sol começa a aparecer?	ESTIAR
17.	Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas gesticular). Que nome dão a essa faixa?	ARCO-ÍRIS
18.	Uma chuva bem fininha?	GAROA
19.	Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?	TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA
20.	De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?	ORVALHO
21.	Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça que cobre tudo. Como chamam isso?	NEVOEIRO
ASTROS E TEMPO		
22.	... a parte do dia quando começa a clarear?	AMANHECER
23.	O que acontece no céu de manhã cedo quanto começa a clarear?	NASCER (SOL)
24.	... A claridade do céu antes de nascer o sol?	ALVORADA
25.	O que acontece no céu no final da tarde?	PÔR-DO-SOL
26.	... a claridade do céu depois do nascer do sol?	CREPÚSCULO
27.	E quando o sol se põe?	ENTARDECER
28.	O começo da noite?	ANOITECER
29.	De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é	ESTRELA D'ALVA



	a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?	
30.	De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?	ESTRELA VESPERTINA
31.	De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, e faz um risco de luz. Como chamam isso?	ESTRELA CADENTE
32.	E quando se vê uma..., como é que se diz?	CORRER ESTRELA
33.	Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que corta o céu de fora a fora, onde tem muitas Estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?	VIA LÁCTEA
34.	Quais são os meses do ano?	MESES
35.	Alguns desses meses têm outro nome?	<i>OUTROS NOMES</i>
36.	Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?	ONTEM
37.	... o dia que foi antes desse dia?... e um dia para trás?	ANTEONTEM
38.	o dia que foi antes de? ... e mais um dia para trás? Três dias antes?	TRASANTEONTEM
39.	As frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão...?	TANGERINA
40.	... grão coberto por uma casquinha marrom com que se faz pé-de-moleque?	AMENDOIM
41.	Umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia e serve para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê e até de adulto?	CAMOMILA



42.	Cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr pra amadurecer?	PENCA
43.	Como se chamam aquelas bananas que nascem grudadas?	BANANA DUPLA
44.	... A ponta roxa no cacho da banana?	PARTE DA BANANEIRA
45.	Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé?	ESPIGA
46.	Quando a gente tira da (item 45) todos os grãos do milho, o que sobra?	SABUGO
47.	Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo ainda fica uma pequena parte enterrada. Como se chama isso?	SOCA
48.	Flor grande amarela, redonda, com uma grande rodela de flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?	GIRASSOL
49.	Antes de ser colhido, onde ficam os grãos do feijão?	VAGEM
50.	... aquela raiz grossa branca por dentro, coberta por uma casquinha marrom que a gente cozinha para comer?	AIPIM
51.	Tem uma qualidade que não serve para comer e a gente rala para fazer farinha (polvilho, goma). Como se chama essa raiz?	MANDIOCA
52.	Um veículo de uma roda, empurrado por pessoas para pequenas cargas em trechos curtos?	CARRINHO
53.	As duas hastes do carrinho de mão?	HASTE DO CARRINHO
54.	... a armação de madeira que tem esse formato (mímica do triângulo) que se coloca no pescoço de animais (porco,	FORQUILHA



	terneiro, vaca) para não varar a cerca?	
55.	...armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas?	CANGALHA
56.	... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado?	CANGA
57.	... esses cestos de vime, de taquara trançada para levar batatas, (mandioca/macaxeira) e aipim...?	BALAI
58.	E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?	BRUACA
59.	... a cria da ovelha logo que nasce?	BORREGO
60.	... quando a fêmea perde a cria?	PERDA DA CRIA
61.	... homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?	TRABALHADOR DE ENXADA
62.	Quando é que se abre com machado, o facão, a foice para passar por um mato fechado?	PICADA
63.	... o caminho no pasto onde não cresce mais grama de tanto o animal ou o homem passarem por ali?	TRILHO
	FAUNA	
64.	... a ave preta que come carniça?	URUBU
65.	...passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asinhas, tem o biquinho comprido e voa de flor em flor?	BEIJA-FLOR
66.	... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?	JOÃO-DE-BARRO
67.	... ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?	GUINÉ



68.	... ave do mato, bico curvo e penas coloridas e quando preso pode aprender a falar?	PAPAGAIO
69.	... uma galinha sem rabo?	SURA
70.	Um cachorro de rabo cortado?	COTÓ
71.	O bicho que carrega os filhos numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro muito ruim?	GAMBÁ
72.	... as patas dianteiras do cavalo?	PATAS
73.	O cabelo em cima do pescoço do cavalo?	CRINA
74.	... as crinas compridas na traseira do cavalo?	CRINA/CAUDA
75.	... a parte do cavalo onde vai a sela?	LOMBO
76.	... a parte larga atrás (item 59)	ANCA
77.	O que o boi tem na cabeça?	CHIFRE
78.	O boi que não tem ?	BOI SEM CHIFRE
79.	...a cabra que não tem chifre?	CABRA S/ CHIFRE
80.	... a parte da vaca onde fica o leite?	ÚBERE
81.	A parte com que o boi espanta as moscas?	RABO
82.	... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa uma perna?	MANCO
83.	Um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?	VAREJEIRA
84.	... um bichinho que se gruda nas pernas da gente quando se entra num banhado ou córrego (v. item 1) ?	SANGUESSUGA
85.	O inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que vive perto da água e voa assim (mímica) ?	LIBÉLULA
86.	...aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, coco?	BICHO DA FRUTA
87.	... aquele bicho que dá em esterco, em pau	CORÓ



	podre?	
88.	...aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas de noite?	PERNILONGO
	CORPO HUMANO	
89.	...esta parte que cobre o olho?	PÁLPEBRAS
90.	... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?	CISCO
91.	...a pessoa que só enxerga com um olho?	CAOLHO
92.	... a pessoa que tem olhos olhando em direções diferentes? (Completar com um gesto dos olhos).	VESGO
93.	...a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?	MÍOPE
94.	A bolinha que nasce na...fica vermelha e incha?	TERÇOL
95.	... a inflamação no olho que faz com que o olho amanheça grudado?	CONJUNTIVITE
96.	... aquela pele branca no olho que dá em gente velha?	CATARATA
97.	... esses dois dentes pontudos (mostrar) ?	CANINOS
98.	Os últimos dentes que nascem quando a gente já é adulto?	DENTE SISO
99.	... esses dentes grandes do fundo? (mostrar)	MOLARES
100.	... a pessoa que não tem dentes?	BANGUELA
101.	... a pessoa que parece falar pelo nariz?	FANHO
102.	... a sujeirinha dura que e tira do nariz com o dedo?	MELECA
103.	... este barulhinho que a gente faz? (soluçar)	SOLUÇO
104.	Como chamam isto? (Mostrar a nuca)	NUCA
105.	... esta parte alta do pescoço do homem? (apontar)	GOGÓ



106.	... o osso que vai do pescoço até o ombro? (indicar)	CLAVÍCULA
107.	... a pessoa que tem um calombo nas costas?	CORCUNDA
108.	... esta parte aqui (indicar axilas)?	AXILA
109.	... mau cheiro embaixo dos braços?	O ODOR DA AXILA
110.	... a pessoa que faz as coisas com a mão esquerda? ... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão?(mímica)	CANHOTO
111.	... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?	SEIOS
112.	A pessoa que faz sair pela boca tudo o que comeu, que está fazendo? Se a gente come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, a gente diz que vai o quê?	VOMITAR
113.	... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer?	ÚTERO
114.	...a pessoa que não tem uma perna?	PERNETA
115.	... a pessoa que puxa de uma perna?	MANCO
116.	... a criança de pernas muito curvas?	COXO
117.	... o osso redondo que fica em cima do joelho?	RÓTULA
118.	...isto?	TORNOZELO
119.	...isto?	CALCANHAR
120.	Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?	CÓCEGAS
CICLOS DA VIDA		
121.	As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?	MENSTRUACÃO
122.	Numa certa idade para (item anterior). Quando isso acontece, a gente diz que a mulher...	MENOPAUSA



123.	... a mulher que ajuda a criança a nascer?	PARTEIRA
124.	Chama-se a__ quando a mulher está para....	DAR À LUZ
125.	Duas crianças que nasceram no mesmo parto?	GÊMEOS
126.	Quando a mulher grávida perde o filho, diz-se que ela teve_____.	ABORTO
127.	Quando a mulher fica grávida, mas não quer ter a criança, ela toma remédio para quê?	ABORTAR
128.	Quando a mãe não tem leite e outra amamenta a criança, como chamam essa mulher?	AMA-DE-LEITE
129.	O próprio filho desta mulher e a criança que ela amamenta não são irmãos. Que são?	IRMÃO DE LEITE
130.	... a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criado por ele como se fosse?	ADOTIVO
131.	... o filho que nasceu por último?	CAÇULA
132.	Criança pequenina, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?	MENINO
133.	E se for do sexo feminino, como se chama?	MENINA
134.	Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?	MADRASTA
135.	Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?	FINADO
CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL		
136.	... a pessoa que fala demais?	TAGARELA



137.	...a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?	BURRO
138.	...a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?	SOVINA
139.	...a pessoa que deixa suas contas penduradas?	MAU PAGADOR
140.	...a pessoa que é paga para matar alguém?	ASSASSINO PAGO
141.	... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?	MARIDO ENGANADO
142.	... a mulher que se vende para qualquer homem está...	PROSTITUTA
143.	... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?	XARÁ
144.	Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?	BÊBADO
145.	Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?	CIGARRO DE PALHA
146.	... o resto do cigarro que se joga fora?	TOCO
RELIGIÕES E CRENÇAS		
147.	Deus está no céu e no inferno está o_____.	DIABO
148.	O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou casas mal assombradas, que se diz que é do outro mundo?	FANTASMA
149.	O que se pode fazer, com a ajuda dos espíritos, para prejudicar alguém?	FEITIÇO
150.	... objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?	AMULETO
151.	... uma mulher que cura através de rezas e simpatias?	BENZEDEIRA



152.	... a pessoa que cura através de cervas e plantas?	CURANDEIRO
153.	... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam presa numa corrente?	MEDALHA
154.	No Natal, monta-se um grupo de figuras representando a Virgem Maria, São José, o Menino Jesus, etc. Como chamam isso?	PRESEPIO
JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS		
155.	... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado (inclinar o corpo para a frente)?	CAMBALHOTA
156.	... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?	GUDE
157.	... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha e que os meninos usam para matar passarinhos?	ESTILINGUE
158.	... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?	PIPA
159.	E um brinquedo parecido com....., também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento, por meio de uma linha?	PIPA/ARRAIA
160.	... o jogo (a brincadeira) em que uma criança fecha os olhos enquanto as outras se escondem em algum lugar e depois vai procurá-las?	ESCONDE-ESCONDE
161.	... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?	CABRA-CEGA
162.	... um jogo (uma brincadeira) em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto	PEGA-PEGA



	combinado?	
163.	... esse ponto combinado?	PICULA
164.	Um jogo (uma brincadeira) em que as crianças ficam em círculo, com as mãos para trás, para receber um objeto com que perseguem o seu vizinho de roda, percorrendo todo o círculo?	CHICOTINHO
165.	...uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?	GANGORRA
166.	... uma tábua, pendurada por meio de duas cordas, para uma criança se sentar e... (Mímica)	BALANÇO
167.	... o jogo em que as crianças riscam no chão, formada por dez quadrados numerados, com um céu e um Inferno, e elas vão pulando com uma perna só?	AMARELINHA
	HABITAÇÃO	
168.	Com que fecham a porta da casa?	TRAMELA
169.	Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade?	VENEZIANA
170.	Quando se vai ao banheiro, onde é a pessoa se senta para fazer as necessidades?	SANITÁRIO
171.	... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou teto da cozinha?	FULIGEM
172.	... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?	BORRALHO
173.	Com que se costuma acender um cigarro? (levar um para mostrar)	ISQUEIRO
174.	O que se usa para iluminar no escuro que	LANTERNA



	tem pilhas dentro? (mostrar)	
175.	Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?	INTERRUPTOR
	ALIMENTAÇÃO E COZINHA	
176.	...a primeira refeição do dia, feita pela manhã?	CAFÉ
177.	...a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?	GELEIA
178.	... a carne depois de passar na máquina?	CARNE MOÍDA
179.	...uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhado com canela?	CANJICA
180.	E mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?	CURAU
181.	...aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?	MUNGUNZÁ
182.	Que nomes dão aqui para bebida alcoólica feita de cana de açúcar?	AGUARDENTE
183.	Quando uma pessoa acha que comeu, ela diz: Como tanto que estou...	EMPANTURRADO
184.	... uma pessoa que normalmente come demais?	GLUTÃO
185.	...aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa?	BALA
186.	...isto?	PÃO FRANCÊS
187.	...isto?	BENGALA
	VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS	
188.	Que peça do vestuário serve para segurar os seios?	SUTIÃ
189.	Que roupa o homem usa debaixo da calça?	CUECA
190.	Que roupa a mulher usa debaixo da saia?	CALCINHA
191.	... aquilo que as mulheres passam no rosto	ROUGE



	para ficar mais rosado?	
192.	... um objeto fino de metal para prender o cabelo? (levar os dois tipos de grampo)	GRAMPO
193.	... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos?	DIADEMA
	VIDA URBANA	
194.	Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?	SEMÁFORO
195.	... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuïrem a velocidade?	QUEBRA-MOLAS
196.	Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?	CALÇADA
197.	... o que separa o (cf. item 296) da rua?	MEIO-FIO
198.	... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?	ROTATÓRIA / RÓTULA
199.	... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?	LOTE / TERRENO/ DATA
200.	... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?	ÔNIBUS URBANO
201.	... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?	ÔNIBUS INTERURBANO
202.	... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber (cf. item 182) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?	BODEGA / BAR / BOTECO



	FREVO	
203.	Como se chama um ritmo ou dança popular do Nordeste, porém mais significativa em Pernambuco?	FREVO
204.	Como se chama o tipo de frevo que não tem letra de música?	FREVO – DE – RUA
205.	Já o frevo que contem letra tipo “O teu cabelo não nega, mulata...” se chama...?	FREVO – CANÇÃO
206.	Como se chama o tipo de dança de rua que deu origem ao frevo?	MARCHA
207.	Dança de salão de origem africana na qual o frevo também se inspirou?	MAXIXE
208.	Como se chama aquele utensílio que os dançarinos de frevo costumam usar?	SOMBRINHA
209.	A dança junina parecida com o frevo?	QUADRILHA
210.	Outra dança constituída apenas por jornadas soltas, canções e danças religiosas ou profanas, de épocas e estilos variados?	PASTORIL
211.	Quando o passista cruza as pernas, e mantendo-as cruzadas, desloca-se em passinhos miúdos para a direita, para a esquerda, descaindo o ombro para o lado onde se encaminha.	DE BANDINHA / DE LADO
212.	Há um movimento do frevo que traduz o movimento do ar durante um temporal violento. Tem muitas notas e não dá descanso aos músicos chama-se de...	VENTANIA
	MARACATU	
213.	Há um folguedo popular de Pernambuco de origem africana que significa ajuntamento de negros. Como se chama?	MARACATU
214.	No maracatu, há vários personagens comuns	REI



	da época antiga. Um deles, o mais importante, lembra o monarca.	
215.	A parceira dele é a...	RAINHA
216.	Como se chama a personagem que cuida da rainha, acompanhando-a para toda parte?	DAMA DE HONRA
217.	O filho herdeiro do trono também faz parte do folguedo é chamado ...	PRÍNCIPE
218.	E a herdeira se chama...	PRINCESA
219.	Na Idade Média, havia uma equipe de empregados que ofereciam fidelidade e trabalho em troca de proteção e um lugar no sistema de produção. No maracatu há dois casais...	VASSALO
220.	Há três personagens, cujo nome se refere a descendentes de escravos fugidos e libertos das minas de ouro do Brasil. Também usa para designar bonecas bem vestidas do Candomblé...	CALUNGA
221.	Aquela moça que dança com belos vestidos e uma bandeira com um passista do seu lado, sempre vista nos desfiles de escolas de samba, mas também no maracatu é a ...	PORTA-ESTANDARTE
222.	Os negros que trabalham para os senhores antigamente e foram abolidos pela princesa Isabel também fazem parte da dança. Chama-se de...	ESCRAVOS
223.	Como se chama uma dançarina do maracatu que aparece sempre no meio da dança ?	BALIZA
224.	Designação dos soldados de cavalaria armados de lança no maracatu como treze meninos são chamados de...	LANCEIROS
225.	Uma espécie de uma espécie de guarda costa	BRASABUNDO



	do grupo no maracatu é chamado de...	
226.	Quinze músicos que batem no maracatu são chamados de...	BATUQUEIROS
227.	Há também vinte personagens que são nomeados como os filhos de índio com branco?	CABOCLOS
228.	Aquelas mulheres de belos vestidos típicas da capital de Salvador e sempre presentes nos desfiles de carnaval são as...	BAIANAS
	RENASCENÇA	
229.	Como se chama um tipo de renda construída com confeccionada com agulha, linha, típica do Nordeste, especial de Pernambuco?	RENASCENÇA
230.	Como se chama o tipo de fio que se usa com a fita na renascença?	ALGODÃO
231.	Como se chama o papel usado para desenhar o molde desse tipo de artesanato?	PAPEL MANTEIGA
232.	Como se chama o desenho feito no papel que depois será costurado?	BORDADO
233.	Que tipo de cola é usada para colar o risco feito no tecido de algodão?	COLA DE MAISENA
234.	Como se chama o profissional responsável por criar os modelos de renascença?	ARTESÃO
235.	As mulheres responsáveis pela costura são chamadas de...	RENDEIRAS
236.	O que se usa para afixar a fita sobre o papel?	ALFINETES
	BARRO	
237.	Produto usado para fazer bonecos por Mestre Vitalino e seus seguidores?	BARRO
238.	Produto usado na massa para deixá-la da cor que desejar?	CORANTE
239.	Há um tipo de argila a argila modelada e	CERÂMICA



	aquecida a ponto de manter a forma definitiva desejada e, por isso, também é usada no artesanato de Pernambuco como se chama?	
240.	Local onde se queima a argila?	FORNO
241.	Peça usada para modelagem de figuras ou panelas de barro.	TORNO
242.	Corte no barro ou cerâmica para acabamento.	DESBASTE
243.	Local onde se fabricam peças de barros e cerâmica.	OLARIA



E QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO (Cf. ALiB, 2001)

	ARTIGO	
	Artigo diante de Nome Próprio	
1.	Tem filhos / irmãos? Como se chamam? O que eles fazem?	
2.	Poderia dizer o nome de alguns amigos/ vizinhos? Com quem costuma falar mais?	
	SUBSTANTIVO	
	Gênero	
3.	Como é que se chama aquela folha verde que se come geralmente na salada? [Para preparar essa folha tem que ser bem lavada. Como pediria a alguém para lavar?] [Tem uma janta, e alguém tem que lavar as verduras. Você / o(a) senhor(a) quer que cada um lave um tipo de verdura. Como pediria isso aos outros?]	ALFACE
4.	Você / o(a) senhor(a) conhece cal? E como é? Como se faz para cair uma casa?	CAL
5.	Quando tem sede/ como você / o(a) senhor(a) pede guaraná? “Por favor/ me dá_____”	GUARANÁ
	Feminino de	
6.	Uma mulher que nasce no Brasil é brasileira. E a que nasce na Alemanha é o quê?	ALEMÃO
7.	Há homens e mulheres que chefiam. No caso, se é uma mulher, ela é o quê?	CHEFE
8.	Um homem que rouba, você diz que é ladrão. E quando é uma mulher?	LADRÃO
9.	Se, na Presidência da República, estivesse uma mulher, ela seria o quê?	PRESIDENTE
	Número	
	Mostrar ao / à informante gravuras, com a	



	solicitação: "Poderia dizer tudo o que você / o(a) senhor(a) está vendo nesta(s) gravura(s)?"	
10.		LÁPIS
11.		ANÉIS
12.		AVENTAIS
13.		PÃES
14.		MÃOS
15.		LEÕES
16.		DEGRAUS
17.		FLORES
18.		CHAPÉUS
19.		ANZÓIS
20.		OLHOS
	ADJETIVO	
	Grau Comparativo	
21.	Estas duas casas (<i>mostrando um desenho de duas casas, uma grande e outra pequena</i>) têm o mesmo tamanho? A primeira é como? E a segunda? Poderia comparar as duas casas em termos de tamanho? <i>Apurar a variação mais grande / maior, mais pequena / menor,</i>	GRANDE / PEQUENO
22.	Você / o senhor prefere a comida de sua esposa / de sua filha ou a de sua mãe? Por quê? [Você / a senhora prefere a comida que você / a senhora mesma faz ou a que outras pessoas fazem? Por quê?] <i>Apurar a variação mais bom /melhor, mais mau / pior.</i>	BOM / MAU (RUIM)
	PRONOME	
	Pronomes Pessoais	
23.	Alguém pede para você / o(a) senhor(a) fazer uma tarefa. Mas outra pessoa acha que a tarefa era para ela. Então, você / o(a) senhor(a) diz: Essa tarefa, na	EU / MIM



	verdade, é para_____fazer. [Vamos supor que você / o(a) senhor(a) precisa distribuir três tarefas por três pessoas. Por exemplo: a limpeza é para alguém fazer, a roupa é para outra pessoa lavar e a terceira tarefa (...) é para você / o(a) senhor(a). Como você / o(a) senhor(a) diria?]	
24.	Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?	TU / VOCÊ sujeito
25.	Conhece alguma simpatia (para tirar verruga)? [Conhece alguma receita de uma comida típica daqui?] [Como se faz aqui para ganhar o próprio sustento?]	TU / VOCÊ / A GENTE indeterminado
26.	O que vocês fazem no fim-de-semana?	NÓS / A GENTE
	Pronomes Pessoais com Preposição	
27.	Quando alguém não quer tomar café sozinho, diz para convidar outra pessoa: "Quer tomar café_____?"	COMIGO / COM EU / MAIS EU
28.	E se nós dois estamos tomando café e queremos mais uma pessoa na mesa, dizemos que essa pessoa venha tomar café _____ ?	CONOSCO / COM NÓS / COM A GENTE
	Pronomes Possessivos	
29.	De quem é isso? <i>Aproveitando objetos que estejam presentes.</i>	TEU / SEU (relação inquiridor-informante)
30.	Você / o(a) senhor(a) tem irmão / irmã? E como diz para ele(a) que algo pertence a ele(a)? "Oh, meu irmão, isso é_____." ["Oh, minha irmã, isso é_____."]	TEU / SEU (relação entre irmãos)
31.	Fale sobre_____(contextualizar: um carro / uma moto / uma bicicleta / o quarto / a casa / a roça / um objeto) de seu irmão / irmã / amigo(a) / marido / mulher / pai / mãe. [Esse(a)_____(contextualizar) é, então, de você / do(a) senhor(a) ou do(a) irmão /	SEU / DELE



	irmã / amigo(a) / marido / mulher / pai / mãe?]	
	Pronomes Indefinidos	
32.	Paulo tem muita força e Luís tem pouca força. Podemos dizer: "Paulo tem mais força do que Luís. Luís, pelo contrário, tem____força do que Paulo."	MENOS/MENAS
	VERBO	
	Presente do Indicativo	
33.	O que você / o(a) senhor(a) faz durante o dia? [Poderia descrever como é a sua rotina diária?]	
34.	Como é a vida das pessoas que não têm casa? [Na vida, há os que já morreram e os que ainda _____]	VIVER (3ª pessoa do plural)
35.	Você / o(a) senhor(a) ouve rádio / música / bem alto ou baixinho? [Por quê] [O que você / o(a) senhor(a) ouve no rádio?]	OUVIR (1ª. pessoa do singular)
36.	O carro está lotado, mesmo assim o motorista insiste que ainda cabe alguém. Mas eu digo: "Não, eu não _____"	CABER (1ª. pessoa do singular)
	Pretérito Perfeito	
37.	O que você / o(a) senhor(a) fez ontem (de diferente)?	
38.	Se alguém pergunta se você / o(a) senhor(a) deu um presente ao aniversariante, você / o(a) senhor(a) diz o quê?	DAR (1ª. pessoa do singular)
39.	Quando você / o(a) senhor(a) toma conhecimento de que um amigo casou, como comenta, com esse amigo essa novidade? "Oh! Tudo bem? Eu _ que casou."	SABER (1ª. pessoa do singular)
40.	Agora, você / o(a) senhor(a) está aqui em _ . <i>Dizer o nome da cidade onde está.</i> E em _____? <i>Citar</i>	ESTAR (1ª. pessoa do singular)



	<i>uma cidade onde o informante já esteve. [E em Brasília?]</i>	
41.	Você / o(a) senhor(a) tinha que trazer uma encomenda para alguém. Mas você / o(a) senhor(a) não fez isso. Se a pessoa perguntar pela encomenda, o que é que você / o(a) senhor(a) diz? "Infelizmente, eu não _ a encomenda".	TRAZER (1ª. pessoa do singular)
42.	Uma pessoa procura um objeto (chave, sandália) e não acha. Então ela pergunta onde você / o(a) senhor(a) pôs o objeto. Como é que você / o(a) senhor(a) responde?	PÔR
	Futuro do Presente	
43.	O que você / o(a) senhor(a) fará amanhã?	
	Futuro do Pretérito	
44.	O que é que você / o(a) senhor(a) faria se ganhasse na loteria?	
	Concordância Verbal	
45.	Quanto tempo faz que você/o(a) senhor(a) mora aqui?	FAZ / FAZEM
	TER/HAVER em sentido existencial	
46.	Como era esta cidade, antigamente, em termos de festas? [Antigamente, esta cidade era mais desenvolvida? Por quê?]	
	ADVÉRBIO	
	Colocação do NÃO em respostas negativas	
47.	Você / o(a) senhor(a) sabe se tem vida em outro planeta / na lua?	
48.	Você / o(a) senhor já viu disco voador, não é?	
49.	Você / o(a) senhor(a) já viajou de avião? Tem medo de viajar de avião?	